

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA:
CARTOGRAFANDO AS NARRATIVAS DE
ALGUNS ALUNOS DA SÉRIE FINAL DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Giovana Cristina Ferrari Gasparotto

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - Área de concentração em Ensino-Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, para obtenção de título de Mestre em Educação Matemática.

Rio Claro (SP)
2010

510.07 Gasparotto, Giovana Cristina Ferrari
G249a Alfabetização matemática: cartografando as narrativas de
alguns alunos da série final do ensino fundamental / Giovana
Cristina Ferrari Gasparotto. - Rio Claro : [s.n.], 2010
248 f. : il. + CD-ROM

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Alunos não
alfabetizados matematicamente. 3. Cartografia. 4. Mapas
narrativos. 5. Movimentos. I. Título.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro

Prof.^a Dra. Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro

Prof.^a Dra. Maria Ângela Miorim
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Giovana Cristina Ferrari Gasparotto
Aluna

Rio Claro, 20 de maio de 2010.

Resultado: Aprovada

Dedico,

*Ao Marcos, amor de toda a
minha vida.*

*A minha mãe, Nivêa e ao
meu pai, Aristeu, por todo o
carinho, amor e dedicação.*

Agradecimentos

Primeiro a Deus que me iluminou e abençoou esta caminhada.

Ao Prof. Carrera, pela sua orientação sempre dedicada e segura, e por me apresentar obras de valor inestimável. Sem ele este trabalho seria impossível, deixo aqui minha gratidão.

À Prof.^a Maria Aparecida e Prof.^a Sônia Clareto por suas valiosas sugestões no momento da qualificação.

À Prof.^a Maria Aparecida e Prof.^a Maria Ângela por fazerem parte da banca de defesa.

Ao Marcos, com quem compartilho toda a minha vida, pelo carinho, respeito, amor e alegria que tem me dedicado todos esses anos, este trabalho só existe pelo seu apoio.

Aos meus pais, Nivêa e Aristeu, que sempre me apoiaram durante a minha caminhada, em especial, a minha mãe que me incentiva e me dá colo em todos os momentos, e acredita, sem a menor dúvida, no imenso valor de minha profissão.

Aos meus irmãos, Fernando e Henrique, por toda a nossa história, e aos meus sobrinhos, João Vitor e Guilherme que são minha alegria.

À Deborah, pela eficiente ajuda na transcrição das entrevistas, e por me fazer acreditar ainda mais no magistério.

À Maria Angela, pela revisão do texto e por sua verdadeira amizade.

À Audria, pelo incentivo e valorização deste trabalho.

À Audria, a Edna, a Walderez, a Luciana, a Déa, pelas contribuições do nosso grupo de estudo.

À Nilce, pelas aulas de inglês e pelas longas conversas a respeito da vida.

À Cláudia, pela ajuda na seleção dos alunos entrevistados e pelo doce convívio no ambiente de trabalho.

À diretora, Dona Zezé, por permitir o trabalho de campo na sua escola.

Aos meus amigos Ana Carolina, Daniel Godoy e Juliana Forsan por todo o tempo que tivemos juntos, e apesar da distância física, meu coração estará sempre perto de vocês.

E, por fim, aos alunos e pais que concordaram em participar das entrevistas, cederam e compartilharam parte de suas histórias e suas marcas tão profundas, mostrando que, apesar de tantas dificuldades, existem felicidade e esperança em cada um daqueles corações.

Não é uma recolha de retratos que iremos ler: são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, de que as palavras foram os instrumentos. Vidas reais foram “representadas” nestas poucas frases; não quero com isto dizer que elas aí foram retratadas, mas que, de fato, a sua liberdade, a sua desgraça, por vezes a sua morte, em todo o caso o seu destino aí foram, pelo menos em parte, decididos. Estes discursos realmente atravessaram vidas; tais existências foram efetivamente postas em risco e deitadas a perder nestas palavras. (FOUCAULT, 1992, p.96)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a questão da Alfabetização Matemática na série final do ensino fundamental. Entre os problemas educacionais enfrentados pelos professores de todo o país, está o da Não-Alfabetização Matemática de vários alunos, entre eles os da série final. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e entrevistas realizadas com os estudantes que possuem dificuldades de Alfabetização Matemática, e também pais seus pais ou responsáveis têm a intenção de analisar a vivência de cada um dentro e fora da escola. Para isso, opta-se pelo uso da cartografia, através dos mapas narrativos, que está presente neste trabalho com o objetivo de mostrar as linhas de forças que cercam tais alunos, por meio da descrição de sua fala a partir de seu próprio mapa, do seu traçado. E de um mapa a outro, sobrepondo-os, pode-se encontrar os pontos de conexão que existem a partir do mesmo problema que compartilham: a Alfabetização Matemática.

Palavras chave: Alfabetização Matemática, Cartografia, Mapas Narrativos, Movimentos.

ABSTRACT

This study's purpose is to analyze the question about the Mathematical Literacy of students from Elementary School - final grade. Among the Brazilian teacher's educational problems, there is the Non-Mathematical Literacy, specifically of final grade's students. It is done a qualitative research in this study and also interviews made with these students and their parents or responsible for them try to analyze their experience inside and outside school. For this, the cartography is the best option through narrative maps which objective is show the force lines around the students. Their speech is described by themselves through maps and traces. All the maps are able to show the connexion points from the same common problem: the Mathematical Literacy.

Key words: Mathematical Literacy, Cartography, Narrative Maps, Motions.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	1
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	9
CAPÍTULO III - CARTOGRAFANDO AS NARRATIVAS.....	22
CAPÍTULO IV - CARTOGRAFANDO MOVIMENTOS.....	226
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245
ANEXOS EM CD	

ÍNDICE

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	1
1.1 Trajetória pessoal.....	1
1.2 A questão proposta.....	4
1.3 Alfabetização Matemática.....	5
1.4 Organização do trabalho.....	7
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	9
2.1 Cartografia, um método através.....	9
2.1.1 Mapas Narrativos, um viés da cartografia.....	11
2.2 Contexto da pesquisa e seus participantes.....	12
2.1.1 O espelho.....	13
2.2.2 CEACRI e Apoio Pedagógico.....	14
2.3 As entrevistas.....	15
CAPÍTULO III - CARTOGRAFANDO AS NARRATIVAS.....	22
3.1 O grupo pesquisado.....	22
3.1.1 Diagrama de forças.....	25
3.2 Mariano.....	27
3.2.1 A FAMÍLIA.....	28
3.2.1.1 A família através do olhar de Mariano.....	28
3.2.1.2 A família através do olhar da mãe.....	36
3.2.2 A ESCOLA.....	41
3.2.2.1 A escola através do olhar de Mariano.....	41
3.2.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	47
3.2.3 A MATEMÁTICA.....	50
3.2.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Mariano.....	50
3.2.3.2 A entrevista baseada no espelho	52
3.2.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	56
3.2.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Mariano.....	56
3.2.5 O diagrama de forças que cercam Mariano.....	60
3.3 Aninha.....	61
3.3.1 A FAMÍLIA.....	61
3.3.1.1 A família através do olhar de Aninha.....	61

3.3.1.2 A família através do olhar da avó.....	72
3.3.2 A ESCOLA.....	77
3.3.2.1 A escola através do olhar de Aninha.....	77
3.3.3 A MATEMÁTICA.....	80
3.3.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Aninha.....	82
3.3.3.2 A entrevista baseada no espelho	82
3.3.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	86
3.3.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Aninha.....	86
3.3.5 O diagrama de forças que cercam Aninha.....	88
3.4 Cândido.....	90
3.4.1 A FAMÍLIA.....	90
3.4.1.1 A família através do olhar de Cândido.....	90
3.4.1.2 A família através do olhar da mãe.....	97
3.4.2 A ESCOLA.....	102
3.4.2.1 A escola através do olhar de Cândido.....	102
3.4.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	105
3.4.3 A MATEMÁTICA.....	106
3.4.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Cândido.....	106
3.4.3.2 A entrevista baseada no espelho	107
3.4.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	110
3.4.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Cândido.....	110
3.4.5 O diagrama de forças que cercam Cândido.....	111
3.5 C. Ronaldo.....	113
3.5.1 A FAMÍLIA.....	113
3.5.1.1 A família através do olhar de C. Ronaldo.....	113
3.5.1.2 A família através do olhar da mãe.....	122
3.5.2 A ESCOLA.....	126
3.5.2.1 A escola através do olhar de C. Ronaldo.....	126
3.5.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	129
3.5.3 A MATEMÁTICA.....	131
3.5.3.1 A aula de Matemática através do olhar de C. Ronaldo.....	131
3.5.3.2 A entrevista baseada no espelho	132
3.5.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	135
3.5.4.1 O presente e o futuro através do olhar de C. Ronaldo.....	135

3.5.5 O diagrama de forças que cercam C. Ronaldo.....	138
3.6 Léo.....	139
3.6.1 A FAMÍLIA.....	139
3.6.1.1 A família através do olhar de Léo.....	139
3.6.1.2 A família através do olhar do pai.....	146
3.6.2 A ESCOLA.....	149
3.6.2.1 A escola através do olhar de Léo.....	149
3.6.2.2 A escola através do olhar do pai.....	152
3.6.3 A MATEMÁTICA.....	157
3.6.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Léo.....	157
3.6.3.2 A entrevista baseada no espelho	158
3.6.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	161
3.6.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Léo.....	161
3.6.5 O diagrama de forças que cercam Léo.....	163
3.7 Claudemir.....	164
3.7.1 A FAMÍLIA.....	164
3.7.1.1 A família através do olhar de Claudemir.....	164
3.7.1.2 A família através do olhar da mãe.....	165
3.7.2 A ESCOLA.....	170
3.7.2.1 A escola através do olhar de Claudemir.....	170
3.7.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	171
3.7.3 A MATEMÁTICA.....	173
3.7.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Claudemir.....	173
3.7.3.2 A entrevista baseada no espelho	174
3.7.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	177
3.7.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Claudemir.....	177
3.7.5 O diagrama de forças que cercam Claudemir.....	178
3.8 Jair.....	179
3.8.1 A FAMÍLIA.....	179
3.8.1.1 A família através do olhar de Jair.....	179
3.8.1.2 A família através do olhar da mãe.....	183
3.8.2 A ESCOLA.....	188
3.8.2.1 A escola através do olhar de Jair.....	188
3.8.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	189

3.8.3 A MATEMÁTICA.....	192
3.8.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Jair.....	192
3.8.3.2 A entrevista baseada no espelho	194
3.8.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	196
3.8.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Jair.....	196
3.8.5 O diagrama de forças que cercam Jair.....	198
3.9 Bia.....	199
3.9.1 A FAMÍLIA.....	200
3.9.1.1 A família através do olhar de Bia.....	200
3.9.1.2 A família através do olhar da mãe.....	206
3.9.2 A ESCOLA.....	213
3.9.2.1 A escola através do olhar de Bia.....	213
3.9.2.2 A escola através do olhar da mãe.....	216
3.9.3 A MATEMÁTICA.....	219
3.9.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Bia.....	219
3.9.3.2 A entrevista baseada no espelho	221
3.9.4 O PRESENTE E O FUTURO.....	224
3.9.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Bia.....	224
3.9.5 O diagrama de forças que cercam Bia.....	225
CAPÍTULO IV - CARTOGRAFANDO MOVIMENTOS.....	226
4.1 A cartografia dos movimentos.....	226
4.1.1 Dispositivo: Movimento.....	227
4.1.2 Movimento: Força de Vontade.....	228
4.1.2.1 Capital Cultural.....	229
4.1.2.2 Algumas observações acerca do Capital Cultural.....	231
4.1.2.3 O consumo.....	233
4.1.3 Movimento: Prestar Atenção.....	235
4.1.3.1 A Escola, a Norma e os Anormais.....	236
4.1.4 Movimento: Medo.....	237
4.1.5 Movimento: Ausência.....	239
4.2 Considerações Finais.....	241
4.2.1 Para além da pesquisa.....	241
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245
ANEXOS EM CD	

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta a trajetória pessoal da pesquisadora como professora de Matemática, que a levou ao caminhar das questões que serão trabalhadas, bem como uma discussão com relação ao termo *Alfabetização Matemática*, e termina com a organização da dissertação de uma forma geral.

1.1 Trajetória pessoal

Anos de estudo, a qualificação. Apta a: encontrar quarenta, cinquenta alunos assustados quem como será a nova professora? boa bonita de coração que se abre e chega? a sala exígua, raro, raro limpa, equipamento: zero menos dois = giz e quadro negro, giz duro... mesas/cadeiras quebradas, marcadas a gilete/canivete[...] brincar de farei tudo o que seu mestre mandar, baixar a cabeça, porque o berro e o castigo foram injustos, mas o garoto é uma peste, retardado mental, oito anos na primeira série e não sai daí [...] Viu, menina, se quiser ter moral é assim que se faz e aprende logo que eu não estou aqui para ensinar a vida inteira e vocês assim novinha têm a mania de entender e compreender e não castigar aprenda logo que não dá certo depois esses diabos capetas vêm pra cá aporrinhar, quer dizer, aborrecer a gente. (LACERDA, 2001, p.8-9)¹

Quando me formei, em 2002, pela UNESP de Rio Claro, tinha a certeza de que enfrentaria obstáculos na profissão docente, já que são de senso comum os problemas educacionais enfrentados pelo país.

Problemas esses que são discutidos durante as aulas de Prática de Ensino e de Didática na faculdade. Mas foi em 2004 – até então lecionava em uma escola particular² – quando passei em um concurso para professora de uma rede municipal de ensino que tive as “dimensões” desses obstáculos sobre a aprendizagem³ que eu imaginava. Nesse concurso foram

¹ O leitor verá que em quase todos os capítulos há citações da obra “Manual de Tapeçaria”, de Nilma Gonçalves Lacerda. Esta obra não só inspira, como também incomoda profundamente. A sensibilidade com que a autora trata a sala de aula e seu herói, Jomar, é ímpar. O texto é feito de forma diferente: quando a professora ou a autora falam o texto é corretamente escrito e pontuado, quando Jomar se expressa o texto não obedece a regras ortográficas, obedece apenas ao seu sentimento. Apesar de a obra ter sido escrita em 1985 vemos que as questões levantadas pela autora são mais atuais que nunca.

² Colégio de ensino fundamental, médio e cursinho pré-vestibular na cidade de Mogi Guaçu que também possui muitos alunos com problemas de aprendizagem, mas a quantidade de alunos que frequentavam essa escola é muito menor que a da rede pública.

³ Aprendizagem se refere a “aprender” algo, dependendo do território que se transita, escola, rua, casa, igreja, entre outros. Este trabalho tratará da aprendizagem do território escolar.

abertas vagas para professores de ensino fundamental II, para alunos de quinta série⁴ de escolas com experiência, naquele momento, apenas até a quarta série.

Comecei a dar aulas em duas escolas dessa rede municipal que apresentavam realidades sociais bem diferentes, mas com uma coisa em comum que unia meu desconforto: a quantidade de alunos praticamente analfabetos que existiam nas então quintas séries de ambas.

Alunos com sérios problemas de leitura e escrita, muitas vezes escrevendo em letra bastão e lendo de forma rudimentar, o que dificulta sua compreensão na maioria das aulas, e junto com isso os problemas de aprendizagem relacionados à Matemática. São alunos que não conseguem efetuar a estrutura básica operatória, alguns não conseguem contar uma sequência numérica maior do que 50, não conseguem ler e compreender um problema matemático.

Dos alunos que eu conheci em 2004, então na quinta série, alguns ainda permanecem na escola porque reprovaram essa série. Mas apenas os casos mais graves ficam retidos, a maioria já está cursando o ensino médio. Como? Da mesma maneira que cursaram o ensino fundamental, foram “deixados de lado” dentro das salas, e com a progressão continuada foram aprovados.

Mesmo os que foram reprovados, eu me pergunto, para quê? De nada adiantou a reprovação, eles continuam exatamente da mesma maneira que estavam há cinco anos. Nada foi feito por eles? A rede municipal tem dois órgãos de apoio⁵ que citarei ao longo do trabalho, mas na verdade, nós professores e esses alunos não sentimos qualquer melhora efetiva com o trabalho realizado por eles.

O que estes dois órgãos trabalham com os alunos é, na maioria das vezes, desconectado das respectivas disciplinas na escola, o que causa uma grande frustração nos alunos, pois eles não veem, uma melhora efetiva na sala de aula. Isso ocorre porque, em geral, as crianças que utilizam esse serviço estão muito aquém do que é estudado na sala de aula, e esta situação acaba fazendo com que elas fiquem se sentindo cada vez mais distantes dos assuntos que são trabalhados.

Alguns alunos que fizeram parte das entrevistas desta pesquisa frequentaram o CEACRI por mais de um ano, mais de uma vez, entre idas e vindas, e que estão vendo, por exemplo, na escola equação do 1º grau, mas na realidade, não conseguem contar até cem.

O que as pedagogas do centro tentam fazer é “suprir” as necessidades básicas de contagem, por exemplo, utilizando-se de material dourado, para que eles tentem acompanhar

⁴ Algumas escolas municipais referem-se à quinta série como quarto ano do ciclo intermediário, outras a primeiro ano do ciclo final, durante todo o trabalho será utilizada a denominação de quinta série no intuito de melhor fazer uma generalização da série.

⁵ Esses dois órgãos são: CEACRI (Centro de Atendimento à Criança) e Apoio Pedagógico (reforço na escola).

melhor as aulas na escola. Mas o que ocorre é que não conseguem fazer uma relação, veem aquilo de forma isolada, e se sentem humilhados por frequentarem essa instituição.

A desconexão ocorre não apenas por parte do CEACRI, mas também da unidade escolar e de professores, que não auxiliam o centro. A escola fornece apenas o nome do aluno, nada além disso. Não há uma parceria entre essas instituições, existem dois trabalhos que são totalmente desconexos, e quem perde é a criança que se sente “marcada” por frequentar o centro e acaba por abandoná-lo.

Trabalhar com essas crianças que possuem sérios problemas de aprendizagem nas séries finais do ensino fundamental é uma tarefa complicada para qualquer professor, pois além dos fatores óbvios de dificuldade, existem os obstáculos emocionais envolvidos na questão.

São alunos que têm consciência de sua dificuldade de aprendizagem e se sentem diminuídos frente aos colegas. Fazer um trabalho diversificado com essas crianças não é algo tão fácil assim, já que elas se sentem excluídas quando não estão fazendo a mesma atividade que o restante da classe. São crianças marcadas na “alma” pelo regime escolar que enfrentaram durante oito anos.

Esses alunos se escondem e são escondidos atrás de um sistema escolar que possui inúmeros problemas, e o simples fato de estarem presentes naquela sala garante-lhes a aprovação para o próximo ano.

A questão da Progressão Continuada é uma discussão ampla, mas vale ressaltar que ela se justifica no direito de que a criança tem de ter seu tempo de aprendizagem diferente e de conviver com crianças da mesma idade.

Pode-se, então, questionar quão excluídas são as crianças que possuem o direito de estarem incluídas. Quanto deve ser sofrível, dolorido, humilhante passar cinco horas todos os dias da vida ouvindo coisas que não lhe fazem o menor sentido, ficar com aquele barulho no ouvido da voz do professor, um “estrangeiro” que não lhe diz absolutamente nada coerente.

Neste sentido, a pesquisa tem o interesse de analisar o processo educacional e pessoal, vivido por esses alunos que passaram de oito a nove anos no ensino fundamental, e se formam este ano sem possuírem condições mínimas de frequentar o ensino médio.

Essas condições mínimas se referem ao fato dos alunos possuírem sérios problemas como a estrutura operatória básica, não identificarem figuras geométricas como triângulo ou retângulo, e com isso não conseguirem associar noções básicas de álgebra, por exemplo.

Acredita-se que as contribuições do trabalho sejam significativas para a discussão dos problemas de Alfabetização Matemática de alunos de séries finais do ensino fundamental e, pretende-se mostrar pontos que possam ser diagnosticados como os responsáveis por essa

situação. E, segundo esta perspectiva, a realidade descrita brevemente acima é, infelizmente, vivida hoje por inúmeros profissionais da educação.

1.2 A questão proposta

Caminha a moça para o seu desabafo:
eu sei, meu Deus, que não devia ser assim, mas eles dizem e mandam. Ensinar o hino nacional é importante, não é, Senhor? [...] Não posso ficar ensinando o que não sei. Se os meninos me perguntam? E se alguém entra de repente? A diretora? Deus me livre! Meu Deus, muito obrigada pela aula boa que dei hoje, me ajuda a saber sempre ensinar assim, amém. (LACERDA, 2001, p.17)

Apesar dos diversos projetos existentes em todo o país, ainda hoje o analfabetismo continua sendo um sério problema da educação brasileira. Existem estudos, provas de nível nacional⁶, estadual e municipal promovidas pelos diversos governos que demonstram esse problema e o da aprendizagem da Matemática no Brasil que sempre fica com os últimos lugares nesse tipo de avaliação. Além disso, existem trabalhos, propostas de ensino, livros publicados, uma quase ‘autoajuda’ pedagógica que tenta nortear professores e outros profissionais da educação em busca de uma melhor aprendizagem por parte dos alunos.

No ensino público, na escola “para todos”, existem muitas crianças⁷ chegando à quinta série com problemas de alfabetização. E, nesta série, elas entram em contato com um novo modo de trabalho, são mais professores, de diferentes áreas que trabalham de um modo mais diversificado do que estão acostumadas e, muitas vezes, esperam resultados que elas não conseguem dar, porque não possuem ainda conhecimento matemático escolar suficiente.

Esse conhecimento, a maioria vai ganhando ao longo do ano, quando se ambienta com a sala, com os professores, com as disciplinas, adquire mais confiança e o trabalho flui melhor. Esse período de choque, então, se suaviza, e dá lugar a uma nova etapa, tanto na vida quanto com relação à aprendizagem. “Extravagante, o estudante dá voltas e mais voltas, se move lentamente, se permite rodeios, se oferece paradas, se detém.” (LARROSA, 2003, p.20).

Nesta fase, fica mais clara a discrepância entre os saberes escolares que o professor de matemática da quinta série pressupõe que os alunos deveriam ter e o que eles realmente apresentam. Assim, no território escolar, não é o bastante que os alunos saibam, é necessário que esse conhecimento seja abonado pelo professor. MICOTTI (1999) fala que não é suficiente que alguém interprete as coisas a seu modo para que a sua interpretação seja

⁶ Prova Brasil; Provinha Brasil; SARESP; SAEB.

⁷ O presente trabalho trata de alunos na última série do ensino fundamental, portanto adolescentes, quando for usado o termo **crianças** entenda-se que diz respeito ao processo escolar como um todo que o estudante passou até a respectiva série em questão.

reconhecida como válida, é necessário que outras abonem esse conhecimento – a comunidade científica ou a sociedade.

Alguns alunos chegam às séries finais do ensino fundamental com algum problema de aprendizagem na estrutura básica operatória, adição, subtração, multiplicação e divisão, tanto na compreensão, quanto com relação ao algoritmo. Esta é destacada aqui, pois ela é a ‘chave’ para a maioria das situações-problema que são lançadas, tanto nas séries iniciais, quanto da quinta em diante, e, portanto, sem ela fica muito complicada a aprendizagem dos demais conteúdos.

Tais dificuldades com a estrutura básica operatória não são percebidas apenas por intermédio de uma avaliação formal, mas durante todo o período de aula, através da oralidade e da escrita. Por isso, pode-se dizer que esses alunos possuem problemas quanto à Alfabetização Matemática. Assim, “carregam” essas dificuldades por toda a fase final do ensino fundamental, chegando à última série desse ciclo sem terem condições mínimas de frequentar o ensino médio.

Desta forma, a questão proposta nesta pesquisa é: *compreender de que modo algumas crianças chegam não alfabetizadas matematicamente às séries finais do ensino fundamental. Quais foram os processos vivenciados por elas que permitiram que essa situação se estabelecesse?*

1.3 Alfabetização Matemática

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Assim, menina, assim martela que entra. Fala, grita, berra todo dia a mesma coisa que eles aprendem. Quê!?! Não vai nessa de pedagogia moderna, não. Que isso é uma cambada de burros e só aprendem repetindo até a morte [...] Bota no quadro $3 \times 1 = 3$, $3 \times 2 = 6$, $3 \times 3 = 9$, $3 \times 4 = 12$, $3 \times 5 = 15$, $3 \times 6 = 18$, $3 \times 7 = 21$, $3 \times 8 = 24$, $3 \times 9 = 27$, $3 \times 10 = 30$ e manda copiar, 10 vezes. (LACERDA, 2001, p.72)

Alfabetizadas matematicamente ou alfabetização matemática, afinal o que define esse termo? Por que é importante essa diferenciação?

Há pouca literatura a respeito do termo, existem evidências de que Ocsana Danyluk foi quem primeiro formalizou o conceito de *Alfabetização Matemática*, onde ela primeiro tratou sobre o ato de ler, e depois sobre o ato de escrever a linguagem matemática.

Em sua dissertação de mestrado DANYLUK (1988) trata de um estudo sobre o ato de ler e o ato de ler a linguagem matemática, onde a leitura é entendida como ato de compreender, interpretar e de transformar. Para tanto, aborda a situação do ensinar a ler e escrever a linguagem matemática, tal como ela ocorre nas séries iniciais da escolaridade.

Já em DANYLUK (1997) o objetivo do trabalho é estudar o ato de escrever a linguagem matemática, de focar em o que é e do que trata a *Alfabetização Matemática* e estudar como a criança entra para o mundo da escrita da linguagem matemática.

Assim, DANYLUK (2002) define que Alfabetização Matemática:

[...] diz respeito aos atos de aprender a ler e a escrever a linguagem matemática, usada nas séries iniciais da escolarização. Compreendo a *alfabetização matemática*, portanto, como fenômeno que trata da compreensão, da interpretação e da comunicação de conteúdos matemáticos ensinados na escola, tidos como iniciais para a construção do conhecimento matemático. Ser alfabetizado em matemática, então, é compreender o que se lê e escrever o que se compreende a respeito das primeiras noções de lógica, de aritmética e de geometria. Assim, a escrita e a leitura das primeiras ideias matemáticas podem fazer parte do contexto de alfabetização. Ou seja, podem fazer parte da etapa cujas primeiras noções das diversas áreas do conhecimento podem ser enfocadas e estudadas dentro de um contexto geral da alfabetização. (p.20-21)

Ser alfabetizado em Matemática, então, é ler e compreender os números, relacionar as unidades de medida, comunicar-se usando os conceitos aprendidos, compreender a estrutura básica operatória, mesmo sem domínio dos algoritmos.

A Alfabetização Matemática não é, em momento algum, separada da alfabetização. Permeiam-se o tempo todo, inclusive, encontram-se nos problemas de aprendizagem dos alunos. Na maioria dos casos em que se observam dificuldades em Alfabetização Matemática, notam-se também inadequações quanto ao uso da língua materna.

Alguns autores fazem uma clara diferenciação entre alfabetização e letramento, como SOARES (2003) afirma que ambos são processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto são interdependentes e mesmo indissociáveis.

A definição para a palavra alfabetização é a “ação de alfabetizar”, em que alfabetizar é “ensinar a ler, dar instrução primária, aprender a ler por si mesmo”. Portanto, neste trabalho não haverá distinção entre os termos alfabetização e letramento, a alfabetização será entendida não apenas em ter o domínio do código e o traçado das letras, mas conseguir usar a leitura e a escrita em seu meio social.

DANYLUK (2002) em seu livro descreve que ler matemática significativamente é ter consciência dirigida tanto para o sentido, quanto para o significado matemático que está sendo lido. É compreender, interpretar e comunicar ideias matemáticas. É nesse ato de conhecimento que os atos de criticar e transformar se fazem presentes. Dessa forma, o leitor não é consumidor passivo de mensagens. Ele é um receptor de mensagens que tem a possibilidade de

examinar criticamente aquilo que lê e, ao mesmo tempo, reelaborar o discurso lido no seu mundo-vida, abrindo novos caminhos e criando novas alternativas.

Logo, se ler é compreender, tudo o que for obstáculo permanente para a compreensão contribui para produzir as múltiplas facetas do fracasso, inclusive a incapacidade de dominar o código alfabético que impede de ler, impedindo assim de chegar à mensagem e de identificar seus termos (CHARTIER et al, 1996).

CHARTIER (1996) diz que durante os primeiros anos escolares, onde ocorrem as aprendizagens fundamentais, os professores não podem considerar a leitura e a escrita como bens já adquiridos, elas ainda não são instrumentos comuns, manejados sem pensar para resolver outras tarefas. Assim, por serem essenciais a outras tarefas, a leitura e a escrita devem receber desde as séries iniciais uma atenção especial, pois é através delas que se abrem caminhos à compreensão de outros campos, como a Matemática, por exemplo.

Não apenas a leitura e a escrita da língua materna, mas a leitura e a escrita matemática são instrumentos necessários para resolver outras tarefas, como diz o autor acima. Os alunos que não estão alfabetizados matematicamente possuem extremas dificuldades em ler e escrever sobre problemas matemáticos simples, muitas vezes relacionados apenas ao conceito de adição e subtração. A “Paixão entre a leitura que se faz escrita que se faz leitura uma empurrando a outra uma inquietando a outra apaixonando a outra. Interminavelmente.” (LARROSA, 2003, p. 9)

1.4 Organização do trabalho

Descubro então que, prendendo a respiração, consigo agüentar o mau cheiro e que também é valiosa a ajuda fornecida por um leve fechar de olhos - a sujeira arde na vista. [...] Já os ruídos foram mais demorado percurso. Eles me incomodavam realmente, concreta perturbação da ordem. [...] Mas não eram barulhos identificáveis, como risos, ou sussurros, bater de lápis ou de pés, riscar de superfície. Soturnos, pareciam vir de entranhas, cavernas em mistério. [...] E eu não soube! Não soube, não descobri! Se não me ensinaram isso?! Ocultaram. Guardaram. É esse segredo? Sou agora cúmplice? Fome! (LACERDA, 2001, p.11-12)

O capítulo II é dedicado às opções metodológicas que foram feitas para o trabalho, bem como suas justificativas de escolha, apresenta o contexto da pesquisa e seus participantes, e os elementos que o circulam e caracterizam.

No capítulo III, está descrito o grupo de alunos pesquisado como um todo, segundo a ideia de rede⁸, explicita a produção individual de dados em tópicos separados, mostrando algumas linhas de força como a FAMÍLIA, a ESCOLA, a MATEMÁTICA e o FUTURO, e termina cada tópico mostrando o diagrama de força que cerca cada um dos entrevistados.

O capítulo IV tem a intenção de descrever o que entende-se por **movimento** como dispositivo, cartografar os movimentos que foram marcados nos diagramas de forças de cada aluno entrevistado e apresentar as considerações finais acerca deste trabalho.

⁸ Neste trabalho os conceitos de rede e diagrama são usados para cartografar os elementos de força que cercam os alunos entrevistados, enquanto os perpassa, ao mesmo tempo em que eles também pertencem a essa rede ou diagrama.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Daí a tripla definição de escrever: escrever é lutar, resistir; escrever é vir-a-ser; escrever é cartografar, “eu sou um cartógrafo”... Foucault (Entrevista em *Nouvelles Littéraires*, 17.3.1975)

A questão raiz desta pesquisa é ***compreender de que modo algumas crianças chegam não alfabetizadas matematicamente às séries finais do Ensino Fundamental. Quais foram os processos vivenciados por elas que permitiram que essa situação se estabelecesse?*** Pretende analisar o que existiu ou existe que impede o aluno de aprender, verificar quais são os fatores que o cercam e contribuem para suas dificuldades de aprendizagem. Desse modo, entendemos ser necessária a esta pesquisa uma abordagem qualitativa para discutir a questão proposta. Assim, compreendemos, que

“A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (BOGDAN et al, 1994, p.49)

Para a realização da pesquisa, foram feitas entrevistas com os alunos que possuem problemas quanto à Alfabetização Matemática e com seus pais ou responsável. Em ambas foi utilizado o método da cartografia através dos mapas narrativos.

2.1 Cartografia, um método através

Segundo Kastrup (2009) a cartografia é um método que foi formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que tem como objetivo acompanhar o processo, e não representar o objeto pesquisado, não se trata de buscar um caminho linear para se estabelecer um fim, mas de se estabelecer algumas pistas para descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.

DELEUZE (2005) diz que:

[...] em Foucault nada se fecha realmente. A história das formas, arquivo, é duplicada por um devir das forças, diagrama. É que as forças aparecem em “toda a relação de um ponto a outro”: um diagrama é um mapa, ou melhor uma superposição de mapas. E, de um diagrama a outro, novos mapas são

traçados. Por isso não existe diagrama que não comporte, ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados, pontos de criatividade, de mutação, de resistência; e é deles, talvez, que será preciso partir para se compreender o conjunto. (p.53)

A cartografia está presente neste trabalho com o objetivo de mostrar as linhas de forças que cercam os alunos entrevistados. Descrever a fala de cada um a partir de seu próprio mapa, do seu traçado e de um mapa a outro, sobrepondo-os, podem-se encontrar possíveis conexões que existem a partir do mesmo problema que compartilham: a Alfabetização Matemática.

Um aluno nunca é um. Ele não se fecha em torno de si. Existem, pelo menos, outras duas linhas de força que chegam a ele e o circulam de forma intensa: a família e a escola. Essas linhas também não são únicas, e tão pouco se fecham em si. Forma-se, assim, uma rede que cerca o entrevistado ao mesmo tempo em que ele pertence a ela.

Desse modo, ao redor desse aluno constitui-se um diagrama ou uma rede, de forma tridimensional. Não se fechando em si ou em outro, mas com os caminhos abertos, **através** das diversas linhas de forças, com diversos olhares sob diferentes ângulos. Essa imagem ajuda a dar clareza à ideia que a cartografia assume neste trabalho, a de um mapa sobre os mapas.

DELEUZE (2005) diz que um diagrama, ou máquina abstrata é:

[...] o mapa das relações de forças, mapas de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos, “ou melhor, em toda relação de um ponto a outro”. [...] o diagrama age como uma causa imanente não unificadora, estendendo-se por todo o campo social: a máquina abstrata é como a causa dos agenciamentos concretos que efetuam suas relações; e essas relações de forças passam, “não por cima”, mas pelo próprio tecido dos agenciamentos que produzem. [...] Os agenciamentos concretos são portanto fendidos pelo interstício através do qual se efetua a máquina abstrata. (p.46)

É **através** dos interstícios que separam, mas podem ligar, que passa a cartografia. Intervalos de algo maior, a rede, que é formada por esses pontos de singularidade que comungam de um mesmo vetor, e que se unem por ele. São vetores que deslocam o olhar para aquilo que perpassa o entrevistado.

Segundo ALBUQUERQUE et al (2008) umas das maiores contribuições de Foucault seria um deslocamento do olhar daquilo que sempre foi considerado como central, nuclear, essencial para se entender o funcionamento da sociedade e das instituições, para aquilo que era descrito como periférico, marginal, menor, fronteiroço.

O que propõe esta pesquisa é esse “olhar fronteiroço” e “cartógrafo” que tenta dar conta dos saberes sempre contidos em linhas de forças que permeiam as pessoas pesquisadas,

deslocar a fala pela fala e colocá-la através da escrita, do desenho, das “marcas” que esses alunos carregam consigo, a cartografia, o mapa de parte de sua história.

2.1.1 Mapas Narrativos, um viés da cartografia

BURRIDGE diz que um mapa narrativo⁹ grava episódios, dinâmicas e fluxos da criatividade dos alunos e coloca-os contextualizados como parte de um todo, além de indicar fraquezas/forças dentro da execução de projetos em diferentes áreas disciplinares.

O mapeamento da narrativa, segundo BURRIDGE é conhecido por sua estrutura filosófica e pedagógica e pode servir como meio útil de projetar, planejar e monitorar projetos criativos nas escolas, além de auxiliar em lições individuais.

Neste trabalho, os mapas narrativos foram usados em todas as entrevistas, tanto com os alunos, quanto com os responsáveis. As perguntas que são feitas através dele têm a intenção de levar o aluno pesquisado a falar livremente sobre suas experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar, a “mapear¹⁰” a sua narrativa. Pode-se pensar nesses mapas produzidos, não apenas como um desenho que conta uma história, mas como a expressão das “marcas” dessas pessoas.

ROLNIK (1993) diz que as marcas:

[...] são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados se constitui de uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir.”
(p. 2)

O entrevistado, à medida que desenha, expõe sua verdade, não de maneira direta, pergunta e resposta, mas com um olhar que atravessa o óbvio das questões e dá a possibilidade de mostrar aquilo que o afetou, que o atravessou e que produziu as marcas sobre as quais ele está falando.

Segundo ROLNIK (1993) uma vez que a marca é colocada em circuito, ela continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Ou seja, cada uma de nossas marcas tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância.

⁹ Refere-se a um a um desenho feito segundo uma questão, enquanto a pessoa que desenha “narra” ao entrevistador não apenas os elementos do desenho, mas tudo o que ela achar necessário para aquele momento. Em alguns momentos do trabalho trataremos o “mapa narrativo” apenas como “mapa” para melhor facilitar a comunicação, mas ambas as expressões se referem ao mesmo objeto.

¹⁰ “Mapear” significa os elementos – que o aluno pode colocar no desenho durante sua fala – que descrevam sua vida, sua história.

O mapa narrativo busca esse olhar *através*, esse ressoar entorno do aluno entrevistado, das questões que podem estar “adormecidas” e com o mapa, enquanto traça o desenho, a pessoa pode se expressar sobre suas marcas, expor aquilo que as afeta da maneira como ela vê.

2.2 Contexto da pesquisa e seus participantes

Eles são uns merda, é assim mesmo, não se preocupe. Que que você pode fazer? Olha aí: treze anos, tudo primeira série. Uns merda eles são. Pára com isso de querer gastar teu dinheiro com papel e carbono e álcool e para de gastar tuas noites com essa porra de turma. [...] Chorando? Você, tantos anos de magistério? Não aprendeu? Se fosse novinha, recém-formada, vá lá. [...] (Conveniente tirar isso e tirar esses porras e esse merda daí. Quem fala é uma diretora - esqueceu? Ou resolve deixar assim mesmo, abrir o peito a ?) (LACERDA, 2001, p.21)

Os alunos com dificuldades em Alfabetização Matemática foram os objetos de estudo. Tal alunado pertence a uma escola da rede pública municipal¹¹ no interior de São Paulo, na região de Campinas, e cursa a última série do ensino fundamental.

A cidade em questão é Mogi Guaçu que tem IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) 0,886, segundo a Revista Atlas do Mercado Brasileiro, índice considerado alto pelo órgãos responsáveis. Para cálculo de tal índice são levados em conta valores de escolaridade, esperança média de vida, além da renda per capita da população e alfabetização, que neste caso fica em torno de 92,88%, segundo dados do IBGE de 2005, ou seja, a cidade onde foi realizada a pesquisa possui índices de desenvolvimento muito bons.

A escola¹² onde foi realizada a pesquisa possui cento e trinta e seis alunos frequentando a última série do ensino fundamental, destes, foram selecionados quarenta e cinco que obtiveram conceito insatisfatório em Matemática em quase todos os bimestres no ano letivo anterior.

Com a ajuda de uma professora de Matemática da escola e com o apoio do Espelho¹³, chegou-se a um número de vinte crianças, das quarenta e cinco que foram selecionadas, quinze meninos e cinco meninas. O processo de escolha foi baseado nos problemas de Alfabetização Matemática apresentados e no fato de já terem frequentado algum tipo de reforço ou apoio oferecido pela escola.

¹¹ O nome da escola e os de seus participantes não serão revelados neste trabalho por questões de acordo entre as partes.

¹² É importante ressaltar que a pesquisadora é professora da escola em questão há seis anos e que lecionou em anos anteriores para alguns alunos que participaram das entrevistas.

¹³ Este documento será descrito no próximo tópico.

KASTRUP (2009) em seu texto “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo” fala sobre a atenção durante o trabalho de campo na produção de dados e cita os estudos sobre a atenção realizados por W. James (1890/1945):

James comparou o fluxo do pensamento ao voo de um pássaro que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar... O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento... A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo de pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. (KASTRUP, 2009, p.34 - 35)

Assim, segundo o texto descrito por KASTRUP, durante o “voo” de seleção dos alunos a atenção “pousou” em oito: seis meninos e duas meninas. Esta lista foi feita utilizando-se o critério daqueles que poderiam estar mais dispostos a participar da pesquisa e os casos mais “graves” de alfabetização que já eram conhecidos pelos “corredores” da escola.

Nenhum aluno que foi convidado a participar da pesquisa se recusou, todos atenderam prontamente o chamado. As entrevistas foram realizadas com os que possuem dificuldades de Alfabetização Matemática e também com os pais ou responsáveis por eles, na tentativa de analisar a vivência de cada um fora da escola.

A efetivação de duas entrevistas com cada aluno e uma com o respectivo responsável legal procedeu-se na unidade escolar em questão no período de fevereiro a abril de 2009. Todas as vezes, o método do mapa narrativo foi utilizado.

Na primeira entrevista realizada, foi feito um roteiro de questões abertas, em que os alunos iam realizando os desenhos que foram solicitados enquanto contavam suas experiências dentro e fora da escola.

A entrevista realizada com o responsável pela criança foi elaborada de duas formas, uma utilizando os mapas narrativos e outra não, pois não se sabia qual seria a reação dos pais ao serem solicitados os desenhos. Na segunda entrevista com os alunos foram feitas questões baseadas na primeira entrevista e no histórico escolar do aluno, o chamado “Espelho”.

2.2.1 O Espelho

Como os antigos adivinhos, que pagavam
com a cegueira
o preço de sua visão privilegiada
o estudante fecha os olhos
e os ouvidos
a tudo que não é estudo.
(LARROSA, 2003, p.47)

Chama-se “espelho” um documento que contém registros de toda a vida escolar desde o momento em que a criança ingressa nesta escola.

A avaliação nesse espelho dá-se através de três conceitos: **PS** de plenamente satisfatório, **S** de satisfatório e **I** de insatisfatório. Nele, estão as notas bimestrais e finais e os relatórios de notas insatisfatórias.

Os relatórios são feitos individualmente por cada professor, de cada disciplina, e contêm basicamente o motivo em que o docente acredita que aquele aluno não foi satisfatório durante o bimestre. O parecer fica anexado ao espelho e disponível aos responsáveis nas reuniões de pais e mestres ou em outro momento para ciência de seu teor.

Nos quatro primeiros anos na escola, como é apenas um professor por sala, ele preenche um relatório individual sobre o desenvolvimento bimestral, tanto para os alunos que possuem dificuldades, quanto para os que não possuem. A partir da quinta série, esse espelho recebe apenas as notas de cada docente e os relatórios de conceito **I**.

Até a 4ª série, quando o aluno tem certa dificuldade de aprendizagem, o professor da sala leva o caso para a direção, passando dados sobre a criança e informando quais são os problemas apresentados. Há então um encaminhamento, quando possível, para algum projeto da prefeitura, ao qual a criança se adapte melhor. Geralmente, o número de vagas é insuficiente para atender a quantidade de alunos que necessitam desses recursos.

Esse espelho também contém informações que podem ser usadas por outros profissionais que não pertencem à escola, como o CEACRI e o Apoio Pedagógico.

2.2.2 CEACRI e Apoio Pedagógico

O que é, afinal, um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes?
(FOUCAULT, 1999, p.44-45)

Alguns alunos entrevistados nesta pesquisa frequentaram dois tipos de apoio oferecido pela prefeitura municipal, o “Apoio Pedagógico” e o CEACRI.

“Reforço” ou “Apoio Pedagógico” é o sistema de apoio ao aluno com dificuldades oferecido pela prefeitura na escola, em período contrário ao que a criança estuda, para as disciplinas de Matemática e Português. O processo de atendimento aos alunos ocorre a partir de duas variáveis: a indicação do professor e a disponibilidade de vagas. Os estudantes com

problemas de aprendizagem são escolhidos de acordo com o maior grau de dificuldade que vem apresentando na sala. Em algumas escolas da rede esse reforço não pode ser oferecido, pois não há espaço físico.

CEACRI, Centro de Atendimento à Criança, é uma instituição ligada à Secretaria de Educação da cidade que tem por objetivo diagnosticar e trabalhar problemas de aprendizagem nas crianças da rede escolar, quando encaminhadas pela escola em que estudam.

Esses problemas são diversos: dificuldade de se alfabetizar, tanto na língua materna, quanto em Matemática; problemas relacionados à fala; apatia extrema. Esse centro diagnostica as crianças com apoio de uma equipe de profissionais da saúde como: médicos, psicólogos e fonoaudiólogos.

O centro conta com o apoio de psicólogas e psicopedagogas, e o serviço é oferecido em uma sede fora da escola. A prefeitura oferece transporte gratuito a muitas crianças que possuem dificuldades de se locomover até o local, devido à distância que elas moram. Porém, essa instituição não diagnostica todos os estudantes que necessitam desse serviço, pois justifica que não possui pessoal suficiente.

O CEACRI procura trabalhar os conceitos de Matemática e de Português que estão “deficientes” nesses alunos, através de materiais concretos como jogos, material dourado, recortes e jogos com figuras espaciais.

2.3 As entrevistas

Numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo.
(DELEUZE, 2008, p.48)

Contando com a sorte e com perigo, as entrevistas foram realizadas utilizando o mapa narrativo como instrumento na tentativa de buscar “a voz”, “as imagens” e “as representações matemáticas” de alguns episódios vivenciados pelos alunos.

Concretizaram-se ao todo 24 entrevistas, duas com cada um dos oito alunos selecionados, e uma com o respectivo responsável. Apenas uma foi realizada fora do ambiente escolar, na casa de uma avó, a pedido dela, por apresentar dificuldades para se deslocar.

Segundo BOGDAN et al (1994) a entrevista pode ser utilizada como um meio para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, enquanto permite ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

As entrevistas foram realizadas de modo semiestruturado, ou seja, segundo ROSA (2006), os questionamentos são mais profundos e, também, mais subjetivos, levando a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Podem dizer também a respeito de uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos.

Nesse tipo de entrevista existe um roteiro de questões a ser seguido, que não é fechado, estanque. As perguntas sempre dão oportunidade ao entrevistador de pontuar algumas observações ao longo da conversa de modo a conduzi-la de uma maneira que o sujeito entrevistado possa expressar seus pensamentos e sentimentos de forma mais livre, enquanto realiza os desenhos que foram solicitados.

Além disso, foram analisados os históricos escolares e seus pais ou responsável foram entrevistados na tentativa de se entender por quais processos passaram antes de chegarem às séries finais do ensino fundamental.

Abaixo consta o roteiro de questões que foram utilizadas na primeira entrevista com os alunos, são perguntas simples, até mesmo infantis, que tentam buscar a subjetividade¹⁴ presente em cada resposta, em cada desenho feito pelo entrevistado.

KOHAN (2005) fala que uma pergunta infantil é uma pergunta que não deve ser perguntada, que parece absurda, sem sentido, sem lugar, mas ela se faz de dentro da interioridade da interrogação que a pergunta coloca e da interioridade da subjetividade que pergunta.

O roteiro:

1. Você estudou em outras escolas?
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?
3. Como é a sua casa?
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?
5. Tem algum lugar especial em sua casa em que você se diverte?
6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?
7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?
8. Você poderia se desenhar, fazer um autorretrato?

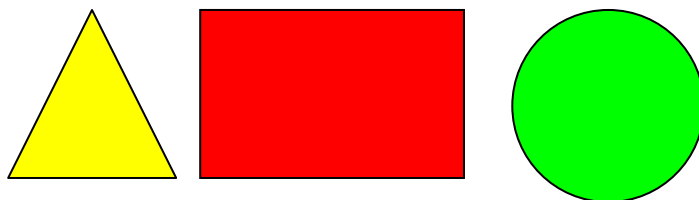
¹⁴ Subjetividade deve ser entendida aqui como aquilo que não é óbvio, aquilo que muitas vezes foge aos olhos e ouvidos do pesquisador, que está nos interstícios das falas e com os mapas narrativos podem vir à tona.

Este roteiro foi igual para todos os alunos e as entrevistas foram feitas de modo individual, com gravação de voz em MP3. Os desenhos foram feitos com lápis grafite, e apenas alguns alunos sentiram a necessidade de colori-los.

Na segunda entrevista, o roteiro de questões não foi o mesmo, pois dois alunos, um menino e uma menina, possuem muitas dificuldades com relação à Matemática.

O roteiro abaixo foi utilizado com seis dos oito entrevistados e algumas perguntas se repetem para analisar a conservação de respostas¹⁵:

- 1) Você tem alguma dificuldade nas matérias da escola?
- 2) Antigamente, você costumava ter dificuldades em aprender contas, problemas ou cálculos ligados a figuras geométricas?
- 3) Você pode me dizer o nome dessas figuras?

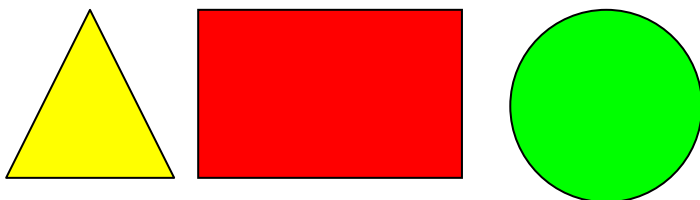


- 4) Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?
- 5) Você sabe me dizer desde quando tem essas dificuldades?
- 6) Você poderia fazer estas continhas para mim?
 - a) $237 + 131 =$
 - b) $296 - 184 =$
 - c) $53 \times 4 =$
 - d) $612 : 3 =$
- 7) O que você faz fora do horário de aula?
- 8) Você estuda Matemática fora do horário das aulas?
- 9) Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?
 - a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

¹⁵ São alunos que possuem dificuldades em Alfabetização Matemática como já foi dito, por isso foram selecionados, mas a escolha por questões que se repetem não é para provar que eles não sabem, mas para a partir da fala verificar, se eles sabiam ou não que as questões eram repetidas, e como lidavam com isso.

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

10) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



11) Você poderia fazer estas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

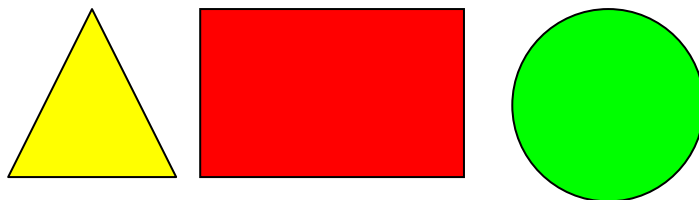
As questões 10 e 11 foram repetidas no sentido de trabalhar o conceito de conservação nos alunos, além da conta $612 : 3$ ser colocada para a relação com o problema “b” da questão 9.

O roteiro a seguir foi feito para os dois alunos citados acima que possuem maior grau de dificuldade do que os demais entrevistados.

1) Você tem alguma dificuldade nas matérias da escola?

2) Antigamente, você costumava ter dificuldades em aprender contas, problemas ou cálculos ligados a figuras geométricas?

3) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



4) Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

5) Você sabe me dizer desde quando tem essas dificuldades?

6) Você poderia fazer estas continhas para mim?

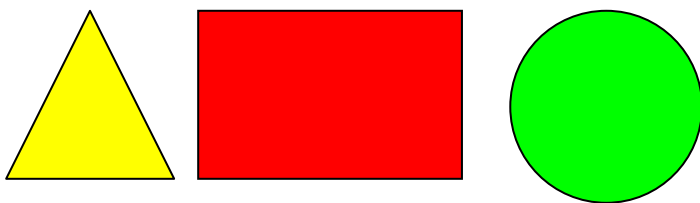
a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

- 7) Gostaria que você contasse comigo até cem, pode ser?
- 8) O que você faz fora do horário de aula?
- 9) Você estuda Matemática fora do horário das aulas?
- 10) Você frequentava o CEACRI, por que você deixou de ir até lá?
- 11) Você pode escrever sobre sua saída para mim?
- 12) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



13) Você poderia fazer estas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

Para os pais ou responsável foram elaborados dois roteiros de questões, um que poderia ser respondido com os mapas, e outro caso os pais se recusassem a fazer os desenhos:

Nome do responsável: _____

Idade: _____

Grau de parentesco: _____

Local do nascimento: _____

- 1) Quais dificuldades que o(a) senhor(a) vê no(a) _____ em relação à aprendizagem? E em relação à Matemática? Desde quando nota essa dificuldade?
- 2) Como o(a) senhor(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?
- 3) Em que lugar da casa ele(a) estuda? Poderia desenhar?

Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado?
Ou tomando conta dos irmãos?

4) O(A) senhor(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele(a)?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, “Kumon”, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

O(A) senhor(a) vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?

5) Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?

6) O(A) senhor(a) gostaria de apontar algum fato ou acontecimento importante na vida do(a) _____ que de algum modo acha que interferiu na vida escolar dele(a)? Pode desenhar?

7) Ele(a) toma, ou já tomou, algum tipo de medicamento diariamente? Por quê? Desde quando? Consulta médicos (posto de saúde, psicólogos, etc.) regularmente?

8) O(A) Senhor(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?

Nome do responsável: _____

Idade: _____

Grau de parentesco: _____

Local do nascimento: _____

1) Quais dificuldades que o(a) senhor(a) vê no(a) _____ em relação à aprendizagem? E em relação à Matemática?

2) Desde quando o(a) senhor(a) nota essa dificuldade?

3) Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias?

4) Contribui financeiramente com a família?

5) Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, “Kumon”, inglês ou informática, enfim algum curso?

6) Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

7) O(A) senhor(a) vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?

8) Ele(a) costuma estudar ou ler em casa? Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?

9) O(A) senhor(a) gostaria de apontar algum fato ou acontecimento importante na vida do(a) _____ que de algum modo acha que interferiu na vida escolar dele(a)?

10) Ele(a) toma, ou já tomou, algum tipo de medicamento diariamente? Por quê? Desde quando? Consulta médicos (posto de saúde, psicólogos, etc.) regularmente?

A maioria dos pais e alunos entrevistados se propôs a desenhar, mas todos ficaram com muito receio da opinião da pesquisadora sobre o desenho: “bem feito”, “bonito” ou “feio”. Por isso, a todo o momento tentou-se deixar claro que a intenção dos desenhos não era a beleza “artística”, mas a expressão marcada *através* do seu traçado.

Os riscos envolvidos em cada escolha podem ser produzidos por forças que transcendem a compreensão e a capacidade de ação do indivíduo, mas é destino e dever deste pagar o seu preço, pois não há receitas endossadas que, caso fossem adequadamente aprendidas e diligentemente seguidas, poderiam permitir que erros fossem evitados, ou que pudessem ser, em caso de fracasso, consideradas responsáveis. (BAUMAN, 2007, p.10)

Há sempre vários riscos envolvidos na escolha de cada pesquisa. Neste caso, o fato da pessoa se recusar a desenhar, ou não terminar o desenho, pode-se concluir que está sendo tocada em uma marca que seja dolorida demais ou pode ser, simplesmente, porque se sente desconfortável em desenhar, afinal expressar-se através de um desenho é hábito que a maioria de nós não tem.

Mas quando se envereda por um caminho, tantos outros ficarão para trás. A opção pela cartografia é feita no sentido de um caminho *através* das questões, permeando os mapas narrativos, mas sempre na medida em que o entrevistado se deixa ver. Não há lugar para suposições do que a pessoa gostaria de dizer, mas há caminhos traçados em torno do que ela realmente disse.

CAPÍTULO III

CARTOGRAFANDO AS NARRATIVAS

Este capítulo se dedica a descrever o grupo de alunos pesquisado como um todo, segundo a ideia de rede, a explicitar a produção de dados de cada um em tópicos separados, mostrando algumas linhas de força que o cercam como a **FAMÍLIA**, a **ESCOLA**, a **MATEMÁTICA** e o **FUTURO**.

3.1 O grupo pesquisado

[...] o que conta nas coisas ditas pelos homens não é tanto o que teriam pensado aquém ou além delas, mas o que desde o princípio as sistematiza, tornando-as, pelo tempo afora, infinitamente acessíveis a novos discursos [...] (FOUCAULT, 1980, p.18)

Descrever o grupo como um todo, antes de partir para as particularidades de cada um, faz parte da ideia de rede trabalhada no capítulo anterior. Essa rede ou diagrama permeia e atravessa esse grupo que foi afetado, na maioria das vezes, por forças similares.

KOHAN (2005), baseado em Foucault, fala que não são os professores que “oprimem” os alunos, nem tão pouco os diretores que submetem os professores, mas todos eles são sujeitados no interior desses maciços conjuntos de capacidade, comunicação e poder. Obviamente, nem todos ocupam a mesma posição relativa nessa **rede** e, portanto, serão afetados de formas diferentes por ela. Assim, o que percebemos, dizemos, julgamos, pensamos e fazemos em uma escola está imerso num complexo jogo de práticas discursivas e não-discursivas.

Este capítulo tenta cartografar quais são as marcas que o grupo de alunos deixou vir à tona durante as entrevistas, na produção dos mapas, buscando aproximações e distanciamentos delas a partir de sua narrativa.

PEIXOTO (2008) diz que a cartografia estende-se a todo campo social, e que resulta da exposição das relações de força que constituem o poder. Assim ela não pode ser bem grafada por meio de um único mapa, mas por um atlas que, em permanente composição, é integrado por inúmeros mapas superpostos.

A superposição de mapas, que forma o “atlas¹⁶” descrito acima, corrobora com esta pesquisa, uma vez que quando sobrepomos um mapa narrativo ao outro, vinculamos as relações de forças existentes em cada um dos pontos de singularidade, tanto dos pais, quanto dos filhos. E **através** desse atlas, há uma possibilidade de se vislumbrar algo além e aquém do óbvio, do dito e captar aquilo que ficou entredito pelo entrevistado.

O grupo pesquisado foi composto por oito alunos, duas meninas e seis meninos, da última série do ensino fundamental, de uma escola na região de Campinas, interior de São Paulo, como já foi explicitado no capítulo anterior. Eles foram selecionados pelas dificuldades que possuem quanto à Alfabetização Matemática, que apesar de um critério de grande relevância, não foi o único a ser utilizado.

Os entrevistados trazem consigo marcas muito densas produzidas no ambiente escolar. São crianças já conhecidas pela maioria dos professores, até por aqueles que nunca lecionaram para elas, pela “fama” de estudantes extremamente faltosos, que frequentaram ou frequentam o CEACRI, que possuem família desestruturada, que sempre vão à diretoria, entre outros fatores. Essas marcas produzidas pela “máquina” escolar ficam evidentes nas entrevistas tanto dos alunos, quanto de seus responsáveis.

O pai ou o responsável também foi convidado a participar da pesquisa, já que a ideia é verificar não apenas a experiência dos alunos dentro da escola, mas como as suas vivências fora deste ambiente puderam reverberar em sua aprendizagem.

Alguns pais atenderam prontamente o chamado e se dispuseram a falar, a desenhar, a enfim, participar da entrevista. Outros, entretanto, se mostraram arredios e desconfiados em conversar. Em três casos, os pais se mostraram mais relutantes à entrevista. Estes casos serão descritos com maiores detalhes nos tópicos abaixo.

Isso era algo esperado nesta pesquisa, uma vez que os alunos selecionados são tidos como “maus alunos” dentro do ambiente escolar. Assim, os pais quando são chamados até a escola, geralmente ouvem apenas o discurso institucional, sobre as reclamações e reivindicações dos professores e da direção. Fica claro em todas as entrevistas o papel, não determinante, mas fundamental da família na aprendizagem dessa criança.

ROLNIK (1993) diz que:

E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o

¹⁶ Este “atlas” se refere ao conjunto de mapas narrativos feitos pelo aluno e seu responsável que estará descrito neste capítulo. Assim, cada aluno entrevistado terá o seu próprio atlas, ou seja, o conjunto de mapas descrito através das linhas de força, que tenta descrever e coletivizar sua experiência dentro e fora da escola.

sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência. (p. 3)

Se somos engendrados por pontos de vista produzidos pelas marcas, então deixar estranhar-se por elas não é algo muito fácil, principalmente para crianças, que quando marcadas tendem a sentir aquilo reverberando por um longo tempo. Esse estranhamento da marca aparece muito pouco nos mapas, já as marcas e suas consequências estão sempre bem explícitas, seja nos desenhos ou na fala dos entrevistados.

Todas essas características acima descrevem pessoas que se unem em um grupo extremamente marcado pelo sistema escolar e, muitas vezes, são tratadas dentro da escola com duas marcas ainda piores, a de que não aprendem porque não querem e/ou que são vítimas da nossa sociedade e da “desestrutura” familiar atual.

A palavra “desestrutura” está entre aspas, pois nas entrevistas pode-se verificar que grande parte dos alunos pesquisados possui uma família com pai, mãe e irmãos. Entretanto, essa “estrutura familiar” de senso comum vem a ser, nestes casos, mais um dos fatores que causam marcas negativas nesses estudantes, tanto quanto a escola para eles. Logo, não faz sentido apontar a culpabilidade para um ou outro, mas analisar como essas linhas de força, a família e a escola, corroboram para esse problema de aprendizagem.

A produção de dados abaixo mostra um **mapa**, ainda que pequeno e regional, de fatos que acompanham a educação brasileira como um todo, busca mapear os possíveis indícios que levaram esses estudantes a chegar ao final do ensino fundamental com tantos problemas de aprendizagem e com marcas escolares tão profundas. Tenta fazer isso sem atribuir juízo de valor, sem resgatar vítimas ou eleger culpados, apenas cartografando as narrativas de cada um deles.

Desse modo, as conversas aconteceram no período de fevereiro a abril de 2009, dentro da escola em questão. Houve, em quase todas, o problema de espaço físico para realizá-las, uma vez que a escola não possui nenhuma sala de aula ociosa, em nenhum dos períodos.

As entrevistas foram feitas onde havia lugar disponível e com a maior privacidade possível, na sala da coordenação, na biblioteca, na sala dos professores, para que tanto os pais, quanto os alunos se sentissem à vontade para a conversa e os desenhos.

Todos os participantes foram informados sobre o que se tratava a entrevista e a solicitação dos desenhos causou maior desconforto nos responsáveis que nos alunos. A maioria dos adultos disse que se sentia “mal” em desenhar, mas no decorrer da conversa acabaram por

fazê-lo, e muitas vezes utilizaram o desenho como recurso para contar algo que sem ele seria difícil de expor.

Foi sugerido que utilizassem lápis grafite 6B, para o mapa, ao invés do lápis de cor, pois através do lápis grafite, a interpretação se direcionaria mais ao traçado do desenho, do que a sobreposição de cores e suas justificativas, apenas alguns entrevistados sentiram a necessidade de colori-lo.

3.2 Diagramas de forças

Nos tópicos seguintes, a pesquisa tratará de cada um dos entrevistados individualmente, através dos mapas narrativos produzidos. Anexos ao trabalho estão os desenhos produzidos pelos estudantes e seus pais ou responsável, a resolução dos problemas realizados no segundo encontro sobre seu histórico escolar e a transcrição das entrevistas na íntegra.

Segue então, a produção de dados dos oito alunos entrevistados, Mariano¹⁷, Cândido, Aninha, Jair, C. Ronaldo, Claudemir, Bia e Léo. Para cada um deles foi elaborada uma pequena introdução a fim de que o leitor se familiarize com sua inserção dentro do ambiente escolar.

Todas as histórias trabalhadas serão divididas em recortes que se fazem pelas linhas de força que **atravessaram** a rede desse grupo e o marcaram, entre eles estão a família, a escola, a Matemática, o futuro, e outros vetores que podem não ser comuns a todos, mas que estarão descritos de modo particular em cada uma das histórias. Todos os relatos terão no início um autorretrato feito pelo aluno no final da primeira entrevista e, no final de cada tópico que descreve o aluno, está proposto o diagrama de forças que o cerca.

Este diagrama foi cartografado segundo as linhas de força mais intensas¹⁸ que os entrevistados mostraram, e com elas foram identificados alguns movimentos¹⁹ que rodeiam essas pessoas.

Segundo DELEUZE (2008) o que chamamos de diagrama é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo, há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmento, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. As linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama.

¹⁷ Os nomes dos entrevistados foram alterados por questões de acordo entre as partes.

¹⁸ A “intensidade” está ligada a frequência com que os alunos repetiam essa situação, ou como elas se mostravam mais fortes nos desenhos produzidos.

¹⁹ Este conceito será trabalhado um pouco mais adiante.

No diagrama estão algumas marcas que foram aparecendo durante as entrevistas como a “normalidade”, “alcoolismo”, “CEACRI”, ou frases como: “Sou fraco de cabeça”, “Preciso ter força de vontade”, “Tenho que prestar mais atenção”. Podem conter ainda sentimentos como a culpa, medo, rejeição, sonhos, enfim as linhas do diagrama se constituem de coisas, acontecimentos, sentimentos, ou seja, tudo o que faz parte da vida do cartografado.

Este diagrama não será apresentado aqui em forma de imagem, pois todas as tentativas de o cartografar “visualmente” foram limitadas, uma vez que a sua imagem não poderia ser algo planejado e que não apresentasse movimentos.

A ideia desse diagrama é que ele indique forças que ao mesmo tempo cerque e perpassa os alunos, dê uma sensação de continuidade entre um entrevistado e outro, por exemplo, o movimento do **Medo** não passa por todos os entrevistados, mas é uma linha de força, sem começo, nem final, apenas atravessando.

DELEUZE (2008) em seu texto “Sobre a *Imagem-Movimento*” diz:

Creio que todas as imagens combinam diferentemente os mesmos elementos e os mesmo signos. Mas qualquer combinação não é possível a qualquer momento: para que um elemento seja desenvolvido são necessárias certas condições, senão ele fica atrofiado, ou vira secundário. (p.66)

Na falta da imagem-movimento do diagrama, optou-se por não colocar nenhum tipo de representação visual, já que poderia ocorrer dessa imagem ficar atrofiada ou ganhar um papel secundário e confuso na pesquisa. Ao invés disso, escolhe-se descrever a cartografia feita de cada um dos alunos entrevistados segundo os elementos que apareceram durante as suas narrativas.

Essa descrição será feita a partir da escolha de algumas marcas que apareceram com mais frequência, e foram identificados alguns movimentos em cada um dos entrevistados que serão trabalhados no capítulo IV.

Esses foram escolhidos a partir da ideia de sobreposição de diagramas na busca por elementos de conexão entre os alunos, então os movimentos que serão explicitados posteriormente são aqueles comuns a alguns dos pesquisados.

DELEUZE (2008) fala que muitas vezes em uma obra o autor passa por desvios cuja necessidade não se entende de imediato, mas, que é preciso tomar a obra por inteiro, segui-la e não julgá-la, captar suas estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la por inteiro.

3.2 MARIANO

[...] Fome! Mas há merenda. E eles repetem. É, repetem, três, quatro, cinco vezes quando dá e quando deixam. E não é o bastante? não, não é, se a gente passa o dia inteiro só de memória, lembrança e gosto no rango da escola. porque é só. nem antes, nem depois. resolva, professora, este problema: se lá em casa somos dez crianças de 0 a onze, pai, mãe e avó doente, pai biscateiro, mãe lavadeira, dá como, professora? comida, quando, pra quem, de que jeito? quem vai à escola, não come em casa. e na hora da mãe na mesa, o pouco de fubá, feijão - se ... - o melhor é a gente sair de fininho, vagabundear, trazer na cabeça memória e gosto da merenda na escola, enquanto a barriga ronca, fecha, pequena, dói quando falta água e não tem merenda e a mãe não acredita. que jeito? vigiar bem à espreita, aguardar com jeito, assaltar a panela. mas fubá mexido não nega nunca. e o couro canta. sabe como? imagina? (LACERDA, 2001, p.12)



Mariano, filho de Maria, mãe de Jesus? Quem olha por ele? Em casa são seis, mais três na casa do fundo. Pai e mãe desempregados, pai bêbado, mãe ex-contratada da prefeitura para frente de trabalho, que varre as ruas e praças, mas o serviço anda pouco, e a família é muita, então Mariano começou, nas férias, a trabalhar numa funilaria de carros na cidade.

Salário: R\$ 150,00 diz ele, e R\$ 100,00 fala a mãe. Meio período, para ficar fora da rua e não se envolver com as drogas, que já estão na família pelo primo que mora no fundo. Até que o salário não é ruim, e seria de grande valia para a família, diz a mãe, "...uma pena que o patrão do menino não paga ele a mais de dois meses...", e considerando que a entrevista foi feita em março, e ele começou a trabalhar em janeiro, ele recebeu apenas um mês pelo serviço.

Na escola, Mariano é descrito pelos professores e direção como aquele aluno que tem vontade, que se esforça, mas coitado, não dá conta de aprender. Ele sempre corre atrás de seu prejuízo. Pergunta, pergunta, pergunta, até que, muitas vezes, desiste e deixa para lá, que não dá jeito para isso mesmo.

É um menino baixo, franzino, dentes frontais proeminentes, vindo provavelmente pelo uso prolongado de chupeta, cabeça sempre raspada: “Evita piolho!”, diz ele. Suas roupas, não são “suas”, são ganhadas, doadas por parentes mais abastados e que colaboram com a família.

3.2.1 A FAMÍLIA

3.2.1.1 A família através do olhar de Mariano

Eu queria que você desenhasse para mim, como é a sua casa. Quem mora na sua casa?

Eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos.

Quantos irmãos você tem?

Cinco.

Você é o mais novo?

Não. Tem mais um novo... caçula. Ele “tá” estudando aqui de manhã.

É? Que série que ele está?

Terceira, ele tem quase a minha idade.

Que você?

É, ele estudava na APAE.

Ele tem algum problema?

“Pobrema”?! Não... tem dificuldade.

...²⁰

Como é sua casa?

“Véia”.

A casa é de vocês ou é alugada?

É do meu tio, agora a casa é nossa.

Como assim?

A casa é do meu tio, ele mora lá em Martinho Prado, aí faz três anos que ele não vem vê a casa, agora a casa passou “pro” nome nosso, se não vem vê a casa de “três” em “três” anos, a casa fica pra “nóis” é a nova lei.

É? É uma casa velha?

“Úhh”.

Quantos cômodos têm?

Seis.

²⁰ Alguns trechos foram subtraídos da entrevista original afim de melhor compreensão de cada vetor descrito individualmente.

Quais são?

Três quartos, sala, cozinha e banheiro.

Como que é sua casa por dentro?

Tudo sujo.

Sujo?

As “parede”.

Por que vocês não limpam?

Porque lá não tem como... se limpar suja tudo de novo.

É, por quê?

Porque é de barro o chão.

E dentro?

É de piso.

Você fala que ela é suja por fora?

Por fora e por dentro, porque meu pai guarda passarinho.

Seu pai guarda passarinho dentro de casa?

É, na verdade nem tem sala, lá é onde ele guarda os “passarinho”.

No lugar da sala é onde guarda passarinho? E o que tem lá onde guarda os passarinhos?

Tem “calopsita”, canarinho.

Tem sofá?

Tem não...

Tem televisão?

Só no quarto do meu pai.

Então na verdade vocês não têm sala, vocês têm um quarto onde se guardam os passarinhos?

Não é um quarto, é aberta a sala e fica de frente com o banheiro.

E por que os passarinhos ficam dentro de casa?

“Pros” “gato” não comer.

Como é seu quarto?

Eu não tenho quarto.

E onde você dorme?

Na beliche.

Mas em algum lugar fica o beliche, onde ele fica?

No quarto.

De quem?

Meu e dos meus “irmão”.

...

Então dorme você e ele neste quarto?

É, e tem mais uma beliche, dorme meu irmão que trabalha, outro que trabalha no negócio de fazer tanque, outro que trabalha na funelaria, e o meu irmãozinho que fica em casa “cá” minha mãe.

Você não falou que tem cinco irmãos? E o outro?

É menina.

Dorme onde?

É casada, “amigou”.

É bem mais velha que você?

É a mais velha da casa.

E depois no outro quarto dorme seu pai e sua mãe?

Não, separado.

Seu pai dorme num quarto, e sua mãe no outro?

É.

Então seu pai dorme sozinho, e sua mãe dorme sozinha?

É.

Por que eles dormem separados?

Não sei.

Não sabe?

“Faiz” tempo que eles “dorme” sozinho.

Com quem você mais conversa na sua casa?

Com meus primos.

Eles moram lá perto?

Moram no fundo.

Então, quantas pessoas moram no terreno?

Tem uma casinha de fundo, que mora meu tio, minha prima e meu primo, e a mulher dele é “separado” dele.

...

O que é isso?

Um vidro quebrado. “Tá” tudo quebrado lá... não tem nada bom em casa...

Por que está quebrado?

Porque meu pai brigava demais com minha mãe.

Eles brigavam por que, você sabe?

Que meu pai bebia demais.

E agora ele não bebe mais?

Beber, ele bebe, mas agora ele não enche o saco.

Por quê?

Porque se “enche” o saco a gente bate nele.

Você conversa com ele?

Ele é muito folgado.

Por quê?

“Qué” tudo na mão.

Ele pede as coisas para você?

Quer comida na mão, café no copo, água.

Mas ele fica como, deitado?

Deitado, sentado.

A televisão fica no quarto dele?

É.

...

Você assiste televisão na sua casa?

Assisto.

No quarto dele?

É.

Ele deixa?

Tem que deixar né, na minha casa não tem porta que divide os “quarto”, é tudo aberto. Tem uma porta aqui, uma aqui, aqui divide o terreno, aqui “pra” cima tem a casa do meu tio, tem uma horta, aqui tem um galinheiro, aqui é a “xujeira” na parede...

Desenha o galinheiro.

Não, só tem duas galinhas, um galo e dois pintinhos.

...

Na sua casa tem livro?

Tem.

Onde?

“Espaiado” pela casa, embaixo da minha cama.

Embaixo da sua cama?

É onde eu guardo os livros, não os da escola, guardo lá os livros que eu ganho da escola.

Você já leu os livros que você ganhou?

Eu leio de vez em quando, quando eu tenho tempo, agora eu não tenho “mai” tempo.

...

Alguém lê na sua casa?

Pra mim?

Não, pega um livro e lê, sua mãe sabe ler?

Sabe.

E seu pai?

Não sei não... meu pai acho que não.

Você acha que não?

Meu pai, lê ele sabe, mas ele pergunta às vezes, só quando está “beldo”...

...

Os vidros são todos quebrados?

Só tem um que “tá bão”, que “tá” inteiro...

E não chove dentro?

Tem um “monti” de goteira.

Pelos vidros não chove?

Não, nos “vidro” minha mãe põe... tem vidro que “tá bão” né, aí põe uma cortina “pra” não “moiá”, aí no meu quarto tem uma janela tudo rebentada, tudo quebrada, pega uma madeira lá e põe, e não chove não.

...

Você quer colocar alguma cor aqui no desenho?

Não. Aqui é a casinha “véia”... casa “véia” é casa “véia” né...



Agora responde para mim: Você costuma estudar na sua casa?

Não.

Não?

Não.

Em lugar nenhum?

Em lugar nenhum.

Você não estuda de jeito nenhum?

Não, difícil.

Nenhum dia?

Quando dá tempo eu vejo as coisas, matéria que “tá” faltando, lição.

Tem algum lugar na sua casa que é apropriado, tem alguma mesa...

Tem, única mesa que tem lá é a da cozinha, que “tá” quebrada.

Está quebrada em cima ou a perna?

“Tá” quebrada, quebrada o “negocinho”.

Mas, dá pra você estudar? Você já estudou nessa mesa?

Não, que tem “óio”...

Tem o quê?

“Óio”, sal.

Ah, no cantinho da mesa.

É, tem duas “mesa”, uma com a bagunça, com um “monti” de coisa do meu pai, tem uma mesinha, e tem o negócio de colocar comida, o armário, e tem um espacinho, é difícil de eu ficar lá. Aí eu pego sento na minha cama e faço.

Você estuda na sua cama? E quando você tem lição de casa, onde você faz?

Não tem lugar “pra” fazer, é “pá” rua, dentro de casa, na esquina.

Você leva a lição para fazer na esquina?

Tem hora que eu levo, não tem nada “pra” fazer, fica dentro de casa com “baruieira”.

Por que tem barulho na sua casa?

É briga de cachorro “pra” lá, é briga de gato pra cá, é barulho, é xingamento.

Quem xinga?

Minha mãe que é “bocuda”.

Mas, xinga quem?

Eu, meus irmãos, tudo “bocado”.

Então você prefere ficar na esquina?

Na esquina, eu fico lá, me divirto, eu saio “pra” fora fico sentado lá encostado no poste.

Lá é mais sossegado do que dentro de casa?

É.

Então desenha a esquina que você estuda.

Ah, não tem esquina, tem a porta aqui assim, o portãozinho, nossa! Dá até vergonha de falar do portão, o portão “tá” caindo aos pedaços.

Fora de casa é mais sossegado?

Sossegado não é, “mai” dá pra fazer lição lá, quando eu tenho tempo eu faço em casa, quando “tá” chovendo. Eu sento de “bera” com o muro. Aqui tem um portão “véio” que quebrou, só tem um pedaço também.

Você gosta de onde você mora?

Eu gosto, não tem que ter vergonha, porque um dia vai melhorar né.

Tem que pensar assim.

Pode não ser agora, “mai” no futuro ninguém sabe, se eu vou ser um biólogo, engenheiro, alguma coisa. Aqui tem um portãozinho pau, tudo quebrado, caindo aos “pedaço”, se você olhar da esquina e perguntar qual é a casa, vai ver que é tudo quebrado, a casa é toda arreventada, muro tudo pichado, aí divide a casa aqui assim, aí tem a casa do vizinho.

E onde você fica?

Aqui, nesse pedacinho aqui.



“Perái” que ficou feio, vou fazer outro.



...

Vocês não têm onde sentar na sua casa?

Não.

Nem para comer?

Comer, é no chão. O único sofazinho que tem em casa é no quarto do meu pai, que só cabe uma pessoa.

Sua mãe faz a comida, e aí vocês comem onde?

Fica tudo espalhado. Minha mãe põe comida pra mim, e vou lá...

Vai lá onde?

No sofazinho, brigo com meus "irmão" "pra" mim sentar, fico xingando eles pra eles sair.

...

Seu pai lê alguma coisa?

Lê nada, só lê se vim carta "pra" ele, e se "vim" é de juiz.

De juiz? Como assim?

Meu pai tem um "fio" com outra "muité". Ele paga pensão.

Ele tem mais filho além dos cinco?

Tem mais um.

Você o conhece?

Não, a mãe dele não deixa ele "vim" pra cá.

Por quê?

Não sei.

Ele não é daqui?

Ele é daqui, mas a mãe dele não deixa.

Sua mãe também não pega nada para ler?

Ela pega aqueles papel de mercado.

Aqueles folhetinhos de supermercado?

É.

O que ela gosta de ver?

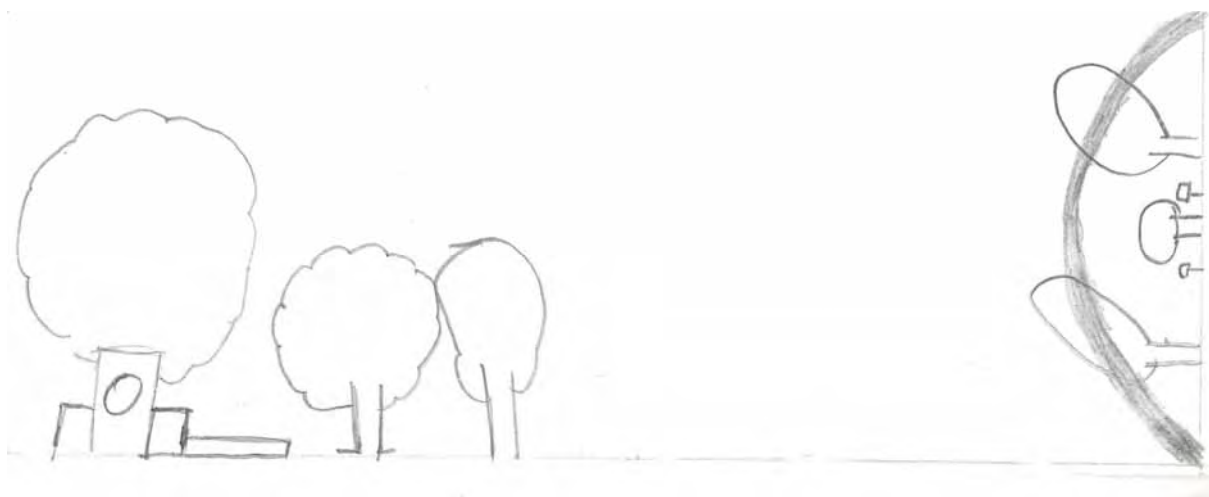
Os preços, “pra” ver se “tá” caro, “pra” ver se não “tá”.

E seus irmãos lêem?

Que eu vejo não. Perto de casa tem um campinho lá que ninguém joga.

E onde você está?

Eu fico “pra” cá, assim, aí tem aqui as árvores, tem uma esquina lá na frente, onde tem a pracinha.



Na sua casa tem jornal?

Não, na minha casa não tem nada não.

...

3.2.1.2 A família através do olhar da mãe

Ele ajuda no serviço de casa?

Ele não gosta muito, ele gosta de ficar na rua.

Ele não gosta de ajudar em casa?

Não.

Ele não tem nenhum trabalho, como arrumar o quarto, lavar a louça?

Não.

Nada?

Nada, ninguém gosta de nada.

Quando ele está recebendo, ele contribui financeiramente na família? Ele tem uma conta que é dele?

Ajuda.

Ajuda?

Um pouquinho, cem reais né?

O que ele recebe ele dá para senhora ou ele fica com um pouco?

Ele divide meio a meio, cinqüenta ou sessenta pra ele, e cinqüenta pra mim. “Bão” memo era ele entrar “pro” CAMP²¹, “mai” aí é enrolado, porque tem que fazer prova, e não passa.

Quantos filhos a senhora tem?

Com tudo é cinco, o David é o ultimo, quatro homem e só a Débora de mulher, só que a Débora mais velha já casou, se “amigou”, e não mora mais comigo, agora tem quatro homem só Mariano, David, Douglas e o Diego.

...

Ele costuma estudar em casa?

Então agora que ele “tá” trabalhando não dá tempo.

A noite ele também não estuda?

Depois ele vai pra igreja.

Ele vai à igreja todos os dias?

Não, ele vai terça, quarta, sábado e domingo. Aí depois ele dorme de cansado.

Ele chega que horário em casa?

Chega quase seis horas (18h).

Depois que ele chega o que costuma fazer?

Ele vai assistir televisão, depois ele vai pra igreja, toma banho e dorme, que ele vai na escola cedinho.

A senhora também vai à igreja ou ele vai sozinho?

Ele vai com a “muié” perto de casa, às vezes ele vai sozinho que ele sabe o caminho também.

A senhora não gosta de frequentar a igreja que ele vai ou...

Meu coração não se tocou ainda, ele e Diego vai na igreja, o Diego vai em outra. Quem sabe um dia a gente vai ainda...

Ele toma conta de algum irmão ou não?

Não, só tem David.

²¹ O CAMP é uma instituição para auxiliar no primeiro emprego.

...

O que ele mais gosta de fazer quando ele não está na escola?

Quando ele não “tá” na escola, ele “tá” “trabalhando”.

Mas o que ele gosta de fazer?

Gosta de ficar brigando com o David, ficar fazendo bagunça em casa.

Ele tem alguma dificuldade de relacionamento em casa? Com a senhora, o marido da senhora, se briga muito...

Ele é arteiro, só falta matar o David.

Por que eles brigam tanto?

Não sei.

A senhora não sabe por que eles brigam?

Por qualquer coisa, por causa de uma roupa, um ‘carçado’ eles brigam. São tudo “esquisito”.

...

Tem um sobrinho da senhora, que mora junto?

É.

Mora a senhora...

Depois tem meu cunhado que largou da mulher dele, tem a Jéssica, e o Rodolfo, que “tá” esperando uma vaga na escola também, fica mexendo com porcaria.

Tem duas casas lá onde a senhora mora?

Uma na frente e uma no fundo.

Na casa da frente quem mora?

Eu, e na do fundo meu cunhado.

Na casa da frente moram a senhora, o Mariano...

O David, o Douglas, o Diego, e o pai deles.

No fundo quem mora?

Meu cunhado, que “tá” internado, ele “tá” doente, mora ele, o Rodolfo e a Jéssica.

Esse Rodolfo tem problemas com drogas?

Ele fica mexendo com porcaria né?!

O Mariano o vê fazendo alguma coisa errada?

É sobrinho, né? Mora no fundo, né?

A senhora fica com medo?

Os meus filhos não mexe, graças a Deus né?

Graças a Deus. A senhora acha que tem algum fato na vida do Mariano que contribuiu com a dificuldade dele? Como, alguma coisa que aconteceu na gravidez da senhora, alguma coisa triste que aconteceu na vida dele, algum trauma que a senhora consegue me dizer que o atrapalhou?

Em casa é tudo revoltado, sei lá eu.

A senhora acha que todos filhos da senhora são revoltados?

Acho, são tudo revoltado, sei lá eu, né?

A senhora não sabe me dizer?

Acho que eles queriam ter bastante coisa e não têm, não têm serviço digno pra eles trabalhar também.

A senhora trabalha fora?

Não, eu “tava” trabalhando, mas acabou o contrato.

A senhora trabalhava onde?

Na frente de trabalho²².

E o marido da senhora trabalha?

Trabalhava também.

O Mariano toma, ou já tomou algum tipo de remédio constante?

Não.

Nem quando criança?

Não, o David tomou, mas o Mariano não.

O que ele tomava?

Não lembro o nome do remédio, que ele estudava na APAE.

Agora ele está aqui?

Faz dois anos.

Ele já frequentou algum psicólogo?

Não, o Mariano não foi no psicólogo.

...

A senhora é alfabetizada? A senhora sabe ler e escrever?

Eu sei “malemá”, lê eu sei, não muito.

E o marido da senhora?

Não muito.

Até que série a senhora estudou?

²² A prefeitura contrata por período temporário as pessoas para serviços de limpeza das ruas e praças da cidade.

Até a terceira.

E o marido da senhora?

Não sei.

Na casa da senhora tem livro, revista, jornal, as crianças costumam ler?

Eles lê mais bíblia, que eles são crente né? O Mariano e o Diego.

Eles gostam de ler a bíblia?

Que eles são crente, né.

A senhora lê ou não?

Não tenho paciência.

O marido da senhora também não?

Não.

Na casa da senhora tem algum lugar que as crianças costumam sentar para fazer lição, estudar ou não?

(Silêncio, nega com a cabeça.)

Eles fazem lição de casa ou a senhora não vê?

Fazem.

...

A senhora vê se ele tem lição de casa ou não?

Não.

A senhora vê os cadernos deles, o material?

Vejo, rapidinho quando eles “tão” lendo.

A senhora poderia desenhar aqui para mim, como que a senhora vê o Mariano?

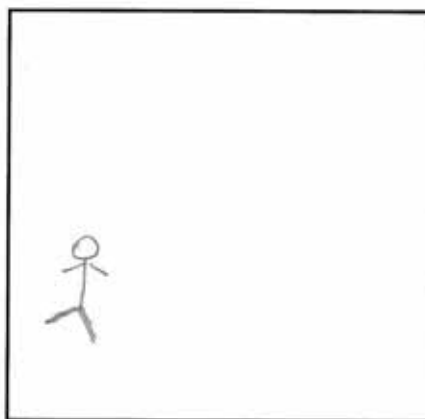
Fazer ele de novo?

É do jeito que a senhora...

Fazer como?

Do jeito que a senhora vê o Mariano, como que a senhora desenharia ele?

Como que eu desenhei ele aquela hora? Vai assim “memo”, vai errado “memo”.



3.2.2 A ESCOLA

3.2.2.1 A escola através do olhar de Mariano

Então vamos começar? Você já estudou em outras escolas? Só aqui?

Só.

Desde a primeira série? Se eu falasse para você assim: como que é esta escola? Como você desenharia a escola para mim?

Desenharia ela como... Expectativa boa.

É? Mas, a escola?

Lugar bom, de convívio com as pessoas, tem amigos “pra” conversar, discutir os “debate”, falar das coisas.

É? Então desenha a escola para mim.

A escola inteira?

Do jeito que você quiser, o pedaço que você quiser. Você não precisa se preocupar em desenhar certinho, em desenhar bonito, em não errar, se você quiser, eu pego outra folha.

Desde a 1^a série você estuda aqui? Você mora aqui pertinho?

Eu moro aqui em cima.

Você reprovou a 5^a série?

Só a 5^a.

Que parte é essa da escola?

É a frente.

O que você mais gosta da escola?

Não tem as “coisa” que eu mais gosto da escola, tudo eu gosto.

Não tem nada de que você não goste?

A diretoria.

Quando mandam você para a diretoria você não gosta?

(Responde “não” com a cabeça.)

Ninguém gosta, né? O que você acha mais difícil na escola?

Ah, nada é impossível professora.

Não, nada é impossível. Mas em que você sente mais dificuldade aqui?

Ah, de prestar atenção.

De se concentrar?

É.

Por que você acha?

Porque eu “tô” com dificuldade, porque eu não presto atenção.

Você acha que você não presta atenção porque você tem dificuldade, ou você tem dificuldade porque você não presta atenção?

Ah, é que eu converso demais, né.

Sempre foi assim?

A 2ª foi pior.

A 2ª série?

É.

Por quê?

Na 2ª série eu não fazia nada.

Na 2ª série? Por quê?

Não sei também.

Não? O que acontecia naquela época?

Era muito difícil pra mim, porque eu não sabia as “coisa”.

Na 1ª série você sabia?

Na 1ª eu sabia, começava a fazer as “coisa”. Na 2ª começaram a debochar de mim, né.

Por quê?

Porque eu não fazia as “coisa” certa.

Quem debochava?

Os “aluno”, né?

O que você sentia?

Sentia triste, sentia que eu não podia fazer nada, que eu não “ia” ser “mai” que ninguém...

Você se sente assim ainda?

Sentir assim eu não sinto mais, né, “mai” tem hora que é ruim.

É? Não tem nenhuma hora na escola que você fala assim: esta hora é a de que eu gosto mais?

A aula de Matemática e Português.

É?

Eu não falo, “mai” não sou muito bom nas duas, “mai” eu presto “mai” atenção nas duas só.

Do que você gosta menos?

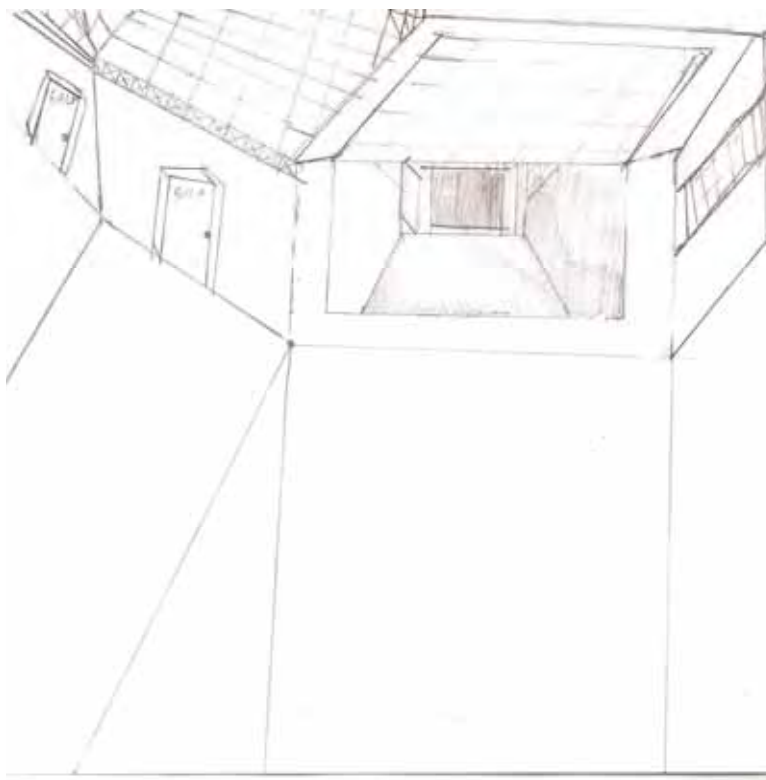
Ciências que eu não sou muito bom.

Explica para mim o que é isto aqui.

É a entrada nova que fizeram aqui... no fundo, isso aqui é a frente dela, aqui começa a fazer os “vitro” subindo a rampa “pra” cá...

Você fala a entrada nova aqui? Deste corredor aqui?

É. Aí começa a fazer esse negócio de ventilação aqui, aqueles “quadrado”, e começa puxando as sala aqui.



Você já frequentou o reforço, certo? De Matemática e de Português?

É... só ano passado que eu não fui de Matemática.

O que você achava do reforço?

Achava que eu tinha que aprender mais, né? Prestar mais atenção.

Mas você achava o reforço bom ou ruim...

Hora que você achava ruim, tinha hora que achava bom.

Que hora que você achava bom?

Achava bom quando você começa aprender as “coisa” que você não sabia.

E que hora você achava ruim?

As “coisa” que você tinha que fazer e você não sabia.

E o que você aprendia no reforço?

Aprendia a mexer com cubo, com cálculo...

Cubo?

É.

Aquele material dourado?

Aqueles “quadradozinho”.

Ano passado você frequentou o reforço o ano todo? Você já foi ao CEACRI?

CEACRI, não.

Você se sentia mal em fazer o reforço?

Não.

Não? Quando você reprovou a 5ª série, o que você achou?

Eu achei ruim né, todo mundo “passaram” na minha frente.

O que você sentiu?

Eu senti um desgosto... de não “vir” mais na escola...

Não queria vir mais?

Não, todo mundo na minha frente e eu só aqui.

E quando a professora passa a lição, que você tem dificuldade de fazer, você se sente tão mal quanto ter reprovado ou não? O que é pior?

O pior é ficar com a lição sem ter feito, você sabe, mas no dia certo você não prestou atenção pra fazer.

Tem algum momento aqui na escola, que tenha acontecido algo com você, que você acha que foi importante, que você queira me contar?

Importante não tem nada, importante é que eu quero melhorar...

Ano passado você disse para mim que você poderia ir para FAG (*Escola estadual conhecida na cidade pelos alunos violentos*), estudar à noite, você desistiu da ideia?

Não tinha vaga, se tivesse eu ia, que meu irmão e meus “primo” estudam lá. Tem um primo meu que parou de estudar, e agora “tá” lá.

Seu primo que parou de estudar e agora voltou está lá? Você preferiu ficar aqui?

É.

Você acha melhor?

É, que lá é ruim.

O que tem lá?

Lá tem muito bandido, né?

Como você sabe?

Porque meu irmão convive por lá, né? Ele fala as “coisa”, tem policial que fica dentro da sala de aula.

Você tem medo?

De policial não tenho medo não, tem que ter vergonha, né?

E você tem medo dos bandidos?

Não, porque eu conheço a maioria.

Sério? E o que esses bandidos fazem?

Ah, bandido não faz nada professora, eles vendem droga. Lá na FAG, não tem ordem, qualquer coisinha é motivo de briga.

Ah, é? E de onde você conhece essas pessoas?

É que meu irmão fala.

Mas, você só conhece essas pessoas de ouvir falar?

Ouvir falar e ver, tem gente que vende droga, mas são gente boa.

Gente boa? Como assim?

Eles vendem, faz essas coisas, e não arrumam briga nada, vai “pra” escola normal, só vende quando vai embora.

Você acha normal?

Normal não é, “mai” é destino de cada um.

Já te ofereceram droga?

Já, “mai” eu não aceito não.

O que você fala?

Eu não quero. Meu primo, ele fuma, né?

Fuma o quê?

Maconha.

Seu primo que estuda lá?

É, que começou a estudar agora.

Quantos anos têm o seu irmão que estuda lá?

Vai fazer dezenove.

Ele já usou droga?

Já.

Usa ainda ou não?

Não, parou, não usa mais não, só usou uma vez.

Como que você sabe?

Minha mãe que conta.

Fale mais da escola, da 1ª série, 2ª...

A 3ª série foi a “maior” boa que eu estudei.

É? Por quê?

Porque tinha uma professora aqui que fazia de tudo “pra” mim aprender.

Quem é?

Não lembro o nome dela.

Ela fazia de tudo para você aprender? O que ela fazia?

Fazia eu “vim” “pra” escola aprender um pouco mais, falava “pros” outros sentar comigo “pra” mim aprender.

E com você, como que ela era?

Era como uma amiga. Ela fazia tudo “pra” mim aprender.

Essa foi a série de que você mais gostou, entre todas?

É, na 4ª série eu comecei aprender mais um pouco, mais as “coisa”, esse dois anos seguidos que foi...

Os melhores?

É.

Depois entrou na 5ª, como foi?

A 5ª eu não fazia nada, não entendia, não conseguia fazer.

Na 5ª série você reprovou e fez de novo, como foi?

Ah, eu fiz de consciência limpa, que eu repeti porque eu tinha que “repeti” mesmo, aí eu fiz a 5ª e passei em todas as matérias.

Agora esse ano, pretendo fazer todos os vestibulinhos²³.

E onde você quer prestar?

No Mogi... não sei o nome...e no outro negócio lá... não sei o nome também... lá na cidade da UNIP...

Quer colocar mais alguma coisa?

²³ “Vestibulinhos” é o nome popular dado a provas que alguns cursos de ensino médio público e particular oferecem aos alunos que estão saindo do ensino fundamental.

Quero ver o que “ta” faltando.

Ano que vem você quer estudar onde?

Em qualquer escola que seja boa... mas a escola que eu vou ter que ir vai ser a FAG, que é a mais perto da minha casa.

Mas você não falou que vai fazer os vestibulinhos em Mogi?

É, se eu passar, eu vou continuar fazendo.

Em julho agora eu vou fazer o SENAI.

Vai?

Eu vou fazer curso de engenheiro mecânico, e outro, eu pretendo fazer três cursos, um curso que eu quero fazer é o biólogo.

Por quê?

Eu gosto de mexer com animal, porque eu gosto, né? Com mar... Quando eu vejo na televisão dá dó, né?

...

3.2.2.2 A escola através do olhar da mãe

Esse negócio de pesquisa é sobre a escola mesmo, como que é?

É para uma pesquisa que eu estou realizando, então não tem a ver com a escola, tem a ver com os alunos, com suas dificuldades. O que a gente conversar aqui, vai ficar aqui mesmo, tudo bem?

O Mariano não tem, né? Ele repetiu um ano só, como assim?

É dificuldade de aprendizagem.

Ele repetiu um ano, ele vai fazer quinze anos. Agora esse aqui, que “tá” aqui fora esse tem, estudou na APAE, né?

Quantos anos a senhora têm?

Eu “tô” com quarenta e dois.

A senhora nasceu aqui mesmo?

Não, em Pinhal.

Quais são as dificuldades que a senhora consegue ver no Mariano com relação à aprendizagem dele?

Agora eu não sei.

Com relação à Matemática a senhora sabe me dizer as dificuldades que ele tem?

Ele não fala essas coisas, ele faz lição, agora não sei, né, as dificuldades eu não sei.

Ele trabalha fora todo dia?

Não, ele “tava” fazendo um ‘bico’ lá com um “homi”, mas o “homi” faz dois “mês” que não paga o moleque, mas ele sai da rua, que ele não fica mexendo na rua, mas o “homi” não paga ele também, eu conversei com o “homi” de pagar cem reais pra ele por mês, é mixaria, mas “tá” bom, é melhor que ele ficar na rua mexendo com porcaria, só que o “homi” fica enrolando pra pagar ele.

E a senhora já foi conversar com ele?

Eu tenho que ir lá conversar com ele, “mai” o Mariano não quer que eu “vô” “mai” tem que ir, né? Não “tá” certo.

Tem que ir porque ele está trabalhando e não está recebendo, está errado, não é?

Nem que for pouquinho, tem que receber, né? Que ele “tá indo” lá todo dia. “Mai” vai que eu “vô” e ele manda o moleque embora, aí “cumprica” porque aí ele vai “fica” “pá” rua, né?

Ele está indo todo dia e não está recebendo?

Todo dia, mês passado ele pagou metade, agora dia vinte ele precisa pagar o resto, ele fica enrolando. Agora eu não sei se eu vou lá, capaz dele mandar o moleque embora, aí ele fica pra rua, ele mexe com coisa de carro, pintar carro, aprende, né? Não sei o que eu preciso fazer.

...

Se eu pedisse para senhora desenhar aqui para mim, um desenho bem simples mesmo, de como a senhora vê a escola, como que a senhora desenharia para mim?

Agora você complicou eu. Qualquer coisa?

Que a escola tem árvore, um “monti” de coisa.

Pode desenhar.

Árvore também pode?

Pode.

Pode fazer a escola como uma casa, não pode?

Pode, pode ser.

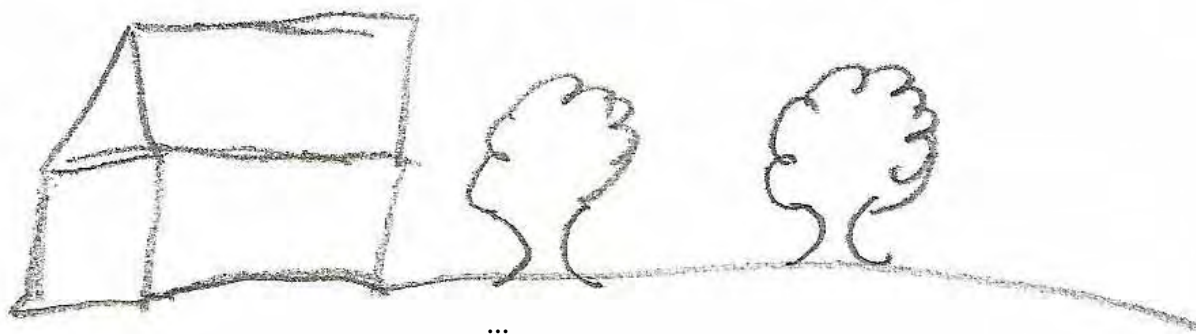
Eu desenho “malemá”, mas a escola vai ficar errada não faz mal, né?

Do jeito que a senhora enxerga a escola.

Só que eu não sei fazer direitinho. Ficou torta, não faz mal, né? “Tá” horrível tem que fazer mais?

Do jeito que a senhora quiser.

Acho que “tá” bom só duas coisas.



...

A senhora poderia desenhar para mim como que é o dia do Mariano, quando ele não está na escola, ele está na oficina? A senhora já foi ver como ele trabalha?

Não.

É só o que a senhora ouviu ele dizer?

Eu não vi não.

A senhora poderia desenhar ele para mim no trabalho dele?

Eu não sei desenhar.

Desenha do jeito que a senhora conseguir, como a senhora acha que ele trabalha.

Não sei desenhar um carro, que ele lixa carro.

Tenta desenhar, se a senhora não conseguir a gente vê.

Tem que fazer o Mariano...

Ele vinha fazer o reforço na escola?

Vinha, todo ano ele fazia reforço.

A senhora achava que era bom, que ele melhorava?

Ele passou de ano, né? Mas esse ano não dá certo, ele "tá" trabalhando. Eu não sei fazer o carro não.

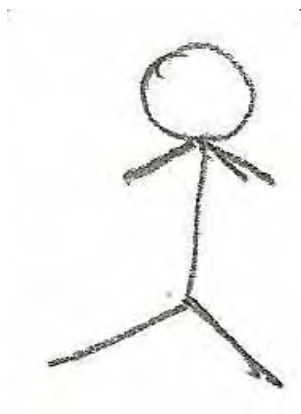
A senhora não sabe?

Não consigo desenhar não. O carro não consegui desenhar.

Ele faz algum tipo de atividade fora do horário de aula? Algum curso...

Não.

...



3.2.3 A MATEMÁTICA

3.2.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Mariano

Conta para mim, como que é a aula de Matemática para você?

Ano passado a aula de Matemática era boa, agora em todas as aulas eu falo tudo.

Ano passado era boa?

É ano passado, agora todo mundo “tá” me achando diferente, eu “tô” falando mais, me interagindo com a sala.

O que teve de diferente ano passado?

Ano passado foi diferente, porque ano passado eu comecei a pegar “mai” firme na escola, mostrar que tenho capacidade e consegui. Esse ano eu pretendo passar de ano “pra” fazer os vestibulinhos.

Ano passado o que teve de bom na aula de Matemática?

As regras de ‘x’ que eu queria aprender.

Este ano você está usando o que você aprendeu?

“Tô”, eu não sei as “coisa” direito, tem hora que eu não lembro, não sai da cabeça.

Você está participando das aulas?

“Tô”, agora esse ano tem que participar mais, né?

E essa vontade sua de participar, você acha que começou do quê?

Da força de vontade, eu prometi “pra” mim mesmo que esse ano eu vou me esforçar bem mais do que eu me esforcei ano passado, bem mais, esse ano não pode dar moleza senão repete, “mai” esse ano eu não vou repetir não.

Esse ano a professora fala, e se você perguntar, ela fala de novo e explica, essa sala que eu cai esse ano “tá” me deixando muito triste, todo muito fica dando risada da Aninha e do

Léo, eu já discuti com todo mundo, porque eles ficam rindo das pessoas que têm dificuldade, as pessoas que estudavam ano passado comigo, que sabe que eles têm dificuldade, não ri deles.

O pessoal do ano passado não?

Não, nenhum, já sabia que ele tinha dificuldade. O Léo, pelo jeito, ele ficou triste. A Aninha tem interesse nas aulas.

Você quer desenhar mais alguma coisa aqui?

É, eu vou desenhar ainda, terminar. (Continua desenhando e falando.)

O que é isso?

Você vai “vê”.

Você conversa com a Aninha?

Com a Aninha é com quem eu mais converso, a Aninha pode ter dificuldade, “mai” pelo tamanho dela, pela força de vontade... é enorme, ela sim tem força de vontade de aprender, ela não sabe e quer aprender. “Mai” ninguém acha isso dela. Esse ano todo mundo acha que eu vou “repeti”.

Você acha?

Os “outro” acha.

Os outros acham. E você?

Eu não acho não.

Eu também acho que não. Eu acredito em você.

Se eu “repeti” vai ser porque eu não “sabe” as coisas ou não aprender. Quando eu pego “pra” fazer uma coisa eu faço certinho, certinho. Certinho eu não faço, “mai” tem que fazer... chegar perto...

...

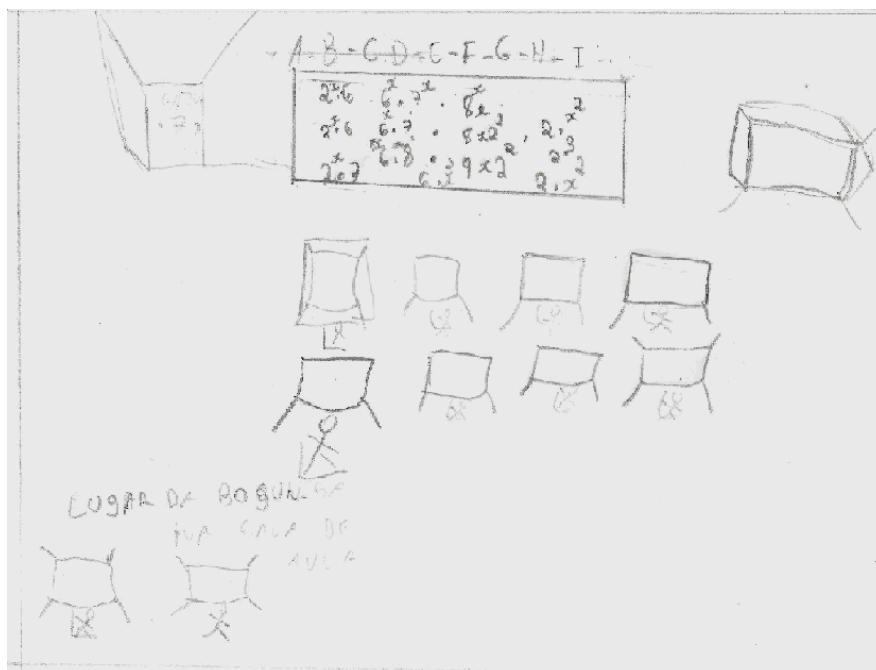
Eu queria que você desenhasse, como que é a aula de Matemática para você.

Nossa, desenhar hein, a aula de Matemática!

É, como é a aula para você.

A aula “pra” mim. Eu tenho prestado atenção na aula, bem mais, porque agora começou as coisas que eu queria, mexer com coisas de geometria, medi a altitude, mexer com cálculos, está falando sobre um pouco de mexer com biologia, e essa parte eu quero aprender mais, que eu quero ser biólogo.

Eu vou fazer a lousa.



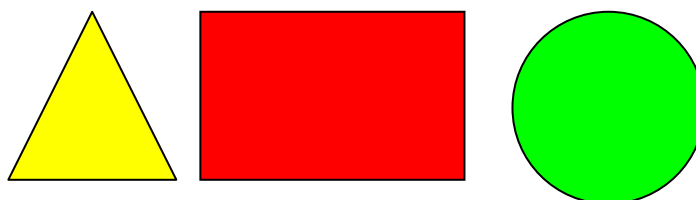
3.2.3.2 A entrevista baseada no espelho

Você pode me dizer o nome dessas figuras aqui?

Esse aqui é o triângulo, esse eu não lembro.

E essa?

Círculo.



...

Antes você costumava ter dificuldade em contas, problemas, na 1ª série, 2ª, sempre teve?

Sempre.

O que você lembra para falar?

Eu não fazia as contas, não sabia como fazia.

Somar, subtrair...

Fazia as mais "fácil".

Atualmente, qual dificuldade você tem em Matemática?

Nas perguntas que faz eu não sei.

Você sabe me dizer o que você está vendo em Matemática?

Potenciação, desses "tipo" assim.

Então faz para mim aí, um exemplo do que você está vendo.

Isso aqui professora.

$$\left[(8)^3 \cdot 4^2 \right] = (8^3)^2 \cdot 4^2 \\ = (8^6) \cdot 4^2$$

Isso é o que você está vendo?

É.

Você pode fazer essas continhas para mim?

c) $237 + 131 =$

d) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

Handwritten solutions for the arithmetic problems:

- For $237 + 131$:
$$\begin{array}{r} 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$
- For $296 - 184$:
$$\begin{array}{r} 296 \\ - 184 \\ \hline 112 \end{array}$$
- For 53×4 :
$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$
- For $612 : 3$:
$$\begin{array}{r} 612 \overline{) 612} \\ \underline{612} \\ 00 \end{array}$$

(Silêncio de 11 minutos para resolver.)

Desde quando você tem dificuldade em Matemática que você lembra?

Da 1ª série.

Você frequentou reforço durante quanto tempo?

Desde a 1ª série. 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, e ano passado.

Ano passado tinha reforço também?

Mas, não de Matemática.

Do que era?

Português.

...

Você pode dizer para mim o que você entendeu destes dois problemas aqui?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

Que são 600 cobertores, que serão distribuídos igualmente entre três orfanatos... É Vinte e quatro, deixa eu ver.

Faz a continha, você acha que é vinte e quatro?

Eu acho que é, dividido por três seis... Vinte e quatro cobertores.

$$\begin{array}{r} 612 \mid 3 \\ \underline{6} \\ 0 \\ \underline{0} \\ 0 \\ \underline{0} \\ 00 \end{array}$$

E este aqui?

Quatrocentos e oitenta e três.

Pode pôr aqui.

Eu acho que "tá" errado.

Você acha que está errado?

Tem que somar mais 87... Num deu 1.930, aqui tira 1.000, então vou ter que fazer... Aqui eu cortei o zero, e cortei aqui o um, e pus aqui. Eu tirei 85, depois... Se eu tirar 85 do saldo que ele tem... Aí tem que empresta, deu 129, não sei o que deu errado.

Aqui professora, eu tirei 85 daqui e deu 390. Aqui passou, então eu vou ter que tirar aqui. O saldo dela é de 479. Aí eu vou ter que tirar 87, aí vai dar o tanto que sobrou, ela tinha 392.

Então escreve aqui.

Deu 497, aí eu tirei 87...

Você está falando para mim que este valor não é o certo?

Eu acho que não, deve ser esse valor.

Este valor 392, você acha que não é o certo?

Eu acho que não, não sei se é o certo, eu "tô" em dúvida.

Está em dúvida por quê?

Que deu 479, e eu tirei o que deu 392 que o saldo é o que ela tinha.

Então é isso?

Deu certo sim professora, aqui eu somei deu 409 e eu tirei 87 que deu 392, depois eu tirei deu 257, e somei mais 87 deu 244 o saldo.

Então vamos fazer o seguinte, faz essa continha que você fez aqui nesta folha em branco.

(Depois de 33 minutos, ele resolveu o segundo problema.)

"Demoro mais" eu fiz.

RETIROS R\$ 135,00
DEPÓSITOS R\$ 87,00
SALDO R\$ 344

$$\begin{array}{r} 109 \\ + 87 \\ \hline 196 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 409 \\ - 87 \\ \hline 322 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 344 \\ - 98 \\ \hline 246 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 344 \\ + 135 \\ \hline 479 \\ - 87 \\ \hline 392 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 344 \\ + 135 \\ \hline 479 \\ - 87 \\ \hline 392 \end{array}$$

Ela tinha R\$ 392,00

Mariano, nesta folha você pode dizer o nome dessas figuras? (*Repetindo a mesma sequência de figuras.*)

Triângulo, paralelepípedo, esse aqui é o círculo, não é?

Nesta folha aqui, você pode fazer essas continhas aqui?

De novo?

(Mais quinze minutos.)

A)
$$\begin{array}{r} 237 \\ 131 \\ \hline 368 \end{array} + \left\{ \right.$$

B)
$$\begin{array}{r} 296 \\ 184 \\ \hline 112 \end{array} \left. \right\}$$

C)
$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \overline{) 3} \\ 61 \overline{) 12} \\ \underline{012} \\ 12 \\ \underline{00} \end{array}$$

3.2.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.2.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Mariano

Seus irmãos trabalham, e ajudam em casa?

Ajuda.

E você agora está trabalhando? Onde você está trabalhando?

Na funilaria, perto do SESI.

O que você faz na funilaria?

De tudo um pouco, mexe com carro, desmonto, lixo, monto, quebro as "coisa".

E quanto você recebe?

Cento e cinquenta por mês, porque eu não posso, eu sou "de menor", aí eu recebo por dia.

Você trabalha em que horário?

Antes de eu estudar, eu trabalhava das 8h até as 17h (Nas férias.).

E agora que você está estudando, que horas que você trabalha?

Da 13h10 até 17h30, 18h, não tem hora pra sair, hora que terminar o serviço, eu saio.

E você está gostando?

“Tô”, pega experiência, né?

...

Mas, à noite?

É a noite, aí eu saio do serviço, troco de roupa, e vou jogar, lá “pra” umas sete ou oito horas eu volto pra casa.

Aí você janta?

Não, a gente janta só às nove horas.

Por que às nove?

Porque é mania, que eu vou “pra” igreja às nove e meia.

Todo dia você vai para igreja?

Não, eu vou de quarta, quinta, sábado e domingo. Se você quiser ir você está convidada.

Mais alguém da sua casa vai à igreja?

Meu irmão vai em outra igreja.

E por que você vai sozinho?

Porque meu vizinho convidou.

Você gosta de ir?

Eu comecei a ir, e não sei o que deu de mim, que dá mais vontade de ir.

E o que você sente lá?

Energia boa, né? Deus vem lá e fala com a gente.

O que Ele falou para você?

Deus falou que vai mudar a minha vida, que eu vou virar um pastor.

É exatamente isso que eu vou perguntar para você agora, olha, são duas coisas que parecem iguais, mas podem não ser: como que você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que ele fosse?

Tem que desenhar?

Pode falar para mim, depois você desenha.

O pastor falou pra mim que Deus disse pra ele que eu vou ser um pastor. Se eu virar um pastor, eu não vou largar. Se Deus não permitir que eu seja um pastor, eu vou fazer faculdade de engenharia mecânica e engenharia civil. Aí quando eu tiver mais velho, já tiver ganhado um dinheiro, eu vou tirar uma casa pra minha mãe com móveis tudo dentro, e vou morar com ela até eu tirar uma casa pra mim. Aí se eu tiver um filho, vou colocar o dinheiro que sobrar no banco, pra ele fazer faculdade.

Seu sonho então é ajudar sua mãe?

É.

Então desenha para mim, alguma coisa de tudo isso que você falou. E você acha que vai ser assim?

Eu acho que vai ser assim.

Que bom eu também acho.

Se não for agora, eu vou tentar, tentar, até conseguir.

Hoje você vai à igreja?

Não só quarta.

E a vizinha leva você?

Não, quando ela vai, eu vou. Eu quero dar uma casa de dois “andar” “pra” minha mãe, que ela pode viver sossegada. (Ficou em silêncio desenhando a casa.)



Minha irmã fala que eu vou ser o mais trabalhador lá de casa, porque sabe que eu tenho força de vontade, aí ela fala assim que vai fazer de tudo pra eu conseguir fazer alguma coisa.

O dinheiro que eu receber aqui eu vou guardar pra “diziminar” lá na igreja, todo mês eu “dizimino” lá, dou quinze reais do meu dinheiro e dou ‘pra” igreja, “pra” igreja não, né? Pra Deus. Que Deus encaminhou pro serviço... e o resto eu vou repartir com a minha mãe, eu pago uma conta e o resto eu dou pra minha mãe, que ela não tem dinheiro pra ela direito.

Eu acho que esse ano vai ser melhor, vou passar no ETEC e vou fazer administração de conta. “Mexê” com dinheiro, “mexê” com Matemática, “pra” lembrar da professora.

O que é isto aqui?

É o sonho do que eu quero ter em casa.

Mas, o que é?

É, aquelas pedras.

Que vai emendando uma na outra?

É.

O que mais que vai ter na sua casa?

Vai ter um “monti” de árvore e aqui vai ter uma piscina, se eu tiver uma piscina dessa você vai ser convidada pra ir lá.

Eu espero, eu espero que você não se esqueça de mim quando ficar grande.

Vai ter a piscina aqui assim, aqui vai ter um chuveirinho, aqui vai ter um banheirinho, e aqui o chuveirinho caindo água. Minha casa vai ser tudo da natureza, vai ser tijolo de areia que já fez construção. Tudo reciclado.

É, tudo reciclado. Telhado reciclado, vai ter aqueles painel solar, tudo pra não gastar muita energia, pra não destruir a natureza, e aqui vai ter um “monti” de árvore, quero ter um pedaço do tamanho da escola, só pra construir as coisas.

Você quer colocar alguma cor aqui?

Eu prefiro só o lápis.

...

O Claudemir é gente fina, é brincalhão, se eu tivesse a vida que ele tem, nossa... Tem de tudo e mais pouco.

O que tem na vida dele?

A vida do Claudemir é boa, o Claudemir tem de tudo na casa dele, a mãe dele faz um esforço pra ele estudar.

Se você tivesse a vida que ele tem o que seria diferente?

Seria diferente a minha vida, e eu poderia fazer algum SENAI.

O que tem na casa dele que não tem na sua, que você gostaria que tivesse?

Não sei, eu nunca entrei, eu vi de fora, na casa dele tem uma piscininha de chão, na minha não tem, eu não vejo as coisas boas, eu vejo o coração, ele não quer nada com nada, o C. Ronaldo, esse sim ele quer seguir uma carreira, esse ninguém vai segurar.

Ele quer ser jogador?

É, esse moleque tem talento. Eu falo pra ele correr atrás do sonho dele, não olhar pra mim não, olhar pra ele primeiro, pra ele mostrar a capacidade que tem.

Não sei fazer as mesas.

Você tem o sonho de ser jogador também?

Não sonho mais.

Você já sonhou?

Sonhei um dia, “mai” eu posso até ser se eu quiser, “mai” eu não quero, pelo meu tamanho ninguém aceita.

Por quê?

Porque eu não tenho crescimento.

Por quê? Você não é tão diferente do C. Ronaldo?

Porque pela idade ele vai crescer mais um pouco, ele “tá” bem maior que eu.

...

3.2.5 O diagrama de forças que cercam Mariano

Há quatro linhas de forças principais que cercam Mariano, e todos os outros alunos, a *Família*, a *Matemática*, a *Escola* e o *Futuro*. O diagrama de Mariano se constitui de alguns elementos que podem ser destacados da sua fala que estão interligados, e que o cercam criando, então, os movimentos que o perpassam.

Assim, o sonho está diretamente ligado à família e suas intenções de futuro, “melhorar de vida”, passando pela escola e a Matemática, já que em seu discurso ele acredita fielmente que a escola e os estudos o farão mudar de vida.

Há três movimentos²⁴ fortes que podem ser identificados na fala do entrevistado: “**Força de vontade**”, “**Prestar Atenção**” e o “**Sonho**” da casa nova para a mãe e, a sua faculdade. Em seus mapas, Mariano fala claramente que se **prestar mais atenção** e tiver mais **força de vontade**, nada será impossível, seus **sonhos**, sem dúvida, serão realizados. Segundo ele, esses movimentos poderão contribuir para que tenha “um futuro melhor”.

Na sua fala e na de sua mãe ficam claros dois elementos importantes na discussão do presente, pensando no futuro: o medo das drogas e do desemprego, já que ele convive com um primo que possui sérios problemas com relação ao uso de drogas e está trabalhando em uma funilaria praticamente sem receber, para poder aprender uma profissão e ao mesmo tempo ficar longe de “porcaria”.

A relação Escola—Família é praticamente inexistente. Sua mãe aparece na escola somente quando a diretora solicita, ameaçando não deixar o menino entrar na classe se a ela não aparecer.

O alcoolismo do pai, citado por Mariano, é de grande importância, uma vez que segundo seus mapas, os passarinhos do pai que ficam na sala abrigados dos perigos, são mais protegidos que ele, que muitas vezes encontra na rua a paz para os estudos e para a diversão, que dentro de sua casa é impossível com as brigas e discussões de sua família.

Três movimentos: Sonhos, Prestar atenção e Força de vontade.

²⁴ Os movimentos serão trabalhados de forma mais explícita no próximo capítulo, a intenção aqui é apenas identificar quais foram os movimentos mais fortes que apareceram para cada um dos alunos entrevistados.

3.3 ANINHA

vai você na escola e te falam: pai mãe família respeitar os mais velhos e se não te deram mais velhos, ou se deram são tão esmolambados... nem vale a pena. depois você ouve: amor...! [...] eles vêm e te falam: ler escrever contar. pra quê? (LACERDA, 2001, p.24)



Aninha é uma menina que tem um problema na tireóide que impede o seu crescimento físico e atrapalha severamente seu desenvolvimento cognitivo. O problema foi diagnosticado recentemente e, hoje, ela tem 15 anos e está muito comprometida em função disso. Apesar de seu tratamento estar em dia, seu estado não pode ser revertido. Mora com a avó materna, que é sua responsável legal, pois sua mãe faleceu há quatro anos e seu pai nunca esteve próximo.

Sua aparência física chama muito a atenção pela fragilidade que apresenta. É uma menina que tem aproximadamente um metro de altura, é toda pequena, pernas, braços, tronco, tudo proporcional ao seu tamanho. A sua carteira na sala de aula é diferente das demais, é uma carteira menor, usada pelas crianças da primeira série.

Aninha está na oitava série. Reprovou, em 2005, a quinta série. Há no sistema municipal de ensino uma política de reprovação em ciclos, na quinta e na oitava séries. Hoje, quatro anos depois, ela teve vários progressos, um deles é com relação à leitura. Antes, ela não lia em voz alta, tinha muitas dificuldades com relação ao código. Atualmente, os problemas estão relacionados, apenas, à compreensão.

3.3.1 A FAMÍLIA

3.3.1.1 A família através do olhar de Aninha

Como que é sua casa?

Vamos ver...

Agora você vai ter que colocar bastante coisa que eu não sei o jeito que é sua casa. Aí você usa a criatividade. *(Os desenhos são muito simples, pobres em detalhes.)*

Quem mora com você?

Eu, minha avó, meu tio, minha tia, a Pâmela, o Plínio, e... eu.

Você vai me contando o que é cada coisa. Quer pegar outra folha?

Não.

(Sobre o desenho) Aqui tem um portãozinho, aqui tem um murinho fininho, tem um corredor, aí vem a sala, depois vem o quarto da minha avó.

O que é aqui?

O quarto da minha avó.

Tem duas janelinhas?

É...

No quarto da sua avó dorme só ela?

É, ela e o Plínio. Aqui é o banheiro, depois vem a cozinha, e tem um quarto de bagunça meu.

Seu?

É, onde eu fico brincando.

Mas, aqui ninguém dorme?

Não, aqui é bagunça minha, onde eu coloco livro, uma mesinha, caderno, e eu fico nesse quartinho. Tem um quarto pra fora, que meu tio dorme. Aqui tem o meu quarto, e depois vem o quarto da Pâmela.

A Pâmela dorme sozinha?

Dorme.

Então, aqui é o quarto da sua avó, aqui é a cozinha, aqui é o quarto da Pâmela, e...

É, e aqui é o meu quarto.

Ela e você dormem sozinhas?

É.

Então a casa é grande?

É.

Quantos quartos tem?

Acho que... quatro: O da minha avó, o da Pâmela, o meu de bagunça, e o meu onde durmo.

E o seu tio e sua tia?

Eles dormem pra fora.

...

A sua mãe dormia com quem?

Comigo. Eu e ela “dormia” na cama de casal, que depois foi para o quarto da minha avó, e então eu comprei uma cama de solteiro para mim.

Você dormia com sua mãe na cama de casal?

É, na de casal.

Faz tempo que sua mãe morreu?

Vai “pá” quatro anos.

Do que ela morreu? Você sabe?

De aneurisma... deu derrame cerebral.

E seu pai, você conhece ele?

Conheço, “mai” não gosto dele.

Não?

Não, tem um monte de “fio” solto e não cuida de nenhum. Tem uma semana ele foi “cá” Débora, para “pegá” eu de volta.

Aonde ele foi?

Lá no “coisa” de menor. Aí a advogada fez um rolo, e por fim o advogado foi onde minha mãe trabalhava.

Mas, seu pai queria sua guarda?

É, para passar para minha irmã. Eles “tava” de rolinho...

Por que ele queria pegar você?

“Causa” de dinheiro, né?

Mas, que dinheiro que ele iria ganhar?

O dinheiro da pensão da minha mãe. Ele ia me pegar para passar o dinheiro para minha irmã.

Você recebe pensão da sua mãe?

Só da minha mãe.

Então era por isso que ele queria você...

O que mais que você quer pôr no desenho? Se quiser pintar alguma coisa de colorido, pode pintar.

Então, aqui é a calçada, e aqui o banquinho desse lado, e “depoi” tem a rua.

E as pessoas que moram na sua casa? Você vai desenhar?

Tem o ‘Pirata’.

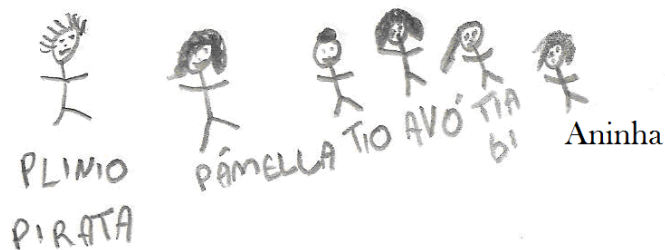
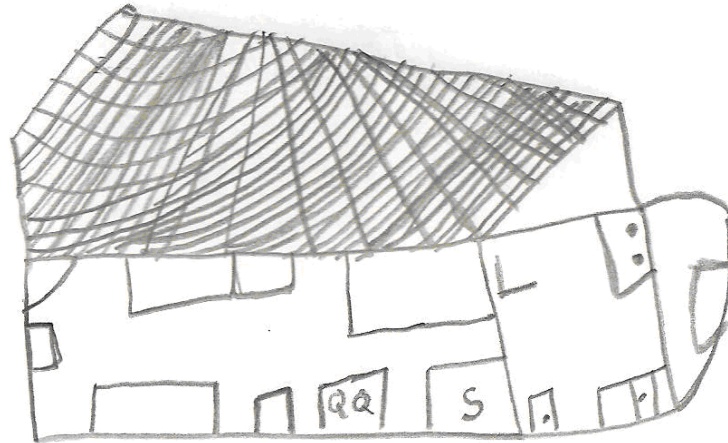
Quem?

O 'Pirata', o Plínio.

Como é o apelido dele?

Pirata. "Causa" que ele usava um tampão em um olho.

Então escreve aí.



A Pâmela.

Essa é sua prima?

É, a Pâmela. Esse é meu tio, minha avó, minha tia e eu.

Tem mais alguma coisa que você queira colocar na sua casa?

Acho que não, é só isso mesmo.

...

Aqui, você desenhou a sua família, por que você desenhou a Pâmela dando risada?

Porque ela é falsa.

Ah, é? Então quando ela está dando risada ela é falsa. Por que você se desenha sem dar risada?

Porque... eu sou mais séria.

Você acha que você não é feliz?

Eu acho.

Você acha que a Pâmela é feliz ou não?

Ela é muito falsa, igual hoje.

Você disse igual hoje, por quê?

Porque ela fica brigando, “xinga” minha avó...

Esta é sua avó, seu tio que pôs fogo no quarto... Não dá pra ver a boca da sua avó. Você desenharia ela rindo ou não?

Normal.

Normal, assim? (*Sem dar risada.*)

É.

Assim, a boca como a da Pâmela rindo é falsa. E o Plínio?

Ele é alegre, né?

O que a Pâmela faz de falsidade?

Ela “xinga” eu, fica batendo.

Ela bate em você?

Bate... briga por qualquer coisa, se não fizer o que ela quer... e faz eu, esconder coisas da minha avó.

Ah, esconder para não contar para sua avó?

É.

...

Então, ok. Na sua casa você costuma estudar?

É raro.

É raro, por quê?

Porque eu não tenho vontade.

Não tem vontade de estudar... Pegar um livro...

Não, pegar um livro eu gosto, mas sem ajuda é difícil.

Sem ajuda de alguém?

É, é difícil.

Na sua casa tem algum lugar para você estudar?

Tem, o quartinho de bagunça.

Então o desenha para mim, só o quartinho.

Meu quartinho é aqui, ele é assim, aqui tem...

Tem janela?

Tem, aqui é a porta.

A porta é bem no meio dele?

É, tem a janela, aqui tem uma mesinha, e aqui tem uma “partileira”.

O que tem na prateleira?

Tem livro meu.

Que livros?

Livros, cadernos, revistas...

Livros que você ganhou também...

É.

Quem usa essa prateleira?

Ninguém, só eu que ganhei do ferro “véio”, só eu de vez em quando dou uma mexida.

Mais ninguém?

Mais ninguém.

Ninguém nem olha para os livros?

Não.

Aqui tem uma lousinha, é um pedaço de madeira que eu uso como lousa, e o suporte para o giz.

Mas, não é uma lousa?

Não, é uma “táuba”, que eu pequei para rabiscar, que às vezes eu brinco de escolinha.

O que mais que tem de bom aí?

Aqui tem uma “táuba”, que eu peguei e fiz uma estante.

Você que fez?

É, fiz um caixote para pôr revista.

Esse quartinho é só seu?

É, agora as “coisa” tão lá no fundo porque “queimou”.

O que queimou?

Cama, colchão.

Do quartinho?

É, do quartinho.

E como pegou fogo?

É que meu tio bebe, e “tava” meio “chapadão” e acabou estourando...

O que estourou?

O isqueiro.

Ah, o gás do isqueiro.

É e explodiu, tinha botijão de gás, tinha coisas novas que minha tia tinha acabado de comprar.

Mas, esse quarto está assim agora?

Não, é quando eu tinha ele, agora a bagunça está no meu quarto.

Ah, esse quartinho não existe mais?

Não, porque queimou, agora os livros estão no meu quarto.

Mas, você conseguiu tirar os livros antes de queimar?

Consegui, eu peguei a caixa e vi o que eu iria usar e o que não iria, tinha livros que eu recortava, estava uma bagunça. Aí eu joguei fora o que queimou.

Então a lousinha... Não tem mais?

Não, a lousinha tem.

Então pode desenhar.

Aqui tinha... caquinhos de vidro.

No que tinha caquinhos de vidro?

Aqui no meio onde eu coloquei.

Para enfeitar?

É.

Então, vai falando para mim.

Acho que é assim.

Tinham arrumado quarto, agora “vão” montá-lo de volta.

Ele queimou a porta, essas coisas?

Queimou.

...

Aqui era o quê? Os cacos de vidro?

É, os caquinhos que eu amontoei.

De que cor eram?

Era vermelho, azul... E aqui tinha uma caminha de solteiro.

Ninguém dormia nela?

Não, é que eu ficava lá o dia inteiro.

Então, esse era o lugar da casa para você estudar, mas não estudava, porém você se divertia.

É, era o lugar que eu ficava, que eu imaginava, que eu fingia que era minha casa, brincava...

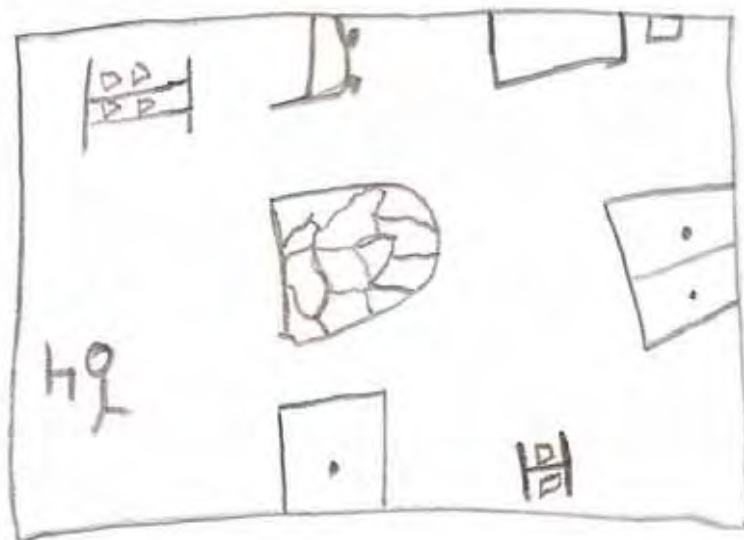
Agora não tem mais?

Não... agora só ficou as paredes e o chão.

A janela queimou também?

Também.

...



E como que foi? Onde você estava? Você viu o quarto queimando?

Não, eu estava na escola.

E quando você chegou?

Estava tudo queimado, cama jogada... Tudo queimado.

Desenha para mim o jeito que estava, que jeito que você lembra?

...

Que jeito estava lá quando você chegou?

Aqui estava sem janela, só tinha um pedaço de janela.

Por que queimou?

É. A porta estava aqui no chão, a cabeceira da cama estava destruída. Estava aqui o sofazinho, cama de solteiro... "tava" só os pezinhos. A caixa que eu tinha estava aqui... jogada.

Que caixa que é essa?

Uma caixa de mercado, que eu tinha, eu pendurei ela fiz uma divisória nela e colocava aqueles "livrinho" pequeno e coisas que eu não usava.



Entendi, e você usa esses livros para quê?

Só para folhear, não dá para fazer nada com eles.

Aqui é só?

Só.

E agora, na sua casa, antes você se divertia no quartinho, e agora onde você brinca?

Não brinco mais.

Não tem mais nenhum lugar?

Não.

Mas, onde você se diverte na sua casa?

Eu fico no meu quarto.

O que tem para você fazer lá?

Tem televisão, rádio.

No seu quarto?

É.

Desenhe-o então.

Tem um corredorzinho, tem a janela, aqui é a porta, aqui fica a "bicama" o meu guarda-roupa... Fica aqui uma estante.

O que você faz na sua casa? Assiste à televisão?

Eu fico no meu quarto, faço serviço. Aqui fica a televisão e o rádio.

O que é isso aqui?

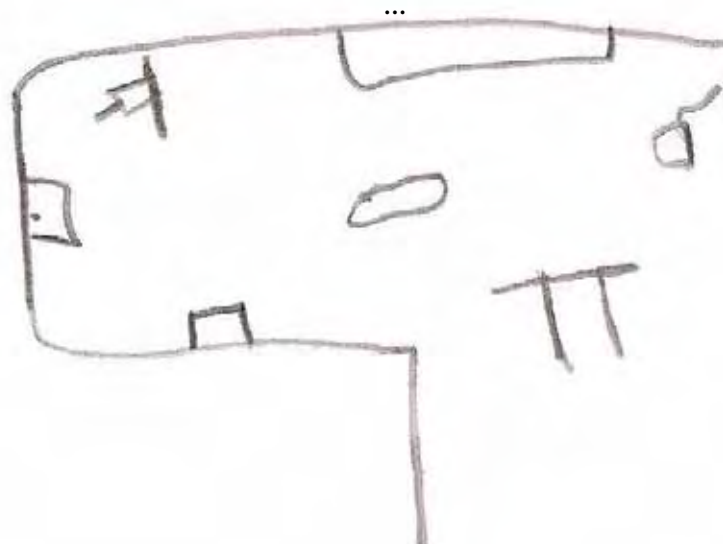
O radinho, e também o tapete.

Isto aqui é no seu quarto?

É.

Por que você fala que sem ajuda é difícil?

Porque é difícil, né?



Foi assim, minha avó avisou a escola que eu não “ia” mais, porque eu tinha perdido ela, e não fui mesmo.

Você faltou bastante?

Uns dois meses.

Que ano que ela faleceu?

Maió...

Mas que ano?

Dia primeiro...

De que ano?

Acho que... sei lá... 2006?! (Ela disse que fazia quatro anos que a mãe havia morrido.)

E você não queria mais vir à escola?

Eu não queria, mas depois eu falei: “não quero mais ficar em casa”. Aí eu voltei na escola. A Dona Zezé falou pra mim que eu havia faltado muito e que era para eu pegar firme nos estudos.

Aí eu cheguei na sala e as pessoas começaram a perguntar como eu tinha perdido minha mãe. Então eu entrei em pânico, queria sair da escola, já não queria voltar mais...

Você veio um dia, e não quis voltar mais?

É, eu não “vim” mais. Mas depois eu falei que ia voltar, que tinha que tomar coragem.

Foi alguém conversar com você, falando para você voltar?

Meus colegas, os professores, falavam que eu tinha que voltar. A Bianca e o Rodolfo foram os que mais ficaram sabendo. Quando eu voltei na escola veio um monte de gente...

E vinham falar da sua mãe, você ficava triste? O que você sentia?

Sabe assim, uma angústia, fazia um dia que eu tinha perdido ela, e eu vim pra escola, e não quis voltar mais.

...

O que você sentia você consegue desenhar?

Acho que não, não dá pra explicar.

Nem um pouquinho?

Não dá.

Se falasse assim, para você representar isso que você sente...

Um vazio no coração, em um pedaço.

Então desenha para mim.



Você era bastante amiga da sua mãe?

Era, nós “fazia” tudo. (Silêncio.)

Aqui é o vazio.

Você não conversava com a psicóloga? O que ela dizia?

Ela falava que o melhor era não ficar pensando, era melhor esquecer, mas... (Silêncio.)

...

Por que você se acha infeliz?

Porque eu sou amargurada.

Por quê?

Não sei, como diz... Balanceada... meio pra lá, meio pra cá...

Como assim? Não entendi.

Acho que não tem explicação, é o meu jeito de ser, fechada...

Você queria ser diferente?

Muito.

Que jeito você queria ser?

Ser ‘de maior’, não precisar fazer as coisas que os outros mandam, ser eu mesma, fazer o que eu quero.

O que você quer fazer que você não faz?

Dirigir.

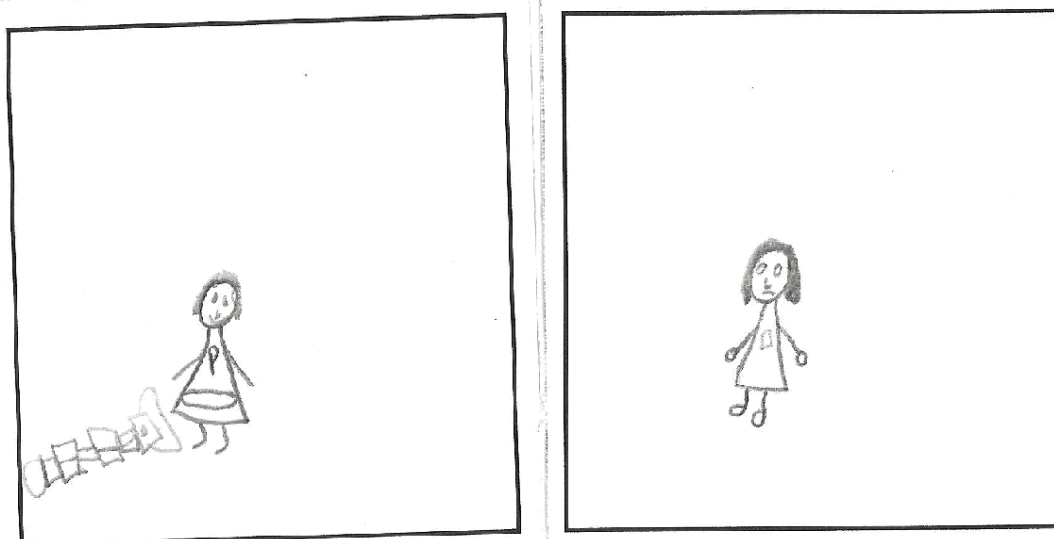
Se você tivesse que desenhar você diferente, como desenharia?

O que é isso aqui?

Uma amarelinha.

Esse P é de P... (Nome verdadeiro dela.)

É, da blusa.



Isso é uma amarelinha?

É, uma amarelinha.

O que você vê de diferente? *(Comparando os desenhos)*

Aqui eu sou mais amargurada, mais fechada, e aqui eu sou mais contente, sou mais solta, um pouco maior, e... brincando.

Por que no outro desenho você não está brincando?

Porque é sem graça.

É sem graça? O que mais?

Aqui eu estou com o cabelo mais comprido.

Amarelinha não é fácil de brincar? Por que no outro desenho você não está brincando?

Porque aqui é o jeito que eu acho que um dia eu vou ser, mais solta...

Entendi. Tem mais alguma coisa?

Acho que não.

...

3.3.1.2 A família através do olhar da avó

A responsável por Aninha é sua avó materna que se recusou a fazer a entrevista por diversas vezes. Após dois meses de espera, ela concordou com a conversa, porém desde que fosse realizada na casa dela, e não na escola como as demais. Porém, não havia espaço livre na casa para uma conversa particular, logo, ela não realizou os mapas narrativos.

Quais são as dificuldades que a senhora vê nela?

Ela tem dificuldade, né? Mas, vontade ela tem. O médico dela falou que é falta de hormônio, não deixa guardar as coisas na cabeça, porque ela não tinha nada de hormônio. Ela fez quinze anos e não é 'mocinha' ainda, ela "tá" brava, chora por qualquer coisa. Eu fui atrás do médico dela de novo, e ele disse que os remédios dela "tá" certinho.

Mas, ela vai crescer mais um pouquinho?

Não, ele disse que ela vai crescer. Ela cresce treze centímetros de três em três "mês". O médico dela é duzentos e cinqüenta reais a consulta, ele não cobra mais de mim a consulta, eu pagava duzentos e pouco três exames que ia pra São Paulo, ele arrumou na clínica, eu pago noventa e nove, nem cem reais não chega.

...

A senhora é avó dela?

Sou avó.

A filha da senhora que era mãe dela?

A mãe dela que faleceu.

...

Quais são as dificuldades que a senhora vê na Aninha em relação à aprendizagem?

Desde que nasceu, que a mãe dela foi alcoólatra, usava droga, e a Aninha nasceu prematura, ela nasceu desse “tamanhinho”, aquela coisinha feia, vermelha, ela chorou um ano, e não deixou a mãe dela dormir. Mas ela é esperta, trabalhadeira, limpinha, ativa, mas falta coisa na memória.

E o médico acha que foi devido à...

É, foi a bebida.

E desde criança ela tem dificuldade nas coisas mais simples?

Desde pequena, até pra falar, ela nasceu com língua grudada, e era pra operar depois sete anos, e um dia elas “tavam” brincando na banheira, aí ela caiu e bateu a boquinha, e desligou a língua dela, aí levamos ela pro hospital, e o médico disse que ela mesma operou ela.

...

E ela ajuda nos serviços domésticos?

Ela é a que faz tudo, não precisa repassar serviço dela não, o alumínio, o pezinho do canecão é tudo limpinho. Pode entrar no quarto dela, a roupinha é tudo separadinha, arrumadinha, as gavetas é tudo certinha. A mãe dela era desse jeito, era trabalhadeira, ela saiu igualzinho à mãe.

Já a Aninha é uma belezinha, de noite ela vai no banco, conversa com os amigos, vem pra dentro, entra no computador, logo já procura um jeito de dormir. Ela não me dá trabalho não.

E ela faz alguma atividade fora do horário de aula?

Não.

Ela está fazendo o CEACRI?

Voltou, ela “tá indo”, ela não foi esses dias, que ela foi levar a moça que “tava” com problema de coração, e não tinha outra pessoa pra ir junto, aí ela foi de companhia, mas ela não “tá” perdendo aula não, “tá indo” lá dois dia na semana.

Ela estava indo, depois ela parou?

Aí ela não queria ir de jeito nenhum, e não falava o motivo.

A senhora não sabe por que ela não estava querendo ir?

Não sei.

Fora do horário da escola, o que ela gosta mais de fazer?

Ela deve estar no quartinho dela, ela ouve música, mexe no computador dela, mexe na roupa dela, conserta roupa, que essas coisas que ela gosta de fazer.

E ela tem alguma dificuldade de relacionamento em casa? Ela é muito brava, ou muito...

Chora muito, chora, chora, não tem mãe, não tem pai, eu não tenho tempo, a senhora pode ver que esse barraco é enorme de grande, eu dou conta sozinha, é eu e ela só.

E em casa ela costuma ler?

Gosta de ler, lê sim.

E lição de casa, tem alguém que a ajude?

Não, lição de casa ela não gosta de fazer, nunca gostou de fazer.

Não faz muito tempo que a mãe dela faleceu?

Vai fazer quatro anos mês que vem. A mãe gostava de ajudar, a pessoa que for ajudar ela tem que ter paciência, senão ela “estora” e começa a chorar. Aí é onde a gente deixa ela sozinha.

Quando ela era criança, a mãe costumava ler?

Não, a mãe sempre batalhou pra não deixar faltar nada.

A filha da senhora só teve a Aninha?

Ela foi casada, do primeiro casamento, tem uma filha de vinte e seis anos, que também não tem nada a ver com a gente, não gostava da mãe.

Qual foi o motivo do falecimento da filha da senhora?

Aneurisma, hemorragia cerebral, a Aninha tem problema de coração também, a Leila (mãe) tinha pressão alta, coração inchado, e rim dela não “tava” funcionando.

Ela morreu jovem?

Trinta e oito.

Nossa, muito jovem. A senhora acha que essas coisas todas que aconteceram prejudicaram a aprendizagem dela, ou são coisas diferentes?

Eu não sei o que a Aninha tem, ela é esquisita, tem hora que ela fica chorando e fala “Se a minha mamãe fosse viva eu não tava apanhando.” Se eu tenho dois reais na bolsa e vou no centro, eu compro uma calcinha pra ela, se não ela chora...

Ele é muito carente, assim, de afeto, amor...

Ela é, o Dr. Edevaldo²⁵ pediu ela pra mim de verdade, eu falei que isso eu não faço, que enquanto eu for viva ela sou dona dela, depois que eu for embora, aí já não sei. Mas, ela falou que com ele ela não quer ir não.

O Dr. Edevaldo pediu a Aninha?

Pediu, que ele tem um filho só. Ele pediu ela de verdade, quando ele fala, ela dá risada, mas ela falou que não quer não. Ela fala que se acontecer de eu morrer, ela vai morar com uma neta minha, que ela chama de tia, ela tem três filhos.

Ela toma algum medicamento todo dia?

Toma, um remédio de tireóide, ela vai tomar até o resto da vida, o médico dela falou. Ele que dá o remédio dela.

A senhora vai lá e ele já dá o remédio?

Ele já dá pro mês, terminou, ele já deixa avisado lá, que é pra mim buscar o remédio da Aninha. Eu não compro mais, faz tempo que eu não compro.

Ele ajuda a senhora?

Nossa! Muito, onde que eu vou achar um médico que faça isso?

Em nenhum lugar.

E vai demorar pra ter alta ainda. E esse remédio ela vai tomar muito tempo.

Ela passou pelo Dr. Edevaldo, ela já fez exame de cordas vocais, ela fez da garganta, de vista, da cabeça, do coração, do rim, da perna, todos os mês ele manda fazer o exame da mãozinha, esse eu nem pago, ele custa trinta reais, lá na clínica eles nem cobram, porque ele pôs lá pra não cobrar.

Esse exame que ela fala que é a “chapinha”?

É, ela faz da mãozinha, que pela mãozinha sabe quanto que ela “tá” crescendo.

Então é esse exame que ela fala para mim...

Faz, de três em três mês ela faz, e faz três exames e vai pra São Paulo, leva dez dias pra vim, aí chega e vai no Dr. Edevaldo, aí pesa, vê ela, conversa com ela. Vê se “tá saino” “pelinho” nela, vê o seio. Ele falou dessa ultima vez que foi, começou a crescer o seio.

Ela recebe pensão...

Recebe, a mãe deixou um salário de quase setecentos reais, e com esse dinheiro eu compro roupa, tênis, que ela gosta de tênis, roupa bonita, bermuda bonita, que ela ajuda em casa. E ela tem também, na caixa o fundo de garantia, já tem uns quinze já, e de seguro, veio

²⁵ Dr. Edevaldo é médico endocrinologista, muito conceituado na cidade, que atende apenas pacientes que são encaminhados por outros médicos, já que alega não ter horário para atender toda a demanda que procura por ele. Ele atende Aninha de maneira particular, mas não cobra nada pelo atendimento e consegue que ela faça os exames necessários sem custo e também obtenha a medicação necessária.

vinte e pouco, a irmã entrou com um advogado e deixou só dez pra ela, peguei o dinheiro e coloquei no banco, pra ela usar depois dos dezoito, o advogado da outra pegou quase tudo.

Essa pensão que ficou, é que sua filha era registrada?

Sempre trabalhou registrada, nunca gostou de trabalhar sem registro. O último trabalho dela, ela era cozinheira e faxineira no Califas²⁶.

Eu queria que a senhora desenhasse para mim como que a senhora vê a Aninha.

E se eu “fazer” e “mandar” ela mandar.

Não, mas pode ser um desenho bem simples mesmo. Pode ser só do rosto, ou o corpo inteiro.

Será que eu vou saber fazer o rosto da Aninha? É uma carinha redondinha. Eu não vou saber não.

Ela parece com a mãe?

Muito, anda igualzinho a mãe. Ela deve “tá” no quartinho dela, tudo o que pede pra ela fazer, ela nunca fala não. Antes dela ir dormir, ela pergunta se eu “tô” bem.



Essa casa é da senhora ou a senhora paga aluguel?

É minha, mas já fez inventário, tudo é meu enquanto eu for viva, depois que eu morrer... A mãe do Plínio reformou a casa, que era bem “regaçada”. Aí eu fiz um documento constante que ela tem vinte mil reais a mais que os outros. Por isso que eu não posso sair daqui, que se eu mudar e falecer, eu tenho uma filha que é dona da floricultura ali, ela vai querer vender a casa, e deixar meus filhos na rua. E eu aqui, morrendo aqui, ninguém vai tirar eles.

Ela me contou que teve um problema, que no quarto do fundo pegou fogo.

²⁶ É uma casa de prostituição da cidade.

Pegou, é o rapaz que bebe, pegou fogo e queimou tudo o que “tava” lá dentro.

Ela falou que tinha livro.

Tinha livro, eu tinha recolhido uma bacia de tênis que eu tinha lavado, queimou tudo, eu lavava roupa das meninas da boate, queimou umas vinte toalhas.

A senhora lava roupa de fora?

Lavo, “memo” assim ainda lavo. Eu lavo pras meninas da boate, em quinze dias eu ganhei cento e vinte “conto”, as roupas delas, é roupa que não precisa passar, eu passo só roupa jeans, eu cobro um real a peça. Com o dinheiro eu pago a internet deles. Agora ontem ligaram reclamando do Plínio na escola, eu falei pra escrever pra mim o que é, que eu vou fechar ele no quarto pra depois a mãe dele ver se “tá” tudo certo, “vamo” ver se ele vai virar gente ou não vai.

O que sobra do meu pagamento eu guardo, que eu não deixo faltar nada, carne, fruta, eu dou tudo certinho pros meus filhos.

(Cochichando no quarto) Agora, essa aí (Outra filha) que “tá” aí fora não vale nada, pegou meu cartão me roubou tudo o que tinha no banco pra comprar creme, conjunto de calcinha e sutiã, creme de rosto, tudo isso... Não trabalha, não lava o prato, a roupa dela, ela não lava. Se eu não lavar junta bicho na roupa, um nojo...

...

3.3.2 A ESCOLA

3.3.2.1 A escola através do olhar de Aninha

Então, você já estudou em outras escolas, sem ser aqui?

Já, lá em Minas.

Você consegue desenhá-la?

Ah, ela é muito esquisita...

Desenha então, vamos ver o que você lembra dela. Faz tempo que você estudou lá?

Faz, foi quando eu fui morar pra lá.

Você fez a 1ª série lá, ou você fez aqui?

Não, eu fiz a 1ª, 2ª e 3ª série lá.

Ah, tá.

Aí eu vim pra cá, que eu não conseguia acompanhar, que lá é muito adiantado, e minha avó vendeu a chácara que tinha.

Entendi. Eu não tenho pressa não, pode desenhar no seu tempo.

(Sobre o desenho) Aqui era a minha sala e aqui era o pátio. Lá era mais ou menos assim.

Você morava com quem?

“Cá” minha avó e “cá” mãe, quando a gente morava pra lá.

(Sobre o desenho) *Aqui era a diretoria.*

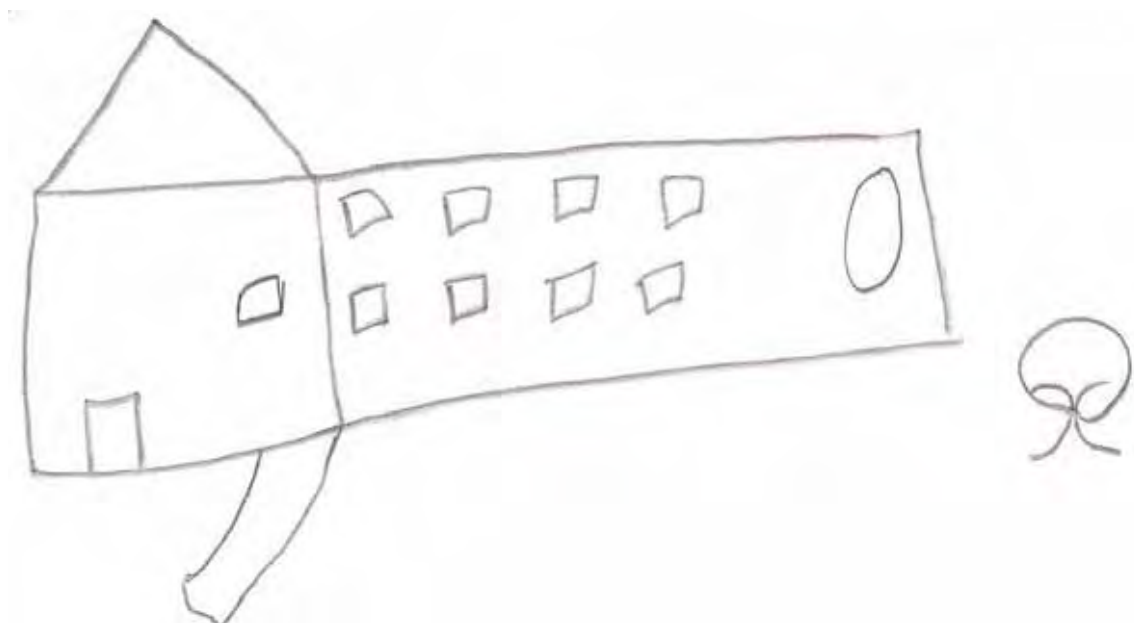
O que mais que tinha?

Tinha uma rampinha, que era aqui.

...

Tem mais alguma coisa que você queira pôr aqui que você se lembre da outra escola?

Não, eu quero assim “memo”.



Ok, então. E aqui, você pode desenhar a escola. Desenha do jeito que você acha que é.

Por que você mudou pra cá?

Porque minha avó vendeu a chácara, aí “voltamo” para a nossa casa aqui, mas depois “voltamo” pra lá de novo, e eu não me acostumei mais lá.

Então você estudava lá, depois você veio, voltou para lá de novo e não se acostumou mais a ficar?

É. Eu voltei pra lá, aí eu não quis ficar lá mais. Minha avó disse que eu não “ia” me acostumar, e não me acostumei mesmo.

(Sobre o desenho) *Aqui é a quadra?*

É, aqui é a quadra, o portão, a secretaria e as salas.

Tem mais alguma coisa que você queira pôr?

Tem né, as “árvore” “tem uma aqui... E uma desse lado...

Se quiser pegar um lápis colorido, pode pegar também. E a frente da escola?

Tem uma rampinha, né? E a casinha do moço que mora na escola.

O que mais você pode colocar? Que é importante na escola?

Acho que aqui é onde as “mulher” “lava” os “pano” de chão. E aqui “é” os banheiros.

É... Se você quiser pôr mais algum detalhe, eu não tenho pressa, você pode desenhar do jeito que você quiser.

Tem mais alguma coisa que você queira colocar?

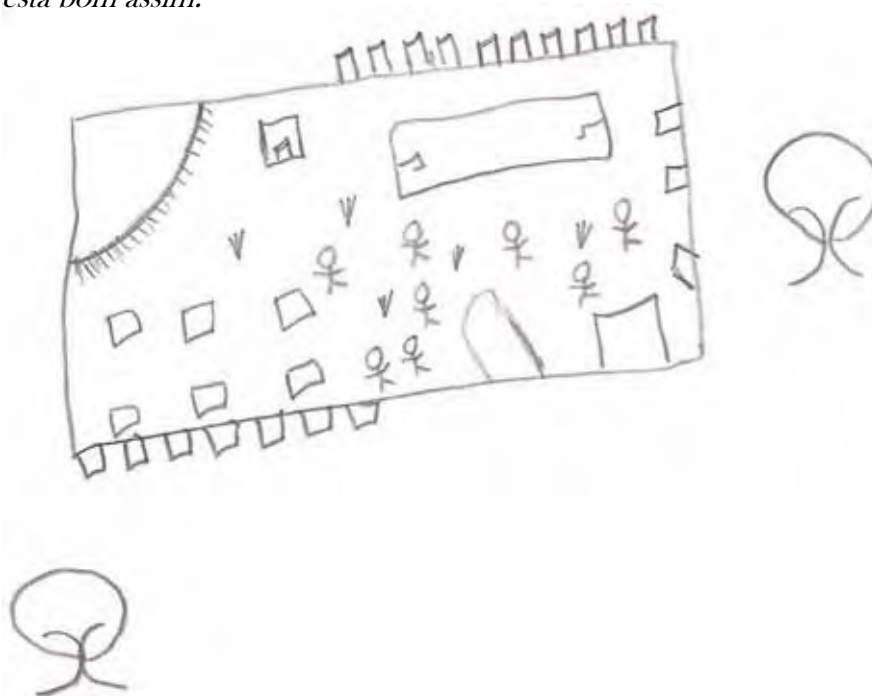
Têm os murinhos, as grades em volta da escola... as “graminha”... e as “criança” correndo pelo pátio.

Tem mais alguma coisa?

Não, acho que é só.

Você acha que tem que passar cor em alguma parte?

Não, está bom assim.



Eu vi que você desistiu do CEACRI. Por quê?

Não dava mais.

A psicóloga que você fala, é a do CEACRI?

É. Eu chegava da escola e já ia pra lá e ficava até as quatro. Mas eu parei de ir porque as outras crianças falavam que eu era burra, e não sei o quê, aí eu não quis ir mais.

Por causa dos outros ficarem falando?

É, eu não quis mais ir. Eu comecei a ir porque eu estava com depressão.

Você se sente deprimida?

Não, eu estava com depressão.

O que você sentia?

Eu queria ficar sozinha, não queria fazer mais nada, não me interessava pela escola, não queria saber de mais nada, só queria ficar na minha. E as pessoas da escola só reclamavam, queriam ficar sabendo... (Do falecimento da mãe.)

...

3.3.3 A MATEMÁTICA

3.3.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Aninha

Você ia à psicóloga do CEACRI, nos outros anos você não foi?

Não.

Por que você não quis?

O Léo fazia comigo também. Mas não era aquela coisa de escola, a gente brincava com joguinhos, e eu precisava e queria aprender. Ela dizia que eu ia aprender brincando, eu achava que não ia aprender brincando.

O Léo não gostava também?

Não. Porque não era o acompanhamento da escola.

Não tinha nada a ver?

Não, não tinha nada a ver.

Agora você vai desenhar para mim, como que você acha que é a aula de matemática para você.

...

Aqui é o quê?

A mesa da professora. Aqui é a porta, a lousa e a madeirinha que coloca o giz na lousa.

E você, onde está?

Aqui no meio.

O que mais que tem numa aula de Matemática? O que tem de diferente?

De diferente, os números na lousa.

Esses são os números na lousa?

É.

O que mais que você quer colocar?

O que mais que tem na aula de Matemática... Tem as continhas, né? O que mais que tem?... Tem a professora falando.

O que é ela fala?

Ela está explicando.

Você entende o que ela explica?

Só entendo, porque se for para fazer eu não sei.

Mas, quando a pessoa fala você entende e não consegue fazer, ou não entende o que a pessoa fala?

Acho que é, como que fala... É, a psicóloga falou que eu sou nervosa, que eu entro em pânico, se eu não consigo entender, começo a chorar. Que isso é o nervoso.

Pode ficar calma aqui. O que mais que tem aí, que você acha que é importante, que você se lembra.

Tem as cortinas da sala...

Você teve aula de Matemática ontem e hoje? O que ela passou?

O que ela passou... Continhas.

Que continha ela passou? Faz aqui alguma que você lembre?

Tinha umas continhas de mais.

O que você acha da aula de Matemática? Conta para mim.

Eu não sou fã de Matemática, mas é importante, assim para... (Silêncio.)

Mas, você acha que é importante, ou as pessoas falam que é importante?

Eu acho que é importante.

O que você acha da aula de Matemática?

As aulas de Matemática que eu tinha com a professora Rosa eu não entendia, nem as aulas de uma professora que eu não lembro o nome. Mas na sua aula, você passava a lição e explicava, e também ajudava os alunos.

Mas, para você, o que é mais difícil na aula de Matemática?

Acho que é a explicação.

E, qual a aula que demora mais para passar? Que você olha no relógio e a hora não passa.

A de Português.

É a mais difícil?

É a mais difícil, você tem que escrever o que você está sentindo, daí é complicado.

Tem mais alguma coisa que você queira pôr?

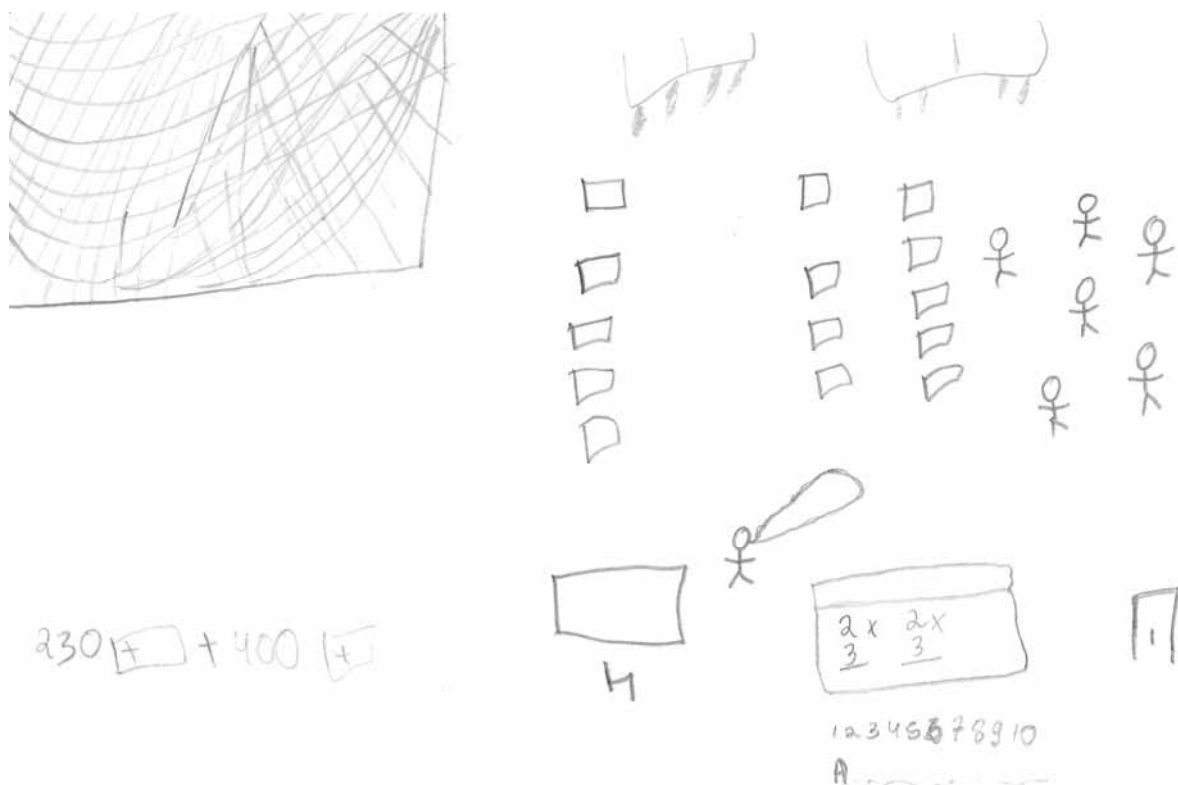
Acho que é só.

Tem a mesa do professor, e por que as pessoas só têm as cabeças?

É, são carecas. Estão sem cabelo.

Por que elas estão sem cabelo?

Porque eu não desenho bem, e acho melhor desenhar sem cabelo. Só a cabeça e o corpinho.



...

3.3.3.2 A entrevista baseada no espelho

Você pode dizer para mim o nome dessas figuras?

Triângulo, "retangular", e redondo.

Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Acho que é só em Matemática "memo".

Em Português não?

Português é "mai" ou menos.

Em Ciências?

Ciências não.

Antes, você costumava ter dificuldade na 1ª e 2ª série em aprender continhas, problemas?

Sempre, em coisas de Matemática sempre foi assim.

Em geometria, em figuras também?

Também, a "mema" coisa.

Qual a dificuldade que você tem hoje em Matemática?

Confundir as “coisa” e a conta.

Você consegue falar para mim o que você está vendo hoje em Matemática? Na 8ª série.

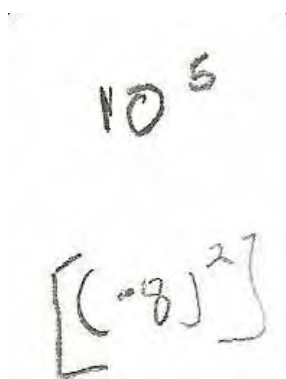
Eu “tô” vendo raiz quadrada multiplicada por ‘x’, e coisa polígono, essas coisas.

Você consegue escrever para mim? Dar um exemplo de alguma coisa que você está vendo na aula.

A gente “tá” vendo expoente, por exemplo, 10^5 aí a gente precisa anotar.

Como que anota?

Agora anotar eu não sei.



The image shows two handwritten mathematical expressions. The first is 10^5 , written in a simple, slightly slanted font. The second is $[(-8)^2]$, also handwritten, with the minus sign and the number 8 clearly visible inside the square brackets.

E o que mais?

Um coisa assim entre os parênteses, com menos, aí fecha você precisa somar.

Você não sabe fazer?

Não.

Mas, quando você olha isso na lousa o que você pensa?

Eu vou tentando fazer, vai errando, “mai depoi nói vamo consertá”, né?

...

Aninha, eu queria que você contasse comigo até cem.

*Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, **cinquenta, cinquenta e um, cinquenta e dois, cinquenta e três, cinquenta e quatro, cinquenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e oito, sessenta e nove, oitenta, oitenta e um, oitenta e dois, oitenta e três, oitenta e quatro, oitenta e cinco, oitenta e seis, oitenta e sete, oitenta e oito, oitenta e nove,***

noventa, noventa e um, noventa e dois, noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, noventa e oito, noventa, cem.

Aninha você pode fazer estas continhas para mim?

Essa aqui?

É esta aqui. *(Faz em silêncio durante 7 minutos.)*

$$\begin{array}{r} 237 \\ +131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 \\ -184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \\ \times 3 \\ \hline 1836 \end{array}$$

Pronto? O que você faz fora do horário de aula?

Agora eu "tô" começando a ir no CEACRI, eu voltei agora.

Você voltou semana passada?

Segunda.

Essa segunda-feira? E o que você está achando?

Agora "tá ino", né?

Mas, está diferente?

Ah, a professora está ensinando, né?

Mas, não é a mesma coisa que vocês veem aqui?

Não, não é a mesma coisa, é só jogo, continha, essas coisa assim.

...

Você frequentava o CEACRI, por que você desistiu?

Porque eu não "tava" querendo, a professora não explicava, só dava joguinho, quebra-cabeça.

Você pode escrever aqui para mim, por que você desistiu? *(A aluna escreve em silêncio.)*

Por que a Prof. Marta não brincava
com a escola e eu só jogava no PC
Ela não ensina com nos figurados no
matemática ou outro curso assim
mas agora eu tá no lado em mesfara
nas aulas.

Pronto? Vamos ler o que você escreveu então?

“Porque a Professora Marta não ensinava como a escola, era só jogo no PC...”

PC é?

Computador.

*“...Ela não ensina nossa dificuldade, que “nóis” tinha em Matemática ou coisa assim,
mas agora eu “tô” frequentando ele, para me esforçar nas aulas”.*

Você estuda fora do horário de aula?

Não.

Matemática não? Nada?

Eu só fico folheando.

E o que você faz fora do horário de aula?

Nada.

De tarde?

Nada.

Ajuda sua avó?

Ajudo.

Brinca?

Não.

...

Desta folha aqui Aninha, qual o nome dessas figuras?

Triângulo, retângulo, e esfera, uma coisa assim, retangular, uma bola.

Dessa folha aqui, você poder fazer essas continhas para mim?

(Silêncio.)

$$\begin{array}{r} 237 \\ +131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 \\ -184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

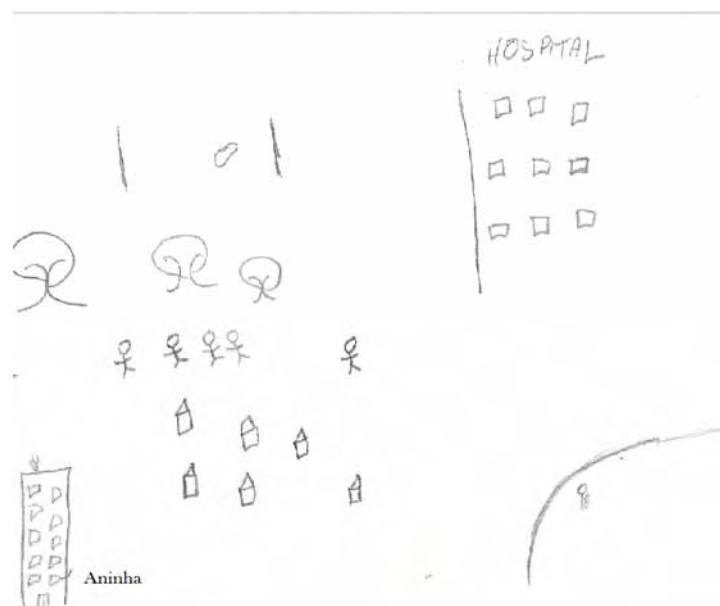
$$\begin{array}{r} 612 \overline{) 2013} \\ \underline{201} \\ 0 \end{array}$$

...

3.3.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.3.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Aninha

Aqui eu vou fazer assim, deste lado você vai desenhar como você acha que vai ser o seu futuro, e do outro lado como que você gostaria que fosse o seu futuro.



Aqui são os apartamentos, aqui é a antena da televisão, e aqui é tipo uma vendinha.

O que é esse apartamento?

É uma longa história.

Então me conta a história.

Eu sonhava em ter um apartamento e falava que iria ter um apartamento, agora já não quero mais ter.

Mas, por que você está desenhando o apartamento?

Porque eu acho que um dia eu vou ter um. Aqui é o apartamento e aqui é...

São dois prédios...

Aqui tem um monte de casinhas... Aqui tem um monte de casinhas, né? E um campo de futebol, um parquinho, com escorregador, balanço.

Aí é onde você vai morar?

É. E aqui é onde eu vou trabalhar.

Onde você vai trabalhar?

Aqui é onde eu vou morar...

Aqui, o que é?

O parquinho das crianças.

Então, escreve pra mim. Aí é um monte de árvores?

É.

Onde você vai trabalhar?

Aqui é o hospital, e aqui é a janelinha do hospital.

Aqui é o hospital?

É. O hospital.

Então escreve pra mim, senão não vou saber.

Aqui é o estacionamento...

Por que você desenhou o hospital?

Porque penso em ser enfermeira.

Ah, é!

Eu sonhava em ser professora, mas eu não tenho coragem.

Por quê?

Não sei, não tenho paciência.

E enfermeira, você acha que vai ter coragem e paciência?

Eu gosto de criança, de ficar com criança...

...

Você escreveu hospital com H. Você sabe que é com H ou você já viu em algum hospital?

Eu vi no hospital de Minas.

...

O que mais que você vê de bom?

As crianças andando.

Você vê alguma coisa de ruim no seu futuro?

Ficar sem emprego.

Do que você tem medo?

Eu tenho medo de... Eu quero estudar e não conseguir.

Você tem medo de não arrumar emprego? E medo de não conseguir estudar, por quê?

Ah, porque sem estudo a gente não consegue nada, né?

Mas, por que você acha que não vai conseguir estudar?

Porque eu sou burra, né? E não tenho vontade.

Você acha que é burra ou não tem vontade? Eu não entendi.

Acho que é assim... Não sei, acho que dá um negócio...

Alguém já a chamou de burra?

Ah, um monte, nossa! Mas nem ligo mais.

Mas, antes você ficava triste?

Ficava, mas eu falei que um dia eu vou mostrar que sou melhor do que eles.

...

3.3.5 O diagrama de forças que cercam Aninha

Segundo a avó, a mãe de Aninha era alcoólatra e usava droga durante toda a gestação. A menina nasceu prematura e muito pequena, mas “... *ela é esperta, trabalhadeira, limpinha, ativa, mas falta coisa na memória.*” Falta, **Ausência** são movimentos que Aninha conhece bem. Ela sonha, mas às vezes não acredita que possa dar conta, “*Eu sonhava em ser professora, mas não tenho coragem... Eu sonhava em ter um apartamento e falava que iria ter um apartamento, agora já não quero mais ter.*”

Falta sua mãe, seu pai, atenção, e lhe sobra medo. **Medo** da escola, do que os outros vão falar depois que sua mãe morreu. Medo, muito medo do futuro, se vai conseguir estudar o suficiente para arrumar um emprego. “*Eu tenho medo de... Eu quero estudar e não conseguir... Porque eu sou burra, né? E não tenho **vontade.***”

Outro medo identificado na fala tanto de Aninha, quanto de sua avó é o medo da morte da avó. Caso ela morra, Aninha ficará sozinha e irá morar com uma meia irmã, em uma cidade de Minas Gerais, elas já conversaram sobre o assunto. O médico que trata dos problemas de saúde pediu a avó que deixasse que ele a adotasse, mas avó disse que não “... *enquanto Deus me der força, eu cuido, depois só Ele sabe...*”.

A relação entre a escola e a família é muito forte, durante o período de luto que Aninha sofreu, a escola a apoiou e incentivou a voltar aos estudos, e as brigas sobre sua guarda e a pensão da mãe são assuntos recorrentes entre a avó e a escola.

Quatro movimentos: Prestar atenção, Força de vontade, Medo e Ausência.

3.4 CÂNDIDO

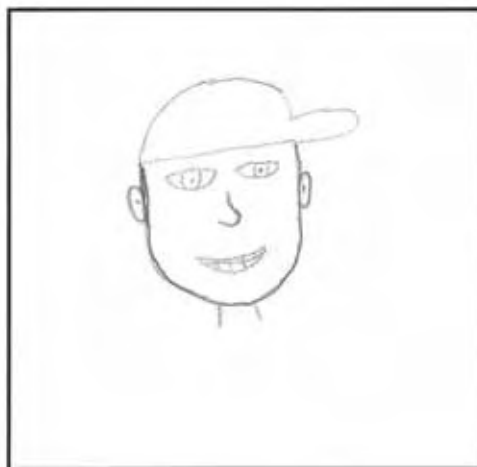
na velhice? mas dona eu vivo agora e até ele terminar os estudos e me amparar como a senhora diz eu já morri de fome.

- Mas o jeito dele para o desenho, a senhora já viu? Logo depois do ginásio ele faz um curso e arruma um bom emprego.

: até lá, dona...[...]

- Por favor, deixe Jomar ir à escola. ele trabalha depois, de tarde.

: é dona: se o homem voltar se a vida melhorar se a fome não der se a miséria sumir (LACERDA, 2001, p. 39)



Cândido, 16 anos, oitava série. Vai à escola quando quer, se der vontade. Reprovou a quinta série, porque havia a reprovação em ciclos, mas agora está tudo certo, é só aparecer de vez em quando na escola, que não tem erro, não dá evasão e passa de ano. Professor quase não ouve a sua voz, sempre calado, mudo, apático a qualquer atividade proposta na sala de aula. A sua entrevista apresentou momentos de silêncio e respostas monossilábicas.

Pais? Não aparecem nunca nas reuniões, ninguém sabe, ninguém viu, nem o telefone cadastrado na escola consegue contato. Há períodos que ele falta mais de uma semana e os alunos já começam a falar: “Acho que mudou de escola, ele disse que ia mudar”. Mais uns dois dias e lá está ele, pronto para... dormir em mais um dia de aula.

3.4.1 A FAMÍLIA

3.4.1.1 A família através do olhar de Cândido

...

Eu queria que você desenhasse como que é a sua casa. Quem mora com você?

Eu, meu pai, minha mãe, e dois “irmão”.

Esse irmão, que é dono da tapeçaria, mora junto ou não?

Não.

Ele é casado? Vocês são quatro? *(O aluno afirma que sim.)* Você é o mais novo? *(O aluno afirma que sim.)*

Seus irmãos tinham dificuldade também na escola, ou não?

Não.

Ano que vem você vai estudar onde?

No Luiz Martini.

Você vai estudar de manhã ou de noite?

Acho que à noite “memo”.

Seu pai trabalha fora?

Trabalha.

Sua mãe também?

Não.

Você tem livros na sua casa?

Tenho.

Onde eles ficam?

No guarda-roupa.

No seu guarda-roupa?

(O aluno acena positivamente.)

Você pega costuma pegar para ler? *(O aluno nega.)*

Nunca? Você não gosta de ler? Alguém na sua casa gosta de ler?

Minha mãe.

O que ela gosta de ler?

Tem uns “livro” lá, não sei qual que é.

Mais ninguém na sua casa lê?

(Silêncio.)

Você dorme sozinho no seu quarto, ou você divide?

Divido com meu irmão.

...

E quando você resolve faltar da escola, sua mãe fala o quê?

Ela fica brava.

Mas não tem jeito, o dia que você fala que você não virá, você não vem mesmo?

O que ela fala para você?

Fala que eu tenho que “vim”, senão vou ficar repetindo.

Com quem você conversa mais na sua casa?

Com meu irmão.

O da tapeçaria ou o outro?

O que dorme comigo.

Isso aqui é a antena?

(O aluno afirma que sim.)

Quando você era pequeno, você se lembra de alguém lendo na sua casa, com algum livro aberto? *(O aluno diz que não.)* Nem jornal? Na sua casa não tem jornal? Ninguém compra? Não tem nada que você goste de ler?

Não.

Você sai à noite na rua da sua casa?

Saio.

O muro é cinza?

(O aluno afirma que sim.)

Você falou que desde a 4ª série você tem dificuldade, né? Quando você tinha dificuldade, você chegava em casa pedia ajuda para alguém, já que você tem três irmãos?

Não pedia, tinha vergonha.

E para sua mãe. Você também não pedia?

Você sentia vergonha também?

Por que você se sente envergonhado?

Não sei.

Você acha que esse é o motivo de seus problemas aqui na escola, que você tem vergonha de perguntar quando você não entende? *(Silêncio)*

O que você acha que vai acontecer se você perguntar?

Não sei.

Seu portão é marrom? Vocês moram em casa alugada, ou casa própria?

Alugada.

Faz tempo que você mora nessa casa?

Uns quatro anos.

Antes você morava onde?

Ali no Jardim Novo.

Por que vocês mudaram de lá?

Não sei.

...

Qual a aula de que você gosta mais, aqui na escola?

De Artes.

O que você faz na rua da sua casa?

Ah, eu chamo uns “amigo” meu lá e a gente fica sentado.

Você conversa bastante ou você ouve mais? Você não é muito de falar não, né?

Não.

Você fica mais ouvindo? Quais são os assuntos que eles falam na rua?

De tudo.

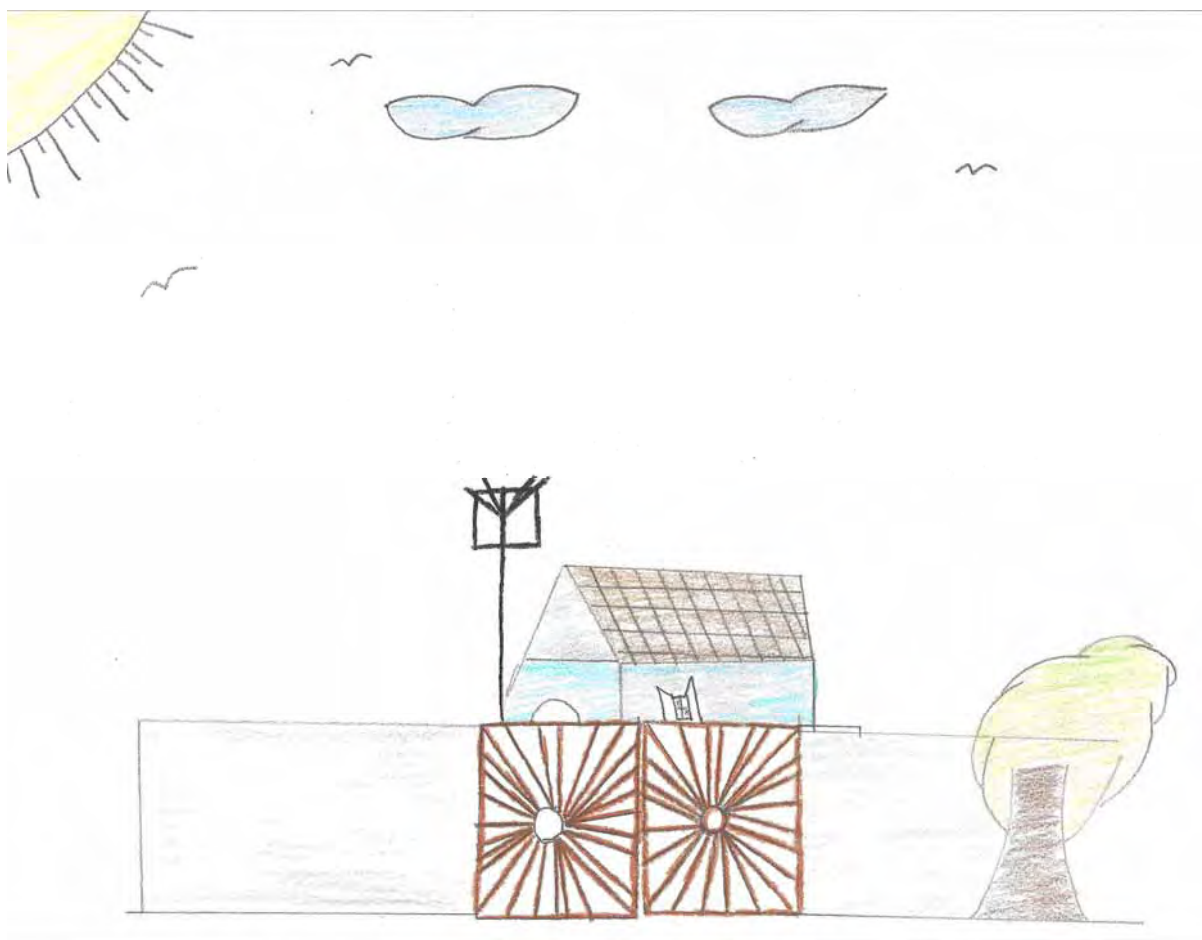
Eles têm mais ou menos a mesma idade que você?

Tem.

Sua casa é verde e azul, assim?

Acho que é, aqui assim dos “lado” é assim...

Verde? É que você escolheu as mesmas cores que você pintou a escola, tem algum motivo? *(O aluno afirma que não.)* Não?



Você quer colocar mais alguma coisa aqui?

(O aluno diz que não com a cabeça.)

Então, explica para mim o desenho.

Aqui é o muro, o portão, a árvore, a antena e a casa.

Aqui é a sala ou o quarto?

É o quarto.

E aqui?²⁷

É a porta da sala.

Você estuda na sua casa?

Não.

Não tem nenhum lugar na sua casa, nem um horário em que você estuda?

(Silêncio.)

Qual foi a última vez que você estudou?

(Silêncio.)

Você se lembra qual livro você leu?

Não.

Lição de casa?

Lição de casa, tem "vez" que eu faço.

Aí você faz onde?

Na sala.

Como é a sala? Desenha para mim.

Você lembra qual foi a última vez que você fez lição de casa?

Foi antes de ontem.

Que lição você fez?

De Matemática.

O que tinha que fazer?

Era para fazer umas continhas lá.

Dessas continhas, qual você acha difícil?

Quase todas.

O que você não acha difícil na Matemática?

Ah, não sei.

Tudo é difícil? Por que você escolhe fazer lição na sala?

Porque é mais fácil sentar no sofá.

Tem alguma mesa na sua casa que você possa sentar e estudar?

Tem.

²⁷ Identificação no desenho.

Que mesa que é?

Lá na sala de copa.

É uma mesa que ninguém usa?

É.

Você prefere sentar na sala, porque já liga a televisão também?

É.

Ah...

O que é isso?

O sofá.

É vermelho? O tapete da sua casa é preto?

Não, eu que pintei de preto.

Por que você escolheu pintá-lo de preto?

Não sei.

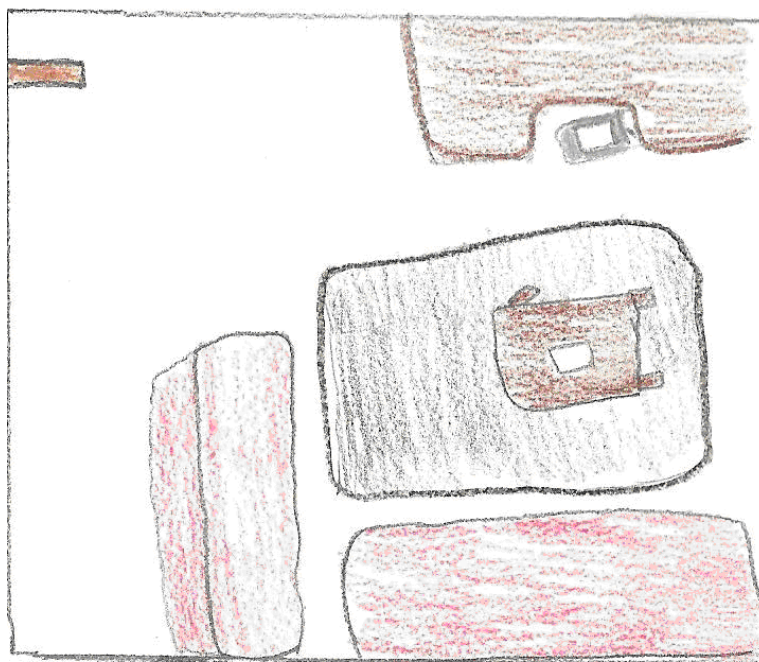
De que cor que ele é?

Meio marronzinho.

E isso aqui?

É a estante.

...



O que você mais responde para mim é “não sei” você já reparou? (*Risos.*)

E isso aí o que é?

A porta.

E isso aqui?

A televisão.

Isso aqui é uma mesinha?

É.

E o que tem no meio da mesinha?

Caderno.

Esse caderno é seu? *(O aluno afirma que sim.)* Não quer colocar mais nada? Tem algum lugar na sua casa que você se diverte?

Não.

Não. Onde você se diverte?

Na frente da minha casa com os amigos.

Então desenha para mim.

Dentro de casa não tem nenhum lugar? Nem assistindo à televisão?

(O aluno diz que não.)

Você tem computador na sua casa?

Tenho.

Tem internet?

Tem.

Em que você gosta de “mexer” na internet?

No Orkut.

Mas também não é o lugar onde você mais se diverte?

Não.

Toda noite você fica na rua?

Não.

O que vocês fazem na rua?

Fica conversando.

Quem fica aí na frente?

Eu e um amigo.

Só vocês dois?

Este aqui é quem? E isto daqui?

Meu amigo, e a bicicleta.



...

3.4.1.2 A família através do olhar da mãe

...

Eu vi que a senhora tem uma tatuagem do Cândido aqui?

Não é dele. É do meu irmão que desapareceu faz dez anos.

É o mesmo nome?

É o mesmo nome do meu vô, do meu pai, e daí pus no Cândido também.

Em casa ele costuma fazer lição de casa?

Na 2ª, 3ª série ele fazia, mas agora não faz mais.

Quando ele costumava fazer, ele fazia onde?

Na sala, assistindo televisão e fazendo.

Deixava a televisão ligada e fazia?

E fazia.

Ele fazia onde na sala?

Sentado no sofá, e punha uma mesinha.

Como é o dia dele? Ele vem para escola...

Ele vai pra escola quando quer.

Ele falta bastante.

Ele falta bastante, eu falo pra ele vir pra escola, quando ele era pequenininho eu arrastava ele pra escola, a minha obrigação de quando ele era pequenininho eu fiz, agora ele sabe muito bem o que ele "tá" fazendo, ele tem o exemplo do meu irmão, o rumo errado que ele tomou, ele "tá" vendo o exemplo de todo mundo que "tá ino" pro mau caminho. Ele não "tá ino" pro mal caminho? Lógico que não, mas ele já "tá" prevenido. Na parte da tarde ele

trabalha com o irmão dele, irmão por parte do pai. Sai seis, sete horas, fica mexendo no computador um pouquinho, toma banho e sai com os amigos.

Ele fica na rua ou sai...

Sempre vai e volta, vai e volta. No final de semana ele dá uma sumida, mas sempre fala onde “tá”. Uma vez ele levou um susto, meu marido foi atrás dele pra ver se ele “tava” no lugar que ele falou.

Ele tem muitos amigos?

Tem alguns.

É porque a gente vê que ele é um menino bem fechado. Aqui na escola mesmo, para eu ouvir a voz dele, falando uma frase inteira ou falando algo que eu pudesse ouvir mesmo, foi quando eu fiz a entrevista. Em casa, é também muito fechado ou não? Conversa bastante?

Conversa, agora que ele sossegou um pouquinho, que ele é bem palhaço.

Acho que ele é mais fechado aqui na escola.

Acho que sim.

Ele faz alguma atividade fora do horário de aula? Algum curso?

Não, nunca se interessou, a gente fala, meu marido tem maior gosto dele fazer, mais ele não quer.

Ele vinha fazer reforço aqui na escola. Só ano passado que não teve. A senhora notava se tinha melhora ou não?

A mesma coisa.

A senhora não notou nenhuma diferença?

Não.

Ele ajuda nos serviços domésticos?

Quando vê eu triste.

O que ele costuma fazer?

Junta as coisas pra mim, dobra roupa, varre a casa, limpa, ajuda a cuidar dos cachorrinhos meu, mas só quando eu “tô” triste, que eu tive depressão, e tive uma recaída.

Quando a senhora está mal aí ele ajuda?

Nunca mais também eu fiquei do jeito que eu “tava”, mas eu cheguei num ponto de não querer tomar banho, não querer conversar, não comia nada, tinha que ir direto no hospital tomar injeção na veia de calmante com soro. Então tem vezes que eu tomo bastante calmante... eu falei pro médico que não adianta, que só Deus pra ajudar a tirar meu irmão da cabeça, a gente era muito unido, era carne e unha.

Desculpa eu estar perguntando, mas seu irmão sumiu faz dez anos?

Dez anos.

E aí depois que seu irmão sumiu que a senhora ficou com depressão?

É foi, foi vindo pros meus pensamentos desde quando meu filho Washington começou a andar com más companhias, e fiquei com medo de acontecer o mesmo que aconteceu com meu irmão. Agora o Washington já acalmou, tomou bastante juízo mesmo, depois que quebrou bastante a cara, porque nossa, eu nunca bati nos meus filhos, e os outros batia nele.

Este é o filho da senhora?

É.

Ele é o mais velho?

Não, ele é o segundo, é antes do Cândido. Aí foi juntando tudo, aí onde eu fui parar na cama, não foi só por causa do meu irmão. Principalmente nas épocas comemorativas, pra mim era a maior tristeza, de todas as épocas, só a páscoa que eu gosto, que eu consigo comemorar um pouquinho, as outras pra mim é a maior tristeza.

O seu irmão sumiu?

Desapareceu, começou a se envolver com drogas, essas coisas, essa era a minha preocupação com os meus filhos. O que mora no Belo Horizonte “tá” no caminho certo, um é mecânico, o Washington pelo jeito quer mexer com pintura, só o Cândido que não quer estudar, ele fica lá trabalhando com o irmão dele, eu falei pra ele que já que não quer estudar, pelo menos aprenda alguma profissão, lá com o irmão ele fica com o pano lustrando, varrendo, limpando, eu falo que isso não vai levar ele a nada, que em dois meses ele aprende e ajuda o irmão a reformar os carros.

O que o Cândido mais gosta de fazer quando não está na escola?

Ele gostava muito de ficar na Lan House, mas agora meu marido pôs internet em casa, conseguimos segurar ele um pouquinho em casa.

Em casa, ele tem alguma dificuldade de relacionamento com os irmão, com a senhora...

Não, ele é um palhaço.

Ele não é muito fechado?

Não, é estranho a senhora falar que ele é fechado.

Aqui a gente não ouve a voz dele. Eu o estava entrevistando e ele só falava “não sei”. Parece um menino muito tímido, muito fechado aqui na escola. Ele costuma ajudar financeiramente em casa?

Ele ganha bem pouquinho, de vez em quando ele ajuda.

...

Se eu pedisse para senhora desenhar o Cândido lá no serviço dele, como que a senhora desenharia? Pode ser um desenho bem simples, a senhora não precisa se preocupar de estar bonito, feio, reto ou torto.



Ele gosta de ler ou não? Tem livros na casa da senhora?

Não, eu gosto de ler. Eu leio.

A senhora gosta de ler o quê?

Eu sou católica, mas gosto muito de ler Chico Xavier.

Ele vê a senhora lendo e se interessa, ou nunca se interessou?

Nunca se interessou.

O marido da senhora gosta de ler...

Não tem tempo. Ele trabalha muito.

O marido da senhora é caminhoneiro, certo?

É caminhoneiro, por isso o Cândido se aproveita mais da situação. Ele fica lá parado, bom, às vezes que eu fui lá foi isso que eu percebi, o irmão dele disse que paga o Cândido pra ficar olhando ele, mas ele faz o serviço dele.

...

A senhora acha que tem algum fato ou acontecimento que o possa ter prejudicado?

Se aconteceu alguma coisa, por exemplo, em casa?

É no sentido assim, às vezes, alguma perda, como a criança perder a mãe, ou a criança sofreu algum trauma na infância, aí possa ter prejudicado.

Não, simplesmente foi a minha depressão.

A senhora acha que a depressão da senhora atingiu muito mais o Cândido do que os outros filhos ou não?

Não, todo mundo. Eu ajoelhava no chão, eu não conseguia fazer comida, eles compravam pão, marmiteira, eles se viravam, parecia que eu ficava mais nervosa que eu queria fazer minhas coisas, mas não conseguia fazer, tinha dia que eu ajoelhava e pedia pra Deus alguma coisa que eu podia fazer.

O Cândido já tomou algum medicamento constante?

Não.

Ele já fez algum tratamento com psicólogo?

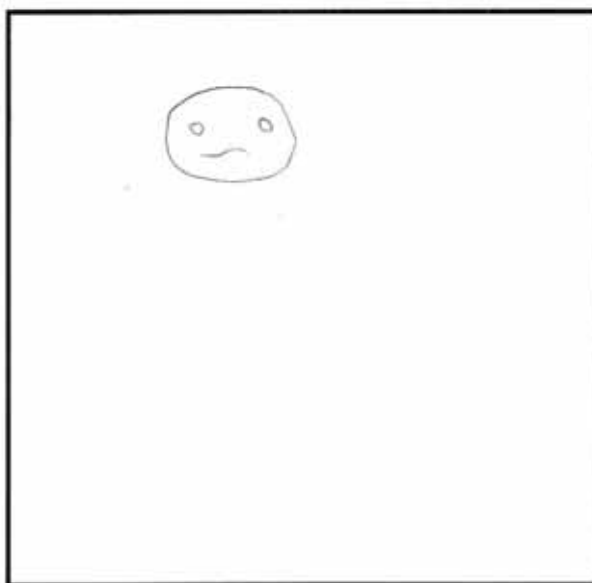
Já, a escola pediu uma vez, eu levei e ele fez, a psicóloga achou que ele “tava” muito “boa vida”.

O Cândido tem muita dificuldade de aprendizagem, de escrita. Os outros filhos da senhora tiveram esse mesmo problema ?

A dificuldade não, mas só o mais velho meu que estudou tudo, estudou até o 3º colegial, ele tem um estúdio de tatuagem em Belo Horizonte.

Eu queria que a senhora desenhasse aqui para mim, como que a senhora vê o Cândido, pode ser só o rosto ou o corpo todo. Como que a senhora o vê?

Eu gostaria de fazer ele um pouco sínico.



A senhora acha que ele é cínicos?

Acho, ele é falso.

Por que a senhora diz isso?

Porque sim, porque... Como que eu falo pra você... a mesma hora que ele é uma coisa ele é outra, de repente ele se transforma.

...

É só isso mesmo...o que mais a senhora gostaria de destacar?

A gente gostaria que ele fizesse faculdade, porque no nosso tempo a gente não conseguiu, tinha que trabalhar na roça, ajudar o pai, a mãe, mas mesmo assim a gente ia na escola quando podia.

Na entrevista que eu fiz com o Cândido, ele disse que queria ser caminhoneiro, como o pai, mas que a senhora não ia gostar de jeito nenhum.

De jeito nenhum.

...

3.4.2 A ESCOLA

3.4.2.1 A escola através do olhar de Cândido

Se eu pedisse para você desenhar a escola, como que você desenharia?

A frente dela assim. (Apontando para a escola.)

A frente? Se quiser usar a régua ou se quiser fazer a mão livre, tanto faz. Você pode fazer?

(Enquanto ele faz o desenho...)

Você reprovou só a 5ª série?

Só.

Você fez dois anos de pré?

Não.

Você já freqüentou CEACRI? *(O aluno nega com a cabeça.)*

O reforço, você já freqüentou? *(O aluno afirma com a cabeça.)*

Faz tempo? Você lembra o ano em que você freqüentou?

Não.

O que você achava do reforço?

Bom.

Mas, bom por quê?

Porque eles “ensinava” bem, né?

Mas do que você gostava mais aqui?

Não sei.

O que você acha mais complicado na escola?

Não sei.

Você falta bastante... Por que você falta tanto?

Às vezes eu perco hora assim, "memo", tem umas "vez" que não dá vontade não.

Você acorda e pensa: Eu tenho que ir pra escola, daí você prefere ficar?

É.

O que você acha ruim de ter que vir à escola?

Nada.

Como nada? Se você falta bastante deve ter alguma coisa de ruim?

Eu acho bom, "mai" dá preguiça.

Você está trabalhando?

"Tô"

Onde você trabalha?

Na tapeçaria perto da ponte.

...

No dia que você falta à aula, você faz o que de manhã?

Eu vou lá ajudar ele lá.

Você vai mais cedo trabalhar?

É, que ele é meu irmão.

Ah, o seu irmão que é dono da tapeçaria?

É.

Você almoça por lá ou volta para almoçar?

Eu volto pra almoçar.

O que você mais gosta de fazer lá?

Montar banco de carro.

Qual é o pior serviço que tem, o mais chato?

Desmontar sofá.

No sofá tem que por enchimento, né?

(Estabelecem-se quatro minutos de silêncio e o aluno continua desenhando...)

Aqui o que é?

Aqui é o teto.

Da escola ou da quadra?

Da escola.

Aqui são os vidros?

É.

Por que você escolheu essas duas cores?

Ah, sei lá.

Não tem nenhum motivo especial? A escola tem um barrado meio azul, meio verde?

Isso, o que é?

O chão.

Em que você tem mais dificuldade, aqui na escola?

Aprender as coisas.

É? Desde quando você tem essa dificuldade, que você percebe?

Desde a quarta.

Desde a 4ª série? Antes você acha que você não tinha? *(O aluno confirma com a cabeça.)*

O que aconteceu na 4ª série?

As coisas “ficou” “mai”... Fora do processo.

Pode falar, não precisa ter vergonha de falar, é do que eu preciso, que você fale para mim. Por isso eu escolhi alunos que têm dificuldade e que eu acho que podem me ajudar na pesquisa.

O que aconteceu na 4ª série que ficou mais difícil?

Ah, não sei.

De todas as séries, você acha que 4ª foi a mais difícil? *(O aluno confirma com a cabeça.)*

E na 5ª série, o que você achou difícil?

“Poca” coisa.

O que você achou quando você reprovou?

(Estabelecem-se três minutos de silêncio e continua desenhando...)

Se você quiser passar para o próximo desenho, a gente passa.

Você acha que essa sua dificuldade de aprender faz você querer faltar da escola?

(Silêncio e continua desenhando.)

Qual a aula que você sente que é mais difícil?

Ciências.

O que você sente mais dificuldade?

É que eu não presto atenção direito, né. Aí eu não consigo aprender.

Em que você fica pensando, que você não presta atenção?

Em nada.

...

Podemos passar para o outro desenho? Mas, me explica esse desenho que você fez.

Fiz o portão ali, a árvore no cantinho, o sol e as “nuvem”.

Esses aqui são...

Os passarinhos.

E as crianças entrando na escola?

É.



3.4.2.2 A escola através do olhar da mãe

Quais são as dificuldades que a senhora vê no Cândido em relação à aprendizagem?

Eu vou ser bem sincera com você, eu não ando acompanhando.

E assim, quando ele era criança, quando ele era pequeno...

Ele nunca gostou de ir pra escola, desde o pré, nunca gostou, era a maior dificuldade trazer ele pra escola, no “prézinho”. Era a maior dificuldade trazer ele pra escola desde pequenininho.

Na leitura, na escrita, ele teve dificuldade quando era pequeno? A senhora lembra?

Lembro, não foi difícil não.

A senhora nota que as dificuldades dele surgiram em qual série?

Sempre, desde pequeno.

Nunca ele foi um bom aluno?

Nunca foi.

Ele costuma estudar em casa?

Não, eu falo pra ele, ele não obedece, eu falo, dou conselho, explico, tento falar, aí ele fala que eu “tô” falando demais.

...

Se eu pedisse para senhora desenhar a escola, pode ser um desenho bem simples mesmo, como que a senhora desenharia?



3.4.3 A MATEMÁTICA

3.4.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Cândido

Em que você sente mais dificuldade na aula de Matemática?

Não sei.

...

Quando você fazia o reforço aqui, o que era pior?

Nada.

Você se sentia mal em ter que vir no reforço?

Não.

Não? Você faltava muito no reforço?

De vez em quando.

É?

...

Como é a aula de Matemática, para você?

Ah...

O que você me diria?

Ah, é bom, né! “Mai” só, tem hora que eu não presto atenção.

Por que você não presta atenção?

Eu converso muito na hora da aula²⁸.

Explica o desenho para mim.

Aqui é a lousa, a professora passando lição na lousa, e eu conversando.

Este aqui é você, o único diferente. Por que a lousa está em branco, se ela está passando lição? Tem algum motivo?

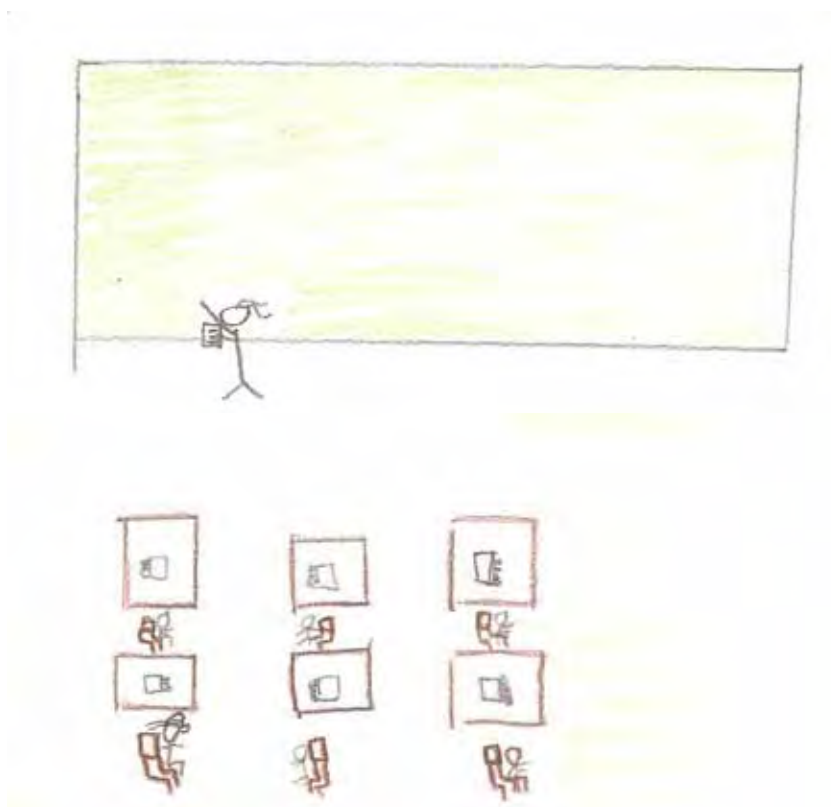
Não.

Tem mais alguma coisa que você queira explicar aqui?

O que mais você me diz da aula de Matemática? Mais nada: boa, ruim, chata...

Ah, boa.

...



3.4.3.2 A entrevista baseada no espelho

Fala para mim o nome dessas figuras?

Triângulo... (tempo) retângulo...

E esta aqui?

²⁸ Ele é um aluno que tem poucos amigos e conversa sempre baixo, espreitando-se do olhar do professor.

Redondo?

...

Esta dificuldade que você tem em aprender contas, problemas, você tinha antes também? Sempre teve?

Tinha.

Qual que é a dificuldade que você tem hoje em Matemática?

Outras contas lá, que começou as “conta” “nova”, de 8ª série, daí eu não consigo entender direito.

Você pode fazer alguma conta desse tipo, que você não está entendendo?

A photograph of a handwritten mathematical expression on a piece of paper. The expression is $\{ [0,24] \} =$. The numbers and symbols are written in a cursive, slightly messy style with dark ink.

Tem mais alguma coisa da aula que você pode escrever para mim?

Não lembro.

Você sabe me dizer desde quando você tem dificuldade?

Desde a 4ª série.

Na 1ª, 2ª, 3ª série você acha que não tinha?

Não.

...

Como você estuda? (*Silêncio.*)

Hoje você não estuda?

Não.

Mesmo essas contas que você tem dificuldade, você não pede ajuda para ninguém?

Não.

E como você estudava?

Eu pegava a tabuada, ficava fazendo umas continhas lá, e fazia umas continhas no caderno e tentava resolver.

Faz essas continhas aqui para mim, por favor.

$$\begin{array}{r|l}
 \begin{array}{r}
 +2374 \\
 131 \\
 \hline
 368
 \end{array}
 &
 \begin{array}{r}
 296 \\
 184 \\
 \hline
 512
 \end{array}
 \end{array}
 \left. \begin{array}{l}
 \begin{array}{r}
 53 \\
 \times 4 \\
 \hline
 202
 \end{array} \\
 612 \\
 331
 \end{array} \right\}$$

E estes probleminhas aqui, você pode resolver?

- a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?
- b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

Copiar eles aqui?

Não. Para você ler, e ver como você pode resolver, esses dois.

Cada orfanato irá receber 206 cobertores

Ela tinha no início 479 reais

Você resolveu o problema. O que você entendeu dele? (*Silêncio.*)

Pode ser sincero, o que você entendeu?

Que o orfanato ganhou 600 "cobertor", e que tinha que dividir por três orfanatos, aí eu fiz...

Você fez na cabeça, não precisou fazer no lápis não? E este aqui também você fez, e já colocou resposta. Você fez de cabeça?

Ah, eu fiz uma conta aqui, não sei se "tá" certo.

...

Agora nesta folha aqui, fala para mim o nome dessas figuras.

Triângulo, retângulo e redondo?

Você pode fazer essas continhas aqui?

$$\begin{array}{r}
 237 \\
 + 131 \\
 \hline
 368
 \end{array}
 \left. \begin{array}{r}
 296 \\
 - 184 \\
 \hline
 112
 \end{array} \right\}
 \begin{array}{r}
 53 \\
 \times 4 \\
 \hline
 202
 \end{array}
 \left. \begin{array}{r}
 61213 \\
 332
 \end{array} \right\}$$

3.4.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.4.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Cândido

Agora eu vou fazer uma pergunta para você, que pode ter diferença ou não, você é quem vai me dizer.

Se eu falar assim: Como você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que fosse?

Podem ser duas coisas diferentes ou não.

Você acha que vai ter diferença ou não, e como vai ser?

Eu acho que vai ter diferença.

Como você gostaria que ele fosse? Quando você pensa em você daqui a alguns anos, você pensa o quê? Você gostaria que acontecesse o que na sua vida?

Não sei.

Você não sonha nada?

E como você acha que vai ser?

Também não sei.

Você não acha nada do seu futuro?

Mas você me disse que acha que vai ter diferença, em que sentido, eu não entendi?

Não sei.

Se você tivesse que desenhar o seu futuro aqui, o que você desenharia?

Ah, caminhoneiro.

Caminhoneiro? Mas, você gostaria de ser caminhoneiro? Você conhece alguém que é caminhoneiro?

Meu pai.

Ah, seu pai é caminhoneiro? Está vendo você não fala?

...

Você gostaria de ser caminhoneiro por quê?

Eu gosto de viajar.

Você já foi com ele viajar?

Já.

...

Você não achou muito cansativo? Seu pai não reclama que é muito cansativo, ou não fala nada? Alguma vez na sua vida você sonhou em ser outra coisa?

(O aluno continua desenhando sem responder nada.)

...

Você quer um caminhão de que cor?

Azul.

Por que você escolheu essa cor?

Não sei.



Agora eu vou pedir para você fazer aqui um desenho de você mesmo, um autorretrato. Você pode fazer só o rosto, ou o corpo todo.

Mais alguma coisa aqui? Aqui você está dando risada, você acha que você é feliz?

(Afirmou)

Que mudança poderia deixar você mais feliz?

Parar de ficar conversando na aula, prestar atenção, aprender mais coisas na escola.

Você acha que isso o faria mais feliz, ou é o que as pessoas dizem que você precisa fazer?

Eu ficaria feliz mesmo.

...

3.4.5 O diagrama de forças que cercam Cândido

No diagrama de Cândido podem-se destacar dois movimentos muito fortes na fala dele: o **Prestar Atenção** e a **Ausência**. A ausência é algo muito presente na vida de Cândido, ele falta absurdamente da escola, chega a ficar um, dois meses fora, e depois retorna por intermédio do

Conselho Tutelar. A mãe diz que “*Ele falta bastante, eu falo pra ele vir pra escola, a minha obrigação de quando ele era pequenininho eu fiz, agora ele sabe muito bem o que ele ta fazendo...*”, e quando questionada sobre o que ela tem visto no Cândido com relação à aprendizagem, ela responde: “*Eu vou ser bem sincera, eu não ando acompanhando.*”

Futuro? Silêncio. O que mais impressiona na entrevista de Cândido é a falta de sonhos. Sem acompanhamento, sem perspectivas futuras, ele lança um discurso pronto da instituição escolar quando questionado sobre que mudança o deixaria mais feliz: “*Parar de ficar conversando na aula, prestar atenção, aprender mais coisas na escola.*”

Dois movimentos: Prestar atenção e Ausência.

3.5 C. RONALDO

e eu: não tenho vô, não tenho vó, nem tio, nem tia, pai sumido no mundo, mãe: bonita, meiga, vaidosa? porra o que eu tenho lá em casa é um caco, coitada da minha mãe, a culpa é de quem? essa vida esbodega a gente, que jeito? [...] gosto da minha professora mas não tem condição: os olhos dela e os meus não olham juntos pra mesma direção: os meus mergulham na terra, desentranham os grãos da massa e os dela sobem pras alturas, bóiam em nuvens que ela faz; a fala dela não é a minha, em que cartilha ela aprendeu? (LACERDA, 2001, p.118)



Franzino, com um topete muito bem feito com gel, sempre com um sorriso no rosto e um jeito malandro de andar, C. Ronaldo²⁹ tem um sonho, ser jogador de futebol. Muitos adolescentes brasileiros têm esse mesmo sonho, mas para ele é mais do que isso, é um objetivo a ser alcançado de qualquer maneira. Não apenas para ele, mas para toda a família. Vindo de uma família com sete irmãos, todos apostam nele, mãe, irmãos. E o pai, não aposta? Não. O pai era alcoólatra, batia nele, nos irmãos, na mãe, e morreu poucos dias depois desta entrevista.

A entrevista de C. Ronaldo foi uma das mais longas, pois ele tem noção de desenho em perspectiva e não estava satisfeito em fazer os desenhos planejados, por isso ficou extremamente preocupado, com medo de estar demorando muito para entregá-los.

3.5.1 A FAMÍLIA

3.5.1.1 A família através do olhar de C. Ronaldo

Vamos para outro, se você não gostou de fazer desenho, agora eu vou lhe pedir um de que você não vai gostar, mas eu vou pedir: desenha você mesmo, aqui no quadrado?

²⁹ Esse nome foi escolhido pelo entrevistado numa referência ao jogador brasileiro naturalizado português Cristiano Ronaldo, ele disse: “*Eu quero que a senhora escreva C ponto Ronaldo.*”

Desenhar eu aqui neste quadrado?

...

“Tá bão” (Desenho)

Sem chuteira?

É, “tô” de tênis. (Risos)

É, topete, sorriso... (Risos)

É.

Você não quer colorir?

Não.

Se você tivesse que escolher, um nome para você...

Nossa, tem tanto nome... C. Ronaldo.

...

Agora, já, já, começa os treinos meu, de futebol.

Você treina onde?

No Campano. Você sabe onde é?

Sei. E o que você quer ser? Jogador?

Tentar.

Você joga bem?

Eu acho que eu jogo, pra muitos do meu tamanho, eu sou bem melhor, maior do que eu... Olha professora “tá” feio, mas eu “tô” tentando.

Não se preocupe comigo, vai desenhando.

Olha que trave bonita.

...

Vocês moram de aluguel ou não?

“Nói teve” uma vida nada fácil.

É?

Meu pai é alcoólatra, e minha mãe sofreu muito.

E vocês também... Seu pai bebe ainda ou não?

Bebe, não vai demorar muito tempo pra ele sair de casa.

É?

Acho que amanhã ele sai.

Ah, é?

Se eu não me engano é.

Por quê?

Ah, porque meu irmão mesmo não gosta, ninguém gosta... ele perturba muito.

Ele bebe e dá trabalho?

Chega brigando.

E ele trabalha?

Trabalha.

E ele faz o quê?

É servente de pedreiro.

E sua mãe, trabalha também?

É faxineira.

...

Você falou que você não teve uma vida nada fácil, o que mais foi difícil?

Que foi não, né? “Tava” sendo estes tempos atrás, agora deu uma parada, era mais o meu pai “memo”.

E você com ele, vocês se dão bem ou não?

Nem converso com ele, nem olho na cara dele. Ele é meu pai, né? Mas não considero como pai...

...

Quantas meninas e quantos meninos têm na sua casa?

Meninas são duas, meninos cinco.

...

E seu pai vai para onde agora? Você sabe?

Acho que ele vai pra casa do meu “vô”, se eu não me engano. Diz ele que ia pra lá.

Nossa Senhora, que desenho bonito.

Está ótimo! Pode continuar.

“Tá” ótimo?!?

...

De “uns” tempo pra cá, meu pai tinha parado de beber, sabe, aí começou a trabalhar de novo. Mas não vai demorar muito tempo...

...

Você falou que não vai demorar muito tempo por quê?

É, eu falei que não vai demorar muito tempo, porque álcool é um vício...

Mais alguém da sua família bebe: seus tios, primos...

Meus tios “bebe”, mas cerveja, mas pouco, não exagerado.

E o seu pai bebe o quê?

Meu pai bebe pinga. (Riso envergonhado dele)

...

Quer colocar mais alguma coisa?

Ah, não, "tá" bom, senão vou acabar destruindo.

E você quer colocar alguma cor ou não?

Cor?

É.

Você preferia com cor?

Não. O que você prefere? Assim?

Os desenhos "é" bonito "memo" professora.

Que mais que tem que desenhar.

Eu queria que você desenhasse sua casa.

Minha casa?

É.

Aí! Agora eu desenho... minha casa não é tudo aquilo não.

O que é tudo aquilo?

Ah, não é casarão não, é casinha.

Mas é sua casa.

Desenho mais ou menos, nunca fui bom em desenhar.

Você se acha bom em quê?

Futebol.

Futebol?

É, futebol professora.

Vamos ver se eu desenho minha casa... Vou desenhar uma casinha simples.

Desenha sua casa, eu não sei, não conheço sua casa, o que você desenhar eu vou achar que é sua casa.

Ah, então "tá" bom.

...

Esta é sua casa por fora?

Sim, eu "tô" tentando desenhar aqui a casona bonita.

(Sobre o desenho) Tem uma janela.

Você desenhou a escola e sua casa por fora. Por que você escolheu desenhar por fora?

...

É que por dentro eu não consigo desenhar não. Minha casa é feia por dentro.

O que tem de feio na sua casa?

Um “monti” de coisa, que não tem nem como citar. Aí professora, meu casarão.

O que mais que tem? Não tem árvores?

Tem árvore, tem uma calçadinha assim...

Fora da sua casa tem uma janela só?

Por fora?

É.

Tem uma só.

Quantos quartos têm na sua casa?

Tem três, dois dentro da casa e um lá no fundo onde meu pai fica.

Seu pai não fica com todo mundo?

Não. A árvore ficou mais ou menos também que eu fui inventar aqui.

O quartinho que seu pai fica é do outro lado? Daqui onde a gente está olhando não dá para ver então?

Não. Fica pra lá.

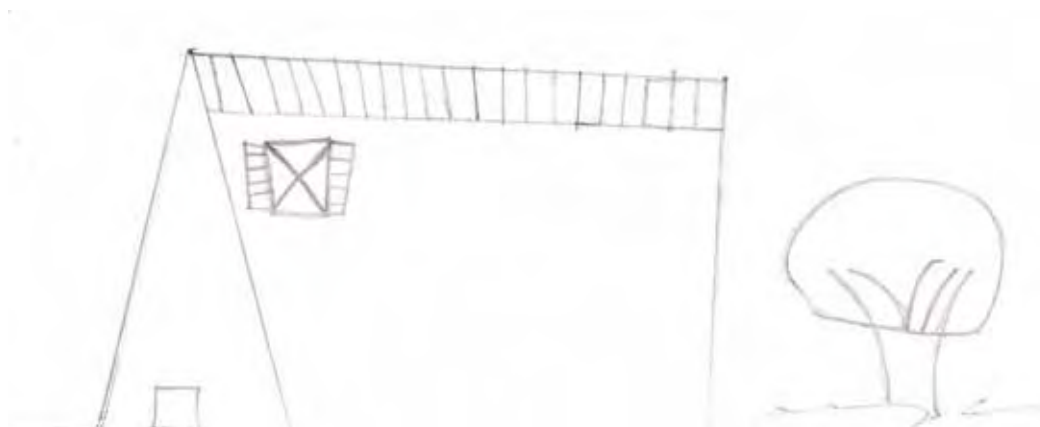
O que mais você colocaria?

Colocaria o fogão, geladeira, mas eu não sei desenhar...

Mas, isso é por dentro, né? Mas para você esta aqui é sua casa de frente.

É, de frente.

Então esta é sua casa?



É. Cada desenho bonito, gente do céu, parece de criancinha da 1ª série.

Você costuma estudar na sua casa?

É pra falar sinceridade.

É lógico que é sinceridade, só estamos nós dois aqui. *(Risos.)*

É raro.

Mas, ler assim, eu leio muito, quase todo dia.

E na sua casa, onde você costuma estudar? Onde você fica mais, para ler, estudar?

Na cozinha e no quarto.

...

Onde você estuda ou lê mais, no quarto ou na cozinha?

No quarto.

O que você lê?

Eu? Leio poesia, leio de tudo... Machado de Assis.

É? Onde você arrumou esses livros?

Ganhei, uns eu ganhei da escola, e outros uma mulher lá de casa deu.

...

É? Você fala assim que lê bastante. Mas com que frequência você lê: todo dia, uma vez por semana...

Quase todo dia.

Quem lê mais na sua casa?

“É” eu.

É?

(Sobre o desenho) O que eu estou aprontando?

Quer outra folha?

“Tô” errando.

Este é o lugar onde você mais gosta de ficar na sua casa?

É, no meu quarto.

Seu quarto ou da sua irmã?

É meu.

Quem dorme no seu quarto?

É que tem “triliche”, aí dorme eu e mais dois “irmão”.

...

O que é isso?

Nem sei, “tô” tentando fazer os pés, mas “tô” tentando fazer ela em pé.

Como se você estivesse olhando assim para ela? (Ele quer fazer o desenho em perspectiva, mas não está conseguindo.)

É, mas não “tô” conseguindo. Ah, não consigo desenhar não.

...

O que o deixa mais triste na sua casa é de seu pai beber?

É... e minha mãe também.

Sua mãe também, por quê?

Porque ela trabalha muito.

Todo dia? E o dia todo?

É.

Você gostaria que ela trabalhasse menos?

Eu falo pra ela, mas não adianta minha mãe é teimosa.

Você queria que ela trabalhasse menos por quê?

Porque, toda vez que ela volta, ela volta cansada, e eu sou obrigado a fazer massagem nela. (Risos dele.)

É?

Aí eu faço.

Você faz? Só você?

É, e de vez em quando ela pede pra minha irmã, a Jéssica, mas ela faz também, mas reclamando.

...

O que mais tem no seu quarto?

Tem o computador...

Tem computador?

Tem.

Quem que usa o computador?

Mais meu irmão.

...

Você está preocupado de eu achar bonito ou feio seu desenho? *(Aluno confirmando com a cabeça)*

Não fica preocupado, eu já falei para você...

Eu não consigo desenhar... Vou tentar desenhar o computador.

Ok.

Tentar, viu professora!

Todo mundo usa o computador?

Todo mundo, até minha mãe usa.

É?

É, tem umas tias que mora no Paraná, aí minha mãe manda recado pra elas.

Tem internet?

Tem. Tinha internet né, que cortou, aí eu tive que ir lá pagar.

É aquela por telefone?

É, por isso que eu atrasei hoje, eu fui lá pagar no... esqueci o nome lá do lugar.

É, tem que esperar ligar. É a “mai” ruim, é “mai” lerda.

...

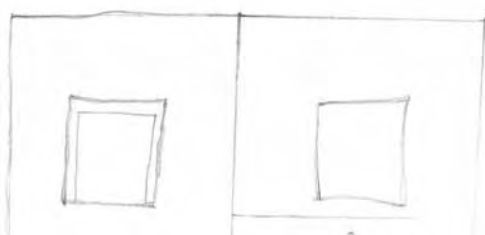
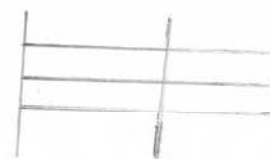
Nossa! Eu desenho muito bem.

Não fica preocupado, pode desenhar. Se quiser colocar alguma cor.

Os “bonequinho”...

Os bonequinhos do MSN?

É.



...

Agora vou pedir para você... Tem algum lugar especial da sua casa, onde você gosta de se divertir?

Onde eu me sinto bem?

É.

Tem.

Onde?

O quintal.

...

Era assim que era pra mim ter desenhado a escola... (Em perspectiva.)

...

Tem a sua casa, tem o quintal, e depois é o quarto onde o seu pai dorme?

É, no fundo, no quartinho lá. Já era pra ele ter ido embora faz tempo já, mas minha mãe ficou com dó dele.

Sua mãe faz tempo que não vive mais com seu pai, que está separada?

Não sei dizer.

...

Seu pai e sua mãe sabem ler?

Sabe... meu pai não, minha mãe sabe.

Seu pai não sabe ler e escrever?

Não sabe nem ler, nem escrever, escrever sabe mais ou menos, só o nome dele.

...

Se você tivesse que desenhar sua família, você faria aqui no quintal ou no outro desenho da sua casa?

No outro da casa.

Que mais que tem aí no quintal?

Tinha outra planta.

Você não coloca muitos detalhes nos desenhos que você faz...

Não ponho.

Por que você não quer desenhar ou porque não tem?

Tem, “mãe” eu não sei desenhar muito bem.

Olha que bonito minha flor!



Não tem importância. Que mais que tem aqui, aqui é tudo cimento?

É, aqui tem uma escadinha, depois você sobe e tem uma área.

Tipo uma laje?

É. Aí depois disso aqui é tudo cimento e aqui é tudo flor, um “monti” de galho, tudo verde, nem sei o nome disso, e aqui dentro tem uma árvore.

Você quer colocar mais alguma coisa aqui?

Não

Cansou?

Não.

3.5.1.2 A família através do olhar da mãe

...

É assim, eu noto muito pouco, eu quase não tenho tempo nem pra notar, ele tem sete irmãos, tem um pai, que eu não gosto de falar... Mas vou falar, o pai é alcoólatra, a gente não tem muito tempo para “tá” observando essas coisas sabe?

Ele disse que eles são em sete, que a senhora trabalha muito...

Que eu não tenho tempo nem para olhar os cadernos deles, eu já não “tô” muito por dentro, é muito pouco eu vejo, eu vejo que ele tem dificuldade em tabuada, a escrita dele é muito mal, que pra quem “tá” na 8ª ele escreve mal, né? Acho que ele tinha que melhorar um pouco a caligrafia, e eu acho que ele é meio devagar assim, mas por que eu não sei.

...

Ele costuma estudar em casa?

Ele costuma chegar e treinar, jogar bola.

Ele falou para mim que quer ser jogador de futebol.

É só isso que ele pensa, acho que deixa a escola de lado.

Ele treina todo o dia?

Acho que umas duas, três vez, mas o “problema” não é todo dia, tem os dias certos, mas ele continua indo, o campinho é perto de casa.

Ele vai jogar?

Vai.

Então, ele não costuma ter um horário para estudar?

Precisa né? Tem que tirar um horário pra ele estudar sim.

Ele não costuma ter um horário para estudar?

Não, ele só vai estudar quando tem lição pra fazer, uma pesquisa.

...

A senhora costuma ler, livro, faz leitura da bíblia?

Às vezes eu leio a bíblia, leio também jornal, revista.

E o pai costuma ler alguma coisa?

O pai não. Ah, não tem nem condição, né...

Ele chega da escola ele fica em casa vendo televisão, às vezes ele dorme, dorme a tarde inteira, às vezes ele vai pra casa do amigo. Hoje ele foi na casa de um amigo dele, não sei se ele foi fazer trabalho de escola, que eu não entendi direito, ele vai pro treino jogar bola, ou vai pra casa do vizinho. Sabe o que acho que ele está fazendo demais? Jogando videogame, não é dele,

é do vizinho, ele fica “intertido” no videogame, acho que ele fica muito tempo, tenho que tirar isso dele.

Ele faz alguma atividade fora do horário de aula? Ele joga bola, mas ele faz algum curso?

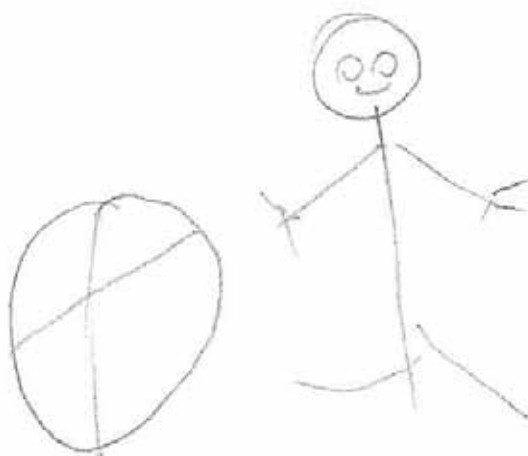
Brinca o dia inteiro, curso nada... até esses “dia” meu filho “tava” procurando algum cursinho pra ele fazer no centro cultural, mas não faz nada além disso.

A senhora poderia desenhar para mim, como a senhora vê o dia dele fora da escola? Que a senhora falou que ele gosta de jogar bola, jogar videogame.

Eu vejo ele sossegado demais, hoje eu cheguei do serviço e falei pra ele: “Você ficou a tarde inteira aqui e nem pra lavar essa louça aqui pra mim”, ele disse que esqueceu, você vê que ele não tem muito interesse.

...

Ele jogando bola e os amiguinhos da rua, direto, até a noite ele fica batendo bola, o dia inteiro. Só isso?



A senhora acha que tem algum fato ou algum acontecimento que o tenha prejudicado? Antes ele era de um jeito e depois desse acontecimento ficou de outro jeito.

Eu achava que antes, quando ele era menor ele era mais esperto que agora. Ele teve problema de hérnia, demorou muito pra fazer cirurgia essas “coisa”, mas eu acho que agora que ele “tá” crescendo ele “tá” ficando mais lerdo, antes ele era mais esperto.

E o que a senhora acha do fato de ele querer ser jogador, que eu vi isso muito nele, quando eu o entrevistei, que o sonho dele é ser jogador de futebol, quer ser um bom jogador de futebol, quer ser famoso.

Ele quer ficar rico, pra mim parar de trabalhar, que meu lugar é lá em casa, que eu “tô” trabalhando demais, as vezes ele vai lá fora e fala pra mim deixar o serviço pra amanhã e pra mim ir descansar, ele fala que quer ter bastante dinheiro pra poder dar uma vida boa pra mim.

Na entrevista que ele deu para mim, eu vi que ele é muito carinhoso com a senhora.

Ele é muito carinhoso, mas é muito brincalhão também, tem hora que a gente vai falar as “coisa” sérias com ele e ele brinca.

...

Eu queria que a senhora desenhasse para mim como que a senhora o vê. Pode ser só o rosto. Se preferir, o corpo inteiro.

Não vai ficar nada parecido com ele.

Ele frequentou o reforço aqui na escola?

Frequentou.

A senhora acha que ele teve alguma ajuda significativa no reforço ou não?

Acho que mais ou menos, ele chegou a passar de ano depois desse reforço, eu não sei dizer se ele melhorou ou não, o difícil é isso. Ai, mas esse desenho!

Está ficando bonitinho, o topetinho dele.

Alegre como sempre, ri o dia inteiro, mexe com um, mexe com outro, põe apelido, sempre alegre.



...

Quero saber como ele está, eu já tenho faltado as reuniões, quando eu cheguei aqui já tinha acabado, outro dia até choveu à tarde e não tinha como sair, eu preciso saber como eles estão, o problema é que o tempo é curto.

Às vezes eles vêm, que nem ontem ele falou que eu esqueci o dinheiro da camiseta dos formandos, então a gente procura fazer o melhor pra eles, pra incentivar, eu falei que ia comprar a camiseta, mas eu queria ver resultado, e ele falou que estava indo bem, mas como que eu vou saber que ele está indo bem, eu também sou boba, eu falto, eu preciso ver, preciso

“tá” atenta, ver os cadernos, eu peguei o caderno dele parece letra da 4ª série e “tá” péssima, eu acho que ele tá muito devagar, agora eu vou conversar com ele, pôr regras, tem que tirar uma horinha pra ele pegar um livro, estudar, então eu acho que eu “tô” faltando, acho que eu sou muito boa, e acabo prejudicando eles, eu tenho que ser mais dura, hora de dar carinho é hora de dar carinho, e tem hora de estudar.

A senhora estudou até que série?

Eu tenho até a 8ª, eu parei no colegial, eu até consegui vaga na FAG, mas não dá tempo.

É difícil voltar, né?

É difícil, sabe por que é difícil? Eu queria muito estar presente pros meus filhos, se o pai me ajudasse nessa parte, seria mais fácil, porque trabalhar fora e ainda ter que ver tudo isso, a conta eu tenho que pagar, às vezes tenho que pagar as continhas dos meus filhos, é uma correria.

A senhora trabalha em quê?

Eu sou faxineira.

Todos os dias a senhora tem faxina em lugares diferentes?

É, todos os dias, então em casa o tempo que eu tenho pra eles é pouco, eu não tenho tempo pra nada, até que eles não são tão ruins assim, eles não “tão” abandonados, porque quando eu sento na sala e vou conversar com ele eu falo: não quero você com má companhia, toma cuidado no futebol, sabe com quem você anda, com quem você fica, eu falo que vou dar um sondada pra saber se você está jogando bola mesmo. Ele tem aprontado umas coisas erradas na escola com os amiguinhos, aí meu filho mais velho dá uma dura danada nele, agora ele “tá” bonzinho, não precisa mais, a gente acha que “tá” tudo bem, mas não “tá”, às vezes eles estão aparentando uma coisa que eles não estão sendo, e para essas coisas a gente precisa ter tempo, e eu não “tô” tendo, mas eu vou me esforçar pra ter.

...

Eu queria perguntar o seguinte pra você.

Pode perguntar?

Se talvez você esteja fazendo essa pesquisa, porque você ache que ele tenha outro tipo de problema, que está acontecendo outro tipo de coisa...

A senhora acha que está acontecendo algo que a senhora não está sabendo, que eu o escolhi porque está acontecendo algum tipo de coisa com ele e a senhora? Eu escolhi esses alunos por causa da dificuldade em Matemática.

Sabe por quê? Eu tenho lido muito aqueles livros do PROERD, pra saber mais sobre as drogas, e lá tem falado muito assim que lentidão do aluno na escola pode ser porque talvez esteja envolvido com droga, meu maior medo é esse, e agora eu estava pensando comigo se essa pesquisa não é isso.

Não é nesse sentido, eu vou ser sincera com a senhora, eu nenhum momento eu pensei nisso, que ele estivesse usando droga, de jeito nenhum.

Que eu vejo que à noite ele não sai, ele é um menino que eu percebo que tem muito medo das coisas, às vezes ele fala pra gente ir na missa na capela, eu falo pra ele ir com os meninos e ele não quer ir com os meninos ele quer ir comigo, acho que ele tem medo, ele é muito medroso nessa parte. Ele tem medo de se envolver com drogas, o meu filho mais velho acha que ele tem tudo pra ser um jogador de futebol, ele dá chuteira, dá tudo, ele investe nisso. Desde o sete anos ele trabalha pra ajudar em casa, a Zezé (diretora) conhece muito minha vida, então, ele tinha que trabalhar pra ajudar em casa, ele não quer isso, ele não quer que ele trabalhe igual ele trabalhou, que na época o pai deles era violento, batia nele, a maioria deles já sofreu muito com pai, ele já teve internado tantas vezes e não resolveu, os filhos tinha vergonha, meus “filho” sofreu muito com isso, ele bebe agora, mas não é violento, como ele era antes, eu acho que não foi isso também, ou talvez seja isso, a falta dele.

Meu filho mais velho fala que nunca teve pai, que só teve mãe, fala que era para eles serem perdidos, viciados em drogas, álcool, mas não é, graças a Deus. Só que eu quero estar mais presente, mas não tem jeito. Meu filho fala que se espelha em mim, não no pai.

...

3.5.2 A ESCOLA

3.5.2.1 A escola através do olhar de C. Ronaldo

...

Você pode desenhar a escola?

A escola?

É. Do jeito que você acha que ela é.

É difícil, né? Eu desenho mal professora.

Não faz mal, desenha do jeito que você sabe.

É difícil desenhar, que eu sou muito ruim. Que jeito que eu vou desenhar?

Vou desenhar que nem uma casa?

Como que você enxerga a escola?

Olhando é uma coisa e desenhar é outra.

Então desenha do jeito que você acha.

Nossa, eu desenho muito mal! E além de desenhar mal eu não sei nem como começar.

Pensa aí.

Você não está com pressa não professora?

(O aluno demora quase dez minutos para começar o desenho.)

Eu não, tenho a tarde inteirinha.

Vou fazer uma casa, então. Você não tem uma borracha não, professora?

Tenho. É que esse lápis aqui é de desenho, e se for o lápis normal não aparece no computador. Se quiser pegar outra folha você pega também, se quiser começar diferente.

Você está olhando ali para você desenhar?

“Tô” tentando.

Não, não precisa olhar ali. Na sua “ideia”, você gostaria de desenhar a escola por dentro ou pro fora?

Por fora. Mas que jeito que eu vou desenhar... eu sou muito ruim.

Nossa! Eu não consigo desenhar a escola não.

...

(O aluno demonstra muito medo de se expor.)³⁰

Quería fazer um muro, mas não “tô” conseguindo. Olha que “fessora”, a melhor escola da cidade.

Achei que você já tivesse estudado em outra escola. Você mora aqui perto?

Eu moro, sempre estudei aqui, nesta escola.

Desde a 1^a série?

É, tinha vez que eu até chorava, porque eu não conseguia fazer a letra N. Lembro até hoje.

Por quê?

Por que a professora não deixava eu sair para o recreio enquanto eu não terminasse o texto, aí eu nunca conseguia fazer a letra N.

A letra N?

É, eu fazia o Z, lembro até hoje e eu chorava.

Você não conseguia fazer?

Aí teve uma vez que minha irmã me ensinou a ler.

Vocês são em quantos na sua casa?

³⁰ Este comentário não se refere a uma interpretação da sua fala, mas uma observação colocada com o intuito de fornecer um dado constatado durante a entrevista.

“Somo” em sete.

(Sobre o desenho) Nossa Senhora! Que linha bonita.

Teve uma vez que eu desenhei a escola, mas eu não sei o desenho que eu desenhei.

Pode ir desenhando. Na 1ª série você já tinha dificuldade? Você lembra?

Tinha um pouquinho.

E qual a série que foi mais difícil?

Acho que foi o 1º ano, a 1ª série. Foi a 1ª ou a 3ª série. Eu não saía para o recreio.

Na 1ª série?

É, ficava fazendo texto, minha letra era errada, era toda torta.

Mas você ficava enrolando e a professora não deixava você sair, ou você não conseguia fazer?

Não, não conseguia mesmo, ficava tentando, tentando, até suava lá. “Mãi” daí eu falei que enquanto eu não “conseguir” eu não saio daqui também.

...

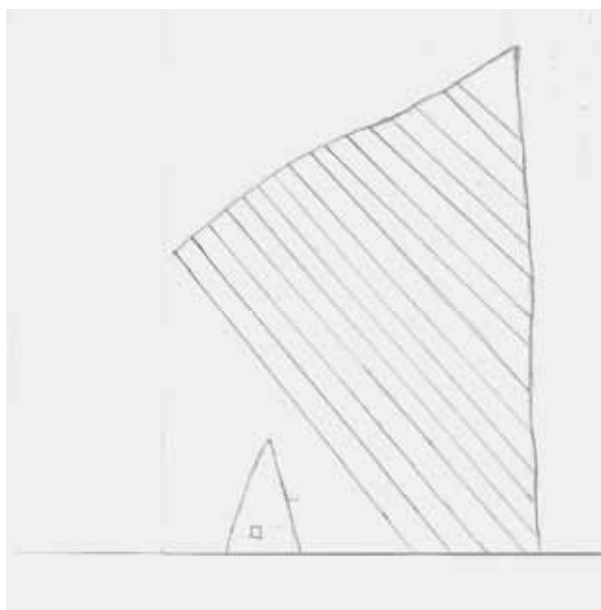
(Começa outro desenho.)

Minha mãe que “tava” perguntando pra mim o que ia fazer aqui, eu falei que nem eu sabia direito. Aí eu dei o papel pra ela ler. (Bilhete enviado aos alunos)

...

É eu desenho bem, nem o professor de Artes ganha de mim. Ah, “tá bão”, eu não vou fazer mais nada não, senão eu vou ficar fazendo até as quatro horas...

(Quase 30 minutos para terminar o primeiro desenho.)



E dentro da escola, o que tem aqui dentro?

As salas, o banheiro...

Então, se você tivesse que desenhar...

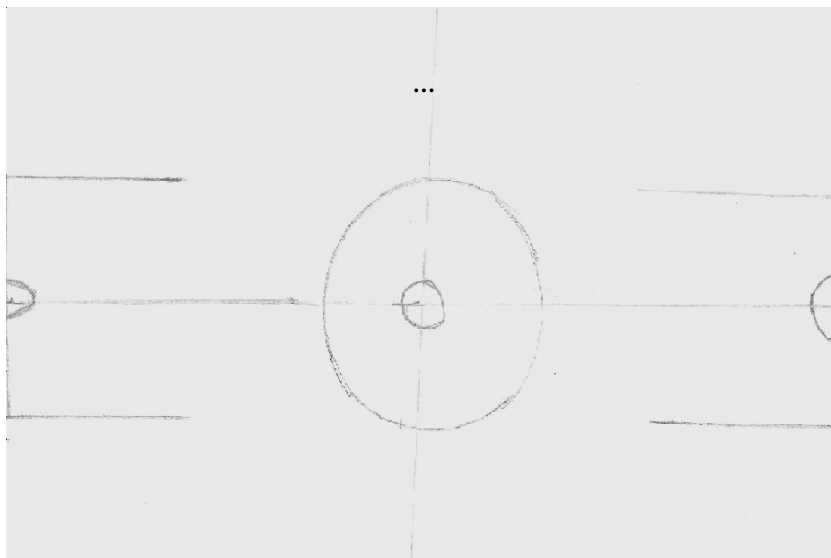
Nem pede professora.

Não estou pedindo para você desenhar tudo. Se você tivesse que desenhar mais alguma coisa da escola...

A quadra pode ser?

Pode.

Ah, eu desenho muito bem a quadra.



Você já frequentou reforço?

Já.

De qual matéria você frequentou?

De Português e de Matemática. Uma vez só.

O que você achava?

Bom.

Você não achava ruim ter que vir?

Eu não, eu tinha todo o tempo da vida. Não fazia nada.

Tinha? Por quê? Agora, você não tem mais?

Tem... "Mai", minha mãe colocou eu pra lavar louça, recolher a roupa do varal, limpar a casa..

...

3.5.2.2 A escola através do olhar da mãe

Quais são as dificuldades que a senhora vê no seu filho com relação à aprendizagem?
Desde quando a senhora nota essas dificuldades nele?

Desde quando eu não lembro, mas eu acho que ele tem um pouco dificuldade, principalmente na escrita, pra escrever eu acho que ele não escreve bem, eu acho que a letra dele é muita feia. Ah... Ele disse que “tava” melhorando, eu acho que ele andou dando uma melhorada porque já teve pior, né?

Eu dei aula para ele ano passado, eu vi que teve um avanço sim, que melhorou, mas para um aluno que está na 8ª série ele tem uma certa dificuldade. E em relação à Matemática, a senhora sabe me dizer as dificuldades que ele tem?

Em Matemática? Acho que é em tabuada que ele não guarda muito, acho que ele tem dificuldade em tabuada.

...

E desde que série, a senhora nota que ele tem dificuldade? Teve algum momento, por exemplo, a partir dessa série que notou que ele tem uma dificuldade e antes não tinha, ou sempre teve.

Ah, antes ele tinha pouco, acho que na 3ª série ele começou a ficar devagar, porque, eu acho assim, que ele é um menino muito bom, mas ele não tem mais interesse pela escola, ele tem interesse pra jogar, esporte, mas pra escola ele foi meio devagar.

...

Se eu pedisse para senhora fazer um desenho bem simples de como a senhora vê a escola, como a senhora faria pra mim?

A escola?

É.

Mas de que forma?

Quando fala assim: “A escola”, o que vem na mente da senhora?

Eu sempre achei uma escola boa, mais sossegada pra gente pôr os filhos, porque tem escolas aí que eu ouço falar que não são boas, que aqui é uma escola mais tranqüila, tem escolas que enfrentam os problemas de drogas, eu acho um lugar bom aqui pra estudar, desde o meu filho mais velho sempre estudaram aqui, eu vejo como uma escola mais respeitada, eu conheço todo mundo aqui, eu não tenho o que falar da escola, a escola é boa assim.

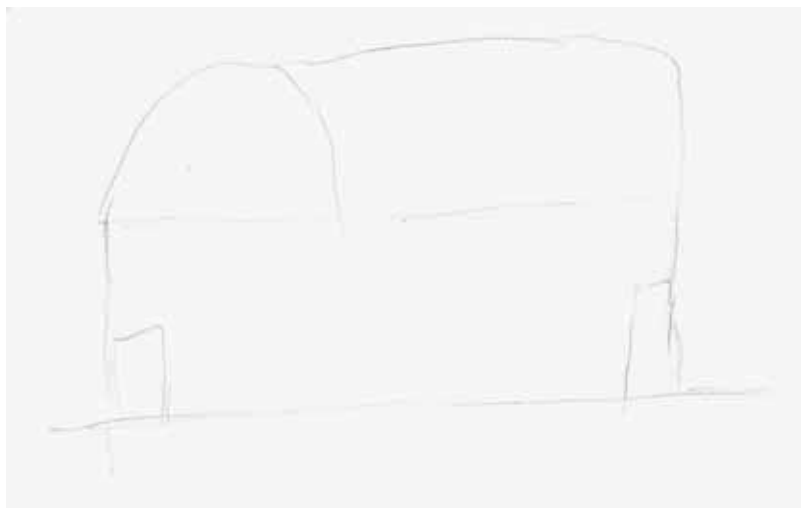
A senhora poderia desenhar para mim como que a senhora vê a escola?

Como que eu vejo? Que “que” eu acho da escola? Se eu vejo ela bonita? Como se diz, ela é uma escola confortável, grande? Espaçosa? Como é que é?

...

A gente que não participa da escola, fica difícil, né? Eu não sei falar o que é.

...



...

3.5.3 A MATEMÁTICA

3.5.3.1 A aula de Matemática através do olhar de C. Ronaldo

...

Aqui eu queria que você desenhasse para mim como é a aula de Matemática para você?

A aula de Matemática?

É.

Desenhar?

É.

Como assim, desenhar?

Como é a aula para você, a classe como é? Como você se sente na aula?

Tem que desenhar as carteiras, essas coisas...

Não. Se eu falo assim para você, como é a aula de Matemática para você? O que vem na sua cabeça uma coisa boa, uma coisa ruim...

Uma coisa boa... ótima!

...

Então "tá bão", esse sou eu, sempre feliz...

Você é feliz?

Sou, esse sou eu, é a mesa.

Nossa que cadeira bonita! Isso não é cadeira não, isso é um Y.

Qual é a parte ruim da aula de Matemática?

Não tem parte ruim. Vou desenhar a lousa, os quadradinhos da lousa.

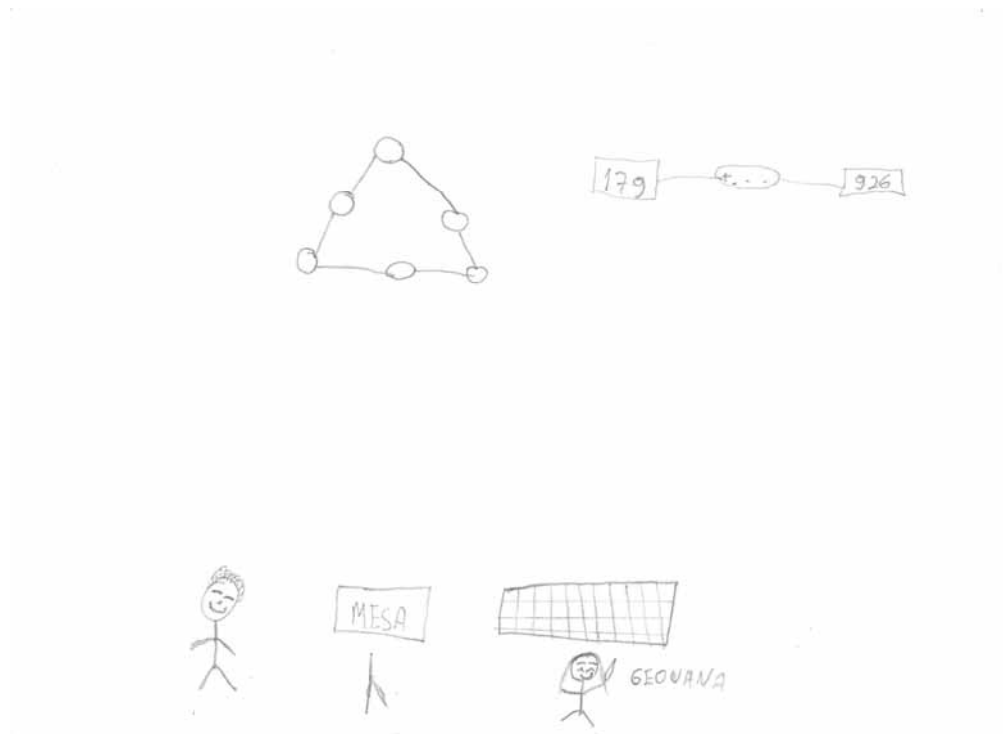
Você teve aula de Matemática hoje, não teve?

Tive.

O que você está aprendendo?

Não lembro o nome da matéria... Aqui está a professora Giovana.

...



3.5.3.2 A entrevista baseada no espelho

...

Fala para mim o nome dessas figuras.

Triângulo, retângulo e esfera.

Você pode fazer estas continhas para mim?

Estas daqui?

É. (*Silêncio ao realizar as contas solicitadas.*)

Vixe Maria!!!

$$\begin{array}{r} \text{A)} \quad 237 \quad + \\ \quad 131 \\ \hline \quad 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \text{B)} \quad 296 \quad - \\ \quad 184 \\ \hline \quad 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \text{C)} \quad 53 \\ \quad \times 4 \\ \hline \quad 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \text{d)} \quad 612 \quad \overline{) 1836} \\ \quad 542 \quad \overline{) 1080} \\ \hline \quad 160 \end{array}$$

...

Você tem dificuldade em fazer contas, você acha que tem dificuldade em problemas...

Um pouquinho.

E qual a sua dificuldade hoje na aula de Matemática? O que você acha difícil?

Por enquanto, eu não acho nada.

Você pode fazer aqui para mim, alguma coisa que vocês estão vendo na aula de Matemática?

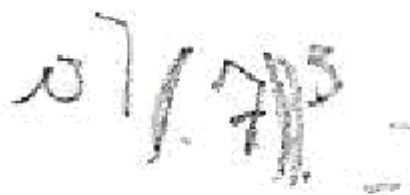
Que "nóis tá vendo"? Potenciação.

Potenciação? Então faz aí, algum exercício que você lembre.

Que eu lembre?

É.

Tipo assim. (Escreve o exercício.)



Mas, qual é o resultado?

Não... errei! Quer dizer... Ah professora... É que eu não "tô" lembrando... sou mal nisso aqui...

O que mais você está vendo na aula, pode fazer outra coisa. (Silêncio de 5 minutos.)

Nada? Então vamos para outra. Você pode responder esse dois problemas?

Sou fraco de cabeça. Acho que se eu "ver" um exemplo, eu consigo responder. Nesta folha aqui?

Pode fazer aqui. Pode fazer sem pressa.

Nossa! Eu sou ruim de conta.

Quer outra folha? (Silêncio de 16 minutos.)

Não, eu não fiz ainda, eu fiz a 'b'. (Silêncio de 5 minutos.)

...



...

Você pode fazer essas continhas aqui? (Silêncio de 7 minutos.)

$$\begin{array}{r} 237 + \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \cdot 2 \\ 512 \cdot 2 \\ \hline 100 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 63 \times \\ 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

3.5.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.5.4.1 O presente e o futuro através do olhar de C. Ronaldo

Olha... eu vou perguntar, aí você desenha para mim: como você acha que vai ser o seu futuro, e como você gostaria que ele fosse.

Como que eu acho e como que eu gostaria?

É. Você acha que tem diferença ou não?

O que é isso que você está desenhando?

É um gol.

Ah, tá! Depois você vai me contar, quer desenhar primeiro?

É, ou você quer que eu conto primeiro?

Você que sabe.

Não "tá" muito "bão" não.

Não tem importância. Você quer outra folha?

“Pó” pegar.

...

Te conto. “Tô” desenhando um campo, que meu sonho é “tá” num campo de futebol.

Mas que tipo de campo, porque jogar, você já joga.

É, no Morumbi.

Você quer jogar no São Paulo.

Não, no Corinthians. Não é no Morumbi, Morumbi é São Paulo, é no Pacaembú.

Agora você vai se desenhar?

É, vou tentar.

Seu sonho é ser jogador? Por que você quer ser jogador?

Porque é uma coisa que eu gosto de fazer e... com o dinheiro eu quero comprar uma casa pra minha mãe, que ela fala que quer ter uma casinha.

Ela fala? Então você quer comprar uma casa para ela? Você quer comprar uma casa para sua mãe aonde?

Onde ela preferir morar.

Que jeito que você gostaria que fosse essa casa?

Do gosto dela “maí”... isso aí eu não sei.

Não vou desenhar perfeito não.

Não precisa, desenha do jeito que você conseguir, do jeito que você quiser, do jeito que sair... Você sonha em comprar alguma coisa para você?

Pra mim?

É. Tem alguma coisa que você sonha em comprar para você?

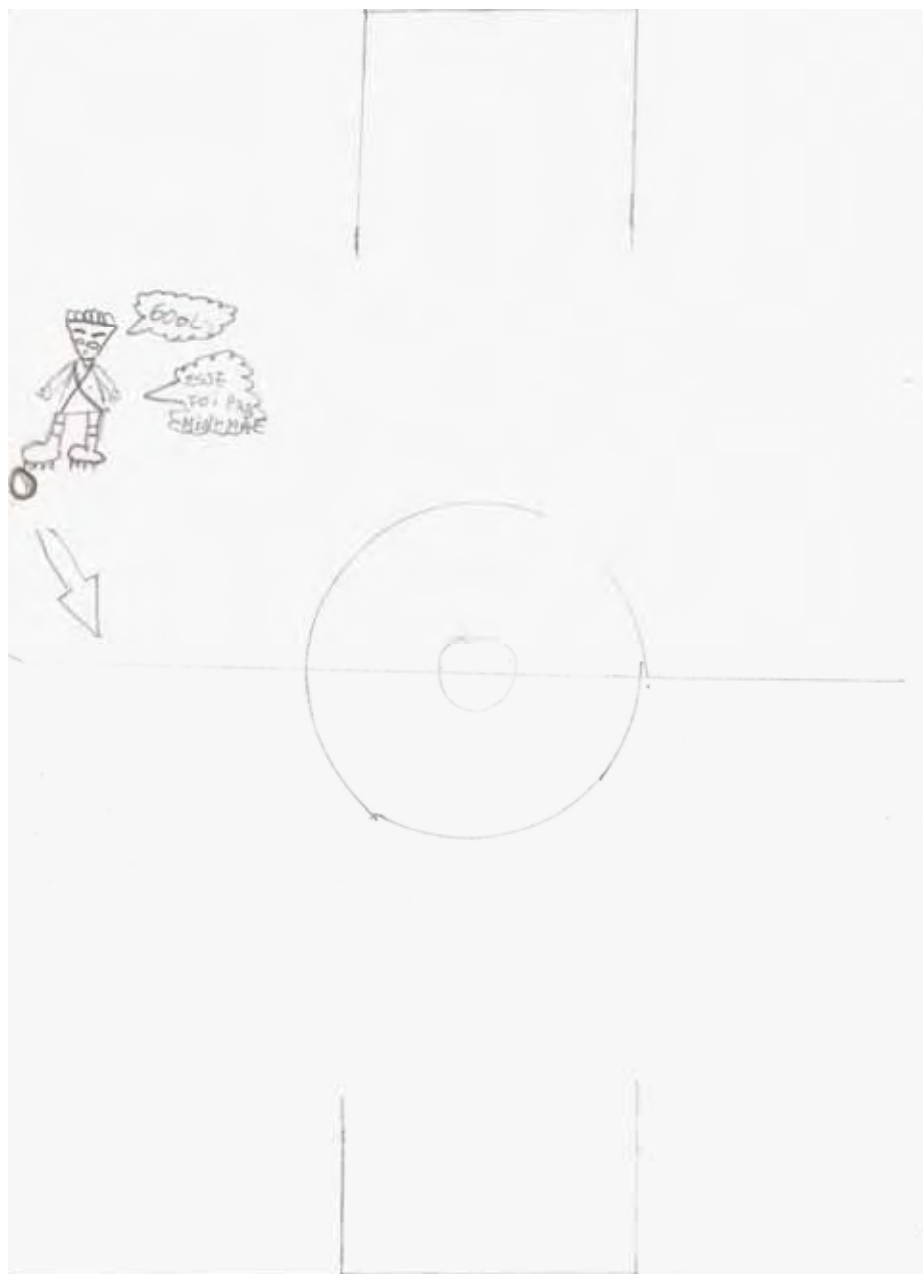
Não só pra mim, né? “Pros” meus irmãos também, videogame... Eu penso na minha mãe... (Silêncio)

...

Você vai escrever alguma coisa?

Vou. Vou escrever, ele gritando gol. Agora eu faço outro balãozinho...

“Tá”, professora...



Não vai pintar nada?

Não.

Então está bom. Este é o seu futuro. Quando você fizer um gol, você faz um para mim também?

Quando eu fizer um gol eu falo na câmera que o gol foi pra minha mãe e outro para a professora Giovana! (Risos)

Quero ver quando você ficar famoso, se não vai esquecer a gente aqui.

Ficar famoso?! Se Deus quiser!!! (Risos.)

...

3.5.5 O diagrama de forças que cercam C. Ronaldo

O movimento que aparece mais forte no diagrama de C. Ronaldo é o do **Sonho**. A questão colocada na entrevista era de como ele gostaria que fosse seu futuro, e se ele achasse que poderia ser diferente disso, que ele desenhasse, mas C. Ronaldo não titubeou, desenhou o campo do Pacaembu, disse que seria jogador de futebol e que a primeira coisa que faria era comprar uma casa para sua mãe, onde ela preferisse morar.

O movimento da **Ausência** aparece, pois segundo sua mãe, com muitos filhos e trabalhando demais, ela não tem tempo, nem forças para ajudar os filhos na escola e o pai, alcoólatra, não contribuía e ainda atrapalhava a paz dentro de sua casa.

Quem incentiva muito os sonhos de C. Ronaldo é seu irmão mais velho, que acredita, compra chuteira e todo o material de que ele precisa. É como se todos os sonhos da família de um futuro melhor fossem depositados nos pés de C. Ronaldo.

A entrevista de C. Ronaldo foi a mais longa, não pela conversa, mas pelo tempo que ele levava, fazendo e desfazendo os mapas, para realizar o desenho da escola, levou trinta minutos, pois dizia a todo tempo que estava ruim, que estava mal feito, que ele não sabia desenhar, não era bom nisso. Assim, a insegurança e o **medo** estavam demonstrados na sua fala, no seu traçado em vários momentos, mas principalmente quando falou das dificuldades enfrentadas nas séries iniciais.

Três movimentos: Sonhos, Medo e Ausência.

3.6 LÉO

Jomar sempre se recusou aos ditados. A professora anunciava e ele, com modos simples, mas obstinados, cruzava os braços, baixava a cabeça, velava olhos e ouvidos. [...] Ele era, contudo, uma montanha que não ia a Maomé. Aos poucos, esse exercício de convencer foi cansando a jovem idealista que acabou por aceitar aquela voz que se calava. Porque, para Jomar, havia em sua mente ditados tão infundáveis quanto inexoráveis, multiplicados sobre as palavras poucas que ele sabia de cor: [...]

Sozinho no mundo, sofro medo e me acompanho de insegurança. A lei é a da viração, porque o desamor, mais forte do que o ódio, causa desvalia de todos iguais a mim. Estou num vácuo, sempre escuro, e atravesso constante o túnel da fome, caminho que não leva ao outro lado. (LACERDA, 2001, p.66)



Quando se espera um entrevistado há sempre o temor de que ele não venha, que se arrependa do convite aceito. Este temor estava muito presente na espera por esta conversa.

Léo ingressou na escola na quinta série e durante todo o ano letivo não deu uma palavra com nenhum professor. Arredio, cabeça baixa, os olhos se espreitavam por entre a classe, as carteiras, como quem corre perigo e está sempre atento. Nesta época ele não tinha conseguido se alfabetizar ainda, não compreendia nem que entre as palavras há um espaço. Escrevia todas as letras juntas, unidas numa só palavra, como se houvesse apenas ela para ser dita.

Veio carregado com uma marca de alguém que o conhecia na outra escola trouxe e disse, não formalmente, mas pelos corredores, que era esquizofrênico, diagnóstico que até hoje ninguém viu. Mas, “Avisa os professores aí, o menino é esquisito, quieto, calado, mas quando fica nervoso, saí de baixo!”.

3.6.1 A FAMÍLIA

3.6.1.1 A família através do olhar de Léo

Você costuma estudar na sua casa?

Estudar “memo”... estudo um pouco, não muito todo dia.

Em que lugar da sua casa você estuda?

Ah, na cozinha, no quarto.

Mais é na cozinha?

Não, no quarto também, se eu não colocar na minha cabeça que eu tenho que estudar, eu nunca vou estudar. Se eu não falar: “Eu tenho que estudar hoje, eu nunca vou estudar.”

Onde você gosta mais de ficar na sua casa para estudar?

No meu quarto, é um lugar mais silencioso.

Desenha para mim onde você fica estudando.

Ah, vai ser difícil.

O que tem no seu quarto?

Minha cama, meu guarda-roupa, minha TV, meu videogame, que eu me “devirto” lá, só.

Aí você pode desenhar essas coisas.

Tem bastante coisa lá. (Se rejeitando a fazer o desenho.)

Se você quiser colorir...

Desenhar também, não é o meu forte.

Não tem importância, não precisa ficar bonito. É bem simples. *(Continua se rejeitando a desenhar o quarto.)*

Aqui tem a TV, a cama deste lado. Deste lado tem o guarda-roupa.

Tem gaveta no seu guarda-roupa, ou lá dentro?

No seu quarto tem algum lugar em que você guarda livro?

Eu comecei a guardar no meu guarda-roupa, aí depois eu guardei em outro quartinho onde guarda as coisas que não usa mais.

Em um quartinho de bagunça?

É, “lá” novo ainda se minha irmã quiser usar, dá pra usar.

E na sua casa, você lê ou não?

Ah... Se eu não botar na cabeça pra mim eu não leio “memo”.

Você não gosta muito?

É preguiça “memo”.

E a sua mãe e seu pai leem?

Até lêem, mas eles trabalham e estudam também. E chegam cansados.

Chegam cansados?

Chega. Até comecei a trabalhar com meu pai também.

Onde seu pai trabalha?

Na Dom Pablito, conhece? (Loja de móveis na cidade.)

Conheço, é onde vende móveis?

É, trabalhava lá.

O que você fazia?

Montava também.

Montava os móveis para entregar?

É, eu e meu pai, montava no depósito, e os entregadores entregam os móveis montados. Aí sai um papel, como que é... aquele papel que sai escrito as “coisa” que a pessoa quer...

Vocês montam e entregam montados? Mas um guarda-roupa não é muito grande para entregar já montado?

A gente monta as peças pequenas, aí na hora que entrega é só encaixar, ou senão monta na casa da pessoa.

Você tem facilidade de montar?

Eu sei um pouco sim, mas guarda-roupa grande não, só coisas meio pequenas, aí alguém “dedou” que eu estava trabalhando sem carteira, agora eu vou tirar a carteira de trabalho e vou voltar. O pessoal do CEACRI acho que não agradou e “dedou”...

Você vai voltar a trabalhar lá no depósito?

É, trabalhar lá na loja.

E lá chega o papel do pedido do que a pessoa comprou...

Tudo, o endereço, a hora que tem que entregar.

E fala para mim, você lê certinho o que está escrito lá?

Mais ou menos, isso fica mais “pros” outros, principalmente “pro” meu pai, ele é tipo o chefe do depósito.

Mas você conseguia ler o pedido?

Esse não é serviço pra mim, meu serviço é outro.

E agora, pelo que você me contou você gostava de trabalhar lá?

Gostava, nunca fiquei ruim aqui na escola.

Eu estou falando assim, você só parou por causa do problema da carteira, senão você tinha continuado... Mas você no seu serviço, em que você tinha dificuldade, de não conseguir ler um pedido...

Não, não, o pedido não era eu que lia, “era” eles “memo”.

Mas, se viesse um pedido e não tivesse ninguém para ler, você ia ter dificuldade?

Não, eu conheço quase todos os móveis, tem umas “etiquetinha” com os nome dos móveis.

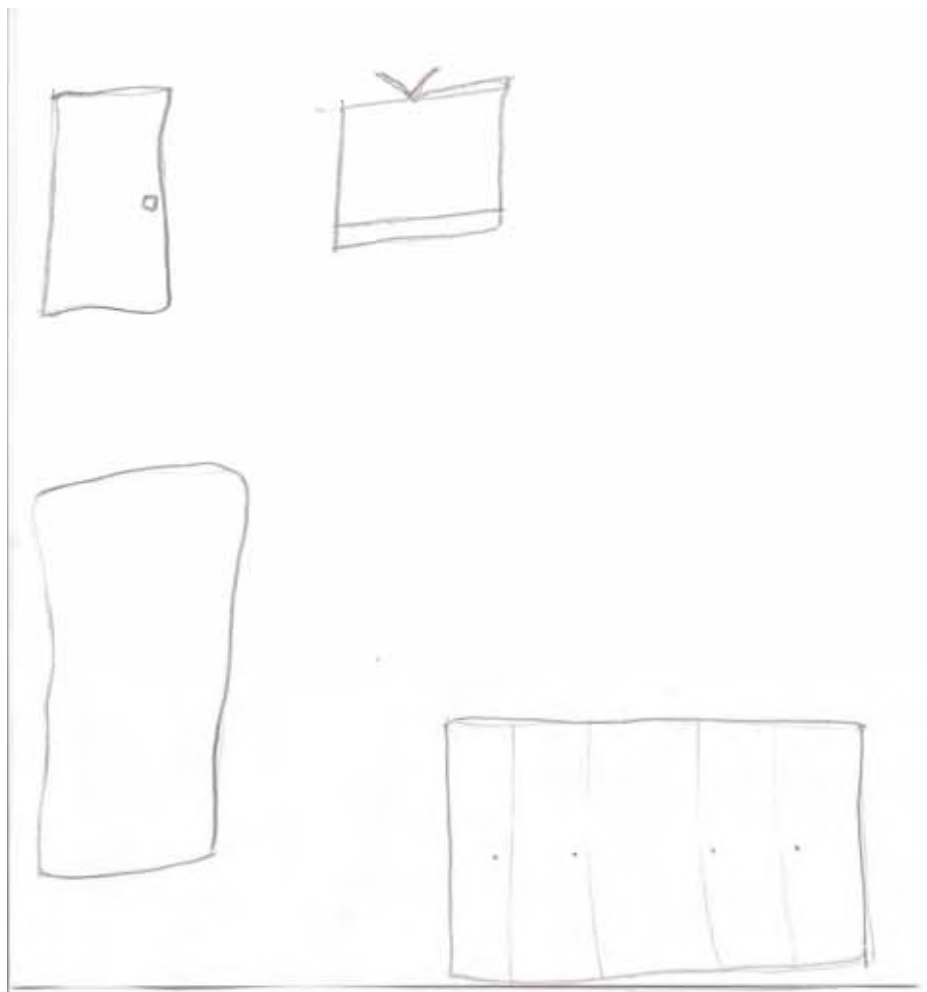
Você tem dificuldade de leitura?

Um pouco.

E de escrita?

Um pouco também.

...



Se eu falasse assim, para você desenhar, como é sua casa?

Por dentro ou por fora?

Do jeito que você quiser. Se você quiser desenhar por dentro pode desenhar, se quiser desenhar por fora.

Desenhar uma casa assim.

Se eu falar assim: como que é sua casa? Qual a primeira coisa que você lembra?

O portão grande.

Então desenha para mim.

Pode desenhar o portão?

Pode. *(O aluno começa o desenho.)*

E seu pai está fazendo EJA?

Estava, eu acho com a minha mãe, só que não dá tempo pra ele.

Sua mãe sabe ler e escrever?

Sabe, eu acho que ela sabe.

E seu pai?

Meu pai... (Silêncio.)

Você se dá bem mais com o seu pai ou com a sua mãe?

Com os dois. Nunca tem confusão entre nós, só quando eu era pequeno.

Que confusão que tinha quando você era pequeno?

Eu brigava com meu irmão, quebrava vidro de janela, eu e ele brigava, aí ele tacou o tênis, o tênis pegou no vidro e quebrou e apanhou eu e ele.

Aqui tem tipo de uns “ferro”.

Tipo uma lança? Desenha então.

Tudo?

Você é quem sabe.

Vou fazer tipo uma seta.

...

O que mais você gostaria de desenhar?

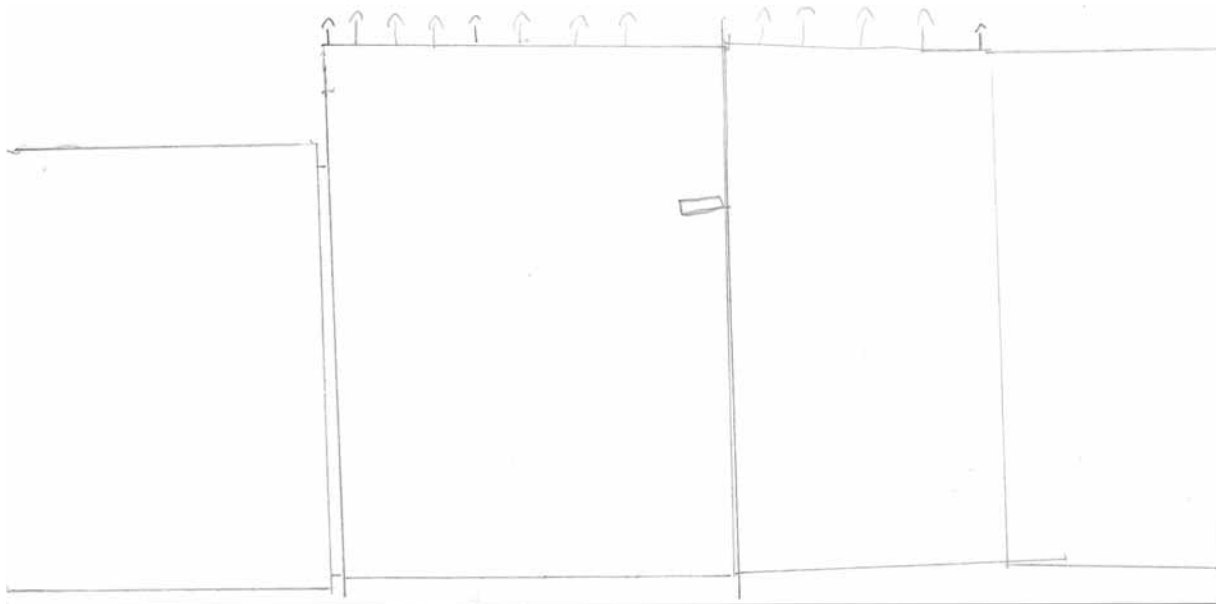
Só.

Só? Por que você desenhou o portão da escola e o da sua casa? Por que você escolheu desenhar dois portões?

Tem dois portões na minha casa, cada um sai numa rua, um de frente com o Palácio das Festas e o outro sai na rua debaixo.

Se eu falasse assim: desenha outra parte da sua casa? Porque eu só sei como é o portão.

E como é sua casa?



Eu vou desenhar o outro portão, eu ia desenhar os quartos, mas é bastante quarto.

Quantos quartos têm?

Oito ou sete “quarto”, ou seis “quarto”, não sei bem.

...

Tem algum lugar na sua casa que você se diverte mais?

Com coisas eletrônicas: videogame, computador.

E onde que ficam essas coisas?

Fica no quarto, na sala.

Você pode desenhar para mim?

O quê?

Onde fica o computador, videogame... A sala que você falou que tem as coisas com aqui você se diverte.

O que você faz no computador?

Jogo.

O que você joga? Aí você tem que me explicar: é jogo de luta...

É do tipo, jogo “pra” homem “memo”.

Então tem a porta, o que mais que tem?

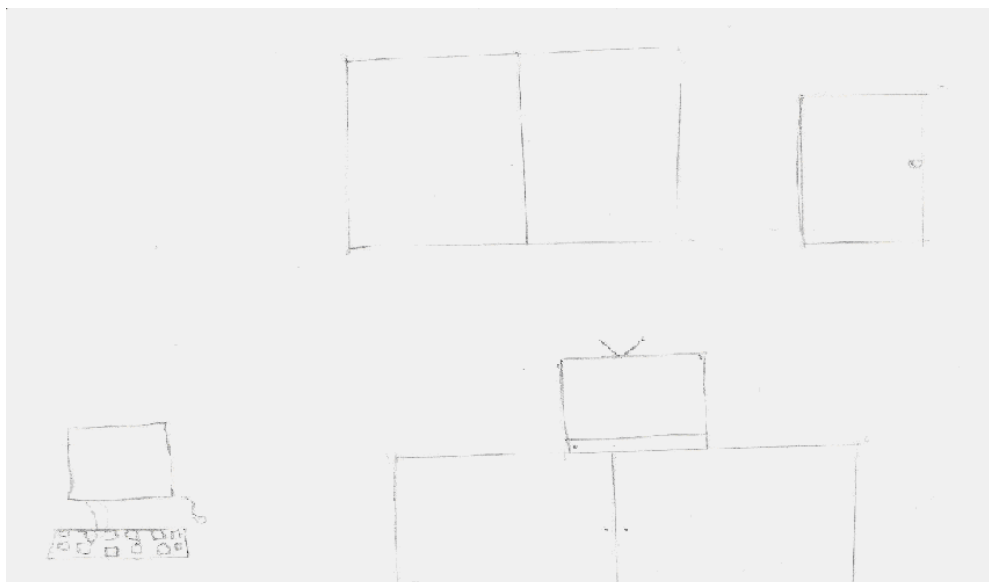
Uma janela aqui.

Como que é seu computador?

Branco, e vai chegar um novo, que meu irmão derrubou um copo de água no computador.

Queimou?

Queimou.



Tem alguma coisa aqui na escola, algum momento, algum dia, que aconteceu alguma coisa, que você queira me contar?

Não me lembro muito bem. Mas foi uma professora que entrou na sala brava, acho que tem problema na casa dela, ninguém gostou dela, se ela me xingar eu não abaixo a cabeça não eu xingo também. A professora de Matemática não quis me explicar a matéria, e quis me xingar, eu levantei a voz, olhei na cara dela, e no outro dia estava meu pai e minha mãe aqui na escola. Se eu sei que eu fiz coisa errada eu abaixo a cabeça e falo: “tô” errado, mas se não “tô” errado eu não deixo ninguém me xingar não, eu parto pra cima também. Eu não tenho medo. Medo de quê? É um humano.

Aí você xinga também?

É.

...

Que tratamento você fazia?

Fono, melhorou bem o meu rosto, porque ninguém podia olhar pra mim que eu encarava, queria bater, era muito nervoso, todo médico que você imaginar eu “tava” lá.

Os médicos a que você ia, eram da prefeitura?

Eram, a escola que falava pra “mim” ir.

Você era nervoso?

Eu tomava até calmante, se eu não tomasse calmante eu até metia porrada na parede, agora já é diferente, sou mais tranquilo.

Agora você não toma mais nada?

Não.

Você lembra que remédio tomava?

Tipo uma “pírula” branca.

Você tomava para dormir?

Não, pra ficar calmo, tomava ou à noite ou antes de vim pra escola, se eu quisesse assim.

E o que sentia de diferente quando você tomava e quando não tomava?

Quando eu não tomava eu ficava bravo, ninguém podia fazer nada que eu ficava bravo, dava tipo uma adrenalina, não queria conversar, não queria fazer mais nada, o remédio me controlava.

Eu vejo agora que você tem bastante amigos, você conversa, tem até que chamar sua atenção, antigamente você nem falava. Isso foi uma melhora muito grande, você acha que melhorou por quê?

Como assim?

Você era mais fechado, acha que foi o médico que lhe ajudou, ou o tempo?

Foi o tempo, a idade, não sei.

E assim, você falou que você era nervoso, na sua casa você também era?

Também, na minha casa também

Você brigava com a sua família?

Não, era mais comigo, com meu irmão.

...

3.6.1.2 A família através do olhar do pai³¹

Quais são as dificuldades que o senhor vê no seu filho, em relação à aprendizagem?

Olha, fica difícil de falar, porque em casa, ele é uma pessoa... Não sei, se você já notou, ele é uma pessoa nervosa, uma pessoa difícil de compreender, mas em casa ele faz tudo o que pede pra ele, ele é uma criança que “tá” amadurecendo, ele fez dezesseis anos, o problema maior dele... Eu não sei se a mãe dele explicou pra senhora em algumas reuniões, que eu não sou o pai legítimo dele.

³¹ O convite para a entrevista foi enviado aos pais. No caso de todos os outros entrevistados a mãe ou a avó compareceu, mas no caso do Léio, o pai disse que a mãe era muito nervosa e, portanto, quem resolvia as questões escolares era ele.

Não, eu não sabia.

Mas, o mesmo carinho que eu dou pra um, eu dou pros três, inclusive esses dias eu precisei perder um dia de serviço, até troquei na firma, eu corri atrás dos documentos dele. Nossa! Ele ficou supercontente, a gente foi lá pegou a identidade dele, “corremo” atrás, pegamos a carteira de trabalho, na realidade ele “tava” trabalhando comigo, meu patrão falou pra mim que ia dar serviço pra ele... Ele vinha, estudava e ia pro serviço junto comigo. Ele me ajudava a mexer no depósito, aí o Conselho Tutelar ligou na loja, que denunciaram, ele ficou super-revoltado. Meu patrão falou pra mim que não podia pagar muito, ele “tava” ganhando duzentos e cinquenta reais, era meio período, na hora que ele chegava da escola eu “tava” almoçando, a gente subia junto, ele tava supercontente, ele tava comprando as coisinhas dele, eu não sei se ele vem pra escola com um Mp3, que ele comprou um Mp3, acho que quando ele vem ele esconde, que eu disse pra ele que lugar de estudar é pra estudar. Daí ele ficou revoltado por parar de ganhar aquilo, até eu mesmo fiquei revoltado, o que o Conselho Tutelar tem a ver com isso, meu filho não “tá” roubado, meu filho não “tá” fazendo coisas erradas.

E ele já tem dezesseis anos?

Ele não tinha ainda, mas já tinha quase.

Eu acho que o Conselho Tutelar hoje apóia muito os vagabundos na rua, que se a senhora relar a mão numa criança, a senhora é condenada, mas se a senhora deixar uma criança roubar a senhora, levar tudo, não dá nada pra criança, é muita injustiça. Mas em casa não tem o que reclamar dele.

Ele é o mais velho?

Ele é o mais velho, que quando eu fui morar com a minha esposa ela já “tava” grávida.

Então, quando ele nasceu o senhor já estava presente?

Eu acompanhei praticamente a gravidez completa dele. Que ela veio da cidade dela, a gente se conheceu. Quando a gente se conheceu, eu nem sabia, ela “tava” de poucos meses, dois meses, não dava nem pra perceber, assim que a gente ficou junto ela explicou toda a situação pra mim. Faz dezesseis anos que a gente “tá” junto. Quando ele nasceu registrei ele no meu nome, só que até hoje, eu não cheguei nele, não sentei com ele, não falei pra ele.

Ele não sabe?

Ele tem uma leve desconfiança, mas eu nunca falei pra ele.

E a mãe dele também nunca conversou com ele?

Não.

É um assunto que ele não sabe? Não é aberto?

A gente não se abriu com ele, a minha sogra mora com a gente, tem noventa e três anos, de vez em quando, ela não se dá com ele, não sei por que, porque ela puxa o saco do Lucas e da outra menina, só que ele é meio rejeitado.

Discriminado, é complicado, né?

Eu penso um dia e chegar nele e conversar com ele, apesar que ele “tá” amadurecendo, nossa, ele melhorou muito.

Quando começou a andar e falar, ninguém conseguia pegar ele, ele era um moleque muito revoltado, hoje não, graças a Deus, ele passou através do reforço, ele passou por um psiquiatra, ele fez tratamento, ele passou no Centro de Especialidade (centro médico da cidade.), passou pelos médicos, tomou remédio, que ele era muito nervoso, no entanto, hoje ele não toma mais, então hoje tem certos tipos de brincadeiras que ele não gosta, então eu evito, mas quando a gente quer enfezar ele a gente brinca pra ver ele bravo, aí eu falo pra ele que na vida ele tem que brincar, que quando ele começar a sair, ele vai ver que o mundo é diferente, mas ele já mudou muito, ele sai, vai jogar bola.

O senhor vê a lição, os cadernos...

Não, ele é um moleque muito fechado, ele não mostra essas coisas pra gente.

Porque ele tem uma dificuldade de alfabetização muito grande, para ler, escrever...

Eu sempre peço pra ele ensinar a minha outra filha que “tá” na 2ª série, eu acho muito errado ficar passando o aluno, eu tenho um outro filho que “tá” na 3ª série e não sabe nada, ele “tá” na 8ª e o que ele sabe?

Ele não se abre, eu peço pra ele ensinar a irmã, eu falei pra ele que ele “tá” na 8ª, eu fiz até a 3ª série, eu voltei pra escola, eu parei porque não dava, eu queria voltar a estudar, esses dias eu fiz a prova tudo certinho, aí me chamaram pra sala da 4ª série.

Não é que eu sou burro, não que eu to falando que você é burro, eu falo pra ele, ele também não é burro, simplesmente eu acho que ele não “tá” prestando atenção no que a professora fala, que se eu for na escola pra estudar, eu vou estudar.

O senhor está querendo voltar a estudar à noite, para fazer o EJA?

É comecei, é assim, começou aquele negócio, começa a aparecer os ‘biquinho’ a gente vai fazer os ‘biquinho’ pra não apertar em casa, eu falei pra uma professora que se eu não aparecesse na escola, era porque eu estava trabalhando, mas na semana que tem prova eu vou na semana inteira, mesmo se aparecer um ‘bico’ eu não vou fazer, eu vou na escola, a semana que teve prova eu fui a semana inteira, aí eu “tava” explicando pra ele que tem que dedicar, porque se eu e minha mulher estamos sofrendo é porque a gente não teve cabeça.

...

3.6.2 A ESCOLA

3.6.2.1 A escola através do olhar de Léo

Você já estudou em outras escolas sem ser aqui?

Já, no João Bueno, da “uma” até a “quatro”...

Da 1ª à 4ª série. Você conseguiria desenhar para mim, mais ou menos, como é a escola João Bueno?

Faz tempo que eu não apareço mais lá.

Mas, o que você lembra de lá, do pátio, da sala?

Eu era muito pequeno, não lembro muito assim.

Quando eu lhe peço um desenho, eu quero um desenho à mão livre, não precisa ser um desenho caprichado.

Pra mim é mais fácil eu falar, que desenhar assim, não é meu estilo desenhar assim, você responde e eu falo... (Se recusou muito a fazer o desenho.)

Mas se eu pedisse, você desenharia para mim?

Desenho.

Como seria a escola João Bueno? O que você lembra de lá, de quando você era pequeno.

A lousa, as carteiras?

Pode ser. Você estudou lá da 1ª à 4ª série?

(Confirmando.)

Pode ir desenhando que a gente vai conversando.

Tem uma régua?

Você sempre morou aqui?

Sempre.

Na 5ª série que você veio para cá né?

É.

Você gosta mais daqui ou o lá?

Não tenho preferência.

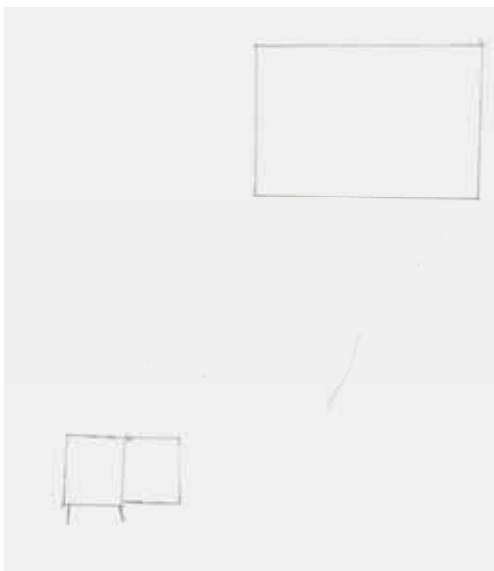
Tanto faz?

É da prefeitura, tudo a mesma coisa, qualquer escola pra mim...

Não sei desenhar isso aqui não, “tá” bom assim?

Está ótimo, a lousa e as carteiras. Lá, na escola João Bueno, tinha alguma coisa diferente na classe?

“Case” a mesma coisa, só que agora deu um pouco de mudada, tem sala pra cima e pra baixo, “mai” a mesma coisa, lá é da 1ª série até as quatro, e tem EJA, pra idosos que não teve como estudar na infância, “tá” estudando lá.



...

Pode desenhar com calma, mesmo que demore, eu não tenho pressa, você está com pressa? *(O aluno diz que não.)*

Você conseguiria desenhar esta escola?

Não consigo não.

Não tudo, uma parte. Quando uma pessoa te pergunta onde você estuda e você fala que é aqui, que parte que você lembra da escola?

O portão dela, o muro e o portão dela, pode ser?

Pode ser.

(O aluno começa o desenho.)

...

Você fazia CEACRI, né?

Fazia.

Você desistiu?

CEACRI... CEACRI... É “tava” até bom fazer em outro lugar, “mai depoi” tacou em outra escola lá, e não ajuda em nada também não, porque é pouca lição, não ensinam nada, não ensina nada dessa escola não, tem que aprender aula daqui...

Você falou que era em outro lugar?

É. Mudou, o CEACRI mudou, o CEACRI dá apoio a mais pessoa com problema, o que a gente “tava” fazendo era outra coisa.

E o que via lá que você falou que não ajudava em nada?

Coisa de 1^a, 2^a, 3^a série.

Não tinha nada a ver com a matéria?

Não, tinha o reforço, mas também não dava que eu estava trabalhando.

Este ano você não está?

“Asso” que eu até vou voltar. Mas não muito rápido assim, vai “demorá” um pouco ainda, eu tenho que fazer a carteira de trabalho. “Farta” a carteira.

Aqui é o muro e aqui o portão?

É.

O que mais você colocaria aqui?

Fazer as grades.

Então está bom, vai fazendo.

Você ficava irritado lá no CEACRI?

Não muito assim, porque esse negócio de 1^a, 2^a série não era tão difícil, e até que a professora dava atenção, tinha duas, a que dava aula de manhã ela explicava “tava” tudo certo, aí eu mudei pra tarde, aí essa aí...

Não deu mais certo.

É, quando a gente terminava, podia ir pro computador, ver Orkut, MSN, às vezes ela até deixava.

...

Você está nervoso?

Não, é que “faiz” tempo que eu não desenho.

Não estou querendo um desenho caprichado não, pode ser um desenho bem simples mesmo.

Por que você escolheu desenhar o portão?

Porque eu dou sempre de cara com aquele portão, ele sempre “tá” ali e esta escola também é muito grande assim.

Qual a hora da escola de que você mais gosta?

O recreio, as aulas, tanto “faiz”.

Qual a aula de que você gosta mais?

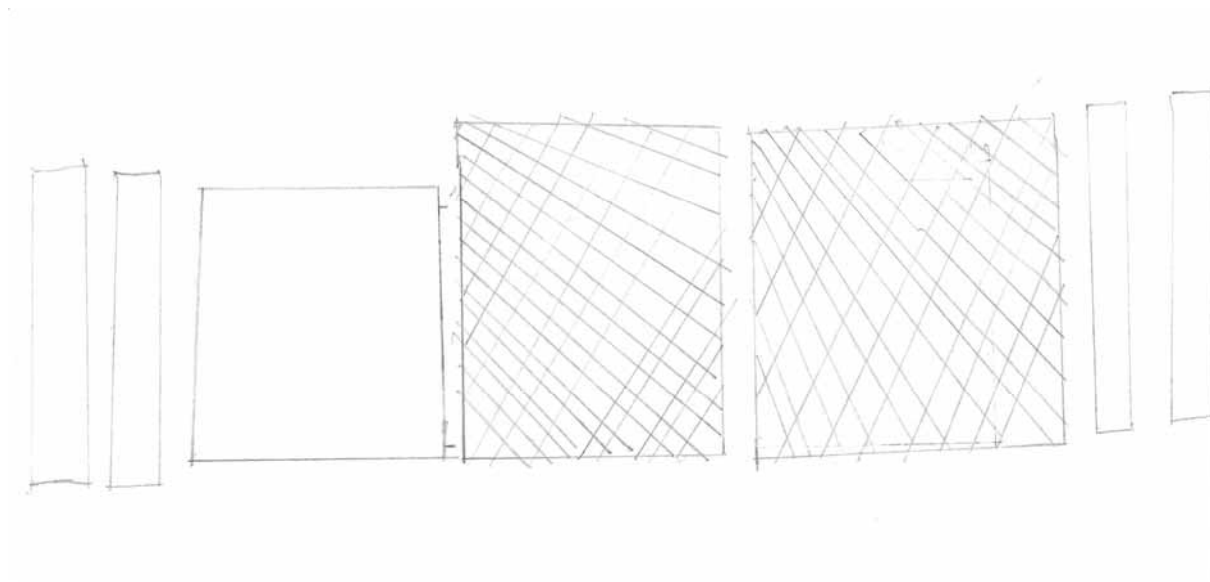
Depende da professora, se ela “ser” legal, a aula é sempre legal, agora se ela não “ser” legal...

Aí não fica bom?

Nunca vai ser bom.

E agora na 8ª série, está tudo bem?

“Tá”.



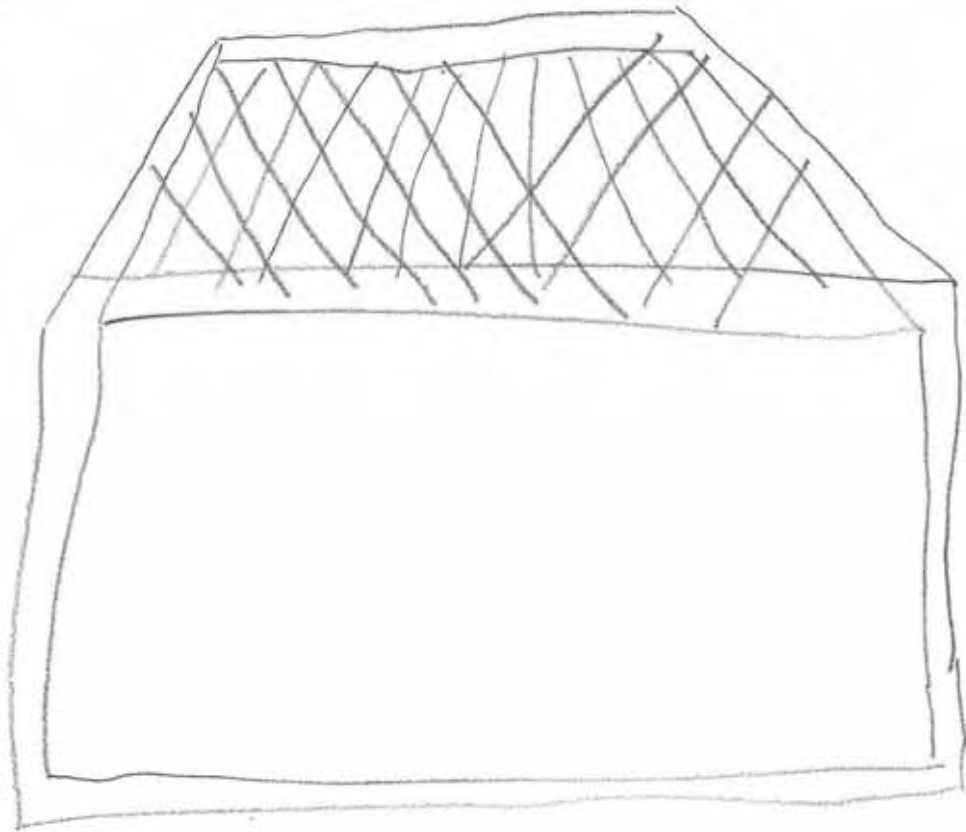
3.6.2.2 A escola através do olhar do pai

Se eu pedisse para o senhor fazer um desenho bem simples de como o senhor vê a escola, o senhor desenharia?

Eu sou ruim.

Não tem problema, é um desenho bem simples mesmo, de como o senhor vê a escola.

Eu vejo a escola como um negócio muito importante.



Ele costuma estudar em casa?

Quando vai lição sim, quando não vai, o negócio dele é ficar escutando aquele radinho dele.

Tem algum horário certo, em que ele gosta de estudar, fazer lição, ou não, depende do dia...

Aí depende muito do dia.

Ele costuma estudar assistindo à televisão, ou com o radinho no ouvido?

É que eu saio cedo, e volto meio dia (12h) e volto a uma e meia (13h30) pra trabalhar, então eu não fico pra acompanhar, mas eu acho que as professoras “devia” dar mais lição.

O senhor verifica se tem lição ou ele fala que não tem lição e aí...

Ele é uma pessoa sincera, o que ele falar pra senhora, você pode ter certeza que é verdade. Hoje ele falou pra mim que precisava de dinheiro, eu perguntei por que, ele me disse que era pra um trabalho, e que cada um tinha que comprar um pouco de coisa, aí eu perguntei o que ele ia comprar, ele disse que era giz de cera, eu tinha dois reais e perguntei se dava, ele disse que ganhou um pouco da mãe dele e que achava que dava. Eu perguntei se tinha lição, ele disse que não tinha. É assim que funciona. Ele fica até de madrugada assistindo televisão, isso a gente já tentou tirar dele, cortar, mas é difícil.

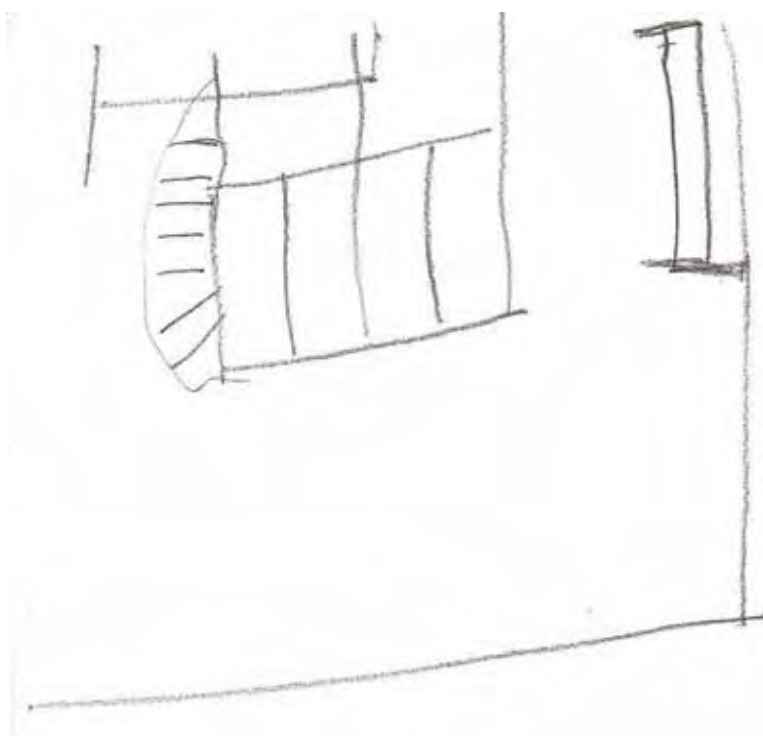
...

Em que lugar da casa ele costuma estudar quando faz lição?

No quarto dele. Ele é uma pessoa reservada.

O senhor poderia desenhar o quarto dele?

Fica difícil, eu quase não entro no quarto dele, que o quarto dele é aquele quarto que é bagunçado, mas é a organização dele. Vamos supor, aqui é a cama dele, aqui do outro lado, é o guarda-roupa, aqui é outra cama, pra quando os amigos dele quer ir lá. Desenhar mesmo, é uma coisa que eu nunca aprendi. É isso aqui o quarto dele, é coisa simples, só que os brinquedos da irmã dele fica numa caixa em cima do guarda-roupa.



...

Agora ele não está vindo no reforço na escola?

Ele voltou a fazer o CEACRI.

O senhor acha que o CEACRI o ajudou?

Ajudou, ele falou que "tá ino" bem, mas ele falou que se ele achar que não serve pra ele, ele não vai mais. No entanto, eu acho que isso que o Conselho Tutelar caiu em cima da gente, que eu não vou obrigar meu filho a fazer as coisas que ele não quer.

(Pelo fato de o aluno não estar frequentando o CEACRI, o Conselho Tutelar foi informado.)

Eu não entendi, como que o senhor acha que o Conselho Tutelar...

É porque ele falou que as coisas que ele faz na escola, ele faz no reforço, então ele prefere ir só na escola. Eu disse pra ele que é bom ele fazer, que não custa nada ele perder dois

dias, depois a gente explica pro patrão. Ele disse que não ia porque a professora é chata, e não entendia o que falava pra ele, que dizer, é ignorância dele.

E lá no serviço qual é a função dele?

Ele fica ajudando eu, eu estava ensinando ele a montar móveis.

E nos móveis, tem instruções de como montar?

Vem.

E ele entende perfeitamente, ou tem dificuldade de leitura daquilo?

Não, porque vem o desenho de como montar ele, e tem escrito o número da peça. Se por acaso a senhora quiser, eu falo pra ele trazer um pra senhora ver.

Ele entende bem?

Às vezes ele ficava apanhando, eu virava e falava que se não apanhar você não vai aprender, se ele fez errado, eu mostrava o desenho, falava pra ele ler na frente, que na gaveta tem um número, no puxador tem um número, e na frente vem explicando.

Eu sou professora de Matemática, e eu vejo que ele tem muita dificuldade em Matemática. Essa sequência de números, ele consegue compreender ou se perde naquilo?

É uma coisa que eu não vou saber responder pra senhora.

E lá no serviço, onde vêm as instruções, ele fala o que ele lê...

Não, ele lê pra ele.

E o senhor vê se ele tem dificuldade de relacionamento com os amigos, com a família?

Com a avó dele, quando ele “tá” bom ele trata a avó dele superbem, só que quando a avó dele fala qualquer coisa, pronto.

...

Toque, abraço ele não gosta?

Ele não é “chegado” nesses tipo de brincadeira, ele pode até brincar com os amigos dele, mas...

O senhor acha que tem algum fato ou acontecimento na vida do Léo, que tenha contribuído ao que ele é hoje?

Tem, eu acho que quando a mãe dele “tava” grávida, que a gente não “tava” morando junto, ela morava com a irmã dela, usando um palavreado bem forte, ‘ela comeu o pão que o diabo amassou’, nem amassou, sapateou em cima.

Então, ela sofreu muito, acordava cedo, trabalhava na roça, colher laranja. E eu também morava com meus irmãos, que eu sou órfão de pai e mãe. Então foi superdifícil, a gravidez dela foi supercomplicada. O Léo nasceu, teve hérnia no umbigo, esse moleque chorava

praticamente vinte e quatro horas, “consequimo” fazer a cirurgia do umbigo, aí deu na virilha, ele tomou muito antibiótico.

Algun médico já disse que por conta disso ele teria problema na aprendizagem?

Não, isso nunca foi dito. O temperamento da minha mulher é o temperamento do Léo, ela também é supernervosa. Se o Léo, se achar na razão dele, que ele não quer estudar, ele joga tudo na mesa, ele pode “tá” errado.

Ele já chegou a ir ao psicólogo?

Já fez.

Vocês já conversaram com o psicólogo dele ou não?

Geralmente, era minha esposa.

O senhor sabe de alguma coisa que ele disse?

Não.

O senhor disse que ele tomava medicamento constante, o senhor sabe o nome do remédio?

Não, mas eu posso pedir pra minha esposa achar lá.

Era que tipo de medicamento?

Era calmante³². Quando ele tomava esses remédios dava sono nele, ele ficava meio desligado, e agora não, eu acho que meu filho mudou muito.

Eu também acho, ele melhorou demais, na aprendizagem ele evoluiu pouco, já no comportamento, de conversar com os colegas, ele evoluiu bastante.

E quando ele “tava” trabalhando comigo a mente dele “tava” abrindo mais, eu não segurava ele comigo, porque trabalhar com o pai é uma coisa, e trabalhar com outro é outra coisa, eu falava pro motorista dá ‘uma judiada nele’, pra ‘zuar’ com ele, pra ele se soltar. A mente dele “tava” se abrindo, as “conversa” dele “é” outra, a mentalidade dele.

Na casa do senhor tem livro, revista? Ele lê?

Não, se depender dele pegar essas coisas, ele não pega.

O senhor e sua esposa têm o hábito da leitura ou também não?

Não, é que eu saio do serviço e pego bastante bico pra fazer, e quando eu chego em casa, eu já “tô” estourado.

...

Eu gostaria que o senhor desenhasse aqui, como que o senhor vê o Léo.

Eu vejo como uma criança normal, no entanto, agora eu “tô” vendo ele mais normal, quando que eu achei que meu filho ia mexer com uma menina na rua?

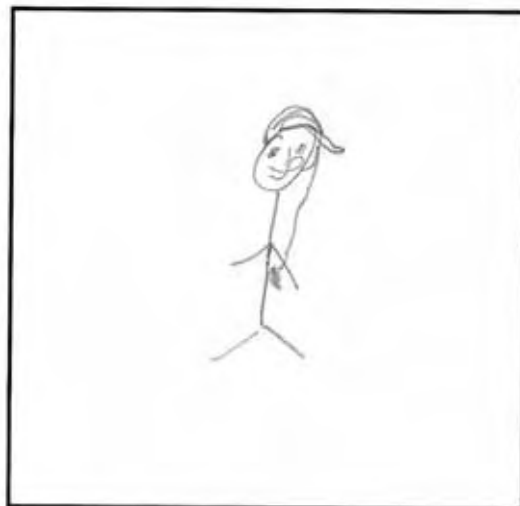
³² Nem o aluno, nem o pai souberam informar o tipo de medicação que era prescrita.

O senhor disse que o vê normal, antes o senhor não achava ele normal?

Eu sempre achei ele normal, eu só não achava o comportamento dele normal.

E os familiares, faziam comentários?

Sempre fazem, falam que ele é louco. Minha sogra mesmo, sempre comparou o meu filho com um cachorro, e tem um neto de que ela não gosta, e tudo o que não presta ela fala que os dois é.



...

3.6.3 A MATEMÁTICA

3.6.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Léo

Eu queria que você desenhasse para mim como é a aula de Matemática para você.

Boa.

Boa? Você se sente bem?

Me sinto bem sim.

Tem alguma coisa que lhe incomoda na hora da aula?

Não, acho que não.

Como que é a aula de Matemática?

Esse ano assim “tá” bom, até agora “tá” bom.

Então desenha aqui para mim como é, você pode desenhar a lousa, as carteiras, pode desenhar você na aula, o que tem na lousa.

Aqui é a lousa, aqui é as carteiras, aqui tem um quadrado.

...

Pode desenhar o que tem na lousa, o que tem na lousa na aula de Matemática?

Contas.

Contas...

2+3, deixa eu ver mais outras contas.

...

E fala para mim, o que você sentia mais dificuldade em aprender na escola João Bueno, da 1^a à 4^a série?

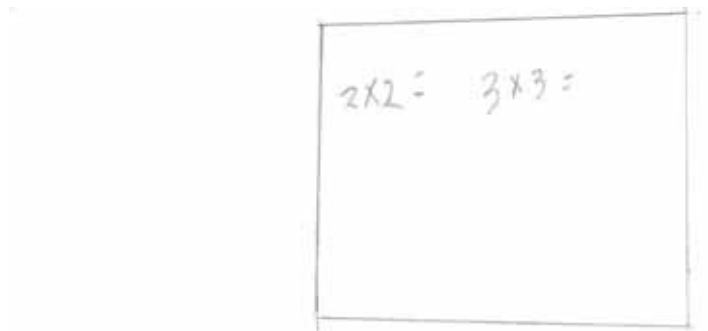
Acho que foi os professores que me ajudavam, não sei.

...

Em que você sente mais dificuldade na aula de Matemática?

Acho que num pouco das contas, também, só que a professora também fala que se errar não tem problema, é só um pouco de dificuldade, ela sempre ensina quando eu erro.

...



3.6.3.2 A entrevista baseada no espelho

Você pode me dizer o nome dessas figuras?

Essa aqui é triângulo, não lembro o nome dessa.

E dessa?

É círculo.

Você pode fazer estas continhas aqui?

Só responde ou tem que montar a conta?

Do jeito que você achar melhor. (Silêncio, começa a fazer as contas e demora 7 minutos.)

$$a) 237 + 131 = 301$$

$$b) 296 - 184 = 112$$

$$c) 53 \times 9 = 477$$

$$d) 612 : 3 = 204$$

Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Só em Matemática.

Só em Matemática? Em mais nada?

Não.

A dificuldade que você tem em contas hoje, você tinha assim na 1ª série, 2ª... Você sempre teve ou teve uma época que começou?

Eu não lembro não.

Hoje, qual a sua dificuldade em Matemática?

As contas mais complicadas.

Você sabe me dizer o que você está vendo em Matemática hoje?

Fração, divisão...

Você pode fazer uma conta dessa que você está vendo, uma conta que a professora passou na lousa...

Não lembro não.

Você pode contar comigo até o cem?

Posso. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro,

quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, cinqüenta, cinqüenta e um, cinqüenta e dois, cinqüenta e três, cinquenta e quatro, cinquenta e cinco, cinquenta e seis, cinquenta e sete, cinquenta e oito, cinquenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, noventa, noventa e um, noventa e dois, noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, nossa...

Não lembro, eu até sei, mas o nome, dele³³ ... eu não lembro.

...

No ano passado você frequentava o CEACRI?

Frequentava.

E por que você parou de ir?

Que eu “tava” trabalhando, e também não valia a pena, a professora não ensinava, agora a professora que ensina bem voltou, aí eu até vou.

E você não estava querendo ir?

Não, eu também “tava” trabalhando.

Agora você não está trabalhando?

Não.

Você pode escrever para mim, por que você parou de ir no CEACRI?

Pode ficar à vontade.

(Ele se recusou a escrever, mas acabou fazendo.)

É isso.

Só isso? E o que você falou para mim, que não entendia nada... Não quer colocar?

É só isso.

É?

É só isso só.

O que está escrito aqui, você pode ler para mim?

não eliminare mazerano não isonare.

“Não estou indo lá porque não quis me ensinar nada”.

Você pode fazer essas continhas para mim desta folha?

(Silêncio de 5 minutos.)

³³ O aluno não se lembrava o nome do número que vinha a seguir.

$$A) 237 + 131 = 301$$

$$B) 296 - 184 = 200$$

$$C) 53 \times 4 = 56$$

$$d) 612 \div 3 = 614$$

Nesta folha aqui, você pode falar o nome dessas figuras aqui?

Essa é triângulo, essa eu não lembro, e o outro é círculo.

...

3.6.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.6.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Léo

Agora eu vou lhe fazer duas perguntas: Como você acha que vai ser seu futuro e como você gostaria que ele fosse? São duas coisas diferentes, às vezes, você gostaria que ele fosse de um jeito, mas você acha que vai ser de outro ou acha que ele vai ser realmente o que você gostaria.

Trabalhar num lugar, nunca largar meus estudos.

Trabalhar... Onde você gostaria?

Numa loja, num lugar assim que seja bom e receba bem.

...

Mas você não sonha em nada?

Não sei não.

Quando você se imagina daqui a alguns anos, você imagina o quê? De que você gostaria?

Eu nunca pensei nisso.

Então você gostaria de trabalhar numa loja, sempre estudar...

Certo, até onde que eu puder ir.

Como assim: "até onde você puder ir"?

Se der pra eu estudar até o 3º colegial, eu vou.

O que você acha que lhe impediria de fazer o colegial, que você falou agora que se tudo der certo, se nada lhe atrapalhar. O que poderia lhe atrapalhar?

Ah, não sei.

Você fica pensando em que alguma coisa pode não der certo por algum motivo?

Acho que não.

Então aqui, eu queria que você desenhasse alguma coisa que você vê no seu futuro. Você quer trabalhar tipo numa loja como você trabalhou?

É.

Então, desenha para mim como que era o depósito.

Você gostaria de trabalhar dentro da loja ou no depósito?

Na loja, no depósito...

Então desenha aqui onde você gostaria de trabalhar.

Desenhar tipo uma loja?

...

Você não quer escrever aqui o nome para eu saber que é loja?

Não sei se o nome é Dom Pablito. (Ele não queria escrever.)

É Dom Pablito mesmo.

(O aluno reluta em escrever.)

Escreve de forma ou de mão?

Você quem sabe. Você quer pintar alguma coisa aqui?

...



3.6.5 O diagrama de forças que cercam Léo

Quando questionado sobre como vê o filho, o pai disse: *“Eu vejo como uma criança normal, no entanto, agora eu ‘tô’ vendo ele mais normal...”*. Ele é normal, e está “ficando” cada vez mais normal é a afirmação do pai sobre o comportamento de Léo.

Disse que o fato de Léo não ser seu filho legítimo, tem um grande impacto na vida do menino. Segundo suas palavras, esse é um assunto que não é conversado abertamente em casa, apenas algumas frases são soltas em meio às brigas entre o pai e a sua sogra, que aproveita a discussão para escancarar ao menino que ele não tem pai, ele se sente **rejeitado** pela família, apesar do grande carinho demonstrado, que é quem sempre comparece à escola, nas reuniões ou quando há necessidade.

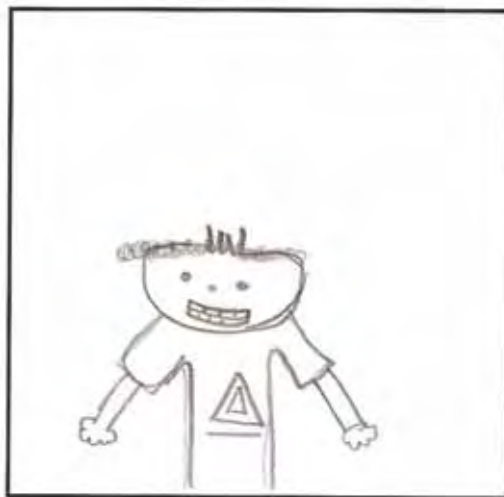
Durante a entrevista Léo disse várias vezes que ele diz para si próprio que precisa ter **vontade** para estudar, para nunca largar os estudos, e simultaneamente a isso aparece o **medo** do presente e do futuro. No presente ele diz não temer ninguém, *“...vou ter medo de quê? É um humano...”*, se referindo a uma briga que teve com uma professora em anos anteriores, mas a verdade é que durante toda a entrevista relutou em desenhar e escrever, pois sabe que ali seus erros ficarão à mostra, não há por onde fugir.

Quanto ao futuro, seu maior sonho é trabalhar, apenas isso, trabalhar. Na loja de móveis que seu pai trabalha, ele começou, segundo o pai, a se desenvolver emocionalmente, conversa com as pessoas, ajuda levar os móveis e montá-los, e consegue assim ganhar seu dinheiro para comprar as coisas de que deseja, pelo que demonstra está muito feliz com seu emprego.

Três movimentos: Rejeição, Força de Vontade e Medo.

3.7 CLAUDEMIR

Pensando na morte da bezerra realizou-se mais tranquilamente a via de acesso à compreensão: o peste semente do diabo atentado do capeta está há oito anos na primeira série e não sabe nada e nunca passa de ano só pelo fato de ele ter, entre outras coisas, fome, de ele sempre ter tido fome. Desde antes de nascer, houve nele fome. Fome que veio da mãe que veio do pai que veio do avô que veio da avó que veio de alguém antes e alguém mais antes (os escravos que Isabel, a Princesa, não libertou?) (LACERDA, 2001, p.13)



“Distraído, indisposto e com muita preguiça. Desorganizado, fraco, descompromissado, e com muita preguiça. Desconcentrado, brincalhão, esquecido, disperso, e... com muita preguiça.” Estas frases foram escritas pelos professores nos relatórios sobre o desempenho de Claudemir durante os bimestres. Ele é um menino muito alegre, sorridente, mas extremamente distraído na sala de aula. Sua mãe tem um filho que teve na adolescência e não mora com ela. Seu pai era casado com outra pessoa, e tinha um caso com sua mãe e Claudemir tem um irmão da mesma idade que ele com o qual não tem contato.

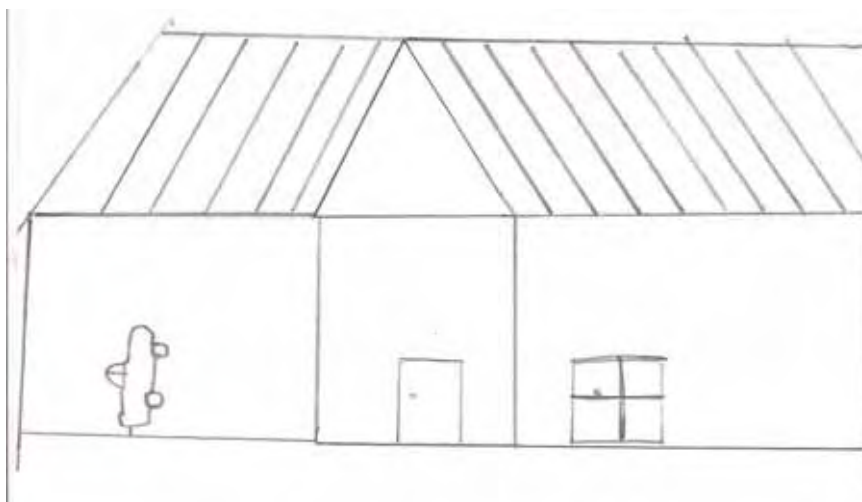
Durante a nossa entrevista houve um problema com o gravador, então, a disposição dos elementos da conversa serão colocados de maneira diferente das demais.

3.7.1 A FAMÍLIA

3.7.1.1 A família através do olhar de Claudemir

A mãe trabalha como faxineira e o pai tem dois empregos, um de faxineiro numa multinacional, é terceirizado pela fábrica, e o outro de ajudante numa loja de pregos. Seus pais não possuem muito estudo, a mãe lê somente a bíblia e na casa, segundo ele, não há livros, além de um do Harry Potter que ele ganhou da vizinha, que disse que não usaria mais. Falou,

também, que na casa há jornal, que é para empacotar, mas ele não lê nada. Segue abaixo o desenho que ele fez de sua casa.



3.7.1.2 A família através do olhar da mãe

Em casa ele estuda?

Posso ser sincera?

Por favor.

Às vezes não, eu pergunto se tem lição, ele fala que não tem, ou fala que tem que pesquisar na internet.

Ele tem um lugar em casa onde possa estudar?

Tem o quarto dele, lá tem a mesa, a mesinha do computador, o espaço é todo dele, que lá em casa é só eu, meu marido e ele.

Ele tem horário todo livre para estudar?

Eu não “tô” falando pra senhora que ele “tá dormindo”!

...

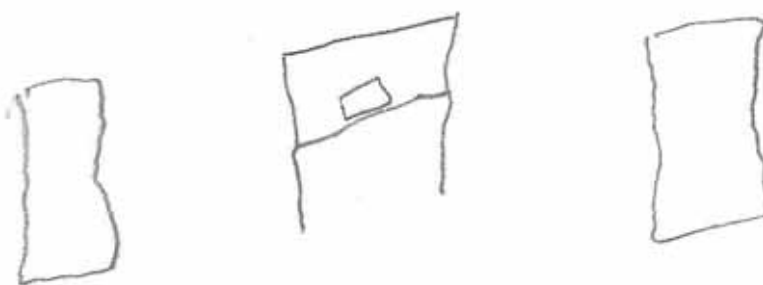
Então, a senhora poderia desenhar o lugar onde ele estuda, o quarto dele?

Tem que desenhar a casa ou só o quarto?

Só o quarto.

Tem a cama, aqui tem uma mesinha, aqui tem o Notebook dele, antes era um computador. Eu comprei um computador, por fim eu passei “pro” outro filho meu e comprei um Notebook pra ele. “Tô” com uma dívida imensa, por aqui (No pescoço.)... Aqui tem um espaço pra ele, aqui em cima tem foto da minha neta, e dos meus filhos, aqui tem uma cama, e outra cama e aqui tem uma cômoda, onde eu guardo as roupas dele. De rádio ele não gosta, ele gosta de jogo. Jogo, e ele é fanático pelo Corinthians.

Meu sobrinho tem tudo na vida, tudo que a senhora imaginar ele tem, mas não tem amor, ele não... A gente conversa muito com ele, nunca ele respondeu, meu sobrinho e minha sobrinha só faltam bater nos pais, não dão valor nos pais, eu falo pra ele não seguir o exemplo dos primos. Tem vizinho lá que “gostam” muito dele. Eu ia vender a minha casa, eu não vendi porque eu ia trocar a minha casa lá na Vila São Pedro, eu fui ver o ambiente, não dava pra por ele lá, porque as amizades dele aqui eu conheço e lá é muito pesado, eu falei que não ia tirar ele do convívio aqui, pro meu filho amanhã virar um maconheiro. Eu não sei o dia de amanhã, mas “tô” tentando evitar.



Se eu perguntasse para senhora como que é o dia dele?

Dormir, jogar bola, e ficar falando na internet, mas eu “tô” sempre de olho com quem ele fica conversando.

A senhora pode desenhar para mim?

Na rua lá né, e jogar videogame na casa do vizinho. Um dia ele saiu da escola, ele falou que estava na porta do Seletivo (Escola) paquerando as meninas, e foi por isso que ele tinha atrasado, mas só foi dez minutos. É uma fase que... Que jeito que eu desenho ele aqui, eu não sei desenhar.



Em casa ele lê alguma coisa?

Não, se eu falar pra senhora eu vou “tá” mentindo.

A senhora falou para mim, que a senhora não teve a oportunidade de estudar, a senhora tem leitura ou lê muito pouco?

Eu só leio a bíblia.

Só a bíblia?

Só, direto eu leio a bíblia.

Ah, ele joga a bola, tem uma bola aqui, e joga videogame, é só isso que eu posso falar para a senhora. A vida dele é uma vida tranqüila, não é um moleque de sair, é uma criança tranqüila.

O seu marido tem leitura ou não?

Não, nada. A gente “tava” até conversando agora, se nós tivesse oportunidade né?

...

Ele não faz algum curso?

Não tem condição. Ele quer fazer o curso de informática, eu falei pra ele esperar eu pagar as dívidas, ele falou pra mim dar uma bicicleta pra ele, eu falei que bicicleta não dou, eu tenho medo de alguém tomar dele, bater. Até camiseta de time eu não deixo ele sair, eu falo pra ele ir com camisa normal.

...

Ele tem dois irmãos mais velhos?

Dois irmãos, ele tem mais na família do meu marido, tem um quase da mesma idade.

Ele falou que tem um irmão quase da mesma idade. Ele é mais velho ou mais novo?

Ele tem quinze e o Claudemir quatorze. Que meu marido separou da mulher, e a mulher, acho que pra segurar ele, engravidou. Ele não gosta do menino, nem conversa com ele, ele fala que não gosta.

Do menino?

Não é que ele não gosta.

É a situação?

O menino tem ciúmes dele, ele acha que é o pai que dá as coisas, mas não é.

Tem duas irmãs que não liga, nem considera ele como irmão, que é esse daí e as duas.

Tem algum fato ou acontecimento na vida dele, que a senhora acha que, de algum modo, pode o ter atrapalhado?

Foi muita briga quando ele era pequeno, ele presenciou briga entre eu e meu marido, quando ele era menor, agora não, mas quando ele era pequeno, tinha cinco, seis anos, teve

muita briga mesmo. E briga feia, de eu agredir meu marido, meu marido me agredia e eu partir pra cima dele. Que meu marido saía com ele e voltava uma da manhã, duas. E eu não admitia, se ele queria sair pra bagunça, saísse, mas não levasse o menino.

E ele sempre presenciando isso?

Sempre, mas eu dei um basta, parei, porque meu filho não merecia isso, e eu “tô” com o pai dele por causa dele, que se fosse por mim eu já tinha separado há muito tempo. A gente vive na mesma casa, a gente se trata bem, tenta não brigar perto dele, que agora ele “tá” um adolescente, eu sei porque eu fui mãe com quatorze anos, porque eu não tive orientação, não tive diálogo com minha mãe, fui desprezada. Então, eu sou meio nervosa, meio depressiva, tomo remédio.

A senhora toma antidepressivo?

Tomo, você pode ver que eu tremo um pouquinho.

A senhora não está nervosa aqui não?

Não, é que chama eu aqui na escola, eu já acho que é alguma coisa... Fico na cabeça: será que ele aprontou alguma coisa.

A senhora toma remédio...

Tomo pra dormir e um depressivo quando eu “tô” meio nervosa, mas pra dormir é todo dia. Agora eu “tô” com problema de saúde na minha família, e a gente fica meio agitada, mas não desconta nele não.

...

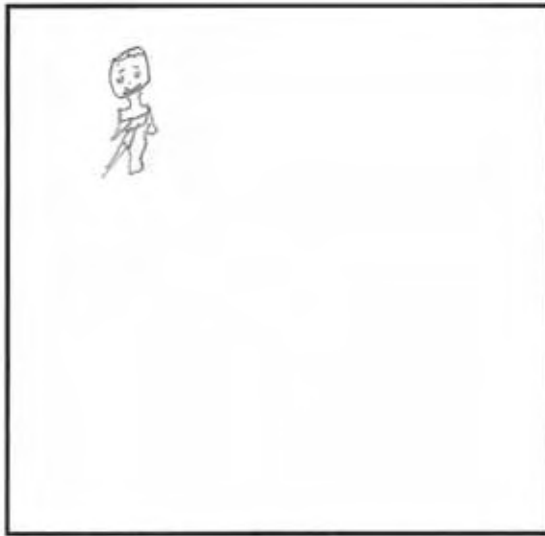
A senhora pode desenhar para mim como que a senhora vê o Claudemir?

Eu vejo meu filho como uma pessoa feliz, sempre dando risada, pode ser o problema que for. Se ele ver eu discutir com o pai dele ele sai, não fica em casa. Ele é sempre alegre, pra mim, não vejo nada de errado nele, por enquanto. Eu acho que ele não mentiu pra mim, que na hora da escola, “tá” sempre no horário, eu tenho medo dele enforçar aula.

...

Ele é alegre com os amigos. Eu sempre tento conversar com ele, às vezes, ele é nervoso, meio agressivo, mas é difícil, pergunto se ele tem problema na escola ele fala que não, só que às vezes ele chega nervoso, não sei se ele quer aprender alguma coisa e não consegue...

...



Na casa da senhora tem livro? Disponível para ele?

Tem livro, tem revista, ele tem os livros deles.

Mas ele não lê?

Ele não lê, eu falo pra ele que tem que pegar um livro, ler e se esforçar, porque ele tem oportunidade, se eu tivesse oportunidade que ele está tendo...

Pela dificuldade que a senhora diz ter, quando a senhora lê a bíblia, consegue compreender o que está escrito?

Ah, eu entendo sim, porque Deus está comigo a toda hora a todo o momento, em situações piores, na hora certa Deus prepara o dinheiro pra mim pagar minhas contas, pra comprar o que ele gosta, ele não tem riqueza não. Hoje ele falou que precisava de um tênis, e eu tivesse dinheiro eu ia na loja e comprava um tênis pra ele, não queria comprar um tênis, queria comprar uma calça, uma bermuda, tudo novo, mas no momento eu não posso entrar em conta mais. Ele entende, ele é uma criança que entende.

A senhora frequenta alguma igreja?

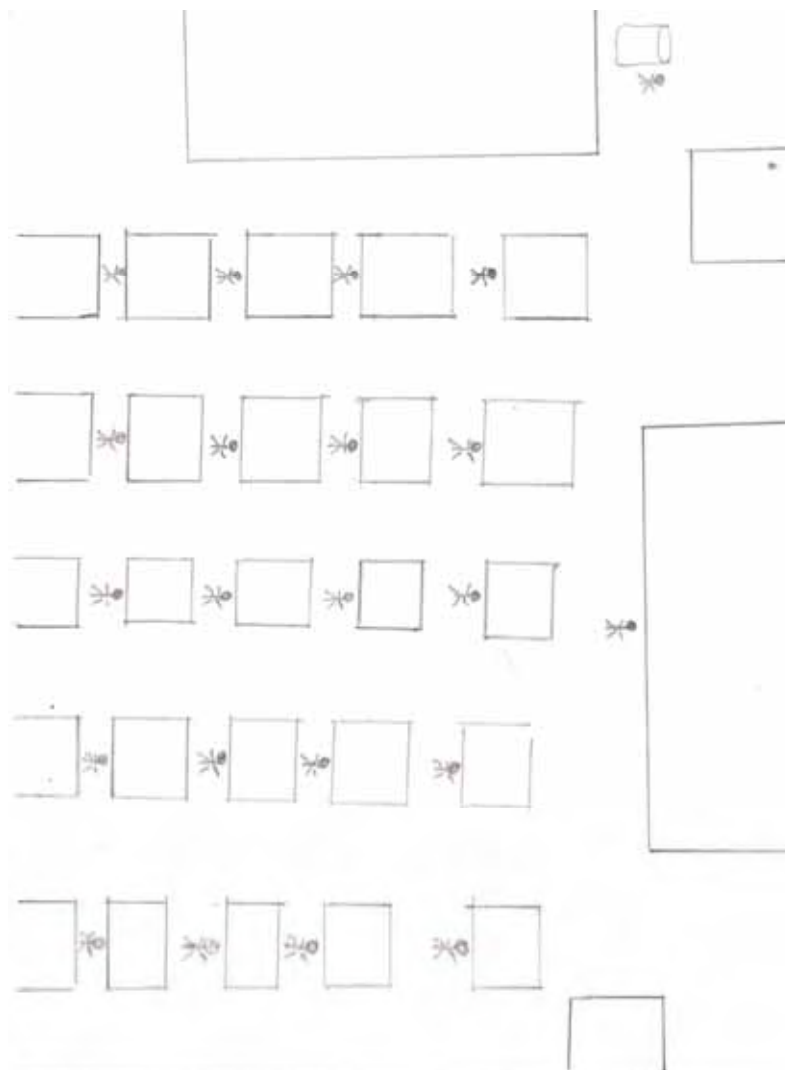
Não, Deus é o Deus meu mesmo. Quando eu vou, vou em igreja evangélica, mas é difícil. Aí eu ponho um Cd pra mim ir escutando também, no computador dele tem música evangélica também, e as companhias do computador eu "tô" sempre olhando.

...

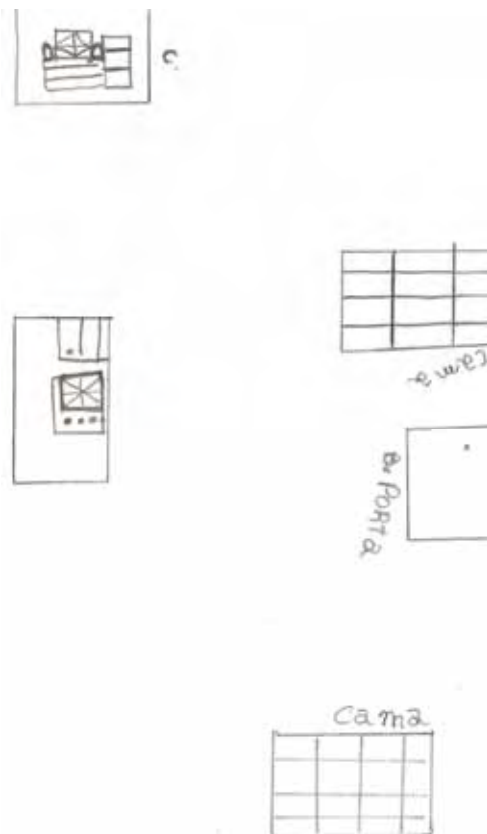
3.7.2 A ESCOLA

3.7.2.1 A escola através do olhar de Claudemir

Claudemir relatou que frequentou o reforço na escola durante três anos, mas que não gostava porque era só “historinha”, abaixo está o desenho sobre a escola feito por ele.



Ele disse que nunca estuda, mas que quando o faz é sempre no seu quarto:



3.7.2.2 A escola através do olhar da mãe

Quais são as dificuldades que a senhora vê nele em relação à aprendizagem?

Ah, ele se esforça né? Eu vejo que ele se esforça, mas o “problema” dele acho que é Português, que sempre fala pra ele “tá” em reforço, de Matemática nunca chamaram ele, é mais em Português que ele tem mais dificuldade, que ele vive no reforço, aí eu venho conversar é só Português.

Em Matemática, a senhora vê alguma dificuldade dele quando ele vai fazer lição?

Eu pergunto pra ele se tem lição, quando tem, ele fala que tem, quando não tem ele fala que não tem, até quando eu perguntei quanto ele tirou na prova ele disse que foi bem na prova de Matemática.

Desde quando a senhora nota que ele tem dificuldade?

Desde a 1ª série, né? Eu acho que não devia ter passado de ano, eles vão passando de ano sem saber, eu achava que não devia ser assim, eu achava que se a criança não aprendeu tem que repetir pra ter oportunidade, ele não teve oportunidade, ele foi passando de ano, agora que ele “tá” melhor, quando ele fez a 5ª é que teve uma melhora.

Mas da 1ª à 4ª série...

Não, só tinha reclamação, mas não era reclamação de mal, era reclamação de aprendizado, que ele não prestava atenção, que ele não fazia lição. E como a gente não sabe também, não tem como ensinar ele.

A senhora não tem estudo?

Não, nem eu, nem meu marido.

A senhora fez até que série?

Até a 3ª, depois minha mãe tirou “nóis”, que “nóis” sempre trabalhamos na roça, “nóis” não teve oportunidade pra estudar, até na hora de fazer uma ficha eu não sei preencher.

E o seu marido também?

Pouca coisa.

...

A senhora é...

Eu sou faxineira. Mais “tá” difícil, às vezes você acha um biquinho pra à trabalhar a noite, num restaurante, mas você vai, os outros não dão preferência pra gente, que a gente não tem a carteira, não tem estudo, eles preferem quem tem estudo.

E o seu marido, trabalha onde?

Ele é faxineiro da Mahle.

É terceirizado?

É, ele também não tem estudo.

Como que a senhora vê a escola?

Eu gosto daqui, que ele “tava” na escola perto de casa lá no Edi, e a professora queria obrigar ele a fazer uma coisa que ele não sabia, ela rasgou o caderno dele, e ele criança, não quis mais ir lá, aí foi aonde que eu vim aqui, aí a diretora arrumou uma vaga pra ele, aí eu peguei a transferência e não tirei mais. As professoras daqui, como ele era ruim davam preferência “pras” crianças que sabiam, e ele ia sempre ficando pra trás, a única professora que ele falava bem, e fala até hoje, é a professora Sandra, que ela dava mais atenção, teve umas professoras da 1ª à 4ª série que ele nunca gostou, de jeito nenhum, eu não vou citar nome né, ele desanimava, por ele, ele não vinha na escola.

Se eu pedisse para senhora desenhar a escola, como a senhora desenharia?

Eu não vou saber desenhar.

Mas tenta...

Eu não vou garantir que eu vou fazer perfeito, porque eu não vou. Eu falo pra ele que tudo na vida, a gente pode ser pobre, mas tem que ter educação, né?

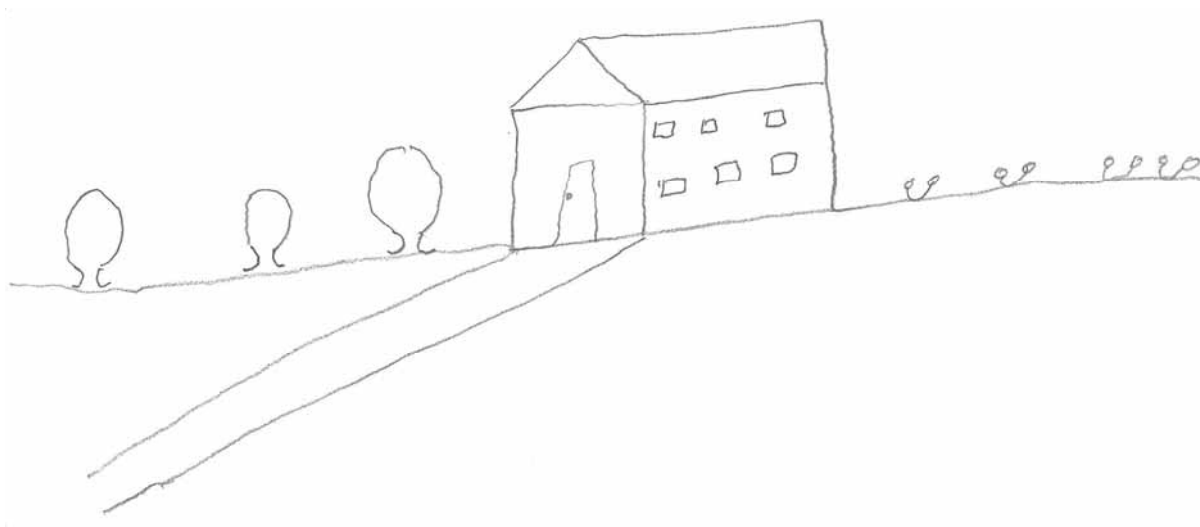
...

Ele reclamava de ter que vir à escola?

Ele não gostava de “vim”, eu obrigava ele a “vim”, eu falava pra ele que se ele não viesse na escola o Conselho Tutelar iria buscar ele, e ele ficava com medo. Educação lá em casa, a gente tenta passar o melhor pra ele, ele tem computador, mas não tem tudo o que ele quer, mas o que a gente pode dar pra ele pra incentivar.

Não é tudo, é tudo que “tá” no alcance da gente, procuro dar pra ele o que eu não dei pros outros, eu tenho dívida aqui, mas eu falo pra ele que a dívida é dele, que eu faço pra ele, mas amanhã, depois, eu quero que ele vá trabalhar pra me ajudar, que eu quero que ele seja uma criança honesta, que dê valor no dinheiro suado, não roubado. Às vezes eu não apareço na reunião. Mas, não é que eu não apareço, é que o horário não dá, é meio difícil.

É isso professora, mais que isso, eu não consigo?



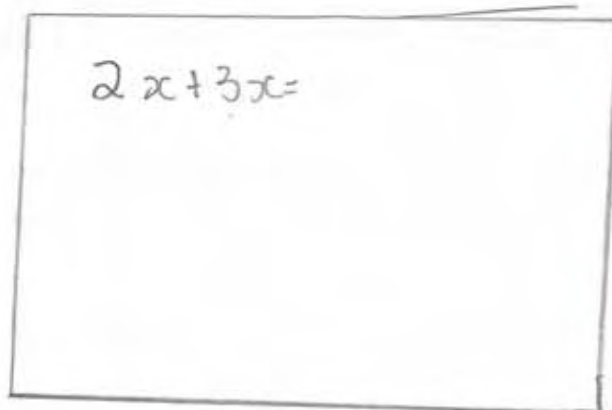
3.7.3 A MATEMÁTICA

3.7.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Claudemir

Quando Claudemir foi questionado sobre o que achava da aula de Matemática, o que estava aprendendo, ele fez este mapa narrativo abaixo:

*É importante aula de matemática pra gente
prender coisas novas um pouco e com o caso
x*

$$2x + 3x =$$



“É importante a aula de Matemática para a gente aprender as coisas novas, engraçadas, e com as coisas de x.”

3.7.3.2 A entrevista baseada no espelho

Você pode falar para mim o nome dessas figuras?

É o triângulo, essa aqui é o... Acho que é o cubo essa aqui.

E essa aqui?

A bolinha.

Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Em um “monti”.

Em quais?

Em texto, em contas de x, em texto...

No que você tem dificuldade em texto?

Eu escrevo muito rápido e erro, em contas de ‘x’, e mais ou menos, e em contas de vezes.

Antes você tinha dificuldade de aprender contas, problemas, figuras geométricas...

Figuras sim, conta não.

Em conta você tem facilidade?

Em conta sim.

Hoje, na aula de Matemática, no que você tem dificuldade?

Na oitava?

É. Você consegue fazer para mim? Escrever um exemplo de alguma coisa que você tem dificuldade.

É nisso aqui...

A handwritten mathematical expression in black ink on a light background. It consists of two terms in parentheses, separated by a multiplication sign. The first term is $[2]^2$ and the second term is $[3]^4$. To the right of the second term is an equals sign. The handwriting is somewhat informal and slightly blurry.

Que jeito que chama isso aqui "memo"?

Que você está tendo dificuldade? Você consegue dizer para mim como que resolve isso ou não?

Nunca!

Você consegue me dizer desde quando você tem dificuldade?

Desde a quinta.

De 1^a a 4^a série você não tinha?

Não, desde a quinta.

...

Você pode fazer estas continhas para mim?

Posso. Esta daqui?

É.

Esta eu não sei não professora. (Multiplicação)

Não?

Não "memo". Essa aqui também não professora. (Divisão)

(O aluno demorou menos de 2 minutos para realizar o que foi pedido.)

$$a) \begin{array}{r} 237 \\ 131 \\ \hline 368 \end{array} +$$

$$b) \begin{array}{r} 296 \\ 184 \\ \hline 480 \end{array} -$$

$$c) \begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$a) \begin{array}{r} 612 \\ 61 \\ \hline 673 \end{array}$$

...

Você pode me dizer o que você entendeu desses problemas aqui?

Deste aqui?

(O aluno demorou menos de dois minutos para realizar o que foi pedido.)

$$\begin{array}{r} 612 \text{ a.} \\ 3 \\ \hline 614 \text{ agasalhos} \end{array}$$

$$B. \begin{array}{r} 135,00 \\ 87,00 \\ 344,00 \\ \hline 556,00 \end{array}$$

Você pode falar para mim o nome destas figuras?

Este aqui é o triângulo, este é o cubo, e esta é a bolinha.

Você faz estas continhas para mim?

De novo?

É.

Não sei fazer estas duas aqui, não sei fazer de novo.

$$\begin{array}{r} a) 237 + \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} b) 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} c) 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

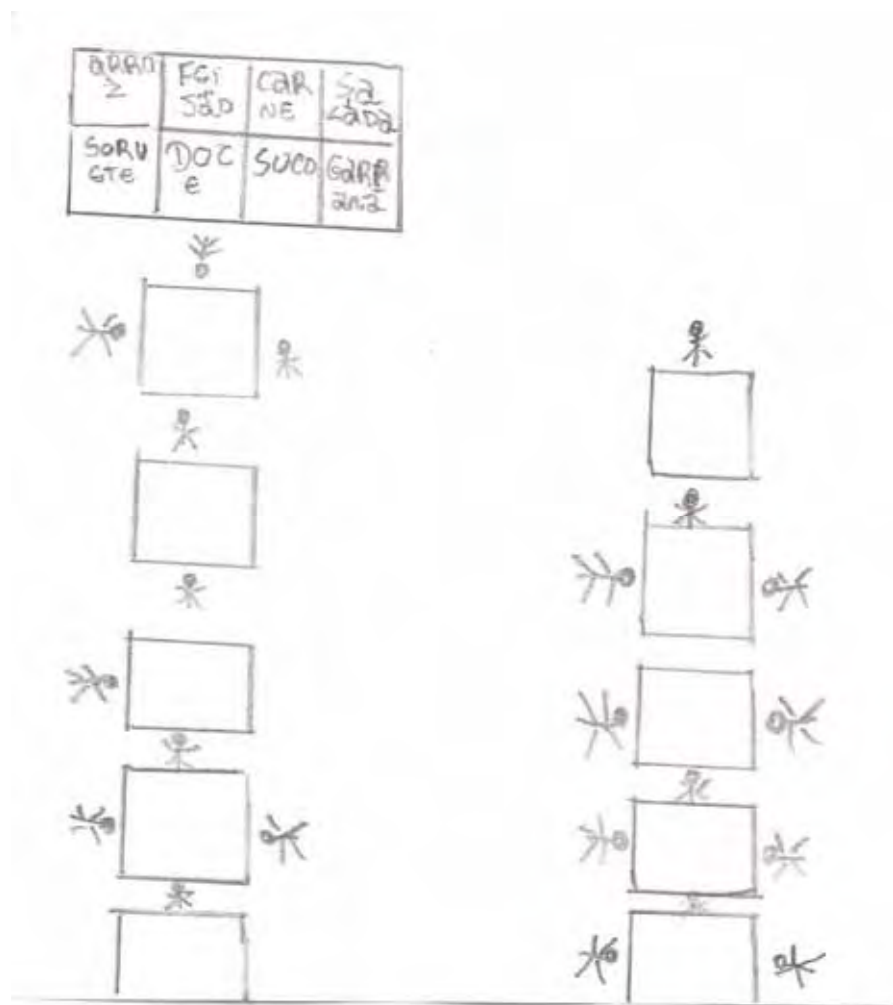
$$d) 612 \div 3$$

3.7.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.7.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Claudemir

Ele disse que no futuro pretende trabalhar na firma onde o pai trabalha. Quando foi questionado sobre o motivo, disse que lá há muita comida, refrigerante e suco e que por isso, gostaria de trabalhar.

Ele desenhou o refeitório da empresa:



3.7.5 O diagrama de forças que cercam Claudemir

A mãe acredita que ele é um aluno que tem alguma dificuldade de aprendizagem e foi **deixado de lado** durante todos esses anos na escola. **Vontade** ele até tem, mas não consegue aprender, apesar de nada faltar para ele em casa.

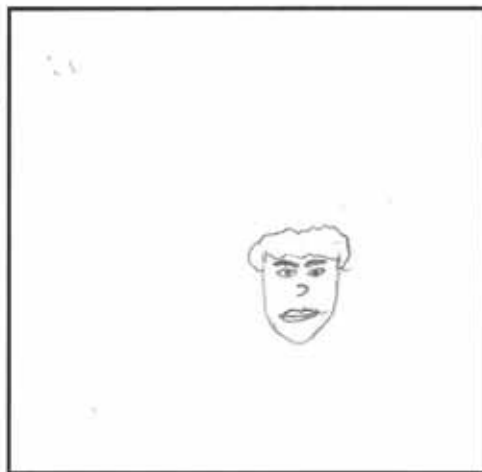
Entre as diversas coisas citadas estão: um notebook novinho, que ela acabou de comprar à prestação, e passou o velho para o irmão, uma camiseta oficial do Corinthians, que ele é fanático, mas não pode sair na rua com ela, por medo de assalto, um tênis novo, etc.

O “não faltar nada”, na maioria das vezes que é dito, está ligado simplesmente a coisas materiais, como uma forma de **recompensa** por uma nota boa que é tirada ou como uma forma de cobrança dos pais ou apenas como uma forma de se eximir da culpa da ausência na vida dos filhos.

Dois movimentos: Prestar atenção e Recompensa.

3.8 JAIR

porra, que que tem isso a ver? o que que é duque e conde? me disseram que isso acabou há muito tempo merda! e pra que que eu tenho que saber o feminino? a professora disse pra gente acertar tudo e dar alegria pro pai e pra mãe da gente. que pai e que mãe? quem vai ligar? mas a professora liga e ela disse que vai dar um presente pra quem tirar o primeiro lugar. o que será? se for um revólver com cartucheira e espoleta até que vale a pena. (LACERDA, 2001, p.58)



Jair tem uma voz bem peculiar, meio rouca, falhada, como quem teme a conversa e já começa engasgando. Definido por sua mãe como um “bebê grande”, ele gosta de desenhos animados e ela não o deixa ler gibi da Mônica porque ele já fala errado, se começar a ler coisas do Cebolinha, vai piorar.

Possui muitas dificuldades de leitura, escrita e compreensão, então a mãe disse que o melhor castigo para ele é a cópia. “Cópia, cópia, cópia que assim ele aproveita e aprende.” Aprende? Que nada! Cópia tudo. Tudo errado e não consegue explicar uma vírgula do sofrível texto copiado pelo castigo.

3.8.1 A FAMÍLIA

3.8.1.1 A família através do olhar de Jair

Desenha para mim, como que é sua casa.

Minha casa é fácil.

Quantas pessoas moram na sua casa?

Eu, minha mãe, meu irmão, minha irmã, minha tia, meu primo, o bebê...

De quem é o bebê?

Da minha tia, e o namorado da minha mãe. Que minha tia está procurando uma casa pra morar.

...

Faz tempo que o namorado de sua mãe mora com vocês?

Não muito tempo não.

Você se dá bem com ele?

“Se dó”.

Quantos quartos têm na sua casa?

São três, e minha tia dorme na sala, tem um colchão lá pra ela. Eu, meu primo, e meu irmão fica na beliche, eu e meu primo dormimos na beliche, e meu irmão tem a cama só pra ele, um outro irmão meu que trabalha.

Não é o Edinho (Edson)?

Não, o Edinho também “tá” “trabaiando”.

Está trabalhando?

“Tá” no Ponto Novo (supermercado do bairro da escola), e esse é outro primo meu, ele trabalha na Econômica Calçados.

Em casa só eu e minha irmã que não trabalha.

Sua mãe trabalha onde?

Ela é empregada doméstica.

...

Você se dá bem com seu pai?

“Se dó”.

Vocês se veem sempre?

Ele vem buscar eu “pra” ir na casa dele.

Faz tempo que eles se separaram?

“Faiz”... uns dois anos.

Vocês moram em casa própria ou alugada?

Alugada.

...

Quem tem o carro é seu pai?

É, mas esse aqui é de outra pessoa, é da mãe do namorado da minha mãe.

Este carro aí?

É.

Por que o carro fica lá?

Por que na casa dele não tem lugar pra colocar, aí ele deixa na garagem de casa.

Aqui é pedrinha, e é verde, e aqui tem as portas e a janelas. Tem duas janelas a da sala e a do quarto da minha mãe.



E na sua casa, tem livros?

Tem um “monti”.

E onde que eles ficam?

Tem uma estante na sala, tem um “monti” de livro.

E quem pega para ler, folhear...

É mais minha mãe e meu irmão, eu pego de vez em quando.

...

Tem mais alguma coisa na sua casa, que você ache importante colocar?

Não.

Você costuma estudar na sua casa?

De vez em quando.

De vez em quando, quando?

Uma vez por mês.

Uma vez por mês? Em que lugar na sua casa você estuda?

No meu quarto.

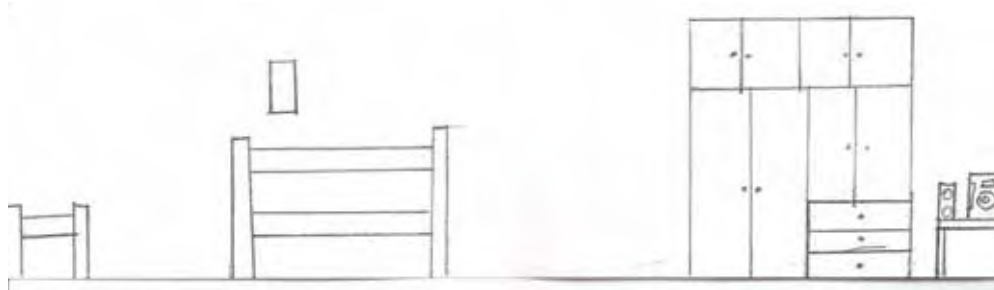
Como que ele é?

Aqui é a beliche, eu durmo aqui em cima.

E seu primo dorme embaixo?

É, aqui é a cama do meu irmão. Aqui tem um quadro, que o Edinho pintou.

...



E lição de casa, você faz quando?

Eu faço de noite, e quando tem muita lição e não dá tempo, eu termino na classe.

Não dá tempo por que? O que você faz à tarde, se você estuda de manhã?

Eu sou 'Personal Training'.

Você? Personal Training de quem?

Cuido de três cachorros.

Ah, é? Então você é um "Personal Dog". Como que é isso, cuidar dos cachorros, é do serviço da sua mãe?

É.

O que você faz com os cachorros?

Ensino a brincar de bolinha, ando com os cachorros, tenho que dar comida.

Esses cachorros, hein?! E a mulher paga para você fazer isso?

Paga.

E você vai todos os dias.

Menos quarta-feira, sábado e domingo.

Então, você vai de segunda, terça, quinta, e sexta. E quanto que ela paga para você?

R\$ 100,00.

...

Então quando não dá tempo de fazer lição, é porque você está cuidando dos cachorros?

É.

Que hora que você vai para o seu serviço de "Personal Dog"?

Eu vou às duas e volto às seis e pouquinho. Aí eu janto e faço a lição.

Ela é a patroa da sua mãe?

É.

E onde que você brinca com os cachorros?

Numa pracinha.

...

E quando que você pega aqueles livros da sala? Qual foi a última vez?

Foi o mês passado.

E o que você pegou para você ler?

Peguei um livro de história, da 6ª série, que eu gostava de ver os planetas, eu queria ser astronauta.

Agora você não quer ser astronauta mais?

Não.

Qual foi o último livro de história que você leu?

O último, foi sobre um porquinho que comia bastante e ficou passando mal.

...

Tem algum lugar especial na sua casa que você se diverte?

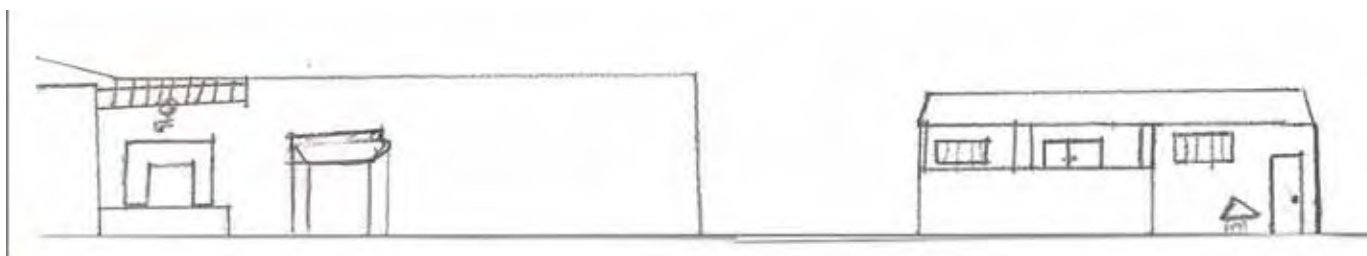
Tem o fundo.

Desenha então, como que é o fundo.

Tenho três cachorrinhos. Aqui é o banheiro do fundo...

O que você faz lá no fundo que você se diverte?

Eu fico brincando com meus cachorros, agora tem um filhotinho de Pit Bull.



3.8.1.2 A família através do olhar da mãe

A senhora poderia desenhar para mim como que é o quarto onde ele estuda?

Aqui é uma cama, aqui é uma beliche.

Aí dorme ele e o Edinho?

É, e tem um sobrinho meu morando comigo e aqui o guarda-roupa, e aqui tem outra cama, e aqui a janela.

E no quarto dele ou na casa tem livros?

Livro em casa tem de "monti".

Livro de história, literatura, ou livro didático da escola, de exercício?

Tem livro didático da escola, e tem livro de historinha também.

E ele pega pra ler?

Nunca.

Não gosta de ler?

Não se interessa, nem gibi da Mônica.

...

O pai dele não mora junto com a senhora?

Não, eu separei faz três anos.

Ele mora aqui mesmo ou não?

Mora.

Ele o vê com frequência?

Até enquanto ele “tava” pagando pensão “tava”, parou de pagar a pensão parou de olhar as crianças também.

Ele que não quer vir ou a senhora...

Não, eu não impeço nada, ele que não vem, ele fala pras crianças ir lá, mas eu não deixo, porque é longe, e não tem nem cabimento das crianças ir.

Quando ele era criança, moravam todos juntos, os dois filhos mais velhos da senhora são do mesmo casamento?

São todos.

...

E qual a escolaridade que a senhora tem?

Eu fiz até a sexta.

Até a 6ª série? E o marido da senhora?

Acho que foi até a 5ª.

E como é o dia de Jair? O que ele faz fora do período de aula?

Ele vem pra escola, chega em casa almoça e desce pro meu serviço, porque ele fica sozinho em casa, porque o Edinho, ele trabalha e estuda, e Adrielle “tá” fazendo curso e estuda, então pra ele não ficar sozinho ele vai pro meu serviço, e chega lá pra ele não ficar à toa, minha patroa “tá” pagando cem reais pra ele dar uma volta com o cachorro no quarteirão, na pracinha.

É, ele falou que ele é “Personal Training” dos cachorros.

Chega em casa desenha, fica na televisão o dia inteiro e lan house que “tá” triste também.

A senhora não tem computador em casa?

Não.

Aí ele pede para senhora deixá-lo ir à “lan house”, e como ele ganha o dinheiro...

Mas só que eu não dou tudo.

Ah, ela paga para senhora?

Isso. Que se der na mão dele ele vai gastar tudo na “lan house”, então eu vou dando de pouquinho, quando eu não quero que ele vá eu não dou.

E em casa, ele tem algum serviço que seja dele?

Tem, ele guarda louça, ajuda a arrumar a cozinha, ele sempre me ajuda.

...

A senhora poderia desenhar para mim uma atividade do dia dele?

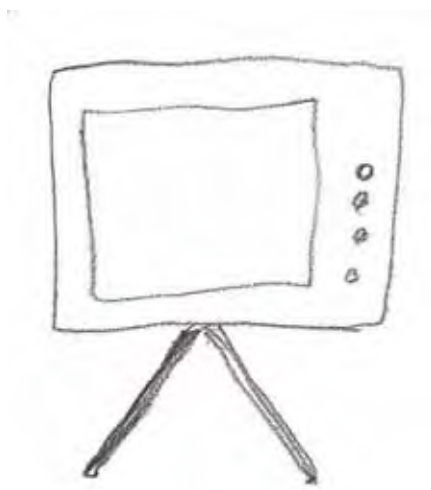
Televisão.

Televisão?

Nossa, a gente até briga com ele por causa da televisão!

Ele fica à noite também?

Não, à noite quando dá umas dez horas (22h) ele vai dormir. É desenhando o problema dele.



Mas, ele assiste à novela, a jornal, ou não? À noite, ele tem outras atividades?

Tem, ou ele fica jogando bola na rua com o Edinho ou fica enchendo a paciência de um, de outro. Mas novela, essas coisas não. Se tiver passando desenhando, ele fica. E se tiver desenhando ele fica parado na frente da televisão o dia inteiro. Ele joga bola e lan house.

Ele faz alguma atividade fora do horário de aula, assim, algum curso...

Ele fazia computação, mas já acabou, agora eu “tô” pagando pra Adriele, a do Edinho eu já paguei, porque tem que ser por etapa, ele fez o da prefeitura, que pagava dez reais por mês, a digitação, né?

A senhora vê nele, alguma dificuldade de comportamento ou de relacionamento com a família ou com os amigos?

Não. Ele é muito espoleta, não deixa ninguém “queto”, ele não para “queto”.

Ele conta as coisas do dia ou a senhora fica sabendo por outras pessoas?

Não, de chegar e ficar conversando é difícil, quando a gente vem do serviço aí ele vai contando, mas é difícil, é mais na hora ali que ele fica falando.

Eu perguntei para senhora se ele ajuda nos serviços domésticos, a senhora disse que sim, que ele trabalha como “Personal Cão” e ele recebe cem reais por mês. E ele contribui com alguma coisa na casa?

Ele paga a água, a água é por conta dele.

A senhora poderia desenhá-lo com os cachorros?

Você não sabe quem é pior, ele ou os cachorros. Eu acho que ele é muito infantil, muito “criança”, ele chega e deita no chão com o cachorro e fica, se diverte com os cachorros.



Foi a patroa da senhora que teve a iniciativa de pedir para ele?

É que todo dia ele ia comigo, que ela falava pra não deixar ele sozinho, e todos desde pequeninhos, faz quinze anos que eu “tô” lá, todos iam lá comigo.

E ela não se importava?

Não, ela tem eles como neto, tanto que ela paga o curso de enfermagem pra Adrielle, e arrumou um emprego no Ponto Novo (supermercado do bairro da escola.) pro Edinho, então o que ela pode fazer por eles ela faz. E quando ele ia lá comigo, ele não sabia se assistia televisão ou brincava com os cachorros, então ele ficava impaciente, então, ela pediu pra ele andar com os cachorros. Mas não é obrigação, quando ele não quer andar, ele fica lá e não anda.

E a senhora trabalha lá há quinze anos?

É, ele nasceu lá.

...

E sua patroa que paga o curso da filha da senhora?

Paga. Ela é professora de Química, deu aula no Luiz Martini, mas já aposentou do Luiz Martini. E ela conseguiu bolsa, né? Ela paga metade e como trabalha lá, ganhou metade.

Tem algum fato ou acontecimento na vida dele que a senhora, assim, antes de acontecer isso ele era deste jeito, e depois que aconteceu isso ele mudou.

O problema dele é quando ele nasceu, ele nasceu de seis meses, então ele já tem problema desde pequeno. Depois com seis meses ficou internado, quase morreu. Então desde pequenininho ele já tinha problema, o médico disse que ele ia ser meio atrasado. Depois que ele saiu do hospital, ele pegou com pneumonia, ele viveu por Deus mesmo, que ele sofreu bastante.

E quando ele nasceu de seis meses, teve algum motivo?

É que com quatro meses a bolsa furou, então “tava” assim, de quatro a seis meses eu ficava no hospital direto, porque ele “tava” querendo nascer e eu segurando, aí com seis meses já “tava” quase seca já, que de tanto vazar, que “tava” furada, aí nasceu.

E o médico pediatra, falou que ele ia ter um atraso?

E tanto que no começo ele ia para o APAE, que o médico achava que ele mexia mais de um lado do que o outro, aí pararam, falaram que não precisava ir mais.

Ele ia a APAE com quantos anos?

Com dois, três anos.

A senhora achou que lá teve algum desenvolvimento?

Não.

Ele toma ou tomou algum tipo de medicamento constante?

Não. Ele teve sempre bronquite, mas depois acabou com o negócio de simpatia que minha sogra fez. Mas não era constante, às vezes, dava uma crise de bronquite.

Na casa da senhora, há o hábito de todo mundo ler a bíblia...

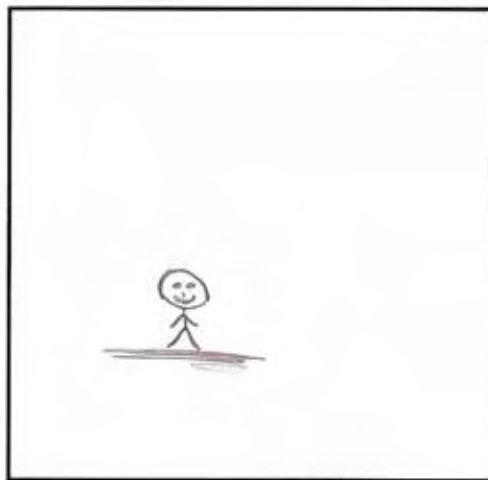
Minha patroa pega no pé da gente, porque não tem religião nenhuma, às vezes ele vai na igreja católica, às vezes na igreja crente, junto com os vizinhos.

...

Eu queria que a senhora desenhasse, como que a senhora o vê.

Um bebê, pra mim ele é muito infantilzinho. Ele é infantil em tudo, ele não tem responsabilidade, tem que “tá” no pé dele direto.

...



3.8.2 A ESCOLA

3.8.2.1 A escola através do olhar de Jair

Se eu pedisse para você desenhar a escola que você estuda hoje, como você desenharia?

Pode usar a régua, ou desenhar à mão livre.

Desenha de frente ou de lado?

Você quem sabe.

(Começa o desenho.)

...

Você já frequentou reforço aqui na escola?

Já.

De quais matérias?

De “Português”, Matemática, e o ano passado eu só fiz de “Português”...

E o que você achava do reforço?

Era legal, eu gostava.

...

Quando você vinha ao reforço o que você não conseguia fazer?

O que eu não conseguia fazer?

No reforço eu sempre fiz tudo, só nas aulas normais que eu não consigo fazer.

Desde quando você tem dificuldade em Matemática, Português...

Desde a primeira série.

É? Qual série foi mais difícil até agora, que você se lembre?

Mais difícil, foi a quarta.

Por quê?

Por causa das perguntas, as “conta”, era grande, divisão de polinômio por polinômio, era difícil.



...

Pra mim “lê”, pra mim mesmo eu consigo, mas pra lê “pros” outros eu não leio muito bem.

Para ler para você, você consegue, para ler para as outras pessoas você não consegue?
Por quê?

Não sei.

Você fica nervoso? *(O aluno confirma.)*

Por quê?

Eu sou tímido.

...

O reforço lá na cozinha, você gostava?

Gostava, não faltava nenhum dia.

...

Eu achava legal, eu gostava da professora, as pessoas que faziam reforço comigo também era legal.

3.8.2.2 A escola através do olhar da mãe

Eu queria que a senhora falasse para mim quais são as dificuldades que a senhora vê no seu filho em relação à aprendizagem dele.

Eu acho que em tudo, em Português pra escrever é um absurdo, não lê direito.

E a senhora nota essas dificuldades desde quando?

Desde o primeiro ano.

Não teve assim um momento que a senhora viu mais dificuldades?

Na 3ª série ele teve uma professora que deu uma melhorada boa, depois mudou a professora e ele ficou ruim de novo. O que ele aprendeu, o que ele sabe hoje, foi no terceiro ano que ele aprendeu.

...

Em Português ele é pior?

É um absurdo em Português, eu não sei como que ele passa de ano, que na 4ª série eu vim pedir pra repetir, depois não podia repetir, e “tá” na 8ª série e não sabe escrever.

A senhora fica chocada com esse fato da senhora ver que ele está na 8ª série e não sabe ler?

Eu acho assim que o problema é com ele, que eu já pedi pras professoras dar encaminhamento e elas falam que não pode, porque não vê nada nele.

A senhora fala encaminhamento para...

Não sei se ele... Como que chama aquela doença... Porque ele é um absurdo, não entra nada na cabeça dele.

Em casa a senhora... vê o quê?

Distraído, você pede alguma coisa pra ele, a coisa “tá” aqui ele roda, roda, roda, e não acha.

A senhora, por exemplo, já sentou para fazer lição com ele e aí...

Nossa, eu não tenho paciência, meus dois filhos também não, você lê uma palavra com ele, ele não consegue ler, você lê pra ele, ele lê em cima, daí você lê outras coisas, na hora que você volta lá em cima ele não lembra mais nada.

E a senhora já o levou em um posto de saúde, para fazer algum exame?

Eu levei ele no postinho, eles falam que tem que ter o encaminhamento da escola, eu venho na escola eles falam que tem que ir atrás do médico, que é ele que tem que encaminhar.

E reforço, ele frequentava?

Frequentava todo ano.

E a senhora achava que o reforço contribuía para alguma coisa?

Não, em nada.

Não via melhora nenhuma?

Não.

Ele vinha sempre?

Sempre.

Ele já fez o CEACRI ou não?

Não.

Se eu pedisse para senhora fazer um desenho, a senhora faria? Um desenho bem simples, não precisa ser nada elaborado não. Eu queria que a senhora desenhasse a escola, como que a senhora vê a escola.

É complicado. Difícil.

Do jeito que a senhora quiser desenhar, como a senhora vê a escola.

Mas é complicado, como que eu vejo a escola? Essa escola pra mim é a melhor que tem, porque você vê outros lugares é um absurdo, mas não sei como que eu faço.

(Começa a desenhar.)

Os três filhos meu estudaram aqui, e os outros dois foram ótimos.

Quantos filhos a senhora tem?

Três, o problema é com ele, e pra conseguir psicólogo é muito difícil, eu já fui atrás e “tô” esperando, exame de vista eu já tentei, porque eu acho que ele tem problema de vista, e nada até hoje.

No posto, a senhora vai, eles marcam o nome e...

E não chamam, porque alguma coisa ele tem, porque não é possível não aprender desse jeito.

Ele estuda fora do horário de aula?

Difícil, porque você põe ele pra estudar, daqui a pouco ele está fazendo outra coisa, a Adrielle e o Edinho vão pro quarto e estudam lá, e você vai lá pra você vê ele já não “tá” estudando nada, ele “tá” fazendo outra coisa.

A senhora nunca vê ele fazendo lição?

Não, tem vez que a gente põe ele de castigo, e o castigo dele é fazer cópia, mas não é um castigo, é pra ele aprender mesmo, mas ele copia o que “tá” escrito, mas ele não lê, depois você pergunta o que ele escreveu ele não sabe.

Por exemplo, se a senhora pedir para ele copiar esta folha, ele copia certinho ou com erros?

Não, ele copia com erros, ele só copia não lê junto.

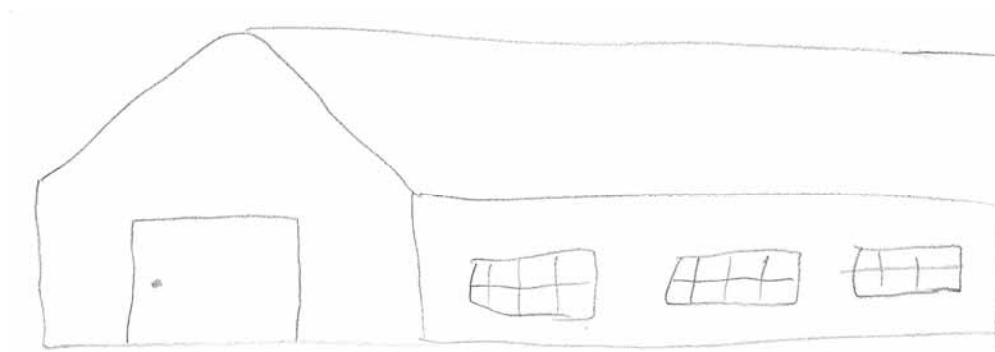
E qual é o lugar da casa onde ele estuda?

Geralmente, no quarto.

E ele tem uma hora para fazer isso, todo dia ele faz no mesmo horário, ou cada dia ele faz de um jeito?

Não, porque primeiro você pergunta se tem lição de casa, ele fala que não tem, aí a gente dá cópia pra ele fazer, daí ele vai lá e copia, copia de qualquer jeito e pronto.

...



E em Matemática, quais são as dificuldades que a senhora vê?

Em continhas, e em problema é pior ainda, ele não sabe ler, como que ele vai fazer problema?

E quando ele vinha no reforço, a senhora acha que não adiantava?

Não.

Ele fez reforço de Matemática?

Sempre foi mais de Português.

...

3.8.3 A MATEMÁTICA

3.8.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Jair

Que dificuldade que você tem em Matemática?

Em Matemática?

O que você acha mais difícil?

Tem umas "hora" que eu consigo fazer, tem umas "hora" que eu não consigo não.

...

Qual é a parte do reforço de que você mais gostava?

De Matemática, sempre gostei de Matemática, a matéria que eu mais gosto é Matemática.

E nas continhas, o que você acha mais difícil?

Nas continhas? Acho que é a tabuada do sete pra cima.

...

Então, eu queria que você desenhasse para mim, como é a aula de Matemática para você. Como que você vê a aula de Matemática?

Essa é difícil.

É? Por quê?

Porque é difícil. É o que eu acho da aula de Matemática.

O que é isso?

Aqui é a carteira.

...

Aqui é a professora, aqui "tá" a bolsa, e aqui são cadernos.

O que é aqui?

A lousa.

Como é a aula de Matemática para você?

Eu acho legal.

Mas o que tem de legal? Seja mais detalhista.

É a aula que eu acho mais fácil.

Você não acha estranho. Se é a aula que você acha mais fácil, por que você vai reforço?

É que eu não fazia nada, ficava conversando, daí eu parei.

...

Então me explica o que você desenhou, você...



A professora dando aula e eu copiando a matéria, fazendo a lição, e eu "tô" feliz...

Você está feliz? Então está bom.

...

3.8.3.2 A entrevista baseada no espelho

Você pode falar para mim o nome dessas figuras aqui?

É triângulo, cubo e círculo.

...

Antes você costumava ter dificuldade em contas, problemas, figuras geométricas?

Não.

Você tem essa dificuldade agora?

Um pouco.

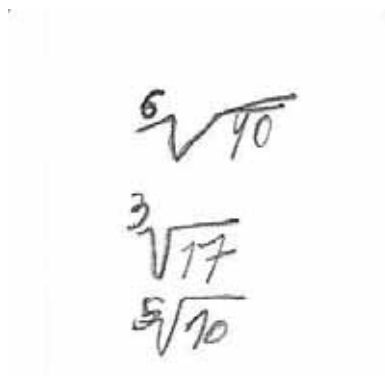
Qual dificuldade você tem em Matemática hoje?

Guardar as continhas, raiz quadrada, não sei o quê mais.

Você pode fazer para mim, escrever um exemplo de alguma coisa que você tem dificuldade?

De Matemática?

É.



Isso? Tem mais alguma coisa que você queira colocar?

Tem um "monti".

Então vai escrevendo aí para mim, o que você tem dificuldade.

É tudo raiz quadrada que eu tenho dificuldade. Vou colocar três exemplos.

Você pode fazer estas continhas para mim? *(Silêncio.)*

Esta eu não consegui. (Divisão.)

$$\begin{array}{r} a \quad 237 + \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} b) \quad 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} c) \quad \overset{1}{5}3 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} d) \quad 6 \overline{) 1242} = 42 \\ \underline{12} \quad 42 \\ \underline{6} \\ \underline{6} \\ \underline{6} \end{array}$$

Você pode resolver estes dois probleminhas?

$$\begin{array}{r} 6 \overline{) 1242} \quad 42 \\ \underline{6} \quad 42 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 135,00 - \\ 344,00 \\ 211,00 - \end{array}$$

...

Você pode falar para mim se você estuda Matemática fora do horário de aula?

Quase nunca.

Quando é “quase”, que dia você estuda?

De quarta que eu fico em casa.

E a lição de casa, faz?

Faço.

Que horário?

Na hora que eu chego em casa, que meu irmão não chegou ainda.

...

Você fala para mim o nome destas figuras?

Triângulo, retângulo, esqueci o resto.

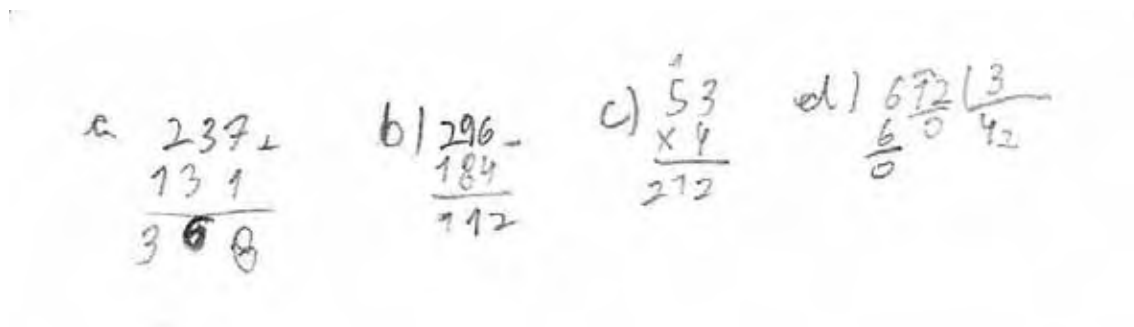
Você faz para mim estas continhas aqui? *(Silêncio.)*

Por que nessa divisão você começou por aqui?

Porque eu pulei os dois.

Por que você pulou os dois?

Porque os dois é difícil.



3.8.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.8.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Jair

Agora eu vou perguntar duas coisas, e você vai me dizer se tem diferença ou não.

Daqui uns anos como você acha que vai ser seu futuro ou como você gostaria que ele fosse? Você acha que vai ter diferença? Por exemplo: eu gostaria que ele fosse “assim”, mas eu acho que vai ser “assado” ou eu gostaria que fosse assim e vai ser assim.

Quando eu crescer, eu queria servir ao exército, mas eu acho que não vai ser.

Por quê?

Porque minha mãe não gosta, porque se eu servir o exército eu vou "lá" com armas e pegando drogas, e ela quer que eu não sirva o exército, e quando eu tiver dezesseis anos ela vai pôr eu no Ponto Novo, pra trabalhar igual meu irmão.

Então tem diferença, porque você gostaria de servir o exército, mas você acha que não vai. Por que você gostaria de servir o exército?

Porque eu gosto.

Mas tem algum motivo?

Por que eu gosto de mexer com arma, mexer com granada.

Você já viu alguma?

Arma já, granada não.

Onde você viu arma?

...

Mas, você quer pegar em arma para quê?

Pra atirar, acertar aqueles alvos.

Você quer atirar nos alvos ou em outra coisa?

No alvo só.

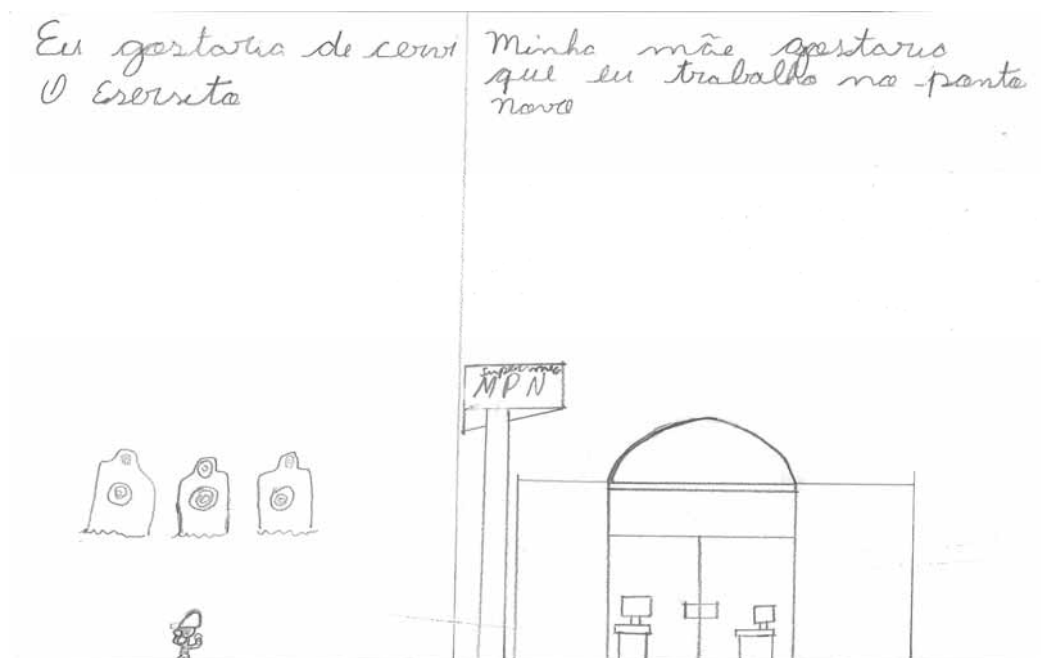
E se você tiver que atirar nas pessoas?

Tem que atirar.

Então tem duas coisas diferentes, né?

É.

Então você desenha aqui para mim essa história que você me contou.



O que é isto aqui?

É o alvo deles.

O que é isto?

É um carinha segurando uma arma.

Alguém que você conhece serve o exército?

Não. Eu não sei desenhar arma não.

Não faz mal, dá para entender. Quer desenhar mais alguma coisa aqui? Então, escreve aqui para mim o que você gostaria de ser.

Exército é com 'z' ou com 's'?

O que você acha?

Com 's'. Aqui é o que minha mãe gostaria...

Tem alguma coisa que você acha que atrapalha a sua aprendizagem?

Não.

...

Então o seu futuro, como você gostaria e como a sua mãe gostaria. Daqui dez anos eu vou o encontrar aqui ou aqui?

Aqui. (Apontando o supermercado.)

...

3.8.5 O diagrama de forças que cercam Jair

Dois movimentos aparecem na fala de Jair: **Prestar atenção** e **Força de Vontade**, que envolvem toda a sua trajetória escolar marcada por anos de reforço em Matemática e Português. Mas o terceiro movimento que cerca Jair vem da fala da mãe, relativo a certos **problemas de saúde** que ela revela achar que o menino possui, mas que nunca foram diagnosticados.

Segundo ela, Jair nasceu de seis meses e, já no hospital, o médico disse que ele ia ter um atraso. Com dois e três anos de idade, ele frequentava a APAE da cidade, mas isso foi por pouco tempo, logo disseram que o menino não precisava mais do atendimento de lá, pois o motivo do encaminhamento foi por questões motoras, não cognitivas.

A mãe acha que o problema não é da escola, mas sim com ele. Disse que, várias vezes, pediu que a escola o enviasse para algum tipo de apoio médico, e a escola alegou que não tem como fazer esse tipo de procedimento. O mesmo alegado na área da saúde quando ela procurou ajuda. Segundo a mãe, uma instituição “joga” a responsabilidade para a outra e não resolvem o problema de saúde que ela acredita que ele possui.

Três movimentos: Prestar atenção, Força de vontade e Problemas de saúde.

3.9 BIA

tomando de um fio vou costurar a minha vida que ela está mas é toda espondongada. quem sabe consigo costurar alguma coisa, colocar uns remendos e melhorar essa droga um pouco. mas vou ter de dar muitos pontos e unir pedaços, farrapos de coisas, gentes, momentos. pois não tenho muito pra começar e pra acabar, terei: ?

se estabeleço:

no princípio: pobreza miséria o nada o só a ausência o menos a negação

no meio: o impedimento o corte a gula o vazio a retirada a perda o engodo

no fim: o que vou pôr? a merda o zero? (LACERDA, 2001, p.24)



Há, hoje nas escolas brasileiras, uma tendência muito forte, provavelmente herdada dos filmes com adolescentes americanos, de que ser “popular” na escola é vital³⁴. Bia faz parte desse grupo de adolescentes que age assim. Está sempre muito bem maquiada, penteada e sem os óculos, apesar do alto grau de miopia, desfilando pelos corredores e pátios da escola, acompanhada de outras meninas igualmente produzidas, como nos filmes, e sempre andando em grupos.

Mas como tudo nesta vida tem um preço, ser “popular” na escola também tem o seu. Sua mãe relatou na entrevista que essa vaidade tem atrapalhado muito seu relacionamento familiar, pois ela tem “exigido” que sua mãe compre certas coisas que ela não pode pagar. São na verdade objetos que a definem dentro deste grupo. O tênis certo. O jeans certo. A mochila certa. Enfim, o que marca a pessoa, e ela se marca dentro do grupo.

³⁴ COSTA, M. V. Cartografando a gurizada da fronteira: novas subjetividades na escola. In: ALBUQUERQUE, J. D. M., VEIGA-NETO, A. & SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 269 - 294.

3.9.1 A FAMÍLIA

3.9.1.1 A família através do olhar de Bia

Como é a sua casa? Dá para você desenhar para mim?

Não sei. Meu quarto?

É, a sua casa quando você pensa nela, como que você desenharia?

A frente...

Quem mora na sua casa?

Eu, meu irmãozinho, minha mãe e meu pai.

Quantos anos têm seu irmão?

Três anos.

...

Onde seu pai trabalha?

No 1º DP.

Ele é policial?

É.

Sua mãe trabalha fora?

Não, ela tinha uma papelaria, aí ela fechou.

Nas outras matérias você é boa aluna ou não?

Em Ciências e Geografia.

Essas são as matérias em que você vai bem? Em que você acha que você tem dificuldade? Em Matemática, Português?

Não sei.

...

E minha casa é amarela.



Faz três anos que você mora nesta casa?

Mais ou menos.

Desde quando você veio de São Pedro?

É, eu morei um ano com minha "vó" aqui e minha mãe ficou em São Paulo.

Você ficou um ano morando sozinha com sua avó?

Morei.

Por quê?

Porque minha mãe e meu pai iam trabalhar lá e estavam morando na casa da minha outra "vó" e não tinha com quem eu ficar, porque minha "vó" trabalhava também, então eu tive que ficar aqui com minha "vó".

Eles vinham sempre?

Não.

Que ano que você ficou morando aqui com sua avó?

Foi quando eu tinha seis anos, estava na primeira série, foi quando eu estudei lá no Alice.

...

Você acha que o fato de você ter ficado aqui sozinha atrapalhou na escola?

Atrapalhou, porque eu não queria ir pra escola.

Você fez a 1ª série lá?

É a 1ª e a 2ª, a 3ª eu fiz no Cotem, a 4ª eu fiz no Maria Júlia, e a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª eu fiz aqui.

E morava você e a sua avó, só vocês duas?

E o meu “vô”.

Sua avó tinha dificuldade de lhe mandar para escola?

Ela não deixava eu faltar. Aí eu comecei a ver as meninas ir de ônibus na escola, aí eu quis ir também, aí minha avó teve que começar a pagar ônibus “pra” mim ir na escola, senão eu não ia.

Você só via seus pais só de vez em quando?

É, no meu aniversário, no final de ano...

Por que eles vinham tão pouco?

Não sei.

Não sabe? Essa casa em que vocês moram é alugada ou é de vocês?

É alugada.

Sua casa aqui é amarela, a janela é azul e, aqui é o telhado e a árvore do vizinho que acaba caindo na sua casa?

É

Você costuma estudar na sua casa?

Estudo.

Onde você estuda na sua casa?

No meu quarto.

Então, desenhe-o para mim. Você costuma ler na sua casa?

Leio.

O que você gosta ler?

Livro de poesia.

Você pode ir desenhando à vontade, que a gente vai conversando. Você tem livros no seu quarto?

Tenho.

Esses livros você ganhou, você comprou...

Ganhei.

De quem você ganhou?

Eu ganhei... É que quando a gente morava em São Paulo a gente era caseiro de uma escola, a diretora queria que eu estudasse lá, mas minha mãe tinha medo, porque lá era escola

de 1^a série ao 3^o colegial, aí a diretora me dava livro “pra” mim ler, aí eu aprendi a ler por causa dela, ela me ensinava a ler desde pequena.

A diretora? Que legal! Sua mãe não queria que você estudasse lá?

Não, porque ela tinha medo.

Era uma escola violenta?

Ah, era.

É por isso que ela tinha medo?

É.

Quem a ensinou a ler, foi a diretora da escola?

Foi.

Quantos anos você tinha? Você lembra?

Tinha cinco, aí depois eu vim “pra” cá morei com minha “vó”.

Então, a hora em que você estava aprendendo a ler, escrever, se alfabetizar, você veio morar com sua avó?

É.

Você acha que isso a atrapalhou?

Pouquinho.

É, eu não estava na escola, mas, ela estava me ajudando.

Aqui é onde eu estudo.

...

Vocês moravam nesta escola?

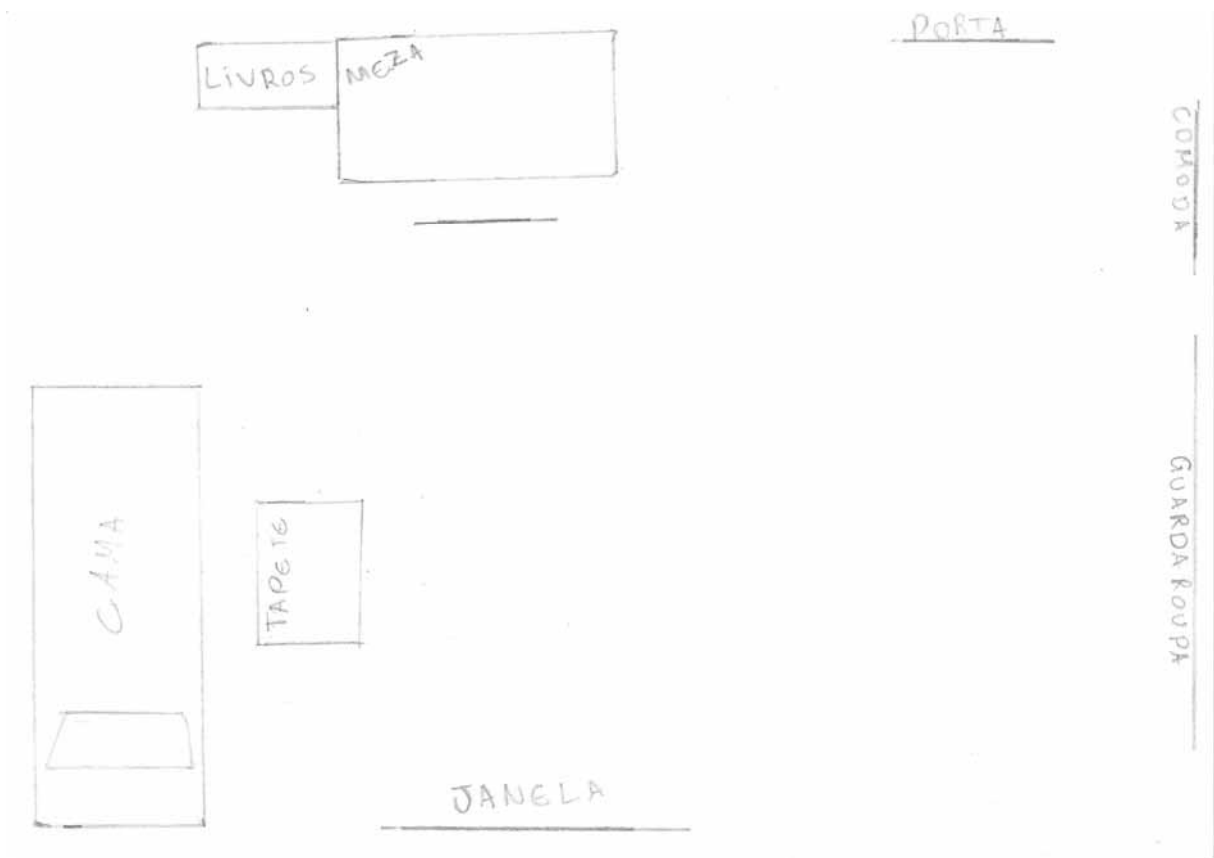
Morava, era caseiro de lá.

Todos os livros que você tem, você já leu?

Não.

Não?

Tem muitos.



Quem mais lê esses livros que você tem no seu quarto?

Minha mãe.

É? O que ela gosta de ler?

Ela gosta de ler... tem muitos, ela já leu a maioria. Tem um armário cheio de livros, um armarinho de madeira cheio de livro também, e tem no meu guarda-roupa.

A diretora chamava para você ir à direção?

É, eu ficava lá com ela, e ela me ensinava a ler e a escrever. Ela era a vice-diretora. Às vezes a diretora achava ruim com ela.

Pelo o que você está me falando você já mudou bastante de casa, né?

Já mudei bastante de casa.

Você gosta de mudar?

Não.

Qual foi a pior mudança que você já fez?

Quando eu fiquei com minha "vó".

...

Você quer colocar alguma cor aqui ou não?

Não.

...

Na sua casa tem jornal?

Não.

Não? Depois de um ano que você estava morando com sua avó, aí sua mãe veio?

É.

Aí vocês voltaram para sua casa?

Não, aí a gente foi pra São Pedro.

Aí que vocês foram para lá?

É.

De todas as escolas que você estudou qual que você menos gostou?

Acho que nenhuma.

...

Sua mãe gosta de deixar o computador na sala?

É.

Tem algum motivo especial para sua mãe deixar na sala ou não?

Não.

Aqui é o monitor, teclado...

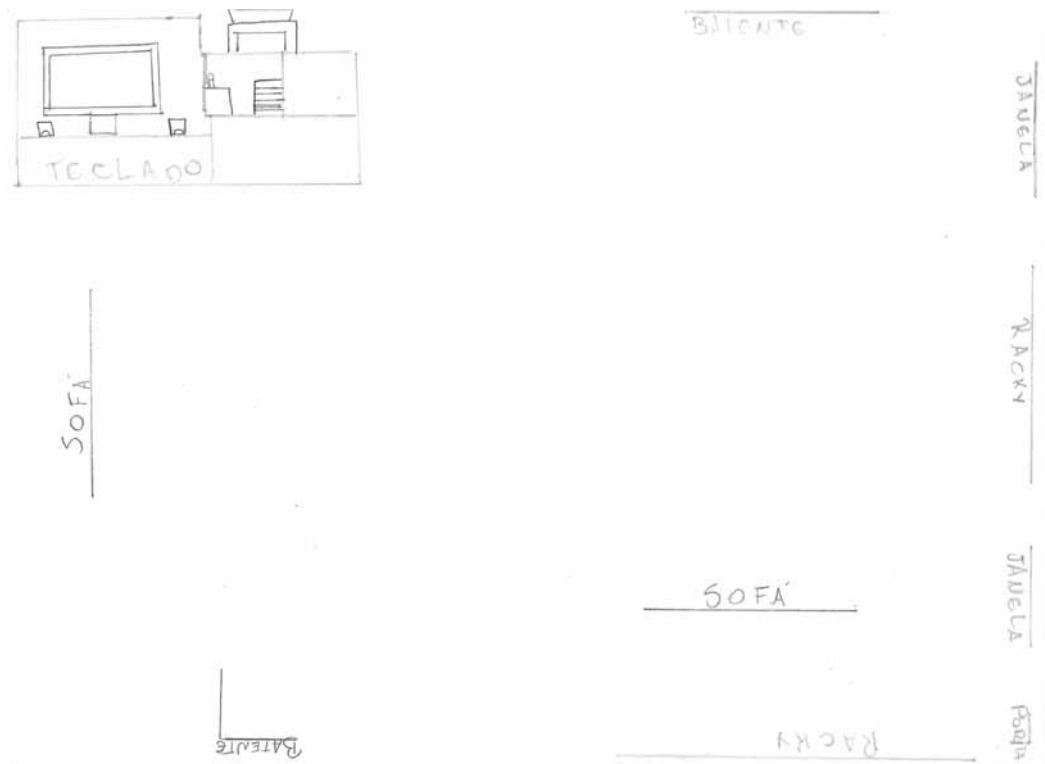
As caixinhas de som, a impressora, aqui o sulfite, e aqui "fica" uns CDs. Só.

Aqui você não quer pôr mais nada?

Não.

Nenhuma cor?

Não.



...

3.9.1.2 A família através do olhar da mãe

A senhora tem quantos filhos?

Tenho a Bia, e depois de dez anos veio o João Pedro, foi até um susto pra gente.

Ela chegou a comentar comigo, que ela morou um tempo com a avó aqui, a senhora acha que isso a atrapalhou?

Eu acho, porque há uns anos atrás, a nossa vida era cheia de mais baixos do que altos, e eu e o pai dela nós nos separamos três vezes, e ela viu bastante coisa da parte do pai dela para comigo. Eu digo que hoje, pelas coisas que ela viu, ouviu e sentiu no meio da gente, ela até é uma menina muito boa. Porque se fosse outra época ou se fosse outra garota, ela teria feito besteira por revolta. Mas, às vezes eu creio que o esquecimento dela é por estresse.

Estresse de hoje ou de antes?

De hoje não. A Bia agora está passando por um momento de muita vaidade.

Muita vaidade, todo mundo acha ela muito bonita e fala pra ela, então eu acho que isso está vindo à tona muito rápido, dentro dela, então ela está colocando isso na frente de tudo e qualquer coisa. Não sei se toda menina foi assim, eu fui vaidosa, mas não ao extremo, quando eu tinha mais ou menos a idade dela.

Mas eu acho que a vaidade de uns tempos para cá está muito forte nas meninas.

Elas estão nos extremos.

Teve um ano que a Bia estudou à tarde, ela tinha uma amiga que começava a se arrumar dez e meia da manhã (10h30) pra vim pra escola à uma hora da tarde (13h). Que ela tinha um cabelão, então ela lavava o cabelo, secava o cabelo, e colocava um monte de coisa no cabelo, e ela chegava cansada.

Depois de duas horas se arrumando e o tempo dela vir para a escola...

E tem esse negócio de piercing, tatuagem, e maquiagem com glitter, sem glitter, cores novas, pintura pra cabelo. Então eu acho que elas estão se esquecendo do que é necessário na vida delas, e estão deixando passar isso, e eu acho que quando elas envelhecerem elas vão sentir essa “perca” de tempo. A Bia de um tempo pra cá, ela passa por cima de qualquer coisa, ela vai fazendo a vaidade dela, quando ela quer alguma coisa, ela quer por tudo, por conta da vaidade.

Ela insiste até a senhora dar?

Ela chega a ficar ‘bicuda’, não fala com a gente, porque ela quer, e eu não criei ela assim. Quando eu posso eu dou, quando eu não posso, espera. E assim é com o meu filho, e não faço com ele menos do que ela, é sempre igual, se eu dou pra um é pro outro também, é na medida do que a gente pode.

...

E ela, costuma estudar em casa?

Quando eu pego no pé.

Caso contrário...

Não, ela chega, ela faz a lição, abre os cadernos e mostra o que teve na escola, fala o que a professora falou na sala de aula, mas pegar livro e ficar com a cara no livro, não.

Em que lugar ela costuma estudar?

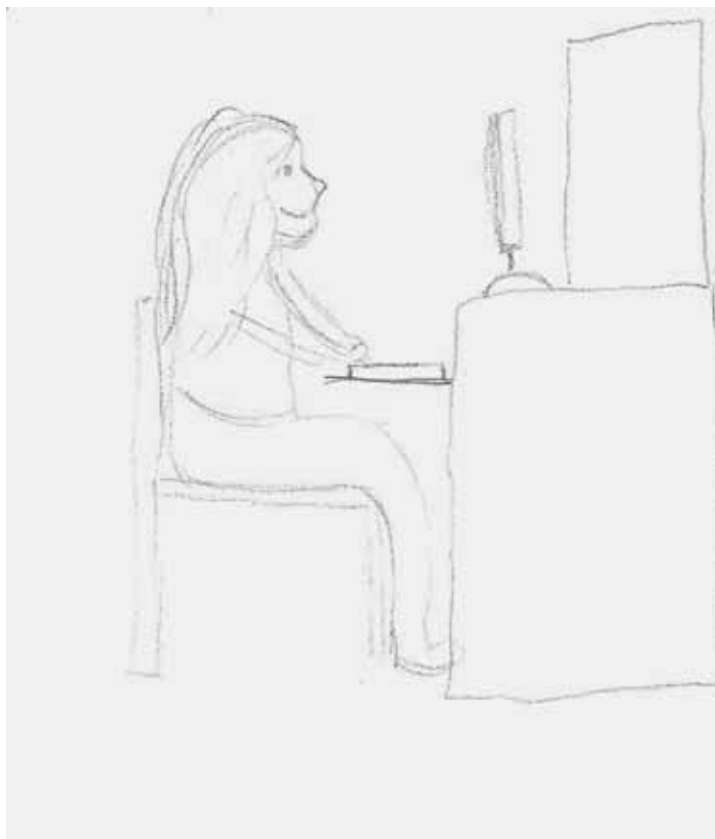
No quarto dela.

O horário em que ela estuda é sempre o mesmo ou varia?

Entre três e meia ou quatro horas da tarde (15h30min-16h). E também tirei MSN, Orkut dela, essas coisas.

O computador fica no quarto?

Não, na sala.



E quando ela está fazendo lição tem alguma televisão ligada, MP3?

Às vezes eu pego ela com o MP3 no ouvido.

E ela toma conta do irmão ou não?

Ela não tem paciência com ele, a gente vê que ela ama muito ele, que às vezes quando brigo com ele, ela até acha ruim comigo, mas ela não tem paciência, eu acho que é por conta da diferença de idade, são dez anos.

...

A senhora pode desenhar o quarto dela? O lugar onde ela estuda.

Desenho. Aqui tem a porta, aqui é o guarda-roupinha dela.

Ela dorme sozinha?

Dorme, é um quarto pra cada um. Ela é uma menina que na medida do possível, tem aquilo que ela gosta, tem o quartinho dela, as coisinhas dela. Aqui tem uma cortina...

A senhora sabe o que ela gostaria de ser no futuro?

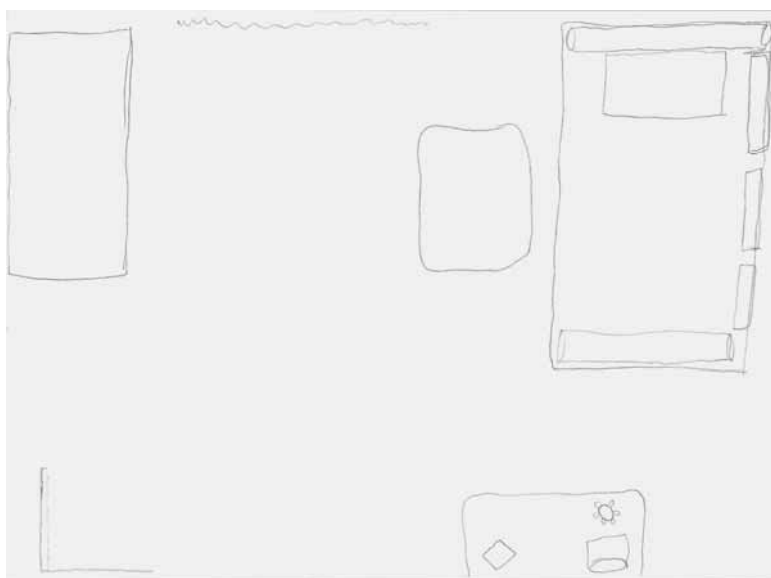
Ela quer ser produtora de eventos, ela fala pra mim que quer ser produtora de eventos. Não sei se é por causa do meu irmão, que mora em São Pedro, e ele é produtor da rádio que tem lá, e lida com muito artista, e essas coisas todas, mas posso garantir pra você que daqui uns cinco anos ela vai querer ser outra coisa.

Eles mudam muito né? O tempo que ela morou aqui, ela morou com a sua mãe?

Com a minha mãe. Essa época foi muito difícil pra gente, porque meu marido foi atropelado e quebrou a clavícula, e tivemos que ir pra São Paulo fazer o tratamento e acabamos ficando por lá durante um ano, mas depois voltamos. Mas pra ela foi algo que marcou muito.

A senhora vinha com frequência ou ficava mais por lá?

Quando dava a gente vinha, quando dava... Aqui tem uma televisão, um tapetinho, uma almofadinha...



Ela tem livros no quarto ou não?

Tem no guarda-roupa dela.

Mas ela gosta de ler ou não?

Não.

Nada?

Ano passado ela pegava livro aqui na escola, ficava dois dias e depois devolvia, ela não tem paciência. O que eu digo pra você é que a Bia não tem paciência com nada.

Nada?

Teve uma época, que na minha casa é cheia de quadros dela, eu coloquei ela pra fazer aula de pintura em tela, pra ver se ela tinha um pouco mais de tolerância com ela mesma. Eu pedi pra professora ficar de olho como era a atitude dela ao pintar o quadro, a professora disse que quando ela ia fazer riscos mais finos, ela ficava muito ansiosa, e tinha uma hora que ela rabiscava tudo e apertava as mãos. Quando eu pus ela, ela tinha uns dez anos, mas ela conseguiu, ela pintou uns doze quadros.

Como é o dia dela? A rotina.

Ela chega, o almoço já "tá" pronto, ela almoça, aí eu vou levar meu filho, eu peço pra ela lavar a louça.

O filho da senhora estuda à tarde?

À tarde, pra mim foi bom, que os dois brigavam muito. Às vezes, ela pede pra mim pra mexer no computador, eu pergunto pra ela se não tem nada pra fazer, aí ela fica no máximo vinte minutos, depois ela vai pro quarto dela e arruma as coisas se tiver bagunçado, tira a roupa do varal.

Ela tem algum serviço em casa?

Ajuda, hoje mesmo, eu tive que sair depois que eu levei meu filho pra escola, eu pedi pra ela arrumar a cozinha e lavar o banheiro, quando eu cheguei estava tudo arrumadinho.



...

Nossa, a gente passou por tanta coisa.

Alguma fase da vida da senhora, que tenha...

Eu acho que foi na última vez que eu e o pai dela nos separamos, faz uns quatro anos, mas aí depois a gente tomou outros caminhos, começamos a ir na igreja, e hoje a nossa vida é diferente, eu acho que a forma que o pai dela tratava ela antes, não que ele não a amasse, mas ele é muito seco, hoje ele brinca, conversa, mas esse temperamento já é dele.

Sei...

É a forma dele ser, ele é muito brincalhão, ele conversa, mas ele não sabe chamar atenção dela da forma que eu chamo, que tem horas que ela não sabe se eu estou chamando a atenção dela ou estou conversando, mas quando eu grito ela sabe que é porque eu estou muito brava.

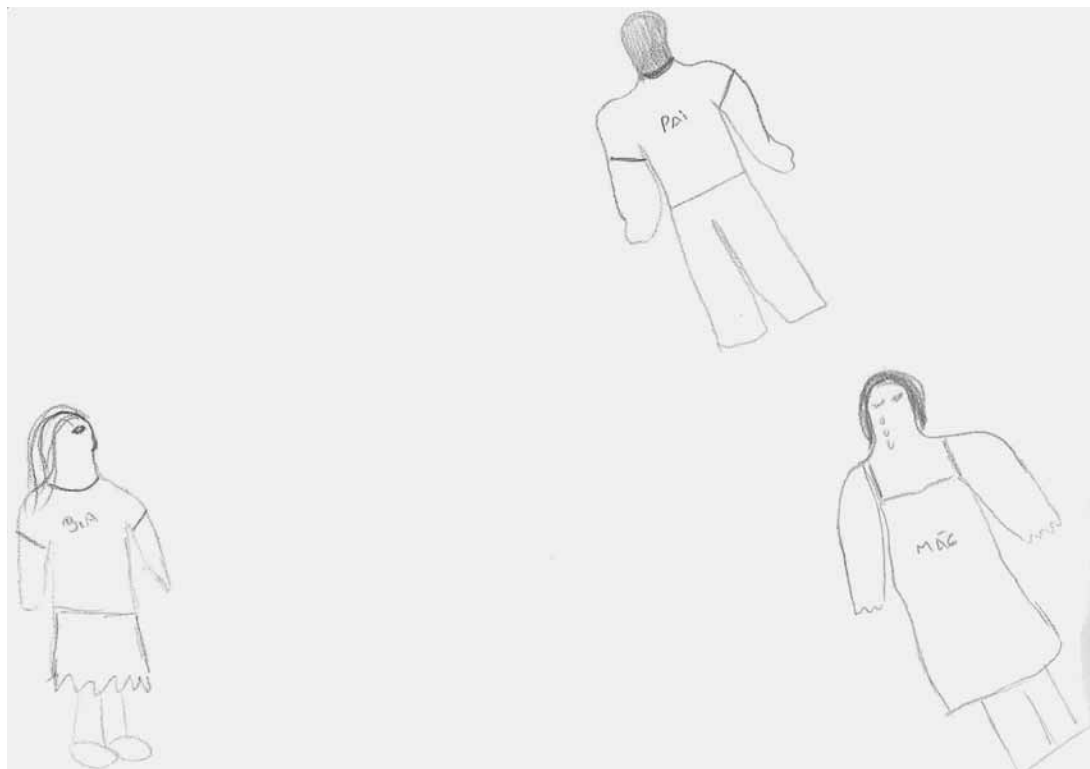
Por que a senhora escolheu a terceira vez que a senhora se separou?

Porque das outras vezes, ela era muito bebê.

Ela não entendia.

Não.

A senhora poderia desenhar para mim, como que a senhora acha que foi esse momento para ela, a reação dela...



A Bia ela sonha muito, não sei se é da idade, mas ela quer trabalhar, ganhar dinheiro, ela quer comprar moto, ela quer morar sozinha, e eu acho que é muito prematuro esse tipo de pensamento. Esses dias, eu não sei o que ela me pediu, mas eu falei pra ela esperar um pouco, que eu tinha que pagar umas coisas e se sobrasse a gente ia lá sim, ela falou que queria ter o dinheiro dela, ter as coisas dela, e não precisar pedir nada pra ninguém. Eu creio que ela não se coloca no lugar dela de treze anos.

É aquele negócio de ‘não vejo a hora de ter dezoito anos’ mas quando faz dezoito quer ter dez. Porque daí começa a tirar documentos, e vai trabalhar...

Começa a vida mesmo, sai da proteção do pai e da mãe.

Se eu deixasse ela já estava namorando, mas eu não deixo, a não ser que esteja fazendo escondido. Ela me viu sofrer muito também, ela me viu chorar muito, eu acho que...

Às vezes eu me arrependo, porque eu acho que o lugar mais quente da gente chorar é na cama da gente, mas só era eu e ela, então eu acho que isso afetou ela um pouquinho.

...

Ela já fez acompanhamento com psicólogo?

Fez, ela foi uma vez só, pelo SUS, ela devia ter uns oito aninhos, aí a psicóloga disse que o problema era meu e não era dela.

A senhora que a levou?

É que na época, quem me viu hoje e quem me viu antes, não fala que é a mesma pessoa, eu era muito nervosa, estressada, por conta mesmo dos problemas, então havia momentos, que eu mesma deixava ela estressada, aí a psicóloga disse que o problema do estresse dela era meu.

E a senhora concordou com ela?

Concordei, que eu chorava muito, o que me deixou mais calma foi quando eu engravidei do meu filho, aí a nossa vida mudou toda com a vinda do João Pedro, aí houve mais maturidade, nós nos convertemos, agora somos evangélicos, agora tudo mudou.

A senhora frequenta qual igreja?

Casa de Deus.

Vocês vão sempre? Ela vai com a senhora?

Sempre, ela vai, ela é do Ministério de Dança, ela faz parte do Louvor dos jovens.

Ela mudou?

Mudou muito, eu vejo o que ela está passando hoje é coisa da idade. Esse esquecimento eu vejo que é como o pai dela. Coisas que aconteceram no passado, não que possam ter gerado uma ferida dentro dela, mas possam ter feito um bloqueio, qualquer coisa que ela vê ela já se lembra do que passou.

A senhora e seu marido tem o hábito de leitura?

Muito.

A senhora lê? E seu marido também?

Também.

O que vocês gostam de ler?

A gente lê muito a bíblia, ela também lê a bíblia.

Vocês leem outros tipos de livros?

Não, só a bíblia, livros que falam sobre educação dos filhos, livros que nos orientam, jornais, e livros bíblicos, nós lemos também.

Vocês assinam algum tipo de revista?

Até pouco tempo vinha o Estadão, que meu marido assinava, agora não vem mais.

A senhora poderia desenhar a Bia?

A Bia...

...

A senhora faz a leitura da bíblia todos os dias?

Todos os dias, eu prego também, domingo uma igreja de Mogi pediu pra mim levar uma mensagem, eu fui. Então a gente tem caminhado, é muito gostoso. A Bia gosta também, se eu falar que um dia eu não vou, ela vai, ela não gosta de deixar de ir. A Bia desde pequena ela usa óculos, teve uma época que ela se revoltou que ela queria parar de usar óculos.

O grau é alto?

Não, ela nasceu estrábica, e por conta do estrabismo o grau subia, mas hoje a tendência do grau dela é estar abaixando, o médico falou que ela ia passar um bom tempo usando óculos, agora parece que ela aceitou.



...

3.9.2 A ESCOLA

3.9.2.1 A escola através do olhar de Bia

Em quantas escolas você estudou?

Eu estudei no Maria Júlia Bueno, no Cotem que é uma escola em São Pedro.

Na cidade de São Pedro?

É... e quando eu era criança eu não lembro, quando eu era pequena eu estudei em duas escolas, em uma eu fiz a 1ª e a 2ª, depois a 3ª eu fiz em São Pedro, aí depois eu terminei no Maria Júlia, e depois eu vim pra cá fazer a quinta.

Então, como você estudou em diferentes escolas, eu queria que escolhesse uma para você desenhar para mim, não precisa ser um desenho perfeito. Um desenho que represente uma escola onde você estudou.

O Cotem.

Pode desenhar. Se você quiser desenhar com régua, ou se quiser desenhar à mão livre...

Você era daqui?

Não eu era de São Paulo.

Por que você veio para cá?

Porque, lá onde a gente morava, em São Pedro, minha mãe “tava” grávida, só que lá não tinha médico, então ela tinha que fazer os exames em Piracicaba, e ficava muito cansativo, aí minha mãe resolveu vir pra cá, que minha “vó” mora aqui, a mãe da minha mãe.

...

Por que você escolheu desenhar essa escola? Você gostava de lá?

Gostava.

É? O que tinha lá?

Tinha cantina, era assim tinha um terreno “pra” baixo que era da escola, e fizeram um campo de futebol, e de sexta-feira reunia todo mundo lá embaixo “pra” gente brincar.

Era escola pública ou particular?

Era pública.

O que significa Cotem?

Nunca soube, nunca falaram.

Sua avó morava aqui?

É minha avó mora aqui.

E sua mãe era daqui e foi pra São Paulo?

É.

Você tem quantos irmãos?

Três. Mas, um mora aqui e dois moram com a mãe deles, que é por parte de pai.

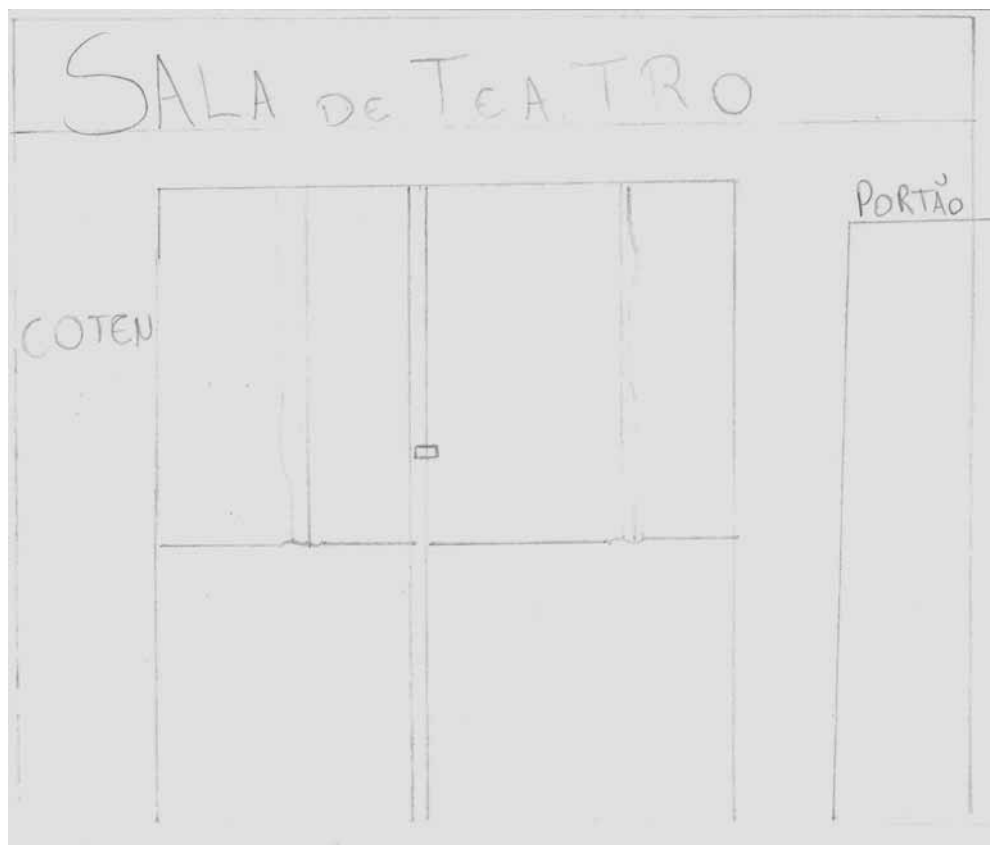
...

É. (Sobre o desenho) E aqui era o portão de saída.

Você chegava lá e já via a sala de teatro?

É assim, a gente chegava, passava pela sala de teatro, descia, e depois tinha a cantina, e tinha uma escadaria, como se fosse uma casinha, e lá dentro “era” as salas.

...



...

Se eu falar: desenha como é a escola para você, o que você desenharia?

A sala de aula.

Pode ser. Se você tivesse que desenhar a escola, então você desenharia a sala de aula?

Você estuda aqui desde a 5^a série?

É.

Você já frequentou alguma classe de reforço, de apoio...

Já.

Que classe você frequentou?

De Matemática.

De Matemática? Quem que dava reforço de Matemática?

Era... Era uma senhora que dava aula pra 3^a, 4^a série, não lembro o nome dela.

O que você achava do reforço?

Bom.

Bom? O que você não gostava do reforço?

Quando ela brigava com a gente.

Haviam muitos alunos?

Não.

Em que você sente mais dificuldade em Matemática?

Em divisão.

No ano passado, em que você sentiu mais dificuldade em Matemática?

Naquelas contas de “x”, raiz quadrada.

O que você acha mais chato na escola?

Não tem.

Qual a aula que você tem mais dificuldade?

Matemática.

...

3.9.2.2 A escola através do olhar da mãe

Quais são as dificuldades que a senhora vê na Bia em relação ao aprendizado?

Ela é muito esquecida em casa. Eu vou falar em casa. Às vezes eu converso com ela algo ou eu peço pra ela coisas e ela diz que esqueceu de fazer, aí passa.

E com relação à Matemática, a senhora percebe?

Em alguns momentos, de algumas séries, ela teve alguma dificuldade.

A senhora consegue me falar alguma coisa que tenha percebido.

A dificuldade dela é de gravar regras, é própria do esquecimento. Eu não sei se é algo dela que ela não consegue gravar, decorar algo assim, mas eu vejo que é o esquecimento.

Às vezes falando com ela, ela presta atenção, e depois de muito tempo ela não lembra.

E sempre foi assim?

Antes era mais.

De uns tempos para cá, a senhora acha que ela tem melhorado?

Acho que estabilizou. Mas o pai dela é assim, se falar com ele hoje, amanhã ele não lembra, a não ser que fique falando muito sobre aquele assunto, e chegue a ser estressante pra ele, senão passa batido.

Se eu pedir para a senhora fazer um desenho, a senhora faz? Se eu pedir para a senhora desenhar a escola, como que a senhora desenharia?

A escola?

É.

Da minha forma?

...

Ela faz algum curso fora do horário de aula?

Ela faz toda quinta-feira, curso de computação e incluído mais três cursos profissionalizantes.

Ela fazia reforço aqui na escola?

Já fez.

Quanto tempo ela fez?

Foi o tempo que escola pediu.

A senhora sentiu alguma melhora nela por conta do reforço?

Não. Tanto que no ano passado ela fez reforço, eu não sei se o caderno de reforço está em casa, eu queria que a senhora visse as aulas de reforço. Ela chegava numa revolta, que ela perdia a tarde inteira, e olha: O que a professora está passando? Eu tive que dar razão pra ela.

O que tinha no caderno?

Coisinhas bem bobas, nada do que ela estava estudando, eu penso que o reforço é pra aquela matéria que o aluno está com dificuldade, então a professora tem que dar uma avaliação pra saber das dificuldades de todos, e vai abranger num reforço só.

Essas coisinhas bobas, a senhora via em Português, Matemática ou em ambos?

Em Português era algumas coisas que necessitavam, mas Matemática...

A senhora acha que elas davam esse reforço mais simples porque os alunos estavam nesse estágio, ou a senhora acha...

Professora, depois que saiu esse negócio de que o aluno estudando ou não, ele passa de ano, eles todos se atrasaram. Eu tinha uma lojinha ali na frente, eu a fechei faz um ano e pouquinho, lá era o encontro dos alunos, eles abriam o caderno em cima do balcão, a letra e ortografia eram terríveis, era coisa que eu aprendi na 4ª série, a conversa deles não condizia, usavam palavras que não eram necessárias naquela hora. Eu acho que não é pelo reforço, é pelo que tem que dar de ensino mesmo, todos os dias que eles vêm pra escola.

A senhora acha que o reforço não contribui nada...

Se for do jeito que foi ano passado, eu não concordo. Antes ela vinha com sol, com chuva, mas se ela tiver que vir esse ano, eu não concordo. Um dia ela chegou inconformada, que a professora deu uma atividade para separar as sílabas, com palavras bobinhas.

A senhora chegou a reclamar?

Não adiantou.

Ninguém falou nada para senhora?

Tanto que ano passado eu não vim em nenhuma reunião dela.

...

No começo, a Bia, entrou muito, muito, muito, muito em conflito aqui, ela chegava em prantos lá na loja. Porque na época que eu tinha a loja eles batiam muito de frente comigo lá, por isso que eu fechei

A Direção?

É, foi a Guarda Municipal.

Por quê?

Pode gravar isso? Foram procurar droga lá na loja.

Mas por quê?

Era papelaria e bazar lá.

Era bem aqui na frente?

Os alunos passavam lá compravam o que tinha que comprar, não só doce, que eu vendia lápis, borracha, caderno, pasta, tirava xérox.

A escola...

Entrou em conflito comigo, tanto é que as crianças que vinham de ônibus eles não deixavam voltar para ir comprar lá, e começaram a fazer uma barreira com funcionários pra não deixar os alunos voltarem. Então eles me pediam lápis, papel sulfite pelo muro, e eu não podia atravessar a rua pra levar nada pra eles, aí começou o conflito da Bia aqui dentro, por conta da loja, então começou muito tumulto, uma vez ela chorando ela falou que a vida dela era muito tumultuada, eu senti um estresse nela.

Por conta disso que a senhora fechou a loja?

Foi, porque eu falei, porque a ordem era não entrar na loja, e o movimento maior, infelizmente, era o da escola.

O movimento dos alunos.

E ela tomou o problema pra ela, que ela me viu triste, cheia de dívidas, que eu "tô" até hoje, mas Deus sabe todas as coisas.

A senhora achou melhor, mesmo com todos esses conflitos, não mudá-la de escola?

Não, porque eu queria que ela entendesse que isso sempre vai existir na vida da gente, e pra onde a gente for vai encontrar essas coisas, e que ela tem que aprender a lidar com isso de uma forma mais mansa, menos sofrido, eu falo pra ela que não deve colocar as coisas ruins dentro do coração, a gente tem que saber diluir elas, o que dá pra resolver a gente resolve, o que não dá pra resolver, não leve a diante, e não deve colocar raiva, rancor, inimizades dentro de coração. As meninas na época tiravam sarro dela, algumas queriam bater nela. Então é por isso que eu acho que acontece essas coisas, e esse esquecimento dela. Ela colocou muitas coisas ruins na frente e teve um bloqueio, e ela não consegue curtir o que vem de bom. Porque ela

pouco sorri, ela sorri no extremo, quando tem que gargalhar mesmo, daí ela dá risada, brinca. Comigo ela conversa, quando ela tem que chorar ela chora, quando ela tem que contar alguma coisa ela conta. É uma menina linda, só que tem esses ‘poréns’.

Ela gosta de conversar muito com os amigos. Tem amigas dela que ligam lá em casa pra falar que está com o MSN ligado, ela vai correndo ligar também.



...

3.9.3 A MATEMÁTICA

3.9.3.1 A aula de Matemática através do olhar de Bia

Eu queria que você desenhasse agora, como que é a aula de Matemática para você.

Eu não sei como eu desenho.

(Silêncio de aproximadamente 2min, enquanto ela desenhava.)

Pode ser assim, as carteiras?

Pode ser. Quem é essa aí?

Eu.

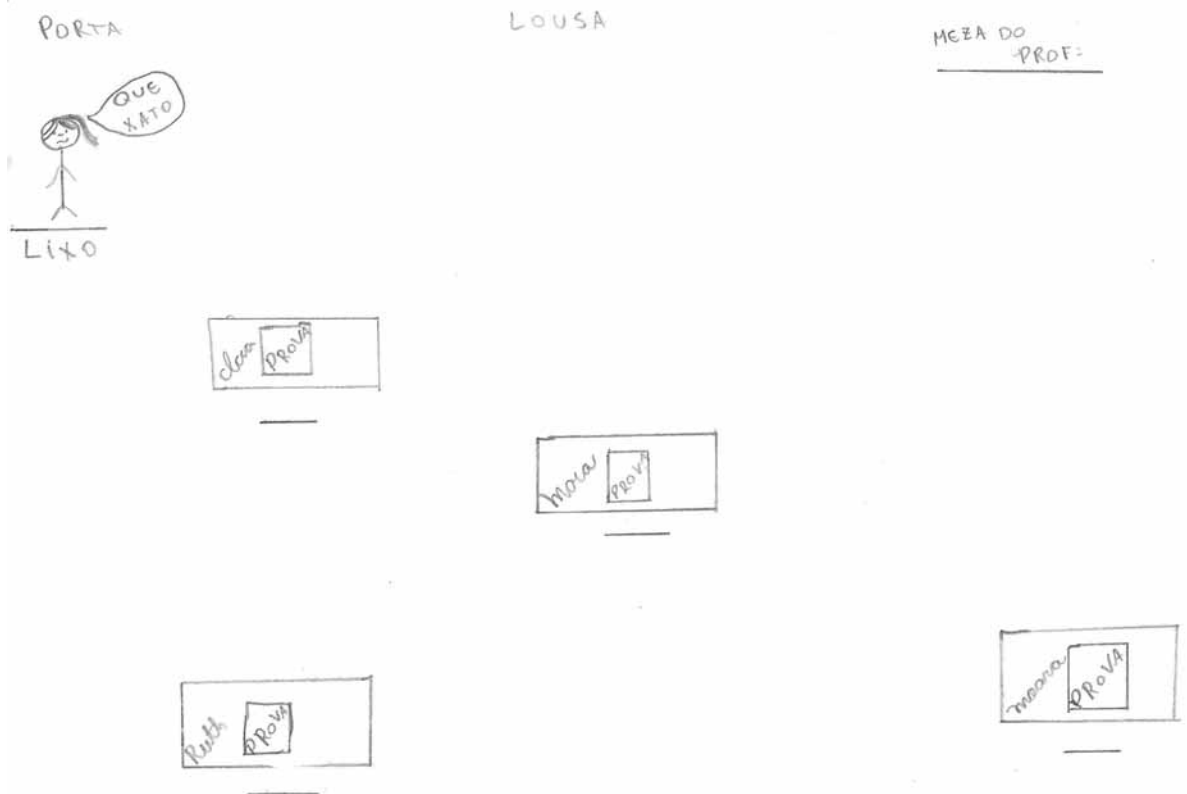
A aula está chata?

“Tá”

Por que você está aqui?

(Em cima do lixo.)

(Fez não saber com a cabeça).



Você desenhou só quatro carteiras para ficar mais fácil?

Por que eu tenho quatro amigas.

Quem seria aqui?

A Mara, a Clara, a Ruth, e a Moara.

Você pintou o cabelo de preto, tem algum motivo?

Não.

A aula de Matemática é chata?

É.

Por que você acha a aula chata?

Por que eu não entendo muito.

É?

É.

O que você sente na aula?

Eu não sinto segurança.

Não sente?

Não.

Você se sente como na aula de Matemática?

Acho que eu fico um pouco de medo.

Medo do quê?

Não sei.

Você sempre sentiu isso?

(Confirmou.)

Só na aula de Matemática?

Só.

Você gostava de Matemática?

Não.

Sempre foi assim?

Sempre.

O que mais você pode falar da aula de Matemática para mim. Desses sentimentos em relação à aula?

Não sei.

...

Acho que eu tenho medo de errar.

Se você errar o que você acha que vai acontecer?

Ah... Eles vão rir da minha cara.

Você tem medo da vergonha?

É.

Vergonha? Aí você vai se sentir como, mediante as outras pessoas?

Não sei.

Como você acha que as outras pessoas a veem?

Acho que é que eu não quero me expor demais.

...

3.9.3.2 A entrevista baseada no espelho

Quais são as matérias da escola que você tem mais dificuldade?

Português e Matemática.

Você antes, nas séries anteriores, costumava ter dificuldade em contas, problemas...

Não.

Essa dificuldade você acha que apareceu quando?

Na sétima.

Na 7^a? Na 5^a e 6^a série você não tinha dificuldade?

Não.

Nem dificuldades ligadas às figuras geométricas?

Não.

Você fez o reforço em que ano?

Ano passado.

Só na sétima?

Na 7^a e na sexta.

Sua mãe me disse que você não gostava de vir ao reforço, que você vinha, mas que tinha coisas que você não entendia...

Passava coisas de 4^a, 5^a, 1^a série.

E o que você achava?

Era muito chato.

Era? Você pode dizer para mim o nome dessas figuras?

Triângulo, retângulo e círculo.

Atualmente você tem alguma dificuldade em Matemática?

Não.

O que você está vendo hoje na 8^a série?

Notação científica, por enquanto a gente só "tá" trabalhando com notação científica.

Você pode fazer para mim, isso que você falou sobre notação científica, fazer algum exercício, explicar o que é a notação científica?

$$10^6 = 0,000006 = 1.10^6$$

Tem mais alguma coisa que você queira colocar que vocês estão vendo, de que você se lembre?

Não.

Você estuda Matemática fora do horário de aula?

Às vezes.

Às vezes? Quando? Qual a frequência? Você faz lição?

Faço.

Você pode fazer estas continhas aqui para mim?

(Silêncio de cinco minutos.)

$$\begin{array}{r} 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 926 \\ - 184 \\ \hline 742 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 53 \\ - 4 \\ \hline 49 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 61213 \\ - 6 \\ \hline 012 \end{array}$$

Você pode resolver estes problemas aqui?

Pode usar essa folha aqui para responder.

(Silêncio de 11 minutos.)

$$\begin{array}{r} 61213 \\ - 6 \\ \hline 012 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2744 \\ - 135 \\ \hline 119 \end{array}$$

O que você entendeu?

(Silêncio.)

Você pode falar para mim o nome dessas figuras?

Triângulo, retângulo e círculo.

Você pode fazer estas continhas para mim?

(Silêncio de 4 minutos.)

Pronto?

(Confirmou)

...

$$\begin{array}{r} 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 926 \\ - 184 \\ \hline 742 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 53 \\ - 4 \\ \hline 49 \end{array}$$
$$\begin{array}{r} 61213 \\ - 6 \\ \hline 012 \end{array}$$

3.9.4 O PRESENTE E O FUTURO

3.9.4.1 O presente e o futuro através do olhar de Bia

Se eu falar para você, são duas coisas que podem ser diferentes ou não, se eu pergunto assim: como você acha que vai ser seu futuro e como você gostaria que ele fosse? O que você vê no seu futuro?

Eu não sei como desenhar.

Então explica para mim, o que você gostaria no seu futuro.

Ser produtora de eventos.

É? Você conhece alguém que seja?

Meu tio.

O que ele faz?

Ele organiza festa de famosos, de sertanejo, sabe.

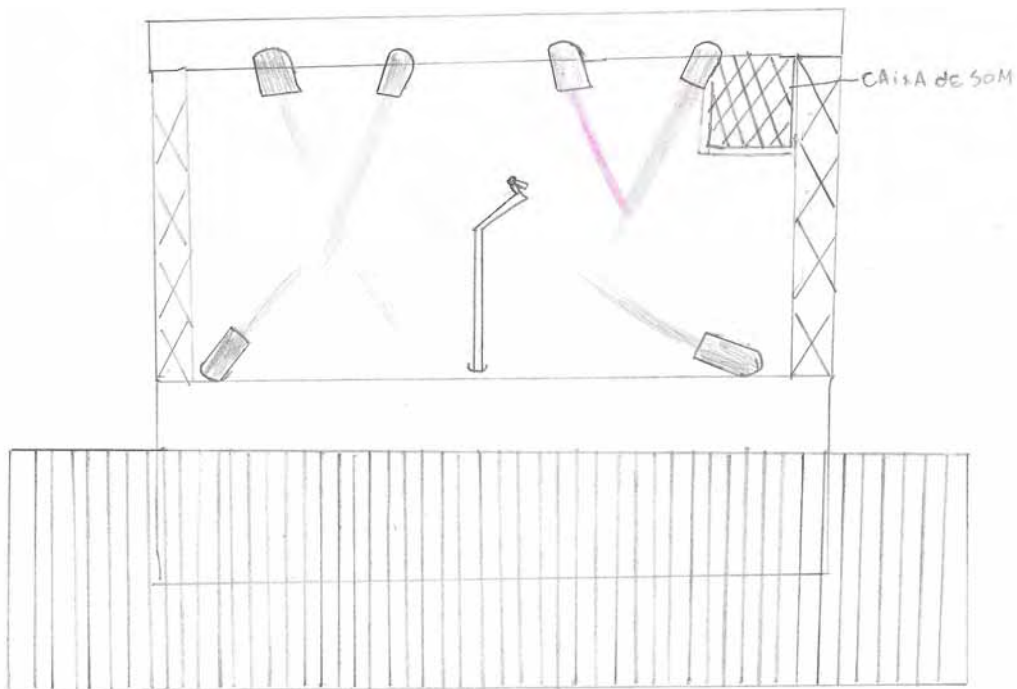
Por que você gostaria de ser produtora de eventos? Não tem nenhum motivo especial?

Por causa do meu tio.

...

O que é isso?

A caixa de som.



3.9.5 O diagrama de forças que cercam Bia

A aluna relatou o movimento do **medo** enquanto falava sobre a aula de Matemática e sua dificuldade de relacionamento com os alunos na escola. O medo de perguntar durante a aula e passar vergonha, de se sentir diminuída frente aos colegas, de ser **rejeitada** em seu grupo. Em seu mapa, ela deixou por alguns instantes o medo de lado, e se desenhou dentro da lata de lixo durante a aula de Matemática.

Na entrevista da mãe ela relatou como a **ausência** de um ano atingiu Bia psicologicamente, exatamente no momento em que a menina estava se alfabetizando. Ela acredita que os problemas sofridos pela menina são mais por influência dela própria, do que causado por fatores externos.

Três movimentos: Medo, Rejeição e Ausência.

CAPÍTULO IV

CARTOGRAFANDO MOVIMENTOS

Este capítulo tem a intenção de descrever o que entende-se, aqui, por **movimento** como dispositivo, cartografar os movimentos comuns que foram marcados nos diagramas de forças de cada aluno entrevistado e apresentar as considerações finais acerca deste trabalho.

4.1 A cartografia dos movimentos

Para a cartografia destes movimentos há o exercício da sobreposição dos diagramas de forças que cercam cada um dos entrevistados. Nesse exercício aparecerão possíveis conexões de um diagrama a outro, e estas podem ser feitas pelas linhas forças, pelos movimentos que foram aparecendo nas falas ou por elementos comuns como a “normalidade”, “alcoolismo” ou “a rua”, por exemplo.

Jorge Larrosa e Carlos Skliar (2001) em seu texto “Babilônios somos. A modo de apresentação.” diz que:

A nossa questão não é a nostalgia nem a esperança, mas a perplexidade. E é o Presente o que nos é dado como o incompreensível e, ao mesmo tempo, como aquilo que nos dá o que pensar. Por isso, ao nosso tempo não lhe cabe um tom elegíaco, de perda e lamento, no qual ressonaria a perda do que fomos e já não somos; nem um tom épico, de luta e entusiasmo, na qual caberia a conquista do que seremos e, entretanto, não conseguimos ser; nem tampouco um tom clássico, de ordem e estabilidade, no qual caberia o repouso satisfeito do que somos. O nosso não é o lamento nem a serenidade, mas o desconcerto. (p.8)

Assim, a questão aqui é também a perplexidade. A perplexidade diante do que foi dito, desenhado, cartografado e marcado no capítulo anterior. É deste presente incompreensível e marcado que se faz o pensar deste capítulo.

Não cabe aqui nenhum tom de perda ou lamento do que já se foi em relação à Educação, também não há forças ou entusiasmo na conquista do futuro. Nem tampouco um repouso satisfeito do que se cartografou dos alunos entrevistados. O que há de certo é um desconcerto. Um desconcerto de se pensar: como?

Ao se pensar no processo vivenciado pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar e na subjetividade que pode estar presente em suas respostas, KASTRUP (2009) corrobora com

essa pesquisa, pois segundo ela, os fenômenos de produção da subjetividade possuem como características o movimento, a transformação, a processualidade.

Assim, a subjetividade é refratária a um método de investigação que vise representar um objeto e requer um método capaz de acompanhar o processo em curso. Segundo KASTRUP:

Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos. (KASTRUP, 2009, p. 76)

Na prática da cartografia essa processualidade dos processos de subjetivação ocorre a partir de uma configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente. Desse modo, o método cartográfico vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios.

Esse movimento pode ser entendido com um dispositivo, já que, segundo KASTRUP (2009), a cartografia, enquanto método sempre requer, para funcionar, procedimentos concretos encarnados em dispositivos.

4.1.1 Dispositivo: Movimento

Segundo FOUCAULT (1990) um dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (p.244)

DELEUZE apud KASTRUP (2009) fala que um dispositivo comporta linhas de força, que levam as palavras e as coisas à luta incessante por sua afirmação. Elas operam no vai-e-vem do ver ao dizer e inversamente, ativo como as flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras sem cessar de levá-las à batalha.

O “movimento” será entendido como um dispositivo na medida em que ele engloba os discursos prontos institucionalizados trazidos pelos alunos durante as entrevistas, como “precisa ter força de vontade” e “prestar atenção”. Esse movimento é criado a partir do cruzamento das

linhas de força³⁵, que foram descritas no capítulo anterior, e a partir deles, surgem movimentos em torno dos alunos entrevistados.

Segundo KASTRUP (2009) o dispositivo se alia aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem – linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação.

Durante a narrativa dos alunos alguns movimentos transparecem em suas falas e estão presos em linhas de força como a família, a escola, a matemática e o futuro. Alguns deles foram destacados nos diagramas no final de cada tópico que os descrevia, e quando se sobrepõem os diagramas encontram-se movimentos em comum entre eles. Assim, esse “desconcerto” será descrito nos tópicos abaixo em forma de alguns movimentos descritos pelos alunos.

4.1.2 Movimento: Força de Vontade

Entre os movimentos comuns descritos pelos alunos, está o da *força de vontade*, que aparece em diversas falas como *“Da força de vontade, eu prometi “pra” mim mesmo que esse ano eu vou me esforçar bem mais do que no ano passado, bem mais, esse ano não pode dar moleza senão repete, “mai” esse ano eu não vou repetir não.”*, fala do Mariano sobre a sua vontade de participar das aulas, ou ainda o Mariano falando sobre a força de vontade de Aninha, *“A Aninha pode ter dificuldade, mai pelo tamanho dela, pela força de vontade... é enorme, ela sim tem força de vontade de aprender, ela não sabe e quer aprender. ‘Mai’ ninguém acha isso dela.”*

O que é a **vontade**? O que é a **força de vontade**? Segundo o Aurélio a vontade é: capacidade de escolha; de decisão; firmeza; coragem; empenho; interesse; zelo. São tantos os sinônimos que exprimem a vontade, a força de mover-se ao empenho, à capacidade de escolha, que falar em “força de vontade” dentro do ambiente escolar é algo absolutamente comum. Mas o que move uma pessoa a ter força de vontade? Vontade de quê? Capacidade de escolha? Escolher entre o quê?

A força de vontade é um movimento que engloba não apenas discursos escolares, mas também os familiares. Quando o aluno diz que ele precisa ter força de vontade, muitas vezes, diz para si mesmo, numa tentativa de acreditar em si próprio, já que a família, muitas vezes, não acredita mais ou nunca acreditou. É tentar a valorização da sua própria capacidade. O movimento *força de vontade* é essa emersão daquilo que ele acredita estar dentro dele, quando mais ninguém acredita, é a busca do sucesso em meio a tantos fracassos.

³⁵ A Família, a Escola, a Matemática e o Futuro.

O “sucesso” e o “fracasso” escolar estiveram durante muito tempo ligados a questões de ordem econômica ou às “aptidões” naturais. BOURDIEU (2008) em seu livro “Escritos sobre Educação” vem tratar de uma questão fundamental a este trabalho, o capital cultural.

4.1.2.1 Capital Cultural

Concordar-se-á facilmente, talvez até facilmente demais, com tudo o que precede. Mas restringir-se a isso significaria abdicarmos de nos interrogar sobre a responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades sociais. (BOURDIEU, 2008, p.53)

BOURDIEU (2008) diz que a noção de capital cultural impôs-se como hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças vindas das diferentes classes sociais, rompe com a visão que considera o sucesso e o fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano”³⁶.

A transmissão hereditária do capital cultural, encontra-se implicada numa definição de “capital humano” que, apesar de suas condições humanistas, não escapa ao economicismo e ignora, dentre outras coisas que o rendimento da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – que pode ser colocado a seu serviço. Assim, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado, que serão explicitadas a seguir.

O capital cultural em seu estado fundamental *está ligado ao corpo e a sua incorporação*, ou seja, o **Estado Incorporado**. O trabalho de aquisição é um trabalho do próprio sujeito, deve ser investido o tempo dele próprio, tal como o bronzamento, este trabalho não pode ser feito por procuração. É pessoal, é um trabalho do sujeito sobre si mesmo.

O capital cultural, segundo BOURDIEU (2008), é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se assim, parte integrante da “pessoa”, um habitus³⁷, e aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo.

³⁶ Ao falar de um conceito em si mesmo, como aqui, em lugar de fazê-lo funcionar, corre-se sempre o risco de ser, ao mesmo tempo, esquemático e formal, isto é, “teórico” no sentido mais comum e mais comumente aceito deste termo. (BOURDIEU, 2008, p.73)

³⁷ Segue-se que a utilização ou exploração do capital cultural coloca problemas particulares aos detentores do capital econômico ou político, quer se trate de mecenas privados ou, em outro extremo, de empresários que empregam “quadros” dotados de uma competência cultural específica (sem falar dos novos *mecenas do Estado*): como comprar esse capital estreitamente ligado à pessoa sem comprar a pessoa – o que significaria privar-se do próprio efeito de legitimação que pressupõe a dissimulação da dependência? Como concentrar o capital – o que é necessário para certas empresas – sem concentrar os portadores desse capital – o que pode ter todo tipo de conseqüências negativas? (BOURDIEU, 2008, p.75)

Diferentemente do título ou da propriedade, o capital cultural não pode ser transmitido instantaneamente, e sempre permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Mas, é na própria lógica da transmissão do capital cultural que reside o princípio mais poderoso da eficácia ideológica dessa espécie de capital.

Sabe-se, por um lado, que a apropriação do capital cultural objetivado – portanto, o tempo necessário para realizá-la – depende, principalmente, do capital cultural incorporado pelo conjunto da família – por intermédio, entre outras coisas, do efeito Arrow generalizado e de todas as formas de transmissão implícita. (BOURDIEU, 2008, p. 76)

O efeito “Arrow” descrito pelo autor refere-se ao fato de que o conjunto de bens culturais, quadros monumentos, máquinas, objetos trabalhados e, em particular, todos aqueles que fazem parte do meio ambiente natal, exercem um efeito educativo por sua simples existência, quando há um crescimento da quantidade de capital cultural acumulado no estado objetivado aumenta a ação educativa automaticamente exercida pelo meio ambiente.

Segundo BOURDIEU (2008) as diferenças no capital cultural possuído pela família implicam em diferenças, primeiro, na precocidade do início do empreendimento de transmissão e de acumulação, ficando o tempo livre máximo a serviço do capital cultural máximo; e depois na capacidade assim definida para satisfazer às exigências propriamente culturais de um empreendimento de aquisição prolongado. Além disso, o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial, tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar.

O **Estado Objetivado** trata de suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos, isto é, transmissível pela sua materialidade. Assim, os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, o capital cultural. Para possuir máquinas ou instrumentos, é necessário ter capital econômico, mas para que haja apropriação delas e utilizá-las de acordo com sua destinação específica é preciso dispor, pessoalmente ou por procuração, de capital incorporado.

É necessário dizer que o capital cultural no estado objetivado só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado.

O **Estado Institucionalizado** segundo BOURDIEU (2008) é o capital cultural sob forma de um diploma, é uma das maneiras de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com um diploma, essa certidão de competência cultural de nossa sociedade, que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico.

Basta pensar no concurso que, a partir dos *continuum* das diferenças infinitesimais entre as performances, *produz descontinuidades duráveis e brutais*, do tudo ou nada, como aquela que separa o último aprovado do primeiro reprovado, e institui uma diferença de essência entre a *competência* estatutariamente reconhecida e garantida e o simples capital cultural, constantemente intimado a *demonstrar seu valor*. Vê-se claramente, nesse caso, a magia *performática* do *poder de instituir*, poder de fazer ver e de fazer crer, ou, numa só palavra, de fazer *reconhecer*. (BORDIEU, 2008, p.78)

Segundo BOURDIEU (2008) as estratégias de conversão do capital econômico em capital cultural estão entre os fatores conjunturais da explosão escolar e da inflação de diplomas. São comandadas pelas transformações da estrutura de oportunidades de lucro asseguradas pelas diferentes espécies de capital.

4.1.2.2 Algumas observações acerca do Capital Cultural

Pode-se dizer que cada família transmite a seus filhos mais indireta de que diretamente, um certo capital cultural e um certo sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. Assim, o êxito escolar da criança está mais ligado ao nível cultural global familiar que exatamente ao grau de escolaridade que os pais possuem.

Cada família detém um nível de capital cultural diferente da outra, fator que deve ser levado em conta nas escolas. BOURDIEU (2008) fala para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Como os alunos entrevistados nesta pesquisa, muitos têm hoje apenas na escola o ambiente que proporciona o desenvolvimento do capital cultural, onde essas mesmas crianças

encontram-se, na maioria das vezes, fora dos três estados do capital cultural descritos anteriormente.

ARENDT (1997) diz que, em geral, a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola, mas que esta não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo, mas é a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo. Os pais não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente o introduziram no mundo, assumindo assim na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade no mundo.

Ao introduzir os filhos no mundo, os pais são também os maiores responsáveis pela sua educação, mas não é o que se vê dentro das escolas. Hoje muitas crianças não possuem tempo para se dedicar aos estudos, não há espaço para “cultivarem-se”, não há como elas pagarem esse tempo consigo próprias, porque esse tempo não lhes pertence. Elas o têm que dividir com outros afazeres que contribuam para a renda de sua família, não há espaço, nem para que elas desenvolvam no ambiente familiar a “força de vontade” de que desejam e “precisam” para o ambiente escolar.

KOHAN (2008) em seu texto “*A infância escolarizada dos modernos*” fala que a partir do séc. XVII se produz uma mudança considerável em se desenvolver um sentimento novo com relação à “infância”. A criança passa a ser o centro das atenções dentro da instituição familiar. A família passa a ser organizar, gradualmente, em torno da criança, dando-lhes uma importância desconhecida até então, já não se pode perdê-las ou substituí-las sem grande dor, precisa-se agora limitar seu número para atendê-las melhor.

O que se observa hoje em muitas famílias brasileiras não é esse retrato descrito acima do séc. XVII em diante, a criança não é o centro das atenções familiares, nem seu número tem sido limitado para atendê-las melhor, principalmente nas populações de menor renda onde o controle de natalidade ainda hoje não é uma realidade.

Nesta pesquisa, por exemplo, Mariano tem 5 irmãos, C. Ronaldo tem seis e Aninha disse que o pai “... *tem um monte de “fio” solto e não cuida de nenhum...*”. Mas, a fala dos pais é sempre voltada a tentar não deixar faltar nada de material aos filhos, que o cuidado essencial que eles têm é com o trabalho, muitas vezes em excesso, para suprir todas as necessidades da criança.

ARENDT (1997) fala que “Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família”(p.235). Porém, durante a fala dos alunos entrevistados, vemos que a atenção quando estão em casa é pequena, perto do que eles dizem que gostariam. É claro que a maioria dos pais dos entrevistados, nesta pesquisa, paga aluguel de suas casas e tem mais de um

emprego para sustentar a família, que é grande, mas essa ausência é muito sentida por eles e também tem um alto custo, pago pelas crianças e por toda a família.

4.1.2.3 O consumo

Atualmente o fenômeno do “consumo” está em todas as classes sociais, principalmente, através da pressão que a mídia exerce em todas as camadas, atingindo diferentes públicos, com diferentes alvos, não excluindo ninguém, nem os menos privilegiados economicamente.

A escola é um ambiente onde essa situação se revela com clareza, já que os alunos buscam através de sua vestimenta e dos objetos que carregam escola mostrar seu “pertencimento” a uma classe social.

COSTA (2008) em seu texto “Cartografando a gurizada da fronteira” fala sobre outros modos de ser sujeito na contemporaneidade, em particular dos sujeitos escolares dos tempos pós-modernos, e diz que:

Meu intento não foge a mais uma tentativa de cartografar a gurizada da fronteira, de fazer aparecer certos “estranhos” que estão na escola e que optei assim denominar por considerar que há um desencaixe entre eles e a ordem escolar. Tem-se a impressão que estão fora do “lugar”, embora isso não signifique, necessariamente, que tal disjunção seja inteiramente inconveniente ou desconfortável. Eles ostentam de forma tão visível e gritante as marcas da especularização da mídia e do consumo que destoam de ambiente escolares discretos e ordenados; parece que não pertencem à cena pedagógica, que comprometem o quadro. (p.280)

Quando a autora diz isso ela se refere às vestimentas, aos bonés, aos tênis, a tudo que os adolescentes têm usado nas escolas e carregado consigo de alguma marca famosa eleita pela mídia. Isso acontece dentro da escola, porque na maioria dos casos, ali é o ambiente onde eles podem tentar se impor socialmente para os outros indivíduos, já que é o único lugar social que frequentam além da rua.

COSTA (2008) diz que esses estudantes são, antes de tudo, consumidores-simulacros constituídos em um trânsito constante entre o “desejo de ter” e a possibilidade de “parecer ter”.

O sonho de ser jogador de futebol, cantora, modelo, enfim, o desejo de ser rico e famoso toma conta da imaginação de todos esses meninos e meninas. A realização e a felicidade parecem estar ligadas indissociavelmente à fama, ao sucesso individual e à fortuna, como se fosse a ordem “natural” das coisas, não restando espaço para qualquer outro tipo de expectativa. Logo, se esses são os modelos de realização social e conquista pessoal, não devemos nos surpreender com o fato de que o aluno também se encaixe, a seu modo, nessa lógica cultural.

Se a ordem hoje é “quanto mais tenho, mais feliz sou”, e mais ainda, “mais feliz preciso parecer ser”, o papel da escola e do professor como agentes sociais de ascensão e status social não são grandes exemplos a serem seguidos. Assim, diante do que muitos alunos almejam, a escola e o seu discurso do “**precisa ter força de vontade**”, acabam destoando da “música consumista” que toca ao redor deles.

Muitos pais, mesmo os menos favorecidos financeiramente, recorrem a objetos materiais para demonstrar seu afeto, ou mesmo sua esperança no futuro do filho, principalmente, quando os “premiam” com computadores ou celulares e pedem “bons resultados” escolares, como são os vários casos citados neste trabalho.

Porém nunca olham o caderno do filho, ou conversam sobre um livro que poderia ser lido. Isso, hoje, é mais trabalhoso do que ir até uma loja de departamento e comprar o produto desejado pelo filho em dez vezes, e mostrar assim seu afeto, sua atenção, sua esperança num futuro mais abastado.

Ocupados em ganhar mais dinheiro em função das coisas de que crêem precisar para serem felizes, homens e mulheres têm menos tempo para a empatia mútua e para as negociações intensas, por vezes tortuosas e dolorosas, mas sempre longas e desgastantes. [...] Isso aciona outro círculo vicioso: quanto mais se obtêm êxito em “materializar” a relação amorosa (como o fluxo contínuo de mensagens publicitárias os estimula a fazer), menores são as oportunidades para o entendimento mutuamente compassivo exigido pela notória ambigüidade poder/carinho do amor. (BAUMAN, 2008, p.154)

BAUMAN (2008) traz um conceito muito interessante e que corrobora muito com esta pesquisa, o conceito de “dano colateral”, ligado às “baixas colaterais” e “vítimas colaterais”, que desculpa ações prejudiciais, justifica-as ou as exime de punição com base na ausência de intencionalidade. Está ligado a, por exemplo, mortes de mulheres e crianças que são atacadas por um míssil, que não tinha a intenção de feri-las, mas o fez sem a intencionalidade do ato.

Essas “vítimas colaterais” podem ser relacionadas ao meio escolar, quando as políticas públicas deixam de promover ações que sejam efetivamente favoráveis à escola. Quando a escolha na educação é tomada por olhares econômicos e de resposta rápida ao mercado, deixando de olhar as particularidades que compõe o ser humano.

Muitas vezes, quando o professor é “impedido” de reprovar um aluno, não é pelo fato de que aquela reprovação será de alguma forma negativa para a criança, mas por conta do alto ônus que isso se torna para o Estado, tanto financeiro, quanto em questões de índices educacionais.

Os alunos são essas “vítimas colaterais”, não são o primeiro alvo desse “míssil” que atinge a Educação brasileira, mas são igualmente mortos, sem a menor chance de defesa.

Segundo BAUMAN (2008):

O que foi omitido de modo astucioso é o fato de que as “baixas”, “colaterais” ou não, foram efeito da forma como se planejou e executou a explosão, já que os que planejaram e executaram não se importaram particularmente com a possibilidade de os danos ultrapassarem os limites presumidos do alvo propriamente dito, atingindo a área cinzenta (já que mantiveram fora de seu foco) os efeitos colaterais e das conseqüências imprevistas. p.151

Atingidos “colateralmente” por esse míssil os alunos que possuem dificuldades de Alfabetização Matemática são deixados de lado dentro das salas de aula com mais de 35 alunos, com mínimas chances de que eles e o professor consigam reverter esse quadro em que vivem.

4.1.3 Movimento: Prestar Atenção

eu estudo porque minha mãe me manda pro colégio ela diz que a gente deve estudar pra ser alguém na vida mas eu acho que nunca vou ser ninguém por causa de que eu estudo, estudo e não saio da segunda série. acho que eu não saio da segunda série porque eu estou sempre com fome e cansado, porque sabe eu acordo às quatro horas da manhã, levo os patos pra maré, levo os porcos pro cercado, lavo o chiqueiro, lavo o sujo dos bichos e pego água... quando eu chego na escola às oito horas, eu estou cansado e com fome quero brincar e comer e aí não **presto atenção** em nada mas eu quero ser alguém então eu prometo professora que nunca mais eu vou brincar na aula. (LACERDA, 2001, p.28-29, grifo nosso)

Jomar o herói da história do livro Manual de Tapeçaria de 1985 traz o mesmo discurso que os alunos que foram entrevistados nesta pesquisa: “Eu não presto atenção”. Mas como dar atenção a tudo o que é dito durante a aula de “*coisa de x*”, como diz o Claudemir, se eu não consigo multiplicar ou dividir? Prestar atenção é ficar olhando a lousa sem piscar? É ouvir tudo o que o professor disse? Tudo isso engloba o prestar atenção, mas isso não é sinônimo de compreensão.

Talvez a atenção deva ser solicitada em diversos lados: “Preste atenção, o aluno está apenas ouvindo barulhos que saem da boca dos professores!”, ou ainda, “Preste atenção, professores exaustos em salas com trinta e cinco alunos, onde doze não estão alfabetizados!”. Em ambientes assim, conseguir aprender é algo muito além de **prestar atenção**.

Esse movimento **prestar atenção** aparece em vários diagramas dos alunos entrevistados como se fosse algo que dependesse apenas da **vontade** própria. São discursos que eles ouvem,

e reproduzem dentro do ambiente escolar, provavelmente, desde que estavam na primeira série.

Mas pedir a atenção para uma criança de sete anos, quando está se alfabetizando, é muito diferente de pedir atenção para um adolescente de catorze com problemas em Alfabetização Matemática, em uma aula de álgebra. Seus ouvidos, mesmo abertos, estão muito aquém do que está sendo dito. É como se entrássemos em uma sala onde as pessoas estão falando em finlandês, você pode até entender algumas expressões faciais ou corporais de quem está falando, mas se você não fala essa língua, tudo que é dito, é ouvido, mas não compreendido, é a exclusão dos chamados, alunos incluídos.

4.1.3.1 A Escola, a Norma e os Anormais

O anormal é um monstro cotidiano, um monstro banalizado.
(FOUCAULT, 2001)

Este tópico tem a mesma intenção de VEIGA-NETO (2001) em seu texto “Incluir para excluir”, pois ele pretende discutir de forma mais abrangente as dificuldades e ambiguidades que enfrentam as políticas que pretendem fazer a inclusão escolar dos anormais, justamente em decorrência da própria construção moderna da normalidade, sem a pretensão de resolver ou apontar soluções para essas dificuldades, sem que o debate sobre a inclusão escolar seja o centro da discussão, mas o interesse está nas bordas, problematizando alguns elementos do assunto.

O autor utiliza o termo *anormais* baseado nas contribuições de Michel Foucault, para designar esses cada vez mais variados e numerosos grupos que a Modernidade vem, incansável e incessantemente inventando e multiplicando: os sindrômicos, deficientes, monstros, psicopatas, surdos, cegos, poucos inteligentes, os estranhos, os miseráveis, o refugio enfim.

Segundo VEIGA-NETO (2001):

[...] os anormais não são uma exceção. Assim, o que é crucial entender é que os anormais não são, em si ou ontologicamente, isso ou aquilo; nem mesmo eles se instituem em função do que se poderia chamar de desvio natural em relação a alguma suposta essência normal... Em outras palavras: ainda que os critérios da partilha *normal* — *anormal* emergjam da “pura relação do grupo consigo mesmo”, as marcas da anormalidade vêm sendo procuradas, ao longo da Modernidade, em cada corpo para que, depois, a cada corpo se atribua um lugar nas intrincadas grades das classificações dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes, dos vícios. (p. 107)

Não há sentido negativo ou pejorativo no termo **anormal**, mas ele emerge da relação do grupo de alunos com si mesmo, sob seu olhar e o olhar da instituição escolar. O conceito de normalidade dentro do ambiente escolar é algo que faz parte da sua própria lógica, dividir os estudantes por idade, gêneros, aptidões, classes sociais, etc. Assim, “... colocar em ação a norma, através de um crescente e persistente movimento de, separando o normal do anormal, marcar a distinção entre normalidade e anormalidade.”(VEIGA-NETO, p. 111)

Os anormais dentro do ambiente escolar não devem ser entendidos como vítimas, nem tão pouco acusados por fugirem de uma certa norma que se busca dar às pessoas. Irônico e triste é o direito que lhes é dado de estar frequentando uma classe “regular” de alunos ditos normais, onde não lhes são oferecidos os recursos necessários para que possam desenvolver suas potencialidades. Logo, a “salvação” é apenas: **prestar atenção**.

Justificar que alguém que passou oito ou nove anos dentro da escola e não conseguiu se alfabetizar por completo porque não presta atenção é errado, e no mínimo cruel. Crueldade que é sofrida tanto porque a instituição escolar não dá conta de compreender, orientar e encaminhar de modo eficaz esse aluno, quanto porque na maioria dos casos apresentados aqui, a família é praticamente ausente.

Será que é obrigação do ser humano ser **atento e voluntarioso** em qualquer tipo de adversidade? Será que apesar de todo o sofrimento, angústia, abandono vividos em casa, esse **movimento de aprender por vontade** própria é obrigação de cada um? Será que se apesar de tudo isso, **o aluno fugir à regra** e ser um bom aluno, não está aí a exceção, e não a regra? *Onde está então a anormalidade*, dentro ou fora dos alunos?

Não há a menor intenção aqui em passar a mão na cabeça dos alunos e dizer como são coitados, mas o que há é um movimento para se tentar entender que realmente é difícil a aprendizagem quando se está só. Quando não há de fato e verdade apoio e proteção da família, da escola, da sociedade.

[...] ao invés de vivermos no trabalho político e messiânico de preparar a grande virada que nos levaria para um futuro melhor, feliz e definitivo – numa duplicação contemporânea, certamente em outros termos, das práticas medievais cristãs de ascese e espera – poderemos viver no permanente trabalho político (mas não messiânico) de promover a crítica radical e a insurreição constante. Usando a conhecida máxima de Foucault: ao invés da grande revolução, pequenas revoltas diárias [...] (VEIGA-NETO, 2001, p. 111)

4.1.4 Movimento: Medo

O medo e o mal são irmãos siameses. Não se pode encontrar um deles separado do outro. (BAUMAN, 2008, p. 74)

O “Medo” é um movimento que aparece em vários diagramas dos alunos entrevistados, sob diferentes focos, existem: o medo de ficar só no mundo, como no caso de Aninha; o medo de não conseguir um emprego; da aula de Matemática, no caso de Bia; de questionar ou ser questionado durante as aulas; do envolvimento com drogas; entre outros. Mas, o medo mais citado entre todos, tanto dos entrevistados quanto de seus pais, é **o medo do futuro**.

Segundo BAUMAN (2008) em seu livro *Medo Líquido* o **medo** é o nome que damos a nossa *incerteza*, nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito*, do que pode e do que não pode, para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. Assim, o medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda a parte, mas em lugar algum se pode vê-la.

O medo é, então, o nome que damos a essa incerteza ou ameaça do que há por vir, temendo algo ou alguém, e quanto mais difícil de identificar de onde vem essa ameaça, maior será o medo. Ao inserir nos alunos a insegurança sobre o futuro cria-se um tipo de medo mais assustador e difuso, pois ao ter incerteza sobre suas possibilidades, as instituições conseguem usar isso de maneira que as beneficie, ou seja, os indivíduos que as frequentam tornam-se alvos fáceis frente ao medo gerado.

Lança-se aí uma pergunta: Por que não operar no avesso do medo dentro da escola? Ao invés de previsões sombrias e desastrosas, por que não elevar as potencialidades de cada um e mostrar que há espaço no mundo para todo o tipo de gente, com diferentes qualificações? Será que o medo gerado dentro da escola, ainda assombra os alunos?

O medo está na escola não apenas por parte dos alunos, mas os professores também estão presentes neste movimento. Sentem-se pressionados, temem. Muitas vezes, nas escolas onde lecionam, se sentem desaprovados frente à sociedade, ou seja, fazem também parte do grupo que sentem medo na máquina escolar.

Tão subjetivo e enraizado, o medo produz em todos nós, sem que percebamos, aquela sensação de desassossego e perturbação que nos acompanha. BAUMAN (2008) diz que:

Bizarro, embora muito comum e familiar a todos nós, é o alívio que sentimos, assim como o súbito influxo de energia e coragem, quando, após um longo período de desconforto, ansiedade, premonições sombrias, dias cheios de apreensão e noites sem sono, finalmente confrontamos o perigo real: uma ameaça que podemos ver e tocar. (p.7)

Talvez, se o perigo e a ameaça dentro da escola fossem palpáveis, haveria o que se enfrentar, mas quando o terror é psicológico, subjetivo, nos interstícios dos discursos, é mais

difícil combatê-lo, pois em todas as relações dentro do ambiente escolar há uma hierarquia, onde a maioria das revoltas ou revoluções cai por terra.

O movimento do medo descrito dos diagramas dos alunos não se refere apenas a questões ligadas à escola, mas sim à vida com um todo. O medo que Aninha descreve sobre seu futuro, sobre suas possibilidades de emprego, vai por caminhos divergentes da visão que C. Ronaldo e Mariano têm.

BICUDO (2003) em seu livro *Tempo, Tempo Vivido e História* trata da questão do tempo futuro:

Viver o tempo futuro como esperança é separar-nos do devir circundante, livrar-nos da espera ansiosa e deixarmos o fluxo da vida fluir mansamente em direção ao futuro, mantendo-nos calmos, mas vibrantes, por termos a esperança que os acontecimentos ocorram como gostaríamos. Quando a esperança se enfraquece e mostra-se debilitada, vivemos o tempo futuro de modo solene, em uma atitude de elevação que nos desloca para níveis superiores a nós mesmos e do que nos rodeia... Essa é uma atitude de *prece*, de oração. É um fenômeno mundano, comum ao nosso modo de ser humano. Não está conectada à crença de uma divindade, nem a uma religião específica. (p.50)

Segundo as palavras de Aninha, ela sente como se a sua esperança enfraquecesse a cada dia que passa, se sente muito insegura, “vigia” seu futuro em oração olhando para o lado “negro” que pode vir. Já C. Ronaldo e Mariano quando falam sobre o futuro, vivem esse tempo com uma esperança quase inabalável, acreditam que tudo o que desejam vai acontecer, certamente. Maneiras diferentes de se viver esse tempo futuro.

BAUMAN (2007) fala que o medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época, mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. O demônio do medo não será exorcizado até encontrarmos, ou construirmos, ferramentas que possibilitem recuperar e reaver o controle sobre as forças que dão forma à condição do medo.

4.1.5 Movimento: Ausência

Aqui
nada
agora
nada
algo
nada
(se) passa
nada.
(LARROSA, 2003, p.15)

O movimento “Ausência” foi cartografado em alguns diagramas sob diferentes focos, a ausência de: planos para o futuro; da família na vida escolar do entrevistados; de sonhos; etc. Não é somente o sentir falta de algo ou de alguém, é como essa ausência traz sofrimento e dor a cada um deles.

Esse movimento pode, então, ser descrito: pela falta; pela presença perturbadora; pelo passado de saudade; pelo futuro de incerteza; tudo isso envolve o movimento “Ausência”. Os motivos pelos quais cada um descreveu esse movimento foram diversos, mas a cada um deles o sentimento de falta é constante.

KOHAN (2005) falando sobre *A infância como pura possibilidade* diz que, segundo Sócrates, os primeiros momentos da vida são os mais importantes, não se deve permitir que as crianças escutem relatos que contêm mentiras, opiniões e valores contrários aos que se espera delas no futuro. A vida é como um devir progressivo, tudo que vem depois, dependerá dos primeiros passos, as marcas que se recebem na mais tenra idade são “imodificáveis” e “incorrigíveis”.

Assim, muito do que foi relatado pelos entrevistados está ligado às questões do passado desses alunos. Ausências que começaram na infância e, em alguns casos, se estenderam até a adolescência, foram aparecendo durante as entrevistas e foram cartografadas nos diagramas.

No caso de C. Ronaldo não é apenas o fato de não ter a presença do pai na sua vida, mas também o fato de tê-lo presente sempre bêbado, o que faz toda a família sofrer. É essa presença desastrosa que causa o sofrimento, já que segundo sua mãe, além dele não ajudar na criação dos filhos, ele é mais uma fonte de preocupação para ela.

Já Aninha fala sobre a ausência de sua mãe como um vazio que ficou em seu coração e teme seu futuro, pois, ela não sabe como será sua vida sem o apoio de sua avó, hoje, a única responsável por ela.

Bia tem esse movimento guardado em seu passado, pela falta que seus pais fizeram durante o ano que morou com sua avó e seus pais ficaram em São Paulo, o que ela sente hoje é o reflexo da ausência do que passou, é um movimento do passado que reverbera no presente.

Segundo BICUDO (2003):

O passado é um modo particular de viver o tempo. Ele tem uma organização própria, diferente daquela do presente e do futuro... o passado não é vivido pelas lembranças discretas que somadas uma a uma dar-nos-ia o passado. Mas ele é uma força compacta, uma totalidade de onde brota novo ímpeto para avançarmos na direção do futuro. (p. 52-53)

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.2.1 Para além da pesquisa

FOUCAULT (1992) em seu texto “A vida dos homens infames” fala que:

Foi para reencontrar algo como aquelas existências-clarão, como aqueles poemas-vida, que impus a mim mesmo um certo número de regras simples:

- que se tratasse de personagens realmente existentes;
- que essas existências tenham sido ao mesmo tempo obscuras e desafortunadas;
- que fossem contadas em algumas páginas, ou melhor algumas frases, tão breves quanto possível;
- que tais relatos não fossem simples anedotas estranhas ou patéticas, mas que de uma maneira ou de outra (porque eram queixas, denúncias, ordens ou relatórios) tenham realmente feito parte da história minúscula daquelas existências, da sua infelicidade, da sua raiva ou da sua duvidosa loucura;
- e que do choque dessas palavras e dessas vidas ainda nos venha um certo efeito no qual se mistura beleza e assombro. (p. 93-94)

Emprestando as palavras de Foucault, este trabalho procurou cartografar a vida desses alunos infames na escola, mostrando sua desafortunada existência, e dentro desta, sua infelicidade, sua raiva e sua duvidosa anormalidade. Sem dúvida, o resultado é um misto de beleza, mostrada pela esperança e vontade dos entrevistados, e assombro diante das palavras ditas e desenhos riscados.

Durante a cartografia dos diagramas alguns movimentos foram aparecendo e, no entremeio deles, pode-se observar o surgir de um possível entendimento dos caminhos que foram traçados para que esses alunos chegassem ao final do ensino fundamental com problemas de Alfabetização Matemática.

Esses entrevistados que hoje são vistos nos corredores da escola como alunos que perturbam a sua norma, estarão em breve caídos no esquecimento, virarão infames tão logo mude o ano, e apenas em seus registros ficarão as marcas que fizeram na escola e que levaram dela.

Como no texto de Foucault “A vida dos homens infames”, também dentro da escola a vida desses alunos está agora reduzida em algumas páginas, ou melhor, em algumas palavras que mostram o que foi a passagem deles pela instituição.

No espelho³⁸ de Mariano³⁹, no lugar da assinatura dos pais, escritas vinte e cinco vezes as palavras: “*Ausência Total*”. Em três ocasiões a mãe apareceu para a reunião de pais. Dentre as

³⁸ O espelho foi descrito no capítulo II.

³⁹ Essas informações foram retiradas do espelho de cada aluno, apenas o nome dele foi alterado.

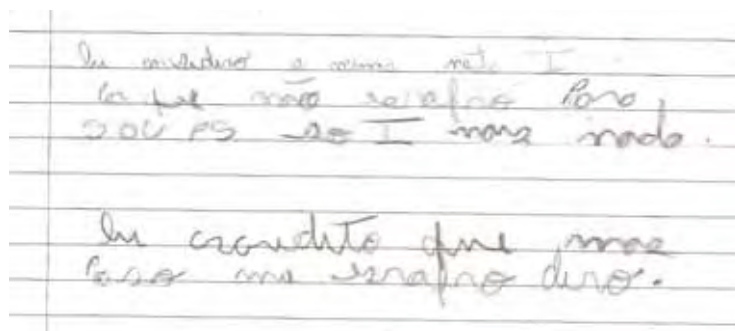
muitas frases escritas em seu prontuário: *É inseguro, chora de vez em quando. Começou a ler, é inseguro, precisa de trabalho individual e diferenciado. Desorganizado. Apresenta resultados aquém do esperado para a série. Vem apresentando melhoras devido ao reforço e ao seu esforço.*

Já no espelho de Aninha um fato chama a atenção, tem seis assinaturas diferentes de responsáveis que iam às reuniões de pais. Algumas palavras sobre ela: *É esforçada. Possui uma grande dificuldade de aprendizagem e de comunicação, tanto comigo, quanto com os outros alunos. Esforça-se em aprender, frequenta às aulas de reforço, mas ainda apresenta dificuldades em produzir textos escritos. Foi insuficiente em todas as atividades desenvolvidas. Mostra boa vontade, mas não consegue concluir.*

Abaixo está a transcrição de um relatório do professor sobre o aprendizado de Aninha durante a segunda vez que ela cursava a quinta série:

Não sabe ler, contar, escrever, enfim não é aluna para uma 5ª série. Aninha se esforça para acompanhar a escrita de um quadro negro e não consegue terminá-lo até o término da aula. Com isso mostrou-se dispersiva, falando e andando muito durante a aula e pedindo para sair, ir ao banheiro, levar trabalho para os professores, buscar material emprestado. E por fim, levou uma bronca, onde deu início tardio de melhora no final do primeiro bimestre. (Professor de Ciências, no relatório sobre as notas insatisfatórias.)

E por fim, um relatório feito por Aninha, a pedido de uma professora, que escreveu duas frases para que os alunos completassem, *“Considero meu desempenho bimestral... e Acredito que para melhorar...”*, a resposta de Aninha foi:



Eu considero a minha nota I (insatisfatória)

Porque não me esforço para

Ser PS (plenamente satisfatória), sou I mais nada.

Eu acredito que

Posso me esforçar duro.

Durante cinco anos seguidos no espelho de Cândido o lugar para a “Assinatura dos pais” está completado em vermelho com “Ausência Total”. Entre as frases escritas pelos

professores sobre sua aprendizagem: *Sérios problemas de escrita e leitura que são pertinentes à alfabetização. O aluno está sempre apático e desinteressado. Deve ser mantido no reforço. Mesmo frequentando o reforço, aluno apresenta resultado aquém do esperado para a série. Passa a maior parte da aula desenhando.*

No espelho de C. Ronaldo a situação se repete como no de Cândido, durante seis anos não há nenhuma assinatura nas reuniões de pais. Algumas frases de seu espelho são: *Necessita de ajuda em casa. Precisar se dedicar mais aos estudos. É indisciplinado. Há necessidade de maior empenho e estudos diários em casa. É preciso mais leitura em casa, o livro que levou, disse que a irmãzinha rasgou.*

Léo tem a maior quantidade de relatórios insatisfatórios em seu espelho, quarenta e três ao todo. Entre eles: *Deixou de apresentar resultado satisfatório para sua idade e série, mas freqüenta a aula de reforço e esforça-se em aprender. Não está alfabetizado. Aluno em fase de alfabetização. Aluno não alfabetizado, porém tem interesse em realizar os trabalhos propostos, apesar de suas produções serem “desconexas”.*

No espelho de Claudemir estão as seguintes frases: *Não tem compromisso com as tarefas escolares, diz que faz quando quer. Dificuldade de concentração. Pouco compromisso com a vida escolar. Não se concentra na aula.* O relatório abaixo sobre sua aprendizagem foi feito pelo professor de Ciências:

Claudemir voltou a apresentar-se indisposto durante todo o bimestre. É um aluno com bastante dificuldade de escrita, mas com um pouco de esforço de sua parte poderá recuperar-se. Não vejo um problema tão grande neste aluno a ponto de reprová-lo. Percebe-se muita preguiça de sua parte. (O aluno reprovou este ano letivo a que o professor se refere.)

Jair, ao contrário dos outros entrevistados, tem quase todas as fichas de reunião de pais assinadas pela mãe. Entre as frases de seu relatório estão: *Não houve avanço no aprendizado do aluno. Falta empenho. Desorganizado. Necessita de reforço. Possui profundas dificuldades. Falta atenção. Há necessidade de continuar frequentando o apoio pedagógico.*

Dentre as frases do espelho de Bia estão: *Não organiza o caderno. Apática na sala de aula. Falta de compromisso. Apresenta comportamento inadequado na sala de aula. Tem dificuldade de manter-se sentada. Mostra-se relapsa.*

Quando FOUCAULT (1992) escreveu o texto “A vida dos homens infames” dois séculos e meio o separavam dos documentos analisados causando nele “... fibras do que aquilo a que vulgarmente chamamos de literatura,..., talhado em algumas frases em volta de personagens decerto miseráveis, ou os excessos, a mescla de sombria obstinação...” p. 91. E agora mais trinta e dois anos nos separam desse texto de Foucault, e ainda assim, mesmo

passados quase trezentos anos dos originais, é possível ver as aproximações, uma vez que tratam de pessoas que foram rotuladas pela sociedade em que viviam, ou vivem, *como anormais, sujeitos sem lugares*.

Assim, pela análise de Foucault sobre os textos que lera sobre esses ditos infames:

O meu sonho era restituir-lhes a intensidade mediante uma análise. À falta do necessário talento, ruminei pois longamente a simples análise: tomei os textos na sua secura; indaguei qual teria sido a razão de ser, a que instituições ou a que prática política se referiam; intentei saber porque é que, numa sociedade como a nossa, se tinha de súbito tão importante que fossem “sufocados” (como se sufoca um grito, um fogo, um animal)... procurei a razão pela qual se tinha posto tanto zelo em impedir os pobres de espírito de passearem por caminhos esconsos. (FOUCAULT, 1992, p. 92)

Restituindo a intensidade da cartografia desses alunos infames na escola, perceberam-se alguns movimentos que surgiram de suas falas que puderam auxiliar o sentido da compreensão da pergunta inicial deste trabalho sobre os processos vivenciados por eles durante todo o ensino fundamental.

Termino com a discussão das cartografias das narrativas, escritas ou pictóricas, desses alunos, infames na escola. A tentativa de registrar os ditos e não-ditos deles, sufocados pelo sistema escolar, que mesmo sendo infames, porque continuaram sendo, neste momento e lugar, suas palavras estão registradas como foram ditas, por eles próprios, e não serão apenas infames com descrição de terceiros. A sua trajetória escolar agora está descrita com suas palavras, seus sentimentos, angústias, enfim seus movimentos.

Pretendi que se tratasse sempre de existências reais; que se lhes pudesse dar um lugar e uma data; que, por detrás destes nomes que já não dizem nada, por detrás destas palavras breves... tenha havido homens que viveram e morreram, com seus sofrimentos, as suas malfetorias, os seus ciúmes, as suas vociferações. (FOUCAULT, 1992, p. 94-95)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ALBUQUERQUE, J. D. M., VEIGA-NETO, A. & SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALMEIDA, J. *Estudos Deleuzianos da Linguagem*. Campinas: UNICAMP, 2003.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____, Z. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____, Z. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BICUDO, M. A. V. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BRUNER, J. *Le développement de l'enfant: savoir faire, savoir dire*. Paris: P.U.F, 1983.

BURRIDGE, S. Narrative Mapping: A Methodology for Teaching and Learning (Dance).

CANDIDO, A., ROSENFELD, A., PRADO, D.A., GOMES, P.E.S. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHARTIER, A. M. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, R. *Os Desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____, R. *Inscrever e apagar: Cultura Escrita e Literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.

COSTA, M. V. In: ALBUQUERQUE, J. D. M., VEIGA-NETO, A. & SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 269 - 294.

DANYLUK, O. S. *Um estudo sobre o significado da Alfabetização Matemática*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 1988.

_____, O. *Alfabetização Matemática: a escrita da linguagem matemática no processo de alfabetização*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____, O. *Alfabetização Matemática: As primeiras manifestações da escrita infantil*. Porto Alegre: Sulina, Passo Fundo: Ediupf, 2002.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 2005.

_____, G. *Conversações*. São Paulo, Editora 34, 2008.

_____, G. ¿ Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p.155 - 161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento: www.escolanomade.org

FERRE, N. P. L. In: SKLIAR, C. & LARROSA, J. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.195 - 214.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1980.

_____, M. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições GRAAL LTDA, 1990.

_____, M. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

_____, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____, M. *História da Loucura*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____, M. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____, M. *Vigiar e Punir: A História das Violências na Prisões*. Tradução de Raquel Ramallete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KASTRUP, V. In: PASSOS, E., KASTRUP V., ESCÓSSIA L. (Org.) *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009, p.32-51.

KOHAN, W. O. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LACERDA, N. G. *Manual de Tapeçaria*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

LARROSA, J. *Estudar = Estudiar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, J. *Pedagogia Profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENEZES, A. B. N. T. In: ALBUQUERQUE, J. D. M., VEIGA-NETO, A. & SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.27 - 39.

MICOTTI, M. C. O. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) *Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p.153 - 167.

_____, V. In: PASSOS, E., KASTRUP V., ESCÓSSIA L. (Org.) *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009, p.76-91.

PEIXOTO, R. A. In: ALBUQUERQUE, J. D. M., VEIGA-NETO, A. & SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.355 - 363.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROLNIK, S. *Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. Cadernos de subjetividade, v.1 n.2: 241 - 251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set/fev. 1993.

ROSA, M.V.F.P.C. & ARNOLDI, M.A.G.C. *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa - mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, N. M. A. *Educação Matemática e Totalidade: em estudo crítico epistemológico*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 2003.

SKLIAR, C. & LARROSA, J. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.7 - 30.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, A. In: SKLIAR, C. & LARROSA, J. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.105 -118.

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I - Roteiros das entrevistas.....	1
1.1 Roteiro de questões utilizado na primeira entrevista com os alunos.....	1
1.2 Roteiro de questões utilizado na segunda entrevista com seis alunos.....	1
1.3 Roteiro de questões utilizado na segunda entrevista com dois alunos.....	3
1.4 Roteiro de questões utilizado na entrevista com os pais (com mapas).....	4
1.5 Roteiro de questões utilizado na entrevista com os pais (sem mapas).....	5
ANEXO II - Cândido.....	7
2.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno.....	7
2.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	20
2.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno.....	25
2.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	27
2.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	28
2.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	35
ANEXO III - Bia.....	37
3.1 Transcrição da primeira entrevista com a aluna.....	37
3.2 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a primeira entrevista.....	51
3.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com a aluna.....	59
3.4 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a segunda entrevista.....	61
3.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe da aluna.....	64
3.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe da aluna.....	74
ANEXO IV - Claudemir.....	80
4.1 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	80
4.2 Transcrição da segunda entrevista com o aluno sobre o seu histórico escolar.....	87
4.3 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	89
4.4 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	92
4.5 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	101
ANEXO V - Mariano.....	104
5.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno.....	104
5.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	125
5.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno.....	130
5.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	133
5.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	137

5.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	144
ANEXO VI - Jair.....	146
6.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno.....	146
6.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	161
6.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno.....	165
6.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	167
6.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	169
6.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	177
ANEXO VII - Léo.....	181
7.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno.....	181
7.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	194
7.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno.....	200
7.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	203
7.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	204
7.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	212
ANEXO VIII - Aninha.....	214
8.1 Transcrição da primeira entrevista com a aluna.....	214
8.2 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a primeira entrevista.....	231
8.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com a aluna.....	237
8.4 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a segunda entrevista.....	240
8.5 Transcrição da entrevista realizada com a avó da aluna.....	242
8.6 Mapas narrativos produzidos pela avó da aluna.....	247
ANEXO XI - C. Ronaldo.....	248
9.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno.....	248
9.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista.....	268
9.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno.....	275
9.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista.....	278
9.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno.....	282
9.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno.....	290

ANEXO I – Roteiros das entrevistas

1.1 Roteiro de questões utilizado na primeira entrevista com os alunos

Nome: _____ série: _____

Idade: _____

Dia: _____ horário inicial: _____ horário final: _____

8. Você estudou em outras escolas?
9. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?
10. Como é a sua casa?
11. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?
12. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?
13. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?
14. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?
8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?

1.2 Roteiro de questões utilizado na segunda entrevista com seis alunos

Nome do aluno: _____

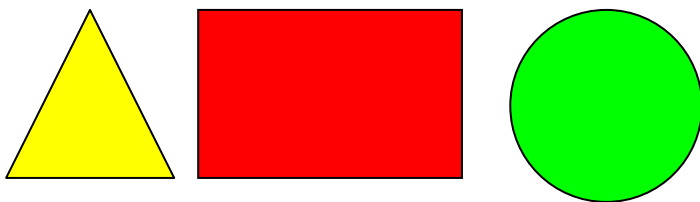
Idade: _____

Série: _____

Data de nascimento: _____

Local do nascimento: _____

- 1) Você tem alguma dificuldade nas matérias da escola?
- 2) Antigamente, você costumava ter dificuldades em aprender contas, problemas ou cálculos ligados a figuras geométricas?
- 3) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



4) Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

5) Você sabe me dizer desde quando tem essas dificuldades?

6) Você poderia fazer essas continhas para mim?

e) $237 + 131 =$

f) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

7) O que você faz fora do horário de aula?

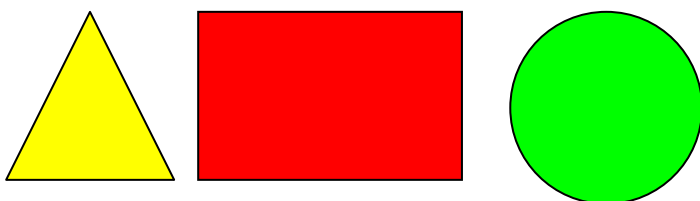
8) Você estuda Matemática fora do horário das aulas?

9) Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

10) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



11) Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

As questões 10 e 11 foram repetidas no sentido de trabalhar o conceito de conservação nos alunos, além da conta $612 : 3$ ser colocada para a relação com o problema “b” da questão 9.

1.3 Roteiro de questões utilizado na segunda entrevista com dois alunos

Nome do aluno: _____

Idade: _____

Série: _____

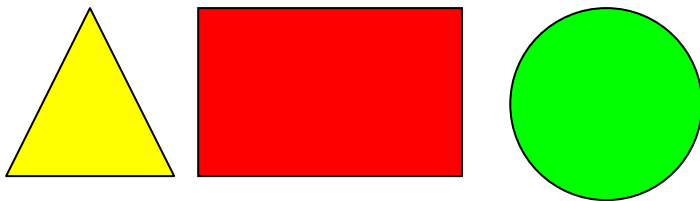
Data de nascimento: _____

Local do nascimento: _____

1) Você tem alguma dificuldade nas matérias da escola?

2) Antigamente, você costumava ter dificuldades em aprender contas, problemas ou cálculos ligados a figuras geométricas?

3) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



4) Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

5) Você sabe me dizer desde quando tem essas dificuldades?

6) Você poderia fazer essas continhas para mim?

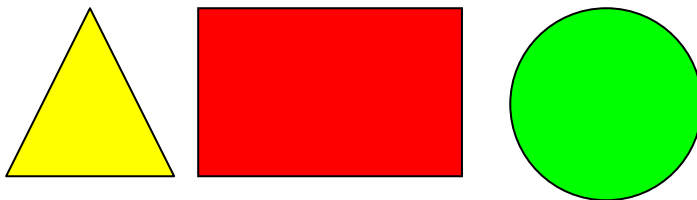
a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

- 7) Gostaria que você contasse comigo até cem, pode ser?
- 8) O que você faz fora do horário de aula?
- 9) Você estuda Matemática fora do horário das aulas?
- 10) Você freqüentava o CEACRI, por que você deixou de ir até lá?
- 11) Você pode escrever sobre sua saída para mim?
- 12) Você pode me dizer o nome dessas figuras?



- 13) Você poderia fazer essas continhas para mim?
- a) $237 + 131 =$
- b) $296 - 184 =$
- c) $53 \times 4 =$
- d) $612 : 3 =$

1.4 Roteiro de questões utilizado na entrevista com os pais que se dispuseram a realizar os mapas narrativos

Nome do responsável: _____

Idade: _____

Grau de parentesco: _____

Local do nascimento: _____

- 1) Quais dificuldades que você vê no(a) _____ em relação à aprendizagem? E em relação à Matemática? Desde quando você nota essa dificuldade?

2) Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

3) Em que lugar da casa ele(a) estuda? Poderia desenhar?

Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?

4) O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?

5) Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?

6) Você gostaria de apontar algum fato ou acontecimento importante na vida do(a) _____ que de algum modo você acha que interferiu na vida escolar dele(a)? Pode desenhar?

7) Ele(a) toma, ou já tomou, algum tipo de medicamento diariamente? Por quê? Desde quando? Consulta médicos (posto de saúde, psicólogos, etc.) regularmente?

8) O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?

1.5 Roteiro de questões utilizado na entrevista com os pais que não se dispuseram a realizar os mapas narrativos

Nome do responsável: _____

Idade: _____

Grau de parentesco: _____

Local do nascimento: _____

- 2) Quais dificuldades que você vê no(a) _____ em relação à aprendizagem? E em relação à Matemática?
- 2) Desde quando você nota essa dificuldade?
- 3) Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias?
- 4) Contribui financeiramente com a família?
- 5) Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?
- 6) Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?
- 7) Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?
- 8) Ele(a) costuma estudar ou ler em casa? Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?
- 9) Você gostaria de apontar algum fato ou acontecimento importante na vida do(a) _____ que de algum modo você acha que interferiu na vida escolar dele(a)?
- 10) Ele(a) toma, ou já tomou, algum tipo de medicamento diariamente? Por quê? Desde quando? Consulta médicos (posto de saúde, psicólogos, etc.) regularmente?

ANEXO II - Cândido

2.1 Transcrição da primeira entrevista com o aluno

Professora: 8^a C, né?

Aluno: É.

Professora: Quantos anos você tem?

Aluno: Quinze.

Professora: Você vai fazer dezesseis esse ano? Que dia você vai fazer?

Aluno: 15 de março.

Professora: Então, eu vou fazer umas perguntas para você, e você vai desenhar para mim. Você pode usar o lápis grafite, ou se preferir pode usar o lápis de cor.

Você já estudou em outras escolas?

Aluno: Não.

Professora: Só aqui? Desde a 1^a série?

Aluno: É.

Professora: Você mora aqui perto?

Aluno: Moro.

Professora: Se eu pedisse para você desenhar a escola, como que você desenharia?

Aluno: A frente dela assim. *(Apontando para a escola.)*

Professora: À frente? Se quiser usar a régua ou se quiser fazer a mão livre, tanto faz. Você pode fazer?

(Enquanto ele faz o desenho.)

Você reprovou só a 5^a série?

Aluno: Só.

Professora: Você fez dois anos de pré?

Aluno: Não.

Professora: Você já frequentou CEACRI? *(O aluno nega com a cabeça.)*

O reforço, você já frequentou? *(O aluno afirma com a cabeça.)*

Faz tempo? Você lembra o ano que você frequentou?

Aluno: Não.

Professora: O que você achava do reforço?

Aluno: Bom.

Professora: Mas, bom por quê?

Aluno: Porque eles “ensinava” bem, né.

Professora: É? Mas o que você gostava mais aqui?

Aluno: Não sei.

Professora: O que você acha mais complicado na escola?

Aluno: Não sei.

Professora: Você falta bastante... Por que você falta tanto?

Aluno: Às vezes eu perco hora assim, “memo”, tem umas “vez” que não dá vontade não.

Professora: Você acorda e pensa: Eu tenho que ir pra escola, daí você prefere ficar?

Aluno: É.

Professora: O que você acha ruim de ter que vir à escola?

Aluno: Nada.

Professora: Como nada? Se você falta bastante deve ter alguma coisa de ruim?

Aluno: Eu acho bom, “mai” dá preguiça.

Professora: Você está trabalhando?

Aluno: “Tô”

Professora: Onde você trabalha?

Aluno: Na tapeçaria perto da ponte.

Professora: No Jardim Novo?

Aluno: Não, ali no Jardim América.

Professora: O que você faz lá?

Aluno: Mexe com sofá.

Professora: Reforma? Só sofá?

Aluno: E banco de carro.

Professora: Qual é o seu horário de trabalho?

Aluno: Da 1 às 6h (*da tarde*).

Professora: Faz tempo que você trabalha lá?

Aluno: Um ano.

Professora: Como que chama a tapeçaria.

Aluno: Tapeçaria Avenida.

Professora: Avenida?

No dia que você falta à aula, você faz o que de manhã?

Aluno: Eu vou lá ajudar ele lá.

Professora: Você vai mais cedo trabalhar?

Aluno: É, que ele é meu irmão.

Professora: Ah, o seu irmão que é dono da tapeçaria?

Aluno: É.

Professora: Você almoça por lá ou volta para almoçar?

Aluno: Eu volto pra almoçar.

Professora: O que você, mais gosta de fazer lá?

Aluno: Montar banco de carro.

Professora: Qual é o pior serviço que tem, o mais chato?

Aluno: Desmontar sofá.

Professora: No sofá tem que por enchimento, né?

(Se estabelecesse 4 minutos de silêncio e o aluno continua desenhando.)

Aqui o que é?

Aluno: Aqui é o teto.

Professora: Da escola ou da quadra?

Aluno: Da escola.

Professora: Aqui são os vidros?

Aluno: É.

Professora: Por que você escolheu essas duas cores?

Aluno: Ah, sei lá.

Professora: Não tem nenhum motivo especial? A escola tem um barrado meio azul, meio verde?

Isso, o que é?

Aluno: O chão.

Professora: No que você tem mais dificuldade, aqui na escola?

Aluno: Aprender as coisas.

Professora: É? Desde quando você tem essa dificuldade, que você percebe?

Aluno: Desde a 4^a.

Professora: Desde a 4^a série? Antes você acha que você não tinha? *(O aluno afirma com a cabeça.)*

O que aconteceu na 4^a série?

Aluno: As coisas “ficou” “mai”... Fora do processo.

Professora: Pode falar, não precisa ter vergonha de falar, é o que eu preciso, que você fale para mim. Por isso eu escolhi alunos que tem dificuldade, e que eu acho que podem me ajudar na pesquisa.

O que aconteceu na 4^a série que ficou mais difícil?

Aluno: Ah, não sei.

Professora: De todas as séries, você acha que 4ª foi mais difícil? *(O aluno afirma com a cabeça.)*

Professora: E na 5ª série, o que você achou difícil?

Aluno: “Poca” coisa.

Professora: O que você achou quando você reprovou?

(Se estabelecesse 3 minutos de silêncio e continua desenhando.)

Se você quiser passar para o próximo desenho, a gente passa.

Você acha que essa sua dificuldade de aprender faz você querer faltar da escola?

(Silêncio e continua desenhando.)

Qual a aula que você sente que é mais difícil?

Aluno: Ciências.

Professora: O que você sente mais dificuldade?

Aluno: É que eu não presto atenção direito, né. Aí eu não consigo aprender.

Professora: No que você fica pensando, que você não presta atenção?

Aluno: Em nada.

Professora: Nada em especial? O que você mais gosta na escola?

Aluno: Quase tudo né.

Professora: Mas qual a parte, assim, que vale a pena vir à escola?

Aluno: Os amigos.

Professora: Os amigos? Você tem muitos amigos?

Aluno: Tenho.

Professora: Podemos passar para o outro desenho? Mas, me explica esse desenho que você fez.

Aluno: Fiz o portão ali, a árvore no cantinho, o sol e as “nuvem”.

Professora: Esses aqui são...

Aluno: Os passarinhos.

Professora: E as crianças entrando na escola.

Aluno: É.

Professora: Eu queria que você desenhasse como que é a sua casa. Quem mora com você?

Aluno: Eu, meu pai, minha mãe, e dois “irmão”.

Professora: Esse irmão, que é dono da tapeçaria, mora junto ou não?

Aluno: Não.

Professora: Ele é casado? Vocês são quatro? *(O aluno afirma que sim.)* Você é o mais novo?
(O aluno afirma que sim.)

Professora: Seus irmãos tinham dificuldade também na escola, ou não?

Aluno: Não.

Professora: Ano que vem você vai estudar aonde?

Aluno: No Luiz Martini.

Professora: Você vai estudar de manhã ou de noite?

Aluno: Acho que a noite “memo”.

Professora: Seu pai trabalha fora?

Aluno: Trabalha.

Professora: Sua mãe também?

Aluno: Não.

Professora: Você tem livros na sua casa?

Aluno: Tenho.

Professora: Onde eles ficam?

Aluno: No guarda-roupa.

Professora: No seu guarda-roupa?

(O aluno afirma com a cabeça.)

Você pega eles para ler? *(O aluno nega.)*

Nunca? Você não gosta de ler? Alguém na sua casa gosta de ler?

Aluno: Minha mãe.

Professora: O que ela gosta de ler?

Aluno: Tem uns “livro” lá, não sei qual que é.

Professora: Mais ninguém na tua casa lê?

(Silêncio.)

Você dorme sozinho no seu quarto, ou você divide?

Aluno: Divido com meu irmão.

Professora: Quantos quartos têm na sua casa?

Aluno: Três.

Professora: Um para seu pai com a sua mãe, um seu e do seu irmão, e o outro?

Aluno: Do outro irmão.

Professora: Mas não são três irmãos?

Aluno: Um é casado.

Professora: Vocês são quatro, então? E quando você resolve faltar da escola, sua mãe fala o quê?

Aluno: Ela fica brava.

Professora: Mas não tem jeito, o dia que você fala que você não vai vir, você não vem mesmo?

O que ela fala para você?

Aluno: Fala que eu tenho que “vim”, senão vou ficar repetindo.

Professora: Com quem você conversa mais na sua casa?

Aluno: Com meu irmão.

Professora: O da tapeçaria ou outro?

Aluno: O que dorme comigo.

Professora: Isso aqui é a antena?

(O aluno afirma que sim.)

Quando você era pequeno, você se lembra de alguém lendo na sua casa, com algum livro aberto? *(O aluno diz que não.)* Nem jornal? Na sua casa não tem jornal? Ninguém compra? Não tem nada que você goste de ler?

Aluno: Não.

Professora: Você sai à noite na rua da sua casa?

Aluno: Saio.

Professora: O muro é cinza?

(O aluno afirma que sim.)

Você falou que desde a 4ª série você tem dificuldade, né? Quando você tinha dificuldade, você chegava em casa pedia ajuda para alguém, já que você tem três irmãos?

Aluno: Não pedia, tinha vergonha.

Professora: E para sua mãe. Você também não pedia?

Você sentia vergonha também?

Por que você se sente envergonhado?

Aluno: Não sei.

Professora: Você acha que esse é o motivo de seus problemas aqui na escola, que você tem vergonha de perguntar quando você não entende? *(Silêncio)*

O que você acha que vai acontecer se você perguntar?

Aluno: Não sei.

Professora: Seu portão é marrom? Vocês moram em casa alugada, ou casa própria?

Aluno: Alugada.

Professora: Faz tempo que você mora nessa casa?

Aluno: Uns quatro anos.

Professora: Antes você morava onde?

Aluno: Ali no Jardim Novo.

Professora: Por que vocês mudaram de lá?

Aluno: Não sei.

Professora: A rua que você mora é tranquila?

Aluno: É.

Professora: Qual a aula que você gosta mais, aqui na escola?

Aluno: De Artes.

Professora: O que você faz na rua da sua casa?

Aluno: Ah, eu chamo uns “amigo” meu lá e a gente fica sentado.

Professora: Você conversa bastante, ou você ouve mais? Você não é muito de falar não, né?

Aluno: Não.

Professora: Você fica mais ouvindo? Quais são os assuntos que eles falam na rua?

Aluno: De tudo.

Professora: Eles têm mais ou menos a mesma idade que você?

Aluno: Tem.

Professora: Sua casa é verde e azul, assim?

Aluno: Acho que é, aqui assim dos “lado” é assim...

Professora: Verde? É que você escolheu as mesmas cores que você pintou a escola, tem algum motivo? *(O aluno afirma que não.)* Não?

No que você sente mais dificuldade na aula de Matemática?

Aluno: Não sei.

Professora: Tem árvore no quintal da sua casa, ou é árvore da rua?

Aluno: É árvore da rua.

Professora: Quando você fazia o reforço aqui, o que era pior?

Aluno: Nada.

Professora: Você se sentia mal de ter que vir no reforço?

Aluno: Não.

Professora: Não? Você faltava muito no reforço?

Aluno: De vez em quando.

Professora: É?

Você quer colocar mais alguma coisa aqui?

(O aluno diz que não com a cabeça.)

Então, explica para mim o desenho.

Aluno: Aqui é o muro, o portão, a árvore, a antena e a casa.

Professora: Aqui é a sala ou o quarto?

Aluno: É o quarto.

Professora: E aqui?

Aluno: É a porta da sala.

Professora: Você estuda na sua casa?

Aluno: Não.

Professora: Não tem nenhum lugar na sua casa, nem um horário que você pega para estudar?

Qual foi a última vez que você estudou?

Você se lembra qual livro você leu?

Aluno: Não.

Professora: Lição de casa?

Aluno: Lição de casa, tem “vez” que eu faço.

Professora: Aí você faz aonde?

Aluno: Na sala.

Professora: Como que é a sala? Desenha para mim.

Você lembra qual foi a última vez que você fez lição de casa?

Aluno: Foi antes de ontem.

Professora: Que lição você fez?

Aluno: De Matemática.

Professora: O que tinha que fazer?

Aluno: Era para fazer umas continhas lá.

Professora: Dessas continhas, qual você acha difícil?

Aluno: Quase todas.

Professora: O que você não acha difícil na Matemática?

Aluno: Ah, não sei.

Professora: Tudo é difícil? Por que você escolhe fazer lição na sala?

Aluno: Porque é mais fácil sentar no sofá.

Professora: É? Sentado numa mesa não seria mais fácil?

Tem alguma mesa na sua casa que você possa sentar e estudar?

Aluno: Tem.

Professora: Que mesa que é?

Aluno: Lá na sala de copa.

Professora: É uma mesa que ninguém usa?

Aluno: É.

Professora: Você prefere sentar na sala, porque já liga a televisão também?

Aluno: É.

Professora: Ah...

O que é isso?

Aluno: O sofá.

Professora: É vermelho? O tapete da sua casa é preto?

Aluno: Não, eu que pintei de preto.

Professora: Que cor que ele é?

Aluno: Meio marronzinho.

Professora: E isso aqui?

Aluno: É a estante.

Professora: Por que você escolheu pintar ele de preto?

Aluno: Não sei.

Professora: O que você mais responde para mim é ‘não sei’ você já reparou? (*Risos.*)

E isso aí o que é?

Aluno: A porta.

Professora: E isso aqui?

Aluno: A televisão.

Professora: Isso aqui é uma mesinha?

Aluno: É.

Professora: E o que tem no meio da mesinha?

Aluno: Caderno.

Professora: Esse caderno é seu? (*O aluno afirma que sim.*) Não quer colocar mais nada? Tem algum lugar na sua casa que você se diverte?

Aluno: Não.

Professora: Não. Onde você se diverte?

Aluno: Na frente da minha casa com os amigos.

Professora: Então desenha para mim.

Dentro de casa não tem nenhum lugar? Nem assistindo televisão?

(*O aluno diz que não.*)

Você tem computador na sua casa?

Aluno: Tenho.

Professora: Tem internet?

Aluno: Tem.

Professora: No que você gosta de mexer na internet?

Aluno: No Orkut.

Professora: Mas também não é o lugar onde você mais se diverte?

Aluno: Não.

Professora: Toda noite você fica na rua?

Aluno: Não.

Professora: O que vocês fazem na rua?

Aluno: Fica conversando.

Professora: Quem que fica aí na frente?

Aluno: Eu e um amigo.

Professora: Só vocês dois?

Esse aqui é quem? E isso daqui?

Aluno: Meu amigo, e a bicicleta.

Professora: A bicicleta dele. Ele não mora perto da sua casa?

Aluno: Não.

Professora: Como que ele chama?

Aluno: Rodrigo.

Professora: Ele já estudou aqui ou não?

Aluno: Não.

Professora: Onde que ele estuda?

Aluno: No Luiz Martini.

Professora: Que série que ele está?

Aluno: Na 8^a também.

Professora: O que é isso aqui?

Aluno: A rua.

Professora: É isso? *(O aluno diz que sim.)*

Então está bom. Na sua casa você não se diverte, só na rua.

Agora eu vou fazer uma pergunta para você, que pode ter diferença ou não, você é quem vai me dizer.

Se eu falar assim: Como você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que fosse?

Podem ser duas coisas diferentes ou não.

Você acha que vai ter diferença ou não, e como que vai ser?

Aluno: Eu acho que vai ter diferença.

Professora: Como você gostaria que ele fosse? Quando você pensa em você daqui alguns anos, você pensa o quê? Você gostaria que acontecesse o que na sua vida?

Aluno: Não sei.

Professora: Você não sonha nada?

E como você acha que vai ser?

Aluno: Também não sei.

Professora: Você não acha nada do seu futuro?

Mas você me disse que acha que vai ter diferença, em que sentido, eu não entendi?

Aluno: Não sei.

Professora: Se você tivesse que desenhar o seu futuro aqui, o que você desenharia?

Aluno: Ah, caminhoneiro.

Professora: Caminhoneiro? Mas, você gostaria de ser caminhoneiro? Você conhece alguém que é caminhoneiro?

Aluno: Meu pai.

Professora: Ah, seu pai é caminhoneiro? Está vendo você não fala?

Ele trabalha com caminhão dele ou de firma?

Aluno: De firma.

Professora: Em qual transportadora?

Aluno: Apolo.

Professora: Ele viaja para onde?

Aluno: Paraná, Santos, São Paulo.

Professora: Ele viaja e fica dias e dias fora, ou ele viaja e volta todos os dias?

Aluno: Fica dias e dias fora.

Professora: Você gostaria de ser caminhoneiro por quê?

Aluno: Eu gosto de viajar.

Professora: Você já foi com ele viajar?

Aluno: Já.

Professora: Para onde você foi?

Aluno: Rio de Janeiro.

Professora: Você não achou muito cansativo? Seu pai não reclama que é muito cansativo, ou não fala nada? Alguma vez na sua vida você sonhou em ser outra coisa?

(O aluno continua desenhando sem responder nada.)

Não? Quando você fizer dezoito anos você já vai tirar carta? Seus irmãos não quiseram ser caminhoneiros? O que eles são?

Aluno: Um trabalha de mecânico, e outro de pintor de casa.

Professora: Então, um é dono de tapeçaria, um é mecânico, e o outro é pintor de casa, e você quer ser caminhoneiro.

Você acha que sua mãe vai gostar de você ser caminhoneiro?

Aluno: Acho que não.

Professora: Por quê?

Aluno: Por ficar muitos dias fora, acidente...

Professora: Que cor que é o caminhão do seu pai?

Aluno: Branco.

Professora: Você quer um caminhão de que cor?

Aluno: Azul.

Professora: Por que você escolheu essa cor?

Aluno: Não sei.

Professora: Não. Você quer trabalhar na Apolo também, ou em outra empresa?

Aluno: Em outra.

Professora: É? Por quê?

Aluno: Não sei também.

Professora: Que outra empresa que tem aqui de transporte?

Aluno: Lotrans.

Professora: E esse seu amigo que você desenhou aqui, quer ser o que?

Aluno: Nunca perguntei pra ele.

Professora: Não? Nunca conversaram sobre isso?

Aluno: Não.

Professora: É isso?

Por que você pintou tudo de azul?

Aluno: É que quase todos os caminhões que passam, a caçamba é azul.

Professora: Ah, é?

Queria que você desenhasse agora como que é a aula de Matemática, para você.

(Se estabelecesse 3 minutos de silêncio.)

Se quiser pegar outro lápis, se este estiver ruim.

(Se estabelecesse 2 minutos de silêncio.)

Aí você está pintando de verde, por quê?

Aluno: É o piso.

Professora: Quer apontar o lápis?

Como que é a aula de Matemática, para você?

Aluno: Ah...

Professora: O que você me diria?

Aluno: Ah, é bom né, “mai”, só tem hora que eu não presto atenção.

Professora: Por que você não presta atenção?

Aluno: Eu converso muito na hora da aula.

Professora: Explica o desenho para mim.

Aluno: Aqui é a lousa, a professora passando lição na lousa, e eu conversando.

Professora: Esse aqui é você, o único diferente. Por que a lousa está em branco, se ela está passando lição? Tem algum motivo?

Aluno: Não.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira explicar aqui?

O que mais você me diz da aula de Matemática? Mais nada: boa, ruim, chata...

Aluno: Ah, boa.

Professora: Agora eu vou pedir para você fazer aqui um desenho de você mesmo, um auto retrato. Você pode fazer só o rosto, ou o corpo todo.

Mais alguma coisa aqui? Aqui você está dando risada, você acha que você é feliz?

Aluno: *(Afirmou)*

Professora: Que mudança poderia te deixar mais feliz?

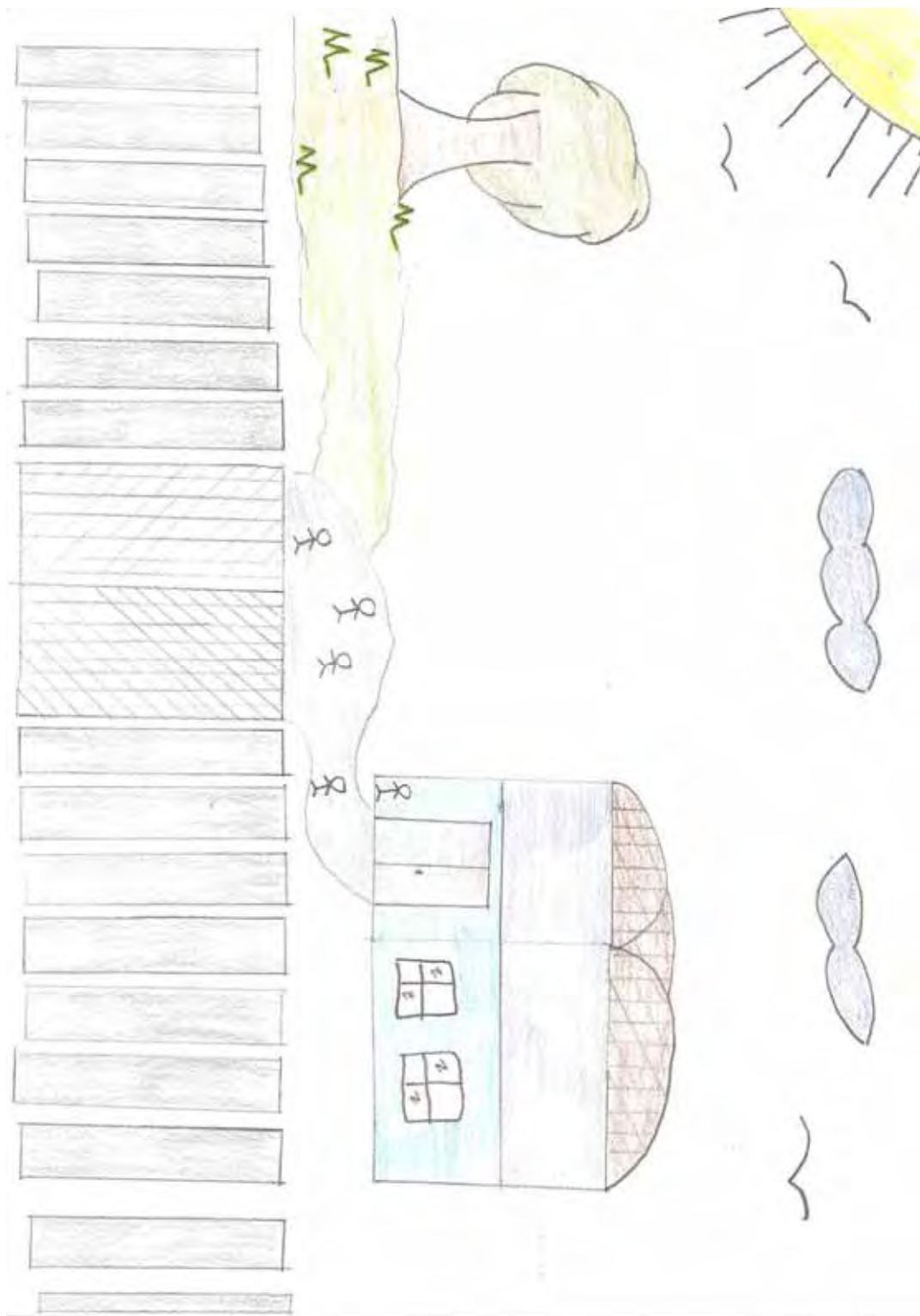
Aluno: Parar de ficar conversando na aula, prestar atenção, aprender mais coisas na escola.

Professora: Você acha que isso te faria mais feliz, ou é o que as pessoas dizem que você precisa fazer?

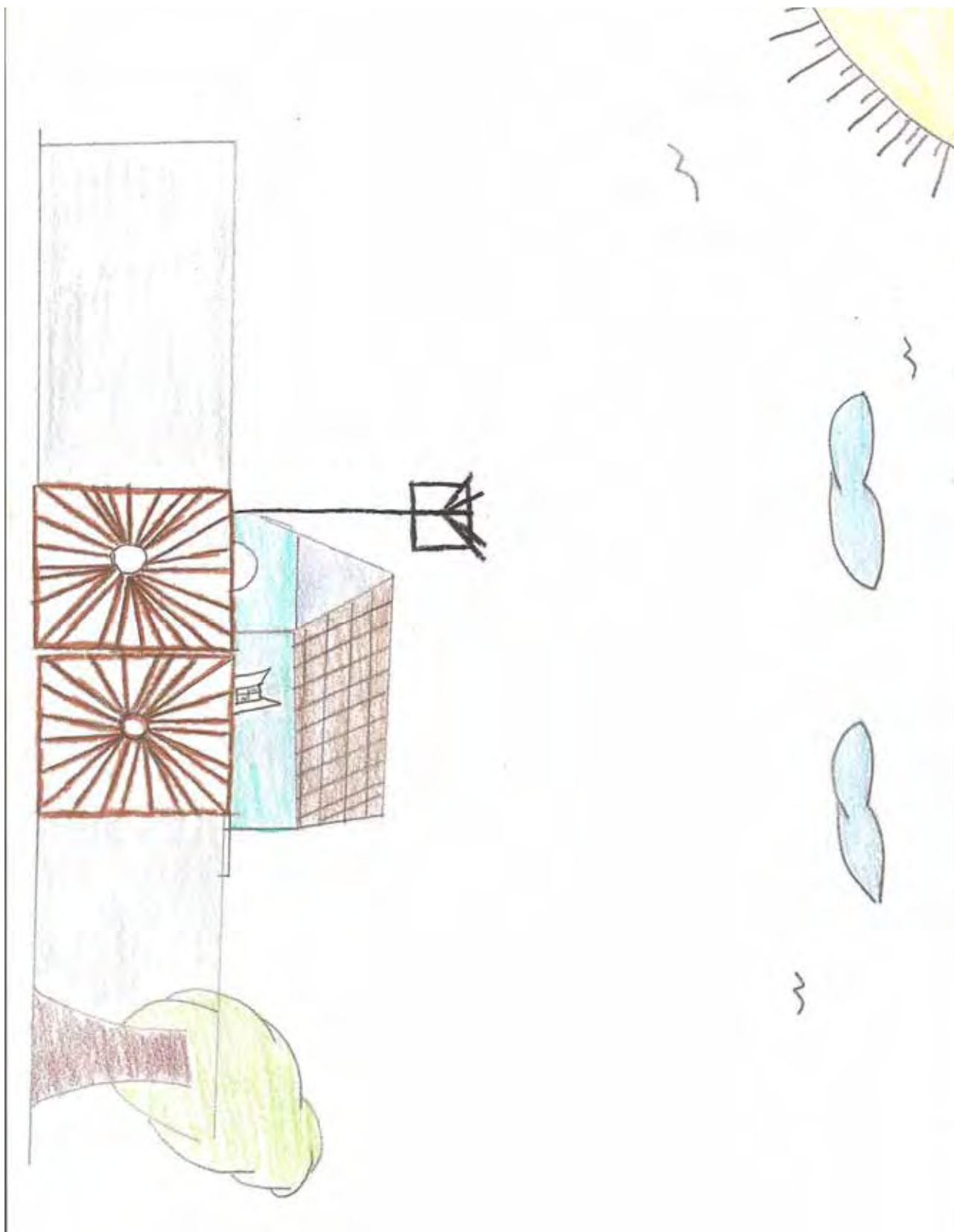
Aluno: Eu ficaria feliz mesmo.

2.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

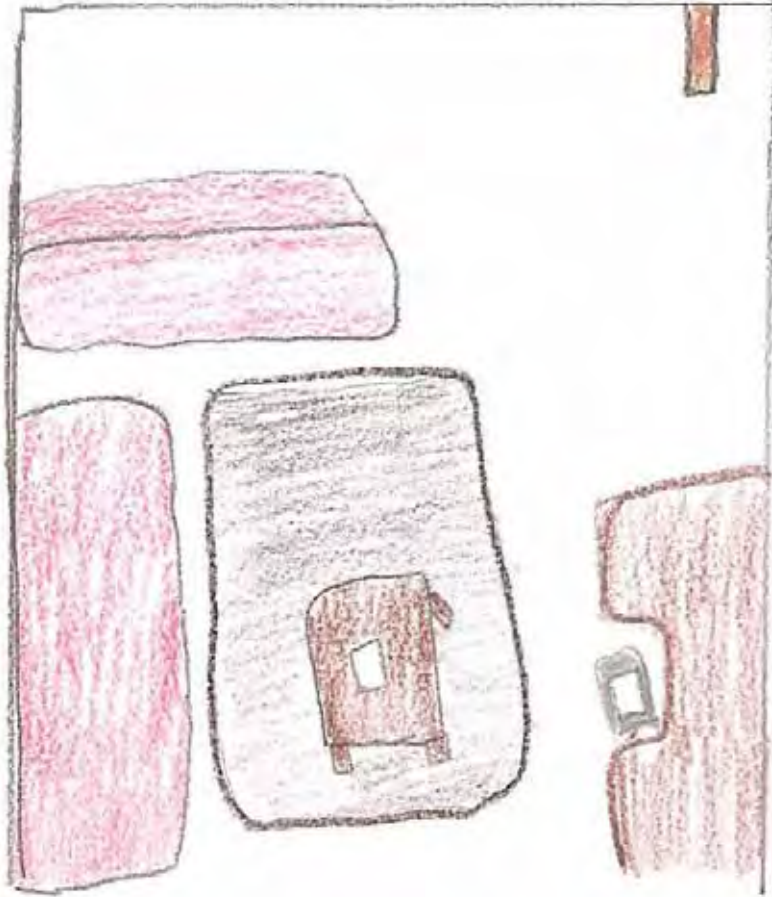
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



3. Como é a sua casa?



4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



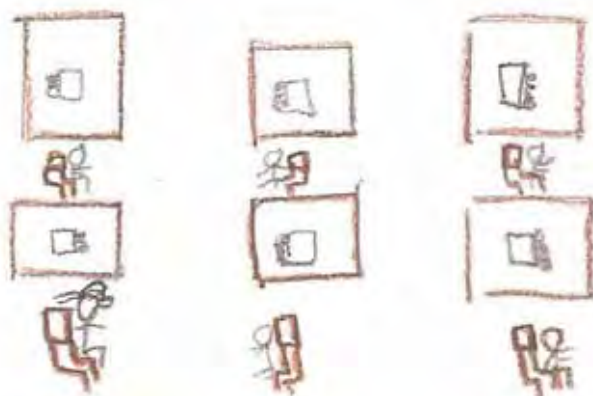
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



2.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Dezesesseis.

Professora: Qual que é sua data de nascimento?

Aluno: 15 de março de 1993.

Professora: Fala para mim o nome dessas figuras?

Aluno: Triângulo...(*tempo*) retângulo...

Professora: E essa aqui?

Aluno: Redondo?

Professora: Você está tendo alguma dificuldade, em alguma matéria da escola? Quais?

Aluno: Matemática.

Professora: Matemática. Tem mais alguma?

Aluno: Português.

Professora: Em qual que você não tem dificuldade?

Aluno: Em História.

Professora: História você acha fácil? Essa dificuldade que você tem em aprender contas, problemas, você tinha antes também? Sempre teve?

Aluno: Tinha.

Professora: Qual que é a dificuldade que você tem hoje em Matemática?

Aluno: Outras contas lá, que começou as “conta” “nova”, de 8^a série, daí eu não consigo entender direito.

Professora: Você pode fazer alguma conta desse tipo, que você não está entendendo?

Tem mais alguma coisa da aula que você pode escrever para mim?

Aluno: Não lembro.

Professora: Você sabe me dizer desde quando você tem dificuldade?

Aluno: Desde a 4^a série.

Professora: Na 1^a, 2^a, 3^a série, você acha que não tinha?

Aluno: Não.

Professora: Você trabalha fora do horário de aula?

Aluno: Trabalho.

Professora: Que horário?

Aluno: Da uma (13h) as seis (18h).

Professora: Quando você chega em casa você estuda?

Aluno: Não.

Professora: Você já estudou Matemática em casa alguma vez?

Aluno: Já.

Professora: E como você estudava? (*Silêncio.*)

Hoje você não estuda?

Aluno: Não.

Professora: Mesmo essas contas que você tem dificuldade, você não pede ajuda para ninguém?

Aluno: Não.

Professora: E como você estudava?

Aluno: Eu pegava a tabuada, ficava fazendo umas continhas lá, e fazia umas continhas no caderno e tentava resolver.

Professora: Faz essas continhas aqui para mim, por favor.

E esse probleminhas aqui, você pode resolver?

Aluno: Copiar eles aqui?

Professora: Não. Para você ler, e ver como você pode resolver, esses dois.

Você resolveu o problema. O que você entendeu dele?

Pode ser sincero, o que você entendeu?

Aluno: Que o orfanato ganhou 600 “cobertor”, e que tinha que dividir por três orfanatos, aí eu fiz...

Professora: Você fez na cabeça, não precisou fazer no lápis não? E esse aqui também você fez, e já colocou resposta. Você fez de cabeça?

Aluno: Ah, eu fiz uma conta aqui, não sei se “tá” certo.

Professora: Eu quis dizer que você achou que não precisou escrever nada, você fez mentalmente, certo?

Agora nessa folha aqui, fala para mim o nome dessas figuras.

Aluno: Triângulo, retângulo e redondo?

Professora: Você pode fazer essas continhas aqui?

Nossa que cheiro bom de comida, o que teve de merenda hoje?

Aluno: Arroz, feijão, e salada.

Professora: Você come aqui na escola ou não?

Aluno: Não.

Professora: Você não tem fome nesse horário?

Aluno: De vez em quando só.

Professora: Certinho, só isso. Obrigada!

2.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

The image shows handwritten solutions for the four problems. Problem (a) is an addition: $237 + 131 = 368$. Problem (b) is a subtraction: $296 - 184 = 112$. Problem (c) is a multiplication: $53 \times 4 = 202$. Problem (d) is a division: $612 : 3 = 331$. The calculations are written in a clear, legible hand.

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

The image shows a handwritten response: $\left\{ \left[\frac{0,24}{1} \right] \right\} =$. This appears to be a student's attempt to represent a fraction or decimal value.

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

Cada camiseta irá receber 206
calções

Ela tinha no início 479
Reais

11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

The image shows four handwritten mathematical problems and their solutions, grouped by a large right-facing curly bracket. Problem (a) is an addition: $237 + 131 = 368$. Problem (b) is a subtraction: $296 - 184 = 112$. Problem (c) is a multiplication: $53 \times 4 = 202$. Problem (d) is a division: $612 : 3 = 332$.

2.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno

Professora: Qual a idade da senhora?

Mãe do Aluno: Quarenta e dois anos.

Professora: Qual a data do nascimento?

Mãe do Aluno: Nove de novembro de 1966.

Professora: Onde a senhora nasceu?

Mãe do Aluno: Belo Horizonte.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê no Cândido em relação à aprendizagem?

Mãe do Aluno: Eu vou ser bem sincera com você, eu não ando acompanhando.

Professora: E assim, quando ele criança, quando ele era pequeno...

Mãe do Aluno: Ele nunca gostou de ir pra escola, desde o pré, nunca gostou, era a maior dificuldade trazer ele pra escola, no “prézinho”. Era maior dificuldade trazer ele pra escola desde pequenininho.

Professora: Na leitura, na escrita, ele teve dificuldade quando ele era pequeno? A senhora lembra?

Mãe do Aluno: Lembro, não foi difícil não.

Professora: A senhora nota que as dificuldades dele surgiram em qual série?

Mãe do Aluno: Sempre, desde pequeno.

Professora: Nunca ele foi um bom aluno?

Mãe do Aluno: Nunca foi.

Professora: Ele costuma estudar em casa?

Mãe do Aluno: Não, eu falo pra ele, ele não obedece, eu falo, dou conselho, explico, tento falar, aí ele fala que eu “tô” falando demais.

Professora: Quantas pessoas moram na casa da senhora?

Mãe do Aluno: Cinco.

Professora: A senhora, o seu marido, o Cândido...

Mãe do Aluno: E mais dois filhos.

Professora: A senhora tem três ou quatro filhos?

Mãe do Aluno: Quatro filhos, um está em Belo Horizonte.

Professora: A senhora nasceu lá?

Mãe do Aluno: Nasci.

Professora: A senhora veio morar aqui faz tempo?

Mãe do Aluno: Faz vinte anos.

Professora: A senhora veio direto para essa cidade?

Mãe do Aluno: Direto.

Professora: Se eu pedisse para senhora desenhar a escola, pode ser um desenho bem simples mesmo, como que a senhora desenharia?

Professora: Eu vi que a senhora tem uma tatuagem do Cândido aqui?

Mãe do Aluno: Não é dele. É do meu irmão que desapareceu faz dez anos.

Professora: É o mesmo nome?

Mãe do Aluno: É o mesmo nome do meu vô, do meu pai, da minha mãe, e daí pois no Cândido também.

Professora: Em casa ele costuma fazer lição de casa?

Mãe do Aluno: Na 2ª, 3ª série ele fazia, mas agora não faz mais.

Professora: Quando ele costumava fazer, ele fazia onde?

Mãe do Aluno: Na sala, assistindo televisão e fazendo.

Professora: Deixava a televisão ligada e fazia?

Mãe do Aluno: E fazia.

Professora: Ele fazia onde na sala?

Mãe do Aluno: Sentado no sofá, e punha uma mesinha.

Professora: Como que é o dia dele? Ele vem para escola...

Mãe do Aluno: Ele vai pra escola quando quer.

Professora: Ele falta bastante.

Mãe do Aluno: Ele falta bastante, eu falo pra ele vir pra escola, quando ele era pequenininho eu arrastava ele pra escola, a minha obrigação de quando ele era pequenininho eu fiz, agora ele sabe muito bem o que ele “tá” fazendo, ele tem o exemplo do meu irmão, o rumo errado que ele tomou, ele “tá” vendo o exemplo de todo mundo que “tá ino” pro mau caminho. Ele não “tá ino” pro mau caminho? Lógico que não, mas ele já “tá” prevenido. Na parte da tarde ele trabalha com o irmão dele, irmão por parte do pai. Sai seis, sete horas, fica mexendo no computador um pouquinho, toma banho e sai com os amigos.

Professora: Ele fica na rua ou sai...

Mãe do Aluno: Sempre vai e volta, vai e volta. No final de semana ele dá uma sumida, mas sempre fala onde “tá”. Uma vez ele levou um susto, meu marido foi atrás dele pra ver se ele “tava” no lugar que ele falou.

Professora: Ele tem muitos amigos?

Mãe do Aluno: Tem alguns.

Professora: É porque a gente vê que ele é um menino bem fechado. Aqui na escola mesmo, para eu ouvir a voz dele, falando uma frase inteira ou falando algo que eu pudesse ouvir mesmo, foi quando eu fiz a entrevista com ele. Em casa ele é também muito fechado ou não? Conversa bastante?

Mãe do Aluno: Conversa, agora que ele sossegou um pouquinho, que ele é bem palhaço.

Professora: Acho que ele é mais fechado aqui na escola.

Mãe do Aluno: Acho que sim.

Professora: Ele faz alguma atividade fora do horário de aula? Algum curso?

Mãe do Aluno: Não, nunca se interessou, a gente fala, meu marido tem maior gosto dele fazer, mais ele não quer.

Professora: Ele vinha fazer reforço aqui na escola né? Só ano passado que não teve. A senhora notava se tinha melhora ou não?

Mãe do Aluno: A mesma coisa.

Professora: A senhora não notou nenhuma diferença?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele ajuda nos serviços domésticos?

Mãe do Aluno: Quando vê eu triste.

Professora: O que ele costuma fazer?

Mãe do Aluno: Junta as coisas pra mim, dobra roupa, varre a casa, limpa, ajuda a cuidar dos cachorrinhos meu, mas só quando eu “tô” triste, que eu tive depressão, e tive uma recaída.

Professora: Quando a senhora está mal aí ele ajuda?

Mãe do Aluno: Nunca mais também eu fiquei do jeito que eu “tava”, mas eu cheguei num ponto de não querer tomar banho, não querer conversar, não comia nada, tinha que ir direto no hospital tomar injeção na veia de calmante com soro. Então tem vezes que eu tomo bastante calmante... eu falei pro médico que não adianta, que só Deus pra ajudar a tirar meu irmão da cabeça, a gente era muito unido, era carne e unha.

Professora: Desculpa eu estar perguntando, mas teu irmão sumiu faz dez anos?

Mãe do Aluno: Dez anos.

Professora: E aí depois que seu irmão sumiu que a senhora ficou com depressão?

Mãe do Aluno: É foi, foi vindo pros meus pensamentos desde quando meu filho Washington começou a andar com más companhias, e fiquei com medo de acontecer o mesmo que aconteceu com meu irmão, agora o Washington já acalmou, tomou bastante juízo mesmo, depois que quebrou bastante a cara, porque nossa, eu nunca bati nos meus filhos, e os outros batia nele.

Professora: Esse é o filho da senhora?

Mãe do Aluno: É.

Professora: Ele é o mais velho?

Mãe do Aluno: Não, ele é o segundo, é antes do Cândido. Aí foi juntando tudo, aí onde eu fui parar na cama, não foi só por causa do meu irmão. Principalmente nas épocas comemorativas, pra mim era a maior tristeza, de todas as épocas, só a páscoa que eu gosto, que eu consigo comemorar um pouquinho, as outras pra mim é a maior tristeza.

Professora: O seu irmão sumiu?

Mãe do Aluno: Desapareceu, começou a se envolver com drogas, essas coisas, essa era a minha preocupação com os meus filhos. O que mora no Belo Horizonte “tá” no caminho certo, um é mecânico, o Washington pelo jeito quer mexer com pintura, só o Cândido que não quer estudar, ele fica lá trabalhando com o irmão dele, eu falei pra ele que já que não quer estudar,

pelo menos aprenda alguma profissão, lá com o irmão ele fica com o pano lustrando, varrendo, limpando, eu falo que isso não vai levar ele a nada, que em dois meses ele aprende e ajuda o irmão a reformar os carros.

Professora: O que o Cândido mais gosta de fazer quando não está na escola?

Mãe do Aluno: Ele gostava muito de ficar na Lan House, mas agora meu marido pôs internet em casa, conseguimos segurar ele um pouquinho em casa.

Professora: Em casa, ele tem alguma dificuldade de relacionamento com os irmão, com a senhora...

Mãe do Aluno: Não, ele é um palhaço.

Professora: Ele não é muito fechado?

Mãe do Aluno: Não, é estranho a senhora falar que ele é fechado.

Professora: Aqui a gente não ouve a voz dele. Eu estava entrevistando ele, ele só falava 'não sei. Ele parece um menino muito tímido, muito fechado aqui na escola. Ele costuma ajudar financeiramente em casa?

Mãe do Aluno: Ele ganha bem pouquinho, de vez em quando ele ajuda.

Professora: Não tem nenhuma conta que seja dele?

Mãe do Aluno: Meu marido fala, mas só o mais velho que contribui, e o Washington às vezes, quando vê que a coisa "tá" pegando.

Professora: Se eu pedisse para senhora desenhar o Cândido lá no serviço dele, como que a senhora desenharia? Pode ser um desenho bem simples, a senhora não precisa se preocupar de estar bonito, feio, reto ou torto.

Ele gosta de ler ou não? Tem livros na casa da senhora?

Mãe do Aluno: Não, eu gosto de ler. Eu leio.

Professora: A senhora gosta de ler o quê?

Mãe do Aluno: Eu sou católica, mas gosto muito de ler Chico Xavier.

Professora: Ele vê a senhora lendo e se interessa, ou nunca se interessou?

Mãe do Aluno: Nunca se interessou.

Professora: O marido da senhora gosta de ler...

Mãe do Aluno: Não tem tempo. Ele trabalha muito.

Professora: O marido da senhora é caminhoneiro né?

Mãe do Aluno: É caminhoneiro, por isso o Cândido se aproveita mais da situação. Ele fica lá parado, bom, às vezes que eu fui lá foi isso que eu percebi, o irmão dele disse que paga o Cândido pra ficar olhando ele, mas ele faz o serviço dele.

Professora: Esse irmão é por parte do pai?

Mãe do Aluno: Irmão só por parte do pai.

Professora: Ele é bem mais velho?

Mãe do Aluno: Bem mais velho, ele tem vinte cinco, ou vinte e seis anos.

Professora: A senhora acha que tem algum fato ou acontecimento que possa ter prejudicado ele?

Mãe do Aluno: Se aconteceu alguma coisa, por exemplo, em casa?

Professora: É no sentido assim, às vezes alguma perda, como a criança perder a mãe, ou a criança sofreu algum trauma na infância, aí possa ter prejudicado.

Mãe do Aluno: Não, simplesmente foi a minha depressão.

Professora: A senhora acha que a depressão da senhora atingiu muito mais o Cândido do que os outros filhos ou não?

Mãe do Aluno: Não, todo mundo. Eu ajoelhava no chão, eu não conseguia fazer comida, eles compravam pão, marmitex, eles se viravam, parecia que eu ficava mais nervosa que eu queria fazer minhas coisas, mas não conseguia fazer, tinha dia que eu ajoelhava e pedia pra Deus alguma coisa que eu podia fazer.

Professora: O Cândido já tomou algum medicamento constante?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele já fez algum tratamento com psicólogo?

Mãe do Aluno: Já, a escola pediu uma vez, eu levei e ele fez, a psicóloga achou que ele “tava” muito “boa vida”.

Professora: O Cândido tem muita dificuldade de aprendizagem, de escrita. Os outros filhos da senhora tiveram esse mesmo problema ?

Mãe do Aluno: A dificuldade não, mas só o mais velho meu que estudou tudo, estudou até o 3º colegial, ele tem um estúdio de tatuagem em Belo Horizonte.

Professora: Eu queria que a Senhora desenhasse aqui para mim, como que a senhora vê o Cândido, pode ser só o rosto ou o corpo todo. Como que a Senhora vê ele?

Mãe do Aluno: Eu gostaria de fazer ele um pouco sônico.

Professora: A senhora acha que ele é cínico?

Mãe do Aluno: Acho, ele é falso.

Professora: Por que a senhora diz isso?

Mãe do Aluno: Porque sim, porque... Como que eu falo pra você... a mesma hora que ele é uma coisa ele é outra, de repente ele se transforma.

Professora: Ele sempre foi assim, ou a senhora acha que é a adolescência?

Mãe do Aluno: A adolescência.

Professora: Não é fácil, né?

Mãe do Aluno: Não é não, é difícil. É isso, ele com esse sorriso disfarçado.

Professora: É só isso mesmo...o que mais a senhora gostaria de destacar?

Mãe do Aluno:A gente gostaria que ele fizesse faculdade, porque no nosso tempo a gente não conseguiu, tinha que trabalhar na roça, ajudar o pai a mãe, mas mesmo assim a gente ia na escola quando podia.

Professora: Na entrevista que eu fiz com o Cândido, ele disse que queria ser caminhoneiro, como o pai, mas que a senhora não ia gostar de jeito nenhum.

Mãe do Aluno: De jeito nenhum.

Professora: É perigoso demais.

Mãe do Aluno: É perigoso, me dá um aperto, uma tristeza, quando meu marido sai com tempo de chuva.

Professora: É verdade, muito obrigada pela entrevista.

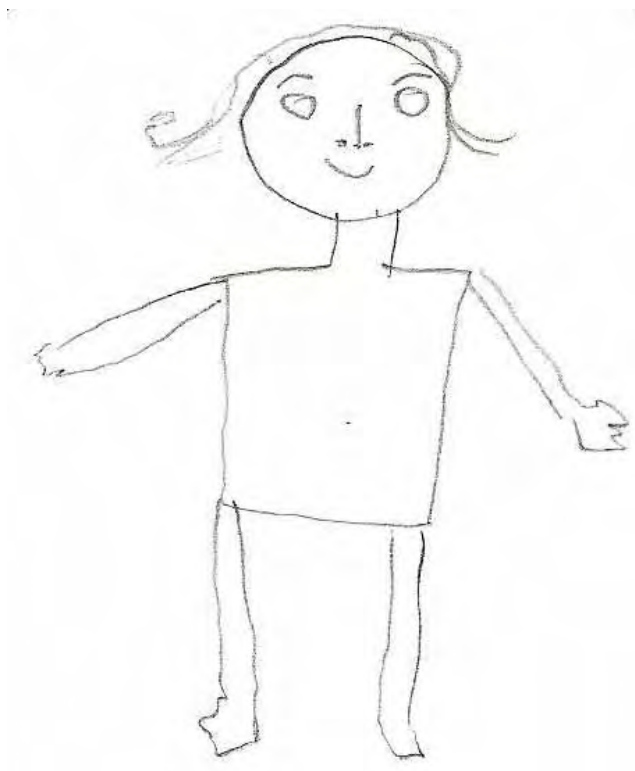
2.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

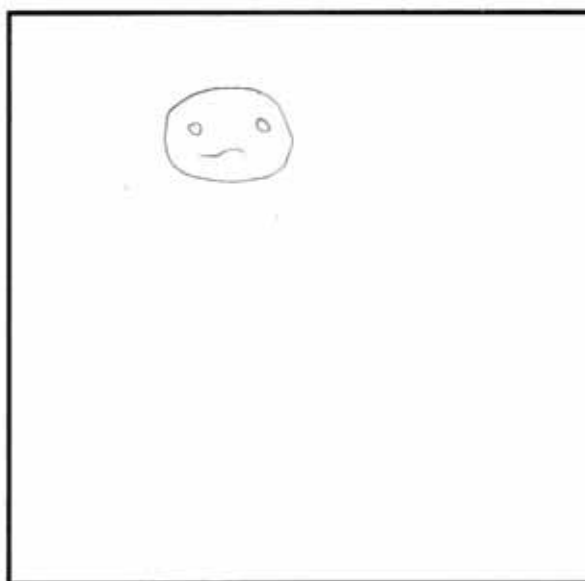


5. Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?



ANEXO III - Bia

3.1 Transcrição da primeira entrevista com a aluna

Professora: Você está na 8ª...

Aluna: D.

Professora: Quantos anos você tem?

Aluna: Treze.

Professora: Você vai fazer quatorze esse ano?

Aluna: Dia 23 de Julho.

Professora: Hoje é dia 16 de Fevereiro.

Então é assim, eu vou pedir para você fazer alguns desenhos, você pode usar o lápis grafite, o lápis normal, ou o lápis de cor, se você quiser.

Você já estudou em outras escolas?

Aluna: Aqui na cidade?

Professora: Não precisamente. Em quantas escolas você estudou?

Aluna: Eu estudei no Maria Júlia Bueno, no Cotem que é uma escola em São Pedro.

Professora: Na cidade de São Pedro?

Aluna: É... e quando eu era criança eu não lembro, quando eu era pequena eu estudei em duas escolas, em uma eu fiz a 1ª e a 2ª, depois a 3ª eu fiz em São Pedro, aí depois eu terminei no Maria Júlia, e depois eu vim pra cá fazer a 5ª.

Professora: Então, como tem diferentes escolas que você estudou, eu queria que você escolhesse uma para você desenhar para mim, não precisa ser um desenho perfeito, um desenho que represente a escola que você estudou.

Aluna: O Cotem.

Professora: Pode desenhar. Se você quiser desenhar com régua, ou se quiser desenhar à mão livre...

Você era daqui?

Aluna: Não eu era de São Paulo.

Professora: Por que você veio para cá?

Aluna: Porque, lá onde a gente morava, em São Pedro, minha mãe “tava” grávida, só que lá não tinha médico, então ela tinha que fazer os exames em Piracicaba, e ficava muito cansativo, aí minha mãe resolveu vir pra cá, que minha “vó” mora aqui, a mãe da minha mãe.

Professora: Lá em São Pedro é cidade turística né?

Aluna: É.

Professora: É né? Nunca fui.

Aluna: Lá tem bastante cachoeira.

Professora: Deve ser bonito lá.

Por que você escolheu desenhar essa escola? Você gostava de lá?

Aluna: Gostava.

Professora: É? O que tinha lá?

Aluna: Tinha cantina, era assim tinha um terreno “pra” baixo que era da escola, e fizeram um campo de futebol, e de sexta-feira reunia todo mundo lá embaixo “pra” gente brincar.

Professora: Era escola pública ou particular?

Aluna: Era pública.

Professora: O que significa Cotem?

Aluna: Nunca soube, nunca falaram.

Professora: Sua avó morava aqui?

Aluna: É minha avó mora aqui.

Professora: E sua mãe era daqui, e foi pra São Paulo?

Aluna: É.

Professora: Você tem quantos irmãos?

Aluna: Três. Mas, um mora aqui, e dois moram com a mãe deles, que é por parte de pai.

Professora: Então seus pais são separados?

Aluna: Não, é por parte de pai, do primeiro casamento do meu pai.

Professora: Então sua mãe é a segunda esposa do seu pai?

Aluna: É. *(Sobre o desenho)* E aqui era o portão de saída.

Professora: Você chegava lá e já via a sala de teatro?

Aluna: É assim, a gente chegava, passava pela sala de teatro, descia, e depois tinha a cantina, e tinha uma escadaria, como se fosse uma casinha, e lá dentro “era” as salas.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira por, ou é só isso?

Aluna: Não, só isso.

Professora: Quando você quiser colocar alguma cor, não precisa pintar o desenho inteiro, pode ser um detalhe, você é quem escolhe.

Desde a 5ª série você estuda aqui, certo? Quando alguma pessoa te pergunta onde você estuda, e você fala que é aqui, qual a primeira imagem que vem na sua cabeça?

Aluna: A frente.

Professora: A frente?

Aluna: É, aqui da diretoria.

Professora: Se eu falar: desenha como é a escola para você, o que você desenharia?

Aluna: A sala de aula.

Professora: Pode ser.

Se você tivesse que desenhar a escola, então você desenharia a sala de aula?

Você estuda aqui desde a 5^a série?

Aluna: É.

Professora: Você já frequentou alguma classe de reforço, de apoio...

Aluna: Já.

Professora: Que classe você frequentou?

Aluna: De Matemática.

Professora: De Matemática? Quem que dava reforço de Matemática?

Aluna: Era... Era uma senhora que dava aula pra 3^a, 4^a série, não lembro o nome dela.

Professora: O que você achava do reforço?

Aluna: Bom.

Professora: Bom? O que você não gostava do reforço?

Aluna: Quando ela brigava com a gente.

Professora: Tinham muitos alunos?

Aluna: Não.

Professora: No que você sente mais dificuldade em Matemática?

Aluna: Em divisão.

Professora: No ano passado, no que você sentiu mais dificuldade em Matemática?

Aluna: Naquelas contas de "x", raiz quadrada.

Professora: O que você acha mais chato na escola?

Aluna: Não tem.

Professora: Qual a aula que você tem mais dificuldade?

Aluna: Matemática.

Professora: Você fazia teatro na escola?

Aluna: Fazia.

Professora: Se pai trabalhava lá?

Aluna: Não, ele trabalhava em São Paulo.

Professora: Seu pai hoje, trabalha aqui ou não?

Aluna: Trabalha em Mogi Mirim.

Professora: Você quer colocar mais alguma coisa?

Aluna: Não.

Professora: Você não colocou nenhum aluno, porque você esqueceu ou porque você se lembra da sala vazia?

Aluna: Coloca aqueles que estão na minha sala?

Professora: Não, é que você não desenhou nenhum aluno, tem algum motivo especial, ou simplesmente por não colocar?

Aluna: Por não colocar.

Professora: Como é a sua casa? Dá para você desenhar para mim?

Aluna: Não sei. Meu quarto?

Professora: É, a sua casa quando você pensa nela, como que você desenharia?

Aluna: A frente.

Professora: Pode ser. Onde você mora?

Aluna: Na Rua Jaguariúna, perto do dentista Paulo.

Professora: Rua Jaguariúna?

Aluna: É, ali em cima perto do posto Ipiranga.

Professora: Ah, sei. Quem mora na sua casa?

Aluna: Eu, meu irmãozinho, minha mãe e meu pai.

Professora: Quantos anos têm seu irmão?

Aluna: Três anos.

Professora: Sua mãe resolveu engravidar do seu irmão quando você tinha onze anos?

Aluna: É.

Professora: Onde seu pai trabalha?

Aluna: No 1º DP.

Professora: Ele é policial?

Aluna: É.

Professora: Sua mãe trabalha fora?

Aluna: Não, ela tinha uma papelaria, aí ela fechou.

Professora: Nas outras matérias você é boa aluna ou não?

Aluna: Em Ciências e Geografia.

Professora: Essas são as matérias em que você vai bem? No que você acha que você tem dificuldade em Matemática, Português?

Aluna: Não sei.

Professora: Isso aqui é uma árvore?

Aluna: É, do vizinho, só que pega no telhado da minha casa. Precisa desenhar o quintal?

Professora: Você que sabe. É muito difícil?

Aluna: É que é de grade.

Professora: Aqui é um portão, e aqui a garagem?

Aluna: É, aqui é a garagem.

Professora: Aqui é o que? A sala?

Aluna: Aqui é o quarto da minha mãe, aqui é o quarto do meu irmão, e aqui atrás é o meu quarto, e a cozinha é mais pra trás, e a lavanderia.

Aqui é a janela, e aqui o jardim.

E minha casa é amarela.

Professora: Faz três anos que você mora nesta casa?

Aluna: Mais ou menos.

Professora: Desde quando você veio de São Pedro?

Aluna: É, eu morei um ano com minha “vó” aqui, e minha mãe ficou em São Paulo.

Professora: Você ficou um ano morando sozinha com sua avó?

Aluna: Morei.

Professora: Por quê?

Aluna: Porque minha mãe e meu pai iam trabalhar lá, e estavam morando na casa da minha outra “vó”, e não tinha com quem eu ficar, porque minha “vó” trabalhava também, então eu tive que ficar aqui com minha “vó”.

Professora: Eles vinham sempre?

Aluna: Não.

Professora: Que ano que você ficou morando aqui com sua avó?

Aluna: Foi quando eu tinha seis anos, estava na primeira série, foi quando eu estudei lá no Alice.

Professora: Lá no Amarelão?

Aluna: É.

Professora: Você acha que o fato de você ter ficado aqui sozinha te atrapalhou na escola?

Aluna: Atrapalhou, porque eu não queria ir pra escola.

Professora: Você fez a 1ª série lá?

Aluna: É a 1ª e a 2ª, a 3ª eu fiz no Cotem, a 4ª eu fiz no Maria Júlia, e a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª eu fiz aqui.

Professora: E morava você e a sua avó, só vocês duas?

Aluna: E o meu “vô”.

Professora: Sua avó tinha dificuldade de te mandar para escola?

Aluna: Ela não deixava eu faltar. Aí eu comecei a ver as meninas ir de ônibus na escola, aí eu quis ir também, aí minha avó teve que começar a pagar ônibus “pra” mim ir na escola, senão eu não ia.

Professora: É?

Você só via seus pais só de vez em quando?

Aluna: É, no meu aniversário, no final de ano...

Professora: Por que eles vinham tão pouco?

Aluna: Não sei.

Professora: Não sabe?

Essa casa que vocês moram é alugada ou é de vocês?

Aluna: É alugada.

Professora: Sua casa aqui é amarela, e a janela é azul e aqui é o telhado, e a árvore do vizinho que acaba caindo na sua casa.

Aluna: É

Professora: Você costuma estudar na sua casa?

Aluna: Estudo.

Professora: Onde você estuda na sua casa?

Aluna: No meu quarto.

Professora: É? Então desenha ele para mim. Você costuma ler na sua casa?

Aluna: Leio.

Professora: O que você gosta ler?

Aluna: Livro de poesia.

Professora: Você pode ir desenhando à vontade, que a gente vai conversando.

Você tem livros no seu quarto?

Aluna: Tenho.

Professora: Esses livros você ganhou, você comprou...

Aluna: Ganhei.

Professora: De quem você ganhou?

Aluna: Eu ganhei... É que quando a gente morava em São Paulo a gente era caseiro de uma escola, a diretora queria que eu estudasse lá, mas minha mãe tinha medo, porque lá era escola de 1ª série ao 3º colegial, aí a diretora me dava livro “pra” mim ler, aí eu aprendi a ler por causa dela, ela me ensinava a ler desde pequena.

Professora: A diretora? Que legal!

Sua mãe não queria que você estudasse lá?

Aluna: Não, porque ela tinha medo.

Professora: Era uma escola violenta?

Aluna: Ah, era.

Professora: É por isso que ela tinha medo?

Aluna: É.

Professora: Quem te ensinou a ler, foi a diretora da escola?

Aluna: Foi.

Professora: Quantos anos você tinha? Você lembra?

Aluna: Tinha cinco, aí depois eu vim “pra” cá morei com minha “vó”.

Professora: Então, a hora em que você estava aprendendo a ler, escrever, se alfabetizar, você veio morar com sua avó?

Aluna: É.

Professora: Você acha que isso te atrapalhou?

Aluna: Pouquinho.

É, eu não estava na escola, mas, ela estava me ajudando.

Aqui é onde eu estudo.

Professora: Quer uma borracha?

Então você tem bastante livro que você ganhou dessa diretora?

Aluna: Tenho.

Professora: Vocês moravam nesta escola?

Aluna: Morava, era caseiro de lá.

Professora: Todos os livros que você tem, você já leu?

Aluna: Não.

Professora: Não?

Aluna: Têm muitos.

Professora: Quem mais lê esses livros que você tem no seu quarto?

Aluna: Minha mãe.

Professora: É? O que ela gosta de ler?

Aluna: Ela gosta de ler... tem muitos, ela já leu a maioria. Tem um armário cheio de livros, um armarinho de madeira cheio de livro também, e tem no meu guarda-roupa.

Professora: A diretora te chamava para você ir à direção?

Aluna: É, eu ficava lá com ela, e ela me ensinava a ler e a escrever.

Ela era a vice-diretora. Às vezes a diretora achava ruim com ela.

Professora: Pelo o que você está me falando você já mudou bastante de casa né?

Aluna: Já mudei bastante de casa.

Professora: Você gosta de mudar?

Aluna: Não.

Professora: Qual foi a pior mudança que você já fez?

Aluna: Quando eu fiquei com minha “vó”.

Professora: Aqui o que é?

Aluna: O tapete.

É só.

Professora: Só? Você quer colocar alguma cor aqui ou não?

Aluna: Não.

Professora: Das casas que você morou essa é a que você mais gosta?

Aluna: É.

Professora: Na sua casa tem algum lugar que você se diverte?

Aluna: No computador.

Professora: Então desenha para mim. Onde fica o computador?

Aluna: Na sala.

Professora: O que você gosta de mexer no computador?

Aluna: Na internet.

Professora: Seu pai gosta de ler também ou não?

Aluna: Não muito, única coisa que ele lê é aqueles livros de... como que fala... de lei, que ele tem bastante.

Professora: Você se dá melhor com o seu pai, ou com sua mãe?

Aluna: Com os dois.

Professora: Na sua casa tem jornal?

Aluna: Não.

Professora: Não? Depois de um ano que você estava morando com sua avó, aí sua mãe veio?

Aluna: É.

Professora: Aí vocês voltaram para sua casa?

Aluna: Não, aí a gente foi pra São Pedro.

Professora: Aí que vocês foram para lá?

Aluna: É.

Professora: De todas as escolas que você estudou qual que você menos gostou?

Aluna: Acho que nenhuma.

Professora: No que você gosta de mexer na internet?

Aluna: Eu gosto de ver foto...

Professora: Você tem Orkut?

Aluna: Tenho, gosto de entrar nos sites.

Professora: Alguém mais mexe no computador, na sua casa?

Aluna: Minha mãe e meu pai.

Professora: No que eles gostam de mexer?

Aluna: No Orkut.

Professora: É? No tempo que você morou com sua avó, ela lia também, tinha livros na casa dela?

Aluna: Tinha.

Professora: Ela trabalhava fora?

Aluna: Não, ela é aposentada. Ela era merendeira do Emei. (*Escola Municipal de Educação Infantil.*)

Professora: Sua mãe gosta de deixar o computador na sala?

Aluna: É.

Professora: Tem algum motivo especial para sua mãe deixar na sala ou não?

Aluna: Não.

Professora: Aqui é o monitor, teclado...

Aluna: As caixinhas de som, a impressora, aqui o sulfite, e aqui “fica” uns CDs. Só.

Professora: Aqui você não quer por mais nada?

Aluna: Não.

Professora: Nenhuma cor?

Aluna: Não.

Professora: Se eu perguntar para você assim, são duas coisas que podem ser diferentes ou não, se eu falo assim pra você: como você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que ele fosse.

O que você vê no seu futuro?

Aluna: Eu não sei como desenhar.

Professora: Então explica para mim, o que você gostaria no seu futuro.

Aluna: Ser produtora de eventos.

Professora: É? Você conhece alguém que seja?

Aluna: Meu tio.

Professora: O que ele faz?

Aluna: Ele organiza festa de famosos, de sertanejo, sabe.

Professora: Por que você gostaria de ser produtora de eventos? Não tem nenhum motivo especial?

Aluna: Por causa do meu tio.

Professora: Você o vê fazendo, o que você acha? Que é legal?

Aluna: Legal.

Professora: Ele ganha muito dinheiro?

Aluna: Deve ganhar.

Professora: É? Então, como que você desenharia...

Você daqui alguns anos sendo produtora de eventos.

Você está na 8ª série, ano que vem você pretende estudar aonde?

Aluna: Não sei.

Professora: Você vai estudar aqui na cidade?

Aluna: É.

Professora: Chega de mudanças né?

Aluna: Chega.

Professora: O que é isso?

Aluna: Jogo de luz.

Professora: Agora eu entendi.

Você gosta de música sertaneja?

Aluna: Não.

Professora: Mas, ele produz sertanejo. Quem que você gostaria de produzir?

Aluna: Não faço idéia nenhuma.

Professora: Seu tio trabalha aqui?

Aluna: Não, em São Pedro.

Professora: Por que você está escolhendo essas cores?

Aluna: Porque são as cores das luzes.

Professora: Você já foi em vários shows que ele produziu?

Aluna: Não.

Professora: Em nenhum?

Aluna: Nenhum.

Professora: Você só sabe do que ele conta?

Aluna: É.

Professora: Você sabe se é fácil, difícil...

Aluna: É difícil.

Professora: Aí o que é?

Aluna: As grades.

Professora: As grades para não chegar ao palco.

Aqui na escola você tem muitos amigos?

Aluna: *(Confirmou.)*

Professora: Você gosta de estudar aqui?

Aluna: Gosto.

Professora: Quantos anos sua mãe tem?

Aluna: Acho que trinta e oito.

Professora: E os irmãos do primeiro casamento, vocês têm contato ou não?

Aluna: Tenho.

Professora: Quantos anos têm o seu pai?

Aluna: Acho que quarenta e três.

Professora: Os outros irmãos são meninos ou meninas?

Aluna: Uma menina e um menino.

Professora: Quantos anos eles têm?

Aluna: Minha irmã tem dezoito e meu irmão vinte e três.

Professora: Eles moram em São Paulo?

Aluna: É.

Professora: O que é isso?

Aluna: A caixa de som.

Acho que é só.

Professora: Só? Eu queria que você desenhasse agora, como que é a aula de Matemática para você.

Pode ser bem sincera.

Aluna: Eu não sei como eu desenho.

(Silêncio de aproximadamente 2min, enquanto ela desenhava.)

Pode ser assim, as carteiras?

Professora: Pode ser. Quem é essa aí?

Aluna: Eu.

Professora: A aula está chata?

Aluna: “Tá”

Professora: Por que você está aqui?

(Em cima do lixo.)

Aluna: (Fez não saber com a cabeça).

Professora: Você desenhou só quatro carteiras para ficar mais fácil?

Aluna: Por que eu tenho quatro amigas.

Professora: Quem seria aqui?

Aluna: A Mara, a Clara, a Ruth, e a Moara.

Professora: Você pintou o cabelo de preto, tem algum motivo?

Aluna: Não.

Professora: A aula de Matemática é chata?

Aluna: É.

Professora: Por que você acha a aula chata?

Aluna: Por que eu não entendo muito.

Professora: É?

Aluna: É.

Professora: O que você sente na aula?

Aluna: Eu não sinto segurança.

Professora: Não sente?

Aluna: Não.

Professora: Você se sente como na aula de Matemática?

Aluna: Acho que eu fico um pouco de medo.

Professora: Medo do quê?

Aluna: Não sei.

Professora: Você sempre sentiu isso?

Aluna: *(Confirmou.)*

Professora: Só na aula de Matemática?

Aluna: Só.

Professora: Você gostava de Matemática?

Aluna: Não.

Professora: Sempre foi assim?

Aluna: Sempre.

Professora: O que mais você pode falar da aula de Matemática para mim. Desses sentimentos em relação à aula?

Aluna: Não sei.

Professora: Você fica viajando na aula, pensando em outras coisas, ou você fica concentrada?

Aluna: Fico concentrada.

Professora: É? E mesmo assim não consegue?

Aluna: Acho que eu tenho medo de errar.

Professora: Se você errar o que você acha que vai acontecer?

Aluna: Ah... Eles vão rir da minha cara.

Professora: Você tem medo da vergonha?

Aluna: É.

Professora: Vergonha? Aí você vai se sentir como, mediante as outras pessoas?

Aluna: Não sei.

Professora: Como que você acha que as outras pessoas te vêem?

Aluna: Acho que é que eu não quero me expor demais.

Professora: Agora eu vou te pedir para fazer um último desenho. Se você errar eu pego outro papel, eu queria que nesse quadrado você fizesse um auto retrato, pode ser só do rosto ou do corpo inteiro, do jeito que você quiser. Vamos supor que você tivesse que se desenhar para uma pessoa que não te conhece, como que seria?

Você acha que você é uma menina insegura?

Aluna: Sou.

Professora: É? Você sempre foi assim?

Aluna: Não.

Professora: Não? Tem alguma época que você se lembre, que você era diferente?

Aluna: Tem, quando eu estudava no Cotem.

Professora: Era diferente?

Aluna: Era.

Professora: Por quê?

Aluna: Não sei, quando eu vim pra cá eu comecei a ter medo das coisas.

Professora: Você tem medo do que?

Aluna: Não sei, acho que eu tenho medo de errar, e todo mundo me apontar.

Professora: E por medo de errar você deixar de fazer as coisas?

Aluna: Às vezes sim.

Professora: Quando você estudava no Cotem você era mais segura?

Aluna: Talvez sim.

Professora: Lá você não tinha medo de errar, ou você errava a mesma coisa só que era diferente?

Aluna: Não, acho que eu não tinha medo de errar.

Professora: Você desenha bem, né?

Alguém já tirou sarro de você na classe, para você ter esse medo todo de errar?

Aluna: Já.

Professora: Quando?

Aluna: Ano passado.

Professora: O que aconteceu?

Aluna: Eles ficavam me xingando.

Professora: Na aula de Matemática?

Aluna: Não, em qualquer aula.

Professora: Por quê?

Aluna: Eu não sei.

Professora: Mas você mexia com eles ou não?

Aluna: Não, porque sentava eu e uma amiga minha, e eu não sei o que acontecia que eles começavam a mexer com a gente, e a gente retrucava tentando se defender, aí eles começavam a xingar a gente.

Professora: Mas não foi por você fazer um exercício, ir na lousa, não teve nada a ver com essas coisas?

Aluna: Não.

Professora: Você pinta o cabelo?

Aluna: Eu pinto.

Professora: Por que você está desenhando o cabelo de preto?

Aluna: Por que ele era preto.

Professora: Ah, entendi. Você está fazendo as luzes no cabelo. Você está se desenhando sem óculos?

Aluna: É.

Professora: Por que você está colocando azul aí?

Aluna: Porque eu gosto de azul.

Professora: Você usa sombra azul, ou só porque você gosta de azul?

Aluna: Porque eu gosto de azul.

Professora: Você usa maquiagem ou não?

Aluna: Eu uso.

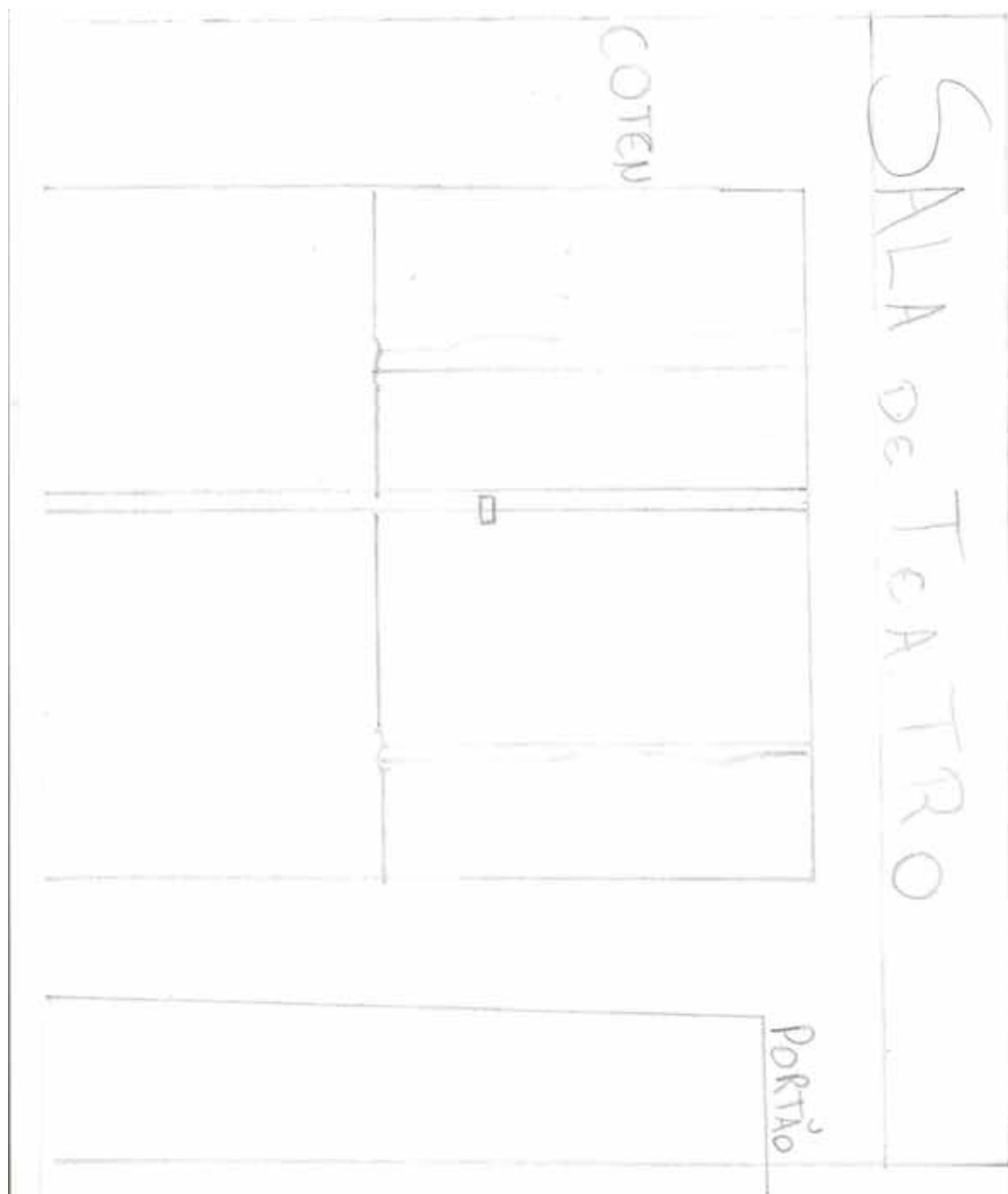
Professora: Certinho?

Aluna: *(Confirmou.)*

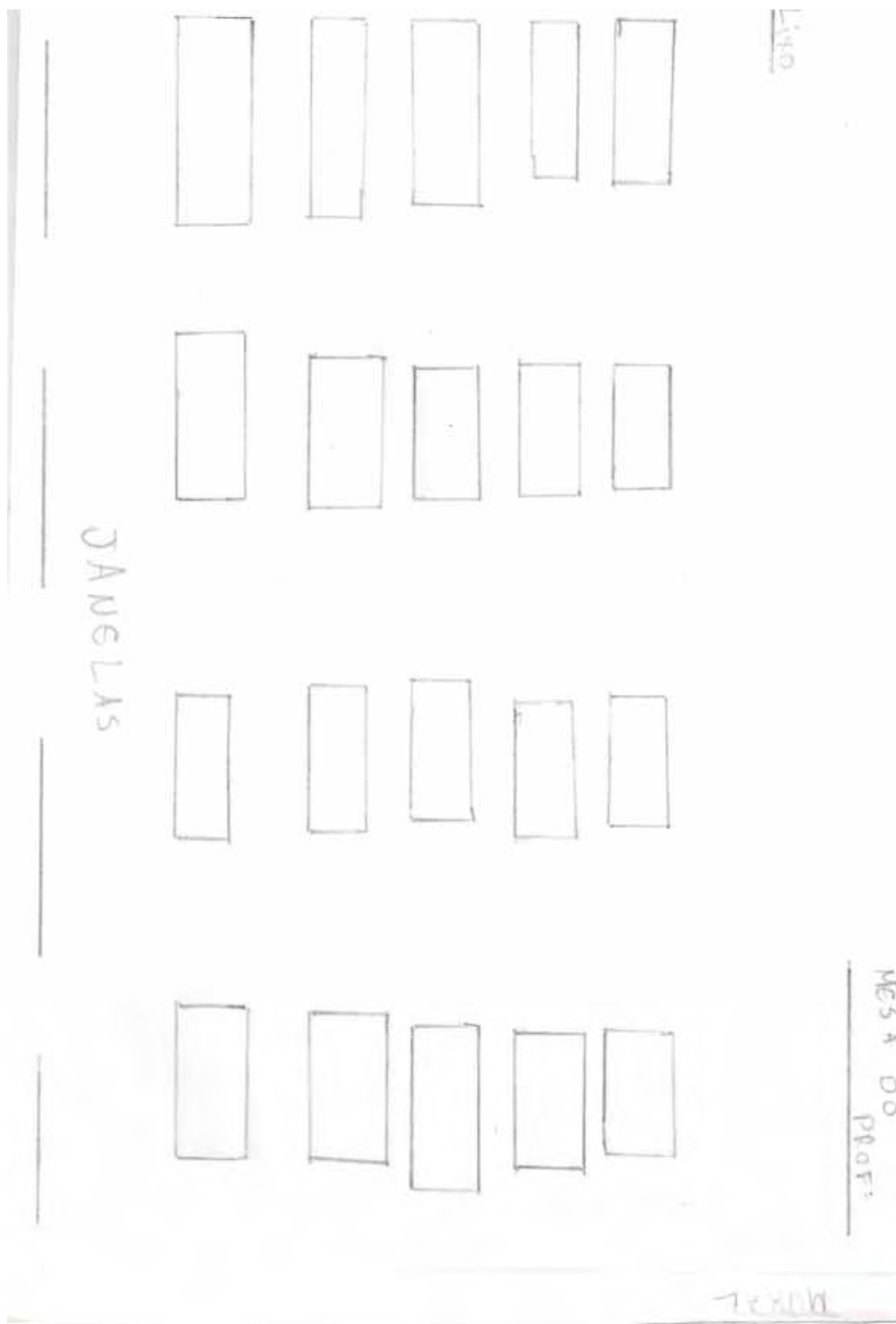
Professora: Então é só isso, se quiser já pode ir. Obrigada!

3.2 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a primeira entrevista:

1. Você estudou em outras escolas?



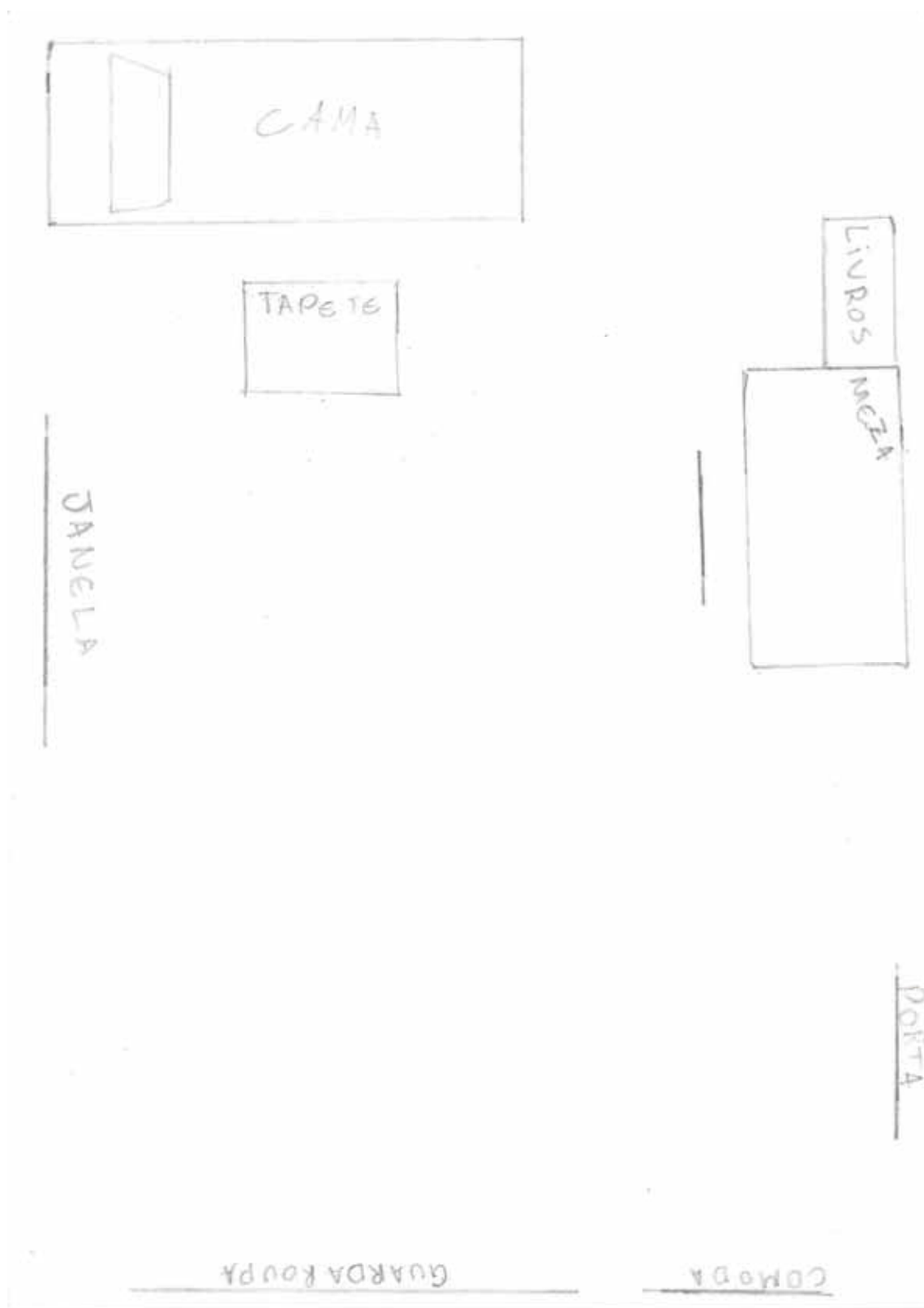
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



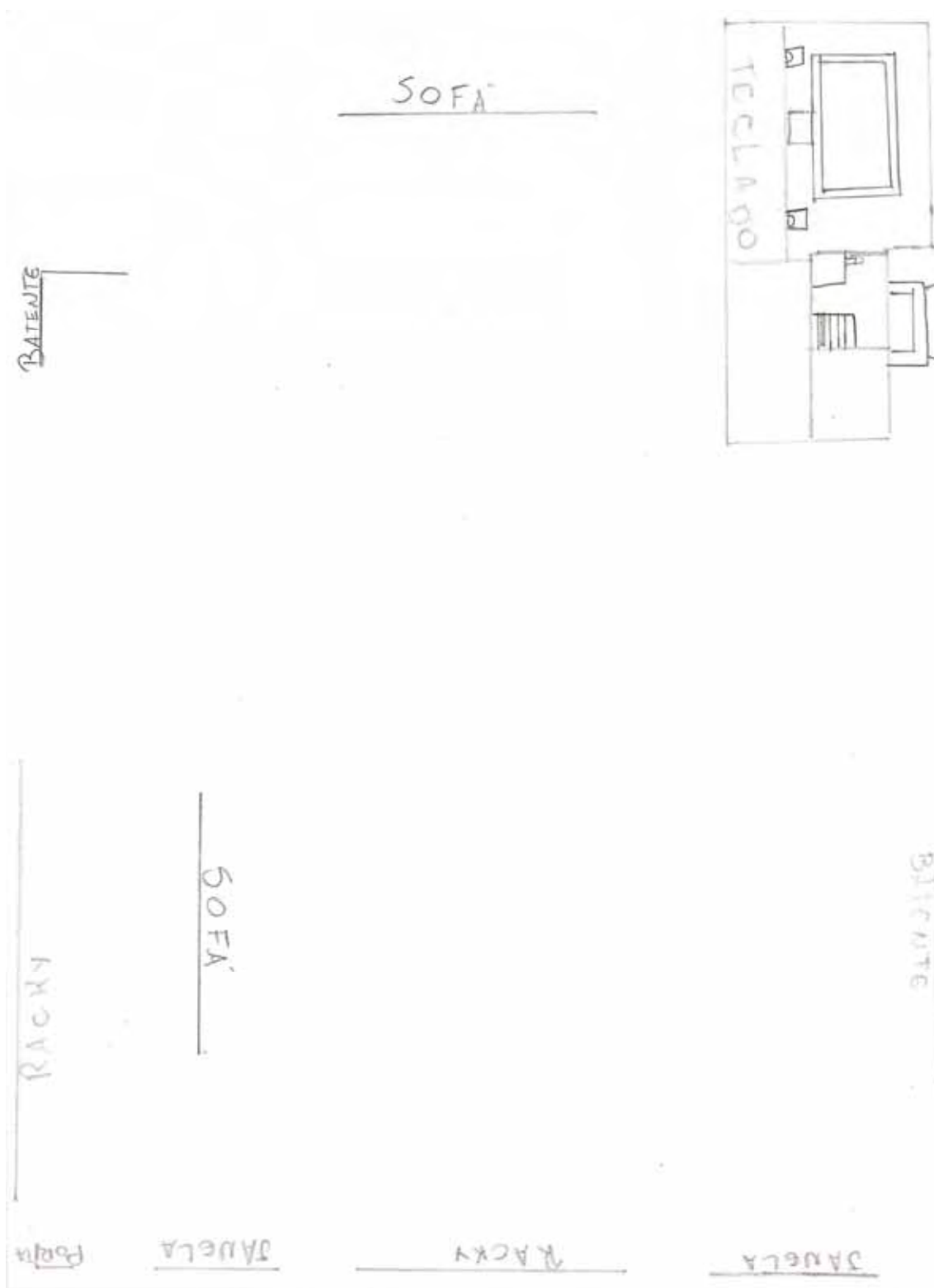
3. Como é a sua casa?



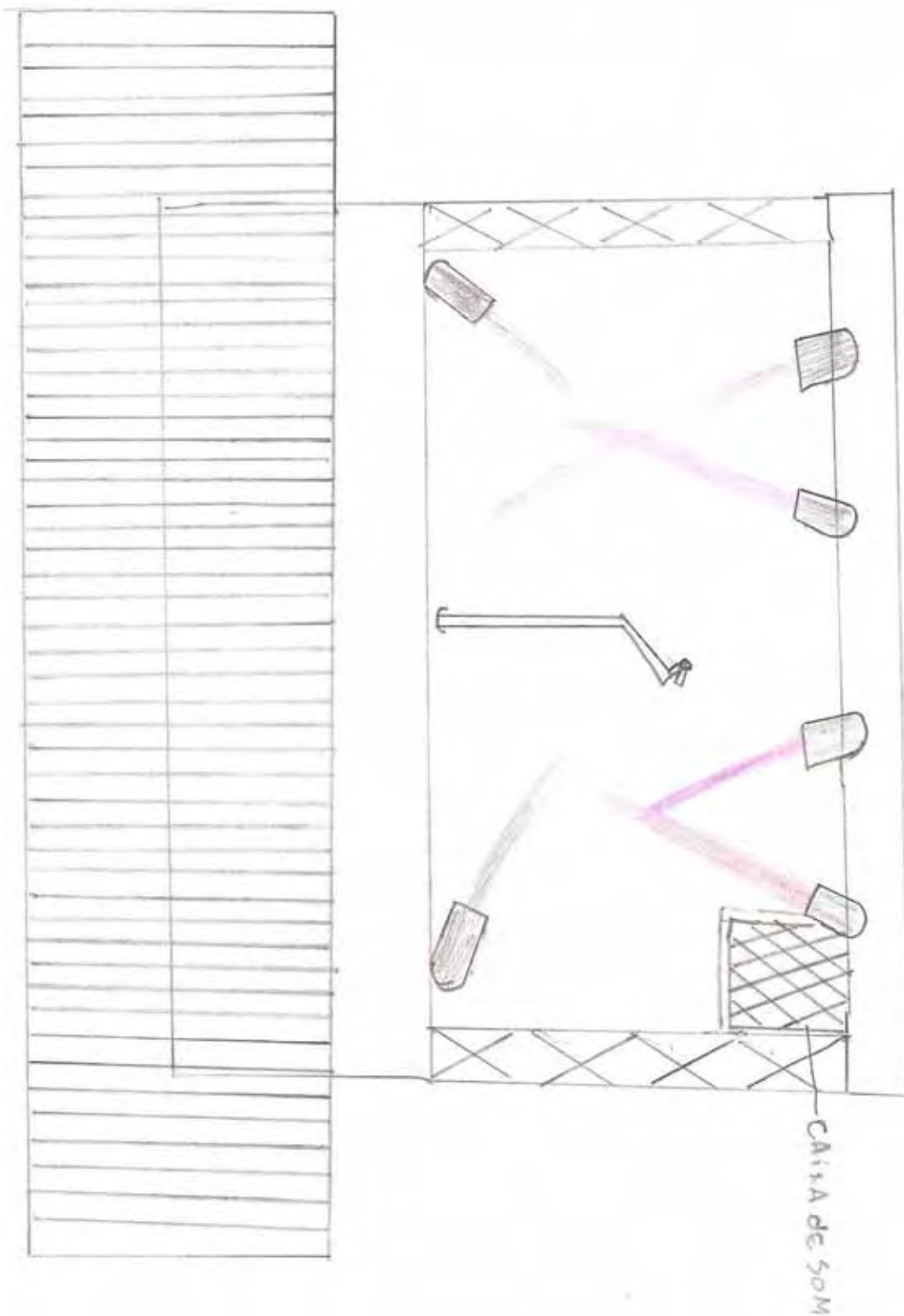
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



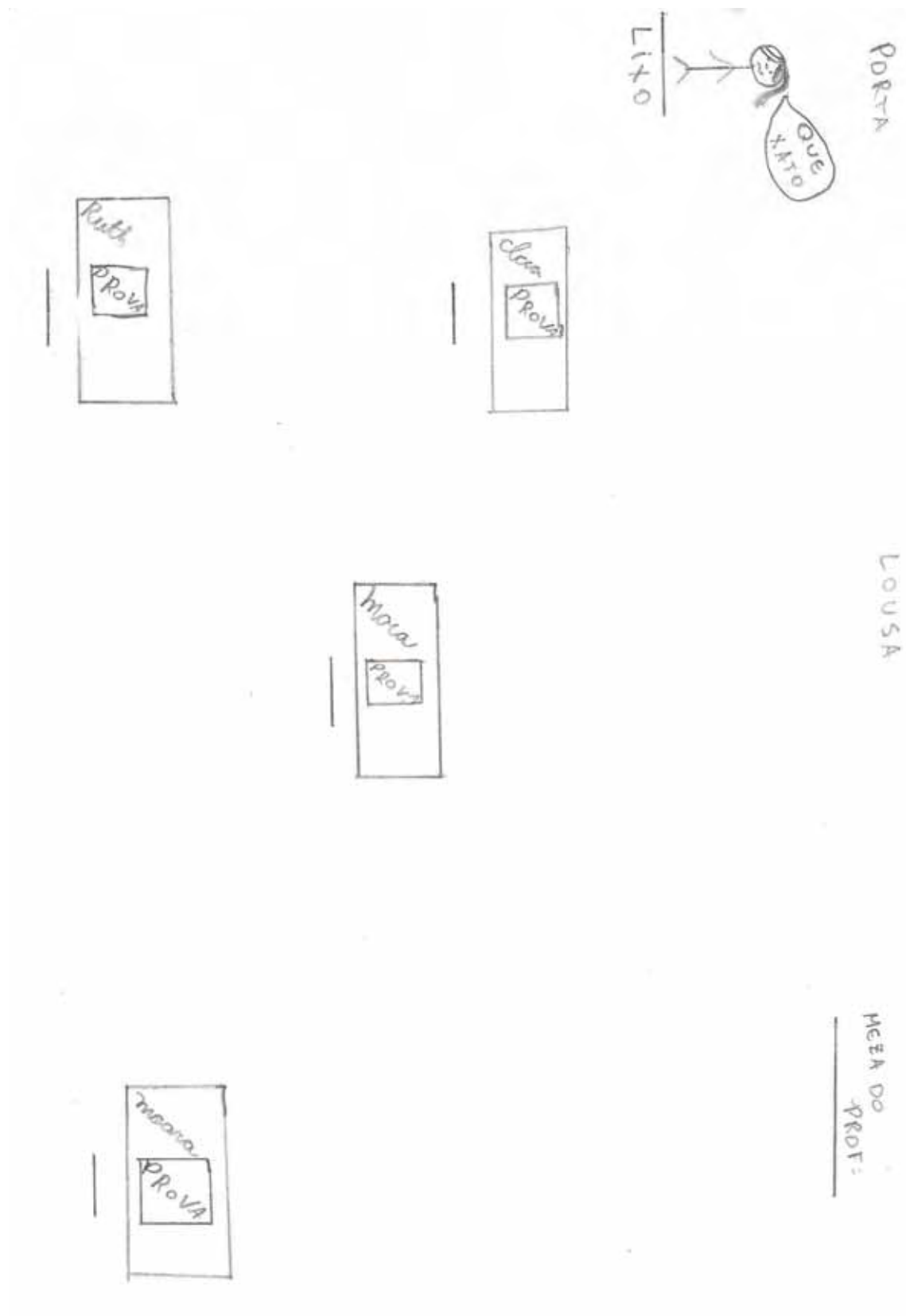
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



3.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com a aluna sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluna: Treze.

Professora: Qual é a data do seu nascimento?

Aluna: 23 de julho de 1995.

Professora: Onde você nasceu?

Aluna: São Paulo.

Professora: Quais são as matérias da escola que você tem mais dificuldade?

Aluna: Português e Matemática.

Professora: Você antes, nas séries anteriores, costumava ter dificuldade em contas, problemas...

Aluna: Não.

Professora: Essa dificuldade você acha que apareceu quando?

Aluna: Na 7^a.

Professora: Na 7^a? Na 5^a e 6^a série você não tinha dificuldade?

Aluna: Não.

Professora: Nem dificuldades ligadas às figuras geométricas?

Aluna: Não.

Professora: Você fez o reforço em que ano?

Aluna: Ano passado.

Professora: Só na 7^a?

Aluna: Na 7^a e na 6^a.

Professora: Sua mãe me disse que você não gostava de vir no reforço, que você vinha, mas que tinha coisas que você não entendia...

Aluna: Passava coisas de 4^a, 5^a, 1^a série.

Professora: E o que você achava?

Aluna: Era muito chato.

Professora: Era? Você pode dizer para mim o nome dessas figuras?

Aluna: Triângulo, retângulo e círculo.

Professora: Atualmente você tem alguma dificuldade em Matemática?

Aluna: Não.

Professora: O que você está vendo hoje na 8^a série?

Aluna: Notação científica, por enquanto a gente só “tá” trabalhando com notação científica.

Professora: Você pode fazer para mim, isso que você falou sobre notação científica, fazer algum exercício, explicar o que é a notação científica?

Tem mais alguma coisa que você queira colocar que vocês estão vendo, que você se lembre?

Aluna: Não.

Professora: Você estuda Matemática fora do horário de aula?

Aluna: Às vezes.

Professora: Às vezes? Quando? Qual a frequência? Você faz lição?

Aluna: Faço.

Professora: Você pode fazer essas continhas aqui para mim?

(Silêncio de 5 minutos)

Professora: Você pode resolver esses problemas aqui?

Pode usar essa folha aqui para responder.

(Silêncio de 11 minutos)

O que você entendeu?

(Silêncio.)

Professora: Você pode falar para mim o nome dessas figuras?

Aluna: Triângulo, retângulo e círculo.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim?

(Silêncio de 4 minutos.)

Pronto?

Aluna: *(Confirmou)*

Professora: Certinho, é só isso. Muito obrigada!

3.4 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar:

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

$$10^6 = 0,0000006 = 1.10^6$$

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

g) $237 + 131 =$

h) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r} 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 926 \\ - 184 \\ \hline 862 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \\ \div 3 \\ \hline 204 \end{array}$$

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

$$\begin{array}{r} 61213 \\ - 620 \\ \hline 012 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 27 \\ 344 \\ - 135 \\ \hline 719 \end{array}$$

11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

$$\begin{array}{r} 237+ \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 + \\ 41 \\ \hline 94 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 61213 \\ -6 \\ \hline 61207 \end{array}$$

3.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe da aluna

Professora: Quantos anos a senhora têm?

Mãe do Aluno: Trinta e oito.

Professora: Onde a senhora nasceu?

Mãe do Aluno: São Paulo.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê na Bianca em relação ao aprendizado?

Mãe do Aluno: Ela é muito esquecida em casa. Eu vou falar em casa. Às vezes eu converso com ela algo, ou eu peço pra ela coisas, e ela diz que esqueceu de fazer, aí passa.

Professora: E com relação à Matemática, a senhora percebe?

Mãe do Aluno: Em alguns momentos, de algumas séries, ela teve alguma dificuldade.

Professora: A senhora consegue me falar alguma coisa que tenha percebido

Mãe do Aluno: A dificuldade dele é de gravar regras, é própria do esquecimento, eu não sei se é algo dela que ela não consegue gravar, decorar algo assim, mas eu vejo que é o esquecimento.

Às vezes falando com ela, ela presta atenção, e depois de muito tempo ela não lembra.

Professora: E sempre foi assim?

Mãe do Aluno: Antes era mais.

Professora: De um tempo para cá, a senhora acha que ela tem melhorado?

Mãe do Aluno: Acho que estabilizou. Mas o pai dela é assim, se falar com ele hoje, amanhã ele não lembra, a não ser que fique falando muito sobre aquele assunto, e chegue a ser estressante pra ele, senão passa batido.

Professora: Se eu pedir para a senhora fazer um desenho, a senhora faz?

Mãe do Aluno: Faço. Mas, o pai dela é fácil pra gravar regras, que ele é ótimo em Matemática.

Professora: A senhora é casada com o pai dela?

Mãe do Aluno: Sim, há dezesseis anos.

Professora: É que eu entrevistei vários alunos, e tem uns que os pais são separados, e eu não gravei, mas ela falou que a senhora morava em São Paulo né?

Mãe do Aluno: Isso.

Professora: Se eu pedir para a senhora desenhar a escola, como que a senhora desenharia?

Mãe do Aluno: A escola?

Professora: É.

Mãe do Aluno: Da minha forma?

Professora: Do jeito que a senhora quiser. Pode ser à mão livre mesmo, se a senhora quiser usar lápis colorido, fique à vontade. A senhora tem quantos filhos?

Mãe do Aluno: Tenho a Bianca, e depois de dez anos veio o João Pedro, foi até um susto pra gente.

Professora: Ela chegou a comentar comigo, que ela morou um tempo com a avó aqui, a senhora acha que isso atrapalhou?

Mãe do Aluno: Eu acho, porque há uns anos atrás, a nossa vida era cheia de mais baixos do que altos, e eu e o pai dela nós nos separamos três vezes, e ela viu bastante coisa da parte do pai dela para comigo. Eu digo que hoje, pelas coisas que ela viu, ouviu e sentiu no meio da gente, ela até é uma menina muito boa. Porque se fosse outra época, ou se fosse outra garota, ela teria feito besteira por revolta. Mas, às vezes eu creio que o esquecimento dela é por estresse.

Professora: Estresse de hoje ou de antes?

Mãe do Aluno: De hoje não. A Bianca agora está passando por um momento de muita vaidade.

Muita vaidade, todo mundo acha ela muito bonita e fala pra ela, então eu acho que isso está vindo à tona muito rápido, dentro dela, então ela está colocando isso na frente de tudo e qualquer coisa. Não sei se toda menina foi assim, eu fui vaidosa, mas não ao extremo, quando eu tinha mais ou menos a idade dela.

Professora: Mas eu acho que a vaidade de uns tempos para cá está muito forte nas meninas.

Mãe do Aluno: Elas estão nos extremos.

Teve um ano que a Bianca estudou à tarde, ela tinha uma amiga que começava a se arrumar dez e meia da manhã (10h30) pra vim pra escola à uma hora da tarde (13h). Que ela tinha um cabelão, então ela lavava o cabelo, secava o cabelo, e colocava um monte de coisa no cabelo, e ela chegava cansada.

Professora: Depois de duas horas se arrumando, e o tempo dela vir para a escola...

Mãe do Aluno: E tem esse negócio de piercing, tatuagem, e maquiagem com glitter, sem glitter, cores novas, pintura pra cabelo. Então eu acho que elas estão se esquecendo do que é necessário na vida delas, e estão deixando passar isso, e eu acho que quando elas envelhecerem elas vão sentir essa “perca” de tempo. A Bianca de um tempo pra cá, ela passa por cima de qualquer coisa, ela vai fazendo a vaidade dela, quando ela quer alguma coisa, ela quer por tudo, por conta da vaidade.

Professora: Ela insiste até a senhora dar?

Mãe do Aluno: Ela chega a ficar ‘bicuda’, não fala com a gente, porque ela quer, e eu não criei ela assim. Quando eu posso eu dou, quando eu não posso, espera. E assim é com o meu filho, e não faço com ele menos do que ela, é sempre igual, se eu dou pra um é pro outro também, é na medida do que a gente pode.

Professora: A vida de todo mundo é assim, certo?!

Mãe do Aluno: Acho que é isso. Fazer um dia bonito.

Professora: Um dia ensolarado.

Mãe do Aluno: Eu falo pra ela que eu queria estudar sempre. Eu ia fazer minha faculdade, mas não pude, porque eu engravidei dela.

Professora: E ela, costuma estudar em casa?

Mãe do Aluno: Quando eu pego no pé.

Professora: Caso contrário...

Mãe do Aluno: Não, ela chega, ela faz a lição, abre os cadernos e mostra o que teve na escola, fala o que a professora falou na sala de aula, mas pegar livro e ficar com a cara no livro, não.

Professora: Em que lugar ela costuma estudar?

Mãe do Aluno: No quarto dela.

Professora: O horário que ela estuda é sempre o mesmo ou varia?

Mãe do Aluno: Entre três e meia ou quatro horas da tarde (15h30-16h). E também tirei MSN, Orkut dela, essas coisas.

Professora: O computador fica no quarto?

Mãe do Aluno: Não na sala.

Professora: E quando ela está fazendo lição tem alguma televisão ligada, MP3?

Mãe do Aluno: Às vezes eu pego ela com o MP3 no ouvido.

Professora: E ela toma conta do irmão ou não?

Mãe do Aluno: Ela não tem paciência com ele, a gente vê que ela ama muito ele, que às vezes quando brigo com ele, ela até acha ruim comigo, mas ela não tem paciência, eu acho que é por conta da diferença de idade, são dez anos.

Professora: E são dois filhos únicos, né?

Mãe do Aluno: Sim, é o que eu penso, ela foi única na época dela, e depois de dez anos ele está sendo agora.

Professora: A senhora pode desenhar o quarto dela? O lugar que ela estuda.

Mãe do Aluno: Desenho. Aqui tema porta, aqui é o guarda-roupinha dela.

Professora: Ela dorme sozinha?

Mãe do Aluno: Dorme, é um quarto pra cada um. Ela é uma menina que na medida do possível, tem aquilo que ela gosta, tem o quartinho dela, as coisinhas dela. Aqui tem uma cortina...

Professora: A senhora sabe o que ela gostaria de ser no futuro?

Mãe do Aluno: Ela quer ser produtora de eventos, ela fala pra mim que quer ser produtora de eventos. Não sei se é por causa do meu irmão, que mora em São Pedro, e ele é produtor da rádio que tem lá, e lida com muito artista, e essas coisas todas, mas posso garantir pra você que daqui uns cinco anos ela vai querer ser outra coisa.

Professora: Eles mudam muito né? O tempo que ela morou aqui, ela morou com a sua mãe?

Mãe do Aluno: Com a minha mãe. Essa época foi muito difícil pra gente, porque meu marido foi atropelado e quebrou a clavícula, e tivemos que ir pra São Paulo fazer o tratamento e acabamos ficando por lá durante um ano, mas depois voltamos. Mas pra ela foi algo que marcou muito.

Professora: A senhora vinha com frequência ou ficava mais por lá?

Mãe do Aluno: Quando dava a gente vinha, quando dava...

Aqui tem uma televisão, um tapetinho, uma almofadinha...

Professora: Ela tem livros no quarto ou não?

Mãe do Aluno: Tem no guarda-roupa dela.

Professora: Mas ela gosta de ler ou não?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Nada?

Mãe do Aluno: Ano passado ela pegava livro aqui na escola, ficava dois dias e depois devolvia, ela não tem paciência. O que eu digo pra você é que a Bianca não tem paciência com nada.

Professora: Nada?

Mãe do Aluno: Teve uma época, que na minha casa é cheia de quadros dela, eu coloquei ela pra fazer aula de pintura em tela, pra ver se ela tinha um pouco mais de tolerância com ela mesma. Eu pedi pra professora ficar de olho como era a atitude dela ao pintar o quadro, a professora disse que quando ela ia fazer riscos mais finos, ela ficava muito ansiosa, e tinha uma hora que ela rabiscava tudo e apertava as mãos. Quando eu pus ela, ela tinha uns dez anos, mas ela conseguiu, ela pintou uns doze quadros.

Professora: Como que é o dia dela? A rotina.

Mãe do Aluno: Ela chega, o almoço já “tá” pronto, ela almoça, aí eu vou levar meu filho, eu peço pra ela lavar a louça.

Professora: O filho da senhora estuda à tarde?

Mãe do Aluno: À tarde, pra mim foi bom, que os dois brigavam muito. Às vezes, ela pede pra mim pra mexer no computador, eu pergunto pra ela se não tem nada pra fazer, aí ela fica no máximo vinte minutos, depois ela vai pro quarto dela e arruma as coisas se tiver bagunçado, tira a roupa do varal.

Professora: Ela tem algum serviço em casa?

Mãe do Aluno: Ajuda, hoje mesmo, eu tive que sair depois que eu levei meu filho pra escola, eu pedi pra ela arrumar a cozinha e lavar o banheiro, quando eu cheguei estava tudo arrumadinho.

Professora: Ela faz algum curso fora do horário de aula?

Mãe do Aluno: Ela faz toda quinta-feira, curso de computação e incluído mais três cursos profissionalizantes.

Professora: Ela fazia reforço aqui na escola?

Mãe do Aluno: Já fez.

Professora: Quanto tempo ela fez?

Mãe do Aluno: Foi o tempo que escola pediu.

Professora: A senhora sentiu alguma melhora nela por conta do reforço?

Mãe do Aluno: Não. Tanto que no ano passado ela fez reforço, eu não sei se o caderno de reforço está em casa, eu queria que a senhora visse as aulas de reforço.

Professora: Manda por ela para mim.

Mãe do Aluno: Ela chegava numa revolta, que ela perdia a tarde inteira, e olha: O que a professora está passando? Eu tive que dar razão pra ela.

Professora: O que tinha no caderno?

Mãe do Aluno: Coisinhas bem bobas, nada do que ela estava estudando, eu penso que o reforço é pra aquela matéria que o aluno está com dificuldade, então a professora tem que dar uma avaliação pra saber das dificuldades de todos, e vai abranger num reforço só.

Professora: Essas coisinhas bobas, a senhora via em Português, Matemática ou em ambos?

Mãe do Aluno: Em Português era algumas coisas que necessitavam, mas Matemática...

Professora: A senhora acha que elas davam esse reforço mais simples porque os alunos estavam nesse estágio, ou a senhora acha...

Mãe do Aluno: Professora, depois que saiu esse negócio de que o aluno estudando ou não, ele passa de ano, eles todos se atrasaram. Eu tinha uma lojinha ali na frente, eu a fechei faz um ano e pouquinho, lá era o encontro dos alunos, eles abriam o caderno em cima do balcão, a letra e ortografia eram terríveis, era coisa que eu aprendi na 4^a série, a conversa deles não condizia, usavam palavras que não eram necessárias naquela hora. Eu acho que não é pelo reforço, é pelo que tem que dar de ensino mesmo, todos os dias que eles vêm pra escola.

Professora: A senhora acha que o reforço não contribui nada...

Mãe do Aluno: Se for do jeito que foi ano passado, eu não concordo. Antes ela vinha com sol, com chuva, mas se ela tiver que vir esse ano, eu não concordo. Um dia ela chegou

inconformada, que a professora deu uma atividade para separar as sílabas, com palavras bobinhas.

Professora: A senhora chegou a reclamar?

Mãe do Aluno: Não adiantou.

Professora: Ninguém falou nada para senhora?

Mãe do Aluno: Tanto que ano passado eu não vim em nenhuma reunião dela.

Professora: Sei... A senhora poderia desenhar como que é o dia dela?

Mãe do Aluno: Nossa, ela faz tanta coisa.

Professora: Pode ser o que a senhora preferir.

Mãe do Aluno: Eu vou desenhar ela com a vassoura.

Professora: Pode desenhar, não tem problema.

Mãe do Aluno: No começo, a Bianca, entrou muito, muito, muito, muito em conflito aqui, ela chegava em prantos lá na loja. Porque na época que eu tinha a loja eles batiam muito de frente comigo lá, por isso que eu fechei

Professora: A Direção?

Mãe do Aluno: É, foi a Guarda Municipal.

Professora: Por quê?

Mãe do Aluno: Pode gravar isso? Foram procurar droga lá na loja.

Professora: Mas por quê?

Mãe do Aluno: Era papelaria e bazar lá.

Professora: Era bem aqui na frente?

Mãe do Aluno: Os alunos passavam lá compravam o que tinha que comprar, não só doce, que eu vendia lápis, borracha, caderno, pasta, tirava xérox.

Professora: A escola...

Mãe do Aluno: Entrou em conflito comigo, tanto é que as crianças que vinham de ônibus eles não deixavam voltar para ir comprar lá, e começaram a fazer uma barreira com funcionários pra não deixar os alunos voltarem. Então eles me pediam lápis, papel sulfite pelo muro, e eu não podia atravessar a rua pra levar nada pra eles, aí começou o conflito da Bianca aqui dentro, por conta da loja, então começou muito tumulto, uma vez ela chorando ela falou que a vida dela era muito tumultuada, eu senti um estresse nela.

Professora: Por conta disso que a senhora fechou a loja?

Mãe do Aluno: Foi, porque eu falei, porque a ordem era não entrar na loja, e o movimento maior, infelizmente, era o da escola.

Professora: O movimento dos alunos.

Mãe do Aluno: E ela tomou o problema pra ela, que ela me viu triste, cheia de dívidas, que eu “tô” até hoje, mas Deus sabe todas as coisas.

Professora: A senhora achou melhor, mesmo com todos esses conflitos, não mudar ela de escola?

Mãe do Aluno: Não, porque eu queria que ela entendesse que isso sempre vai existir na vida da gente, e pra onde a gente for vai encontrar essas coisas, e que ela tem que aprender a lidar com isso de uma forma mais mansa, menos sofrido, eu falo pra ela que não deve colocar as coisas ruins dentro do coração, a gente tem que saber diluir elas, o que dá pra resolver a gente resolve, o que não dá pra resolver, não leve a diante, e não deve colocar raiva, rancor, inimizades dentro de coração. As meninas na época tiravam sarro dela, algumas queriam bater nela. Então é por isso que eu acho que acontece essas coisas, e esse esquecimento dela. Ela colocou muitas coisas ruins na frente e teve um bloqueio, e ela não consegue curtir o que vem de bom. Porque ela pouco sorri, ela sorri no extremo, quando tem que gargalhar mesmo, daí ela dá risada, brinca. Comigo ela conversa, quando ela tem que chorar ela chora, quando ela tem que contar alguma coisa ela conta. É uma menina linda, só que tem esses ‘poréns’.

Ela gosta de conversar muito com os amigos. Tem amigas dela que ligam lá em casa pra falar que está com o MSN ligado, ela vai correndo ligar também.

Professora: Tem algum fato ou acontecimento, assim, específico, que tenha ocorrido na vida dela, que tenha determinado o que ela é hoje, por exemplo, alguma perda, algum sofrimento grande, alguma coisa que tenha influenciado muito nesse problema de aprendizagem?

Mãe do Aluno: Nossa, a gente passou por tanta coisa.

Professora: Alguma fase da vida da senhora, que tenha...

Mãe do Aluno: Eu acho que foi na última vez que eu e o pai dela nos separamos, faz uns quatro anos, mas aí depois a gente tomou outros caminhos, começamos a ir na igreja, e hoje a nossa vida é diferente, eu acho que a forma que o pai dela tratava ela antes, não que ele não a amasse, mas ele é muito seco, hoje ele brinca, conversa, mas esse temperamento já é dele.

Professora: Sei...

Mãe do Aluno: É a forma dele ser, ele é muito brincalhão, ele conversa, mas ele não sabe chamar atenção dela da forma que eu chamo, que tem horas que ela não sabe se eu estou chamando a atenção dela ou estou conversando, mas quando eu grito ela sabe que é porque eu estou muito brava.

Professora: Por que a senhora escolheu a terceira vez que a senhora se separou?

Mãe do Aluno: Porque das outras vezes, ela era muito bebê.

Professora: Ela não entendia.

Mãe do Aluno: Não.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim, como que a senhora acha que foi esse momento para ela, a reação dela...

Mãe do Aluno: A Bianca ela sonha muito, não sei se é da idade, mas ela quer trabalhar, ganhar dinheiro, ela quer comprar moto, ela quer morar sozinha, e eu acho que é muito prematuro esse tipo de pensamento. Esses dias, eu não sei o que ela me pediu, mas eu falei pra ela esperar um pouco, que eu tinha que pagar umas coisas e se sobrasse a gente ia lá sim, ela falou que queria ter o dinheiro dela, ter as coisas dela, e não precisar pedir nada pra ninguém. Eu creio que ela não se coloca no lugar dela de treze anos.

É aquele negócio de ‘não vejo a hora de ter dezoito anos’ mas quando faz dezoito quer ter dez. Porque daí começa a tirar documentos, e vai trabalhar...

Professora: Começa a vida mesmo, sai da proteção do pai e da mãe.

Mãe do Aluno: Se eu deixasse ela já estava namorando, mas eu não deixo, a não ser que esteja fazendo escondido. Ela me viu sofrer muito também, ela me viu chorar muito, eu acho que...

Às vezes eu me arrependo, porque eu acho que o lugar mais quente da gente chorar é na cama da gente, mas só era eu e ela, então eu acho que isso afetou ela um pouquinho.

Professora: Ela já tomou algum medicamento constante, de algum problema de saúde que ela tenha tido?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Quando a senhora precisa levá-la no médico, a senhora tem convênio de saúde?

Mãe do Aluno: Não, que meu marido é policial, e o convênio dele é do Servidor Público, e como não tem aqui, eu teria que ir para São Paulo. Mas a gente passa pelo SUS.

Professora: Ela já fez acompanhamento com psicólogo?

Mãe do Aluno: Fez, ela foi uma vez só, pelo SUS, ela devia ter uns oito aninhos, aí a psicóloga disse que o problema era meu e não era dela.

Professora: A senhora que a levou?

Mãe do Aluno: É que na época, quem me viu hoje e quem me viu antes, não fala que é a mesma pessoa, eu era muito nervosa, estressada, por conta mesmo dos problemas, então havia momentos, que eu mesma deixava ela estressada, aí a psicóloga disse que o problema do estresse dela era meu.

Professora: E a senhora concordou com ela?

Mãe do Aluno: Concordei, que eu chorava muito, o que me deixou mais calma foi quando eu engravidei do meu filho, aí a nossa vida mudou toda com a vinda do João Pedro, aí houve mais maturidade, nós nos convertemos, agora somos evangélicos, agora tudo mudou.

Professora: A senhora frequenta qual igreja?

Mãe do Aluno: Casa de Deus.

Professora: Vocês vão sempre? Ela vai com a senhora?

Mãe do Aluno: Sempre, ela vai, ela é do Ministério de Dança, ela faz parte do Louvor dos jovens.

Professora: Ela mudou?

Mãe do Aluno: Mudou muito, eu vejo o que ela está passando hoje, é coisa da idade, esse esquecimento eu vejo que é como o pai dela. Coisas que aconteceram no passado, não que possam ter gerado uma ferida dentro dela, mas possam ter feito um bloqueio, qualquer coisa que ela vê ela já se lembra do que passou.

Professora: A senhora e seu marido tem o hábito de leitura?

Mãe do Aluno: Muito.

Professora: A senhora lê? E seu marido também?

Mãe do Aluno: Também.

Professora: O que vocês gostam de ler?

Mãe do Aluno: A gente lê muito a bíblia, ela também lê a bíblia.

Professora: A vocês lêem outros tipos de livros?

Mãe do Aluno: Não, só a bíblia, livros que falam sobre educação dos filhos, livros que nos orientam, jornais, e livros bíblicos, nós lemos também.

Professora: Vocês assinam algum tipo de revista?

Mãe do Aluno: Até pouco tempo vinha o Estadão, que meu marido assinava, agora não vem mais.

Professora: A senhora poderia desenhar a Bianca?

Mãe do Aluno: A Bianca...

Professora: A senhora quer colorir algum desenho?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Faz tempo que a senhora se converteu?

Mãe do Aluno: Faz três anos.

Professora: É a idade do seu filho?

Mãe do Aluno: É a idade do meu filho.

Eu gosto muito de ir lá, é uma paz tremenda, pra nós ter conhecido esse caminho com Jesus, foi muito gratificante, sentir esse amor da parte de Deus para com a gente.

Professora: A senhora faz a leitura da bíblia todos os dias?

Mãe do Aluno: Todos os dias, eu prego também, domingo uma igreja de Mogi pediu pra mim levar uma mensagem, eu fui. Então a gente tem caminhado, é muito gostoso. A Bianca gosta também, se eu falar que um dia eu não vou, ela vai, ela não gosta de deixar de ir. A Bianca desde pequena ela usa óculos, teve uma época que ela se revoltou que ela queria parar de usar óculos.

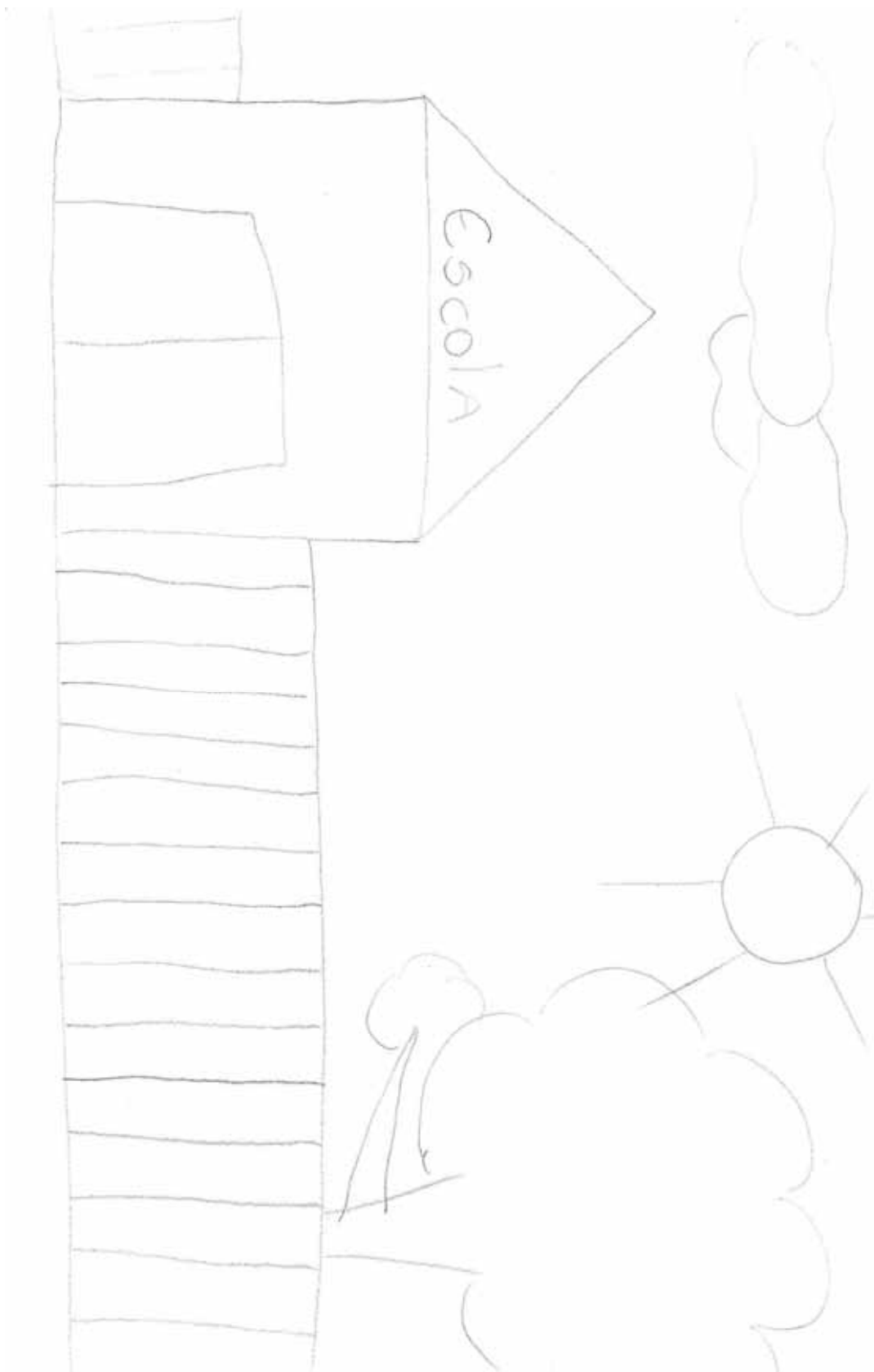
Professora: O grau é alto?

Mãe do Aluno: Não, ela nasceu estrábica, e por conta do estrabismo o grau subia, mas hoje a tendência do grau dela é estar abaixando, o médico falou que ela ia passar um bom tempo usando óculos, agora parece que ela aceitou.

Professora: A Senhora desenha bem, o desenho dela também ficou uma belezinha. É isso então, muito obrigada!

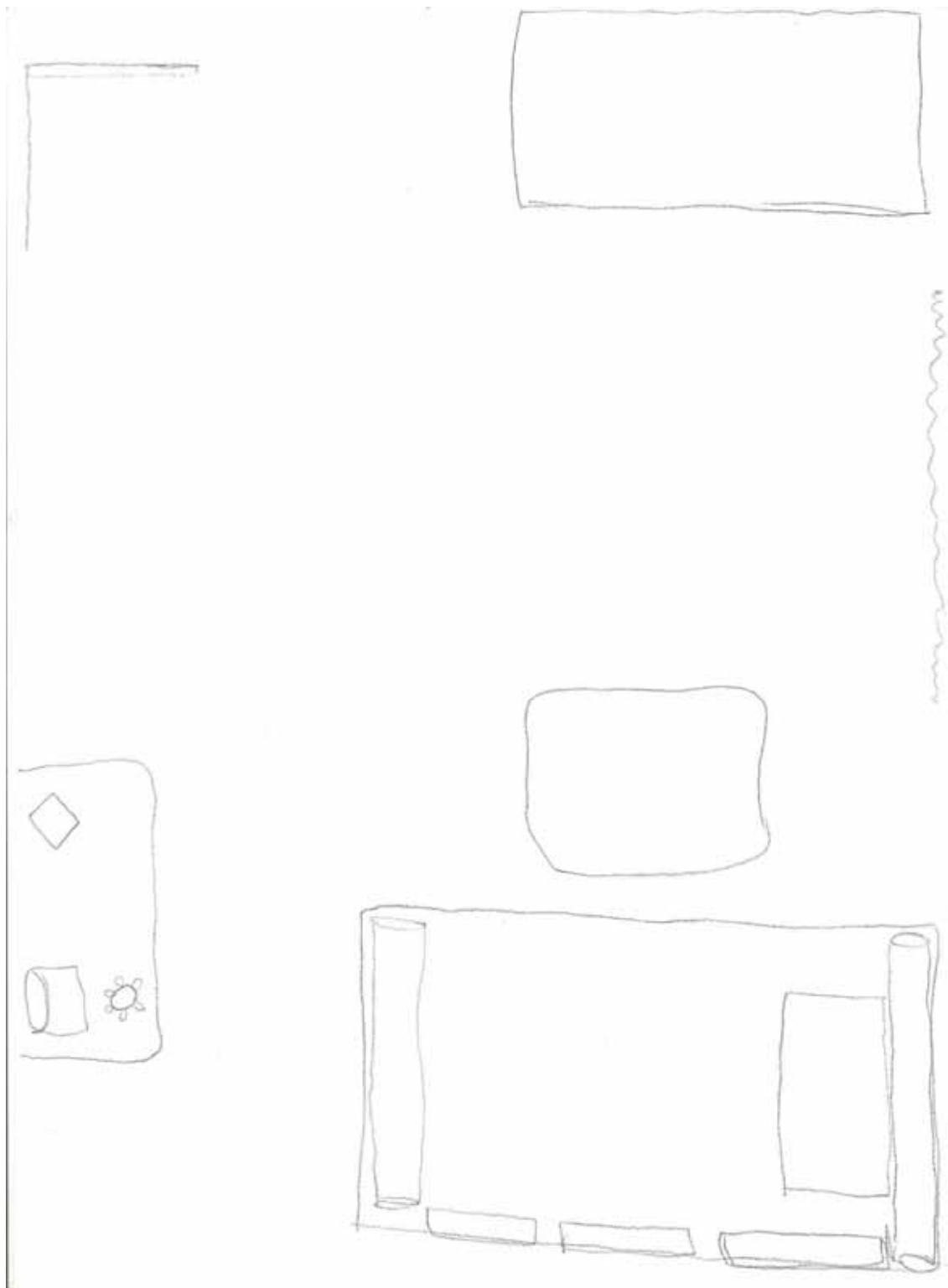
3.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe da aluna

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?



3. Em que lugar da casa ele(a) estuda? Poderia desenhar?

Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?

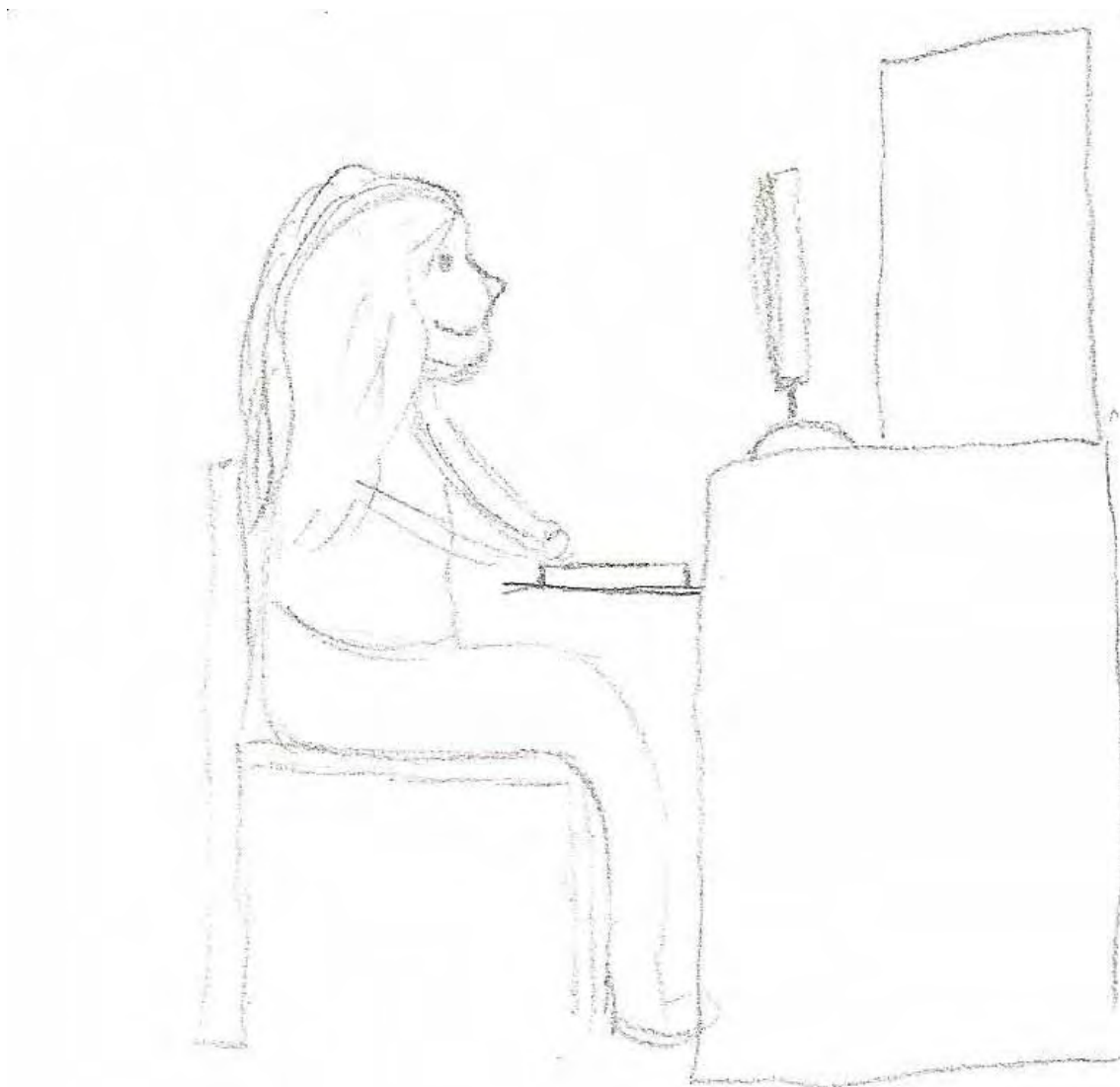


4. O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?



5. Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?



6. Você gostaria de apontar algum fato ou acontecimento importante na vida do(a) _____ que de algum modo você acha que interferiu na vida escolar dele(a)? Pode desenhar?



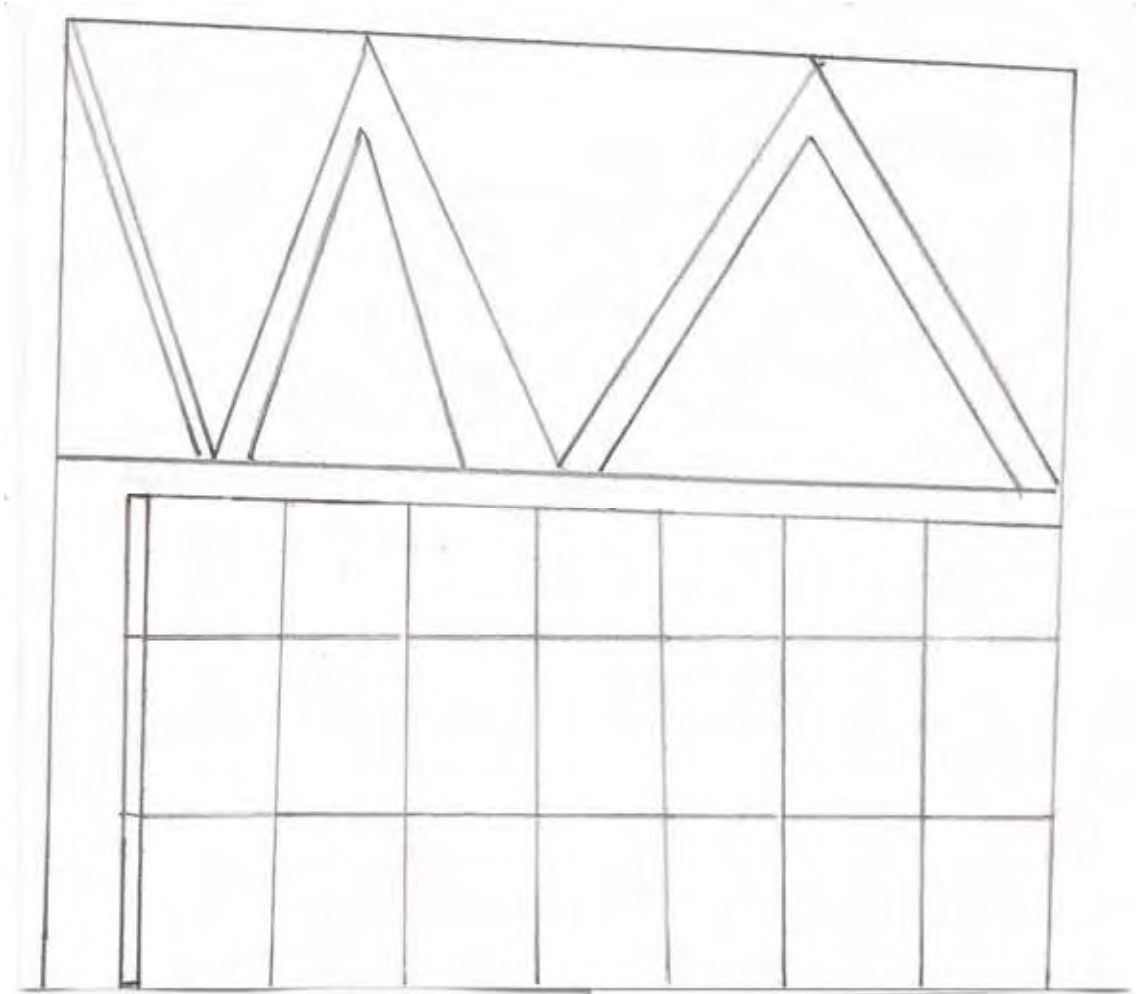
8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?

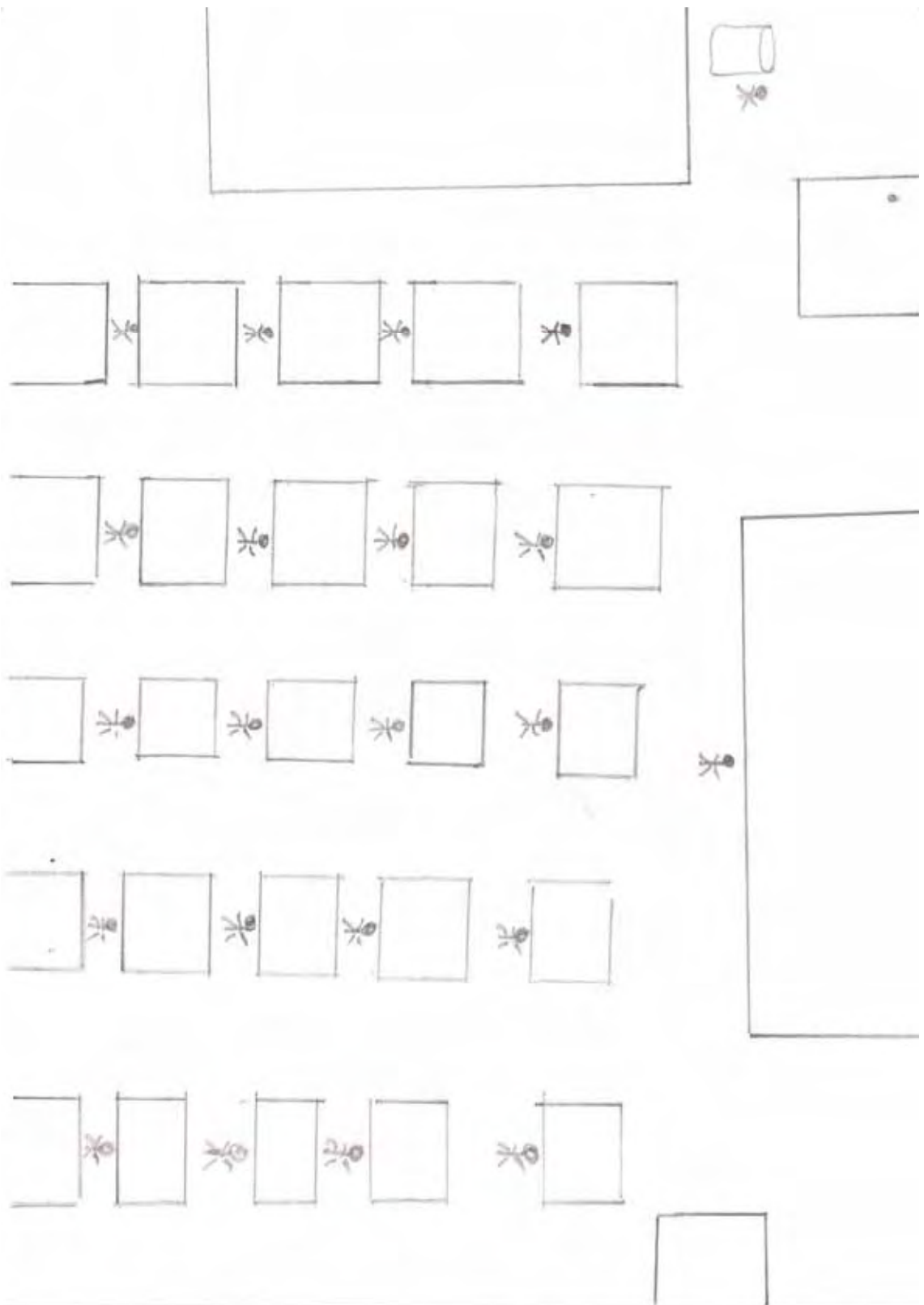


ANEXO IV - Claudemir

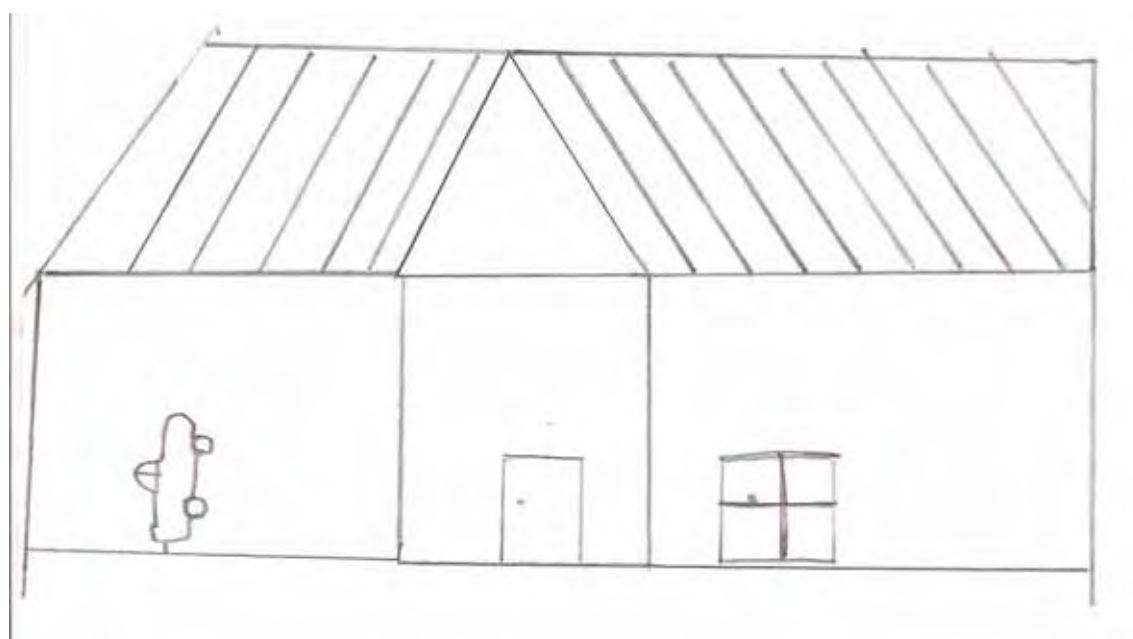
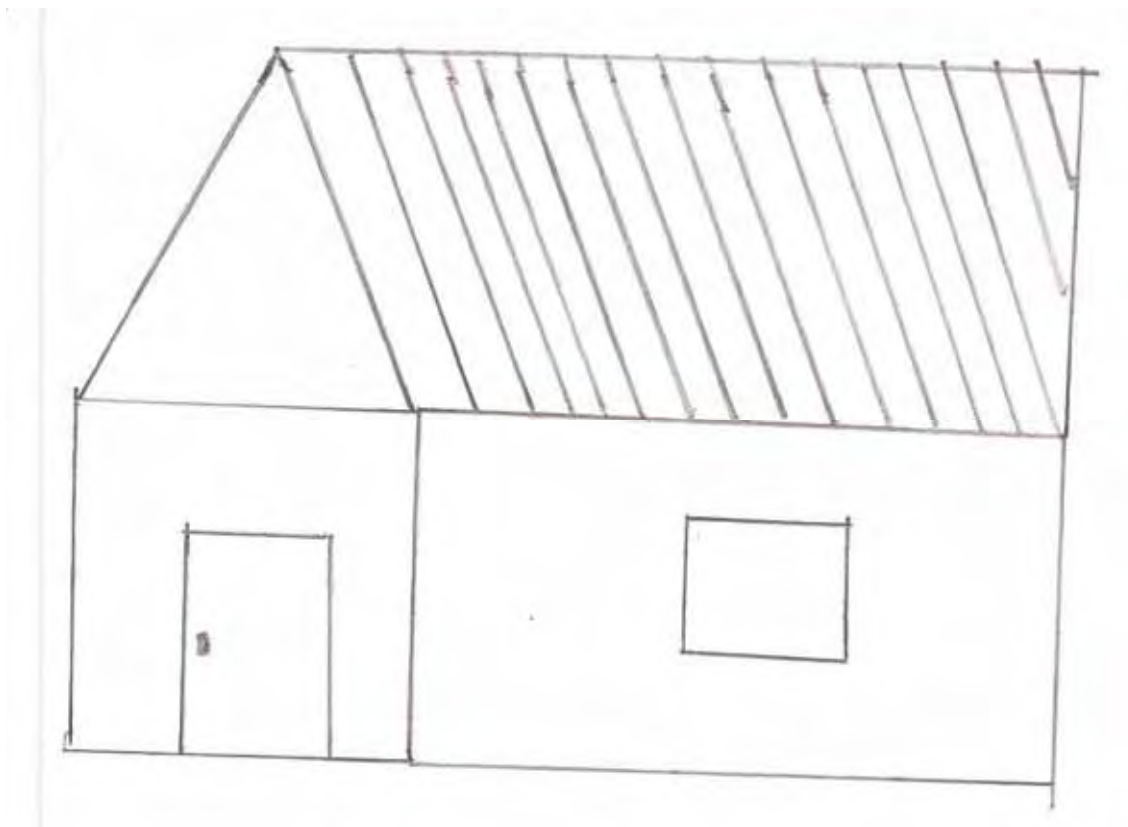
4.1 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?

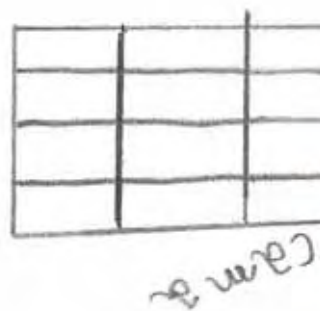
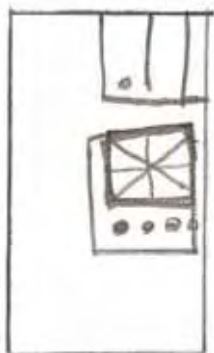




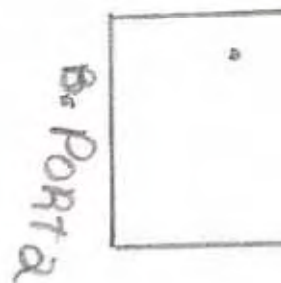
3. Como é a sua casa?



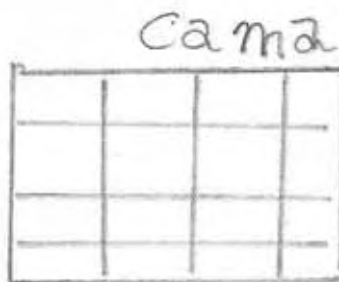
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



Camã

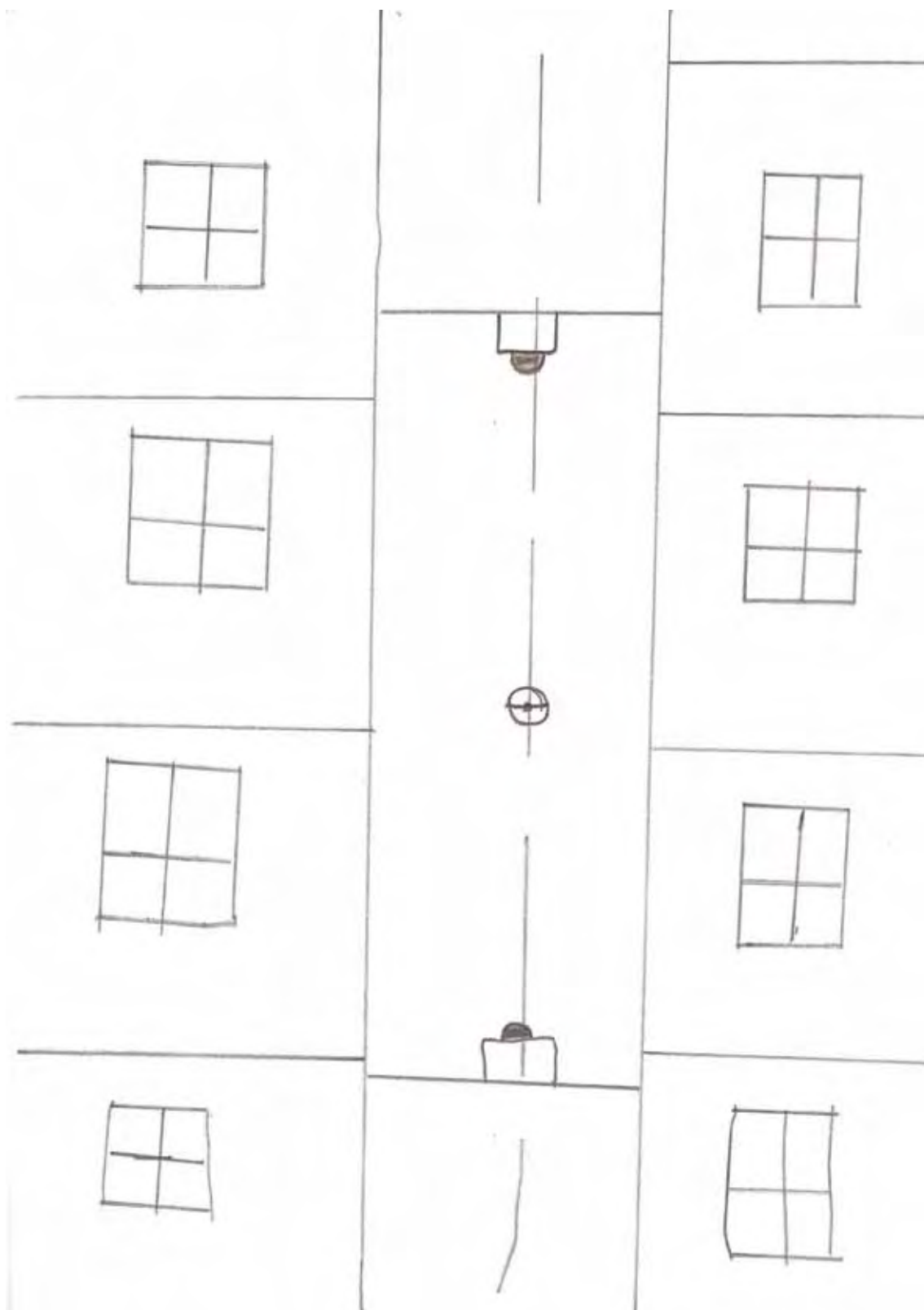


Porta

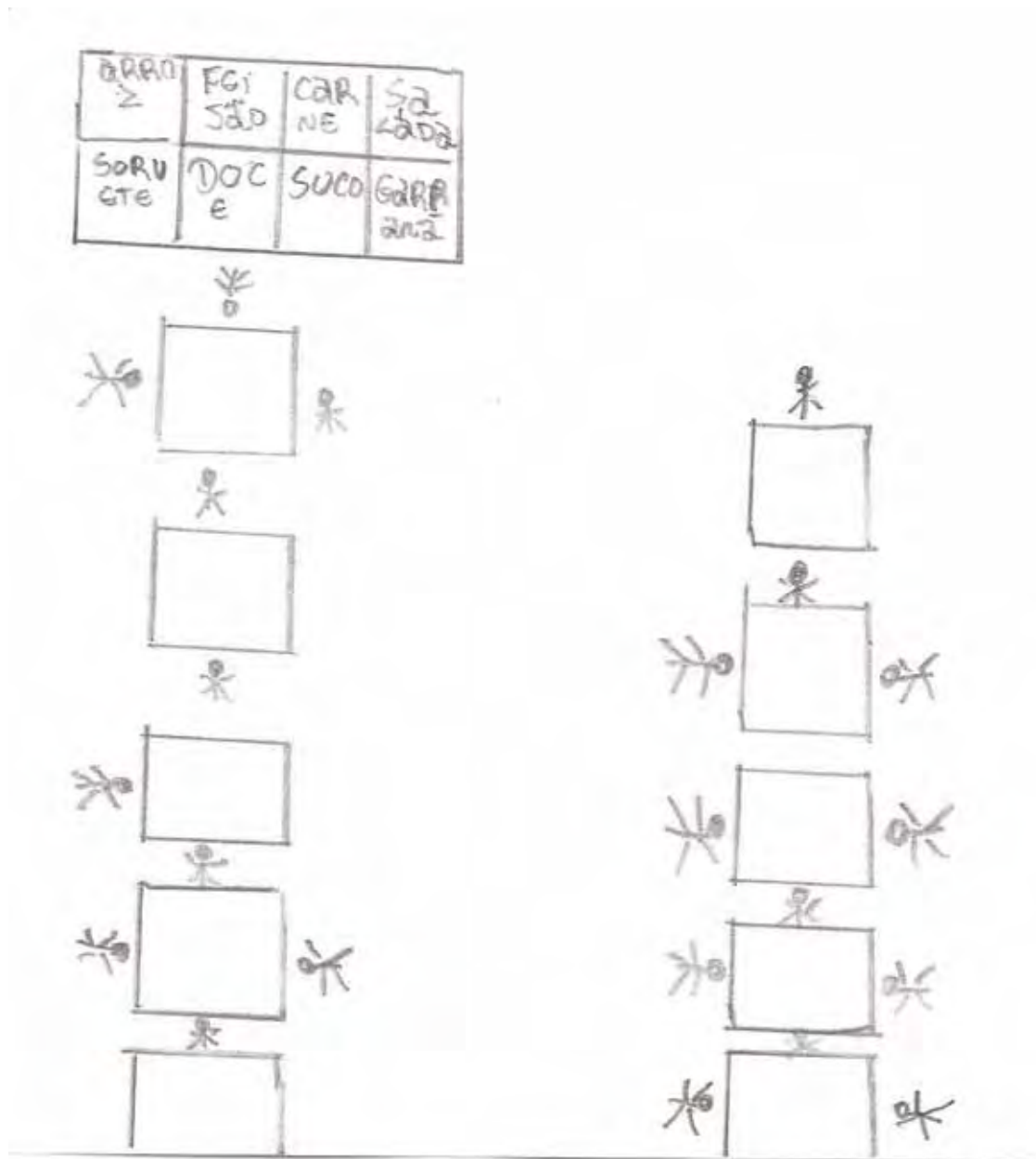


Camã

5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



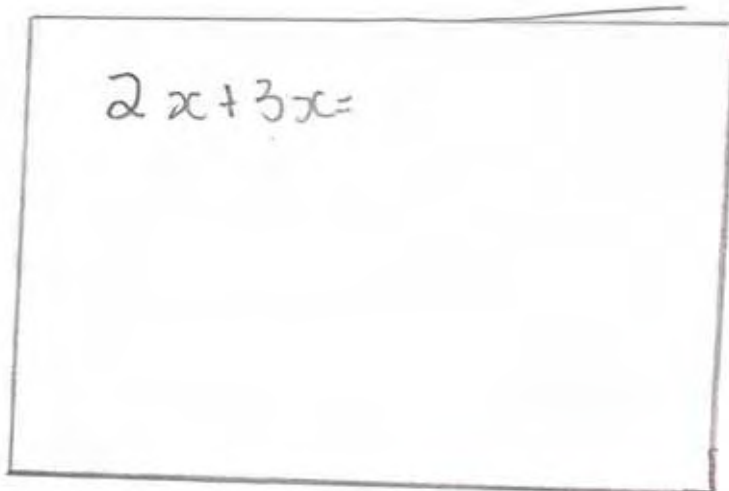
6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



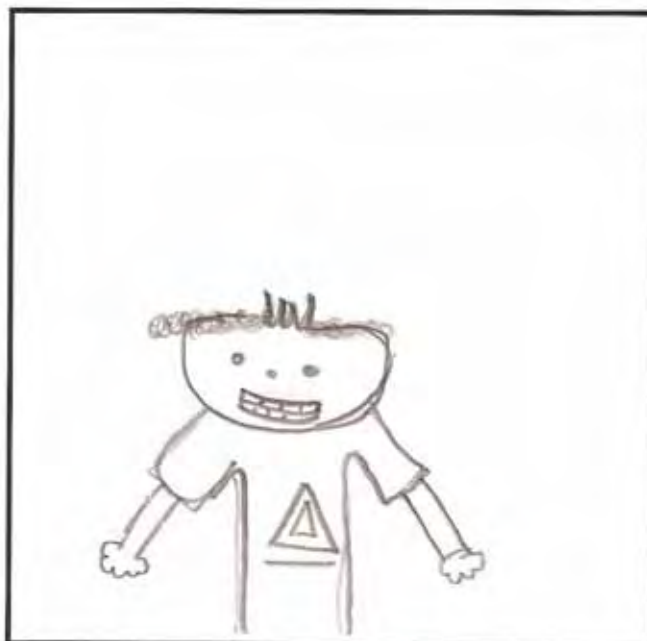
7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?

É importante aula de matemática pra gente
pender coisas novas ungracade e é o caso
x

$$2x + 3x =$$



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



4.2 Transcrição da segunda entrevista com o aluno sobre o seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Quatorze, vou fazer quinze.

Professora: Que dia você nasceu?

Aluno: Dia 18, ou 19... não acho que é 18 de setembro de 1994.

Professora: Onde você nasceu?

Aluno: Aqui “memo”.

Professora: Você pode falar para mim o nome dessas figuras?

Aluno: É o triângulo, essa aqui é o... Acho que é o cubo essa aqui.

Professora: E essa aqui?

Aluno: A bolinha.

Professora: Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Aluno: Em um “monti”.

Professora: Em quais?

Aluno: Em texto, em contas de x, em texto...

Professora: No que você tem dificuldade em texto?

Aluno: Eu escrevo muito rápido e erro, em contas de ‘x’, e mais ou menos, e em contas de vezes.

Professora: Antes você tinha dificuldade de aprender contas, problemas, figuras geométricas...

Aluno: Figuras sim, conta não.

Professora: Em conta você tem facilidade?

Aluno: Em conta sim.

Professora: Hoje, na aula de Matemática, no que você tem dificuldade?

Aluno: Na 8^a?

Professora: É. Você consegue fazer para mim? Escrever um exemplo de alguma coisa que você tem dificuldade.

Aluno: É nisso aqui...

Que jeito que chama isso aqui “memo”?

Professora: Que você está tendo dificuldade? Você consegue dizer para mim como que resolve isso ou não?

Aluno: Nunca!

Professora: Você consegue me dizer desde quando você tem dificuldade?

Aluno: Desde a 5^a.

Professora: De 1^a a 4^a série você não tinha?

Aluno: Não, desde a 5^a.

Professora: De 1^a a 4^a você também freqüentava o reforço, não freqüentava?

Aluno: Não. Nunca fui da 1^a a 4^a.

Professora: No reforço?

Aluno: Nunca.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim?

Aluno: Posso. Essa daqui?

Professora: É.

Aluno: Essa eu não sei não professora. (*Multiplicação*)

Professora: Não?

Aluno: Não “memo”. Essa aqui também não professora. (*Divisão*)

(O aluno demorou menos de 2 minutos para realizar o que foi pedido.)

Professora: Também não? O que você faz fora do horário de aula?

Aluno: Durmo.

Professora: Só?

Aluno: Eu tenho que fazer aquelas coisinhas lá, não sei o nome, sei lá, jogo...

Professora: E você estuda Matemática fora do horário de aula?

Aluno: Mais ou menos.

Professora: Mais ou menos quando?

Aluno: Quando dá.

Professora: Você disse que você dorme, então você tem tempo né. (*Risos*)

Você pode me dizer o que você entendeu desses problemas aqui?

Aluno: Desse aqui?

(O aluno demorou menos de dois minutos para realizar o que foi pedido.)

Professora: Você pode falar para mim o nome dessas figuras?

Aluno: Esse aqui é o triângulo, esse é o cubo, e essa é a bolinha.

Professora: Você faz essas continhas para mim?

Aluno: De novo?

Professora: É.

Aluno: Não sei fazer essas duas aqui, não sei fazer de novo.

Professora: Só isso, obrigada.

4.3 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar:

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

$$([2]^2) ([3])^4 =$$

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r} a) \ 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} b) \ 296 \\ - 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} c) \ 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} a) \ 612 \\ \div 3 \\ \hline 204 \end{array}$$

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

$$\begin{array}{r} 612 \text{ a.} \\ 3 \\ \hline 614 \text{ agasalhos} \end{array}$$

$$\begin{array}{r} B. \text{ } 135,00 \\ 87,00 \\ \hline 344,00 \\ 3 \\ \hline 5,551,00 \end{array}$$

11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r} a) \ 237 + \\ \ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} b) \ 296 \\ \ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} c) \ 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$d) \ 612 : 3 = 204$$

4.4 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno

Professora: Se eu pedir para a senhora fazer uns desenhos, a senhora faz para mim?

Mãe do Aluno: Eu não sei escrever direito, mas faço.

Professora: A senhora pode usar o lápis preto, ou se a senhora quiser usar o lápis de cor pode ficar à vontade.

Mãe do Aluno: Eu só não sei escrever muito bem não.

Professora: A senhora pode ficar sossegada. Eu vou fazer umas perguntas para senhora, aí os desenhos é em relação a isso. Qual a idade da senhora?

Mãe do Aluno: Eu vou fazer quarenta e três, tenho quarenta e dois.

Professora: A senhora nasceu aqui?

Mãe do Aluno: Eu nasci em Espírito Santo do Pinhal, mas eu cresci aqui.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê nele em relação à aprendizagem?

Mãe do Aluno: Ah, ele se esforça né? Eu vejo que ele se esforça, mas o “problema” dele acho que é Português, que sempre fala pra ele “tá” em reforço, de Matemática nunca chamaram ele, é mais em Português que ele tem mais dificuldade, que ele vive no reforço, aí eu venho conversar é só Português.

Professora: Em Matemática, a senhora vê alguma dificuldade dele quando ele vai fazer lição?

Mãe do Aluno: Eu pergunto pra ele se tem lição, quando tem, ele fala que tem, quando não tem ele fala que não tem, até quando eu perguntei quanto ele tirou na prova ele disse que foi bem na prova de Matemática.

Professora: Desde quando a senhora nota que ele tem dificuldade?

Mãe do Aluno: Desde a 1^a série né, eu acho que não devia ter passado de ano, eles vão passando de ano sem saber, eu achava que não devia ser assim, eu achava que se a criança não aprendeu tem que repetir pra ter oportunidade, ele não teve oportunidade, ele foi passando de ano, agora que ele “tá” melhor, quando ele fez a 5^a é que teve uma melhora.

Professora: Mas da 1^a à 4^a série...

Mãe do Aluno: Não, só tinha reclamação, mas não era reclamação de mal, era reclamação de aprendizado, que ele não prestava atenção, que ele não fazia lição. E como a gente não sabe também, não tem como ensinar ele.

Professora: A senhora não tem estudo?

Mãe do Aluno: Não, nem eu, nem meu marido.

Professora: A senhora fez até que série?

Mãe do Aluno: Até a 3^a, depois minha mãe tirou “nóis”, que “nóis” sempre trabalhamos na roça, “nóis” não teve oportunidade pra estudar, até na hora de fazer uma ficha eu não sei preencher.

Professora: E o seu marido também?

Mãe do Aluno: Pouca coisa.

Professora: Ele tem irmãos mais velhos ou não?

Mãe do Aluno: Então, ele tem um de vinte e sete, do primeiro casamento, e um de vinte e seis. Um mora longe, esse aí já é formado e não mora comigo, outro casado que é o de vinte e seis também não teve estudo, eles fizeram a 5^a e minha mãe colocou eles pra trabalhar.

Professora: Ele não morava com a senhora?

Mãe do Aluno: Não morava com a minha mãe, eu também morava com a minha mãe, eu separei e morei com a minha mãe, depois eu conheci o pai dele né.

Professora: E a vida foi ficando difícil.

Mãe do Aluno: Mais difícil, que hoje você tem serviço, amanhã você não tem.

Professora: A senhora é...

Mãe do Aluno: Eu sou faxineira. Mais “tá” difícil, às vezes você acha um biquinho pra trabalhar a noite, num restaurante, mas você vai, os outros não dão preferência pra gente, que a gente não tem a carteira, não tem estudo, eles preferem quem tem estudo.

Professora: E o seu marido, trabalha onde?

Mãe do Aluno: Ele é faxineiro da Mahle.

Professora: É terceirizado?

Mãe do Aluno: É, ele também não tem estudo.

Professora: Como que a senhora vê a escola?

Mãe do Aluno: Eu gosto daqui, que ele “tava” na escola perto de casa lá no Edi, e a professora queria obrigar ele a fazer uma coisa que ele não sabia, ela rasgou o caderno dele, e ele criança, não quis mais ir lá, aí foi aonde que eu vim aqui, aí a diretora arrumou uma vaga pra ele, aí eu peguei a transferência e não tirei mais, as professoras daqui, como ele era ruim davam preferência “pras” crianças que sabiam, e ele ia sempre ficando pra trás, a única professora que ele falava bem, e fala até hoje, é a professora Sandra, que ela dava mais atenção, teve umas professoras da 1^a a 4^a série que ele nunca gostou, de jeito nenhum, eu não vou citar nome né, ele desanimava, por ele, ele não vinha na escola.

Professora: Se eu pedisse para senhora desenhar a escola, como que a senhora desenharia?

Mãe do Aluno: Eu não vou saber desenhar.

Professora: Mas tenta...

Mãe do Aluno: Eu não vou garantir que eu vou fazer perfeito, porque eu não vou. Eu falo pra ele que tudo na vida, a gente pode ser pobre, mas tem que ter educação né?

Professora: Nossa, ele é muito educado.

Mãe do Aluno: Tentar não brigar na escola, se a professora chamar a atenção, ficar quieto.

O desenho é mais ou menos assim. Desenhar ele desenha bem, se você pedir pra ele desenhar ele desenha bem.

Professora: O que a senhora acha que ele gosta na escola?

Mãe do Aluno: O que ele gosta? Da física.

Não, agora ele “tá” gostando de tudo, ele não “tá” reclamando mais.

Professora: Ele reclamava de ter que vir à escola?

Mãe do Aluno: Ele não gostava de “vim”, eu obrigava ele a “vim”, eu falava pra ele que se ele não viesse na escola o Conselho Tutelar iria buscar ele, e ele ficava com medo. Educação lá em casa, a gente tenta passar o melhor pra ele, ele tem computador, mas não tem tudo o que ele quer, mas o que a gente pode dar pra ele pra incentivar.

Não é tudo, é tudo que “tá” no alcance da gente, procuro dar pra ele o que eu não dei pros outros, eu tenho dívida aqui, mas eu falo pra ele que a dívida é dele, que eu faço pra ele, mas amanhã, depois, eu quero que ele vá trabalhar pra me ajudar, que eu quero que ele seja uma criança honesta, que dê valor no dinheiro suado, não roubado. Às vezes eu não apareço na reunião. Mas, não é que eu não apareço, é que o horário não dá, é meio difícil.

É isso professora, mais que isso, eu não consigo?

Professora: Em casa ele estuda?

Mãe do Aluno: Posso ser sincera?

Professora: Por favor.

Mãe do Aluno: Às vezes não, eu pergunto se tem lição, ele fala que não tem, ou fala que tem que pesquisar na internet.

Professora: Ele tem um lugar em casa que ele possa estudar?

Mãe do Aluno: Tem o quarto dele, lá tem a mesa, a mesinha do computador, o espaço é todo dele, que lá em casa é só eu, meu marido e ele.

Professora: Ele tem horário todo livre para estudar?

Mãe do Aluno: Eu não “to” falando pra senhora que ele “tá dormino”!

Professora: E quando ele estuda, que a senhora vê que ele está com um caderno na mão, tem alguma televisão ligada...

Mãe do Aluno: Não, ele fica só naquilo.

Professora: Então, a senhora poderia desenhar o lugar onde ele estuda, o quarto dele?

Mãe do Aluno: Tem que desenhar a casa ou só o quarto?

Professora: Só o quarto.

Mãe do Aluno: Tem a cama, aqui tem uma mesinha, aqui tem o Notebook dele, antes era um computador. Eu comprei um computador, por fim eu passei “pro” outro filho meu e comprei um Notebook pra ele. “Tô” com uma dívida imensa, por aqui (*No pescoço*)... Aqui tem um espaço pra ele, aqui em cima tem foto da minha neta, e dos meus filhos, aqui tem uma cama, e outra cama e aqui tem uma cômoda, onde eu guardo as roupas dele. De rádio ele não gosta, ele gosta de jogo. Jogo, e ele é fanático pelo Corinthians.

Meu sobrinho tem tudo na vida, tudo que a senhora imaginar ele tem, mas não tem amor, ele não... A gente conversa muito com ele, nunca ele respondeu, meu sobrinho e minha sobrinha só faltam bater nos pais, não dão valor nos pais, eu falo pra ele não seguir o exemplo dos primos. Tem vizinho lá que gostam muito dele, eu ia vender a minha casa, eu não vendi porque, eu ia trocar a minha casa lá na Vila São Pedro, eu fui ver o ambiente, não dava pra por ele lá, porque, as amizades dele aqui eu conheço, e lá é muito pesado, eu falei que não ia tirar ele do convívio aqui, pro meu filho amanhã virar um maconheiro. Eu não sei o dia de amanhã, mas “tô” tentando evitar.

Professora: Se eu perguntasse para senhora como que é o dia dele?

Mãe do Aluno: Dormir, jogar bola, e ficar falando na internet, mas eu “tô” sempre de olho com quem ele fica conversando.

Professora: A senhora pode desenhar para mim?

Mãe do Aluno: Na rua lá né, e jogar vídeo-game na casa do vizinho. Um dia ele saiu da escola, ele falou que estava na porta do Seletivo (*Escola*) paquerando as meninas, e foi por isso que ele tinha atrasado, mas só foi dez minutos. É uma fase que... Que jeito que eu desenho ele aqui, eu não sei desenhar.

Professora: O dia dele, que a senhora falou para mim que ele joga bola...

Em casa ele lê alguma coisa?

Mãe do Aluno: Não, se eu falar pra senhora eu vou “tá” mentindo.

Professora: A senhora falou para mim, que a senhora não teve a oportunidade de estudar, a senhora tem leitura ou lê muito pouco?

Mãe do Aluno: Eu só leio a bíblia.

Professora: Só a bíblia?

Mãe do Aluno: Só, direto eu leio a bíblia.

Ah, ele joga a bola, tem uma bola aqui, e joga vídeo-game, é só isso que eu posso falar para a senhora. A vida dele é uma vida tranqüila, não é um moleque de sair, é uma criança tranqüila.

Professora: O seu marido tem leitura ou não?

Mãe do Aluno: Não, nada. A gente “tava” até conversando agora, se nós tivesse oportunidade né?

Professora: A senhora não tem vontade de fazer EJA?

Mãe do Aluno: Não eu “tô” velha, eu falo pra ele que a mãe “tá” tão cansada.

Professora: Imagina, não está velha nada. Ele faz algum tipo assim de atividade fora do horário de aula? Porque o reforço esse ano não tem.

Mãe do Aluno: Ele fazia o reforço, ele joga bola.

Professora: Ele não faz algum curso?

Mãe do Aluno: Não tem condição. Ele quer fazer o curso de informática, eu falei pra ele esperar eu pagar as dívidas, ele falou pra mim dar uma bicicleta pra ele, eu falei que bicicleta não dou, eu tenho medo de alguém tomar dele, bater. Até camiseta de time eu não deixo ele sair, eu falo pra ele ir com camisa normal.

Professora: Fora do horário de aula o que ele gosta de fazer é joga bola.

Mãe do Aluno: Fica em casa, dormi e joga bola. Lá “pras” cinco horas (17h) ele levanta assiste televisão, e os meninos que vai chamar ele, que ele não vai chamar, joga bolinha, não sai à noite.

Professora: A senhora vê nele alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou com os amigos?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele conversa...

Mãe do Aluno: Comigo nossa. Ele é mais bravo com o pai dele, mas comigo não, eu falei é uma vez só, que o pai dele é muito brincalhão, então ele tem mais liberdade, comigo não, eu fechei a cara, acabou, acabou.

Professora: Ele não trabalha fora?

Mãe do Aluno: Não pode, se pudesse ele já “tava” trabalhando, que eu ia arrumar alguma coisa pra ele.

Professora: Em casa ele ajuda nos serviços?

Mãe do Aluno: Limpa casa pra mim, lava louça, faz a comida dele, quando eu “tô” trabalhando ele sabe fritar ovo, ele faz o miojo dele, quando eu deixo o prato pronto ele faz a mistura, ele se

vira sozinho, ele é uma criança independente. Agora eu ensinei a fazer arroz, eu falo pra ele que a gente não sabe o amanhã ou depois...

Professora: Ele sempre ajuda?

Mãe do Aluno: Não sempre, mas a comida dele ele arruma até pra mim, que ele vê que eu não almoço, ele vai arrumar pra ele, e arruma pra mim.

Professora: A senhora desenha ele para mim na cozinha?

Mãe do Aluno: Vamos fazer um fogão aqui. Ele mesmo vai lá na panela.

Põe ele aqui do lado?

Professora: Pode ser. A senhora acha que por ele ser um menino que tem dificuldade, que já frequentou o reforço, ele se sente diminuído na frente dos colegas?

Mãe do Aluno: Não, ele é alegre até demais.

Professora: Ele é bem sorridente né?

Mãe do Aluno: Ele que dá alegria lá na minha casa.

Professora: Ele tem dois irmãos mais velhos?

Mãe do Aluno: Dois irmãos, ele tem mais na família do meu marido, tem um quase da mesma idade.

Professora: Ele falou que tem um irmão quase da mesma idade. Ele é mais velho ou mais novo?

Mãe do Aluno: Ele tem quinze e o Claudemir quatorze. Que meu marido separou da mulher, e a mulher acho que pra segurar ele, engravidou.

Ele não gosta do menino, nem conversa com ele, ele fala que não gosta.

Professora: Do menino?

Mãe do Aluno: Não é que ele não gosta.

Professora: É a situação?

Mãe do Aluno: O menino tem ciúmes dele, ele acha que é o pai que dá as coisas, mas não é.

Professora: É a senhora que está com dívida. *(Risos)*

Mãe do Aluno: Tem duas irmãs que não liga, nem considera ele como irmão, que é esse daí e as duas.

Professora: Tem algum fato ou acontecimento na vida dele, que a senhora acha que de algum modo pode ter atrapalhado ele.

Mãe do Aluno: Foi muita briga quando ele era pequeno, ele presenciou briga entre eu e meu marido, quando ele era menor, agora não, mas quando ele era pequeno, tinha cinco, seis anos, teve muita briga mesmo. E briga feia, de eu agredir meu marido, meu marido me agredia e eu

parti pra cima dele. Que meu marido saia com ele e voltava uma da manhã, duas. E eu não admitia, se ele queria sair pra bagunça, saía, mas não levasse o menino.

Professora: E ele sempre presenciando isso?

Mãe do Aluno: Sempre, mas eu dei um basta, parei, porque meu filho não merecia isso, e eu “tô” com o pai dele por causa dele, que se fosse por mim eu já tinha separado há muito tempo. A gente vive na mesma casa, a gente se trata bem, tenta não brigar perto dele, que agora ele “tá” um adolescente, eu sei porque eu fui mãe com quatorze anos, porque eu não tive orientação, não tive diálogo com minha mãe, fui desprezada. Então eu sou meio nervosa, meio depressiva, tomo remédio.

Professora: A senhora toma antidepressivo?

Mãe do Aluno: Tomo, você pode ver que eu tremo um pouquinho.

Professora: A senhora não está nervosa aqui não?

Mãe do Aluno: Não, é que chama eu aqui na escola, eu já acho que é alguma coisa... Fico na cabeça: será que ele aprontou alguma coisa.

Professora: A senhora toma remédio...

Mãe do Aluno: Tomo pra dormir e um depressivo quando eu “tô” meio nervosa, mas pra dormir é todo dia. Agora eu “tô” com problema de saúde na minha família, e a gente fica meio agitada, mas não desconto nele não.

Professora: A senhora acha que isso atrapalhou?

Mãe do Aluno: Atrapalhou quando ele era pequeno, agora não, eu não discuto.

Professora: Ele já tomou ou toma algum medicamento constante?

Mãe do Aluno: Não.

Quando ele era novinho tinha um problema no rim, fiz tudo que estava no meu alcance, levei ele no médico, ficou internado, ele tem um rim grande e um pequeno, que às vezes jogava sangue fora, era um problema no coração que a veia pulava, era tudo pago, não tinha dinheiro, mas dei cheque lá e deu tudo certo. Um doutor pediu um ultrassom do coração, e graças a Deus era de nascença, e ele podia ter uma vida normal.

Professora: Por conta do aprendizado, ele não precisou ir no médico?

Mãe do Aluno: Não, nunca ninguém pediu.

Professora: Ele vai no posto de saúde ou a senhora leva ele em médico particular?

Mãe do Aluno: Faz tempo que eu não levo, mas eu prefiro pagar.

Professora: A senhora acha que o posto...

Mãe do Aluno: Não é isso, tem médico bom no posto, mas pra descobrir o caso dele do rim eu tive que pagar.

Professora: Mas faz tempo que já resolveu isso?

Mãe do Aluno: Graças a Deus, quando ele fizer quinze anos ele tem que fazer de novo o exame do rim e do coração.

Professora: A senhora pode desenhar para mim como que a senhora vê ele?

Mãe do Aluno: Eu vejo meu filho como uma pessoa feliz, sempre dando risada, pode ser o problema que for. Se ele ver eu discuti com o pai dele ele sai, não fica em casa. Ele é sempre alegre, pra mim, não vejo nada de errado nele, por enquanto. Eu acho que ele não menti pra mim, que na hora da escola, “tá” sempre no horário, eu tenho medo dele enforçar aula.

Professora: Ele não falta, esse ano eu não estou dando aula para ele, mas ano passado ele não faltava.

Mãe do Aluno: Só falta quando é preciso né.

Professora: É muito raro.

Mãe do Aluno: Ele é alegre com os amigos. Eu sempre tento conversar com ele, às vezes ele é nervoso, meio agressivo, mas é difícil, pergunto se ele tem problema na escola ele fala que não, só que às vezes ele chega nervoso, não sei se ele quer aprender alguma coisa e não consegue...

Professora: Tem mais alguma coisa que a senhora queira falar sobre a aprendizagem dele?

Mãe do Aluno: Ele mesmo fala que quer passar de ano. Ele pediu pra mim por ele no Seletivo (*Escola*), eu falei que se eu tiver dinheiro, quem sabe...

Professora: Na casa da senhora tem livro? Disponível para ele?

Mãe do Aluno: Tem livro, tem revista, ele tem os livros deles.

Professora: Mas ele não lê?

Mãe do Aluno: Ele não lê, eu falo pra ele que tem que pegar um livro, ler e se esforçar, porque ele tem oportunidade, se eu tivesse oportunidade que ele está tendo...

Professora: Pela dificuldade que a senhora diz ter, quando a senhora lê a bíblia, consegue compreender o que está escrito?

Mãe do Aluno: Ah, eu entendo sim, porque Deus está comigo a toda hora a todo o momento, em situações piores, na hora certa Deus prepara o dinheiro pra mim pagar minhas contas, pra comprar o que ele gosta, ele não tem riqueza não. Hoje ele falou que precisava de um tênis, e eu tivesse dinheiro eu ia na loja e comprava um tênis pra ele, não queria comprar um tênis, queria comprar uma calça, uma bermuda, tudo novo, mas no momento eu não posso entrar em conta mais. Ele entende, ele é uma criança que entende.

Professora: A senhora frequenta alguma igreja?

Mãe do Aluno: Não, Deus é o Deus meu mesmo. Quando eu vou, vou em igreja evangélica, mas é difícil. Aí eu ponho um Cd pra mim ir escutando também, no computador dele tem música evangélica também, e as companhias do computador eu “tô” sempre olhando.

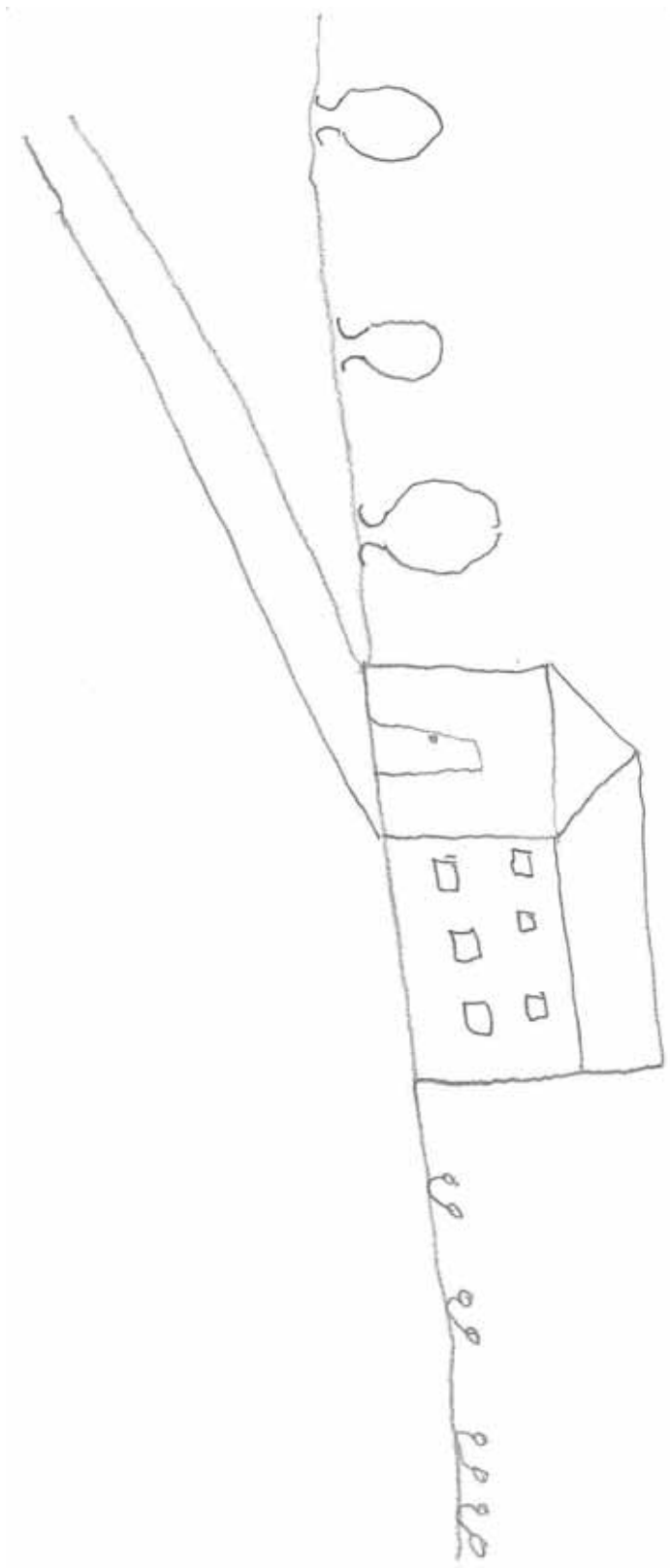
Professora: A gente vê que ele é um menino bem cuidado.

Mãe do Aluno: É que se você deixar... Com a Internet hoje, você fala com o mundo inteiro.

Professora: É isso, eu queria agradecer muito a senhora por ter vindo.

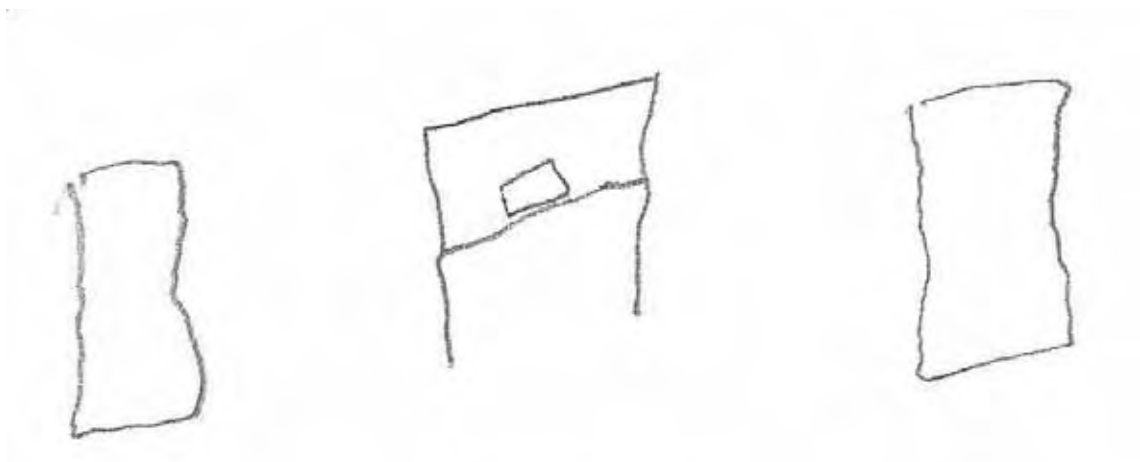
4.5 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?



3. Em que lugar da casa ele(a) estuda? Poderia desenhar?

Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?



4. O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?

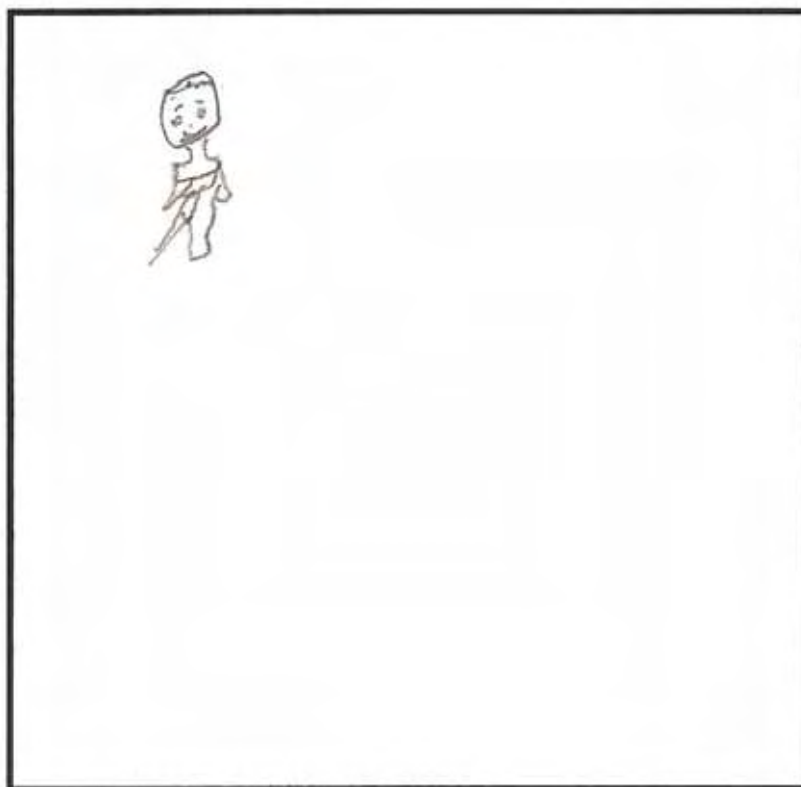


5. Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?



ANEXO V - Mariano

5.1 Transcrição da primeira entrevista realizada com o aluno

Professora: Você está na 8^a C? Quantos anos você tem?

Aluno: Vou fazer quinze esse ano, tenho quatorze.

Professora: Você vai fazer quinze quando?

Aluno: Em março.

Professora: Que dia?

Aluno: Dia 24.

Professora: Dia 24, eu sou do dia 7.

Hoje é dia 16 de fevereiro. Então vamos começar?

Você já estudou em outras escolas? Só aqui?

Aluno: Só.

Professora: Desde a primeira série? Se eu falasse para você assim: como que é essa escola?

Como que você desenharia a escola para mim?

Aluno: Desenharia ela como... Expectativa boa.

Professora: É? Mas, a escola?

Aluno: Lugar bom, de convívio com as pessoas, tem amigos “pra” conversar, discutir os “debate”, falar das coisas.

Professora: É? Então desenha a escola para mim.

Aluno: A escola inteira?

Professora: Do jeito que você quiser, o pedaço que você quiser. Você não precisa se preocupar em desenhar certinho, em desenhar bonito, em não errar, se você quiser, eu pego outra folha.

Desde a 1^a série você estuda aqui? Você mora aqui pertinho?

Aluno: Eu moro aqui em cima.

Professora: Você reprovou a 5^a série?

Aluno: Só a 5^a.

Professora: Que parte é essa da escola?

Aluno: É a frente.

Professora: O que você mais gosta da escola?

Aluno: Não tem as “coisa” que eu mais gosto da escola, tudo eu gosto.

Professora: Não tem nada que você não goste?

Aluno: A diretoria.

Professora: Quando mandam você para a diretoria você não gosta?

(Responde “não” com a cabeça.)

Ninguém gosta, né? O que você acha mais difícil na escola?

Aluno: Ah, nada é impossível professora.

Professora: Não, nada é impossível. Mas no que você sente mais dificuldade aqui?

Aluno: Ah, de prestar atenção.

Professora: De se concentrar?

Aluno: É.

Professora: Por que você acha?

Aluno: Porque eu “tô” com dificuldade, porque eu não presto atenção.

Professora: Você acha que você não presta atenção porque você tem dificuldade, ou você tem dificuldade porque você não presta atenção?

Aluno: Ah, é que eu converso demais né.

Professora: Sempre foi assim?

Aluno: A 2ª foi pior.

Professora: A 2ª série?

Aluno: É.

Professora: Por quê?

Aluno: Na 2ª série eu não fazia nada.

Professora: Na 2ª série? Por quê?

Aluno: Não sei também.

Professora: Não? O que acontecia naquela época?

Aluno: Era muito difícil pra mim, porque eu não sabia as “coisa”.

Professora: Na 1ª série você sabia?

Aluno: Na 1ª eu sabia, começava a fazer as “coisa”.

Na 2ª começaram a debochar de mim né.

Professora: Por quê?

Aluno: Porque eu não fazia as “coisa” certa.

Professora: Quem debochava?

Aluno: Os “aluno” né.

Professora: O que você sentia?

Aluno: Sentia triste, sentia que eu não podia fazer nada, que eu não “ia” ser “mai” que ninguém...

Professora: Você se sente assim ainda?

Aluno: Senti assim eu não sinto mais né, “mai” tem hora que é ruim.

Professora: É?

 Não tem nenhuma hora na escola que você fala assim: essa hora é a eu gosto mais?

Aluno: A aula de Matemática e Português.

Professora: É?

Aluno: Eu não falo, “mai” não sou muito bom nas duas, “mai” eu presto “mai” atenção nas duas só.

Professora: O que você gosta menos?

Aluno: Ciências que eu não sou muito bom.

Professora: Explica para mim o que é isso aqui.

Aluno: É a entrada nova que fizeram aqui... no fundo, isso aqui é a frente dela, aqui começa a fazer os “vitrô” subindo a rampa “pra” cá...

Professora: Você fala a entrada nova aqui? Desse corredor aqui?

Aluno: É. Aí começa a fazer esse negócio de ventilação aqui, aqueles “quadrado”, e começa puxando as sala aqui.

Professora: Você já freqüentou o reforço, certo? De Matemática e de Português?

Aluno: É... só ano passado que eu não fui de Matemática.

Professora: O que você achava do reforço?

Aluno: Achava que eu tinha que aprender mais né, prestar mais atenção.

Professora: Mas você achava o reforço bom ou ruim...

Aluno: Hora que você achava ruim, tinha hora que achava bom.

Professora: Que hora que você achava bom?

Aluno: Achava bom quando você começa aprender as “coisa” que você não sabia.

Professora: E que hora você achava ruim?

Aluno: As “coisa” que você tinha que fazer e você não sabia.

Professora: É? E o que você aprendia no reforço?

Aluno: Aprendia a mexer com cubo, com cálculo...

Professora: Cubo?

Aluno: É.

Professora: Aquele material dourado?

Aluno: Aqueles “quadrado”.

Professora: Ano passado você freqüentou o reforço o ano todo? Você já foi ao CEACRI?

Aluno: CEACRI, não.

Professora: Você se sentia mal de fazer o reforço?

Aluno: Não.

Professora: Não? Quando você reprovou a 5^a série, o que você achou?

Aluno: Eu achei ruim né, todo mundo “passaram” na minha frente.

Professora: O que você sentiu?

Aluno: Eu senti um desgosto... de não “vim” mais na escola...

Professora: Não queria vir mais?

Aluno: Não, todo mundo na minha frente e eu só aqui.

Professora: E quando a professora passa a lição, que você tem dificuldade de fazer, você se sente tão mal quanto ter reprovado ou não? O que é pior?

Aluno: O pior é ficar com a lição sem ter feito, você sabe, mas no dia certo você não prestou atenção pra fazer.

Professora: Tem algum momento aqui na escola, que tenha acontecido algo com você, que você acha que foi importante, que você queira me contar?

Aluno: Importante não tem nada, importante é que eu quero melhorar...

Professora: Ano passado você disse para mim que você poderia ir para FAG (*Escola estadual conhecida na cidade pelos alunos violentos*), estudar à noite, você desistiu da idéia?

Aluno: Não tinha vaga, se tivesse eu ia, que meu irmão e meus “primo” estudam lá. Tem um primo meu que parou de estudar, e agora “tá” lá.

Professora: Seu primo que parou de estudar e agora voltou está lá? Você preferiu ficar aqui?

Aluno: É.

Professora: Você acha melhor?

Aluno: É, que lá é ruim.

Professora: O que tem lá?

Aluno: Lá tem muito bandido né.

Professora: Como você sabe?

Aluno: Porque meu irmão convive por lá né, ele fala as “coisa”, tem policial que fica dentro da sala de aula.

Professora: Você tem medo?

Aluno: De policial não tenho medo não, tem que ter vergonha né.

Professora: E você tem medo dos bandidos?

Aluno: Não, porque eu conheço a maioria.

Professora: Sério? E o que esses bandidos fazem?

Aluno: Ah, bandido não faz nada professora, eles vendem droga, lá na FAG, não tem ordem, qualquer coisinha é motivo de briga.

Professora: Ah, é? E da onde você conhece essas pessoas?

Aluno: É que meu irmão fala.

Professora: Mas, você só conhece essas pessoas de ouvir falar?

Aluno: Ouvir falar e ver, tem gente que vende droga, mas são gente boa.

Professora: Gente boa? Como assim?

Aluno: Eles vendem, faz essas coisas, e não arrumam briga nada, vai “pra” escola normal, só vende quando vai embora.

Professora: Você acha normal?

Aluno: Normal não é, “mai” é destino de cada um.

Professora: Já te ofereceram droga?

Aluno: Já, “mai” eu não aceito não.

Professora: O que você fala?

Aluno: Eu não quero. Meu primo ele fuma né.

Professora: Fuma o quê?

Aluno: Maconha.

Professora: Seu primo que estuda lá?

Aluno: É, que começou a estudar agora.

Professora: Quantos anos têm o seu irmão que estuda lá?

Aluno: Vai fazer dezenove.

Professora: Ele já usou droga?

Aluno: Já.

Professora: Usa ainda ou não?

Aluno: Não, parou, não usa mais não, só usou uma vez.

Professora: Como que você sabe?

Aluno: Minha mãe que conta.

Professora: Me fala mais da escola, da 1^a série, 2^a...

Aluno: A 3^a série foi a “mai” boa que eu estudei.

Professora: É? Por quê?

Aluno: Porque tinha uma professora aqui que fazia de tudo “pra” mim aprender.

Professora: É? Quem que é?

Aluno: Não lembro o nome dela.

Professora: Ela fazia de tudo para você aprender? O que ela fazia?

Aluno: Fazia eu “vim” “pra” escola aprender um pouco mais, falava “pros” outros sentar comigo “pra” mim aprender.

Professora: E com você, como que ela era?

Aluno: Era como uma amiga. Ela fazia tudo “pra” mim aprender.

Professora: Essa foi a série que você mais gostou, entre todas?

Aluno: É na 4^a série eu comecei aprender mais um pouco, mais as “coisa”, esse dois anos seguidos que foi.

Professora: Os melhores?

Aluno: É.

Professora: Depois entrou na 5^a, como que foi?

Aluno: A 5^a eu não fazia nada, não entendia, não conseguia fazer.

Professora: Na 5^a série você reprovou e fez de novo, como que foi?

Aluno: Ah, eu fiz de consciência limpa, que eu repeti porque eu tinha que “repeti” mesmo, aí eu fiz a 5^a e passei em todas as matérias.

Agora esse ano, pretendo fazer todos os vestibulinhos.

Professora: É? E onde você quer prestar?

Aluno: No Mogi... não sei o nome...e no outro negócio lá... não sei o nome também... lá na cidade da UNIP...

Professora: Quer colocar mais alguma coisa?

Aluno: Quero ver o que “ta” faltando.

Professora: Ano que vem você quer estudar aonde?

Aluno: Em qualquer escola que seja boa... mas a escola que eu vou ter que ir vai ser a FAG, que é a mais perto da minha casa.

Professora: Mas você não falou que vai fazer os vestibulinhos em Mogi?

Aluno: É, se eu passar, eu vou continuar fazendo.

Em julho agora eu vou fazer o SENAI.

Professora: Vai?

Aluno: Eu vou fazer curso de engenheiro mecânico, e outro, eu pretendo fazer três cursos, um curso que eu quero fazer é o biólogo.

Professora: Por quê?

Aluno: Eu gosto de mexer com animal, porque eu gosto né... com mar... quando eu vejo na televisão dá dó né...

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira por, ou já podemos passar para o outro desenho?

Por que você escolheu desenhar essa parte debaixo da escola, se você estuda lá em cima?

Aluno: Que essa parte é melhor, porque aqui você tem mais convívio com as “coisa”, com as plantas, vê melhor a cidade, lá em cima você só vê os quadradinhos.

Professora: Vamos passar para o outro desenho? Eu queria que você desenhasse para mim, como que é a sua casa.

Quem mora na sua casa?

Aluno: Eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos.

Professora: Quantos irmãos você tem?

Aluno: Cinco.

Professora: Você é o mais novo?

Aluno: Não. Tem mais um novo... caçula. Ele “tá” estudando aqui de manhã.

Professora: É? Que série que ele está?

Aluno: 3ª, ele tem quase a minha idade.

Professora: Que você?

Aluno: É, ele estudava na APAE.

Professora: Ele tem algum problema?

Aluno: “Pobrema”? Não... tem dificuldade.

Professora: É?

Aluno: “Pobrema” acho que ele não tem nenhum, pelo que eu saiba ele foi operado do pé, que ele tem o pé torto.

Professora: Como que é sua casa?

Aluno: “Véia”.

Professora: A casa é de vocês ou é alugada?

Aluno: É do meu tio, agora a casa é nossa.

Professora: Como assim?

Aluno: A casa é do meu tio, ele mora lá em Martinho Prado, aí faz três anos que ele não vem vê a casa, agora a casa passou “pro” nome nosso, se não vem vê a casa de “três” em “três” anos, a casa fica pra “nóis”, é a nova lei.

Professora: É? É uma casa velha?

Aluno: “Úhh”.

Professora: Quantos cômodos têm?

Aluno: Seis.

Professora: Quais são?

Aluno: Três quartos, sala, cozinha e banheiro.

Professora: É? Como que é sua casa por dentro?

Aluno: Tudo sujo.

Professora: Sujo?

Aluno: As “parede”.

Professora: Por que vocês não limpam?

Aluno: Porque lá não tem como... se limpar suja tudo de novo.

Professora: É, por quê?

Aluno: Porque é de barro o chão.

Professora: E dentro?

Aluno: É de piso.

Professora: Você fala que ela é suja por fora?

Aluno: Por fora e por dentro, porque meu pai guarda passarinho.

Professora: Seu pai guarda passarinho dentro de casa?

Aluno: É, na verdade nem tem sala, lá é onde ele guarda os “passarinho”.

Professora: No lugar da sala é onde guarda passarinho? E o que tem lá onde guarda os passarinhos?

Aluno: Tem “calopsita”, canarinho.

Professora: Tem sofá?

Aluno: Tem não...

Professora: Tem televisão?

Aluno: Só no quarto do meu pai.

Professora: Então na verdade vocês não têm sala, vocês têm um quarto onde guarda os passarinhos?

Aluno: Não é um quarto, é aberta a sala e fica de frente com o banheiro.

Professora: E porque os passarinhos ficam dentro de casa?

Aluno: “Pros” “gato” não comer.

Professora: E como que é seu quarto?

Aluno: Eu não tenho quarto.

Professora: E onde você dorme?

Aluno: Na beliche.

Professora: Mas em algum lugar fica a beliche, aonde que ela fica?

Aluno: No quarto.

Professora: De quem?

Aluno: Meu e dos meus “irmão”.

Professora: Esse irmão que tem problema na perna?

Aluno: Ele não tem problema na perna, ele operou faz tempo, ele tem problema de aprendizagem. Ele é nervoso.

Professora: Ele toma remédio?

Aluno: Tomava, agora não toma mais.

Professora: Que remédio que ele tomava?

Aluno: Ah, é um vidrinho “piquininho”.

Professora: Então dorme você e ele nesse quarto?

Aluno: É, e tem mais uma beliche, dorme meu irmão que trabalha, outro que trabalha no negócio de fazer tanque, outro que trabalha na funelaria, e o meu irmãozinho que fica em casa “cá” minha mãe.

Professora: Você na falou que tem cinco irmãos? E o outro?

Aluno: É menina.

Professora: Dorme aonde?

Aluno: É casada, “amigou”.

Professora: É bem mais velha que você?

Aluno: É a mais velha da casa.

Professora: E depois no outro quarto dorme seu pai e sua mãe?

Aluno: Não, separado.

Professora: Seu pai dorme num quarto, e sua mãe no outro?

Aluno: É.

Professora: Então seu pai dorme sozinho, e sua mãe dorme sozinha?

Aluno: É.

Professora: Por que eles dormem separados?

Aluno: Não sei.

Professora: Não sabe?

Aluno: “Faiz” tempo que eles “dorme” sozinho.

Professora: Com quem você mais conversa na sua casa?

Aluno: Com meus primos.

Professora: Eles moram lá perto?

Aluno: Moram no fundo.

Professora: Então, quantas pessoas moram no terreno?

Aluno: Tem uma casinha de fundo, que mora meu tio, minha prima e meu primo, e a mulher dele é “separado” dele.

Professora: E os filhos ficaram com ele?

Aluno: Só uma que não, uma que já é casada, e tem um nenê, era pra ela ter três, um morreu, que ficou com o cordão umbilical enroscado no pescoço, tem uma menininha e “tá” esperando mais um nenê.

Professora: O que é isso?

Aluno: Um vidro quebrado.

“Tá” tudo quebrado lá... não tem nada bom em casa...

Professora: Por que está quebrado?

Aluno: Porque meu pai brigava demais com minha mãe.

Professora: Eles brigavam porque, você sabe?

Aluno: Que meu pai bebia demais.

Professora: E agora ele não bebe mais?

Aluno: Beber, ele bebe, mas agora ele não enche o saco.

Professora: Por quê?

Aluno: Porque se “enche” o saco a gente bate nele.

Professora: Você conversa com ele?

Aluno: Ele é muito folgado.

Professora: Por quê?

Aluno: “Qué” tudo na mão.

Professora: Ele pede as coisas para você?

Aluno: Quer comida na mão, café no copo, água.

Professora: Mas ele fica como, deitado?

Aluno: Deitado, sentado.

Professora: A televisão fica no quarto dele?

Aluno: É.

Professora: No quarto da sua mãe tem televisão?

Aluno: Tem uma quebrada de 29 polegadas.

Professora: Quem quebrou?

Aluno: O cachorro.

Professora: Você assiste televisão na sua casa?

Aluno: Assistio.

Professora: No quarto dele?

Aluno: É.

Professora: Ele deixa?

Aluno: Tem que deixar né, na minha casa não tem porta que divide os “quarto”, é tudo aberto. Tem uma porta aqui, uma aqui, aqui divide o terreno, aqui “pra” cima tem a casa do meu tio, tem uma horta, aqui tem um galinheiro, aqui é a “xujeira” na parede...

Professora: Desenha o galinheiro.

Aluno: Não, só tem duas galinhas, um galo e dois pintinhos.

Professora: É? Escreve para mim onde é o galinheiro.

Aluno: Lá meu pai criava um “monti” de coisa, ele criava um porco, “pro” Natal e aí “mato”, aí criou galinha.

Professora: Na sua casa tem livro?

Aluno: Tem.

Professora: Na onde?

Aluno: “Espaiado” pela casa, embaixo da minha cama.

Professora: Embaixo da sua cama?

Aluno: É onde eu guardo os livros, não os da escola, guardo lá os livros que eu ganho da escola.

Professora: Você já leu os livros que você ganhou?

Aluno: Eu leio de vez em quando, quando eu tenho tempo, agora eu não tenho “mai” tempo.

Professora: É, mas ano passado que você tinha tempo você lia?

Aluno: Lia pouquinho, li mais o de matemática, não tinha o que fazer, olhava lá e ficava lendo.

Professora: Alguém lê na sua casa?

Aluno: Pra mim?

Professora: Não, que pega um livro e ler? Sua mãe sabe ler?

Aluno: Sabe.

Professora: E seu pai?

Aluno: Não sei não... meu pai acho que não.

Professora: Você acha que não?

Aluno: Meu pai lê ele sabe, mas ele pergunta às vezes, só quando está “beldo”...

Professora: Quando ele está bêbado ele pergunta? Ele dá trabalho?

Aluno: Quando ele “tá beldo” é um sossego, dá comida e ele dorme.

Professora: Quem faz comida?

Aluno: Minha mãe.

Professora: Os vidros são todos quebrados?

Aluno: Só tem um que “tá bão”, que “tá” inteiro...

Professora: E não chove dentro?

Aluno: Tem um “monti” de goteira.

Professora: Pelos vidros não chove?

Aluno: Não, nos “vidro” minha mãe põe... tem vidro que “tá bão” né, aí põe uma cortina “pra” não “moiá”, aí no meu quarto tem uma janela tudo rebentada, tudo quebrada, pega uma madeira lá e põe, e não chove não.

Professora: E goteira, você falou que tem...

Aluno: Goteira tem na sala, goteira que tem mais é no quarto do meu pai, lá tem umas “três”, e perto dos “pé” de banana.

Professora: E vocês comem as coisas da horta?

Aluno: Tem que comer, se não apodrece.

Professora: Vamos passar para o outro desenho?

Você quer colocar alguma cor aqui?

Aluno: Não. Aqui é a casinha “véia”... casa “véia” é casa “véia” né...

Professora: Agora responde para mim: Você costuma estudar na sua casa?

Aluno: Não.

Professora: Não?

Aluno: Não.

Professora: Em lugar nenhum?

Aluno: Em lugar nenhum.

Professora: Você não estuda de jeito nenhum?

Aluno: Não, difícil.

Professora: Nenhum dia?

Aluno: Quando dá tempo eu vejo as coisas, matéria que “tá” faltando, lição.

Professora: Tem algum lugar na sua casa que é apropriado, tem alguma mesa...

Aluno: Tem, única mesa que tem lá é a da cozinha, que “tá” quebrada.

Professora: Está quebrada em cima ou a perna?

Aluno: “Tá” quebrada, quebrada o “negocinho”.

Professora: Mas, dá para você estudar? Você já estudou nessa mesa?

Aluno: Não, que tem “óio”... (*Óleo*)

Professora: Tem o quê?

Aluno: “Óio”, sal.

Professora: Ah, no cantinho da mesa.

Aluno: É, tem duas “mesa”, uma com a bagunça, com um “monti” de coisa do meu pai, tem uma mesinha, e tem o negócio de colocar comida, o armário, e tem um espacinho, é difícil de eu ficar lá. Aí eu pego sento na minha cama e faço.

Professora: Você estuda na sua cama? E quando você tem lição de casa, onde você faz?

Aluno: Não tem lugar “pra” fazer, é “pá” rua, dentro de casa, na esquina.

Professora: Você leva a lição para fazer na esquina?

Aluno: Tem hora que eu levo, não tem nada “pra” fazer, fica dentro de casa com “baruieira”.

Professora: Por que tem barulho na sua casa?

Aluno: É briga de cachorro “pra” lá, é briga de gato pra cá, é barulho, é xingamento.

Professora: Quem que xinga?

Aluno: Minha mãe que é “bocuda”.

Professora: Mas, xinga quem?

Aluno: Eu, meus irmãos, tudo “bocudo”.

Professora: Então você prefere ficar na esquina?

Aluno: Na esquina, eu fico lá, me divirto, eu saio “pra” fora fico sentado lá encostado no poste.

Professora: Lá é mais sossegado do que dentro de casa?

Aluno: É.

Professora: Então, desenha a esquina que você estuda.

Aluno: Ah, não tem esquina, tem a porta aqui assim, o portãozinho, nossa! Dá até vergonha de falar do portão, o portão “tá” caindo aos pedaços.

Professora: Fora de casa é mais sossegado?

Aluno: Sossegado não é, “mai” dá pra fazer lição lá, quando eu tenho tempo eu faço em casa, quando “tá” chovendo. Eu sento de “bera” com o muro. Aqui tem um portão “véio” que quebrou, só tem um pedaço também.

Professora: Você gosta da onde você mora?

Aluno: Eu gosto, não tem que ter vergonha, porque um dia vai melhorar né.

Professora: Tem que pensar assim.

Aluno: Pode não ser agora, “mai” no futuro ninguém sabe, se eu vou ser um biólogo, engenheiro, alguma coisa. Aqui tem um portãozinho de pau, tudo quebrado, caindo aos “pedaço”, se você olhar da esquina e perguntar qual é a casa, vai ver que é tudo quebrado, a casa é toda arreventada, muro tudo pichado, aí divide a casa aqui assim, aí tem a casa do vizinho.

Professora: E onde você fica?

Aluno: Aqui, nesse pedacinho aqui.

Professora: Você falou que sua mãe xinga, por quê?

Aluno: Sei lá. Desde pequena minha “vó” é “bocuda”... e mão-de-vaca.

Professora: E sua mãe também?

Aluno: Minha mãe puxou um pouco “pra” minha “vó”, pouquinho não, puxou né.

Não era “pra” minha mãe “tá” nessa vida, meu “vô” tinha um “monti” de terra, que veio da Itália e aí começou a beber, e perdeu tudo pra pinga, minha “vó” morava lá no Mato Grosso, ou em Minas, uma coisa assim, aí meu “vô” deu essa casa “pro” meu tio, ele não quis, porque ele já tinha casa, ele é bem de vida, todo mundo da minha família é bem de vida, só “nóis” que “tá” aí.

Professora: Aí como?

Aluno: Largado, né. Largado não “tá”, “mai” a única que vem é a minha tia “pra” ajuda, mora lá em Conchal, ela deu um sofá, aí minha mãe não quis, ela deu “pra” minha irmã, porque ia ficar com os “passarinho”.

Professora: Vocês não têm onde sentar na sua casa?

Aluno: Não.

Professora: Nem para comer?

Aluno: Comer, é no chão. O único sofazinho que tem em casa é no quarto do meu pai, que só cabe uma pessoa.

Professora: Sua mãe faz a comida, e aí vocês comem aonde?

Aluno: Fica tudo espalhado. Minha põe comida pra mim, e vou lá...

Professora: Vai lá onde?

Aluno: No sofazinho, brigo com meus “irmão” “pra” mim sentar, fico xingando eles pra eles sair.

Professora: Mas eles não estão comendo?

Aluno: Não.

Aqui é o murinho que divide a casa.

Professora: Onde você está no desenho?

Aluno: Aqui no cantinho.

Professora: O que você gosta de comer?

Aluno: De tudo um pouco.

Não tem que escolher o que comer, tem que comer o que tiver.

Professora: E o que geralmente tem?

Aluno: Arroz, feijão e carne.

Professora: O que você almoçou hoje?

Aluno: Arroz, feijão, salsicha e tomate.

Professora: O que é isso?

Aluno: Um caderninho.

Professora: Você come bastante ou pouco?

Aluno: É difícil eu comer bastante, mas quando eu “tô” com fome eu como uns três quatro prato, “mai” quando eu não “tô” é um só.

Professora: Vamos para o outro desenho então? Tem algum lugar na sua casa que você se diverte?

Aluno: Não tem nenhum lugar “pra” se “diverti”.

Professora: Na sua casa não tem? Onde você se diverte?

Aluno: Jogando bola na rua, correndo atrás de pipa.

Professora: Desenha você se divertindo. Qual a sua diversão?

Aluno: Andar de bicicleta, de tudo um pouco.

Professora: Escolhe uma e desenha, a que você preferir. Seus amigos vão à sua casa?

Aluno: Minha mãe não deixa, deixa até deixa, “mai” eu tenho vergonha de casa.

Professora: E você vai à casa de algum amigo?

Aluno: Só na casa do C. Ronaldo.

Professora: E do C. Ronaldo, você tem vergonha?

Aluno: Ele só vai lá “pra” pedi bola, ou quando quer alguma coisa.

Professora: O que é isso?

Aluno: “Pulero”.

Isso aqui é onde meu pai plantou alguma coisa.

Professora: Seu pai lê alguma coisa?

Aluno: Lê nada, só lê se “vim” carta “pra” ele, e se “vim” é de juiz.

Professora: De juiz? Como assim?

Aluno: Meu pai tem um “fio” com outra “muié”. Ele paga pensão.

Professora: Ele tem mais filho além dos cinco?

Aluno: Tem mais um.

Professora: Você conhece ele?

Aluno: Não, a mãe dele não deixa ele “vim” pra cá.

Professora: Por quê?

Aluno: Não sei.

Professora: Ele não é daqui?

Aluno: Ele é daqui, mas a mãe dele não deixa.

Professora: Sua mãe também não pega nada para ler?

Aluno: Ela pega aqueles papel de mercado.

Professora: Aqueles folhetinhos de supermercado?

Aluno: É.

Professora: O que ela gosta de ver?

Aluno: Os preços, “pra” ver se “tá” caro, “pra” ver se não “tá”.

Professora: E seus irmãos, lêem?

Aluno: Que eu vejo não. Perto de casa tem um campinho lá que ninguém joga.

Professora: E onde você está?

Aluno: Eu fico “pra” cá, assim, aí tem aqui as árvores, tem uma esquina lá na frente, onde tem a pracinha.

Professora: Na sua casa tem jornal?

Aluno: Não, na minha casa não tem nada não.

Professora: Seus irmãos trabalham, e ajudam em casa?

Aluno: Ajuda.

Professora: E você agora está trabalhando? Onde você está trabalhando?

Aluno: Na funilaria, perto do SESI.

Professora: O que você faz na funilaria?

Aluno: De tudo um pouco, mexe com carro, desmonto, lixo, monto, quebro as “coisa”.

Professora: E quanto você recebe?

Aluno: 150 por mês, porque eu não posso, eu sou “de menor”, aí eu recebo por dia.

Professora: Você trabalha em que horário?

Aluno: Antes de eu estudar, eu trabalhava das 8h até as 17h (*Nas férias.*)

Professora: E agora que você está estudando, que horas que você trabalha?

Aluno: Da 13h10 até 17h30, 18h, não tem hora pra sair, hora que terminar o serviço eu saio.

Professora: E você está gostando?

Aluno: “Tô”, pega experiência né.

Aqui tem uma “manguerona”, tinha um pé de amora , aqui tem umas “árvore”, aqui tem a pracinha, onde fica um “monti” de gente que fica conversando, aqui tem a rua, e um caminhão que fica parado aqui, o lugar que eu fico “memo” é “pra” lá, que eu joga bola, amanhã eu vou jogar bola.

Professora: Mas, à noite?

Aluno: É a noite, aí eu saio do serviço, troco de roupa, e vou jogar, lá “pra” umas sete ou oito horas eu volto pra casa.

Professora: Aí você janta?

Aluno: Não, a gente janta só às nove horas.

Professora: Por que às nove?

Aluno: Porque é mania, que eu vou “pra” igreja às nove e meia.

Professora: Todo dia você vai para igreja?

Aluno: Não, eu vou de quarta, quinta, sábado e domingo. Se você quiser ir você está convidada.

Professora: Mais alguém da sua casa vai na igreja?

Aluno: Meu irmão vai em outra igreja.

Professora: E por que você vai sozinho?

Aluno: Porque meu vizinho convidou.

Professora: Você gosta de ir?

Aluno: Eu comecei a ir, e não sei o que deu de mim, que dá mais vontade de ir.

Professora: E o que você sente lá?

Aluno: Energia boa né, Deus vem lá e fala com a gente.

Professora: O que ele falou para você?

Aluno: Deus, falou que vai mudar a minha vida, que eu vou virar um pastor.

Professora: É exatamente isso que eu vou perguntar para você agora, olha, são duas coisas que parecem iguais, mas podem não ser: como que você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que ele fosse?

Aluno: Tem que desenhar?

Professora: Pode falar para mim, depois você desenha.

Aluno: O pastor falou “pra” mim que Deus disse “pra” ele que eu vou ser um pastor, se eu virar um pastor, eu não vou largar. Se Deus não permitir que eu seja um pastor, eu vou fazer faculdade de engenharia mecânica e engenharia civil. Aí quando eu tiver mais velho, já tiver ganhado um dinheiro, eu vou tirar uma casa “pra” minha mãe com móveis tudo dentro, e vou morar com ela até eu tirar uma casa “pra” mim, aí se eu tiver um filho, vou colocar o dinheiro que sobrar no banco, “pra” ele fazer faculdade.

Professora: Seu sonho então é ajudar sua mãe?

Aluno: É.

Professora: Então desenha para mim, alguma coisa de tudo isso que você falou. E você acha que vai ser assim?

Aluno: Eu acho que vai ser assim.

Professora: Que bom, eu também acho.

Aluno: Se não for agora, eu vou tentar, tentar, até conseguir.

Professora: Hoje você vai à igreja?

Aluno: Não só quarta.

Professora: E a vizinha te leva?

Aluno: Não, quando ela vai, eu vou. Eu quero dar uma casa de dois “andar” “pra” minha mãe, que ela pode viver sossegada. *(Ficou em silêncio desenhando a casa.)*

Professora: Conta para mim, como que é a aula de Matemática para você?

Aluno: Ano passado a aula de Matemática era boa, agora em todas as aulas eu falo tudo.

Professora: Ano passado era boa?

Aluno: É ano passado, agora todo mundo “tá” me achando diferente, eu “tô” falando mais, me interagindo com a sala.

Professora: O que teve de diferente ano passado?

Aluno: Ano passado foi diferente, porque ano passado eu comecei a pegar “mai” firme na escola, mostrar que tenho capacidade, e consegui. Esse ano eu pretendo passar de ano “pra” fazer os vestibulinhos.

Professora: Ano passado o que teve de bom na aula de Matemática?

Aluno: As regras de ‘x’ que eu queria aprender.

Professora: Esse ano você está usando o que você aprendeu?

Aluno: “Tô”, eu não sei as “coisa” direito, tem hora que eu não lembro, não sai da cabeça.

Professora: Você está participando das aulas?

Aluno: “Tô”, agora esse ano tem que participar mais né.

Professora: E essa vontade sua de participar, você acha que começou do que?

Aluno: Da força de vontade, eu prometi “pra” mim mesmo que esse ano eu vou me esforçar bem mais do que eu me esforcei ano passado, bem mais, esse ano não pode dar moleza senão repete, “mai” esse ano eu não vou repetir não.

Esse ano a professora fala, e se você perguntar, ela fala de novo e explica, essa sala que eu cai esse ano “tá” me deixando muito triste, todo mundo fica dando risada da Aninha e do Léo, eu já discuti com todo mundo, porque eles ficam rindo das pessoas que tem dificuldade, as pessoas que estudavam ano passado comigo, que sabe que eles tem dificuldade, não ri deles.

Professora: O pessoal do ano passado não?

Aluno: Não, nenhum, já sabia que ele tinha dificuldade. O Léo pelo jeito ele ficou triste. A Aninha tem interesse nas aulas.

Professora: Você quer desenhar mais alguma coisa aqui?

Aluno: É, eu vou desenhar ainda, terminar. *(Continuar desenhando e falando.)*

Professora: O que é isso?

Aluno: Você vai “vê”.

Professora: Você conversa com a Aninha?

Aluno: Com a Aninha é com quem eu mais converso, a Aninha pode ter dificuldade, “mai” pelo tamanho dela, pela força de vontade... é enorme, ela sim tem força de vontade de aprender, ela não sabe e quer aprender. “Mai” ninguém acha isso dela. Esse ano todo mundo acha que eu vou “repeti”.

Professora: Você acha?

Aluno: Os “outro” acha.

Professora: Os outros acham. E você?

Aluno: Eu não acho não.

Professora: Eu também acho que não. Eu acredito em você.

Aluno: Se eu “repeti” vai ser porque eu não “sabe” as coisas ou não aprender. Quando eu pego “pra” fazer uma coisa eu faço certinho, certinho. Certinho eu não faço, “mai” tem que fazer... chegar perto...

Professora: O melhor que pode, certo?

Aluno: É, minha irmã fala que eu vou ser o mais trabalhador lá de casa, porque sabe que eu tenho força de vontade, aí ela fala assim que vai fazer de tudo “pra” eu conseguir fazer alguma coisa.

O dinheiro que eu receber aqui eu vou guardar “pra” “diziminar” lá na igreja, todo mês eu “dizimino” lá, dou quinze reais do meu dinheiro e dou ‘pra” igreja, “pra” igreja não né, “pra” Deus. Que Deus encaminhou “pro” serviço... e o resto eu vou reparti com a minha mãe, eu pago uma conta e o resto eu dou “pra” minha mãe, que ela não tem dinheiro “pra” ela direito.

Eu acho que esse ano vai ser melhor, vou passar no ETEC, e vou fazer administração de conta. “Mexê” com dinheiro, “mexê” com Matemática, “pra” lembrar da professora.

Professora: O que é isso aqui?

Aluno: É o sonho do que eu quero ter em casa.

Professora: Mas, o que é?

Aluno: É, aquelas pedras.

Professora: Que vai emendando uma na outra?

Aluno: É.

Professora: O que mais que vai ter na sua casa?

Aluno: Vai ter um “monti” de árvore, e aqui vai ter uma piscina, se eu tiver uma piscina dessa você vai ser convidada “pra” ir lá.

Professora: Eu espero, eu espero que você não se esqueça de mim quando ficar grande.

Aluno: Vai ter a piscina aqui assim, aqui vai ter um chuveirinho, aqui vai ter um banheirinho, e aqui o chuveirinho caindo água. Minha casa vai ser tudo da natureza, vai ser tijolo de areia que já fez construção.

Professora: Tudo reciclado.

Aluno: É, tudo reciclado. Telhado reciclado, vai ter aqueles painel solar, tudo “pra” não gastar muita energia, “pra” não destruir a natureza, e aqui vai ter um “monti” de árvore, quero ter um pedaço do tamanho da escola, só “pra” construir as coisas.

Professora: Você quer colocar alguma cor aqui?

Aluno: Eu prefiro só o lápis.

Professora: Eu queria que você desenhasse, como que é a aula de Matemática para você.

Aluno: Nossa, desenhar hein, a aula de Matemática.

Professora: É, como é a aula para você.

Aluno: A aula “pra” mim. Eu tenho prestado atenção na aula, bem mais, porque agora começou as coisas que eu queria, mexer com coisas de geometria, medi a altitude, mexer com cálculos, está falando sobre um pouco de mexer com biologia, e essa parte eu quero aprender mais, que eu quero ser biólogo.

Professora: Com certeza.

Aluno: Eu vou fazer a lousa.

O Pedro agora mudou.

Professora: Ele está na sua sala?

Aluno: Não, eu não sei o que aconteceu, que ele “tá” usando o colete, pra arrumar a coluna, eu falei pra ele ficar sossegado que ninguém ia tirar sarro dele não, que isso ia melhorar a postura dele, que se ele continuar desse jeito ele ia ficar corcunda.

Professora: Você sempre se preocupa com as pessoas, de não deixar ninguém ser maltratado, de não deixar ninguém se sentir inferior, certo?!

Aluno: Comigo pode até ser, “mai” com os “outro” não, eu falo assim: você pode até me maltratar, “mai” se alguma coisa você “tiver” precisando eu vou “tá” ali “pra” ajudar.

Professora: Quem quer realizar os sonhos que você tem, não pode mexer com drogas.

Aluno: Não.

Professora: Eu quero te ver daqui alguns anos, e te encontrar bem.

Aluno: Eu quero ficar longe disso. Nossa até esqueci o que eu ia fazer. Aqui “tá” a professora fazendo cálculo lá, uns numerinhos esquisitos.

Professora: Desenha maior.

Aluno: Esse aqui é o Claudemir, o cabeção. O Claudemir é gente fina, é brincalhão, se eu tivesse a vida que ele tem, nossa... Tem de tudo e mais pouco.

Professora: O que tem na vida dele?

Aluno: A vida do Claudemir é boa, o Claudemir tem de tudo na casa dele, a mãe dele faz um esforço “pra” ele estudar.

Professora: Se você tivesse a vida que ele tem o que seria diferente?

Aluno: Seria diferente a minha vida, e eu poderia fazer algum SENAI.

Professora: O que tem na casa dele que não tem na sua, que você gostaria que tivesse?

Aluno: Não sei, eu nunca entrei, eu vi de fora, na casa dele tem uma piscininha de chão, na minha não tem, eu não vejo as coisas boas, eu vejo o coração, ele não quer nada com nada, o C. Ronaldo, esse sim ele quer seguir uma carreira, esse ninguém vai segurar.

Professora: Ele quer ser jogador né?

Aluno: É, esse moleque tem talento. Eu falo “pra” ele correr atrás do sonho dele, não olhar pra mim não, olhar “pra” ele primeiro, pra ele mostrar a capacidade que tem.

Não sei fazer as mesas.

Professora: Você tem o sonho de ser jogador também?

Aluno: Não sonho mais.

Professora: Você já sonhou?

Aluno: Sonhei um dia, “mai” eu posso até ser se eu quiser, “mai” eu não quero, pelo meu tamanho ninguém aceita.

Professora: Por quê?

Aluno: Porque eu não tenho crescimento.

Professora: Por que? Você não é tão diferente do C. Ronaldo?

Aluno: Porque pela idade ele vai crescer mais um pouco, ele “tá” bem maior que eu.

Professora: E por que você não vai crescer?

Aluno: Porque eu puxei pro meu “vô”, meu “vô” é pequinininho.

Professora: Você já tomou algum remédio, assim todo dia?

Aluno: Não, tomei remédio “pra” gripe.

Professora: E aqueles exames que você fez ano passado, para que era?

Aluno: Que eu “tava” com sintoma de pedra no rim. Foi numa quarta feira, eu comi macarrão na escola, e fiquei com dor de estômago até de noite, aí eu fui no hospital, quase desmaiando, até cai no chão, o médico passou um “monti” de exame “pra” fazer, aí eu tomei um soro na veia e fui embora normal, o médico mandou fazer um “monti” de exame, aí deu que eu “tava” com vírus, aí eu tomei remédio, aí deu que não tinha nada.

Professora: É, então termina esse desenho? O que é isso?

Aluno: A porta. A professora aqui fazendo as contas, eu vou fazer aqui a bagunça do fundo.

Professora: Então vamos lá, eu queria que você se desenhasse. Você pode desenhar só o rosto, ou você de corpo inteiro.

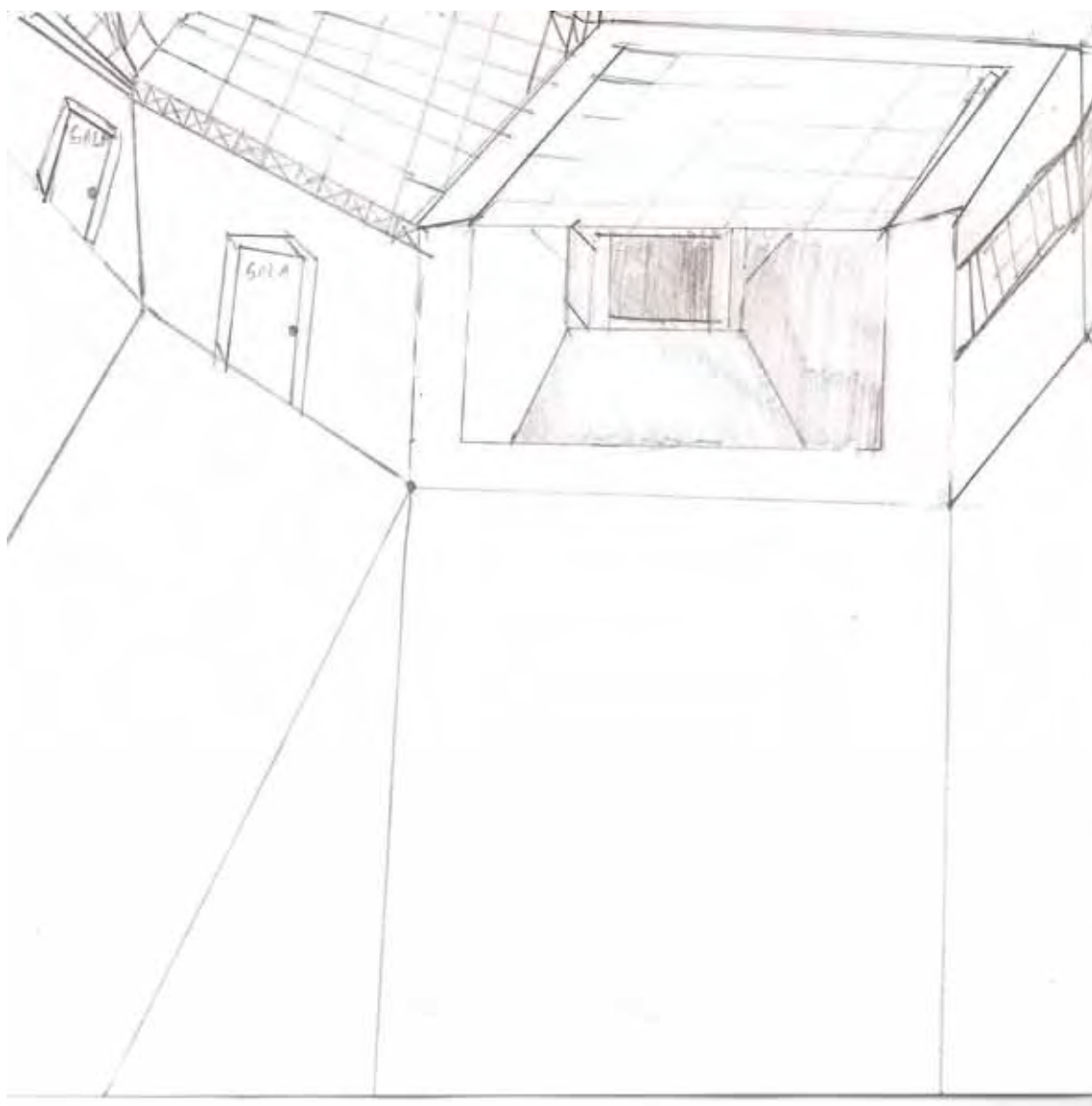
Aluno: Desenhar eu é difícil. Eu não vou desenhar o corpo não. *(Silêncio.)*

A cara só professora, não deu “pra” desenhar o corpo inteiro.

Professora: Está bom. Então é só isso. Muito obrigada por ter vindo!

5.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



3. Como é a sua casa?

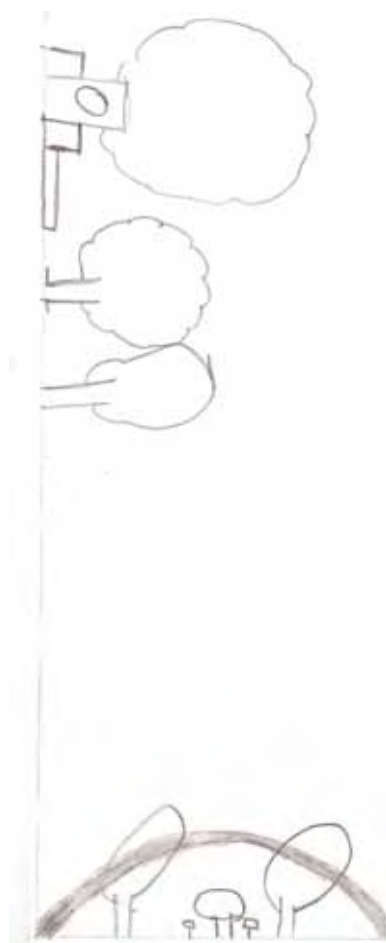


4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?

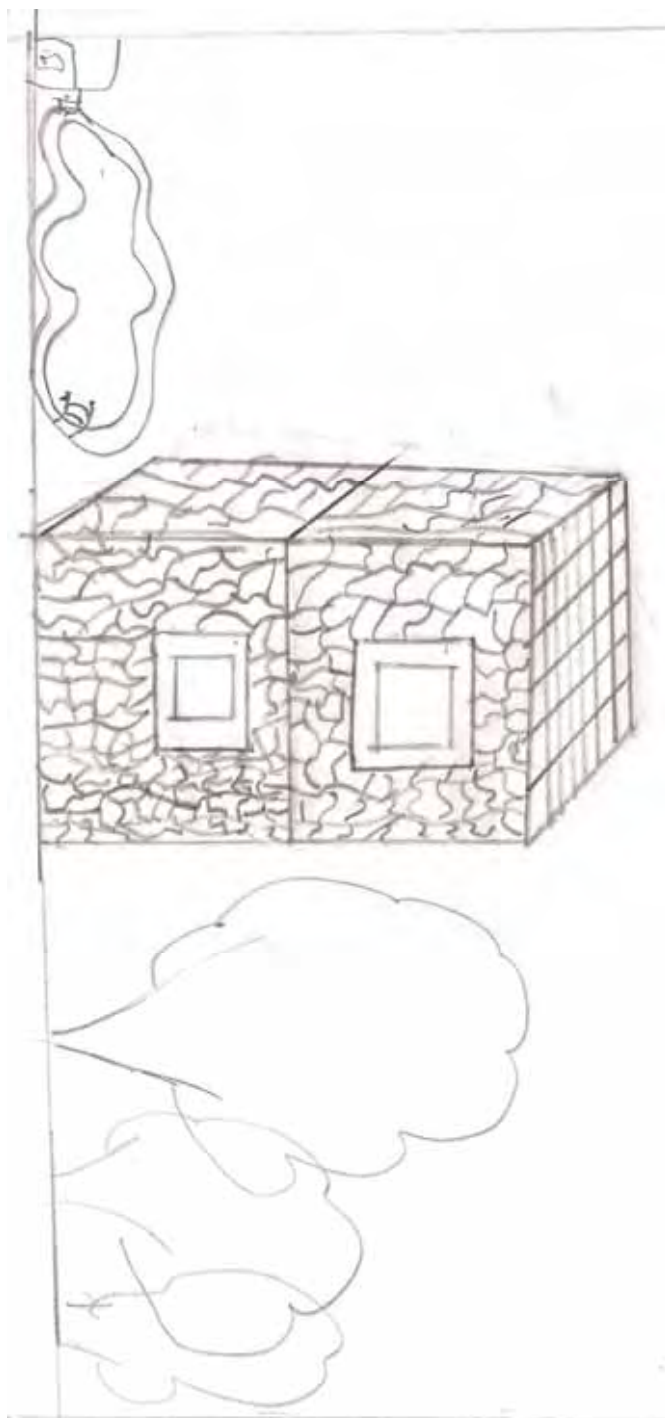




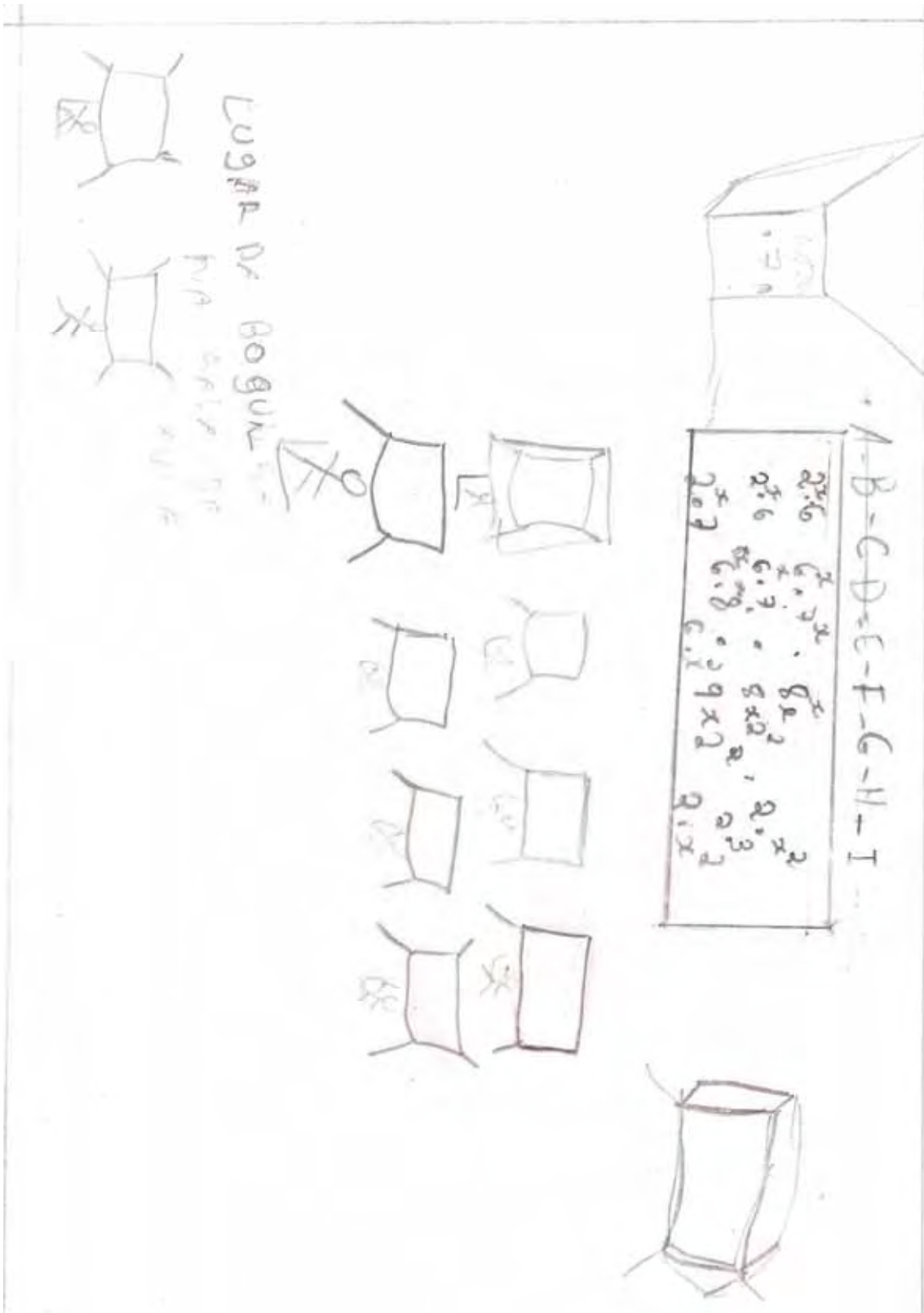
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



5.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Quatorze, vou fazer quinze terça feira.

Professora: Qual é a data do seu nascimento?

Aluno: 24 de março de 1994.

Professora: Onde você nasceu?

Aluno: Aqui mesmo.

Professora: Você pode me dizer o nome dessas figuras aqui?

Aluno: Esse aqui é o triângulo, esse eu não lembro.

Professora: E essa?

Aluno: Círculo.

Professora: Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Aluno: Só em Ciências.

Professora: Em mais nenhuma?

Aluno: A professora de Espanhol não explica direito.

Professora: É? Matemática não? *(Responde não com a cabeça.)*

Antes você costumava ter dificuldade em contas, problemas, na 1^a série, 2^a, sempre teve?

Aluno: Sempre.

Professora: O que você lembra para falar?

Aluno: Eu não fazia as contas, não sabia como fazia.

Professora: Somar, subtrair...

Aluno: Fazia as mais “fácil”.

Professora: Atualmente, qual dificuldade você tem em Matemática?

Aluno: Nas perguntas que faz eu não sei.

Professora: Você sabe me dizer o que você está vendo em Matemática?

Aluno: Potenciação, desses “tipo” assim.

Professora: Então faz para mim aí, um exemplo do que você está vendo.

Aluno: Isso aqui professora.

Professora: Isso é o que você está vendo?

Aluno: É.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim?

(Silêncio de 11 minutos para resolver.)

Desde quando você tem dificuldade em Matemática, que você se lembra?

Aluno: Da 1^a série.

Professora: Você freqüentou reforço durante quanto tempo?

Aluno: Desde a 1^a série. 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a, e ano passado.

Professora: Ano passado tinha reforço também?

Aluno: Mas não de Matemática.

Professora: Do que era?

Aluno: Português.

Professora: O que você faz fora do horário de aula?

Aluno: Trabalho.

Professora: Que horário?

Aluno: Da uma (13h) até as cinco e meia (17h30).

Professora: E você estuda Matemática fora do horário de aula?

Aluno: Só quando eu tenho lição pra fazer.

Professora: Aí você faz?

Aluno: Faço.

Professora: Você sempre faz lição? Que horário você faz?

Aluno: Quando eu chego do serviço.

Professora: O que você faz, você chega do serviço...

Aluno: Se não tiver igreja eu faço, se tiver igreja aí depois que eu chegar da igreja eu faço lição.

Professora: Você pode dizer para mim o que você entendeu desses dois problemas aqui?

Aluno: Que são 600 cobertores, que serão distribuídos igualmente entre três orfanatos... É Vinte e quatro, deixa eu ver.

Professora: Faz a continha, você acha que é vinte e quatro?

Aluno: Eu acho que é, dividido por três seis... Vinte e quatro cobertores.

Professora: É? E esse aqui?

Aluno: Quatrocentos e oitenta e três.

Professora: Pode por aqui.

Aluno: Eu acho que “tá” errado.

Professora: Você acha que está errado?

Aluno: Tem que somar mais 87... Num deu 1.930, aqui tira 1.000, então vou ter que fazer... Aqui eu cortei o zero, e cortei aqui o um, e pus aqui. Eu tirei 85, depois... Se eu tirar 85 do saldo que ele tem... Aí tem que empresta, deu 129, não sei o que deu errado.

Aqui professora, eu tirei 85 daqui e deu 390. Aqui passou, então eu vou ter que tirar aqui. O saldo dela é de 479. Aí eu vou ter que tirar 87, aí vai dar o tanto que sobrou, ela tinha 392.

Professora: Então escreve aqui.

Aluno: Deu 497, aí eu tirei 87...

Professora: Você está falando para mim que esse valor não é o certo?

Aluno: Eu acho que não, deve ser esse valor.

Professora: Esse valor 392, você acha que não é o certo?

Aluno: Eu acho que não, não sei se é o certo, eu “tô” em dúvida.

Professora: Está em dúvida por quê?

Aluno: Que deu 479, e eu tirei o que deu 392 que o saldo é o que ela tinha.

Professora: Então é isso?

Aluno: Deu certo sim professora, aqui eu somei deu 409 e eu tirei 87 que deu 392, depois eu tirei deu 257, e somei mais 87 deu 244 o saldo.

Professora: Então vamos fazer o seguinte, faz essa continha que você fez aqui nessa folha em branco.

(Depois de 33 minutos, ele resolveu o segundo problema.)

Aluno: “Demoro mais” eu fiz.

Professora: Mariano, nessa folha você pode dizer o nome dessas figuras?

Aluno: Triângulo, paralelepípedo, esse aqui é o círculo, não é?

Professora: Nessa folha aqui, você pode fazer essas continhas aqui?

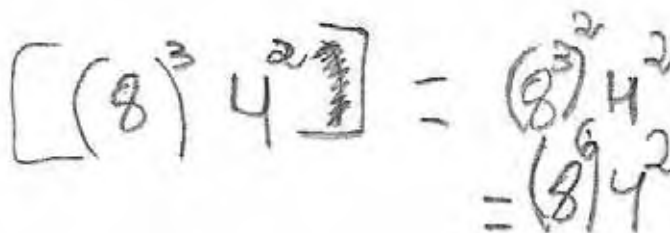
Aluno: De novo?

(Mais quinze minutos.)

Professora: É. É só isso Mariano, certinho.

5.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?


$$\left[(8)^3 4^2 \right] = (8^3)^2 4^2 = (8^6) 4^2 = (8) 4^2$$

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

i) $237 + 131 =$

j) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r}
 237 \\
 131 \\
 \hline
 368
 \end{array}
 +
 \begin{array}{r}
 296 \\
 184 \\
 \hline
 480
 \end{array}
 =
 \begin{array}{r}
 153 \\
 \times 4 \\
 \hline
 212
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 612 \overline{) 3} \\
 \underline{61} \\
 012 \\
 \underline{12} \\
 00
 \end{array}$$

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

$$\begin{array}{r}
 612 \overline{) 3} \\
 \underline{61} \\
 012 \\
 \underline{12} \\
 00
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612/3 \\ 612 \\ \hline 012 \\ \hline 00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 206 - \\ 135 \\ \hline 191 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 3314 \\ 135 \\ \hline \end{array}$$

135,000

$$\begin{array}{r} 14109 \\ 135 - \\ \hline 988 \\ 344 - \\ \hline 144 \end{array}$$

344,00

87

1

$$\begin{array}{r} 1 \\ 290 - \\ 87 - \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1 \\ 265 \\ 87 + \\ \hline 344 \\ 18 - \\ \hline 344 \\ - \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 315 \\ 18 - \\ \hline 344 \\ 3314 \\ 18 - \\ \hline 326 \end{array}$$

RETIPOUS 135,00

DEPÓSITOS 87,00

SALDO DE 344

$$\begin{array}{r} 109 \\ + 87 \\ \hline 196 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 135 \\ - 87 \\ \hline 48 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 344 \\ + 48 \\ \hline 392 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 344 \\ - 135 \\ \hline 209 \\ - 87 \\ \hline 122 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 344 \\ + 135 \\ \hline 479 \\ - 87 \\ \hline 392 \end{array}$$

Ela tem R\$ 392,00

$$\begin{array}{r} 344 \\ + 135 \\ \hline 479 \\ + 87 \\ \hline 566 \end{array}$$

11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

Handwritten solutions for problems a, b, and c:

A)
$$\begin{array}{r} 237 \\ + 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

B)
$$\begin{array}{r} 296 \\ - 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

C)
$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

Handwritten solution for problem d:

$$\begin{array}{r} 612 \overline{) 3} \\ \underline{6} \\ 012 \\ \underline{12} \\ 00 \end{array}$$

5.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno

Mãe do Aluno: Esse negócio de pesquisa é sobre a escola mesmo, como que é?

Professora: É para uma pesquisa que eu estou realizando, então não tem a ver com a escola, tem a ver com os alunos, com suas dificuldades, então assim, o que a gente conversar aqui, vai ficar aqui mesmo, tudo bem?

Mãe do Aluno: O Mariano não tem né? Ele repetiu um ano só, como assim?

Professora: É dificuldade de aprendizagem.

Mãe do Aluno: Ele repetiu um ano, ele vai fazer quinze anos. Agora esse aqui, que “tá” aqui fora esse tem, estudou na APAE né.

Professora: Quantos anos a senhora têm?

Mãe do Aluno: Eu “tô” com quarenta e dois.

Professora: A senhora nasceu aqui mesmo?

Mãe do Aluno: Não, em Pinhal.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora consegue ver no Mariano com relação à aprendizagem dele?

Mãe do Aluno: Agora eu não sei.

Professora: Com relação à Matemática a senhora sabe me dizer as dificuldades que ele tem?

Mãe do Aluno: Ele não fala essas coisas, ele faz lição, agora não sei né, as dificuldades eu não sei.

Professora: Ele trabalha fora todo dia?

Mãe do Aluno: Não, ele “tava” fazendo um ‘bico’ lá com um “homi”, mas o “homi” faz dois “mês” que não paga o moleque, mas ele sai da rua, que ele não fica mexendo na rua, mas o “homi” não paga ele também, eu conversei com o “homi” de pagar cem reais pra ele por mês, é mixaria, mas “tá” bom, é melhor que ele ficar na rua mexendo com porcaria, só que o “homi” fica enrolando pra pagar ele.

Professora: E a senhora já foi conversar com ele?

Mãe do Aluno: Eu tenho que ir lá conversar com ele, “mai” o Mariano não quer que eu “vô” “mai” tem que ir né, não “ta” certo.

Professora: Tem que ir, porque ele está trabalhando e não está recebendo, está errado né?

Mãe do Aluno: Nem que for pouquinho, tem que receber né? Que ele “tá ino” lá todo dia. “Mai” vai que eu “vô” e ele manda o moleque embora, aí “cumprica” porque aí ele vai “fica” “pá” rua né.

Professora: Ele está indo todo dia e não está recebendo?

Mãe do Aluno: Todo dia, mês passado ele pagou metade, agora dia vinte ele precisa pagar o resto, ele fica enrolando. Agora eu não sei se eu vou lá, capaz dele mandar o moleque embora, aí ele fica pra rua, ele mexe com coisa de carro, pintar carro, aprende né? Não sei o que eu preciso fazer.

Professora: Ele ajuda no serviço de casa?

Mãe do Aluno: Ele não gosta muito, ele gosta de ficar na rua.

Professora: Ele não gosta de ajudar em casa?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele não tem nenhum trabalho, como arrumar o quarto, lavar a louça?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Nada?

Mãe do Aluno: Nada, ninguém gosta de nada.

Professora: Quando ele está recebendo, ele contribui financeiramente na família? Ele tem uma conta que é dele?

Mãe do Aluno: Ajuda.

Professora: Ajuda?

Mãe do Aluno: Um pouquinho, cem reais né?

Professora: O que ele recebe ele dá para senhora, ou ele fica com um pouco?

Mãe do Aluno: Ele divide meio a meio, cinqüenta ou sessenta pra ele, e cinqüenta pra mim. “Bão” memo era ele entrar “pro” CAMP, “mai” aí é enrolado, porque tem que fazer prova, e não passa. (*O CAMP é uma instituição para auxiliar no primeiro emprego.*)

Professora: Quantos filhos a senhora tem?

Mãe do Aluno: Com tudo é cinco, o David é o ultimo, quatro homem e só a Débora de mulher, só que a Débora mais velha já casou se “amigou”, e não mora mais comigo, agora tem quatro homem só Mariano, David, Douglas e o Diego.

Professora: Se eu pedisse para senhora desenhar aqui para mim, um desenho bem simples mesmo, de como a senhora vê a escola, como que a senhora desenharia para mim?

Mãe do Aluno: Agora você complicou eu. Qualquer coisa?

Que a escola tem árvore, um “monti” de coisa.

Professora: Pode desenhar.

Mãe do Aluno: Árvore também pode?

Professora: Pode.

Mãe do Aluno: Pode fazer a escola como uma casa, não pode?

Professora: Pode, pode ser.

Mãe do Aluno: Eu desenho “malemá”, mas a escola vai ficar errada não faz mal né?

Professora: Não tem problema, do jeito que a senhora enxerga a escola.

Mãe do Aluno: Só que eu não sei fazer direitinho. Ficou torta, não faz mal né? “Tá” horrível tem que fazer mais?

Professora: Do jeito que a senhora quiser.

Mãe do Aluno: Acho que “tá” bom só duas coisas.

Professora: Pode ser.

Ele costuma estudar em casa?

Mãe do Aluno: Então agora que ele “tá” trabalhando não dá tempo.

Professora: A noite ele também não estuda?

Mãe do Aluno: Depois ele vai pra igreja.

Professora: Ele vai para igreja todos os dias?

Mãe do Aluno: Não, ele vai terça, quarta, sábado e domingo. Aí depois ele dorme de cansado.

Professora: Ele chega que horário em casa?

Mãe do Aluno: Chega quase seis horas (18h).

Professora: Depois que ele chega o que ele costuma fazer?

Mãe do Aluno: Ele vai assistir televisão, depois ele vai pra igreja, toma banho e dorme, que ele vai na escola cedinho.

Professora: A senhora também vai na igreja ou ele vai sozinho?

Mãe do Aluno: Ele vai com a “muié” perto de casa, às vezes ele vai sozinho que ele sabe o caminho também.

Professora: A senhora não gosta de freqüentar a igreja que ele vai ou...

Mãe do Aluno: Meu coração não se tocou ainda, ele e Diego vai na igreja, o Diego vai em outra. Quem sabe um dia a gente vai ainda...

Professora: Ele toma conta de algum irmão ou não?

Mãe do Aluno: Não, só tem David.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim como que é o dia do Mariano, quando ele não está na escola, ele está na oficina né? A senhora já foi ver como ele trabalha?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: É só o que a senhora ouviu ele dizer?

Mãe do Aluno: Eu não vi não.

Professora: A senhora poderia desenhar ele para mim no trabalho dele?

Mãe do Aluno: Eu não sei desenhar.

Professora: Desenha do jeito que a senhora conseguir como a senhora acha que ele trabalha.

Mãe do Aluno: Não sei desenhar um carro, que ele lixa carro.

Professora: Tenta desenhar, se a senhora não conseguir a gente vê.

Mãe do Aluno: Tem que fazer o Mariano...

Professora: Ele vinha fazer o reforço na escola?

Mãe do Aluno: Vinha, todo ano ele fazia reforço.

Professora: A senhora achou que era bom, que ele melhorava?

Mãe do Aluno: Ele passou de ano né? Mas esse ano não dá certo, ele “tá” trabalhando. Eu não sei fazer o carro não.

Professora: A senhora não sabe?

Mãe do Aluno: Não consigo desenhar não. O carro não consegui desenhar.

Professora: Ele faz algum tipo de atividade fora do horário de aula? Algum curso...

Mãe do Aluno: Não.

Professora: O que ele mais gosta de fazer quando ele não está na escola?

Mãe do Aluno: Quando ele não “tá” na escola, ele “tá” “trabaiando”.

Professora: Mas o que ele gosta de fazer?

Mãe do Aluno: Gosta de ficar brigando com o David, ficar fazendo bagunça em casa.

Professora: Ele tem alguma dificuldade de relacionamento em casa? Com a senhora, o marido da senhora, se briga muito...

Mãe do Aluno: Ele é arteiro, só falta matar o David.

Professora: Por que eles brigam tanto?

Mãe do Aluno: Não sei.

Professora: A senhora não sabe por que eles brigam?

Mãe do Aluno: Por qualquer coisa, por causa de uma roupa, um ‘carçado’ eles brigam. São tudo “esquisito”.

Professora: Ele recebe cem reais por mês? Esse é combinado?

Mãe do Aluno: Ele conversou com o “homi”, eu preciso ir lá, eu não fui lá ainda.

Professora: Quem que arrumou esse serviço para ele?

Mãe do Aluno: O coleguinha dele, um menino da igreja, que passou o serviço pra ele.

Professora: O Mariano que foi conversar com o dono da funilaria?

Mãe do Aluno: O moleque que mora perto de casa, e o dono de lá é tio do menino.

Professora: Aí conversou e acertou que ia pagar cem reais para ele?

Mãe do Aluno: Ele falou né, mas o “homi” fica enrolando. Eu nem fui lá, o “homi” é parente da mulher que vai na igreja do Mariano, que se eu ir lá ele manda o Mariano embora. Que eu tenho um sobrinho que mora lá no fundo de casa que mexe com a porcaria da droga, pelo menos o Mariano “tá” seguro lá. Agora se manda ele embora, eu tenho que arrumar outro serviço pra ele.

Professora: Tem um sobrinho da senhora, que mora junto?

Mãe do Aluno: É.

Professora: Mora a senhora...

Mãe do Aluno: Depois tem meu cunhado que largou da mulher dele, tem a Jéssica, e o Rodolfo, que “tá” esperando uma vaga na escola também, fica mexendo com porcaria.

Professora: Tem duas casas lá onde a senhora mora?

Mãe do Aluno: Uma na frente e uma no fundo.

Professora: Na casa da frente quem mora?

Mãe do Aluno: Eu, e na do fundo meu cunhado.

Professora: Na casa da frente mora a senhora, o Mariano...

Mãe do Aluno: O David, o Douglas, o Diego, e o pai deles.

Professora: No fundo quem que mora?

Mãe do Aluno: Meu cunhado, que “tá” internado, ele “tá” doente, mora ele, o Rodolfo e a Jéssica.

Professora: Esse Rodolfo que mexe com drogas?

Mãe do Aluno: Ele fica mexendo com porcaria né.

Professora: O Mariano vê ele mexendo com droga?

Mãe do Aluno: É sobrinho né? Mora no fundo né.

Professora: A senhora fica com medo?

Mãe do Aluno: Os meus filhos não mexe, graças a Deus né?

Professora: Graças a Deus. A senhora acha que tem algum fato na vida dele que contribuiu com a dificuldade dele? Como, alguma coisa que aconteceu na gravidez da senhora, alguma coisa triste que aconteceu na vida dele, algum trauma, que a senhora consegue me dizer que atrapalhou ele?

Mãe do Aluno: Em casa é tudo revoltado, sei lá eu.

Professora: A senhora acha que todos filhos da senhora são revoltados?

Mãe do Aluno: Acho. São tudo revoltado, sei lá eu né.

Professora: A senhora não sabe me dizer?

Mãe do Aluno: Acho que eles queriam ter bastante coisa e não tem, não tem serviço digno pra eles trabalhar também.

Professora: A senhora trabalha fora?

Mãe do Aluno: Não, eu “tava” trabalhando, mas acabou o contrato.

Professora: A senhora trabalhava onde?

Mãe do Aluno: Na frente de trabalho. (*A prefeitura contrata as pessoas para serviços de limpeza das ruas e praças da cidade.*)

Professora: E o marido da senhora trabalha?

Mãe do Aluno: Trabalhava também.

Professora: Ele toma, ou já tomou algum tipo de remédio constante?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Nem quando criança?

Mãe do Aluno: Não, o David tomou, mas o Mariano não.

Professora: O que ele tomava?

Mãe do Aluno: Não lembro o nome do remédio, que ele estudava na APAE.

Professora: Agora ele está aqui?

Mãe do Aluno: Faz dois anos.

Professora: Ele já freqüentou algum psicólogo?

Mãe do Aluno: Não, o Mariano não foi no psicólogo.

Professora: Ele não fica doente com freqüência?

Mãe do Aluno: Fica sim, dor de cabeça, essas coisas. Os médicos “disse” que é enxaqueca, ele fala um “monti” de coisa, dor de cabeça ele tem demais.

Professora: A senhora é alfabetizada? A senhora sabe ler e escrever?

Mãe do Aluno: Eu sei “malemá”, lê eu sei, não muito.

Professora: E o marido da senhora?

Mãe do Aluno: Não muito.

Professora: Até que série a senhora estudou?

Mãe do Aluno: Até a 3^a.

Professora: E o marido da senhora?

Mãe do Aluno: Não sei.

Professora: Na casa da senhora tem livro, revista, jornal, as crianças costumam ler?

Mãe do Aluno: Eles lê mais bíblia, que eles são crente né, o Mariano e o Diego.

Professora: Eles gostam de ler a bíblia?

Mãe do Aluno: Que eles são crente né.

Professora: A senhora lê ou não?

Mãe do Aluno: Não tenho paciência.

Professora: O marido da senhora também não?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Na casa da senhora tem algum lugar que as crianças costumam sentar para fazer lição, estudar ou não?

Mãe do Aluno: *(Silêncio, nega com a cabeça.)*

Professora: Eles fazem lição de casa ou a senhora não vê?

Mãe do Aluno: Fazem.

Professora: O menor é o...

Mãe do Aluno: David.

Professora: Que série que ele está?

Mãe do Aluno: Acho que na 2^a ou 3^a, que é o segundo ano dele aqui.

Professora: A senhora vê se ele tem lição de casa ou não?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: A senhora vê os cadernos deles, o material?

Mãe do Aluno: Vejo, rapidinho quando eles “tão” lendo.

Professora: A senhora poderia desenhar aqui para mim, como que a senhora vê o Mariano?

Mãe do Aluno: Fazer ele de novo?

Professora: É do jeito que a senhora...

Mãe do Aluno: Fazer como?

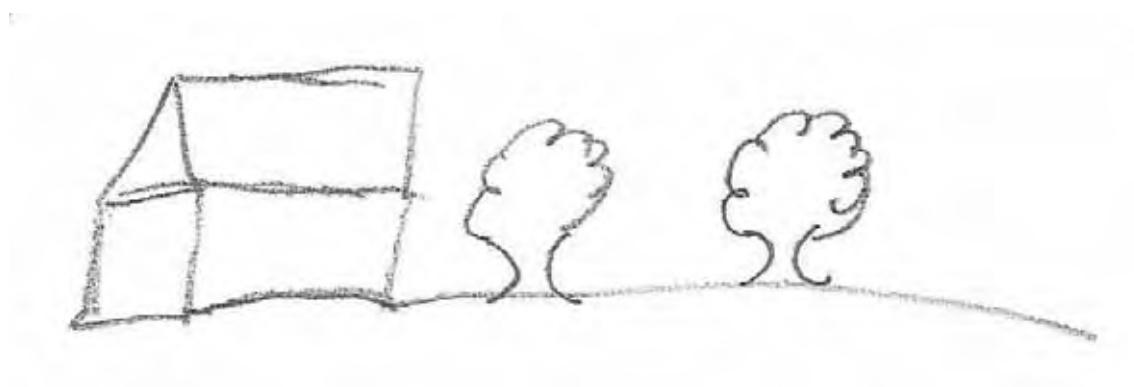
Professora: Do jeito que a senhora vê o Mariano, como que a senhora desenharia ele?

Mãe do Aluno: Como que eu desenhei ele aquela hora? Vai assim “memo”, vai errado “memo”.

Professora: Então é isso. Muito obrigada!

5.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

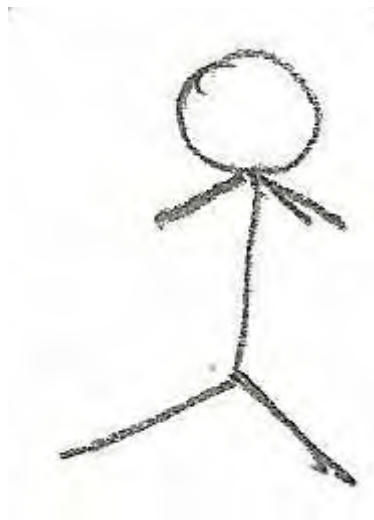


4. O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

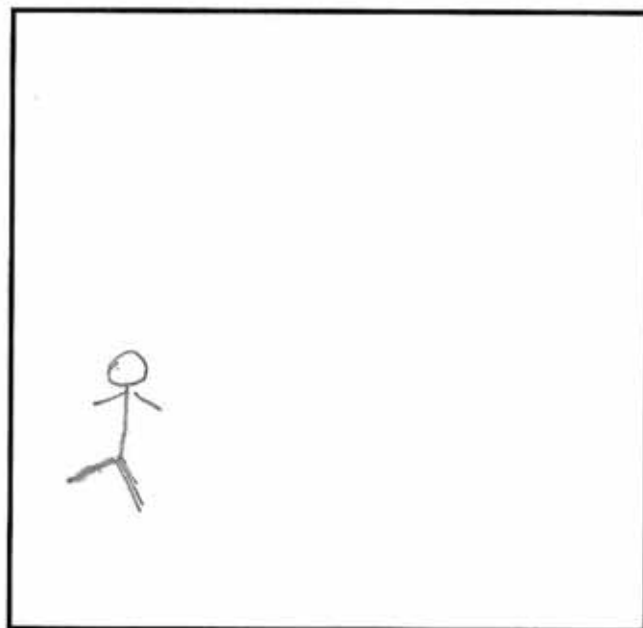
Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?



ANEXO VI - Jair

6.1 Transcrição da primeira entrevista realizada com o aluno

Professora: 8^a B né?

Aluno: É.

Professora: Quantos anos você tem?

Aluno: Quatorze.

Professora: Você vai fazer quinze esse ano?

Aluno: Não.

Professora: Que dia que você faz aniversário?

Aluno: 4 de Fevereiro.

Professora: Você pode usar o lápis grafite, ou se você quiser usar o lápis de cor, fica a seu critério.

Você já estudou em outras escolas?

Aluno: Não.

Professora: Você estuda aqui desde a 1^a série?

Aluno: É.

Professora: Se eu pedisse para você desenhar a escola que você estuda hoje, como que você desenharia?

Pode usar a régua, ou desenhar à mão livre.

Aluno: Desenha de frente ou de lado?

Professora: Você quem sabe.

Começa o desenho.)

Você estuda aqui desde a 1^a série?

Aluno: É.

Professora: Você mora aqui perto?

Aluno: Moro, dois “quarterão”.

Professora: Você tem muitos irmãos?

Aluno: Tenho, dois “irmão” e uma irmã.

Professora: Eles já estudaram aqui?

Aluno: Já.

Professora: Quem são seus irmãos?

Aluno: O Edson, que já estudou com você, e a Driele, que ele se formou na 4^a série aqui.

Professora: Você já freqüentou reforço aqui na escola?

Aluno: Já.

Professora: De quais matérias?

Aluno: De “Português”, Matemática, e o ano passado eu só fiz de “Português”...

Professora: E o que você achava do reforço?

Aluno: Era legal, eu gostava.

Professora: E? Por quê?

Aluno: Ah, porque era legal, era a professora que deu aula “pra” mim na 2ª série, ano passado.

Professora: Como que ela se chama?

Aluno: Maria de Jesus. (*sobre o desenho*) O desenho está meio torto.

Professora: Não tem problema, pode ficar sossegado.

Que dificuldade que você tem em Matemática?

Aluno: Em Matemática?

Professora: O que você acha mais difícil?

Aluno: Tem umas “hora” que eu consigo fazer, tem umas “hora” que eu não consigo não.

Professora: Que parte que você está desenhando?

Aluno: A frente, onde tem os pedacinhos de tijolinhos.

Professora: Que parte da escola que você mais gosta?

Aluno: O pátio da escola.

Professora: E qual parte que você menos gosta?

Aluno: Não tem.

Professora: Não tem? O que você acha mais chato na escola?

Aluno: Mais chato? Não tem nenhuma coisa chata, eu gosto de tudo...

Ficou meio torto.

Professora: Não tem problema.

Qual é a parte do reforço que você mais gostava?

Aluno: De Matemática, sempre gostei de Matemática, a matéria que eu mais gosto é Matemática.

Professora: E nas continhas, o que você acha mais difícil?

Aluno: Nas continhas? Acho que é a tabuada do sete pra cima.

Professora: É? E seu irmão Edson, está estudando aonde?

Aluno: No Luiz Martini, junto com a minha irmã.

Nossa! Esqueci como era a escola... (*Sobre o desenho.*)

Professora: Ele estuda a noite?

Aluno: De manhã.

Professora: E ela?

Aluno: Também de manhã, ela quer ser enfermeira, está fazendo curso de enfermagem.

Professora: E você vai estudar aonde?

Aluno: No Luiz Martini também. Aqui é a frente, e aqui tem o portão. Aqui é onde fica os “latão” de lixo, aqui “fica” as “câmera”, que olha tudo o que a gente faz...

Professora: O quê?

Aluno: Aqui é onde fica os “latão” de lixo. Aqui é a entrada, o corredor novo, as “janela” da sala...

Professora: Quando você vinha no reforço o que você não conseguia fazer?

Aluno: O que eu não conseguia fazer?

No reforço eu sempre fiz tudo, só nas aulas normais que eu não consigo fazer.

Professora: Desde quando você tem dificuldade em Matemática, Português...

Aluno: Desde a primeira série.

Professora: É? Qual série foi mais difícil até agora, que você se lembre?

Aluno: Mais difícil, foi a 4^a.

Professora: Por quê?

Aluno: Por causa das perguntas, as “conta”, era grande, divisão de polinômio por polinômio, era difícil.

Aqui é a caixa de areia, o pé de amora.

Professora: Faz uma setinha aqui, e escreve para mim o que é cada coisa.

Aluno: Aqui é a caixa de areia,... é um “r” só?

O pé de amora, a quadra...

Professora: Então aqui é a escola? Você quer colocar alguma cor no desenho ou não?

Aluno: Coloco.

Professora: Se você não quiser colocar cor, não precisa.

Aluno: Eu quero, na árvore.

Professora: Você come a amora aqui da escola?

Aluno: De vez em quando eu como, na 5^a série eu comia bastante, chegava com a mão toda roxa na sala.

Professora: E aí...

Aluno: A professora mandava eu lavar.

Professora: Por que você não lavava antes de entrar na sala?

Aluno: Por que quando a gente “tava” comendo, só tinha cinco minutos, aí eu catava a amora, aí batia o sinal e eu entrava correndo na sala.

Professora: Já aconteceu alguma coisa, dentro da escola, na sala de aula, que te deixou triste alguma vez?

Aluno: Não.

Professora: E para ler e escrever, qual é a sua dificuldade, como que você é?

Aluno: Pra mim “lê” pra mim mesmo eu consigo, mas pra lê “pros” outros eu não leio muito bem.

Professora: Para ler para você, você consegue, para ler para as outras pessoas você não consegue? Por quê?

Aluno: Não sei.

Professora: Você fica nervoso? (*O aluno confirma.*)

Por quê?

Aluno: Eu sou tímido.

Professora: Você é tímido?

Aluno: Eu sou.

Professora: Você fica com vergonha?

Aluno: Fico.

Professora: Eu tenho pedido para os alunos irem à lousa para fazer a correção dos exercícios, e você foi umas duas vezes. Aí você não tem vergonha?

Aluno: Não.

Professora: Por quê? Qual que é a diferença da leitura?

Aluno: Acho que nenhuma, só que eu não consigo ler, e fazer Matemática eu consigo.

Professora: Você tem dado uma “espiadinha” no caderno dos outros que já resolveram os exercícios?

Aluno: Às vezes.

Professora: É?

Aluno: “Mai” primeiro eu tento fazer, que nem que hoje que eu levei pra você ver.

Professora: A escola tem barrado azul?

Aluno: Tem, agora tem, antes não. Aqui também não tinha esse corredor aqui da biblioteca.

Professora: É novo?

Aluno: É, era ali na cozinha... o reforço quando eu fazia.

Professora: Agora vamos passar para o outro desenho.

Desenha para mim, como que é sua casa.

Aluno: Minha casa é fácil.

Professora: Quantas pessoas moram na sua casa?

Aluno: Eu, minha mãe, meu irmão, minha irmã, minha tia, meu primo, o bebê...

Professora: De quem é o bebê?

Aluno: Da minha tia, e o namorado da minha mãe. Que minha tia está procurando uma casa pra morar.

Professora: E seu pai?

Aluno: Meu pai é separado da minha mãe.

Professora: Faz tempo que o namorado de sua mãe mora com vocês?

Aluno: Não muito tempo não.

Professora: Você se dá bem com ele?

Aluno: “Se dô”.

Professora: Quantos quartos têm na sua casa?

Aluno: São três, e minha tia dorme na sala, tem um colchão lá pra ela. Eu, meu primo, e meu irmão fica na beliche, eu e meu primo dormimos na beliche, e meu irmão tem a cama só pra ele, um outro irmão meu que trabalha.

Professora: Não é o Edinho (*Edson*)?

Aluno: Não, o Edinho também “tá” “trabaiando”.

Professora: Está trabalhando?

Aluno: “Tá” no Ponto Novo (*Supermercado do bairro da escola*), e esse é outro primo meu, ele trabalha na Econômica Calçados.

Em casa só eu e minha irmã que não trabalha.

Professora: Sua mãe trabalha aonde?

Aluno: Ela é empregada doméstica.

Professora: O que é aqui?

Aluno: É a janela, tem uma grade.

Professora: É a sala?

Aluno: É.

Professora: E aqui?

Aluno: Aqui é a área, e aqui onde sobe o carro.

Professora: Vocês têm carro?

Aluno: O namorado da minha mãe tem, e o meu pai tem um Uno, o namorado da minha tem uma moto.

Professora: Você se dá bem com seu pai?

Aluno: “Se dô”.

Professora: Vocês se vêem sempre?

Aluno: Ele vem buscar eu “pra” ir na casa dele.

Professora: Faz tempo que eles se separaram?

Aluno: “Faiz”... uns dois anos.

Professora: Vocês moram em casa própria ou alugada?

Aluno: Alugada.

Professora: Você sempre morou nessa casa, ou morou em outras?

Aluno: Morei em outras.

Professora: Mas sempre aqui por perto?

Aluno: É.

Professora: Esse aqui é o carro?

Aluno: É.

Professora: Quem tem o carro é seu pai?

Aluno: É, mas esse aqui é de outra pessoa, é da mãe do namorado da minha mãe.

Professora: Esse carro aí?

Aluno: É.

Professora: Por que o carro fica lá?

Aluno: Por que na casa dele não tem lugar pra colocar, aí ele deixa na garagem de casa.

Aqui é pedrinha, e é verde, e aqui tem as portas e a janelas. Tem duas janelas a da sala e a do quarto da minha mãe.

Professora: Quer outra folha?

Aluno: Não.

Professora: E na sua casa, tem livros?

Aluno: Tem um “monti”.

Professora: E onde que eles ficam?

Aluno: Tem uma estante na sala, tem um “monti” de livro.

Professora: E quem pega para ler, folhear...

Aluno: É mais minha mãe e meu irmão, eu pego de vez em quando.

Professora: O Edinho, ou o outro?

Aluno: O Edinho.

Professora: E quando você era criança, alguém lia livros, perto de você, pegava livro para ler?

Aluno: Minha mãe.

Professora: E você se interessava ou não?

Aluno: Interessava.

Professora: E na sua casa, quem mais se interessa em ler revistas, jornal? Tem jornal na sua casa?

Aluno: Tem, o Edinho, meu irmão.

Professora: Da onde vem o jornal?

Aluno: Minha mãe compra, tem jornal velho que meu pai comprava.

Professora: Você acha que o fato de seus pais terem se separado, atrapalhou você na escola?

Aluno: Não.

Professora: Também não ajudou?

Aluno: Não.

Professora: Não ajudou, nem atrapalhou?

Aluno: Não.

Professora: Na época que eles se separaram foi tudo bem, foi uma separação numa boa?

Aluno: Foi.

Professora: Tem mais alguma coisa na sua casa, que você ache importante colocar?

Aluno: Não.

Professora: Você costuma estudar na sua casa?

Aluno: De vez em quando.

Professora: De vez em quando, quando?

Aluno: Uma vez por mês.

Professora: Uma vez por mês? Em que lugar na sua casa você estuda?

Aluno: No meu quarto.

Professora: Como que ele é?

Aluno: Aqui é a beliche, eu durmo aqui em cima.

Professora: E seu primo dorme embaixo?

Aluno: É, aqui é a cama do meu irmão. Aqui tem um quadro, que o Edinho pintou.

Professora: Ele faz pintura?

Aluno: Não minha mãe fazia, e ele pintou um quadro uma vez. Aqui tem o guarda-roupa.

Professora: E você estuda em cima da cama?

Aluno: É.

Professora: Tem alguma mesinha no seu quarto?

Aluno: Tem, do lado do guarda-roupa.

Professora: E tem o que em cima dela?

Aluno: Tem o rádio.

Professora: E lá não dá para estudar, porque tem o rádio?

Aluno: É.

Professora: E lição de casa, você faz quando?

Aluno: Eu faço de noite, e quando tem muita lição e não dá tempo, eu termino na classe.

Professora: Não dá tempo por que, o que você faz de tarde, se você estuda de manhã?

Aluno: Eu sou 'Personal Training'.

Professora: Você? Personal Training de quem?

Aluno: Cuido de três cachorros.

Professora: Ah, é? Então você é um "Personal Dog".

Como que é isso, cuidar dos cachorros, é do serviço da sua mãe?

Aluno: É.

Professora: O que você faz com os cachorros?

Aluno: Ensino a brincar de bolinha, ando com os cachorros, tenho que dar comida.

Professora: Esses cachorros hein... E a mulher paga para você fazer isso?

Aluno: Paga.

Professora: E você vai todos os dias.

Aluno: Menos quarta-feira, sábado e domingo.

Professora: Então você vai de segunda, terça, quinta, e sexta. E quanto que ela paga para você?

Aluno: R\$ 100,00.

Professora: Cem reais por mês?

Aluno: É, "poquinho".

Professora: Pouquinho?! Para brincar com cachorro, você acha pouco? (*Risos*)

Aluno: Eu acho.

Professora: Por quê?

Aluno: Eu acho.

Professora: Que cachorro que é?

Aluno: Duas Basset e uma Pincher.

Professora: Então quando não dá tempo de fazer lição, é porque você está cuidando dos cachorros?

Aluno: É.

Professora: Que hora que você vai para o seu serviço de "Personal Dog"?

Aluno: Eu vou às duas e volto às seis e pouquinho. Aí eu janto e faço a lição.

Professora: Ela é a patroa da sua mãe?

Aluno: É.

Professora: E onde que você brinca com os cachorros?

Aluno: Numa pracinha.

Professora: Então aqui o rádio com a mesinha, e você estuda aqui.

Aluno: É.

Professora: Aqui é a sua cama, a cama do seu primo e a cama do seu irmão. Tem livro no seu quarto ou só na sala?

Aluno: Só na sala.

Professora: E quando que você pega aqueles livros da sala? Qual foi a última vez?

Aluno: Foi o mês passado.

Professora: E o que você pegou para você ler?

Aluno: Peguei um livro de história, da 6ª série, que eu gostava de ver os planetas, eu queria ser astronauta.

Professora: Agora você não quer ser astronauta mais?

Aluno: Não.

Professora: Qual foi o último livro de história que você leu?

Aluno: O último, foi sobre um porquinho que comia bastante e ficou passando mal.

Professora: Você leu na aula de leitura aqui, ou na sua casa?

Aluno: Foi em casa.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira por aqui?

Aluno: Não.

Professora: Nenhuma cor?

Aluno: Não.

Professora: Tem algum lugar especial na sua casa que você se diverte?

Aluno: Tem o fundo.

Professora: Desenha então, como que é o fundo.

Aluno: Tenho três cachorrinhos. Aqui é o banheiro do fundo...

Professora: O que você faz lá no fundo que você se diverte?

Aluno: Eu fico brincando com meus cachorros, agora tem um filhotinho de Pit Bull.

Professora: Quem faz a janta na sua casa?

Aluno: Minha mãe.

Professora: E o almoço?

Aluno: O almoço, minha mãe também, ela faz de manhã, e meu irmão esquenta quando eu chego da escola.

Professora: Ela já deixa pronto antes de ir trabalhar, todos os dias?

Aluno: É, eu não sei fazer nada, só meu irmão e a minha irmã.

Professora: O Edinho?

Aluno: É, eles fazem comida, arroz, feijão...

Professora: O que você gosta de comer?

Aluno: Macarrão e lasanha.

Professora: Faz tempo que ela trabalha lá nessa casa?

Aluno: Faz quinze anos.

Professora: Nossa, tudo isso.

Aluno: Ela começou a trabalhar lá antes de eu nascer.

Professora: O que é isso aqui?

Aluno: O tanquinho.

Professora: Elétrico, ou aquele que abre a torneira?

Aluno: Esse é elétrico, e esse é o que abre a torneira. Aqui é uns quadrinhos igual o da escola.

Professora: Você já sentiu vergonha aqui na escola? Você já se sentiu envergonhado dentro da sala?

Aluno: Não.

Aqui é onde abre a porta da cozinha. Aqui é o meu quarto, o quarto da minha irmã, aqui tem um guarda-roupa.

Professora: Um guarda-roupa no fundo?

Aluno: É que minha mãe guarda um “monti” coisa?

Professora: Bagunça, produto de limpeza, essas coisas?

Aluno: É, aqui tem um corredor...

Professora: Você já frequentou o CEACRI?

Aluno: Não.

Professora: Não? Nunca foi? E o reforço lá na cozinha, você gostava?

Aluno: Gostava, não faltava nenhum dia.

Professora: Você não faltava porque você gostava, ou sua mãe te obrigava a vir?

Aluno: Eu gostava.

Professora: O que você achava de bom no reforço?

Aluno: Eu achava legal, eu gostava da professora, as pessoas que faziam reforço comigo também era legal.

Professora: No reforço você não fazia bagunça?

Aluno: Só de vez em quando.

Professora: O que você faz no fundo? Só brinca com os cachorros?

Aluno: É. Essa aqui é a casinha do pequenininho.

Professora: Então esse é o fundo? Onde estão os cachorros?

Aluno: Tem que desenhar.

Professora: Não, mas eles estão aqui no desenho?

Aluno: É, na casinha deles.

Professora: Então aqui é onde você se diverte?

Aluno: Eu me divirto mesmo é na lan house.

Professora: O que você gosta de fazer na lan house?

Aluno: Eu gosto de jogar.

Professora: Você tem computador em casa?

Aluno: Não.

Professora: O que você paga na lan house para você brincar? Jogo?

Aluno: É.

Professora: Que jogo do quê? Na adianta falar o nome que eu não conheço, tem que explicar o tipo de jogo.

Aluno: É um jogo é uns carinhas, você compra armadura, e você vai matando bicho e vai ganhando ponto por agilidade, força.

Professora: A intenção é matar...

Aluno: Bicho. Tem uns monstros que vai nascendo, tem várias cidades, você escolhe a cidade e vai matando os monstros.

Professora: Você joga no controle ou no teclado?

Aluno: No teclado.

Professora: E quantas vezes por semana você joga?

Aluno: Quase toda semana.

Professora: É? O dinheiro do cachorro vai tudo na lan house?

Aluno: Quase tudo.

Professora: É? O que você compra com o dinheiro de “Personal Dog”?

Aluno: Comprei meu material, os lápis, essas coisas “foi” eu que comprei, um pouco foi para a lan house, e paguei a conta de água e só.

Professora: Faz quanto tempo que você está trabalhando?

Aluno: Um ano.

Professora: Um ano recebendo cem reais por mês? Você paga alguma conta na sua casa?

Aluno: A conta de água.

Professora: E as contas na sua casa são divididas?

Aluno: Meu primo paga a de luz, minha mãe paga o aluguel, e junta minha mãe com meu irmão fazem a despesa da casa.

Professora: E esse primo, é filho da sua tia que mora lá ou não?

Aluno: Não, é outro.

Professora: Esse primo faz tempo que está morando lá?

Aluno: Não, faz uns cinco meses.

Professora: E por que ele está morando na sua casa?

Aluno: Não sei, ele era lá de Sumaré, ele veio de lá.

Professora: Você não sabe por que ele está morando lá?

Aluno: Não.

Professora: Agora eu vou perguntar duas coisas, e você vai me dizer se tem diferença ou não.

Daqui uns anos como você acha que vai ser seu futuro, ou como você gostaria que ele fosse. Você acha que vai ter diferença? Por exemplo: eu gostaria que ele fosse que ele fosse “assim”, mas eu acho que vai ser “assado”, ou, eu gostaria que fosse assim e vai ser assim.

Aluno: Quando eu crescer, eu queria servir ao exército, mas eu acho que não vai ser.

Professora: Por quê?

Aluno: Porque minha mãe não gosta, porque se eu servir o exército eu vou “tá” com armas e pegando drogas, e ela quer que eu não sirva o exército, e quando eu tiver dezesseis anos ela vai por eu no Ponto Novo, pra trabalhar igual meu irmão.

Professora: Então tem diferença, porque você gostaria de servir o exército, mas você acha que não vai. Por que você gostaria de servir o exército?

Aluno: Porque eu gosto.

Professora: Mas tem algum motivo?

Aluno: Por que eu gosto de mexer com arma, mexer com granada.

Professora: Você já viu alguma?

Aluno: Arma já, granada não.

Professora: Onde que você viu arma?

Aluno: Arma? Eu vi quando o exército treina, eles tem “vez” que sai na rua para imobilizar os outros. Eles “tavam” com uma Colti e uma K 47.

Professora: Mas como que você conhece arma, eu não conheço. Mas, você viu passando na rua, ou polícia que imobilizou alguém perto da sua casa?

Aluno: Passando.

Professora: Polícia, não exército, certo?

Aluno: Exército, tem “vez” que eles andam, treinamento.

Professora: Que cor que era a roupa deles?

Aluno: É camuflada, verde, verde claro, tudo manchada. “Tavam” com calça, blusa, e capacete.

Professora: E que arma você falou que eles estavam?

Aluno: Colti, K 47, e tinha um com uma pistola automática.

Professora: Qual que é a diferença delas?

Aluno: A diferença? É a potência, o formato e a potência.

Professora: Qual que é a mais potente?

Aluno: A Colti.

Professora: Mas, você quer pegar em arma para quê?

Aluno: Pra atirar, acertar aqueles alvos.

Professora: Você quer atirar nos alvos, ou em outra coisa?

Aluno: No alvo só.

Professora: E se você tiver que atirar nas pessoas?

Aluno: Tem que atirar.

Professora: Então tem duas coisas diferentes, né?

Aluno: É.

Professora: Então você desenha aqui para mim essa história que você me contou.

O que é isso aqui?

Aluno: É o alvo deles.

Professora: O que é isso?

Aluno: É um carinha segurando uma arma.

Professora: Alguém que você conhece serve o exército?

Aluno: Não. Eu não sei desenhar arma não.

Professora: Não faz mal, dá para entender.

Quer desenhar mais alguma coisa aqui? Então escreve aqui para mim o que você gostaria de ser.

Aluno: Exército é com ‘z’ ou com ‘s’?

Professora: O que você acha?

Aluno: Com ‘s’. Aqui é o que minha mãe gostaria...

Professora: O que seu irmão faz lá no Ponto Novo?

Aluno: Faz de tudo, menos o caixa, que no caixa é só mulher, ele faz entrega, ele marca no papel, carrega as coisas, ele não pode ir no açougue também.

Professora: Ele não estuda de manhã?

Aluno: Estuda.

Professora: Que horas que ele entra?

Aluno: Às 15h.

Professora: E sai?

Aluno: Às 21h.

Professora: Ele é registrado lá?

Aluno: É.

Professora: Tem alguma coisa que você acha que te atrapalha a aprender?

Aluno: Não.

Professora: Então escreve aqui Supermercado Ponto Novo.

Aluno: Eu vou escrever aqui, bem grandão.

Professora: Então o seu futuro, como você gostaria e como a sua mãe gostaria. Daqui dez anos eu vou te encontrar aqui ou aqui?

Aluno: Aqui. (*Apontando o supermercado.*)

Professora: Então, eu queria que você desenhasse para mim, como que é a aula de Matemática para você. Como que você vê a aula de Matemática?

Aluno: Essa é difícil.

Professora: É? Por quê?

Aluno: Porque é difícil. É o que eu acho da aula de Matemática.

Professora: O que é isso?

Aluno: Aqui é a carteira.

Professora: Como é o nome da sua mãe?

Aluno: Priscila.

Professora: O que é isso que você está desenhando?

Aluno: “Tô” tentando desenhar a carteira.

Professora: Você está desenhando a carteira.

Aluno: Aqui é a professora, aqui “tá” a bolsa, e aqui são cadernos.

Professora: O que é aqui?

Aluno: A lousa.

Professora: Como que é a aula de Matemática para você?

Aluno: Eu acho legal.

Professora: Mas o que tem de legal? Seja mais detalhista.

Aluno: É a aula que eu acho mais fácil.

Professora: Você não acha estranho. Se é a aula que você acha mais fácil, por que você vai no reforço?

Aluno: É que eu não fazia nada, ficava conversando, daí eu parei.

Professora: Qual a aula mais difícil?

Aluno: A de Inglês, eu gosto de Espanhol também.

Não sei desenhar não professora.

Professora: Então me explica o que você desenhou, você...

Aluno: A professora dando aula e eu copiando a matéria, fazendo a lição, e eu “tô” feliz...

Professora: Você está feliz? Então está bom.

Eu queria que você fizesse aqui um auto retrato, você pode fazer só o rosto ou o corpo todo, você escolhe.

Aluno: Do rosto, o rosto é mais fácil.

Professora: Você quem sabe, se quiser fazer o corpo todo também pode.

Aluno: Não sei desenhar muito bem meu cabelo.

Professora: Está bom. Agora eu só vou fazer mais duas perguntas para você. Aqui por que você desenhou a professora sem rosto?

Aluno: Porque ela “tá” pequenininha.

Professora: E aqui por que você só pintou a árvore e só o barranco?

Aluno: Não sei.

Professora: Por que você escolheu pintar a árvore?

Aluno: Porque eu não sei, foi a primeira coisa que eu vi eu pinte.

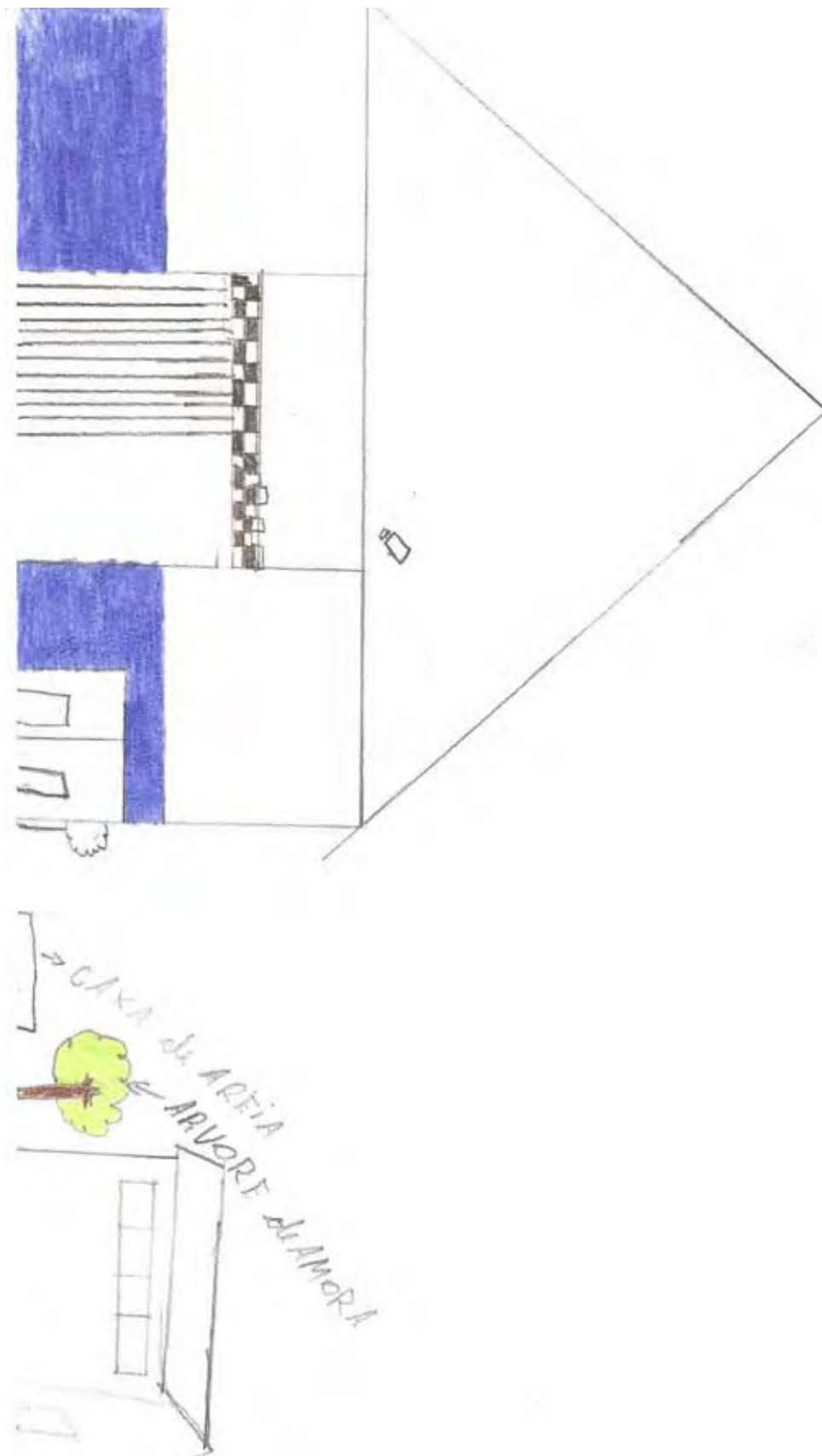
Professora: É? Você gosta da árvore, tem algum motivo especial com a árvore?

Aluno: Desde pequenininho que eu mudei pra cá, tem a árvore, nem tudo mudou.

Professora: Então é isso. Muito obrigada!

6.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

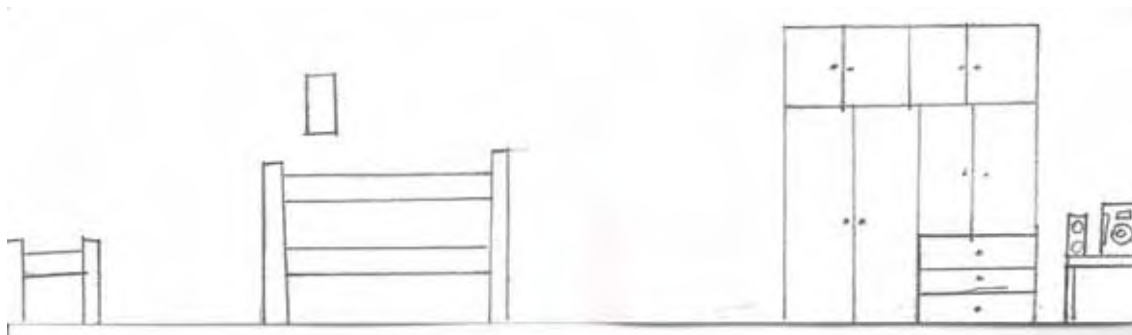
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



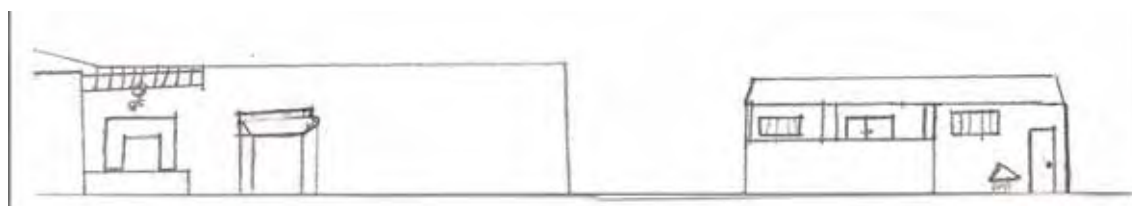
3. Como é a sua casa?



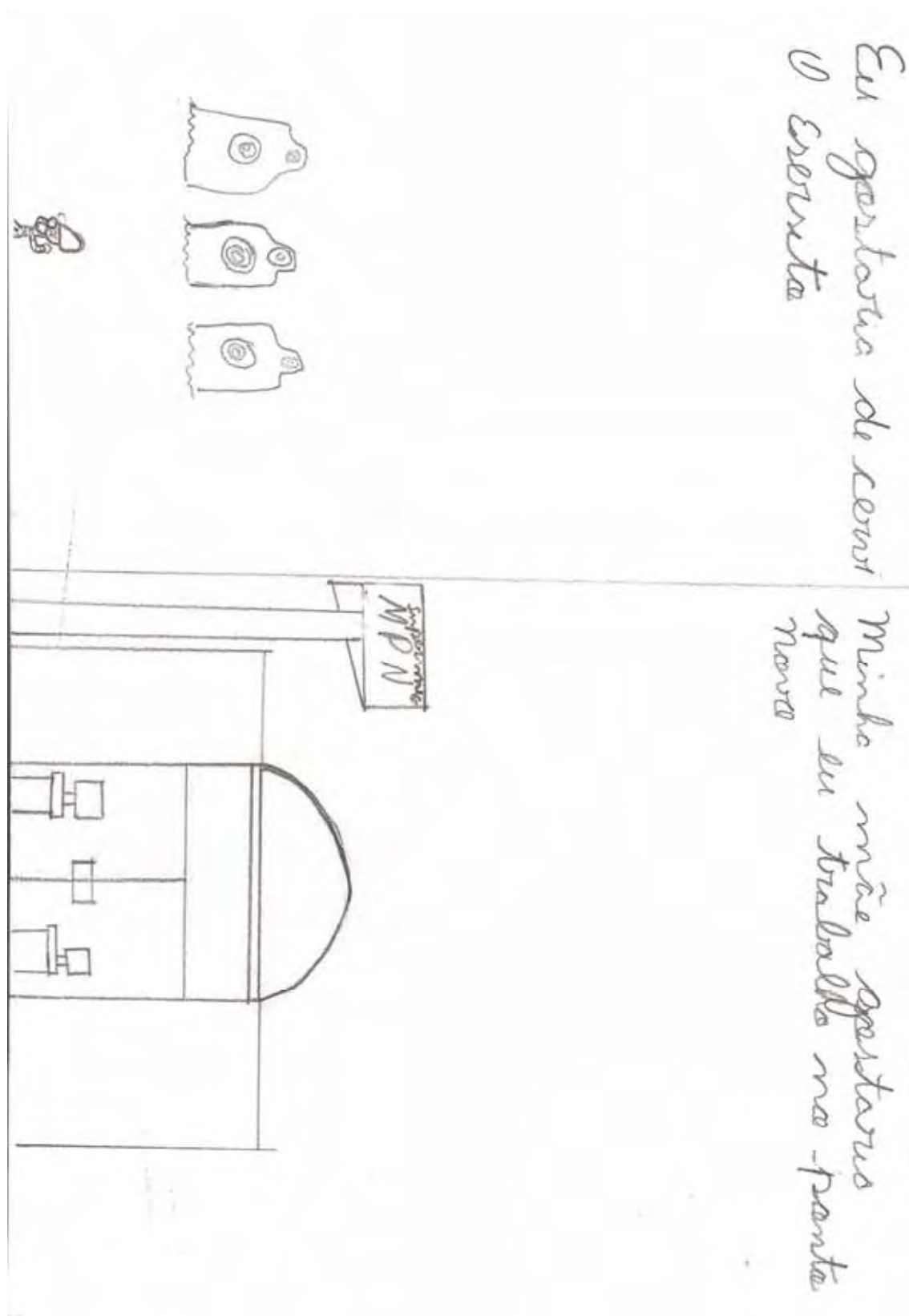
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



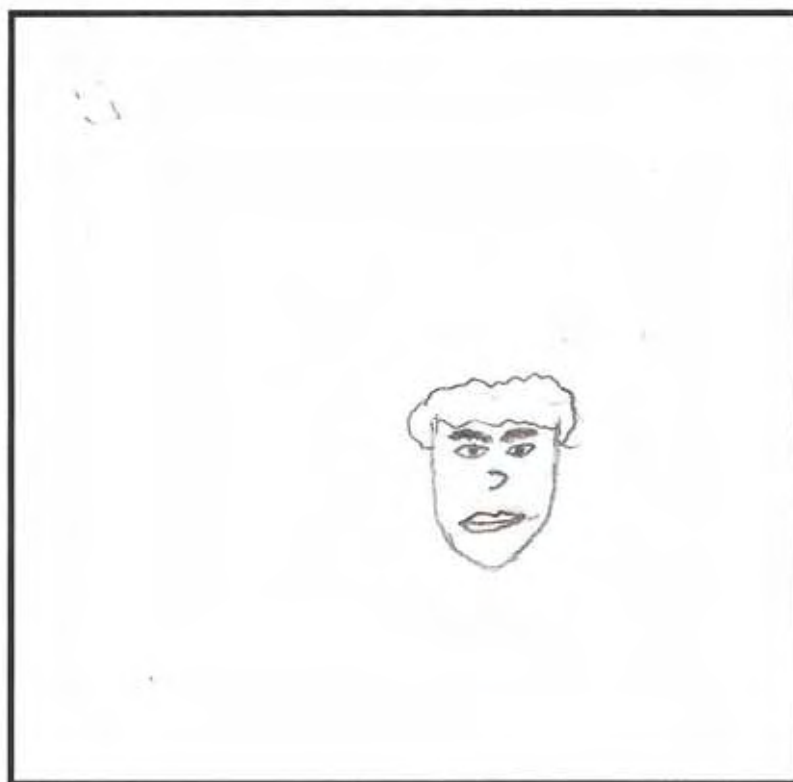
6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



6.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Eu tenho quatorze.

Professora: Que dia você nasceu?

Aluno: 4 de fevereiro.

Professora: De que ano?

Aluno: 1995.

Professora: Onde você nasceu?

Aluno: Aqui mesmo.

Professora: Você pode falar para mim o nome dessas figuras aqui?

Aluno: É triângulo, cubo e círculo.

Professora: Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Aluno: Só de vez em quando.

Professora: Em qual matéria?

Aluno: Português, e Ciências.

Professora: Que dificuldade você tem em Ciências?

Aluno: É que aqueles negócios de matéria é muito difícil, aqueles cálculos.

Professora: É? Que cálculo que é, você pode fazer para mim como que é o cálculo de Ciências que você tem dificuldade?

Aluno: Não sei não.

Professora: Antes você costumava ter dificuldade em contas, problemas, figuras geométricas?

Aluno: Não.

Professora: Você tem essa dificuldade agora?

Aluno: Um pouco.

Professora: Qual dificuldade você tem em Matemática hoje?

Aluno: Guardar as continhas, raiz quadrada, não sei o que mais.

Professora: Você pode fazer para mim, escrever um exemplo de alguma coisa que você tem dificuldade?

Aluno: De Matemática?

Professora: É.

Isso? Tem mais alguma coisa que você queira colocar?

Aluno: Tem um “monti”.

Professora: Então vai escrevendo aí para mim, o que você tem dificuldade.

Aluno: É tudo raiz quadrada que eu tenho dificuldade. Vou colocar três exemplos.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim? *(Silêncio.)*

Aluno: Essa eu não consegui.

Professora: Você pode resolver esse dois probleminhas?

Fala para mim o que faz fora do horário de aula?

Aluno: Assisto TV, jogo bola, tem “vez” que eu vou na lan house, assisto filme.

Professora: Que filme você gosta de assistir?

Aluno: Dragon Ball Z.

Professora: E os animais que você olha?

Aluno: Os cachorros?

Professora: É. Que horas que você trabalha para mulher?

Aluno: As 14h até as 16h.

Professora: Você continua indo? Que dias que você vai?

Aluno: Segunda, terça, quinta e sexta.

Professora: Por que de quarta você não vai?

Aluno: Porque minha mãe não fica lá na quarta.

Professora: Sua mãe só trabalha de segunda, terça, quinta e sexta?

Aluno: Vai também, mas ao meio dia ela vai em outra.

Professora: Ela não trabalha o dia todo na casa dessa pessoa?

Aluno: Não.

Professora: Entendi.

Você pode falar para mim se você estuda Matemática fora do horário de aula?

Aluno: Quase nunca.

Professora: Quando é “quase”, que dia você estuda?

Aluno: De quarta que eu fico em casa.

Professora: E a lição de casa, faz?

Aluno: Faço.

Professora: Que horário?

Aluno: Na hora que eu chego em casa, que meu irmão não chegou ainda.

Professora: Na hora do almoço ou de noite?

Aluno: Na hora do almoço.

Professora: Você fala para mim o nome dessas figuras?

Aluno: Triângulo, retângulo, esqueci o resto.

Professora: Você faz para mim essas continhas aqui? *(Silêncio.)*

Por que nessa divisão você começou por aqui?

Aluno: Porque eu pulei os dois.

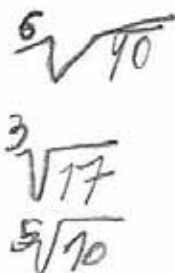
Professora: Por que você pulou os dois?

Aluno: Porque os dois é difícil.

Professora: É só isso, certinho. Obrigada!

6.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?



Handwritten mathematical expressions:

$$6\sqrt{90}$$
$$3\sqrt{17}$$
$$5\sqrt{10}$$

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

k) $237 + 131 =$

l) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$a) \begin{array}{r} 237 + \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$b) \begin{array}{r} 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$c) \begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$d) \begin{array}{r} 6 \overline{) 612} \underline{13} = 42 \\ \underline{12} \quad 42 \\ 6 \\ \underline{6} \\ 0 \end{array}$$

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?

$$\begin{array}{r} 6\overline{)213} \quad 42 \\ \underline{6} \\ 6 \\ \underline{6} \\ 0 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 135,00 - \\ 344,00 \\ \hline 211,00 - \end{array}$$

11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

$$\begin{array}{r} a) \quad 237 + \\ \quad 131 \\ \hline 368 \end{array} \quad \begin{array}{r} b) \quad 296 - \\ \quad 184 \\ \hline 112 \end{array} \quad \begin{array}{r} c) \quad 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array} \quad \begin{array}{r} d) \quad 6\overline{)612} \quad 204 \\ \underline{6} \\ 0 \\ \underline{0} \\ 0 \end{array}$$

6.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno

Professora: Quantos anos a senhora tem?

Mãe do Aluno: Quarenta.

Professora: Qual local a Senhora nasceu?

Mãe do Aluno: Em Vila Matilde em São Paulo.

Professora: A senhora sempre morou aqui, ou morava lá e veio pra cá?

Mãe do Aluno: Nossa eu morei em muitos lugares, eu nasci em São Paulo, mas não conheço, já morei no Paraná, Maringá, Jundiaí, Campinas, depois que eu casei eu vim pra cá.

Professora: Eu queria que a senhora falasse para mim quais são as dificuldades que a senhora vê no seu filho em relação à aprendizagem dele.

Mãe do Aluno: Eu acho que em tudo, em Português pra escrever é um absurdo, não lê direito.

Professora: E a senhora nota essas dificuldades desde quando?

Mãe do Aluno: Desde o primeiro ano.

Professora: Não teve assim um momento que a senhora viu mais dificuldades?

Mãe do Aluno: Na 3ª série ele teve uma professora que deu uma melhorada boa, depois mudou a professora e ele ficou ruim de novo. O que ele aprendeu, o que ele sabe hoje, foi no terceiro ano que ele aprendeu.

Professora: A senhora lembra o nome da professora?

Mãe do Aluno: Maria José, uma coisa assim, não lembro direito.

Acho que é, uma moreninha, ele aprendeu bem com ela. E depois... E “tá” na 8ª série e não sabe lê. Mas ele é “melhorzinho” em Matemática.

Professora: Em Português ele é pior?

Mãe do Aluno: É um absurdo em Português, eu não sei como que ele passa de ano, que na 4ª série eu vim pedir pra repetir, depois não podia repetir, e “tá” na 8ª série e não sabe escrever.

Professora: A senhora fica chocada com esse fato da senhora vê que ele está na 8ª série e não sabe ler?

Mãe do Aluno: Eu acho assim que o problema é com ele, que eu já pedi pras professoras dar encaminhamento e elas falam que não pode, porque não vê nada nele.

Professora: A senhora fala encaminhamento para...

Mãe do Aluno: Não sei se ele... Como que chama aquela doença... Porque ele é um absurdo, não entra nada na cabeça dele.

Professora: Em casa a senhora... vê o que?

Mãe do Aluno: Distraído, você pede alguma coisa pra ele, a coisa “tá” aqui ele roda, roda, roda, e não acha.

Professora: A senhora, por exemplo, já sentou para fazer lição com ele e aí...

Mãe do Aluno: Nossa, eu não tenho paciência, meus dois filhos também não, você lê uma palavra com ele, ele não consegue ler, você lê pra ele, ele lê em cima, daí você lê outras coisas, na hora que você volta lá em cima ele não lembra mais nada.

Professora: E a senhora já levou ele em um posto de saúde, para fazer algum exame?

Mãe do Aluno: Eu levei ele no postinho, eles falam que tem que ter o encaminhamento da escola, eu venho na escola eles falam que tem que ir atrás do médico, que é ele que tem que encaminhar.

Professora: E reforço, ele freqüentava?

Mãe do Aluno: Freqüentava todo ano.

Professora: E a senhora achava que o reforço contribuía para alguma coisa?

Mãe do Aluno: Não, em nada.

Professora: Não via melhora nenhuma?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele vinha sempre?

Mãe do Aluno: Sempre.

Professora: Ele já fez o CEACRI ou não?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Se eu pedisse para senhora fazer um desenho, a senhora faria? Um desenho bem simples, não precisa ser nada elaborado não. Eu queria que a senhora desenhasse a escola, como que a senhora vê a escola.

Mãe do Aluno: É complicado. Difícil.

Professora: Do jeito que a senhora quiser desenhar, como que a senhora vê a escola.

Mãe do Aluno: Mas é complicado, como que eu vejo a escola? Essa escola pra mim é a melhor que tem, porque você vê outros lugares é um absurdo, mas não sei como que eu faço.

(Começa a desenhar.)

Os três filhos meu estudaram aqui, e os outros dois foram ótimos.

Professora: Quantos filhos a senhora tem?

Mãe do Aluno: Três, o problema é com ele, e pra conseguir psicólogo é muito difícil, eu já fui atrás e “tô” esperando, exame de vista eu já tentei, porque eu acho que ele tem problema de vista, e nada até hoje.

Professora: No posto a senhora vai, eles deixam o nome e...

Mãe do Aluno: E não chamam, porque alguma coisa ele tem, porque não é possível não aprender desse jeito.

Professora: Ele estuda fora do horário de aula?

Mãe do Aluno: Difícil, porque você põe ele pra estudar, daqui a pouco ele está fazendo outra coisa, a Andriele e o Edinho vão pro quarto e estudam lá, e você vai lá pra você vê ele já não “tá” estudando nada, ele “tá” fazendo outra coisa.

Professora: A senhora nunca vê ele fazendo lição?

Mãe do Aluno: Não, tem vez que a gente põe ele de castigo, e o castigo dele é fazer cópia, mas não é um castigo, é pra ele aprender mesmo, mas ele copia o que “tá” escrito, mas ele não lê, depois você pergunta o que ele escreveu ele não sabe.

Professora: Por exemplo, se a senhora pedir para ele copiar essa folha, ele copia certinho ou com erros?

Mãe do Aluno: Não, ele copia com erros, ele só copia não lê junto.

Professora: E qual é o lugar da casa que ele estuda?

Mãe do Aluno: Geralmente, no quarto.

Professora: E ele tem uma hora para fazer isso, todo dia ele faz no mesmo horário, ou cada dia ele faz de um jeito?

Mãe do Aluno: Não, porque primeiro você pergunta se tem lição de casa, ele fala que não tem, aí a gente dá cópia pra ele fazer, daí ele vai lá e copia, copia de qualquer jeito e pronto.

Professora: E quando ele está fazendo lição no quarto, tem alguma televisão ligada?

Mãe do Aluno: Não, no quarto não tem.

Professora: Música?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Nada nesse sentido?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele é o mais novo?

Mãe do Aluno: É.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim como que é o quarto que ele estuda?

Mãe do Aluno: Aqui é uma cama, aqui é uma beliche.

Professora: Aí dorme ele e o Edinho?

Mãe do Aluno: É, e tem um sobrinho meu morando comigo, e aqui o guarda roupa, e aqui tem outra cama, e aqui a janela.

Professora: E no quarto dele, ou na casa, tem livros?

Mãe do Aluno: Livro em casa tem de “monti”.

Professora: Livro de história, literatura, ou livro didático da escola, de exercício?

Mãe do Aluno: Tem livro didático da escola, e tem livro de historinha também.

Professora: E ele pega pra ler?

Mãe do Aluno: Nunca.

Professora: Não gosta de ler?

Mãe do Aluno: Não se interessa, nem gibi da Mônica.

Professora: Os outros filhos da senhora lêem?

Mãe do Aluno: Lê, tanto que agora tem que ler por causa da escola, sempre “tão” com livro lendo. O gibizinho do Cebolinha nem “dô” porque já fala errado, imagina só...

Professora: Quem mora na casa da senhora?

Mãe do Aluno: Sou eu, os três filhos e o sobrinho.

Professora: O pai dele não mora junto com a senhora?

Mãe do Aluno: Não, eu separei faz três anos.

Professora: Ele mora aqui mesmo ou não?

Mãe do Aluno: Mora.

Professora: Ele o vê com frequência?

Mãe do Aluno: Até enquanto ele “tava” pagando pensão “tava”, parou de pagar a pensão parou de olhar as crianças também.

Professora: Ele que não quer vir ou a senhora...

Mãe do Aluno: Não, eu não impeço nada, ele que não vem, ele fala pras crianças ir lá, mas eu não deixo, porque é longe, e não tem nem cabimento das crianças ir.

Professora: Quando ele era criança, moravam todos juntos, os dois filhos mais velhos da senhora é o do mesmo casamento?

Mãe do Aluno: São todos.

Professora: O seu ex-marido e a senhora tem o hábito de leitura?

Mãe do Aluno: Eu leio mais gibizinho.

Professora: E o marido da senhora?

Mãe do Aluno: Mais gibi também.

Professora: E qual a escolaridade que a senhora tem?

Mãe do Aluno: Eu fiz até a 6^a.

Professora: Até a 6^a série? E o marido da Senhora?

Mãe do Aluno: Acho que foi até a 5^a.

Professora: E como que é o dia dele? O que ele faz fora do período de aula?

Mãe do Aluno: Ele vem pra escola, chega em casa almoça e desce pro meu serviço, porque ele fica sozinho em casa, porque o Edinho, ele trabalha e estuda, e Adrielle “tá” fazendo curso e estuda, então pra ele não fica sozinho ele vai pro meu serviço, e chega lá pra ele não ficar à toa, minha patroa “tá” pagando cem reais pra ele dar uma volta com o cachorro no quarteirão, na pracinha.

Professora: É, ele falou que ele é Personal Training dos cachorros.

Mãe do Aluno: Chega em casa desenha, fica na televisão o dia inteiro, e lan house, que “tá” triste também.

Professora: A senhora não tem computador em casa?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Aí ele pede para senhora ir à “lan house”, e como ele ganha o dinheiro...

Mãe do Aluno: Mas só que eu não dou tudo.

Professora: Ah, ela paga pra senhora?

Mãe do Aluno: Isso. Que se der na mão dele ele vai e gasta tudo na “lan house”, então eu vou dando de pouquinho, quando eu não quero eu ele vá eu não dou.

Professora: E em casa, ele tem algum serviço que seja dele?

Mãe do Aluno: Tem, ele guarda louça, ajuda a arrumar a cozinha, ele sempre me ajuda.

Professora: Ele falou que só não vai de quarta-feira.

Mãe do Aluno: É, que de quarta eu saio do serviço, e vou pra outro lugar, que quando eu “tô” por ali por perto, eu vou passo roupa e volto, pego ele e vou embora, mas de quarta-feira eu vou longe, e então não tem como levar ele, que primeiro, eu saio ao meio-dia (12h), e ele chega uma hora (13h), uma e meia(13h30) no meu serviço, então não dá tempo de ficar esperando, daí de quarta ele não vai.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim uma atividade do dia dele?

Mãe do Aluno: Televisão.

Professora: Televisão?

Mãe do Aluno: Nossa, a gente até briga com ele por causa da televisão.

Professora: Ele fica a noite também?

Mãe do Aluno: Não, à noite quando dá umas dez horas (22h) ele vai dormir. É desenho o problema dele.

Professora: Mas, ele assiste novela, jornal, ou não? À noite ele tem outras atividades?

Mãe do Aluno: Tem, ou ele fica jogando bola na rua com o Edinho, ou fica enchendo a paciência de um, de outro. Mas novela, essas coisas não, se tiver passando desenho ele fica. E se tiver desenho ele fica parado na frente da televisão o dia inteiro. Ele joga bola, e lan house.

Professora: Ele faz alguma atividade fora do horário de aula, assim, algum curso...

Mãe do Aluno: Ele fazia computação, mas já acabou, agora eu “tô” pagando pra Adriele, a do Edinho eu já paguei, porque tem que ser por etapa, ele fez o da prefeitura, que pagava dez reais por mês, a digitação né.

Professora: A senhora vê nele, alguma dificuldade de comportamento, ou de relacionamento com a família ou com os amigos?

Mãe do Aluno: Não. Ele é muito espoleta, não deixa ninguém “queto”, ele não para “queto”.

Professora: Ele conta as coisas do dia, ou a senhora fica sabendo por outras pessoas?

Mãe do Aluno: Não, de chegar e ficar conversando é difícil, quando a gente vem do serviço aí ele vai contando, mas é difícil, é mais na hora ali que ele fica falando.

Professora: Eu perguntei para senhora se ele ajuda nos serviços domésticos, a senhora disse que sim, que ele trabalha como “Personal Cão”, e ele recebe cem reais por mês, e ele contribui com alguma coisa na casa?

Mãe do Aluno: Ele paga a água, a água é por conta dele.

Professora: A senhora poderia desenhar ele com os cachorros?

Mãe do Aluno: Você não sabe quem é pior, ele ou os cachorros. Eu acho que ele é muito infantil, muito “criança”, ele chega e deita no chão com o cachorro e fica, se diverte com os cachorros.

Professora: Foi a patroa da senhora que teve a iniciativa de pedir para ele?

Mãe do Aluno: É que todo dia ele ia comigo, que ela falava pra não deixar ele sozinho, e todos desde pequenininhos, faz quinze anos que eu “tô” lá, todos iam lá comigo.

Professora: E ela não se importava?

Mãe do Aluno: Não, ela tem eles como neto, tanto que ela paga o curso de enfermagem pra Adrielle, e arrumou um emprego no Ponto Novo (*Supermercado do bairro da escola.*) pro Edinho, então o que ela pode fazer por eles ela faz. E quando ele ia lá comigo, ele não sabia se assistia televisão ou brincava com os cachorros, então ele ficava impaciente, então ela pediu pra ele andar com os cachorros. Mas não é obrigação, quando ele não quer andar, ele fica lá e não anda.

Professora: E a senhora trabalha lá há quinze anos?

Mãe do Aluno: É, ele nasceu lá.

Professora: Difícil né, a pessoa trabalhar tantos anos numa casa?

Mãe do Aluno: Necessidade né filha. Tem que sustentar os filhos e pagar aluguel, você tem que agüentar o que for. Mas, ela tem me ajudado muito, se não fosse ela não sei o que seria...

Professora: E ela que paga o curso da filha da senhora?

Mãe do Aluno: Paga. Ela é professora de química, deu aula no Luiz Martini, mas já aposentou do Luiz Martini. E ela conseguiu bolsa né, ela paga metade e como trabalha lá ganhou metade.

Professora: Tem assim, algum fato ou acontecimento na vida dele que a senhora, assim, antes de acontecer isso ele era desse jeito, e depois que aconteceu isso ele mudou.

Mãe do Aluno: O problema dele é quando ele nasceu, ele nasceu de seis meses, então ele já tem problema desde pequeno. Depois com seis meses ficou internado, quase morreu. Então desde pequenininho ele já tinha problema, o médico disse que ele ia ser meio atrasado. Depois que ele saiu do hospital ele pegou com pneumonia, ele viveu por Deus mesmo, que ele sofreu bastante.

Professora: E quando ele nasceu de seis meses, teve algum motivo?

Mãe do Aluno: É que com quatro meses a bolsa furou, então “tava” assim, de quatro à seis meses eu ficava no hospital direto, porque ele tava querendo nascer e eu segurando, aí com seis meses já “tava” quase seca já, que de tanto vazar, que “tava” furada, aí nasceu.

Professora: E o médico pediatra, falou que ele ia ter um atraso?

Mãe do Aluno: E tanto que no começo ele ia para o APAE, que o médico achava que ele mexia mais de um lado do que o outro, aí pararam, falaram que não precisava ir mais.

Professora: Ele ia para a APAE com quantos anos?

Mãe do Aluno: Com dois, três anos.

Professora: A senhora achou que lá teve algum desenvolvimento?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele toma ou tomou algum tipo de medicamento constante?

Mãe do Aluno: Não. Ele teve sempre bronquite, mas depois acabou com o negócio de simpatia que minha sogra fez, mas não era constante, as vezes dava uma crise de bronquite.

Professora: Na casa da senhora, tem o hábito de todo mundo ler bíblia...

Mãe do Aluno: Minha patroa pega no pé da gente, porque não tem religião nenhuma, às vezes ele vai na igreja católica, às vezes na igreja crente, junto com os vizinhos.

Professora: Quando ele precisa ir ao médico, a senhora vai no posto de saúde?

Mãe do Aluno: Isso.

Professora: A senhora não conseguiu consulta para visão?

Mãe do Aluno: Você consegue, vai o nome dele lá, mas tem que esperar, já faz anos.

Professora: Nossa é difícil né.

Eu queria que a senhora desenhasse, como que a senhora o vê.

Mãe do Aluno: Um bebê, pra mim ele é muito infantilzinho. Ele é infantil em tudo, ele não tem responsabilidade, tem que “tá” no pé dele direto.

Professora: E em Matemática, quais são as dificuldades que a senhora vê?

Mãe do Aluno: Em continhas, e em problema é pior ainda, ele não sabe ler, como que ele vai fazer problema?

Professora: E quando ele vinha no reforço, a senhora acha que não adiantava?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Ele fez reforço de Matemática?

Mãe do Aluno: Sempre foi mais de Português.

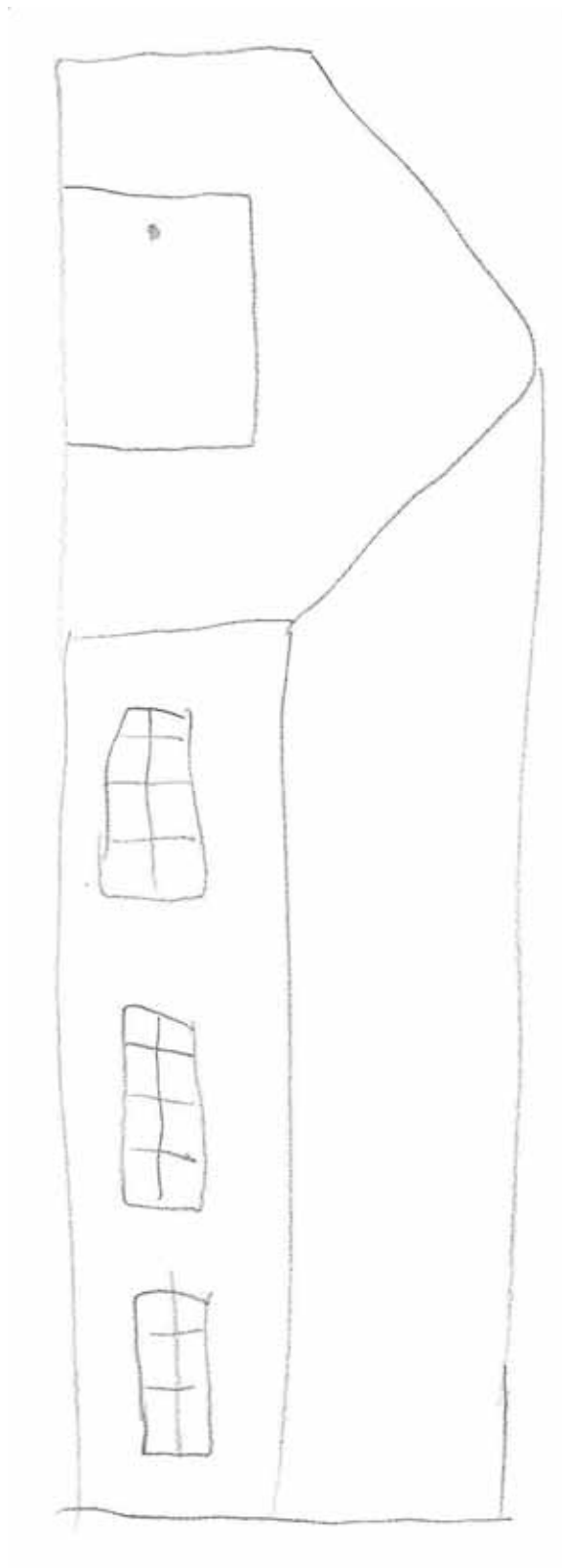
Professora: Em nenhum ano ele fez de Matemática?

Mãe do Aluno: Que eu lembre não, sempre foi mais de Português.

Professora: Então é isso só. Muito obrigada.

6.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

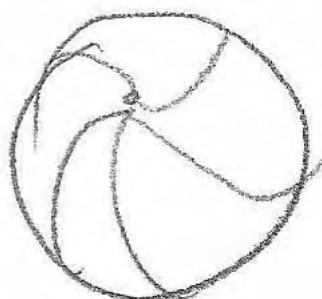
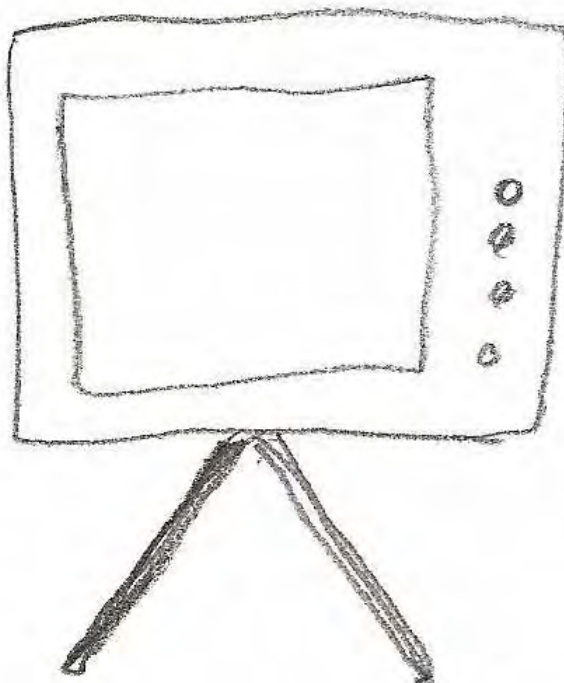


4. O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?

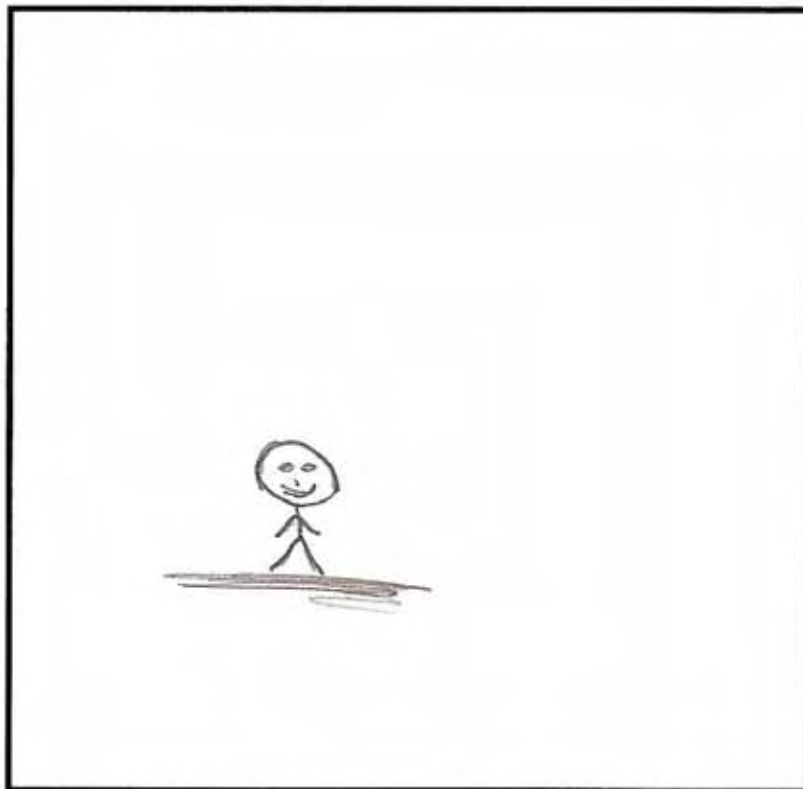


5. Ele(a) trabalha fora ou ajuda nos serviços domésticos todos os dias? Se sim, poderia desenhar onde?

Com o que trabalha? Sabe quanto recebe? Que horário? Contribui financeiramente com a família?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?



ANEXO VII - Léo

7.1 Transcrição da primeira entrevista realizada com o aluno

Professora: Esse ano você está na 8^aC? Quantos anos você tem?

Aluno: Quinze, “mai” eu vou fazer dezesseis esse mês.

Professora: Que dia?

Aluno: 26 de fevereiro.

Professora: Você já estudou em outras escolas sem ser aqui?

Aluno: Já, no João Bueno, da “uma” até a “quatro”...

Professora: Da 1^a a 4^a. Você conseguiria desenhar para mim, mais ou menos, como que é o João Bueno?

Aluno: Faz tempo que eu não apareço mais lá.

Professora: Mas, o que você lembra de lá, do pátio, da sala?

Aluno: Eu era muito pequeno, não lembro muito assim.

Professora: Quando eu te peço um desenho, eu quero um desenho à mão livre, não precisa ser um desenho caprichado.

Aluno: Pra mim é mais fácil eu falar, que desenhar assim, não é meu estilo desenhar assim, você responde e eu falo...

(Se recusou muito a fazer o desenho.)

Professora: Mas se eu pedisse, você desenharia para mim?

Aluno: Desenho.

Professora: Como que seria o João Bueno? Do que você lembra de lá, de quando você era pequeno.

Aluno: A lousa, as carteiras?

Professora: Pode ser. Você estudou lá da 1^a à 4^a?

Aluno: *(Confirmou.)*

Professora: Pode ir desenhando que a gente vai conversando.

Aluno: Tem uma régua.

Professora: Você sempre morou aqui?

Aluno: Sempre.

Professora: Na 5^a série que você veio para cá né?

Aluno: É.

Professora: Você gosta mais daqui ou o de lá?

Aluno: Não tenho preferência.

Professora: Tanto faz?

Aluno: É da prefeitura, tudo a mesma coisa, qualquer escola pra mim...

Não sei desenhar isso aqui não, “tá” bom assim?

Professora: Está ótimo, a lousa e as carteiras. Lá no João Bueno tinha alguma coisa diferente na classe?

(O aluno possui muita dificuldade de fala.)

Aluno: “Case” a mesma coisa, só que agora deu um pouco de mudada, tem sala pra cima e pra baixo, “mai” a mesma coisa, lá é da 1ª série ate as quatro, e tem EJA, pra idosos que não teve como estudar na infância, “tá” estudando lá.

Professora: É à noite ou de manhã?

Aluno: É à noite e cedo.

Professora: Então a classe é mais ou menos isso?

Aluno: É.

Professora: Você não quer colocar mais nada aqui?

Aluno: Não.

Professora: Pode desenhar com calma, mesmo que demore, eu não tenho pressa, você está com pressa? *(O aluno diz que não.)*

Você conseguiria desenhar essa escola?

Aluno: Não consigo não.

Professora: Não tudo, uma parte. Quando uma pessoa te pergunta onde você estuda e você fala que é aqui, que parte que você lembra da escola?

Aluno: O portão dela, o muro e o portão dela, pode ser?

Professora: Pode ser.

(O aluno começa o desenho.)

Você mora aqui perto?

Aluno: Não, não eu moro ali perto da Capela.

Professora: Era mais perto do João Bueno?

Aluno: Era.

Professora: E ano que vem você já sabe para onde você vai?

Aluno: Não sei, falaram que o Luiz Martini é bom também, tem bastante escola que falaram que são “boa”.

Professora: Você fazia CEACRI né?

Aluno: Fazia.

Professora: Você desistiu?

Aluno: CEACRI... CEACRI... É “tava” até bom fazer em outro lugar, “mai depoi” tacou em outra escola lá, e não ajuda em nada também não, porque é pouca lição, não ensinam nada, não ensina nada dessa escola não, tem que aprender aula daqui...

Professora: Você falou que era em outro lugar?

Aluno: É. Mudou, o CEACRI mudou, o CEACRI dá apoio a mais pessoa com problema, o que a gente “tava” fazendo era outra coisa.

Professora: E o que vocês viam lá que você falou que não ajudava em nada?

Aluno: Coisa de 1^a, 2^a, 3^a série.

Professora: Não tinha nada a ver com a matéria?

Aluno: Não, tinha o reforço, mais também não dava que eu estava trabalhando.

Professora: Esse ano você não está?

Aluno: “Asso” que eu até vou voltar. Mas não muito rápido assim, vai “demora” um pouco ainda, eu tenho que fazer a carteira de trabalho. “Farta” a carteira.

Professora: Aqui é o muro e aqui o portão?

Aluno: É.

Professora: O que mais você colocaria aqui?

Aluno: Fazer as grades.

Professora: Então está bom, vai fazendo.

Você ficava irritado lá no CEACRI?

Aluno: Não muito assim, porque esse negócio de 1^a, 2^a série não era tão difícil, e até que a professora dava atenção, tinha duas, a que dava aula de manhã ela explicava “tava” tudo certo, aí eu mudei pra tarde, aí essa aí...

Professora: Não deu mais certo.

Aluno: É, quando a gente terminava, podia ir pro computador, ver Orkut, MSN, às vezes ela até deixava.

Professora: Aqui você não vai fazer a grade?

Aluno: A grade?

Professora: Você está nervoso?

Aluno: Não, é que “faiz” tempo que eu não desenho.

Professora: Não estou querendo um desenho caprichado não, pode ser um desenho bem simples mesmo.

Por que você escolheu desenhar o portão?

Aluno: Porque eu do sempre de cara com aquele portão, ele sempre “ta” ali e essa escola também é muito grande assim.

Professora: Qual a hora da escola que você mais gosta?

Aluno: O recreio, as aulas, tanto “faiz”.

Professora: Qual a aula que você gosta mais?

Aluno: Depende da professora, se ela “ser” legal, a aula é sempre legal, agora se ela não “ser” legal...

Professora: Aí não fica bom?

Aluno: Nunca vai ser bom.

Professora: E agora na 8ª série, está tudo bem?

Aluno: “Tá”.

Professora: Você costuma estudar na sua casa?

Aluno: Estuda “memo”... estudo um pouco, não muito todo dia.

Professora: Em que lugar da sua casa você estuda?

Aluno: Ah, na cozinha, no quarto.

Professora: Mais é na cozinha?

Aluno: Não, no quarto também, se eu não colocar na minha cabeça que eu tenho que estudar, eu nunca vou estudar. Se eu não falar: “Eu tenho que estudar hoje, eu nunca vou estudar.”

Professora: Onde que você gosta mais de ficar na sua casa para estudar?

Aluno: No meu quarto, é um lugar mais silencioso.

Professora: Desenha para mim onde você fica estudando.

Aluno: Ah, vai ser difícil.

Professora: O que tem no seu quarto?

Aluno: Minha cama, meu guarda-roupa, minha TV, meu vídeo-game, que eu me “devirto” lá, só.

Professora: Aí você pode desenhar essas coisas.

Aluno: Tem bastante coisa lá. *(Se rejeitando a fazer o desenho.)*

Professora: Se você quiser por alguma cor...

Aluno: Desenhar também, não é o meu forte.

Professora: Não tem importância, não precisa ficar bonito. É bem simples. *(Continua se rejeitando a desenhar o quarto.)*

Aluno: Aqui tem a TV, a cama desse lado. Desse lado tem o guarda-roupa.

Professora: Tem gaveta no seu guarda-roupa, ou lá dentro?

No seu quarto tem algum lugar que você guarda livro?

Aluno: Eu comecei a guardar no meu guarda-roupa, aí depois eu guardei em outro quartinho onde guarda as coisas que não usa mais.

Professora: Em um quartinho de bagunça?

Aluno: É, “tá” novo ainda se minha irmã quiser usar, dá pra usar.

Professora: Você tem irmã mais nova?

Aluno: Tem um irmão de onze, e uma irmã de oito.

Professora: Você é o mais velho?

Aluno: Sou o mais velho.

Professora: E na sua casa, você lê ou não?

Aluno: Ah... Se eu não botar na cabeça pra mim eu não leio “memo”.

Professora: Você não gosta muito?

Aluno: É preguiça “memo”.

Professora: E a sua mãe e seu pai lêem?

Aluno: Até lêem, mas eles trabalham e estudam também. E chegam cansados.

Professora: Chegam cansados né?

Aluno: Chega, até comecei a trabalhar com meu pai também.

Professora: Onde seu pai trabalha?

Aluno: Na Dom Pablito, conhece? (*Loja de móveis na cidade.*)

Professora: Conheço, é onde vende móveis né?

Aluno: É, trabalhava lá.

Professora: O que você fazia?

Aluno: Montava também.

Professora: Montava os móveis para entregar?

Aluno: É, eu e meu pai, montava no depósito, e os entregadores entregam os móveis montados. Aí saí um papel, como que é... aquele papel que saí escrito as “coisa” que a pessoa quer...

Professora: Vocês montam e entregam montados? Mas um guarda-roupa não é muito grande para entregar já montado?

Aluno: A gente monta as peças pequenas, aí na hora que entrega é só encaixar, ou senão monta na casa da pessoa.

Professora: Você tem facilidade de montar?

Aluno: Eu sei um pouco sim, mas guarda-roupa grande não, só coisas meio pequenas, aí alguém “dedou” que eu estava trabalhando sem carteira, agora eu vou tirar a carteira de trabalho e vou voltar. O pessoal do CEACRI acho que não agradou e “dedou”...

Professora: Você vai voltar a trabalhar lá no depósito?

Aluno: É, trabalhar lá na loja.

Professora: E lá chega o papel do pedido do que a pessoa comprou...

Aluno: Tudo, o endereço, a hora que te que entregar.

Professora: E fala para mim, você lê certinho o que está escrito lá?

Aluno: Mais ou menos, isso fica mais “pros” outros, principalmente “pro” meu pai, ele é tipo o chefe do depósito.

Professora: Mas você conseguia ler o pedido?

Aluno: Esse não é serviço pra mim, meu serviço é outro.

Professora: E agora, pelo que você me contou você gostava de trabalhar lá?

Aluno: Gostava, nunca fiquei ruim aqui na escola.

Professora: É. Eu estou falando assim, você só parou por causa do problema da carteira, senão você tinha continuado, mas você no seu serviço no que você tinha dificuldade, de não conseguir ler um pedido...

Aluno: Não, não, o pedido não era eu que lia, “era” eles “memo”.

Professora: Mas, se viesse um pedido e não tivesse ninguém para ler, você ia ter dificuldade?

Aluno: Não, eu conheço quase todos os móveis, tem umas “etiquetinha” com os nome dos móveis.

Professora: Você tem dificuldade de leitura?

Aluno: Um pouco.

Professora: E de escrita?

Aluno: Um pouco também.

Professora: Não quer pintar nada aqui? Nem a TV?

Aluno: Não, não.

Professora: Como que é a sua casa?

Aluno: Grande.

Professora: Grande? Se eu falasse assim, para você desenhar, como que é sua casa?

Aluno: Por dentro ou por fora?

Professora: Do jeito que você quiser. Se você quiser desenhar por dentro pode desenhar, se quiser desenhar por fora.

Aluno: Desenhar uma casa assim.

Professora: Se eu falar assim: como que é sua casa? Qual a primeira coisa que você lembra?

Aluno: O portão grande.

Professora: Então desenha para mim.

Aluno: Pode desenhar o portão?

Professora: Pode. *(O aluno começa o desenho.)*

E seu pai está fazendo EJA?

Aluno: Estava eu acho com a minha mãe, só que não dá tempo pra ele.

Professora: Sua mãe sabe ler e escrever?

Aluno: Sabe, eu acho que ela sabe.

Professora: E seu pai?

Aluno: Meu pai... *(Silêncio.)*

Professora: Você se dá bem mais com o seu pai ou com a sua mãe?

Aluno: Com os dois. Nunca tem confusão entre nós, só quando eu era pequeno.

Professora: Que confusão que tinha quando você era pequeno?

Aluno: Eu brigava com meu irmão, quebrava vidro de janela, eu e ele brigava, aí ele tacou o tênis, o tênis pegou no vidro e quebrou e apanhou eu e ele.

Aqui tem tipo de uns “ferro”.

Professora: Tipo uma lança? Desenha então.

Aluno: Tudo?

Professora: Você é quem sabe?

Aluno: Vou fazer tipo uma seta.

Professora: Para fazer as lanças do portão?

Aluno: É.

Professora: O que mais que tem aqui? Aqui é o muro?

Aluno: É.

Professora: O portão é liso?

Aluno: É tipo de ferro, fechado.

Professora: O que mais você gostaria de desenhar?

Aluno: Só.

Professora: Só? Por que você desenhou o portão da escola e o da sua casa por que você escolheu desenhar dois portões?

Aluno: Tem dois portões na minha casa, cada um sai numa rua, um de frente com o Palácio das Festas e o outro sai na rua debaixo.

Professora: Se eu falasse assim: desenha outra parte da sua casa? Porque eu só sei como que é o portão. E como que é sua casa?

Aluno: Eu vou desenhar o outro portão, eu ia desenhar os quartos, mas é bastante quarto.

Professora: Quantos quartos têm?

Aluno: Oito ou sete “quarto”, ou seis “quarto”, não sei bem.

Professora: Tudo isso?

Aluno: É. Tem a cozinha, a sala, os quartos, a sala de visita.

Professora: E nessa sala de visita o que tem nela?

Aluno: TV, tem... Uma sala.

Professora: Tem algum lugar na sua casa que você se diverte mais?

Aluno: Com coisas eletrônicas: vídeo-game, computador.

Professora: E onde que ficam essas coisas?

Aluno: Fica no quarto, na sala.

Professora: Você pode desenhar para mim?

Aluno: O quê?

Professora: Onde fica o computador, vídeo-game... A sala que você falou que tem as coisas que você se diverte.

O que você faz no computador?

Aluno: Jogo.

Professora: O que você joga? Aí você tem que me explicar: é jogo de luta...

Aluno: É do tipo, jogo “pra” homem “memo”.

Professora: Então tem a porta, o que mais que tem?

Aluno: Uma janela aqui.

Professora: Como que é seu computador?

Aluno: Branco, e vai chegar um novo, que meu irmão derrubou um copo de água no computador.

Professora: Queimou?

Aluno: Queimou.

Professora: Tem alguma coisa aqui na escola, algum momento, algum dia, que aconteceu alguma coisa, que você queira me contar?

Aluno: Não me lembro muito bem. Mas foi uma professora que entrou na sala brava, acho que tem problema na casa dela, ninguém gostou dela, se ela me xingar eu não abaixo a cabeça não eu xingo também. A professora de Matemática não quis me explicar a matéria, e quis me xingar, eu levantei a voz, olhei na cara dela, e no outro dia estava meu pai e minha mãe aqui na escola. Se eu sei que eu fiz coisa errada eu abaixo a cabeça e falo: “tô” errado, mas se não “tô” errado eu não deixo ninguém me xingar não, eu parto pra cima também. Eu não tenho medo. Medo de quê? É um humano.

Professora: Aí você xinga também?

Aluno: É.

Professora: Essa aqui é a TV?

Aluno: É.

Professora: E o computador?

Aluno: Tem que desenhar a mesa dele tudo certinho?

Professora: Não só o computador, o teclado. E a sua mãe o que ela falou quando aconteceu isso?

Aluno: Ela não gosta também.

Professora: O mouse, a TV, a porta e a janela.

Agora eu vou te fazer duas perguntas: Como que você acha que vai ser seu futuro, e como você gostaria que ele fosse? São duas coisas diferentes, às vezes você gostaria que ele fosse de um jeito, mas você acha que vai ser de outro, ou você acha que ele vai ser e realmente ser o que você gostaria.

Aluno: Trabalhar num lugar, nunca largar meus estudos.

Professora: Trabalhar... Onde você gostaria?

Aluno: Numa loja, num lugar assim que seja bom e receba bem.

Professora: Que pague bem?

Aluno: É, tudo mundo quer isso também. *(Risos.)*

Professora: É, ninguém quer trabalhar e ganhar pouco. Não tem alguma coisa assim que você gostaria de ser?

Aluno: Não, não, não sei não, “mai” até chegar lá eu já vou saber.

Professora: Mas você não sonha em nada?

Aluno: Não sei não.

Professora: Quando você se imagina daqui alguns anos, você imagina o quê? O que você gostaria?

Aluno: Eu nunca pensei nisso.

Professora: Então você gostaria de trabalhar numa loja, sempre estudar...

Aluno: Certo, até onde que eu puder ir.

Professora: Como assim: “até onde você puder ir”?

Aluno: Se der pra eu estudar até o 3º colegial, eu vou.

Professora: O que você acha que te impediria de fazer o colegial, que você falou agora que se tudo der certo, se nada te atrapalhar. O que poderia te atrapalhar?

Aluno: Ah, não sei.

Professora: Você fica pensando que alguma coisa pode não der certo por algum motivo?

Aluno: Acho que não.

Professora: Então aqui, eu queria que você desenhasse alguma coisa que você vê no seu futuro. Você quer trabalhar tipo numa loja como você trabalhou?

Aluno: É.

Professora: Então, desenha para mim como que era o depósito.

Você gostaria de trabalhar dentro da loja ou no depósito?

Aluno: Na loja, no depósito...

Professora: Então desenha aqui onde você gostaria de trabalhar.

Aluno: Desenhar tipo uma loja?

Professora: Pode ser. Quer outra folha?

Aluno: Não. Não sei desenhar muito, aqui é tipo uma porta da loja assim.

Professora: A porta de vidro da loja.

Aluno: É.

Professora: Como que chama mesmo a loja?

Aluno: Dom Pablito.

Professora: Você não quer escrever aqui o nome para eu saber que é loja?

Aluno: Não sei se o nome é Dom Pablito. *(Ele não queria escrever.)*

Professora: É Dom Pablito mesmo.

(O aluno reluta em escrever.)

Aluno: Escreve de forma ou de mão?

Professora: Você quem sabe. Você quer pintar alguma coisa aqui?

Aluno: Não.

Professora: Não? Agora, eu queria que você desenhasse para mim como que é a aula de Matemática para você.

Aluno: Boa.

Professora: Boa? Você se sente bem?

Aluno: Me sinto bem sim.

Professora: Tem alguma coisa que te incomoda na hora da aula?

Aluno: Não, acho que não.

Professora: Como que é a aula de Matemática?

Aluno: Esse ano assim “tá” bom, até agora “tá” bom.

Professora: Então desenha aqui para mim como que é, você pode desenhar a lousa, as carteiras, pode desenhar você na aula, o que tem na lousa.

Aluno: Aqui é a lousa, aqui é as carteiras, aqui tem um quadrado.

Professora: Na sua casa tem algum problema assim, que te atrapalha a aprender?

Aluno: Acho que não, não, porque vai voltar o Ceacri, o reforço de novo, acho que vai ajudar.

Professora: Pode desenhar o que tem na lousa, o que tem na lousa na aula de Matemática?

Aluno: Contas.

Professora: Contas...

Aluno: $2+3$, deixa eu ver mais outras contas.

Professora: Coloca aí para mim uma coisa que você acha bem difícil de Matemática.

Aluno: Do ano passado ou desse ano?

Professora: Tanto faz.

E fala para mim, o que você sentia mais dificuldade em aprender no João Bueno, da 1^a a 4^a série?

Aluno: Acho que foi os professores que me ajudavam, não sei.

Professora: E quando você estudava no João Bueno e aqui mesmo, você chegou a procurar um médico?

Aluno: Fazia bastante.

Professora: Que tratamento você fazia?

Aluno: Fono, melhorou bem o meu rosto, porque ninguém podia olhar pra mim que eu encarava, queria bater, era muito nervoso, todo médico que você imaginar eu “tava” lá.

Professora: Os médicos que você ia, eram da prefeitura?

Aluno: Eram, a escola que falava pra “mim” ir.

Professora: Você era nervoso?

Aluno: Eu tomava até calmante, se eu não tomasse calmante eu até metia porrada na parede, agora já é diferente, sou mais tranqüilo.

Professora: Agora você não toma mais nada?

Aluno: Não.

Professora: Você lembra que remédio você tomava?

Aluno: Tipo uma “pírua” branca.

Professora: Você tomava para dormir?

Aluno: Não, pra ficar calmo, tomava ou à noite ou antes de vim pra escola, se eu quisesse assim.

Professora: E o que você sentia de diferente quando você tomava e quando você não tomava?

Aluno: Quando eu não tomava eu ficava bravo, ninguém podia fazer nada que eu ficava bravo, dava tipo uma adrenalina, não queria conversar, não queria fazer mais nada, o remédio me controlava.

Professora: Eu vejo agora que você tem bastante amigos, você conversa, tem até que chamar sua atenção, antigamente você nem falava. Isso foi uma melhora muito grande, você acha que você melhorou por quê?

Aluno: Como assim?

Professora: Que você era mais fechado, você acha que foi o médico que te ajudou, ou o tempo...

Aluno: Foi o tempo, a idade, não sei.

Professora: E assim, você falou que você era nervoso, na sua casa você também era?

Aluno: Também, na minha casa também

Professora: Você brigava com a sua família?

Aluno: Não, era mais comigo, com meu irmão.

Professora: Entendi. Tem mais alguma coisa que você queira falar, sobre a escola, as dificuldades que você tem na escola.

Aluno: As matérias, ler, escrever, ficar mais atento na aula, que você percebe que quase ninguém fica atento na aula.

Professora: Por que você acha que as pessoas fazem isso?

Aluno: Que agora pra eles, eles levam à brincadeira, mas depois eles vão sofrer um pouco, porque antes eu brincava e repeti, agora não repete mais, porque passa de ano mesmo, então...

Professora: Você falou que depois sofre um pouco, por que a hora que arruma um emprego aí é que vai sentir falta, você quando arrumou o emprego, sentiu falta?

Aluno: Não, porque eu já “tava” chegando numa idade, que eu tinha que aprender a fazer tudo certo, aí falaram pro meu pai me levar lá pra trabalhar.

Professora: O salário que você ganha, é por dia, ou por quantos móveis você monta?

Aluno: Não, é todo dia 10 de cada mês.

Professora: É um valor fixo?

Aluno: É, ganha hora extra, lá todo mundo era igual, só eu que era diferente que fazia os serviços mais leves.

Professora: Agora você vai tirar a carteira, vai ficar tudo certinho, e você vai voltar.

Aluno: Acho que sim.

Professora: O salário que você ganhava era seu, ou você tinha que ajudar em casa?

Aluno: Era só meu.

Professora: O que você comprava?

Aluno: Roupas, um pouco de besteira.

Professora: Tipo o que?

Aluno: Jogo, gasto em bastante coisa, mas nunca comprei muita besteira, e como eu estava trabalhando eu comprava o que meus pais não compravam pra mim.

Professora: Quando você vai comprar alguma coisa, que, por exemplo, tem que dar um troco, calcular seu salário, você sente dificuldade?

Aluno: Não, eu comprei um Mp4, um celular.

Professora: Mas na hora de fazer a continha, quando você dá o dinheiro para moça, que você vai pagar ela, como que você sabe que o troco está certo?

Aluno: Eu pesquiso assim, antes de ir lá.

Professora: No que você sente mais dificuldade na aula de Matemática?

Aluno: Acho que num pouco das contas, também, só que a professora também fala que se errar não tem problema, é só um pouco de dificuldade, ela sempre ensina quando eu erro.

Professora: Você lembra qual a professora que você gostou mais?

Aluno: Ah, todos são legais, assim pode ser chato, bravo...

Professora: Você não tem nenhuma professora que você lembra com saudade, que fez alguma coisa boa pra você...

Aluno: Ah, não lembro não.

Professora: Então eu vou pedir para você fazer o último desenho, eu queria que você desenhasse você. Eu queria que você se desenhasse, pode desenhar o corpo inteiro, ou só o rosto.

Aluno: Precisa ser muito grande?

Professora: Não, você vai desenhar só o rosto?

Aluno: É, eu só consigo desenhar se for pequeno.

Professora: Aí você desenha um pouco maior para mim. Quem que é o seu melhor amigo aqui na escola?

Aluno: Não sei assim... *(Silêncio.)*

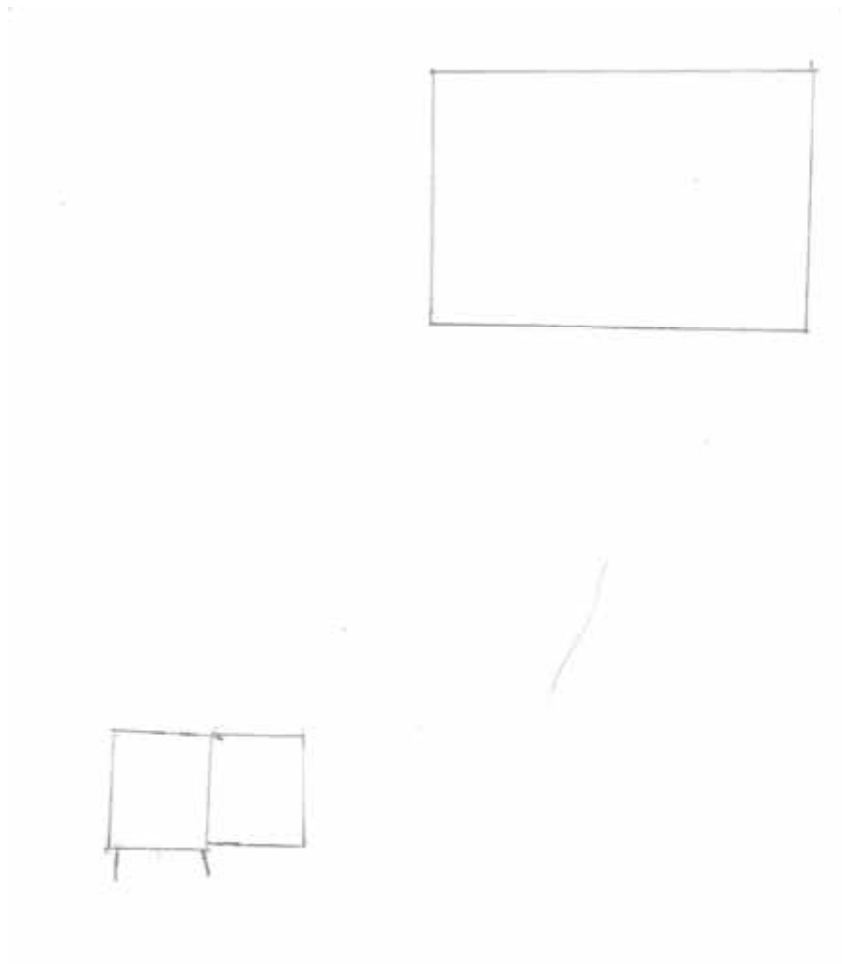
Professora: Pode deixar assim. Então é isso Leonardo. Certinho Leonardo. Se eu precisar de você outro dia você vem?

Aluno: Venho, se eu não tiver ocupado. Eu já posso sair?

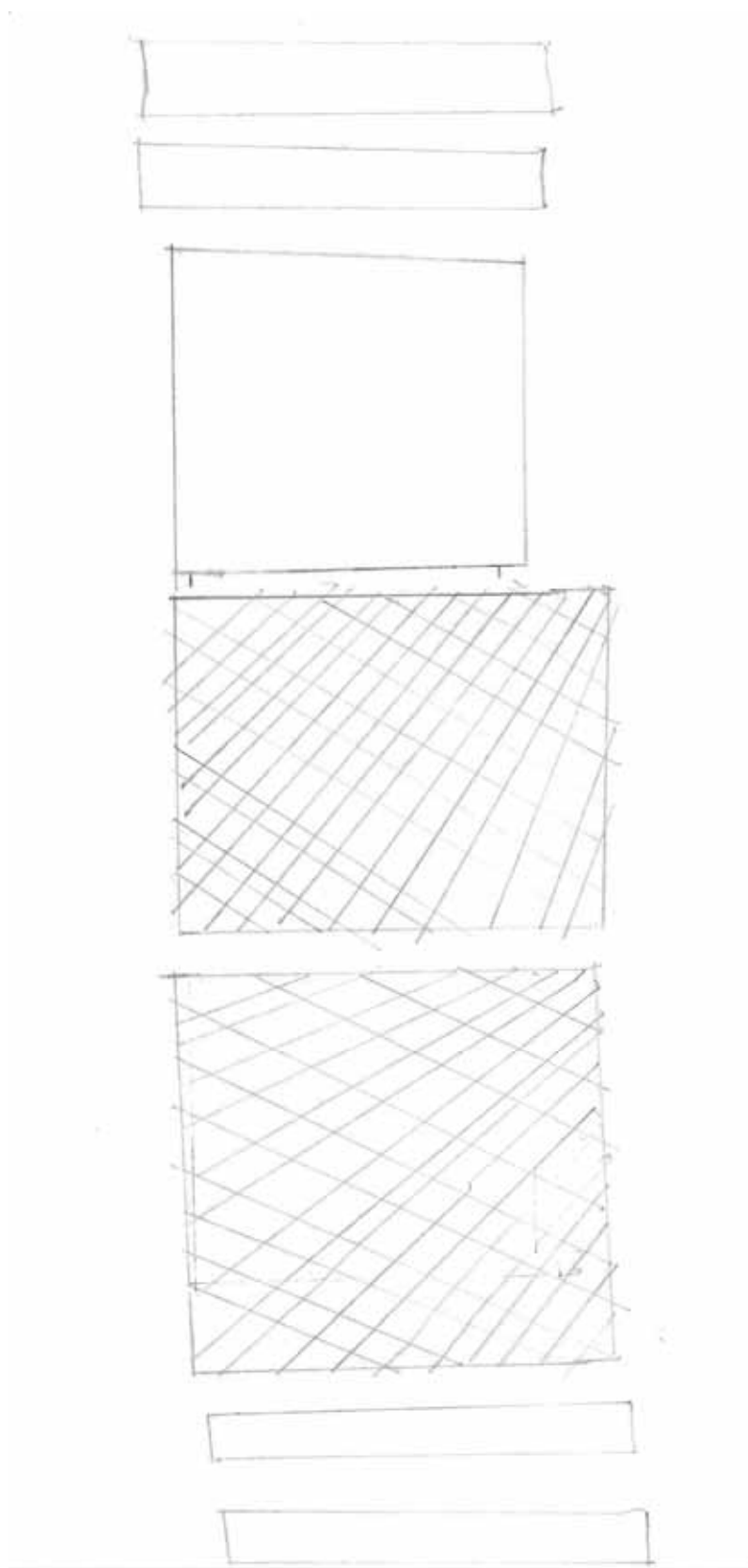
Professora: Pode. Muito obrigada!

7.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

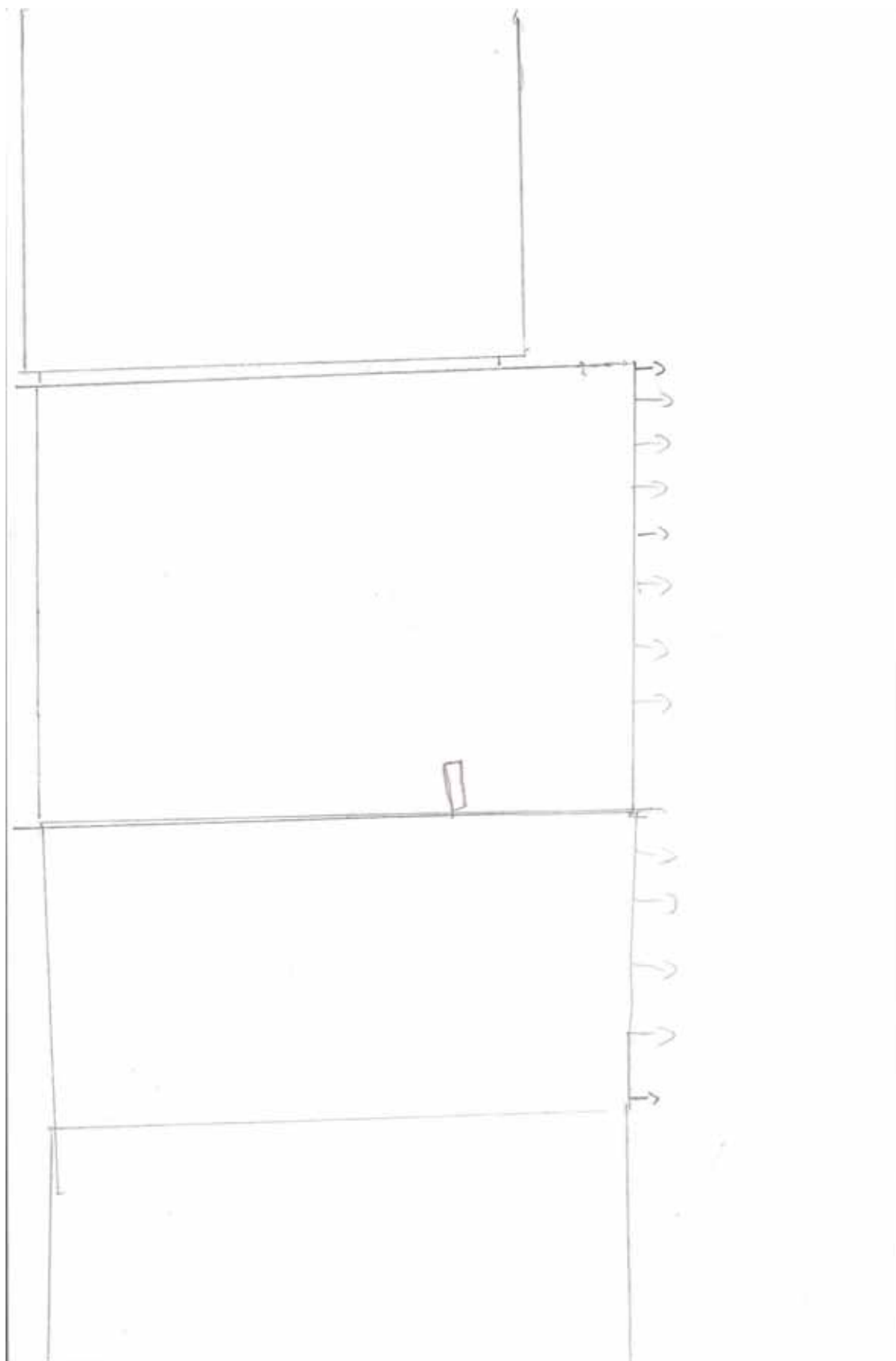
1. Você estudou em outras escolas?



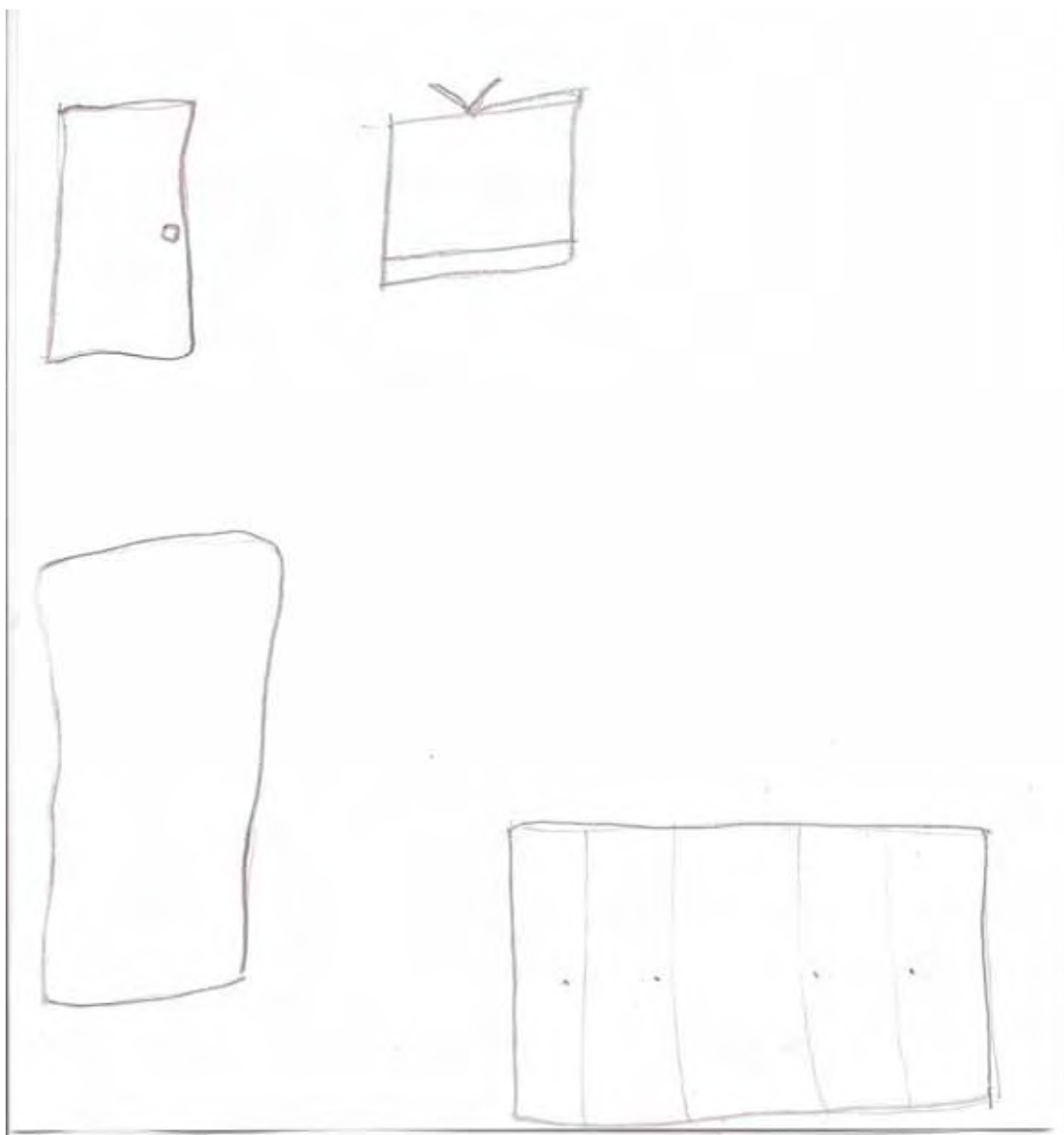
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



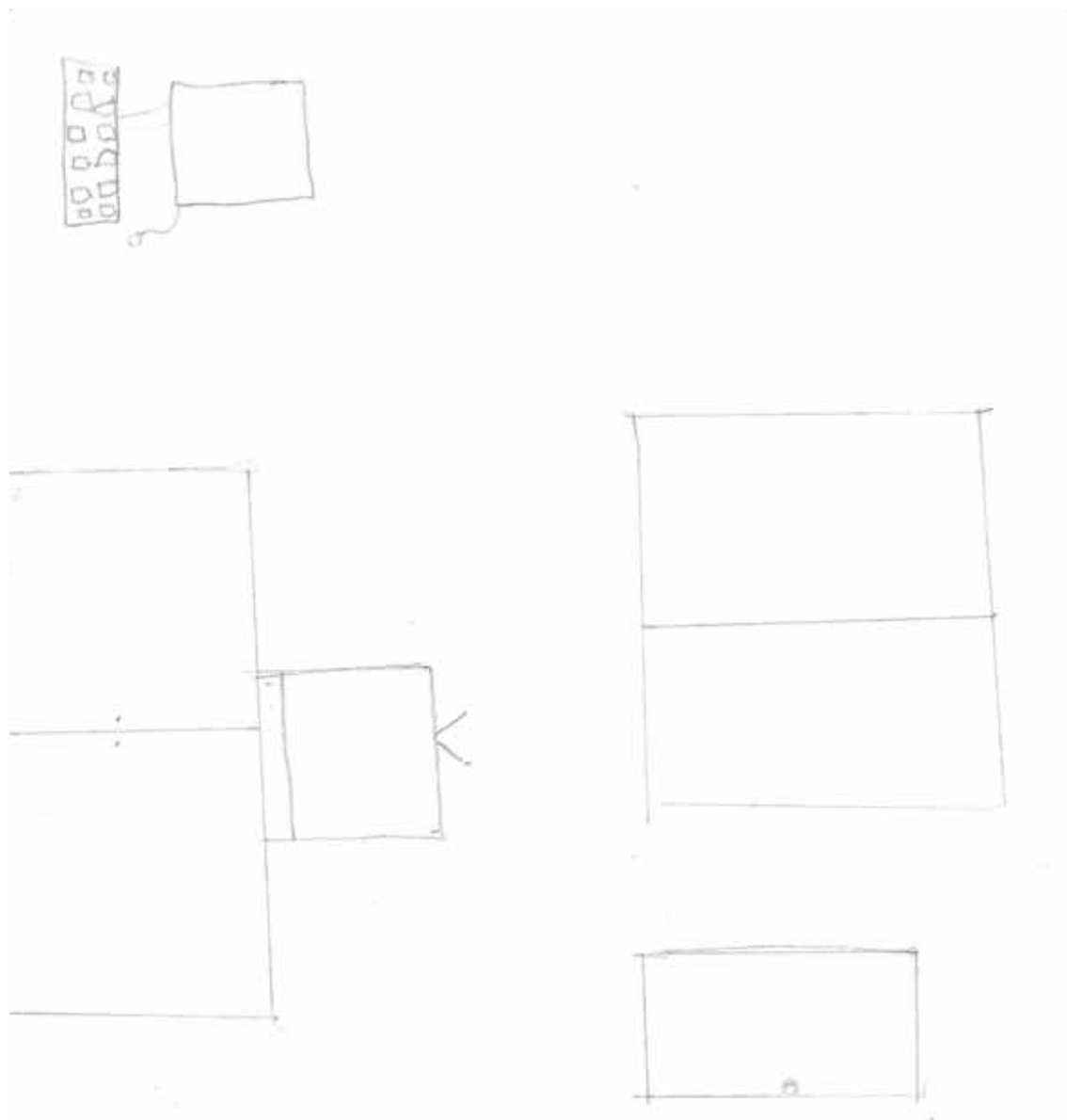
3. Como é a sua casa?



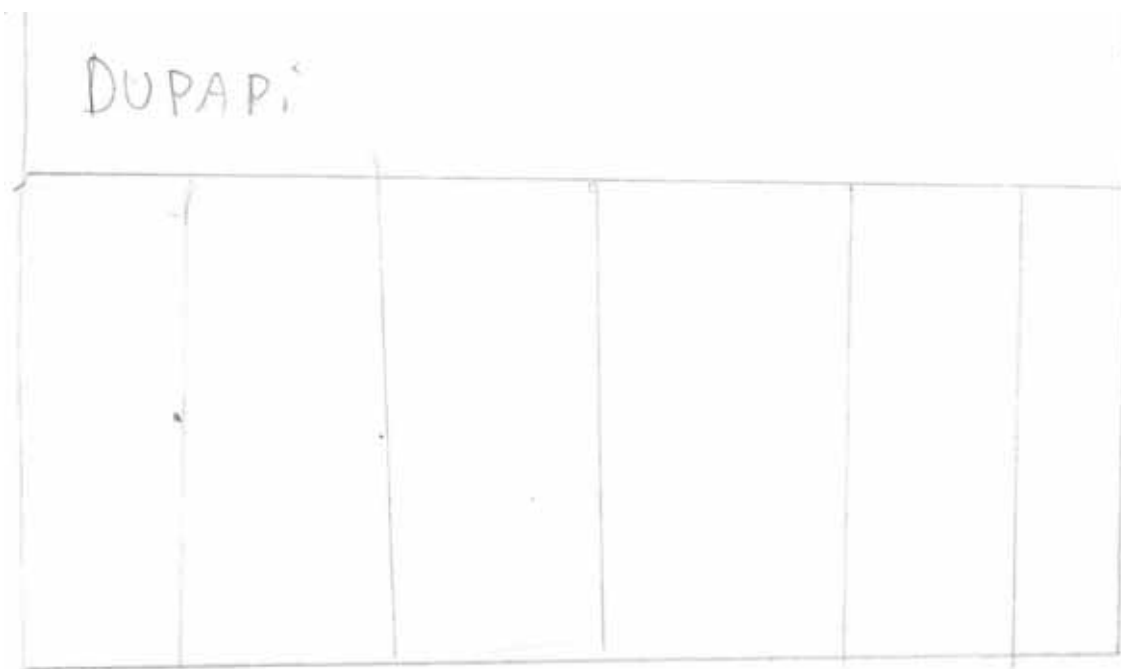
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



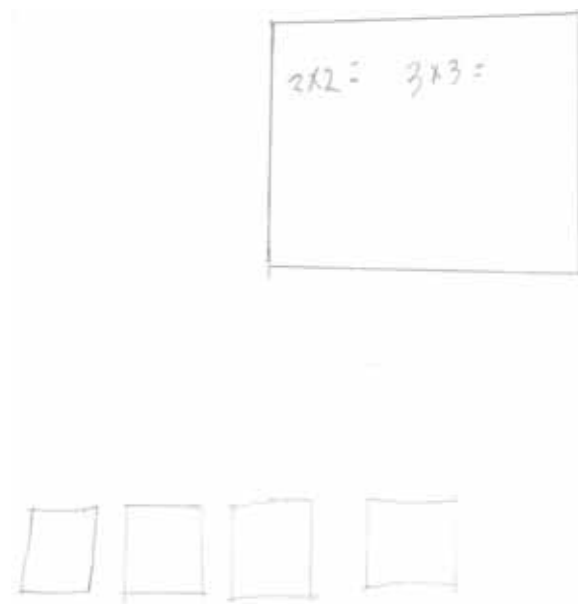
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



7.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Dezesseis.

Professora: Qual a sua data de nascimento?

Aluno: Dia 26 de Fevereiro de 1993, ou 1992? Acho que é 1993...

Professora: Onde você nasceu?

Aluno: Leme

Professora: Você pode me dizer o nome dessas figuras?

Aluno: Essa aqui é triângulo, não lembro o nome dessa.

Professora: E dessa?

Aluno: É círculo.

Professora: Você pode fazer essas continhas aqui?

Aluno: Só responde ou tem que montar a conta?

Professora: Do jeito que você achar melhor. *(Silêncio, começa a fazer as contas e demora 7 minutos.)*

Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Aluno: Só em Matemática.

Professora: Só em Matemática? Em mais nada?

Aluno: Não.

Professora: A dificuldade que você tem em contas hoje, você tinha assim na 1ª série, 2ª... Você sempre teve, ou teve uma época que começou?

Aluno: Eu não lembro não.

Professora: Hoje, qual a sua dificuldade em Matemática?

Aluno: As contas mais complicadas.

Professora: Você sabe me dizer o que você está vendo em Matemática hoje?

Aluno: Fração, divisão...

Professora: Você pode fazer uma conta dessa que você está vendo, uma conta que a professora passou na lousa...

Aluno: Não lembro não.

Professora: Você pode contar comigo até o cem?

Aluno: Posso. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, cinqüenta, cinqüenta e um, cinqüenta e dois, cinqüenta e três, cinqüenta e quatro, cinqüenta e cinco, cinqüenta e seis, cinqüenta e sete, cinqüenta e oito, cinqüenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, noventa, noventa e um, noventa e dois, noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, nossa...

Não lembro, eu até sei, mas o nome, dela... eu não lembro.

Professora: Certo. O que você está fazendo fora do horário de aula?

Aluno: Eu "tô" mais em casa, e fazendo o nome do "coiso" lá... CEACRI.

Professora: Você está fazendo o mesmo horário da Aninha?

Aluno: "Tô".

Professora: É de segunda...

Aluno: E quarta.

Professora: Que horário.

Aluno: Do meio dia e meio (12h30) até três e meia (15h30).

Professora: Vocês têm intervalo?

Aluno: Tem.

Professora: O que você está vendo lá?

Aluno: Eu ainda não fui, eu vou semana que vem.

Professora: No ano passado você freqüentava o CEACRI?

Aluno: Freqüentava.

Professora: E por que você parou de ir?

Aluno: Que eu “tava” trabalhando, e também não valia a pena, a professora não ensinava, agora a professora que ensina bem voltou, aí eu até vou.

Professora: E você não estava querendo ir?

Aluno: Não, eu também “tava” trabalhando.

Professora: Agora você não está trabalhando?

Aluno: Não.

Professora: Você pode escrever para mim, por que você parou de ir no CEACRI?

Pode ficar à vontade.

(Ele se recusou a escrever, mas acabou fazendo.)

Aluno: É isso.

Professora: Só isso? E o que você falou para mim, que não entendia nada...Não quer colocar?

Aluno: É só isso.

Professora: É?

Aluno: É só isso só.

Professora: O que está escrito aqui, você pode ler para mim?

Aluno: “Não estou indo lá porque não quis me ensinar nada”.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim desta folha?

(Silêncio de 5 minutos.)

Nessa folha aqui, você pode falar o nome dessas figuras aqui?

Aluno: Essa é triângulo, essa eu não lembro, e o outro é círculo.

Professora: É só então, muito obrigada.

7.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

A) $237 + 131 = 368$

B) $296 - 184 = 112$

C) $53 \times 4 = 212$

D) $612 : 3 = 204$

11. Você freqüentava o CEACRI, por que você deixou de ir até lá?

12. Você pode escrever sobre sua saída para mim?

nao estamineo mais nao isomoro.

13. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{l} A) 237 + 131 = 301 \\ B) 296 - 189 = 200 \\ C) 53 \times 9 = 56 \\ d) 612 \div 3 = 614 \end{array}$$

7.5 Transcrição da entrevista realizada com o pai do aluno

Professora: Qual a idade do senhor?

Pai do Aluno: Trinta e oito.

Professora: O senhor nasceu aqui?

Pai do Aluno: Não, eu nasci no Paraná, mas só fui registrado lá, e...

Professora: Sempre morou aqui?

Pai do Aluno: Sempre morei aqui, sempre morei em sítio, fazenda.

Professora: Quais são as dificuldades que o senhor vê no seu filho, em relação à aprendizagem?

Pai do Aluno: Olha, fica difícil de falar, porque em casa, ele é uma pessoa... Não sei, se você já notou, ele é uma pessoa nervosa, uma pessoa difícil de compreender, mas em casa ele faz tudo o que pede pra ele, ele é uma criança que "tá" amadurecendo, ele fez dezesseis anos, o problema maior dele... Eu não sei se a mãe dele explicou pra senhora em algumas reuniões, que eu não sou o pai legítimo dele.

Professora: Não, eu não sabia.

Pai do Aluno: Mas, o mesmo carinho que eu dou pra um, eu dou pros três, inclusive esses dias eu precisei perder um dia de serviço, até troquei na firma, eu corri atrás dos documentos dele, nossa ele ficou super contente, a gente foi lá pegou a identidade dele, "corremo" atrás, pegamos a carteira de trabalho, na realidade ele "tava" trabalhando comigo, meu patrão falou pra mim que ia dar serviço pro ele... Ele vinha estudava, e ia pro serviço junto comigo, ele me ajudava a mexer no depósito, aí o Conselho Tutelar ligou na loja, que denunciaram, ele ficou super revoltado, meu patrão falou pra mim que não podia pagar muito, ele "tava" ganhando duzentos e cinquenta reais, era meio período, na hora que ele chegava da escola eu "tava" almoçando, a

gente subia junto, ele tava super contente, ele tava comprando as coisinhas dele, eu não sei se ele vem pra escola com um Mp3, que ele comprou um Mp3, acho que quando ele vem ele esconde, que eu disse pra ele que lugar de estudar é pra estudar. Daí ele ficou revoltado por parar de ganhar aquilo, até eu mesmo fiquei revoltado, o que o Conselho Tutelar tem a ver com isso, meu filho não “tá” roubado, meu filho não “tá” fazendo coisas erradas.

Professora: E ele já tem dezesseis anos?

Pai do Aluno: Ele não tinha ainda, mas já tinha quase.

Eu acho que o Conselho Tutelar hoje apóia muito os vagabundos na rua, que se a senhora relar a mão numa criança, a senhora é condenada, mas se a senhora deixar uma criança roubar a senhora, levar tudo, não dá nada pra criança, é muita injustiça. Mas em casa não tem o que reclamar dele.

Professora: Ele é o mais velho?

Pai do Aluno: Ele é o mais velho, que quando eu fui morar com a minha esposa ela já “tava” grávida.

Professora: Então, quando ele nasceu o senhor já estava presente?

Pai do Aluno: Eu acompanhei praticamente a gravidez completa dele. Que ela veio da cidade dela, a gente se conheceu. Quando a gente se conheceu, eu nem sabia, ela “tava” de poucos meses, dois meses, não dava nem pra perceber, assim que a gente ficou junto ela explicou toda a situação pra mim. Faz dezesseis anos que a gente “tá” junto, quando ele nasceu registrei ele no meu nome, só que até hoje, eu não cheguei nele, não sentei com ele, não falei pra ele.

Professora: Ele não sabe?

Pai do Aluno: Ele tem uma leve desconfiança, mas eu nunca falei pra ele.

Professora: E a mãe dele também nunca conversou com ele?

Pai do Aluno: Não.

Professora: É um assunto, que ele não sabe, não é aberto?

Pai do Aluno: A gente não se abriu com ele, a minha sogra mora com a gente, tem noventa e três anos, de vez em quando, ela não se dá com ele, não sei porque, porque ela puxa o saco do Lucas e do outra menina, só que ele é meio rejeitado.

Professora: Discriminado, é complicado né?

Pai do Aluno: Eu penso um dia e chegar nele e conversar com ele, apesar que ele “tá” amadurecendo, nossa, ele melhorou muito.

Quando começou a andar e falar, ninguém conseguia pegar ele, ele era um moleque muito revoltado, hoje não, graças a Deus, ele passou através do reforço, ele passou por um psiquiatra, ele fez tratamento, ele passou no Centro de Especialidade (*Centro médico da*

cidade.), passou pelos médicos, tomou remédio, que ele era muito nervoso, no entanto, hoje ele não toma mais, então hoje tem certos tipos de brincadeiras que ele não gosta, então eu evito, mas quando a gente quer enfezar ele a gente brinca pra ver ele bravo, aí eu falo pra ele que na vida ele tem que brincar, que quando ele começar a sair, ele vai ver que o mundo é diferente, mas ele já mudou muito, ele sai, vai jogar bola.

Professora: O senhor vê a lição, os cadernos...

Pai do Aluno: Não, ele é um moleque muito fechado, ele não mostra essas coisas pra gente.

Professora: Porque ele tem uma dificuldade de alfabetização muito grande, para ler, escrever...

Pai do Aluno: Eu sempre peço pra ele ensinar a minha outra filha que “tá” na 2ª série, eu acho muito errado ficar passando o aluno, eu tenho um outro filho que “tá” na 3ª série e não sabe nada, ele “tá” na 8ª e o que ele sabe?

Ele não se abre, eu peço pra ele ensinar a irmã, eu falei pra ele que ele “tá” na 8ª, eu fiz até a 3ª série, eu voltei pra escola, eu parei porque não dava, eu queria voltar a estudar, esses dias eu fiz a prova tudo certinho, aí me chamaram pra sala da 4ª série.

Não é que eu sou burro, não que eu to falando que você é burro, eu falo pra ele, ele também não é burro, simplesmente eu acho que ele não “tá” prestando atenção no que a professora fala, que se eu for na escola pra estudar, eu vou estudar.

Professora: O senhor está querendo voltar a estudar à noite, para fazer o EJA?

Pai do Aluno: É comecei, é assim, começou aquele negócio, começa a aparecer os ‘biquinho’ a gente vai fazer os ‘biquinho’ pra não apertar em casa, eu falei pra uma professora que se eu não aparecesse na escola, era porque eu estava trabalhando, mas na semana que tem prova eu vou na semana inteira, mesmo se aparecer um ‘bico’ eu não vou fazer, eu vou na escola, a semana que teve prova eu fui a semana inteira, aí eu “tava” explicando pra ele que tem que dedicar, porque se eu e minha mulher estamos sofrendo é porque a gente não teve cabeça.

Professora: Se eu pedisse para o senhor fazer um desenho bem simples de como o senhor vê a escola, o senhor desenharia?

Pai do Aluno: Eu sou ruim.

Professora: Não tem problema, é um desenho bem simples mesmo, de como o senhor vê a escola.

Pai do Aluno: Eu vejo a escola como um negócio muito importante.

Professora: Ele costuma estudar em casa?

Pai do Aluno: Quando vai lição sim, quando não vai, o negócio dele é ficar escutando aquele radinho dele.

Professora: Tem algum horário certo, que ele gosta de estudar, fazer lição, ou não, depende do dia...

Pai do Aluno: Aí depende muito do dia.

Professora: Ele costuma estudar assistindo televisão, ou com o radinho no ouvido?

Pai do Aluno: É que eu saio cedo, e volto meio dia (12h) e volto a uma e meia (13h30) pra trabalhar, então eu não fico pra acompanhar, mas eu acho que as professoras “devia” dar mais lição.

Professora: O senhor verifica se tem lição, ou ele fala que não tem lição e aí...

Pai do Aluno: Ele é uma pessoa sincera, o que ele falar pra senhora, você pode ter certeza que é verdade. Hoje ele falou pra mim que precisava de dinheiro, eu perguntei por que, ele me disse que era pra um trabalho, e que cada um tinha que comprar um pouco de coisa, aí eu perguntei o que ele ia comprar, ele disse que era giz de cera, eu tinha dois reais e perguntei se dava, ele disse que ganhou um pouco da mãe dele e que achava que dava. Eu perguntei se tinha lição, ele disse que não tinha. É assim que funciona. Ele fica até de madrugada assistindo televisão, isso a gente já tentou tirar dele, cortar, mas é difícil.

Professora: Ele assiste até tarde?

Pai do Aluno: Até tarde.

Professora: Até que horas mais ou menos?

Pai do Aluno: Às vezes eu levanto à uma da manhã (1h) e vou lá desligar televisão.

Professora: É, que depois tem que acordar super cedo para vir à escola...

Pai do Aluno: E ele não tem trabalho nenhum pra isso.

Professora: Ele levanta...

Pai do Aluno: Levanta, vai lá escova os dentes, e chama o irmão dele, quando o irmão dele inventa alguma desculpa, que o irmão dele é aquele “forgado”, aí ele vai lá bate na porta e entra no quarto, e fala que o Lucas não quer ir na escola, fala as desculpas do irmão, e fala que é frescura do Lucas, eu falo pro Lucas que tem que ir na escola, quando é coisa que não é do interesse dele - do Léo - ele não vai, principalmente, quando “tá” começando as aulas, que nem, se as aulas começarem hoje, ele só vai amanhã, e final de ano também, ele não vai mais, então, ele é sincero.

Professora: Em que lugar da casa ele costuma estudar quando ele faz lição?

Pai do Aluno: No quarto dele. Ele é uma pessoa reservada.

Professora: O senhor poderia desenhar o quarto dele?

Pai do Aluno: Fica difícil, eu quase não entro no quarto dele, que o quarto dele é aquele quarto que é bagunçado, mas é a organização dele. Vamos supor, aqui é a cama dele, aqui do outro

lado, é o guarda-roupa, aqui é outra cama, pra quando os amigos dele quer ir lá. Desenhar mesmo, é uma coisa que eu nunca aprendi. É isso aqui o quarto dele, é coisa simples, só que os brinquedos da irmã dele fica numa cama em cima do guarda-roupa.

Professora: Tem uma cama em cima do guarda-roupa?

Pai do Aluno: É, que o guarda-roupa tem uma escada.

Professora: O que ele faz durante o dia, que antes ele estava trabalhando...

Pai do Aluno: Eu falo pra ele ajudar a mãe, ele lava o banheiro, se precisar passar pano na casa ele passa, ele deita e dorme um pouco, e assim é a rotina dele.

Professora: Ele faz algum curso?

Pai do Aluno: Não.

Professora: Agora ele não está vindo no reforço na escola?

Pai do Aluno: Ele voltou a fazer o CEACRI.

Professora: O Senhor acha que o CEACRI ajudou ele?

Pai do Aluno: Ajudou, ele falou que “tá ino” bem, mas ele falou que se ele achar que não serve pra ele, ele não vai mais. No entanto, eu acho que isso que o Conselho Tutelar caiu em cima da gente, que eu não vou obrigar meu filho a fazer as coisas que ele não quer.

(Pelo fato de o aluno não estar freqüentando o CEACRI, o Conselho Tutelar foi informado.)

Professora: Eu não entendi, como que o senhor acha que o Conselho Tutelar...

Pai do Aluno: É porque ele falou que as coisas que ele faz na escola, ele faz no reforço, então ele prefere ir só na escola. Eu disse pra ele que é bom ele fazer, que não custa nada ele perder dois dias, depois a gente explica pro patrão. Ele disse que não ia porque a professora é chata, e não entendia o que falava pra ele, que dizer, é ignorância dele.

Professora: E lá no serviço dele, qual é a função dele?

Pai do Aluno: Ele fica ajudando eu, eu estava ensinando ele a montar móveis.

Professora: E nos móveis, tem instruções de como montar?

Pai do Aluno: Vem.

Professora: E ele entende perfeitamente, ou tem dificuldade de leitura daquilo?

Pai do Aluno: Não, porque vem o desenho de como montar ele, e tem escrito o número da peça. Se por acaso a senhora quiser, eu falo pra ele trazer um pra senhora ver.

Professora: Ele entende bem?

Pai do Aluno: Às vezes ele ficava apanhando, eu virava e falava que se não apanhar você não vai aprender, se ele fez errado, eu mostrava o desenho, falava pra ele ler na frente, que na gaveta tem um número, no puxador tem um número, e na frente vem explicando.

Professora: Eu sou professora de Matemática, e eu vejo que ele tem muita dificuldade em Matemática. Essa seqüência de números ele consegue compreender, ou ele se perde naquilo?

Pai do Aluno: É uma coisa que eu não vou saber responder pra senhora.

Professora: E lá no serviço, onde vem as instruções, ele fala o que ele lê...

Pai do Aluno: Não, ele lê pra ele.

Professora: E o senhor vê se ele tem dificuldade de relacionamento, com os amigos, com a família?

Pai do Aluno: Com a avó dele, quando ele “tá” bom ele trata a avó dele super bem, só que quando a avó dele fala qualquer coisa pronto.

Professora: Só que sempre parte dela, não dele? É ela que sempre provoca?

Pai do Aluno: Isso. Ontem mesmo, ele já ficou bravo com um amigo meu, que ele falou que precisava de um DVD pra gravar um jogo, eu dei o dinheiro, ele comprou, não sei o que aconteceu que não gravou, aí ele foi pedir pra um amigo dele, o amigo falou que o pai tinha tirado o computador dele, e que não podia gravar, aí ele ficou bravo, eu falei pra ele não perder a amizade com o menino, ele falou que não vai perder a amizade, mas não é pra o menino vim encher o saco não, que ele não vai emprestar filme, nada. Ele é assim, curto e grosso. Ele não aceita a mãe dele ficar pegando nele, ele já fecha a cara.

Professora: Toque, abraço ele não gosta?

Pai do Aluno: Ele não é “chegado” nesses tipo de brincadeira, ele pode até brincar com os amigos dele, mas...

Professora: E ele ajuda nos serviços de casa?

Pai do Aluno: Ajuda, se pedir pra ele lavar o banheiro ele lava, ele fala que lava o banheiro e Lucas passa pano na casa, aí a avó protege. Mesma coisa, eu “tava” saindo de casa, a minha filha tem oito anos, mandando a minha sogra calar a boca. Como que eu vou corrigir, que quando eu ou a mãe vai corrigir, se eu pego um chinelo, ela já entra no meio. Então, tira toda a autoridade minha e da mãe. Eu falei pra ela que ela não vai ficar o resto da vida vivendo comigo não, que ela já tem noventa e três anos, e vai morrer daqui uns tempos, eu posso até morrer primeiro que a senhora, mas tem um negócio: como que eu faço com os meus filhos, se ela não deixa eu educar ele do meu jeito?

Professora: Mora o senhor, a sua esposa, os três filhos e ela?

Pai do Aluno: É. É complicado, tem dia que a minha esposa não agüenta a mãe dela.

Professora: O senhor acha que tem algum fato ou acontecimento na vida do Léo, que tenha determinado o que ele é hoje?

Pai do Aluno: Tem, eu acho que quando a mãe dele “tava” grávida, que a gente não “tava” morando junto, ela morava com a irmã dela, usando um palavreado bem forte, ‘ela comeu o pão que o diabo amassou’, nem amassou, sapateou em cima.

Então, ela sofreu muito, acordava cedo, trabalhava na roça, colher laranja. E eu também morava com meus irmãos, que eu sou órfão de pai e mãe. Então foi super difícil, a gravidez dela foi super complicada. O Léo nasceu, teve hérnia no umbigo, esse moleque chorava praticamente vinte e quatro, “consequimo” fazer a cirurgia do umbigo, aí deu na virilha, ele tomou muito antibiótico.

Professora: Algum médico já disse que por conta disso ele teria problema na aprendizagem?

Pai do Aluno: Não, isso nunca foi dito. O temperamento da minha mulher é o temperamento do Léo, ela também é super nervosa. Se o Léo, se achar na razão dele, que ele não quer estudar, ele joga tudo na mesa, ele pode “tá” errado.

Professora: Ele já chegou a ir ao psicólogo?

Pai do Aluno: Já fez.

Professora: Vocês já conversaram com o psicólogo dele ou não?

Pai do Aluno: Geralmente, era minha esposa.

Professora: O senhor sabe de alguma coisa que ele disse?

Pai do Aluno: Não.

Professora: O senhor disse que ele tomava medicamento constante, o senhor sabe o nome do remédio?

Pai do Aluno: Não, mas eu posso pedir pra minha esposa achar lá.

Professora: Era que tipo de medicamento?

Pai do Aluno: Era calmante. Quando ele tomava esses remédios dava sono nele, ele ficava meio desligado, e agora não, eu acho que meu filho mudou muito.

Professora: Eu também acho, ele melhorou demais, na aprendizagem ele evoluiu pouco, já no comportamento dele, de conversar com os colegas, ele evoluiu bastante.

Pai do Aluno: E quando ele “tava” trabalhando comigo a mente dele “tava” abrindo mais, eu não segurava ele comigo, porque trabalhar com o pai é uma coisa, e trabalhar com outro é outra coisa, eu falava pro motorista dá ‘uma judiada nele’, pra ‘zuar’ com ele, pra ele se soltar. A mente dele “tava” se abrindo, as “conversa” dele “é” outra, a mentalidade dele.

Professora: Na casa do senhor tem livro, revista? Ele lê?

Pai do Aluno: Não, se depender dele pegar essas coisas, ele não pega.

Professora: O senhor e sua esposa têm o habito da leitura ou também não?

Pai do Aluno: Não, é que eu saio do serviço, e pego bastante bico pra fazer, e quando eu chego em casa, eu já “tô” estourado.

Professora: Já está morto de cansada.

Pai do Aluno: Aí eu sento na sala assisto um pouco de televisão, e chuveiro, janta e cama.

Professora: Eu gostaria que o senhor desenhasse aqui, como que o Senhor vê o Léo.

Pai do Aluno: Eu vejo como uma criança normal, no entanto, agora eu “tô” vendo ele mais normal, quando que eu achei que meu filho ia mexer com uma menina na rua?

Professora: O senhor disse que vê ele normal, antes o senhor não achava ele normal?

Pai do Aluno: Eu sempre achei ele normal, eu só não achava o comportamento dele normal.

Professora: E os familiares, faziam comentários?

Pai do Aluno: Sempre fazem, falam que ele é louco. Minha sogra mesmo, sempre comparou o meu filho com um cachorro, e tem um neto que ela não gosta, e tudo o que não presta ela fala que os dois é.

Professora: É difícil morar com a sua sogra.

Pai do Aluno: Eu não sei como desenhar ele.

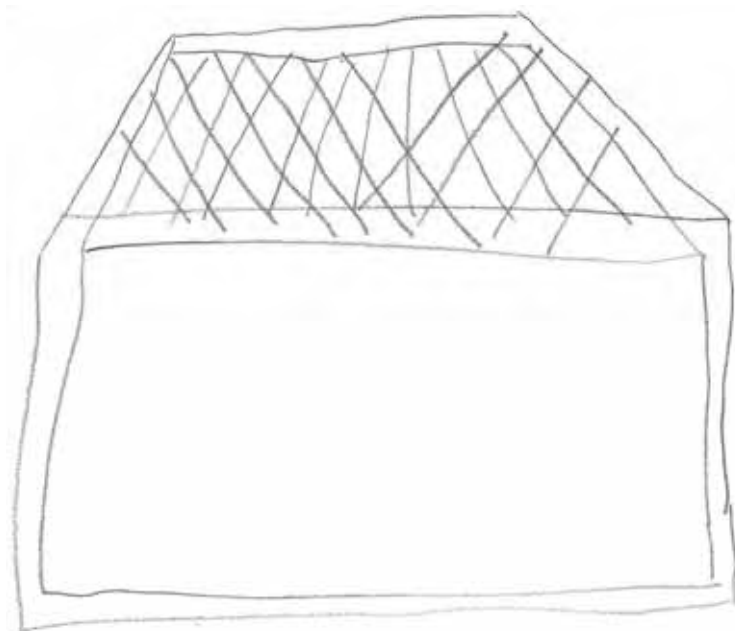
(Silêncio.)

Ele não tira isso (o radinho).

Professora: Está ótimo. Então é isso. Muito obrigada!

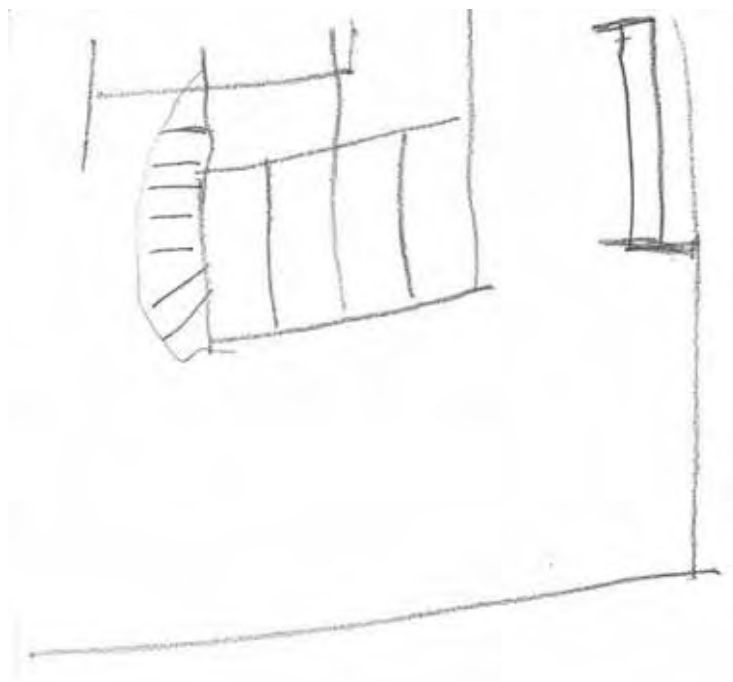
7.6 Mapas narrativos produzidos pelo pai do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

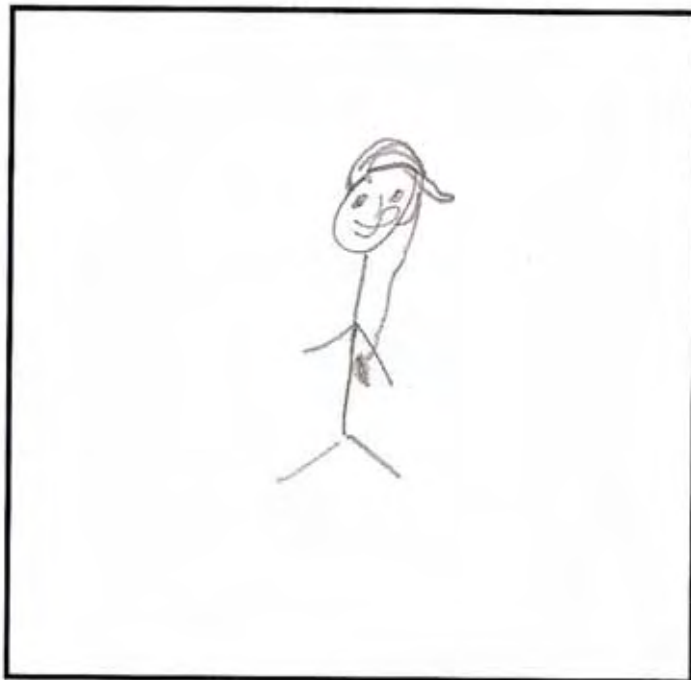


3. Em que lugar da casa ele(a) estuda? Poderia desenhar?

Em que lugar? Qual horário? Costuma fazer isso com a televisão ou algum aparelho eletrônico ligado? Ou tomando conta dos irmãos?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?



ANEXO VIII - Aninha

8.1 Transcrição da primeira entrevista realizada com a aluna

Professora: Esse ano você está na 8^aC?

Aluna: Infelizmente né!

Professora: Quantos anos você tem?

Aluna: Treze. *(Ela tem quatorze anos.)*

Professora: Treze. E você vai fazer quatorze esse ano?

Aluna: Sim, dia 6 de Abril.

Professora: Você sempre vai fazer o desenho de lápis (grafite), se você achar que é melhor, que você precise ou que gostaria de colorir alguma parte, você pega um lápis de cor, e depois me explica porque escolheu aquela cor.

Então, você já estudou em outras escolas, sem ser aqui?

Aluna: Já, lá em Minas.

Professora: Você consegue desenhar ela?

Aluna: Ah, ela é muito esquisita...

Professora: Desenha então, vamos ver o que você lembra dela. Faz tempo que você estudou lá?

Aluna: Faz, foi quando eu fui morar pra lá.

Professora: Você fez a 1^a série lá, ou você fez aqui?

Aluna: Não, eu fiz a 1^a, 2^a e 3^a série lá.

Professora: Ah, tá.

Aluna: Aí eu vim pra cá, que eu não conseguia acompanhar, que lá é muito adiantado, e minha avó vendeu a chácara que tinha.

Professora: Entendi. Eu não tenho pressa não, pode desenhar no seu tempo.

Aluna: *(Sobre o desenho)* Aqui era a minha sala, e aqui era o pátio. Lá era mais ou menos assim.

Professora: Você morava com quem?

Aluna: “Cá” minha avó e “cá” mãe, quando a gente morava pra lá.

(Sobre o desenho) Aqui era a diretoria.

Professora: O que mais que tinha?

Aluna: Tinha uma rampinha, que era aqui.

Professora: E sua prima, a Pâmela estudava lá também?

Aluna: Também.

Professora: O Plínio também, ou não?

Aluna: Também.

Professora: Que cidade que era? Você lembra?

Aluna: Leodoro.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira pôr aqui que você lembre da outra escola?

Aluna: Não, eu quero assim “memo”.

Professora: Ok, então. E aqui, você pode desenhar a escola. Desenha do jeito que você acha que é.

Por que você mudou pra cá?

Aluna: Porque minha avó vendeu a chácara, aí “voltamo” para a nossa casa aqui, mas depois “voltamo” pra lá de novo, e eu não me acostumei mais lá.

Professora: Então você estudava lá, depois você veio, voltou para lá de novo e não se acostumou mais a ficar?

Aluna: É. Eu voltei pra lá, aí eu não quis ficar lá mais. Minha avó disse que eu não “ia” me acostumar, e não me acostumei mesmo.

Professora: *(Sobre o desenho)* Aqui é a quadra?

Aluna: É, aqui é a quadra, o portão, a secretaria e as salas.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira pôr?

Aluna: Tem né, as “árvore” ‘tem uma aqui... E uma desse lado...

Professora: Se quiser pegar um lápis colorido, pode pegar também. E a frente da escola?

Aluna: Tem uma rampinha né, e a casinha do moço que mora na escola.

Professora: O que mais você pode colocar? Que é que é importante na escola?

Aluna: Acho que aqui é onde as “mulher” “lava” os “pano” de chão. E aqui “é” os banheiros.

Professora: É... Se você quiser pôr mais algum detalhe, eu não tenho pressa, você pode desenhar do jeito que você quiser.

Tem mais alguma coisa que você queira colocar?

Aluna: Têm os murinhos, as grades em volta da escola... as “graminha”... e as “criança” correndo pelo pátio.

Professora: Tem mais alguma coisa?

Aluna: Não, acho que é só.

Professora: Você acha que tem que passar cor em alguma parte?

Aluna: Não, está bom assim.

Professora: Está bom? E como que é sua casa?

Aluna: Vamos ver...

Professora: É, agora você vai ter que colocar bastante coisa que eu não sei o jeito que é sua casa. Aí você usa a criatividade. *(Os desenhos são muito simples, pobres em detalhes.)*

Quem mora com você?

Aluna: Eu, minha avó, meu tio, minha tia, a Pâmela, o Plínio, e... eu.

Professora: Você vai me contando o que é cada coisa. Quer pegar outra folha?

Aluna: Não.

(Sobre o desenho) Aqui tem um portãozinho, aqui tem um murinho fininho, tem um corredor, aí vem a sala, depois vem o quarto da minha avó.

Professora: O que é aqui?

Aluna: O quarto da minha avó.

Professora: Tem duas janelinhas?

Aluna: É...

Professora: No quarto da sua avó dorme só ela?

Aluna: É, ela e o Plínio. Aqui é o banheiro, depois vem a cozinha, e tem um quarto de bagunça meu.

Professora: Seu?

Aluna: É, onde eu fico brincando.

Professora: Mas, aqui ninguém dorme?

Aluna: Não, aqui é bagunça minha, onde eu coloco livro, uma mesinha, caderno, e eu fico nesse quartinho. Tem um quarto pra fora, que meu tio dorme. Aqui tem o meu quarto, e depois vem o quarto da Pâmela.

Professora: A Pâmela dorme sozinha?

Aluna: Dorme.

Professora: Então, aqui é o quarto da sua avó, aqui é a cozinha, aqui é o quarto da Pâmela, e...

Aluna: É, e aqui é o meu quarto.

Professora: Ela e você dormem sozinhas?

Aluna: É.

Professora: Então a casa é grande?

Aluna: É.

Professora: E, quantos quartos têm?

Aluna: Acho que... quatro: O da minha avó, o da Pâmela, o meu de bagunça, e o meu onde durmo.

Professora: E o seu tio e sua tia?

Aluna: Eles dormem pra fora.

Professora: Tem uma casa para fora?

Aluna: Tem.

Professora: O que mais que tem?

Aluna: Depois da estante tem o canil, e a minha cachorra.

Professora: Então, mas como eu vou saber o que é cada coisa?

Aqui é o quê? O telhado?

Aluna: É.

Professora: A sua mãe dormia com quem?

Aluna: Comigo. Eu e ela “dormia” na cama de casal, que depois foi para o quarto da minha avó, e então eu comprei uma cama de solteiro para mim.

Professora: Você dormia com sua mãe na cama de casal?

Aluna: É, na de casal.

Professora: Faz tempo que sua mãe morreu?

Aluna: Vai “pá” quatro anos.

Professora: Do que ela morreu? Você sabe?

Aluna: De aneurisma... deu derrame cerebral.

Professora: E seu pai, você conhece ele?

Aluna: Conheço, “mai” não gosto dele.

Professora: Não?

Aluna: Não, tem um monte de “fio” solto e não cuida de nenhum.

Tem uma semana ele foi “cá” Débora, para “pegá” eu de volta.

Professora: Onde ele foi?

Aluna: Lá no “coisa” de menor.

Aí a advogada fez um rolo, e por fim o advogado foi onde minha mãe trabalhava.

Professora: Mas, seu pai queria sua guarda?

Aluna: É, para passar para minha irmã. Eles “tava” de rolinho...

Professora: Por que ele queria pegar você?

Aluna: “Causa” de dinheiro, né.

Professora: Mas, que dinheiro que ele iria ganhar?

Aluna: O dinheiro da pensão da minha mãe. Ele ia me pegar para passar o dinheiro para minha irmã.

Professora: Você recebe pensão da sua mãe?

Aluna: Só da minha mãe.

Professora: Então era por isso que ele queria você...

O que mais que você quer pôr no desenho? Se quiser pintar alguma coisa de colorido, pode pintar.

Aluna: Então, aqui é a calçada, e aqui o banquinho desse lado, e “depois” tem a rua.

Professora: E as pessoas que moram na sua casa? Você vai desenhar?

Aluna: Tem o ‘Pirata’.

Professora: Quem?

Aluna: O ‘Pirata’, o Plínio.

Professora: Como é o apelido dele?

Aluna: Pirata. “Causa” que ele usava um tampão em um olho.

Professora: Então escreve aí.

Aluna: A Pâmela.

Professora: Essa é sua prima?

Aluna: É, a Pâmela. Esse é meu tio, minha avó, minha tia e eu.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira colocar na sua casa?

Aluna: Acho que não, é só isso mesmo.

Professora: Então, ok.

Na sua casa você costuma estudar?

Aluna: É raro.

Professora: É raro, por quê?

Aluna: Porque eu não tenho vontade.

Professora: Não tem vontade de estudar... Pegar um livro...

Aluna: Não, pegar um livro eu gosto, mas sem ajuda é difícil.

Professora: Sem ajuda de alguém?

Aluna: É, é difícil.

Professora: Na sua casa tem algum lugar para você estudar?

Aluna: Tem, o quartinho de bagunça.

Professora: Então desenha ele para mim, só o quartinho.

Aluna: Meu quartinho é aqui, ele é assim, aqui tem...

Professora: Tem janela?

Aluna: Tem, aqui é a porta.

Professora: A porta é bem no meio dele?

Aluna: É, tem a janela, aqui tem uma mesinha, e aqui tem uma “partileira”.

Professora: O que tem na prateleira?

Aluna: Tem livro meu.

Professora: Que livros?

Aluna: Livros, cadernos, revistas...

Professora: Livros que você ganhou também...

Aluna: É.

Professora: Quem usa essa prateleira?

Aluna: Ninguém, só eu que ganhei do ferro “véio”, só eu de vez em quando dou uma mexida.

Professora: Mais ninguém?

Aluna: Mais ninguém.

Professora: Ninguém nem olha para os livros?

Aluna: Não.

Aqui tem uma lousinha, é um pedaço de madeira que eu uso como lousa, e o suporte para o giz.

Professora: Mas, não é uma lousa?

Aluna: Não, é uma “táuba”, que eu peguei para rabiscar, que às vezes eu brinco de escolinha.

Professora: O que mais que tem de bom aí?

Aluna: Aqui tem uma “táuba”, que eu peguei e fiz uma estante.

Professora: Você que fez?

Aluna: É, fiz um caixote para pôr revista.

Professora: Esse quartinho é só seu?

Aluna: É, agora as “coisa” tão lá no fundo porque “queimou”.

Professora: O que queimou?

Aluna: Cama, colchão.

Professora: Do quartinho?

Aluna: É, do quartinho.

Professora: E como pegou fogo?

Aluna: É que meu tio bebe, e “tava” meio “chapadão” e acabou estourando...

Professora: O que estourou?

Aluna: O isqueiro.

Professora: Ah, o gás do isqueiro.

Aluna: É e explodiu, tinha botijão de gás, tinha coisas novas que minha tia tinha acabado de comprar.

Professora: Mas, esse quarto está assim agora?

Aluna: Não, é quando eu tinha ele, agora a bagunça está no meu quarto.

Professora: Ah, esse quartinho não existe mais?

Aluna: Não, porque queimou, agora os livros estão no meu quarto.

Professora: Mas, você conseguiu tirar os livros antes de queimar?

Aluna: Consegui, eu peguei a caixa e vi o que eu iria usar e o que não iria, tinha livros que eu recortava, estava uma bagunça. Aí eu joguei fora o que queimou.

Professora: Então a lousinha... Não tem mais?

Aluna: Não, a lousinha tem.

Professora: Então pode desenhar.

Aluna: Aqui tinha... caquinhos de vidro.

Professora: No que tinha caquinhos de vidro?

Aluna: Aqui no meio onde eu coloquei.

Professora: Para enfeitar?

Aluna: É.

Professora: Então, vai falando para mim.

Aluna: Acho que é assim.

Tinham arrumado quarto, agora “vão” montá-lo de volta.

Professora: Ele queimou a porta, essas coisas?

Aluna: Queimou.

Professora: Queimou livro também?

Aluna: Pouco, acho que dois, que eu não usava.

Professora: Queimou tudo, a casa toda?

Aluna: Só o quartinho do fundo.

Professora: Só esse quartinho?

Aluna: É, só o quartinho. É que o quarto do meu tio era do lado, e quando pegou fogo se alastrou para o quartinho.

Professora: Ah.

Aluna: Minha avó falou que se meu padrinho “vir”, ele vai fazer de volta o quartinho pra mim.

Professora: Aqui era o quê? Os cacos de vidro?

Aluna: É, os caquinhos que eu amontoei.

Professora: De que cor era?

Aluna: Era vermelho, azul... E aqui tinha uma caminha de solteiro.

Professora: Ninguém dormia nela?

Aluna: Não, é que eu ficava lá o dia inteiro.

Professora: Então, esse era o lugar da casa que era para você estudar, mas não estudava, porém você se divertia.

Aluna: É, era o lugar que eu ficava, que eu imaginava, que eu fingia que era minha casa, brincava...

Professora: Agora não tem mais?

Aluna: Não... agora só ficou as paredes e o chão.

Professora: A janela queimou também?

Aluna: Também.

Professora: O que é isso?

Aluna: Uma estante.

Professora: Aqui você na quer colocar alguma cor?

Aluna: Não, está bom assim.

Professora: Isso aqui você falou que era verde.

Aluna: Era verde.

Professora: O quarto era de que cor?

Aluna: De cal, branco. Só uma parede que não.

Professora: Que cor que era a outra parede?

Aluna: Azul, eu pintei de azul.

Professora: Você que pintou?

Aluna: Não, a minha avó que pintou uma parte de azul.

Professora: O que mais que tem? Só isso?

Aluna: Só.

Professora: E como que foi? Onde você estava? Você viu o quarto queimando?

Aluna: Não, eu estava na escola.

Professora: E quando você chegou?

Aluna: Estava tudo queimado, cama jogada... Tudo queimado.

Professora: Desenha para mim o jeito que estava, que jeito que você lembra?

Aluna: Aqui era o fundo, aqui era embaixo, parte da casa. Aqui tinha uma hortinha, tinha o canil e aqui eu fiz uma fechadura.

Professora: O que você fez?

Aluna: Foi assim, eu tinha duas cachorrinhas né, eu fiz uma fechadura, porque tinha um corredor e não dava tempo de ficar pulando a janela, porque não tinha porta.

Professora: E as cachorrinhas, estão aonde?

Aluna: Não tenho mais.

Professora: As cachorrinhas morreram?

Aluna: Não, “eu dei elas”, porque eu estava com alergia. Aqui era o canil, e aqui a entrada da casa.

Professora: Que jeito que estava lá quando você chegou?

Aluna: Aqui estava sem janela, só tinha um pedaço de janela.

Professora: Por que queimou?

Aluna: É. A porta estava aqui no chão, a cabeceira da cama estava destruída. Estava aqui o sofazinho, cama de solteiro... “tava” só os pezinhos. A caixa que eu tinha estava aqui... jogada.

Professora: Que caixa que é essa?

Aluna: Uma caixa de mercado, que eu tinha, eu pendurei ela fiz uma divisória nela e colocava aqueles “livrinho” pequeno e coisas que eu não usava.

Professora: Entendi, e você usa esses livros para quê?

Aluna: Só para folhear, não dá para fazer nada com eles.

Professora: Aqui é só?

Aluna: Só.

Professora: E agora, na sua casa, antes você se divertia no quartinho, e agora onde você brinca?

Aluna: Não brinco mais.

Professora: Não tem mais nenhum lugar?

Aluna: Não.

Professora: Mas, onde você se diverte na sua casa?

Aluna: Eu fico no meu quarto.

Professora: O que é que tem para você fazer lá?

Aluna: Tem televisão, rádio.

Professora: No seu quarto?

Aluna: É.

Professora: Desenha ele então.

Aluna: Tem um corredorzinho, tem a janela, aqui é a porta, aqui fica a “bicama” o meu guarda-roupa... Fica aqui uma estante.

Professora: O que você faz na sua casa? Assiste televisão?

Aluna: Eu fico no meu quarto, faço serviço. Aqui fica a televisão e o rádio.

Professora: O que é isso aqui?

Aluna: O radinho, e também o tapete.

Professora: Isso aqui é no seu quarto?

Aluna: É.

Professora: Por que você fala que sem ajuda é difícil?

Aluna: Porque é difícil, né.

Professora: Não consegue?

Aluna: Não consigo, quando eu ia na psicóloga ela ajudava, mas depois eu parei de ir no CEACRI.

Professora: É, eu vi que você desistiu do CEACRI. Por quê?

Aluna: Não dava mais.

Professora: A psicóloga que você fala, é a do CEACRI?

Aluna: É. Eu chegava da escola e já ia pra lá e ficava até as quatro. Mas eu parei de ir porque as outras crianças falavam que eu era burra, e não sei o quê, aí eu não quis ir mais.

Professora: Por causa dos outros ficarem falando?

Aluna: É, eu não quis mais ir. Eu comecei a ir porque eu estava com depressão.

Professora: Você se sente deprimida?

Aluna: Não, eu estava com depressão.

Professora: O que você sentia?

Aluna: Eu queria ficar sozinha, não queria fazer mais nada, não me interessava pela escola, não queria saber de mais nada, só queria ficar na minha. E as pessoas da escola só reclamavam, queriam ficar sabendo...

Professora: Sabendo do quê?

Aluna: Foi assim, minha avó avisou a escola que eu não “ia” mais, porque eu tinha perdido ela, e não fui mesmo.

Professora: Você faltou bastante?

Aluna: Uns dois meses.

Professora: Que ano que ela faleceu?

Aluna: Maio...

Professora: Mas que ano?

Aluna: Dia primeiro...

Professora: De que ano?

Aluna: Acho que... sei lá... 2006?! *(Ela disse que fazia quatro anos que a mãe havia morrido.)*

Professora: E você não queria mais vir na escola?

Aluna: Eu não queria, mas depois eu falei: ‘não quero mais ficar em casa’. Aí eu voltei na escola. A Dona Zezé falou pra mim que eu havia faltado muito e que era para eu pegar firme nos estudos.

Aí eu cheguei na sala, e as pessoas começaram a perguntar como eu tinha perdido minha mãe. Então eu entrei em pânico, queria sair da escola, já não queria voltar mais...

Professora: Você veio um dia, e não quis voltar mais?

Aluna: É, eu não “vim” mais. Mas depois eu falei que ia voltar, que tinha que tomar coragem.

Professora: Veio alguém conversar com você, falando para você voltar?

Aluna: Meus colegas, os professores, falavam que eu tinha que voltar. A Bianca e o Rodolfo foram os que mais ficaram sabendo. Quando eu voltei na escola veio um monte de gente...

Professora: E vinham falar da sua mãe, você ficava triste? O que você sentia?

Aluna: Sabe assim, uma angústia, fazia um dia que eu tinha perdido ela, e eu vim pra escola, e não quis voltar mais.

Professora: Então, esse aqui é o seu quarto.

Aqui eu vou fazer assim, desse lado você vai desenhar como você acha que vai ser o seu futuro, e do outro lado como que você gostaria que fosse o seu futuro.

Aluna: Aqui são os apartamentos, aqui é a antena da televisão, e aqui é tipo uma vendinha.

Professora: O que é esse apartamento?

Aluna: É uma longa história.

Professora: Então me conta a história.

Aluna: Eu sonhava em ter um apartamento e falava que iria ter um apartamento, agora já não quero mais ter.

Professora: Mas, por que você está desenhando o apartamento?

Aluna: Porque eu acho que um dia eu vou ter um. Aqui é o apartamento, e aqui é...

Professora: São dois prédios...

Aluna: Aqui tem um monte de casinhas... Aqui tem um monte de casinhas né, e um campo de futebol, um parquinho, com escorregador, balanço.

Professora: Aí, é onde você vai morar?

Aluna: É, e aqui é onde eu vou trabalhar.

Professora: Onde você vai trabalhar?

Aluna: Aqui é onde eu vou morar...

Professora: Aqui, o que é?

Aluna: O parquinho das crianças.

Professora: Então, escreve pra mim.

Aí, é um monte de árvores?

Aluna: É.

Professora: Onde você vai trabalhar?

Aluna: Aqui é o hospital, e aqui é a janelinha do hospital.

Professora: Aqui é o hospital?

Aluna: É. O hospital.

Professora: Então escreve pra mim, senão não vou saber.

Aluna: Aqui é o estacionamento...

Professora: Por que você desenhou o hospital?

Aluna: Porque penso em ser enfermeira.

Professora: Ah, é.

Aluna: Eu sonhava em ser professora, mas eu não tenho coragem.

Professora: Por quê?

Aluna: Não sei, não tenho paciência.

Professora: E enfermeira, você acha que vai ter coragem e paciência?

Aluna: Eu gosto de criança, de ficar com criança...

Professora: Você quer trabalhar em enfermaria, com crianças?

Aluna: É, em pediatria.

Professora: Você já ficou em hospital, internada?

Aluna: Não. Eu só de entrar em hospital, já tremo.

Professora: E como você vai trabalhar em hospital?

Aluna: Eu fico pálida, nervosa, quando faço ultrassom, vou tirar sangue. Já fico gelada.

Professora: E como você vai trabalhar?

Aluna: Eu não sei o que aconteceu, que eu senti que eu quero ser enfermeira.

Professora: Você escreveu hospital com H. Você sabe que é com H ou você já viu em algum hospital?

Aluna: Eu vi no hospital de Minas.

Professora: O que você foi fazer no hospital de Minas?

Aluna: Eu fui levar minha prima para ter neném.

Professora: Você que levou ela?

Aluna: É.

Professora: O que mais... O que é aqui?

Aluna: É o “coiso” que “estaciono” os “carro”...

Professora: O que mais que você vê de bom?

Aluna: As criançinhas andando.

Professora: Você vê alguma coisa de ruim no seu futuro?

Aluna: Ficar sem emprego.

Professora: Do que você tem medo?

Aluna: Eu tenho medo de... Eu quero estudar e não conseguir.

Professora: Você tem medo de não arrumar emprego? E medo de não conseguir estudar, por quê?

Aluna: Ah, porque sem estudo a gente não consegue nada né.

Professora: Mas, por que você acha que não vai conseguir estudar?

Aluna: Porque eu sou burra né, e não tenho vontade.

Professora: Você acha que é burra ou não tem vontade? Eu não entendi.

Aluna: Acho que é assim...

Professora: Você não disse que tem um quarto cheio de livro. Então vontade você tem. O que acontece?

Aluna: Não sei, acho que dá um negócio...

Professora: Alguém já te chamou de burra?

Aluna: Ah, um monte, nossa! Mas nem ligo mais.

Professora: Mas, antes você ficava triste?

Aluna: Ficava, mas eu falei que um dia eu vou mostrar que sou melhor do que eles.

Professora: Eu queria que você desenhasse para mim... sabe quando você fala que ficou muito triste quando sua mãe morreu, e as pessoas falavam. O que você sentia você consegue desenhar?

Aluna: Acho que não, não dá pra explicar.

Professora: Nem um pouquinho?

Aluna: Não dá.

Professora: Se falasse assim, para você representar isso que você sente...

Aluna: Um vazio no coração, em um pedaço.

Professora: Então desenha para mim.

Você era bastante amiga da sua mãe?

Aluna: Era, nós “fazia” tudo.

Aqui é o vazio.

Professora: Você não conversava com a psicóloga? O que ela dizia?

Aluna: Ela falava que o melhor era não ficar pensando, era melhor esquecer, mas... *(Silêncio.)*

Professora: Você ia na psicóloga do Ceacri, nos outros anos você não foi?

Aluna: Não.

Professora: Por que você não quis?

Aluna: O Léo fazia comigo também. Mas não era aquela coisa de escola, a gente brincava com joguinhos, e eu precisava e queria aprender. Ela dizia que eu ia aprender brincando, eu achava que não ia aprender brincando.

Professora: O Léo não gostava também?

Aluna: Não. Porque não era o acompanhamento da escola.

Professora: Não tinha nada a ver?

Aluna: Não, não tinha nada a ver.

Professora: Agora você vai desenhar para mim, como que você acha que é a aula de matemática para você.

Aluna: Aqui é fora da escola.

Professora: Ah, é fora, pensei que fosse dentro.

Aluna: Não, aqui é telhado né, aqui são as carteiras.

Professora: Aqui é o quê?

Aluna: A mesa da professora. Aqui é a porta, a lousa e a madeirinha que coloca o giz na lousa.

Professora: E você, onde está?

Aluna: Aqui no meio.

Professora: O que mais que tem numa aula de Matemática? O que tem de diferente?

Aluna: De diferente, os números na lousa.

Professora: Esses são os números na lousa?

Aluna: É.

Professora: O que mais que você quer colocar?

Aluna: O que mais que tem na aula de matemática...

Tem as continhas né. O que mais que tem?... Tem a professora falando.

Professora: O que é que ela fala?

Aluna: Ela está explicando.

Professora: Você entende o que ela explica?

Aluna: Só entendo, porque se for para fazer eu não sei.

Professora: Mas, quando a pessoa fala você entende, e não consegue fazer, ou não entende o que a pessoa fala?

Aluna: Acho que é, como que fala... É, a psicóloga falou que eu sou nervosa, que eu entro em pânico, se eu não consigo entender, começo a chorar. Que isso é o nervoso.

Professora: Pode ficar calma aqui. O que mais que tem aí, que você acha que é importante, que você se lembra.

Aluna: Tem as cortinas da sala...

Professora: Você teve aula de matemática ontem e hoje? O que ela passou?

Aluna: O que ela passou... Continhas.

Professora: Que continha ela passou? Faz aqui alguma que você lembre?

Aluna: Tinha umas continhas de mais.

Professora: O que você acha da aula de matemática? Conta para mim.

Aluna: Eu não sou fã de matemática, mas é importante, assim para... *(Silêncio.)*

Professora: Mas, você acha que é importante, ou as pessoas falam que é importante?

Aluna: Eu acho que é importante.

Professora: O que você acha da aula de matemática?

Aluna: As aulas de matemática que eu tinha com a professora Rosa eu não entendia, nem as aulas de uma professora que eu lembro o nome. Mas na sua aula, você passava a lição e explicava, e também ajudava os alunos.

Professora: Mas, para você, o que é mais difícil na aula de matemática?

Aluna: Acho que é a explicação.

Professora: E, qual a aula que demora mais para passar? Que você olha no relógio e a hora não passa.

Aluna: A de português.

Professora: É a mais difícil?

Aluna: É a mais difícil, você tem que escrever o que você está sentindo, daí é complicado.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira pôr?

Aluna: Acho que é só.

Professora: Tem a mesa do professor, e por que as pessoas só têm as cabeças?

Aluna: É, são carecas. Estão sem cabelo.

Professora: Por que elas estão sem cabelo?

Aluna: Porque eu não desenho bem, e acho melhor desenhar sem cabelo. Só a cabeça e o corpinho.

Professora: Eu queria que você se desenhasse dentro desse quadrado. Você pode usar cor...

Aluna: Como que eu vou desenhar eu? Vamos tentar né.

Professora: Tem mais alguma coisa que você queira colocar? O que você fez aqui? As mãozinhas?

Aluna: É, acho que é assim mesmo.

Professora: Aqui, você desenhou a sua família, por que você desenhou a Pâmela dando risada?

Aluna: Porque ela é falsa.

Professora: Ah, é. Então quando ela está dando risada ela é falsa. Por que você se desenha sem dar risada?

Aluna: Porque... eu sou mais séria.

Professora: Você acha que você não é feliz?

Aluna: Eu acho.

Professora: Você acha que a Pâmela é feliz ou não?

Aluna: Ela é muito falsa, igual hoje.

Professora: Você disse igual hoje, por quê?

Aluna: Porque ela fica brigando, “xinga” minha avó...

Professora: Essa é sua avó, seu tio que pôs fogo no quarto... Não dá pra ver a boca da sua avó. Você desenharia ela rindo ou não?

Aluna: Normal.

Professora: Normal, assim? (sem dar risada)

Aluna: É.

Professora: Assim, a boca como a da Pâmela rindo é falsa. E o Plínio?

Aluna: Ele é alegre né.

Professora: O que a Pâmela faz de falsidade?

Aluna: Ela “xinga” eu, fica batendo.

Professora: Ela bate em você?

Aluna: Bate... briga por qualquer coisa, se não fizer o que ela quer... e faz eu , esconder coisas da minha avó.

Professora: Ah, esconder para não contar para sua avó?

Aluna: É.

Professora: Por que você se acha infeliz?

Aluna: Porque eu sou amargurada.

Professora: Por quê?

Aluna: Não sei, como diz... Balanceada... meio pra lá, meio pra cá...

Professora: Como que é assim? Não entendi.

Aluna: Acho que não tem explicação, é o meu jeito de ser, fechada...

Professora: Você queria ser diferente?

Aluna: Muito.

Professora: Que jeito você queria ser?

Aluna: Ser ‘de maior’, não precisar fazer as coisas que os outros mandam, ser eu mesma, fazer o que eu quero.

Professora: O que você quer fazer que você não faz?

Aluna: Dirigir.

Professora: Se você tivesse que desenhar você diferente, como você desenharia?

O que é isso aqui?

Aluna: Uma amarelinha.

Professora: Esse P é de P... (*Nome verdadeiro dela.*)

Aluna: É, da blusa.

Professora: Isso é uma amarelinha?

Aluna: É, uma amarelinha.

Professora: O que você vê de diferente? (*Comparando os desenhos*)

Aluna: Aqui eu sou mais amargurada, mais fechada, e aqui eu sou mais contente, sou mais solta, um pouco maior, e... brincando.

Professora: Por que no outro desenho você não está brincando?

Aluna: Porque é sem graça.

Professora: É sem graça? O que mais?

Aluna: Aqui eu estou com o cabelo mais comprido.

Professora: Amarelinha não é fácil de brincar? Por que no outro desenho você não está brincando?

Aluna: Porque aqui é o **jeito** que eu acho que um dia eu vou ser, mais solta...

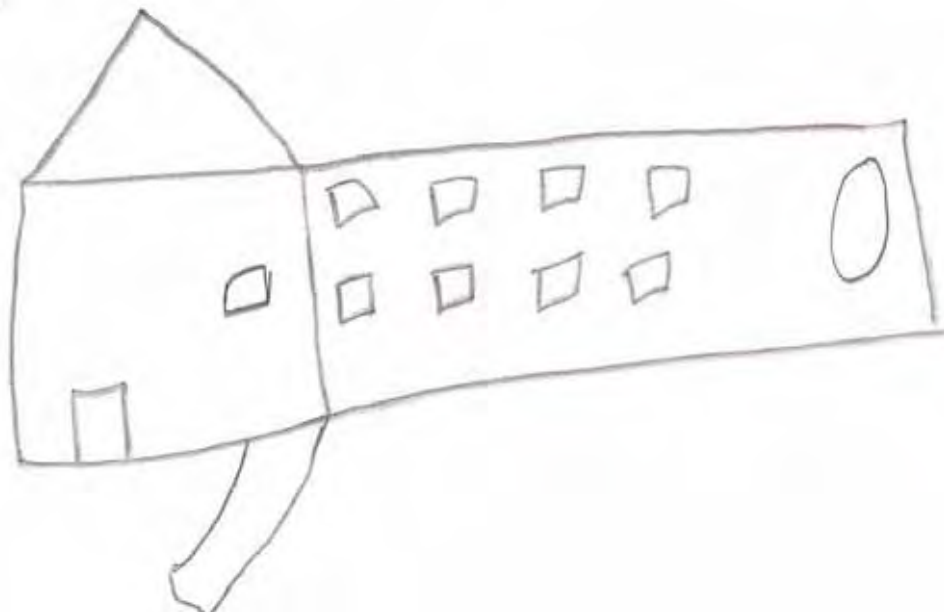
Professora: Entendi. Tem mais alguma coisa?

Aluna: Acho que não.

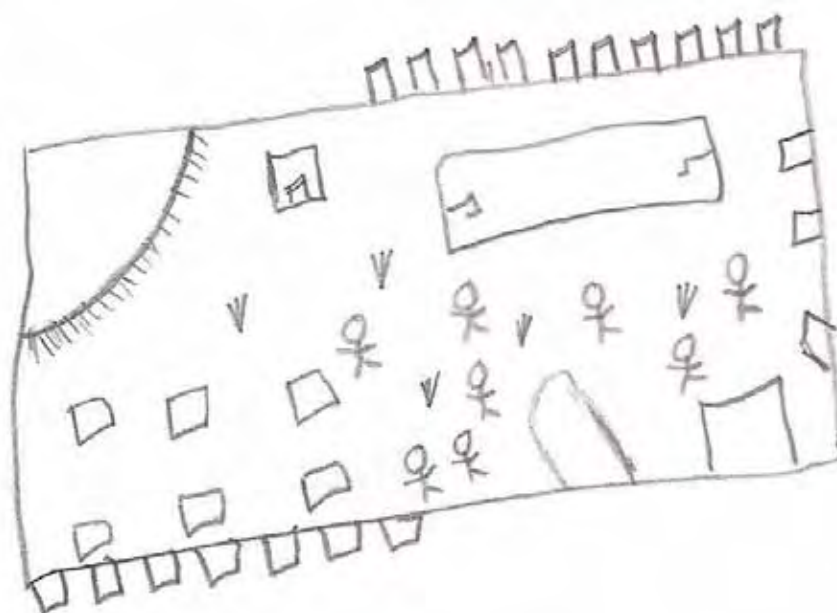
Professora: Então é só isso. Muito obrigada!

8.2 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a primeira entrevista

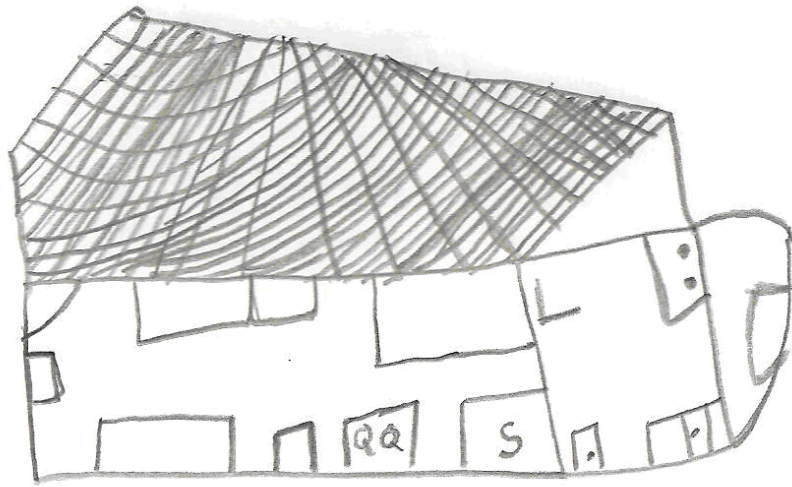
1. Você estudou em outras escolas?



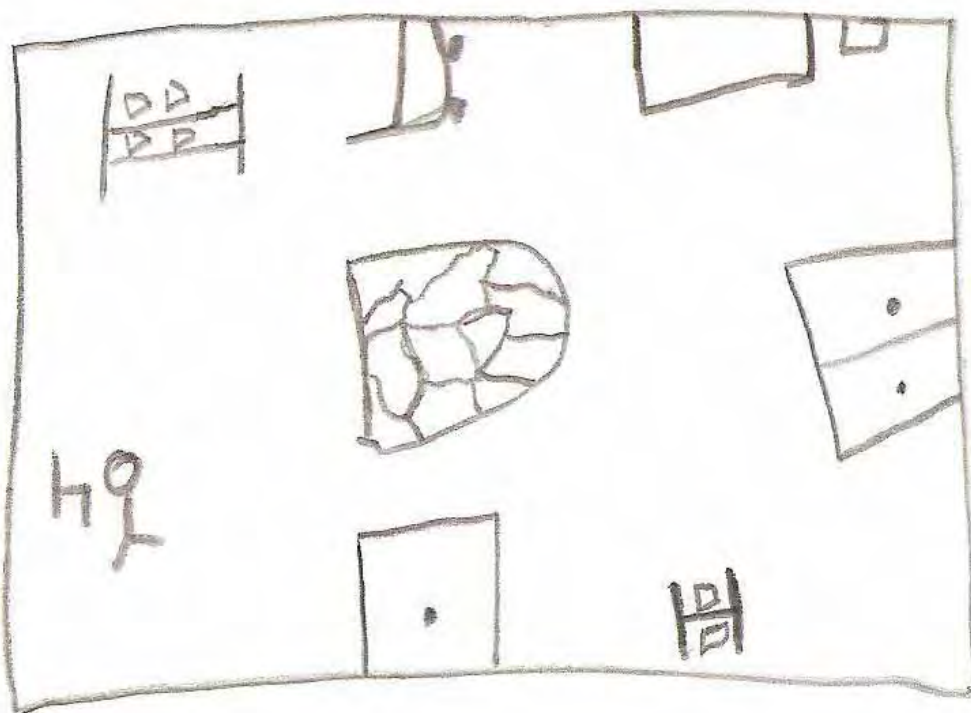
2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?



3. Como é a sua casa?



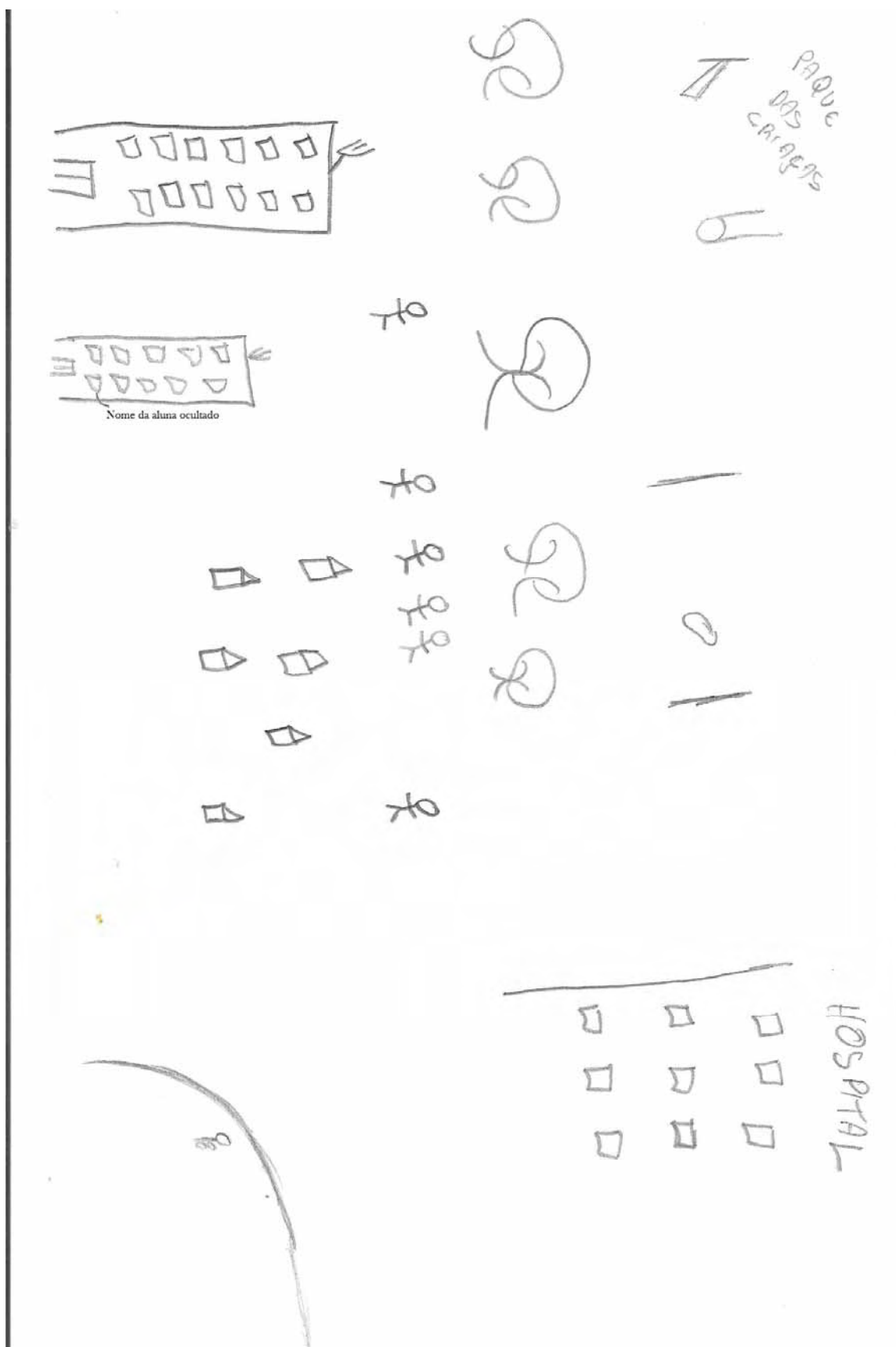
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



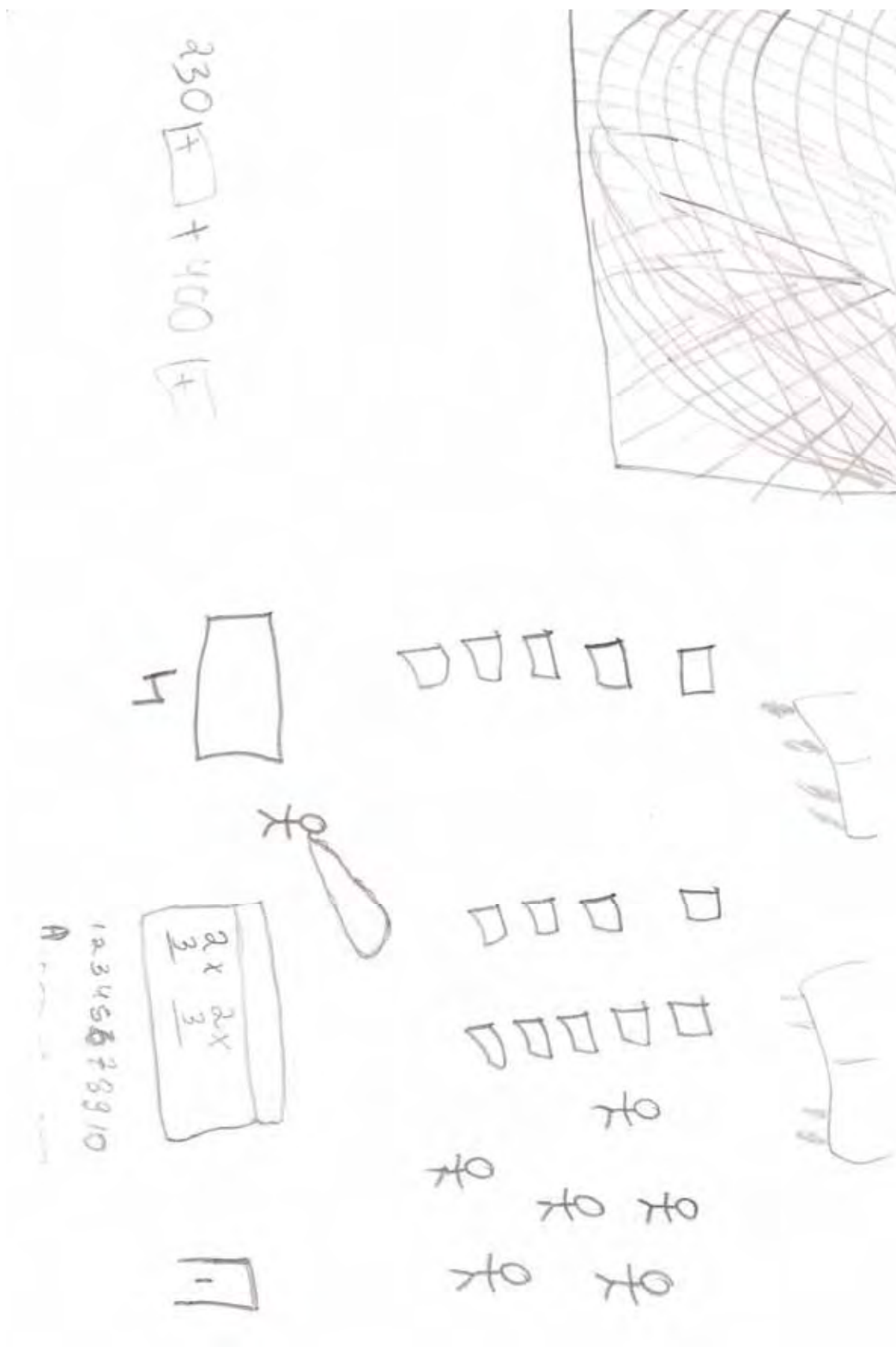
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



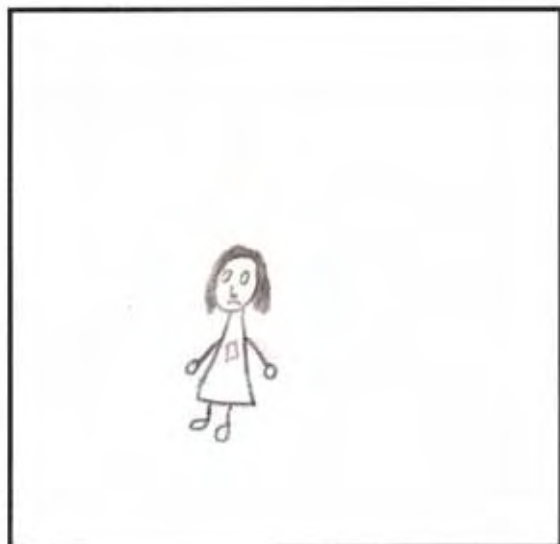
6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



8.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com a aluna sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem?

Aluna: Quatorze.

Professora: Quando é sua data de nascimento?

Aluna: Em 1994.

Professora: Mas o dia?

Aluna: Dia 6 de abril.

Professora: Onde você nasceu?

Aluna: Aqui “memo”.

Professora: Você pode dizer para mim o nome dessas figuras?

Aluna: Triângulo, “retangular”, e redondo.

Professora: Você está tendo alguma dificuldade nas matérias da escola?

Aluna: Acho que é só em Matemática “memo”.

Professora: Em Português não?

Aluna: Português é “mai” ou menos.

Professora: Em Ciências?

Aluna: Ciências não.

Professora: Antes, você costumava ter dificuldade, na 1^a, 2^a série, em aprender continhas, problemas?

Aluna: Sempre, em coisas de Matemática sempre foi assim.

Professora: Em geometria, em figuras também?

Aluna: Também, a “mema” coisa.

Professora: Qual a dificuldade que você tem hoje, em Matemática?

Aluna: Confundir as “coisa” e a conta.

Professora: Você consegue falar para mim o que você está vendo hoje em Matemática? Na 8^a série.

Aluna: Eu “tô” vendo raiz quadrada multiplicada por ‘x’, e coisa polígono, essas coisas.

Professora: Você consegue escrever para mim? Dar um exemplo de alguma coisa que você está vendo na aula.

Aluna: A gente “tá” vendo expoente, por exemplo, 10^5 aí agente precisa anotar.

Professora: Como que anota?

Aluna: Agora anotar eu não sei.

Professora: E o que mais?

Aluna: Umas coisa assim entre os parênteses, com menos, aí fecha você precisa somar.

Professora: Você não sabe fazer?

Aluna: Não.

Professora: Mas, quando você olha isso na lousa o que você pensa?

Aluna: Eu vou tentando fazer, vai errando , “mai depoi nói vamo consertá” né .

Professora: Tem mais alguma coisa que você está vendo?

Aluna: Que a gente “tá” vendo, o expoente, e mais alguma coisa que inverte.

Professora: Aninha, eu queria que você contasse comigo até cem.

Aluna: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, cinqüenta, cinqüenta e um, cinqüenta e dois, cinqüenta e três, cinqüenta e quatro, cinqüenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e oito, sessenta e nove, oitenta, oitenta e um, oitenta e dois, oitenta e três, oitenta e quatro, oitenta e cinco, oitenta e seis, oitenta e sete, oitenta e oito, oitenta e nove, noventa, noventa e um, noventa e dois, noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, noventa e oito, noventa, cem.

Professora: Aninha você pode fazer essas continhas para mim?

Aluna: Essa aqui?

Professora: É essa aqui. *(Faz em silêncio durante 7 minutos.)*

Pronto? Paloma o que você faz fora do horário de aula?

Aluna: Agora eu “tô” começando a ir no CEACRI, eu voltei agora.

Professora: Você voltou semana passada?

Aluna: Segunda.

Professora: Essa segunda-feira? E o que você está achando?

Aluna: Agora “tá ino” né.

Professora: Mas, está diferente?

Aluna: Ah, a professora está ensinando né...

Professora: Mas, não é a mesma coisa que vocês vêem aqui?

Aluna: Não, não é a mesma coisa, é só jogo, continha, essas coisa assim.

Professora: Agora você vai de segunda-feira...

Aluna: E quarta.

Professora: Que horário?

Aluna: Do meio dia (12h) às quatro (16h).

Professora: Mas, você sai ao meio dia e vinte (12h20).

Aluna: “Mai” eu chego atrasada, eu entro à uma (13h).

Professora: Então você vai das 13h às 16h?

Aluna: É.

Professora: Você freqüentava o CEACRI, por que você desistiu?

Aluna: Porque eu não “tava” querendo, a professora não explicava, só dava joguinho, quebra-cabeça.

Professora: Você pode escrever aqui para mim, por que você desistiu? *(A aluna escreve em silêncio.)*

Pronto? Vamos ler o que você escreveu então?

Aluna: “Porque a Professora Marta não ensinava como a escola, era só jogo no PC...”

Professora: PC é?

Aluna: Computador.

“...Ela não ensina nossa dificuldade, que “nóis” tinha em Matemática ou coisa assim, mas agora eu “tô” freqüentando ele, para me esforçar nas aulas”.

Professora: Você estuda fora do horário de aula?

Aluna: Não.

Professora: Matemática não? Nada?

Aluna: Eu só fico folheando.

Professora: E o que você faz fora do horário de aula?

Aluna: Nada.

Professora: De tarde?

Aluna: Nada.

Professora: Ajuda sua avó?

Aluna: Ajudo.

Professora: Brinca?

Aluna: Não.

Professora: Joga?

Aluna: Só no computador.

Professora: Assiste TV? O que você faz de serviço de casa?

Aluna: Arrumo meu quarto, que é minha obrigação, e ajudo ela na cozinha, a lavar louça.

Professora: O que mais?

Aluna: E o que ela pede.

Professora: O que ela pede, você faz?

Aluna: É.

Professora: Dessa folha aqui Aninha, qual o nome dessas figuras?

Aluna: Triângulo, retângulo, e esfera, uma coisa assim, retangular, uma bola.

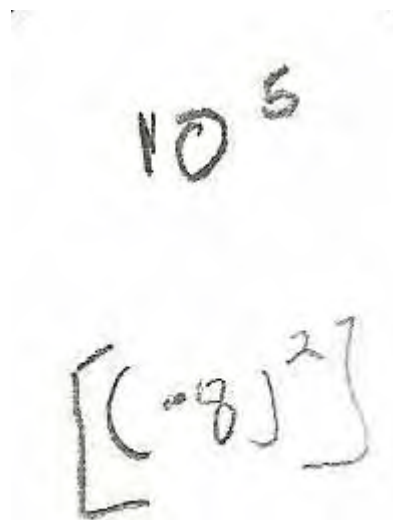
Professora: Dessa folha aqui, você poder fazer essas continhas para mim?

(Silêncio.)

É só isso, muito obrigada!

8.4 Mapas narrativos produzidos pela aluna durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?



6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

c) $237 + 131 =$

d) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r} 237 \\ +131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 \\ -184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \\ 201 \overline{) 612} \\ \hline 201 \\ \hline 201 \\ \hline 0 \end{array}$$

11. Você freqüentava o CEACRI, por que você deixou de ir até lá?

12. Você pode escrever sobre sua saída para mim?

Por que a Prof. Maria não trabalha
com a escola e eu não jogo no PC
Ela não ensina com nos figurando no
matemática ou outro curso online
mas agora eu tá na casa em mesfara
nos aulas.

13. Você poderia fazer essas continhas para mim?

a) $237 + 131 =$

b) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612:3 =$

$$\begin{array}{r} 237 \\ +131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 296 \\ -184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 612 \\ \times 3 \\ \hline 1836 \end{array}$$

8.5 Transcrição da entrevista realizada com a avó da aluna

A entrevista foi realizada na casa da avó, dentro do quarto dela, pois não havia espaço livre na casa para uma conversa particular, logo ela não realizou os mapas narrativos.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê nela?

Avó da aluna: Ela tem dificuldade, né? Mas, vontade ela tem. O médico dela falou que é falta de hormônio, não deixa guardar as coisas na cabeça, porque ela não tinha nada de hormônio. Ela fez quinze anos e não é ‘mocinha’ ainda, ela “tá” brava, chora por qualquer coisa. Eu fui atrás do médico dela de novo, e ele disse que os remédios dela “tá” certinho.

Professora: Mas, ela vai crescer mais um pouquinho?

Avó da aluna: Não, ele disse que ela vai crescer. Ela cresce treze centímetros de três em três “mês”. O médico dela é duzentos e cinquenta reais a consulta, ele não cobra mais de mim a

consulta, eu pagava duzentos e pouco três exames que ia pra São Paulo, ele arrumou na clínica, eu pago noventa e nove, nem cem reais não chega.

Professora: É Dr. Edevaldo né?

Avó da aluna: É.

Professora: Como que é o nome da senhora completo? Quantos anos a senhora têm?

Avó da aluna: Eu sou de 12 de junho de 1941.

Professora: A senhora é avó dela?

Avó da aluna: Sou avó.

Professora: A filha da senhora que era mãe dela?

Avó da aluna: A mãe dela que faleceu.

Professora: Onde a senhora nasceu?

Avó da aluna: Eu nasci em Lambari, em Minas.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê na Aninha em relação à aprendizagem?

Avó da aluna: Desde que nasceu, que a mãe dela foi alcoólatra, usava droga, e a Aninha nasceu prematura, ela nasceu desse “tamanhinho”, aquela coisinha feia, vermelha, ela chorou um ano, e não deixou a mãe dela dormir. Mas ela é esperta, trabalhadeira, limpinha, ativa, mas falta coisa na memória.

Professora: E o médico acha que foi devido à...

Avó da aluna: É, foi a bebida.

Professora: E desde criança ela tem dificuldade nas coisas mais simples?

Avó da aluna: Desde pequena, até pra falar, ela nasceu com língua grudada, e era pra operar depois sete anos, e um dia elas “tavam” brincando na banheira, aí ela caiu e bateu a boquinha, e desligou a língua dela, aí levamos ela pro hospital, e o médico disse que ela mesma operou ela.

Professora: Ela vai entrar para CAMP?

Avó da aluna: É, a assistente social pediu pra mim ir ver.

Professora: E ela ajuda nos serviços domésticos?

Avó da aluna: Ela é a que faz tudo, não precisa repassar serviço dela não, o alumínio, o pezinho do canecão é tudo limpinho. Pode entrar no quarto dela, a roupinha é tudo separadinha, arrumadinha, as gavetas é tudo certinha. A mãe dela era desse jeito, era trabalhadeira, ela saiu igualzinho à mãe.

Já a Aninha é uma belezinha, de noite ela vai no banco, conversa com os amigos, vem pra dentro, entra no computador, logo já procura um jeito de dormir. Ela não me dá trabalho não.

Professora: E ela faz alguma atividade fora do horário de aula?

Avó da aluna: Não.

Professora: Ela está fazendo o CEACRI?

Avó da aluna: Voltou, ela “tá ino”, ela não foi esses dias, que ela foi levar a moça que “tava” com problema de coração, e não tinha outra pessoa pra ir junto, aí ela foi de companhia, mas ela não “tá” perdendo aula não, “tá ino” lá dois dia na semana.

Professora: Ela estava indo, depois ela parou?

Avó da aluna: Aí ela não queria ir de jeito nenhum, e não falava o motivo.

Professora: A senhora não sabe por que ela não estava querendo ir?

Avó da aluna: Não sei.

Professora: Fora do horário da escola, o que ela gosta mais de fazer?

Avó da aluna: Ela deve estar no quartinho dela, ela ouve música, mexe no computador dela, mexe na roupa dela, conserta roupa, que essas coisas que ela gosta de fazer.

Professora: E ela tem alguma dificuldade de relacionamento em casa? Ela é muito brava, ou muito...

Avó da aluna: Chora muito, chora, chora, não tem mãe, não tem pai, eu não tenho tempo, a senhora pode ver que esse barraco é enorme de grande, eu dou conta sozinha, é eu e ela só.

Professora: É só a senhora e ela?

Professora: E em casa ela costuma ler?

Avó da aluna: Gosta de ler, lê sim.

Professora: E lição de casa, tem alguém que ajuda ela?

Avó da aluna: Não, lição de casa ela não gosta de fazer, nunca gostou de fazer.

Professora: Não faz muito tempo que a mãe dela faleceu?

Avó da aluna: Vai fazer quatro anos mês que vem. A mãe gostava de ajudar, a pessoa que for ajudar ela tem que ter paciência, senão ela “estora” e começa a chorar. Aí é onde a gente deixa ela sozinha.

Professora: Quando ela era criança, a mãe costumava ler?

Avó da aluna: Não, a mãe sempre batalhou pra não deixar faltar nada.

Professora: A filha da senhora só teve a Aninha?

Avó da aluna: Ela foi casada, do primeiro casamento, tem uma filha de vinte e seis anos, que também não tem nada a ver com a gente, não gostava da mãe.

Professora: Qual foi o motivo do falecimento da filha da senhora?

Avó da aluna: Aneurisma, hemorragia cerebral, a Aninha tem problema de coração também, a Leila (*mãe*) tinha pressão alta, coração inchado, e rim dela não “tava” funcionando.

Professora: Ela morreu jovem?

Avó da aluna: Trinta e oito.

Professora: Nossa, muito jovem. A senhora acha que essas coisas todas que aconteceu com ela prejudicou o aprendizado dela, ou são coisas diferentes?

Avó da aluna: Eu não sei o que a Aninha tem, ela é esquisita, tem hora que ela fica chorando e fala “Se a minha mamãe fosse viva eu não tava apanhando.” Se eu tenho dois reais na bolsa e vou no centro, eu compro uma calcinha pra ela, se não ela chora...

Professora: Ele é muito carente, assim, de afeto, amor...

Avó da aluna: Ela é, o Dr. Edevaldo pediu ela pra mim de verdade, eu falei que isso eu não faço, que enquanto eu for viva ela sou dona dela, depois que eu for embora, aí já não sei. Mas, ela falou que com ele ela não quer ir não.

Professora: O Dr. Edevaldo pediu ela?

Avó da aluna: Pediu, que ele tem um filho só. Ele pediu ela de verdade, quando ele fala ela dá risada, mas ela falou que não quer não. Ela fala que se acontecer de eu morrer, ela vai morar com uma neta minha, que ela chama de tia, ela tem três filhos.

Professora: Ela toma algum medicamento todo dia?

Avó da aluna: Toma, um remédio de tireóide, ela vai tomar até o resto da vida, o médico dela falou. Ele que dá o remédio dela.

Professora: A senhora vai lá e ele já dá o remédio?

Avó da aluna: Ele já dá pro mês, terminou, ele já deixa avisado lá, que é pra mim buscar o remédio da Aninha. Eu não compro mais, faz tempo que eu não compro.

Professora: Ele ajuda a senhora?

Avó da aluna: Nossa, onde que eu vou achar um médico que faça isso?

Professora: Em nenhum lugar.

Avó da aluna: E vai demorar pra ter alta ainda.

Professora: E esse remédio ela vai tomar muito tempo.

Avó da aluna: Ela passou pelo Dr. Edevaldo, ela já fez exame de cordas vocais, ela fez da garganta, de vista, da cabeça, do coração, do rim, da perna, todos os mês ele manda fazer o exame da mãozinha, esse eu nem pago, ele custa trinta reais, lá na clínica eles nem cobram, porque ele pôs lá pra não cobrar.

Professora: Esse exame que ela fala que é a “chapinha”?

Avó da aluna: É, ela faz da mãozinha, que pela mãozinha sabe quanto que ela “tá” crescendo.

Professora: Então é esse exame que ela fala para mim...

Avó da aluna: Faz, de três em três mês ela faz, e faz três exames e vai pra São Paulo, leva dez dias pra vim, aí chega e vai no Dr. Edevaldo, aí pesa, vê ela, conversa com ela. Vê se “tá saino” “pelinho” nela, vê o seio. Ele falou dessa ultima vez que foi, começou a crescer o seio.

Professora: Ela recebe pensão...

Avó da aluna: Recebe, a mãe deixou um salário de quase setecentos reais, e com esse dinheiro eu compro roupa, tênis, que ela gosta de tênis, roupa bonita, bermuda bonita, que ela ajuda em casa. E ela tem também, na caixa o fundo de garantia, já tem uns quinze já, e de seguro, veio vinte e pouco, a irmã entrou com um advogado e deixou só dez pra ela, peguei o dinheiro e coloquei no banco, pra ela usar depois dos dezoito, o advogado da outra pegou quase tudo.

Professora: Essa pensão que ficou, é que sua filha era registrada?

Avó da aluna: Sempre trabalhou registrada, nunca gostou de trabalhar sem registro. O último trabalho dela, ela era cozinheira e faxineira no Califas (*É uma casa de prostituição da cidade.*)

Professora: Eu queria que a senhora desenhasse para mim como que a senhora vê a Aninha.

Avó da aluna: E se eu “fazer” e mandar ela mandar.

Professora: Não, mas pode ser um desenho bem simples mesmo. Pode ser só do rosto, ou o corpo inteiro.

Avó da aluna: Será que eu vou saber fazer o rosto da Aninha? É uma carinha redondinha. Eu não vou saber não.

Professora: Ela parece com a mãe?

Avó da aluna: Muito, anda igualzinho a mãe. Ela deve “tá” no quartinho dela, tudo o que pede pra ela fazer, ela nunca fala não. Antes dela ir dormir, ela pergunta se eu “tô” bem.

Professora: Essa casa é da senhora ou a senhora paga aluguel?

Avó da aluna: É minha, mas já fez inventário, tudo é meu enquanto eu for viva, depois que eu morrer... A mãe do Plínio reformou a casa, que era bem “regaçada”. Aí eu fiz um documento constante que ela tem vinte mil reais a mais que os outros. Por isso que eu não posso sair daqui, que se eu mudar e falecer, eu tenho uma filha que é dona da floricultura ali, ela vai querer vender a casa, e deixar meus filhos na rua. E eu aqui, morrendo aqui, ninguém vai tirar eles.

Professora: Ela me contou que teve um problema, que no quarto do fundo pegou fogo.

Avó da aluna: Pegou, é o rapaz que bebe, pegou fogo e queimou tudo o que “tava” lá dentro.

Professora: Ela falou que tinha livro.

Avó da aluna: Tinha livro, eu tinha recolhido uma bacia de tênis que eu tinha lavado, queimou tudo, eu lavava roupa das meninas da boate, queimou umas vinte toalhas.

Professora: A senhora lava roupa fora?

Avó da aluna: Lavo, “memo” assim ainda lavo. Eu lavo pras meninas da boate, em quinze dias eu ganhei cento e vinte “conto”, as roupas delas, é roupa que não precisa passar, eu passo só roupa jeans, eu cobro um real a peça. Com o dinheiro eu pago a internet deles. Agora ontem ligaram reclamando do Plínio na escola, eu falei pra escrever pra mim o que é, que eu vou fechar ele no quarto pra depois a mãe dele ver se “tá” tudo certo, “vamo” ver se ele vai virar gente ou não vai.

O que sobra do meu pagamento eu guardo, que eu não deixo faltar nada, carne, fruta, eu dou tudo certinho pros meus filhos.

(Cochichando no quarto) Agora, essa aí *(Outra filha)* que “tá” aí fora não vale nada, pegou meu cartão me roubou tudo o que tinha no banco pra comprar creme, conjunto de calcinha e sutiã, creme de rosto, tudo isso... Não trabalha, não lava o prato, a roupa dela, ela não lava. Se eu não lavar junta bicho na roupa, um nojo...

Professora: É difícil para a senhora né, mas é só isso. Muito obrigada, pela senhora ter me recebido na sua casa.

Avó da aluna: Que isso “fia”, eu que agradeço.

8.6 Mapas narrativos produzidos pela avó da aluna



ANEXO XI - C. Ronaldo

9.1 Transcrição da primeira entrevista realizada com o aluno

Professora: 8^a A que você está este ano?

Aluno: É

Professora: Quantos anos você tem?

Aluno: Tenho quatorze.

Professora: Você vai fazer quinze este ano ou não?

Aluno: Não, ano que vem.

Professora: Você já fez quatorze?

Aluno: Já.

Professora: Que dia você fez?

Aluno: Dia 2 de janeiro.

Professora: Então é assim, o que eu vou pedir para você fazer é um desenho, eu vou fazer uma pergunta e você vai desenhar. Se você achar que você precisa de algum lápis colorido, pintar de alguma cor, aí você pinta, senão, você usa o lápis grafite mesmo.

Aluno: É um desenho?

Professora: É. Pode sentar mais pra cá, para você ficar mais sossegado. Você não está com pressa não, está?

Aluno: Não.

Professora: Você já estudou em outras escolas?

Aluno: Não. Só aqui.

Professora: Só aqui, desde a 1^a série?

Aluno: É.

Professora: Você pode desenhar a escola?

Aluno: A escola?

Professora: É. Do jeito que você acha que ela é.

Aluno: É difícil né. Eu desenho mal professora.

Professora: Não faz mal, desenha do jeito que você sabe.

Aluno: É difícil desenhar, que eu sou muito ruim. Que jeito que eu vou desenhar?

Vou desenhar que nem uma casa?

Professora: Como que você enxerga a escola?

Aluno: Olhando é uma coisa, e desenhar é outra.

Professora: Então desenha, do jeito que você acha.

Aluno: Nossa eu desenho muito mal, e além de desenhar mal eu não sei nem como começar.

Professora: Pensa aí.

Aluno: Você não está com pressa não professora?

(O aluno demora quase dez minutos para começar o desenho.)

Professora: Eu não, tenho a tarde inteirinha.

Aluno: Vou fazer uma casa então. Você não tem uma borracha, não professora?

Professora: Tenho. É que esse lápis aqui é de desenho, e se for o lápis normal não aparece no computador. Se quiser pegar outra folha você pega também, se quiser começar diferente.

Você está olhando ali para você desenhar?

Aluno: “Tô” tentando.

Professora: Não, não precisa olhar ali. Na sua idéia, você gostaria de desenhar a escola por dentro ou pro fora?

Aluno: Por fora. Mas que jeito que eu vou desenhar... eu sou muito ruim.

Nossa... eu não consigo desenhar a escola não.

Professora: Nem por dentro, nem por fora?

Aluno: Eu “tava” pensando num jeito, mas não vou conseguir.

Professora: E se você imaginar um outro jeito de desenhar, você está pensando em desenhar por fora, de que outro jeito você poderia desenhar a escola?

Aluno: Tipo a frente, eu “tava” pensando em desenhar o muro assim.

Professora: Então risca assim, pode riscar de qualquer jeito, depois se você achar que não ficou bom a gente pega outra folha. Que jeito que você estava pensando?

Faz um rascunho. Se você quiser ocupar a folha inteira, ou só um pedaço...

(O aluno demonstra muito medo de se expor.)

Aluno: Queria fazer um muro, mas não “tô” consigo. Olha que “fessora”, a melhor escola da cidade.

Professora: Achei que você já tivesse estudado em outra escola. Você mora aqui perto?

Aluno: Eu moro, sempre estudei aqui, nesta escola.

Professora: Desde a 1ª série?

Aluno: É, tinha vez que eu até chorava, porque eu não conseguia fazer a letra N. Lembro até hoje.

Professora: Por quê?

Aluno: Por que a professora não deixava eu sair para o recreio enquanto eu não terminasse o texto, aí eu nunca conseguia fazer a letra N.

Professora: A letra N?

Aluno: É, eu fazia o Z, lembro até hoje, e eu chorava.

Professora: Você não conseguia fazer?

Aluno: Aí teve uma vez que minha irmã me ensinou a ler.

Professora: Vocês são em quantos na sua casa?

Aluno: “Somo” em sete.

(Sobre o desenho) Nossa Senhora! Que linha bonita.

Teve uma vez que eu desenhei a escola, mas eu não sei o desenho que eu desenhei.

Professora: Pode ir desenhando. Na 1ª série você já tinha dificuldade? Você lembra?

Aluno: Tinha um pouquinho.

Professora: E qual a série que foi mais difícil?

Aluno: Acho que foi o 1º ano, a 1ª série. Foi a 1ª ou a 3ª série. Eu não saía para o recreio.

Professora: Na 1ª série?

Aluno: É, ficava fazendo texto, minha letra era errada, era toda torta.

Professora: Mas você ficava enrolando e a professora não deixava você sair, ou você não conseguia fazer?

Aluno: Não, não conseguia mesmo, ficava tentando, tentando, até suava lá. “Mai” daí eu falei que enquanto eu não “conseguir” eu não saio daqui também.

Professora: O que mais você colocaria? Esta parte aqui, que parte é essa da escola?

Aluno: É essa aqui da frente.

Professora: O que mais você colocaria, só isso?

Aluno: Não, mas eu “tô” pensando num jeito que não vai dar certo.

Professora: Você quer uma régua?

Aluno: Uma régua... é até melhor professora.

“Tô” tentando fazer uma coisa...

(Começa outro desenho.)

Minha mãe que “tava” perguntando pra mim o que ia fazer aqui, eu falei que nem eu sabia direito. Aí eu dei o papel pra ela ler. *(Bilhete enviado aos alunos)*

Professora: Fala para ela que você está participando de uma pesquisa que eu estou fazendo para a faculdade. E que eu escolhi alguns alunos para fazer.

Aluno: Meu irmão está fazendo faculdade também.

Professora: É? Quantos anos ele tem?

Aluno: Dezenove.

Nossa eu desenho muito mal, até com régua.

Professora: É nada, não estou pedindo que seja um desenho perfeito. Eu quero um desenho.

Aluno: Com defeito né?

Professora: É, com defeito. Eu escolhi os alunos que tem dificuldade, mas que falam, que conversam...

Aluno: Olha só pra você ver... “Tô” tentando fazer aquelas letrinhas.

Professora: Não se preocupe em fazer um desenho lindo.

Aluno: Você “tá” dando aula “pras” oitavas, né professora?

Professora: Uma 8^a, só a 8^aB.

O que você está achando das aulas até agora? Está sossegado?

Aluno: A professora de Matemática também é engraçada, conversa.

É eu desenho bem, nem o professor de Artes ganha de mim. Ah, “tá bão”, eu não vou fazer mais nada não, senão eu vou ficar fazendo até as quatro horas...

(Quase 30 minutos para terminar o primeiro desenho.)

Professora: E dentro da escola, o que tem aqui dentro?

Aluno: As salas, o banheiro...

Professora: Então, se você tivesse que desenhar...

Aluno: Nem pede professora.

Professora: Não estou pedindo para você desenhar tudo. Se você tivesse que desenhar mais alguma coisa da escola...

Aluno: A quadra pode ser?

Professora: Pode.

Aluno: Ah, eu desenho muito bem a quadra.

Professora: O que você acha mais difícil na escola?

Aluno: Mais difícil?

Professora: É.

Aluno: Desenhar a escola de fora, para desenhar eu sou ruim.

Professora: O que você acha mais difícil na escola: as aulas, as disciplinas... O que você tem mais dificuldade na escola?

Aluno: Nossa... Sinceridade?

Professora: É, eu quero que você seja sincero.

Aluno: Eu sou ruim em “dua” matéria, não sou muito “bão” em Português, mas eu gosto de Português. E nem Geografia, nunca gostei de Geografia, não sou chegado não, pior que hoje acertei tudo na aula de Geografia.

Professora: E Matemática, o que você acha de Matemática?

Aluno: É uma aula boa, ótima, mas tem coisinha lá que complica.

(Sobre o desenho) Não consigo desenhar essa bola aqui.

Professora: Você já frequentou reforço?

Aluno: Já.

Professora: De qual matéria você frequentou?

Aluno: De Português e de Matemática. Uma vez só.

Professora: O que você achava?

Aluno: Bom.

Professora: É? Você não achava ruim ter que vir?

Aluno: Eu não, eu tinha todo o tempo da vida. Não fazia nada.

Professora: Tinha? Por quê? Agora você não tem mais?

Aluno: Tem... “Mai”, minha mãe colocou eu pra lavar louça, recolher a roupa do varal, limpar a casa...

Professora: Ajudar nos serviços domésticos...

Aluno: Agora, já, já, começa os treinos meu, de futebol.

Professora: Você treina aonde?

Aluno: No Campano. Você sabe onde é?

Professora: Sei. E o que você quer ser? Jogador?

Aluno: Tentar.

Professora: Você joga bem?

Aluno: Eu acho que eu jogo, pra muitos do meu tamanho, eu sou bem melhor, maior do que eu...

Olha professora “tá” feio, mas eu “tô” tentando.

Professora: Não se preocupa comigo, vai desenhando.

Aluno: Olha que trave bonita.

Professora: Vai desenhando. Se quiser pegar algum lápis colorido você pega.

Aluno: Você perguntou onde eu moro, né? Sabe onde é o “gaizero” ali. O velho “gaizero”, antigo aqui.

Professora: Sei.

Aluno: Então, eu moro ali na rua dele.

Professora: Você sempre morou ali?

Aluno: Não, morava ali no Jardim Jacira.

Professora: Vocês moram de aluguel ou não?

Aluno: “Nói teve” uma vida nada fácil.

Professora: É?

Aluno: Meu pai é alcoólatra, e minha mãe sofreu muito.

Professora: E vocês também... Seu pai bebe ainda ou não?

Aluno: Bebe, não vai demorar muito tempo pra ele sair de casa.

Professora: É?

Aluno: Acho que amanhã ele sai.

Professora: Ah, é.

Aluno: Se eu não me engano é.

Professora: Por quê?

Aluno: Ah, porque meu irmão mesmo, não gosta, ninguém gosta... ele perturba muito.

Professora: Ele bebe e dá trabalho?

Aluno: Chega brigando.

Professora: E ele trabalha?

Aluno: Trabalha.

Professora: E ele faz o quê?

Aluno: É servente de pedreiro.

Professora: E sua mãe, trabalha também?

Aluno: É faxineira.

(Sobre o desenho) Nossa! Que jeito eu vou fazer essa bola?

Professora: Usa o vidro de álcool aqui, como molde.

Você falou que você não teve uma vida nada fácil, o que mais foi difícil?

Aluno: Que foi não né, “tava” sendo estes tempos atrás, agora deu uma parada, era mais o meu pai “memo”.

Professora: E você com ele, vocês se dão bem ou não?

Aluno: Nem converso com ele, nem olho na cara dele. Ele é meu pai né, mas não considero como pai...

(Sobre o desenho) Que bola bonita! Esse aqui é o meio do campo, nossa fiz o gol errado, era pra mim desenhar o negócio do basquete.

Professora: Quantas meninas e quantos meninos têm na sua casa?

Aluno: Meninas são duas, meninos cinco.

Professora: É a Andresa e mais uma?

Aluno: E a Jéssica.

Professora: E seu pai vai para onde agora? Você sabe?

Aluno: Acho que ele vai pra casa do meu “vô”, se eu não me engano. Diz ele que ia pra lá.

Nossa Senhora, que desenho bonito.

Professora: Está ótimo! Pode continuar.

Aluno: “Tá” ótimo?!?

Professora: Se quiser colocar mais coisas...

Você conversa com alguém da sua casa, bate-papo assim, troca uma idéia...

Aluno: Com meus irmãos e minha mãe.

De “uns” tempo pra cá, meu pai tinha parado de beber sabe, aí começou a trabalhar de novo. Mas não vai demorar muito tempo...

Professora: Não era seu pai que estava indo na igreja? Ou era outra pessoa?

Aluno: É, ele “tava” indo, mas parou.

Professora: Você falou que não vai demorar muito tempo por quê?

Aluno: É, eu falei que não vai demorar muito tempo, porque álcool é um vício...

Professora: Mais alguém da sua família bebe: seus tios, primos...

Aluno: Meus tios “bebe”, mas cerveja, mas pouco, não exagerado.

Professora: E o seu pai bebe o quê?

Aluno: Meu pai bebe pinga. (*Riso envergonhado dele*)

Professora: É. Seu irmão mais velho é esse que vai fazer faculdade, que tem dezenove anos?

Aluno: Não.

Professora: Tem mais velho?

Aluno: Tem, o mais velho tem vinte e um, não tem vinte e dois anos, “tá” no 3º colegial, fazendo suplência, vai fazer faculdade também.

Professora: Ele quer ser o quê? Fazer faculdade de quê? Você não sabe?

Aluno: Não.

Professora: Quer colocar mais alguma coisa?

Aluno: Ah, não, “tá” bom, senão vou acabar destruindo.

Professora: E você quer colocar alguma cor ou não?

Aluno: Cor?

Professora: É.

Aluno: Você preferia com cor?

Professora: Não. O que você prefere? Assim?

Aluno: Os desenhos “é” bonito “memo” professora.

Que mais que tem que desenhar.

Professora: Eu queria que você desenhasse sua casa.

Aluno: Minha casa?

Professora: É.

Aluno: Ai! Agora eu desenho... minha casa não é tudo aquilo não.

Professora: O que é tudo aquilo?

Aluno: Ah, não é casarão não, é casinha.

Professora: Mas é sua casa.

Aluno: Desenho mais ou menos, nunca fui bom em desenhar.

Professora: Você se acha bom em quê?

Aluno: Futebol.

Professora: Futebol?

Aluno: É, futebol professora.

Vamos ver se eu desenho minha casa... Vou desenhar uma casinha simples.

Professora: Desenha sua casa, eu não sei, não conheço sua casa, o que você desenhar eu vou achar que é sua casa.

Aluno: Ah, então “tá” bom.

Professora: Não é, se eu desenhar minha casa, você não sabe o jeito que é minha casa, você vai falar que é a casa da professora.

Aluno: Onde você mora?

Professora: Av. Bandeirantes.

Aluno: Um primo meu mora lá perto também.

Professora: Esta é sua casa por fora?

Aluno: Sim, eu “tô” tentando desenhar aqui a casona bonita.

(Sobre o desenho) Tem uma janela.

Professora: Você desenhou a escola e sua casa por fora.

Por que você escolheu desenhar por fora?

Aluno: Por fora?

Professora: É.

Aluno: É que por dentro eu não consigo desenhar não. Minha casa é feia por dentro.

Professora: O que tem de feio na sua casa?

Aluno: Um “monti” de coisa, que não tem nem como citar. Ai professora, meu casarão.

Professora: O que mais que tem? Não tem árvores?

Aluno: Tem árvore, tem uma calçadinha assim...

Professora: Fora da sua casa tem uma janela só?

Aluno: Por fora?

Professora: É.

Aluno: Tem uma só.

Professora: Quantos quartos têm na sua casa?

Aluno: Tem três, dois dentro da casa e um lá no fundo onde meu pai fica.

Professora: É, seu pai não fica com todo mundo?

Aluno: Não. A árvore ficou mais ou menos também que eu fui inventar aqui.

Professora: O quartinho que seu pai fica é do outro lado? Daqui onde a gente está olhando não dá para ver então?

Aluno: Não. Fica pra lá.

Professora: O que mais você colocaria?

Aluno: Colocaria o fogão, geladeira, mas eu não sei desenhar...

Professora: Mas, isso é por dentro, né? Mas para você essa aqui é sua casa de frente.

Aluno: É, de frente.

Professora: Então essa é sua casa?

Aluno: É. Cada desenho bonito, gente do céu, parece de criancinha da 1ª série.

Professora: Você costuma estudar na sua casa?

Aluno: É pra falar sinceridade.

Professora: É lógico que é sinceridade, só estamos nós dois aqui. *(Risos.)*

Aluno: É raro.

Mas, ler assim, eu leio muito, quase todo dia.

Professora: E na sua casa, onde você costuma estudar? Onde você fica mais, para ler, estudar?

Aluno: Na cozinha e no quarto.

Professora: Então desenha para mim?

Aluno: Desenhar o quê?

Professora: Onde você fica mais, no quarto ou na cozinha...

Aluno: “Tá” bom vou tentar.

Professora: Onde você estuda ou lê mais, no quarto ou na cozinha?

Aluno: No quarto.

Professora: O que você lê?

Aluno: Eu? Leio poesia, leio de tudo... Machado de Assis.

Professora: É? Onde você arrumou esses livros?

Aluno: Ganhei, uns eu ganhei da escola, e outros uma mulher lá de casa deu.

Professora: Quem a mulher lá de casa?

Aluno: A Dona Maria.

Professora: Ela mora perto da sua casa?

Aluno: Mora, é vizinha lá de casa.

Professora: Quem mais da sua casa lê?

Aluno: Meu irmão e minha irmã pequena.

Professora: Pequeninhos?

Aluno: É, não é tão pequeno não, tem uns onze anos.

Mas é difícil também, ficam mais na rua brincando.

Professora: É? Você fala assim que lê bastante. Mas com que frequência você lê: todo dia, uma vez por semana...

Aluno: Quase todo dia.

Professora: Quem que lê mais na sua casa?

Aluno: “É” eu.

Professora: É?

Aluno: *(Sobre o desenho)* O que eu estou aprontando?

Professora: Quer outra folha?

Aluno: “Tô” errando.

Professora: Este é o lugar que você mais gosta de ficar na sua casa?

Aluno: É, no meu quarto.

Professora: Seu quarto ou da sua irmã?

Aluno: É meu.

Professora: Quem dorme no seu quarto?

Aluno: É que tem “triliche”, aí dorme eu e mais dois “irmão”.

Professora: Triliche é a beliche que tem duas camas, e mais uma que puxa embaixo?

Aluno: É, tem mais uma que dormem meus outros irmãos. “Tô” tentando desenhar, mas eu não “tô” conseguindo não

Professora: O que é isso?

Aluno: Nem sei, “tô” tentando fazer os pés, mas “tô” tentando fazer ela em pé.

Professora: Como se você estivesse olhando assim para ela?

(Ele quer fazer o desenho em perspectiva, mas não está conseguindo.)

Aluno: É, mas não “tô” conseguindo. Ah, não consigo desenhar não.

Professora: E se você estivesse desenhando olhando por cima?

Aluno: Tipo, a cama, o guarda-roupa, o computador...

Professora: É desenha assim, aqui é a cama, aqui o guarda-roupa...

Aluno: Desenhar um quadrado, que eu não sei desenhar a cama. Vou desenhar meu guarda-roupa.

Professora: Então vai.

Aluno: Vou tentar.

Professora: O que você fica mais triste na sua casa é de seu pai beber?

Aluno: É... e minha mãe também.

Professora: Sua mãe também, por quê?

Aluno: Porque ela trabalha muito.

Professora: Todo dia? E o dia todo?

Aluno: É.

Professora: Você gostaria que ela trabalhasse menos?

Aluno: Eu falo pra ela, mas não adianta minha mãe é teimosa.

Professora: Você queria que ela trabalhasse menos por quê?

Aluno: Porque, toda vez que ela volta, ela volta cansada, e eu sou obrigado a fazer massagem nela. *(Risos dele.)*

Professora: É?

Aluno: Aí eu faço.

Professora: Você faz? Só você?

Aluno: É, e de vez em quando ela pede pra minha irmã a Jéssica, mas ela faz também, mas reclamando.

Professora: Você faz reclamando ou não?

Aluno: Eu não.

Professora: Você gosta de fazer massagem na sua mãe? Ela fica pouco tempo com vocês?

Aluno: Fica a noite inteira, e depois ela vai trabalhar às 8h e volta às 18h30, aí ela fica assistindo a novela, aí faz janta pro meu irmão levar pro serviço, porque meu irmão trabalha das 19h30 às 10h da manhã.

Professora: Este é o seu guarda-roupa?

Aluno: Mais ou menos.

Meu guarda-roupa é mais bonito né.

Professora: Não está conseguindo desenhar toda beleza dele. *(Risos)*

O que mais tem no seu quarto?

Aluno: Tem o computador...

Professora: Tem computador?

Aluno: Tem.

Professora: Quem que usa o computador?

Aluno: Mais meu irmão.

Professora: Então, desenha ele aqui.

Aluno: O computador?

Professora: Não, as outras coisas que tem no seu quarto, ou só tem o guarda-roupa?

Aluno: Não, mas a minha cama eu não consegui desenhar.

Professora: Você está preocupado de eu achar bonito ou feio seu desenho? *(Aluno afirmando com a cabeça)*

Não fica preocupado, eu já falei para você...

Aluno: Eu não consigo desenhar... Vou tentar desenhar o computador.

Professora: Ok.

Aluno: Tentar, viu professora!

Professora: Todo mundo usa o computador?

Aluno: Todo mundo, até minha mãe usa.

Professora: É?

Aluno: É, tem umas tias que mora no Paraná, aí minha mãe manda recado pra elas.

Professora: Tem internet?

Aluno: Tem. Tinha internet né, que cortou, aí eu tive que ir lá pagar.

Professora: É? É aquela por telefone.

Aluno: É, por isso que eu atrasei hoje, eu fui lá pagar no... esqueci o nome lá do lugar.

É, tem que esperar ligar. É a “mai” ruim, é “mai” lerda.

Professora: Sua mãe, quantos anos tem?

Aluno: Quarenta e cinco.

Nossa! Eu desenho muito bem.

Professora: Não fica preocupado, pode desenhar. Se quiser colocar alguma cor.

Aluno: Os “bonequinho”...

Professora: Os bonequinhos do MSN?

Aluno: É.

Professora: Você não achava ruim fazer ao reforço de Matemática?

Aluno: Não, achava até “bão”.

Professora: Esta aqui é a CPU?

Aluno: Quase, é metade da CPU.

Professora: Está vendo, como eu estou entendendo seu desenho.

Você já sentiu preconceito aqui na escola?

Aluno: Preconceito?

Professora: É.

Aluno: Não. Nunca.

Professora: Nunca se sentiu mal com nada, aqui na escola?

Aluno: Não.

Está quase. “Tô” tentando.

Professora: Vai indo.

O que você mais gosta aqui na escola?

Aluno: Eu?

Professora: É.

Aluno: Não tenho nada.

Professora: Não tem alguma parte aqui entre às 7h ao 12h20 que você mais gosta? (*Não responde.*)

Aluno: Aqui é o teclado do computador.

Professora: Aí é o teclado, então esse é o computador? Então tem o computador, o guarda-roupa...

Aluno: Aí tem o “rack”, que é onde o computador está em cima, tem a “triliche” que eu não consigo desenhar, infelizmente.

Professora: E a aula que você gosta mais? Você gosta mais do recreio, o que você gosta mais?

Aluno: Da aula de Educação Física.

Professora: Você estuda sozinho? Lê sozinho, ou você lê junto com alguém?

Aluno: Sozinho, meu irmão fica dormindo, que ele chega do trabalho cansado.

Não gosto de televisão, odeio jornal, só fala de morte, roubo, tráfico. Minha mãe fica vendo jornal, dá até dor de cabeça.

Professora: Então este aqui é o seu quarto, onde você estuda. Você quer colocar mais alguma coisa?

Aluno: Não.

Professora: Nenhuma cor?

Aluno: “Vô” por sim uma corzinha. O computador não é azul, “mai” eu vou pintar de azul...

Bonito!

Professora: Por que você está pintando de azul?

Aluno: Porque quando eu ligo ele, a tela fica inteirinha azul.

Professora: Entendi. É a tela de fundo?

Aluno: É, o plano de fundo.

Computador, eu sei mexer, eu ponho no WordPad, e fico lá escrevendo.

Professora: É? E o que você escreve?

Aluno: O “monti” de coisa, texto, poesia.

Professora: Você gosta de poesia?

Aluno: Eu gosto.

Professora: Você já fez alguma?

Aluno: Fiz um “monti”, em casa tem um “monti”.

Professora: É? Se eu pedir, você traz uma para mim?

Aluno: Trago.

Professora: Você escreve sobre o quê? Quais os assuntos?

Aluno: Fiz sobre tristeza, tragédia, fiz sobre... Nossa fiz tanto!

Professora: Qual delas você acha que ficou melhor? Sobre o que era?

Aluno: Sobre dois “casal”.

Professora: Dois casais?

Aluno: É.

Professora: Qual era a história?

Aluno: É... O relato?

Professora: É.

Aluno: Que os dois se amavam.

Professora: É sobre duas pessoas?

Aluno: Ainda não terminei, “tá” quase. “Tá” lá, “tô” tentando fazer.

É um casal...

Professora: Duas pessoas, que se gostavam?

Aluno: “Tô” tentando terminar, parece um texto, só que em forma de poesia.

(Sobre o desenho) Acho que “tá bão”.

Professora: Então esse aqui é o seu quarto?

Aluno: É, não quero mais pintar não, senão vai ficar muito lindo.

Professora: Agora vou pedir para você... Tem algum lugar da sua casa especial, onde você gosta de se divertir?

Aluno: Onde eu me sinto bem?

Professora: É.

Aluno: Tem.

Professora: Onde?

Aluno: O quintal.

Professora: Você consegue desenhar ele para mim?

Aluno: Nossa, meu quintal?! Vou tentar professora, “vamo” ver se eu consigo.

Professora: O que você faz no seu quintal, que você gosta?

Aluno: Fico lá jogando bola e brincando com meus irmãos.

Professora: Vocês não brigam?

Aluno: Não, é mais o meu irmão com a minha irmã “memo”. Aí eu chamo atenção dos dois e eles param. E quando eu vou falar pra minha mãe, eles saem correndo.

Professora: Sua mãe é brava?

Aluno: Não, não é tanto não.

Professora: O que tem no seu quintal?

Aluno: Tem jardim...

Era assim que era pra mim ter desenhado a escola... *(Em perspectiva.)*

Professora: Você quer mudar o desenho da escola?

Aluno: Era desse jeito, só que eu não sei o jeito que eu terminei...

Professora: Tem a sua casa, tem o quintal, e depois é o quarto que o seu pai dorme?

Aluno: É, no fundo, no quartinho lá. Já era pra ele ter ido embora faz tempo já, mas minha mãe ficou com dó dele.

Professora: Sua mãe faz tempo que não vive mais com seu pai, que está separada?

Aluno: Não sei dizer.

Aqui, eu tentei desenhar.

Professora: O que é isso?

Aluno: Tipo a laje, não é laje não, é o “negocinho” da casa.

Agora eu vou tentar desenhar meu jardim

Professora: Então vai.

Seu pai e sua mãe sabem ler?

Aluno: Sabe... meu pai não, minha mãe sabe.

Professora: Seu pai não sabe nem ler, nem escrever?

Aluno: Não sabe nem ler, nem escrever, escrever sabe mais ou menos, só o nome dele.

(Sobre o desenho) Fazendo a terra.

Professora: Se quiser pintar, você pinta.

Aluno: Terra, pinto de marrom...

Professora: Pode forçar mais o lápis, para ele poder aparecer.

Aí é o quintal de terra? Tem cimento também, ou é tudo de terra?

Aluno: Tem cimento também, e que são tudo assim tipo um jardim, tem a planta lá, que é esquisita.

Tem aquela comigo ninguém pode, você já ouviu falar?

Professora: Ah, conheço. Aqui ficam seus irmãos e você brincando.

Aluno: Eu não brinco muito não, não saio muito na rua...

Professora: Mas aqui não é o quintal?

Aluno: É, “mai” nem no quintal eu brinco, só de bola.

Professora: Se você tivesse que desenhar sua família, você faria aqui no quintal ou no outro desenho da sua casa?

Aluno: No outro da casa.

Professora: Que mais que tem aí no quintal?

Aluno: Tinha outra planta.

Professora: Você não coloca muitos detalhes nos desenhos que você faz...

Aluno: Não ponho.

Professora: Por que você não quer desenhar ou porque não tem?

Aluno: Tem, “mai” eu não sei desenhar muito bem.

Olha que bonito minha flor!

Professora: Não tem importância. Que mais que tem aqui, aqui é tudo cimento?

Aluno: É, aqui tem uma escadinha, depois você sobe e tem uma área.

Professora: Tipo uma laje?

Aluno: É. Aí depois disso aqui é tudo cimento, e aqui é tudo flor, um “monti” de galho, tudo verde, nem sei o nome disso, e aqui dentro tem uma árvore.

Professora: Você quer colocar mais alguma coisa aqui?

Aluno: Não

Professora: Cansou?

Aluno: Não.

Professora: Olha... eu vou perguntar para você, aí você desenha para mim: como que você acha que vai ser futuro, e como você gostaria que ele fosse.

Aluno: Como que eu acho e como que eu gostaria?

Professora: É. Você acha que tem diferença ou não?

O que é isso que você está desenhando?

Aluno: É um gol.

Professora: Ah tá. Depois você vai me contar, quer desenhar primeiro?

Aluno: É, ou você quer que eu conto primeiro?

Professora: Você que sabe.

Aluno: Não “tá” muito “bão” não.

Professora: Não tem importância. Você quer outra folha?

Aluno: “Pó” pegar.

Professora: Aqui na escola, você já passou algum momento difícil

Aluno: Na escola?

Professora: É.

Aluno: Não, a não ser na 1ª série lá.

Professora: Que você ficava no recreio?

Aluno: É.

Professora: Você não comia?

Aluno: Não, a professora era chata pra caramba.

Professora: Você ficava com fome?

Aluno: Um pouquinho.

Professora: Você ficou com vontade de comer alguma coisa, que você não comeu porque você ficou preso dentro da sala.

Aluno: No dia do arroz com feijão.

Professora: Justo no dia do arroz com feijão, você ficou de castigo.

(Silêncio)

Professora: O telefone na sua casa está desligado?

Aluno: “Tá”, foi cortado.

Professora: Você quer me contar o que você está desenhando, ou depois você fala.

Aluno: Te conto. “Tô” desenhando um campo, que meu sonho é “tá” num campo de futebol.

Professora: Mas que tipo de campo, porque jogar, você já joga.

Aluno: É, no Morumbi.

Professora: Você quer jogar no São Paulo.

Aluno: Não, no Corinthians. Não é no Morumbi, Morumbi é São Paulo, é no Pacaembú.

Professora: Agora você vai se desenhar?

Aluno: É, vou tentar.

Professora: Seu sonho é ser jogador? Por que você quer ser jogador?

Aluno: Porque é uma coisa que eu gosto de fazer e... com o dinheiro eu quero comprar uma casa pra minha mãe, que ela fala que quer ter uma casinha.

Professora: Ela fala? Então você quer comprar uma casa para ela? Você quer comprar uma casa para sua mãe aonde?

Aluno: Onde ela preferir morar.

Professora: Que jeito que você gostaria que fosse essa casa?

Aluno: Do gosto dela “maí”... isso aí eu não sei.

Não vou desenhar perfeito não.

Professora: Não precisa, desenha do jeito que você conseguir, do jeito que você quiser, do jeito que sair... Você sonha em encontrar alguma coisa para você?

Aluno: Pra mim?

Professora: É. Tem alguma coisa que você sonha em comprar para você?

Aluno: Não só pra mim né, “pros” meus irmãos também, vídeo-game... Eu penso na minha mãe...

Aí “tá” quase...

Professora: Vai firme aí... Eu já vi que é a chuteira.

(Silêncio)

Professora: Que mais você vai colocar no seu futuro?

Aluno: Certinho, o gol bateu na trave, “mai” entrou, vou fazer um balãozinho aqui.

Professora: Você vai escrever alguma coisa?

Aluno: Vou.

Professora: Então escreve grande...

Aluno: Vou escrever, ele gritando gol. Agora eu faço outro balãozinho...

“Tai” professora...

Professora: Não vai pintar nada?

Aluno: Não.

Professora: Então está bom. Este é o seu futuro. Quando você fizer um gol, você faz um para mim também.

Aluno: Quando eu fizer um gol eu falo na câmera que o gol foi pra minha mãe e outro para a professora Giovana! *(Risos)*

Professora: Quero ver quando você ficar famoso, se não vai esquecer a gente aqui.

Aluno: Ficar famoso?! Se Deus quiser!!! *(Risos.)*

Professora: É, quando você estiver jogando na Europa... Têm dois desenhos ainda, este e mais um. Aqui eu queria que você desenhasse para mim como que é a aula de Matemática para você?

Aluno: A aula de Matemática?

Professora: É.

Aluno: Desenhar?

Professora: É.

Aluno: Como assim, desenhar.

Professora: Como que é aula para você, a classe, como que é? Como você se sente na aula?

Aluno: Têm que desenhar as carteiras, essas coisas...

Professora: Não. Se eu falo assim para você, como que é a aula de Matemática para você?

O que vem na sua cabeça uma coisa boa, uma coisa ruim...

Aluno: Uma coisa boa... ótima!

A mesa, a cadeira...

Professora: Você está muito preocupado, em desenhar certo, não fique tão preocupado assim...

Aluno; Então “tá bão”, esse sou eu, sempre feliz...

Professora: Você é feliz?

Aluno: Sou, esse sou eu, é a mesa.

Nossa que cadeira bonita! Isso não é cadeira não, isso é um Y.

Professora: Qual que é a parte ruim da aula de Matemática?

Aluno: Não tem parte ruim. Vou desenhar a lousa, os quadradinhos da lousa.

Professora: Você teve aula de Matemática hoje, não teve?

Aluno: Tive.

Professora: O que você está aprendendo?

Aluno: Não lembro o nome da matéria... Aqui está a professora Giovana.

Professora: É. Então escreve aqui.

Aluno: Pode escrever?

Professora: Pode.

Se eu falasse assim para você: Qual a lição que você viu hoje na aula, você lembra de alguma coisa que teve na aula?

Aluno: Ah, eu lembro que tinha assim. (*Desenhando*)

Professora: Mas o que tinha dentro da bolinha?

Aluno: Você tinha que colocar 11 números, de algarismos diferentes, até cem, sem repetir os algarismos.

Professora: Essa então, é aula de Matemática, para você? Pode pegar?

Aluno: Lembrei de outra coisa que teve.

Professora: Então escreve aí também...

Aluno: Tinha um quadrado, com um número 79...

Professora: Vamos para outro, se você não gostou de fazer desenho, agora eu vou te pedir um que você não vai gostar, mas eu vou pedir: desenha você mesmo, aqui no quadrado?

Aluno: Desenhar eu aqui nesse quadrado?

Professora: É, esqueci de perguntar, você quer colocar alguma cor na aula de Matemática?

Aluno: Não.

Vou tentar desenhar.

Professora: Achei que fosse chover?

Aluno: Chover não! Tem roupa no varal eu tenho que pegar.

Professora: Quem que lavou a roupa?

Aluno: Minha mãe.

Professora: Ela lava a noite, quando ela chega?

Aluno: Não, ela lava de sábado e de domingo.

Professora: Mas hoje é quarta, tem roupa no varal?

Aluno: É, ela lavou hoje lá.

“Tá bão” (*Desenho*)

Professora: Sem chuteira?

Aluno: É, “tô” de tênis. (*Risos*)

Professora: É, topete, sorriso... (*Risos*)

Aluno: É.

Professora: Então é isso. Você não quer colorir?

Aluno: Não.

Professora: Se você tivesse que escolher, um nome para você...

Aluno: Nossa, tem tanto nome.

Professora: Escolhe um que você acha bonito, se você for jogador de futebol, vai ficar como? Seu nome artístico de futebol. (*Risos.*)

Aluno: C. Ronaldo.

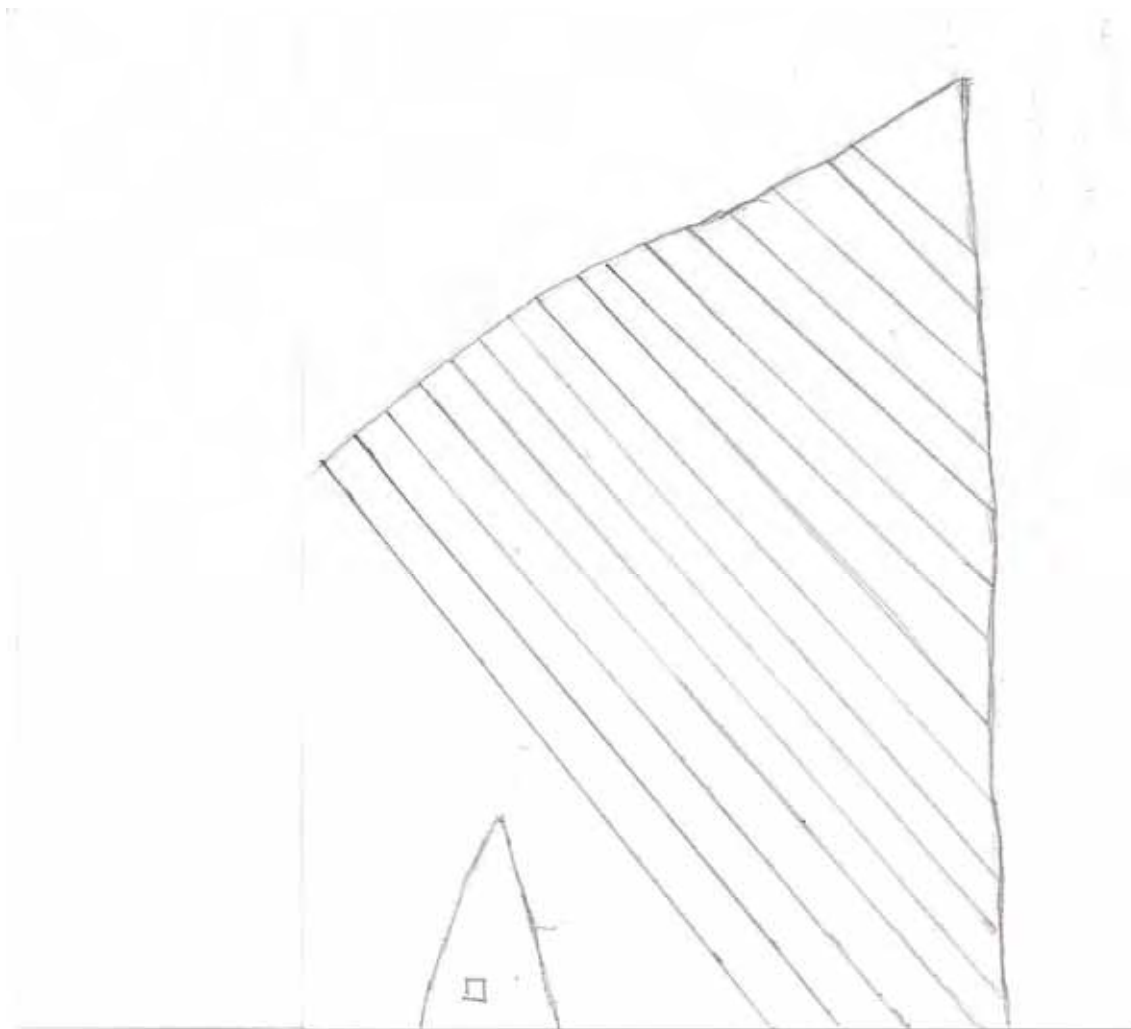
Professora: Por quê?

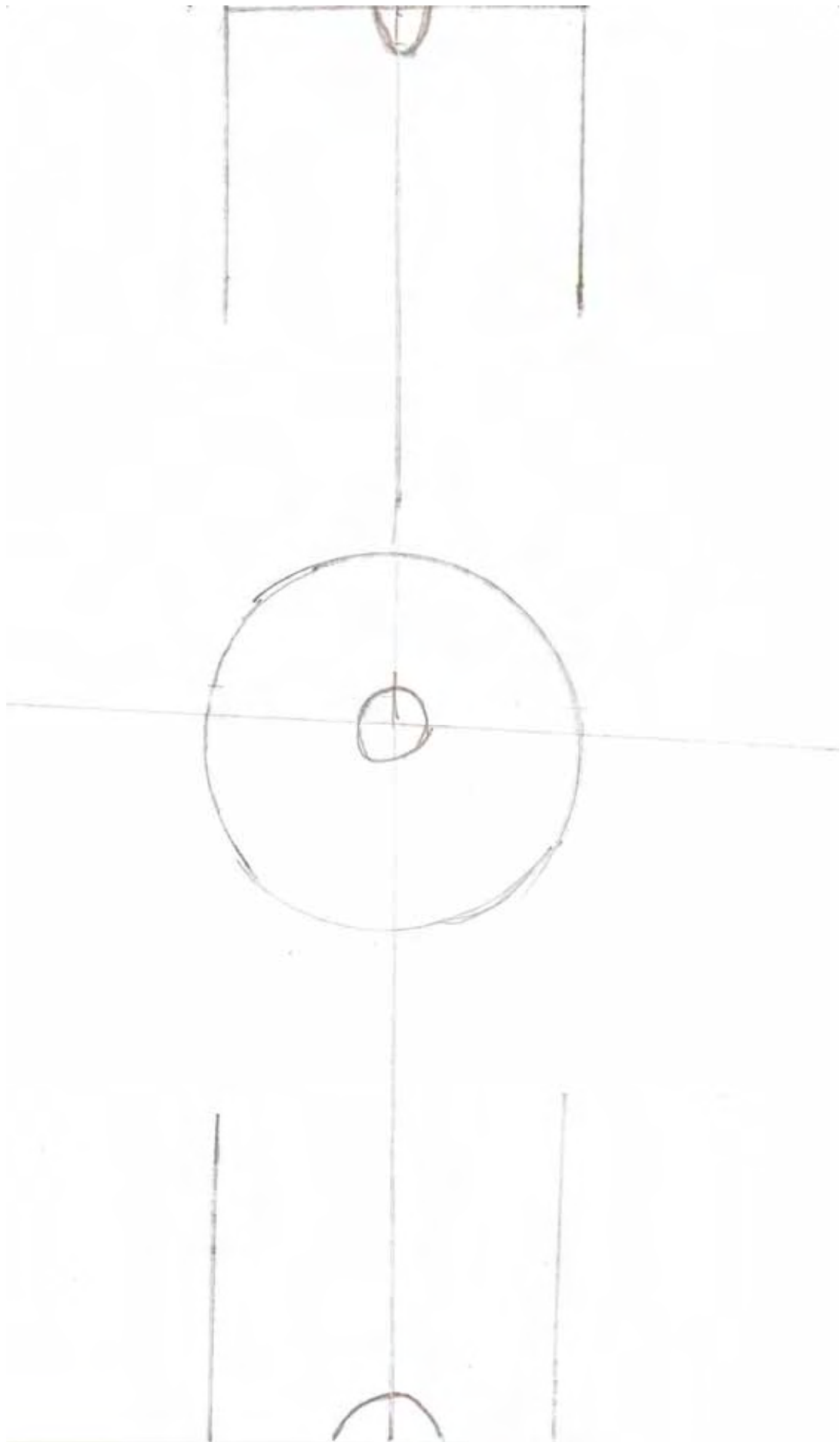
Aluno: É Cristiano Ronaldo. (*Risos*)

Professora: Então, está ótimo. Muito obrigada!

9.2 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a primeira entrevista

2. Você poderia desenhar a escola que você estuda atualmente?

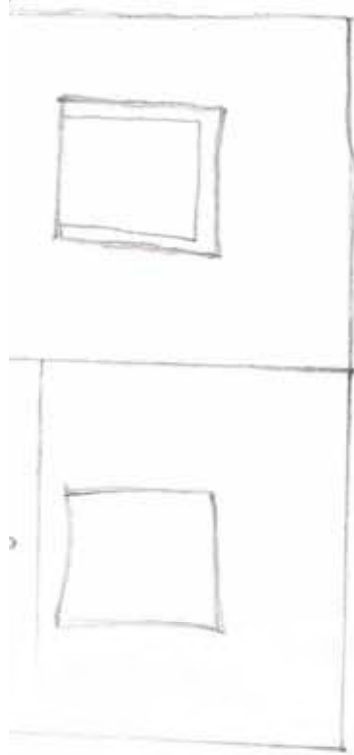




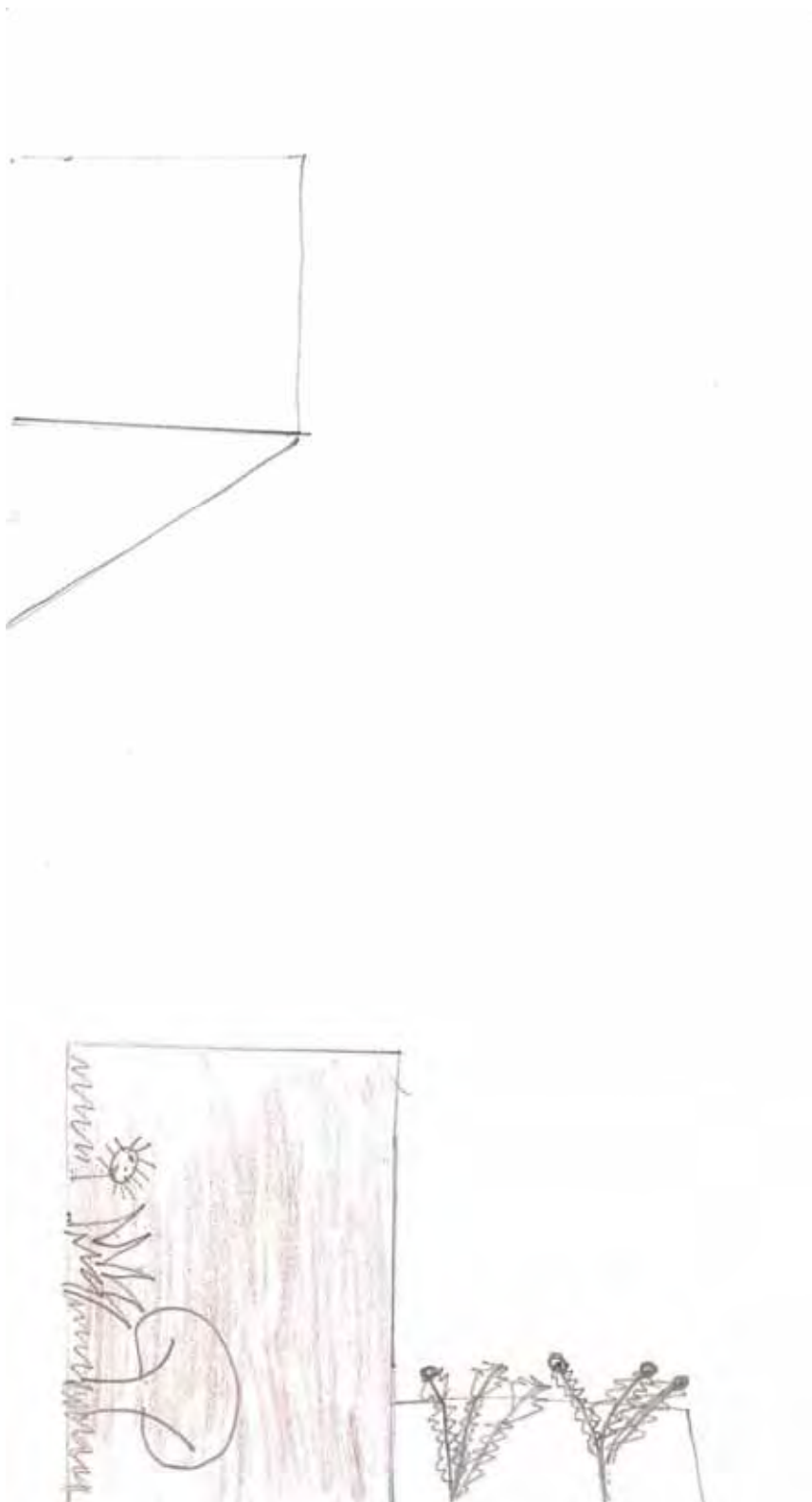
3. Como é a sua casa?



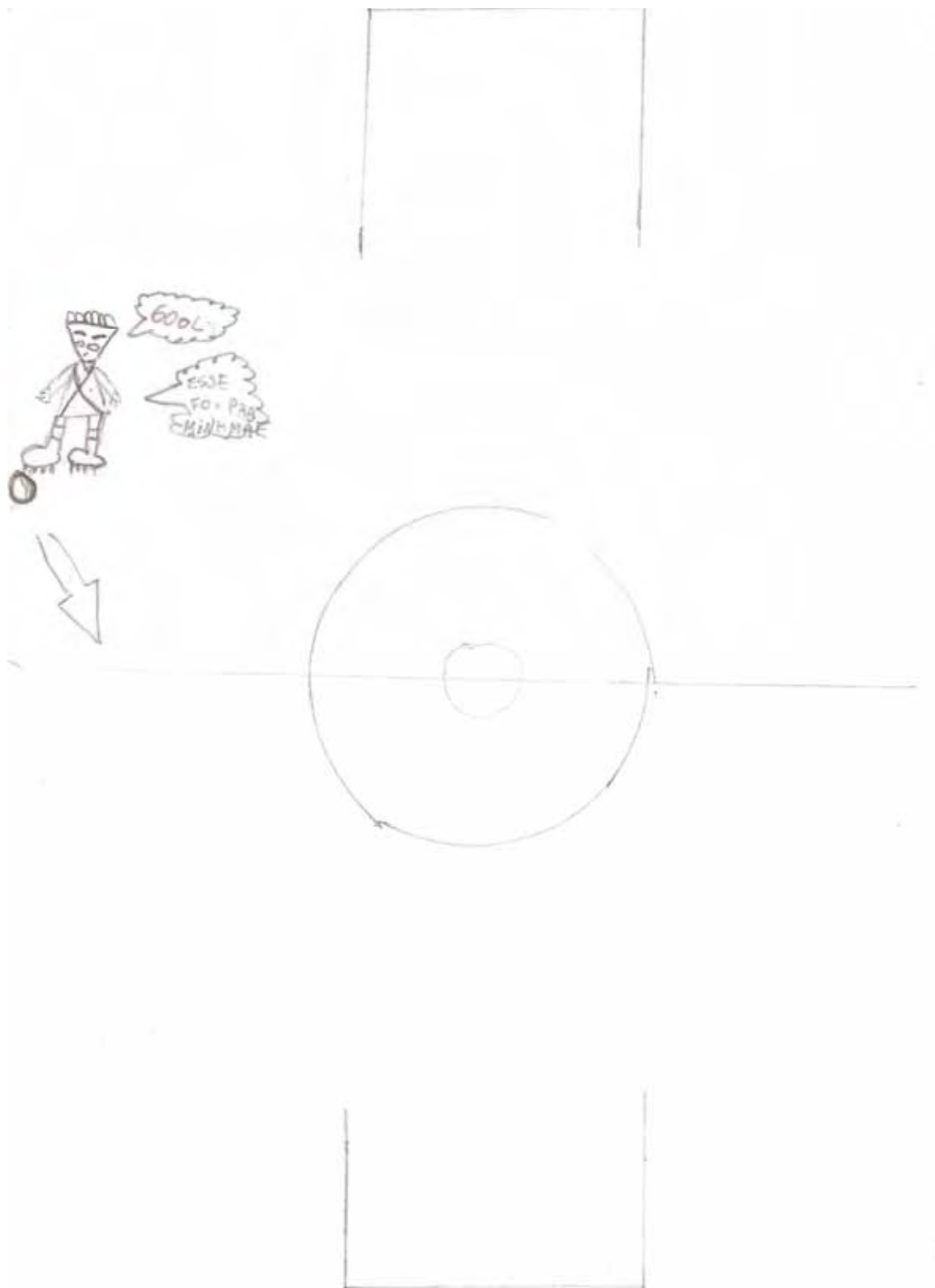
4. Você costuma estudar em sua casa? Em que lugar?



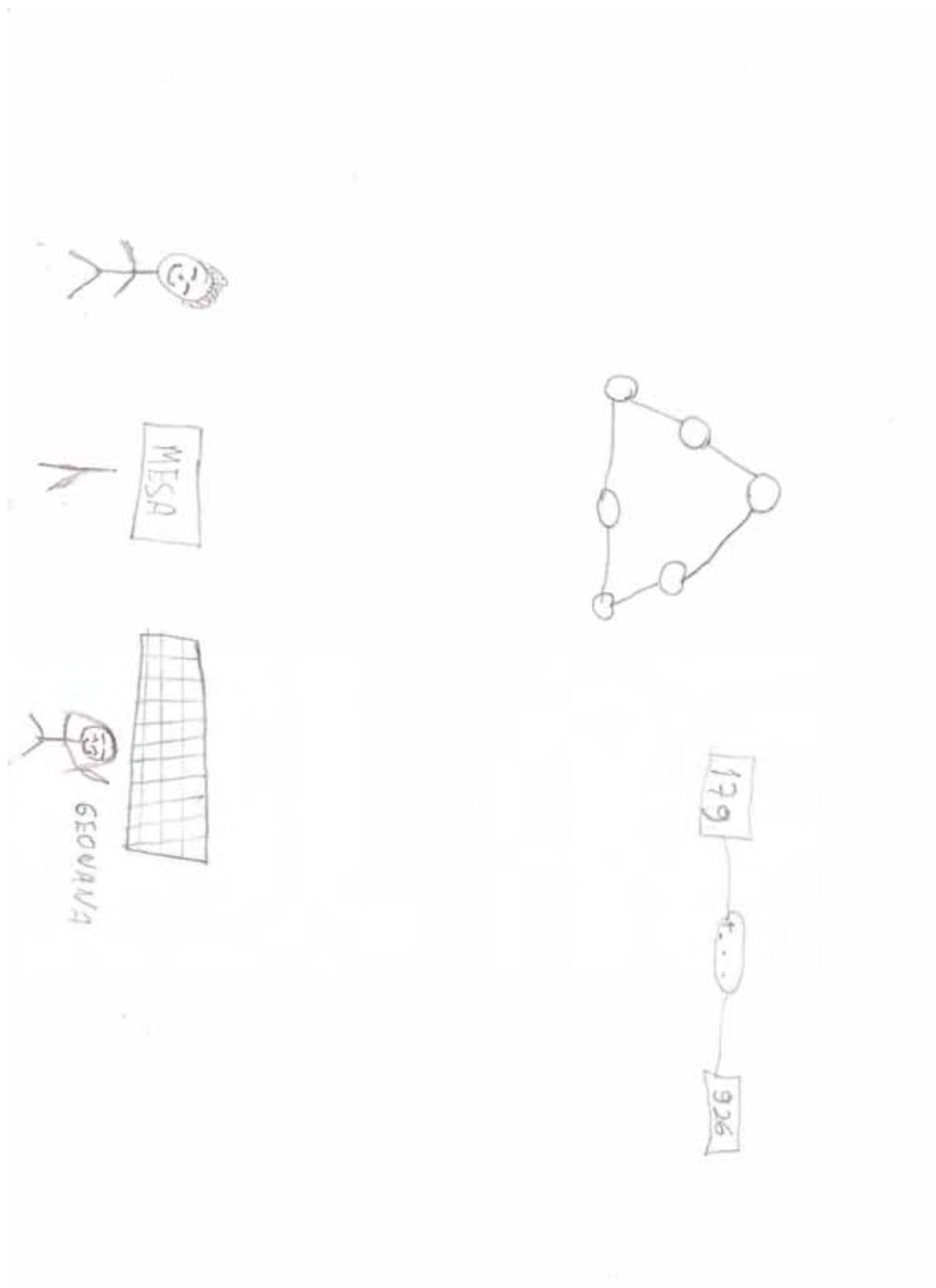
5. Tem algum lugar especial em sua casa que você se diverte?



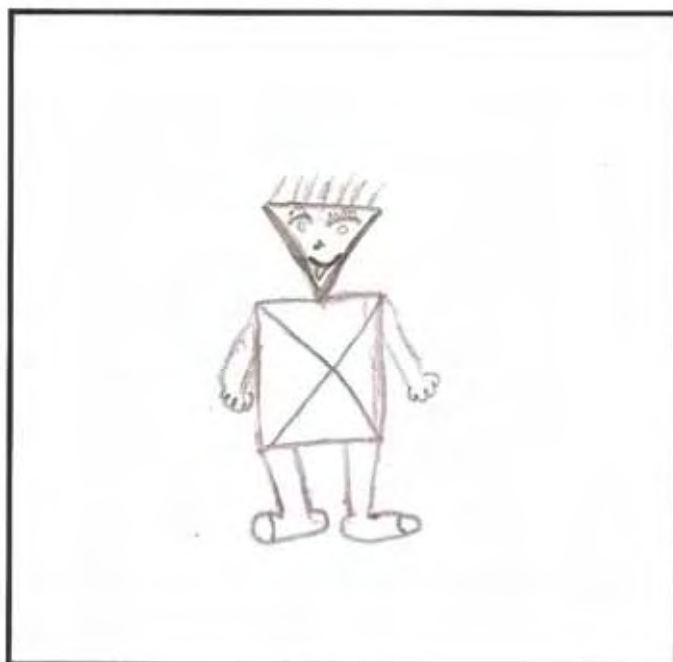
6. Como você acha que será o seu futuro? Poderia desenhá-lo? E como você gostaria que ele fosse?



7. Como é a aula de Matemática para você? Dá para desenhar?



8. Você poderia se desenhar, fazer um auto retrato?



9.3 Transcrição da segunda entrevista realizada com o aluno sobre seu histórico escolar

Professora: Quantos anos você tem mesmo?

Aluno: Quatorze.

Professora: Que dia você nasceu?

Aluno: Dia 2 de Janeiro de 1995.

Professora: Onde você nasceu?

Aluno: Aqui “memo”.

Professora: Fala para mim o nome dessas figuras.

Aluno: Triângulo, retângulo e esfera.

Professora: Você pode fazer essas continhas para mim?

Aluno: Essas daqui?

Professora: É. (*Silêncio ao realizar as contas solicitadas.*)

Aluno: Vixe Maria!!!

Professora: Você tem alguma dificuldade nas matérias da escola? Em qual matéria você tem dificuldade?

Aluno: Em Inglês.

Professora: Em Matemática não?

Aluno: De vez em quando, não tenho muita não.

Professora: Você tem dificuldade em fazer contas, você acha que você tem dificuldade em problemas...

Aluno: Um pouquinho.

Professora: É? E qual a sua dificuldade hoje na aula de Matemática? O que você acha difícil?

Aluno: Por enquanto, eu não acho nada.

Professora: Você pode fazer aqui para mim, alguma coisa que vocês estão vendo na aula de Matemática?

Aluno: Que “nóis tá vendo”? Potenciação.

Professora: Potenciação? Então faz aí, algum exercício que você lembre.

Aluno: Que eu lembre?

Professora: É.

Aluno: Tipo assim. *(Escreve o exercício.)*

Professora: Mas, qual é o resultado?

Aluno: Não... errei! Quer dizer... Ah professora... É que eu não “tô” lembrando... sou mal nisso aqui...

Professora: O que mais você está vendo na aula, pode fazer outra coisa. *(Silêncio de 5 minutos.)*

Nada? Então vamos para outra. Você pode responder esse dois problemas?

Aluno: Sou fraco de cabeça. Acho que se eu “ver” um exemplo, eu consigo responder. Nessa folha aqui?

Professora: Pode fazer aqui. Pode fazer sem pressa.

Aluno: Nossa! Eu sou ruim de conta.

Professora: Quer outra folha? *(Silêncio de 16 minutos.)*

Aluno: Põe o resultado aqui?

Professora: Pode por aqui mesmo.

Aluno: Coloco ‘a’ e ‘b’ ou não precisa?

Professora: Pode ser.

Aluno: Nossa fiz errado.

Professora: A ‘a’ é essa aqui?

Aluno: Não, eu não fiz ainda, eu fiz a 'b'. (*Silêncio de 5 minutos.*)

Professora: O que você faz fora do horário de aula?

Aluno: Treino futebol, leio bastante também. (*Risos dele.*)

Professora: Lê mesmo? O que você está lendo?

Aluno: Machado de Assis.

Professora: O que você está lendo de Machado de Assis?

Aluno: É... Peguei ontem o livro, esqueci.

Professora: Da outra vez você já tinha falado que você gosta de Machado de Assis. O que você leu dele que você mais gostou?

Aluno: Eu li "o feiticeira", como que fala mesmo... nossa esqueci!

Professora: Você estuda Matemática fora do horário de aula?

Aluno: Não.

Professora: Nunca?

Aluno: Estudava.

Professora: Quando você estudava?

Aluno: É difícil.

Professora: E lição de casa, faz?

Aluno: Faço.

Professora: Você pode dizer os nomes das figuras desta folha para mim?

Aluno: Triângulo, retângulo, e esfera.

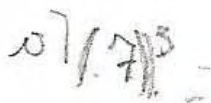
Professora: Você pode fazer essas continhas aqui? (*Silêncio de 7 minutos.*)

Aluno: Posso.

Professora: É só isso, obrigada!

9.4 Mapas narrativos produzidos pelo aluno durante a segunda entrevista sobre seu histórico escolar

4. Atualmente, você tem alguma dificuldade em Matemática?

A handwritten scribble or signature in dark ink, possibly representing a name or initials, located in the center of the page.

6. Você poderia fazer essas continhas para mim?

m) $237 + 131 =$

n) $296 - 184 =$

c) $53 \times 4 =$

d) $612 : 3 =$

$$\begin{array}{r} \text{A)} \quad 237 \quad + \\ \quad 131 \\ \hline \quad 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \text{B)} \quad 296 \quad - \\ \quad 184 \\ \hline \quad 112 \end{array}$$

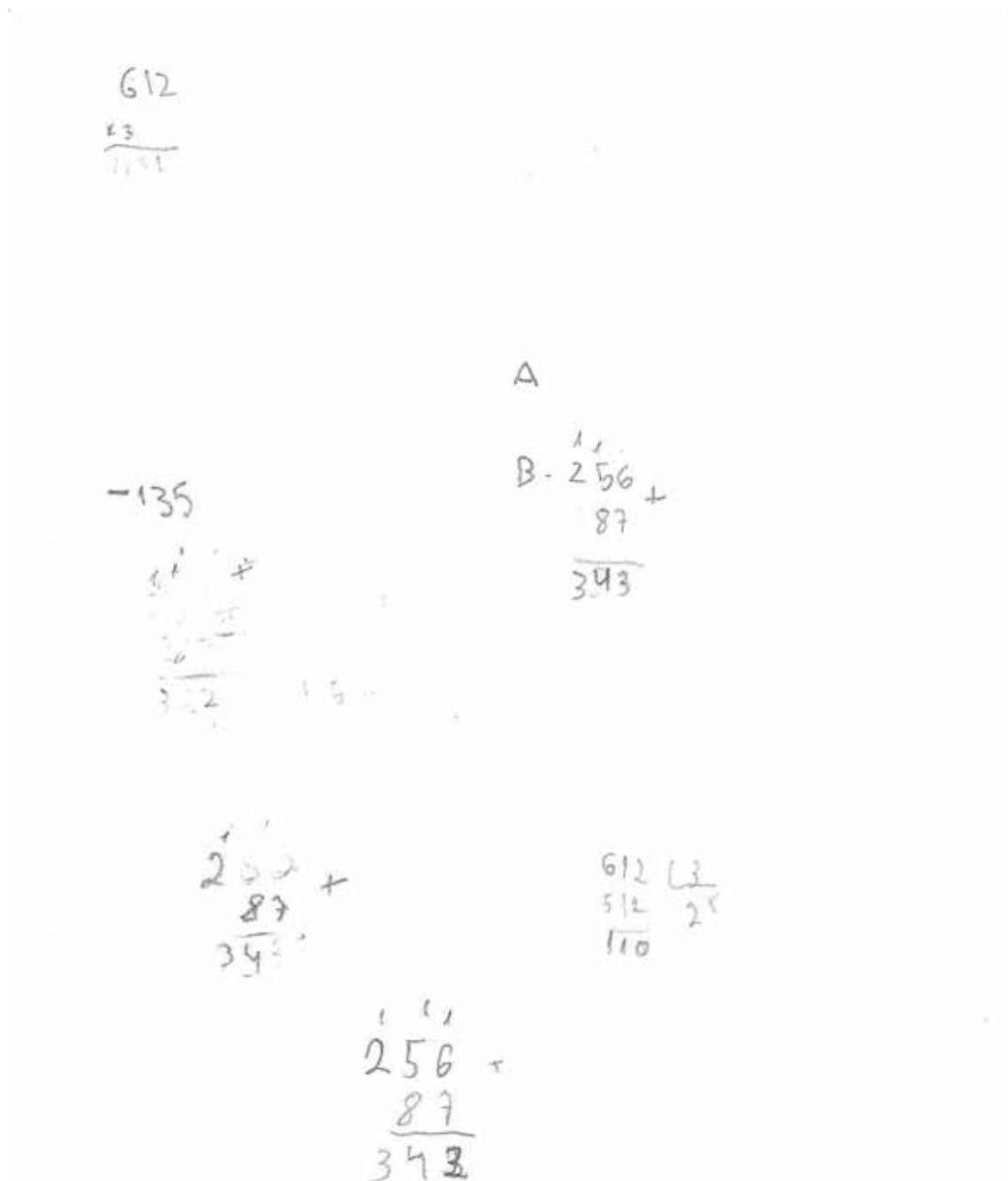
$$\begin{array}{r} \text{C)} \quad 53 \\ \quad \times 4 \\ \hline \quad 212 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \text{d)} \quad 612 \quad \overline{) 1836} \\ \quad 542 \\ \hline \quad 160 \end{array}$$

9. Você pode me dizer o que entendeu desses problemas?

a) Em uma campanha do agasalho foram arrecadados 612 cobertores que serão distribuídos igualmente entre 3 orfanatos. Quantos cobertores cada orfanato irá receber?

b) Mirtes tinha uma quantia no banco. Na segunda-feira retirou R\$ 135,00 e na terça-feira fez um depósito de R\$ 87,00. Com isso seu saldo ficou de R\$ 344,00. Quanto ela tinha no início?



11. Você poderia fazer essas continhas para mim?

- a) $237 + 131 =$
- b) $296 - 184 =$
- c) $53 \times 4 =$
- d) $612:3 =$

$$\begin{array}{r} 4 \\ 237 + \\ 131 \\ \hline 368 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} B \rightarrow 296 - \\ 184 \\ \hline 112 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} d.) 612 \overline{) 12} \\ 512 \quad 2 \\ \hline 100 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} c.) \overset{1}{5}3 \times \\ 4 \\ \hline 212 \end{array}$$

9.5 Transcrição da entrevista realizada com a mãe do aluno

Professora: Quantos anos a senhora tem?

Mãe do Aluno: Quarenta e dois.

Professora: Onde a senhora nasceu?

Mãe do Aluno: No Paraná.

Professora: Quais são as dificuldades que a senhora vê no seu filho com relação à aprendizagem? Desde quando a senhora nota essas dificuldades nele?

Mãe do Aluno: Desde quando eu não lembro, mas eu acho que ele tem um pouco dificuldade, principalmente na escrita, pra escrever eu acho que ele não escreve bem, eu acho que a letra dele é muita feia. Ah... Ele disse que “tava” melhorando, eu acho que ele andou dando uma melhorada porque já teve pior né?

Professora: Eu dei aula para ele ano passado, eu vi que ele teve um avanço sim, que ele melhorou, mas para um aluno que está na 8ª série ele tem uma certa dificuldade. E em relação à Matemática, a senhora sabe me dizer as dificuldades que ele tem?

Mãe do Aluno: Em Matemática? Acho que é em tabuada que ele não guarda muito, acho que ele tem dificuldade em tabuada. É assim, eu noto muito pouco, eu quase não tenho tempo nem pra notar, ele tem sete irmãos, tem um pai, que eu não gosto de falar... Mas vou falar, o pai é alcoólatra, a gente não tem muito tempo para “tá” observando essas coisas sabe?

Professora: Ele disse que eles são em sete, que a senhora trabalha muito...

Mãe do Aluno: Que eu não tenho tempo nem para olhar os cadernos deles, eu já não “tô” muito por dentro, é muito pouco eu vejo, eu vejo que ele tem dificuldade em tabuada, a escrita dele é muito mal, que pra quem “tá” na 8ª ele escreve mal né, acho que ele tinha que melhorar um pouco a caligrafia, e eu acho que ele é meio devagar assim, mas porque eu não sei.

Professora: E desde que série, a senhora nota que ele tem dificuldade? Teve algum momento, por exemplo, a partir dessa série eu notei que ele tem uma dificuldade, e antes ele não tinha, ou sempre teve.

Mãe do Aluno: Ah, antes ele tinha pouco, acho que na 3ª série ele começou a ficar devagar, porque, eu acho assim, que ele é um menino muito bom, mas ele não tem mais interesse pela escola, ele tem interesse pra jogar, esporte, mas pra escola ele foi meio devagar.

Professora: Ele estudou sempre aqui?

Mãe do Aluno: Sempre.

Professora: Desde a 1ª série?

Mãe do Aluno: Desde a 1ª série.

Professora: Se eu pedisse para senhora fazer um desenho bem simples de como a senhora vê a escola, como a senhora faria pra mim?

Mãe do Aluno: A escola?

Professora: É.

Mãe do Aluno: Mas de que forma?

Professora: Quando fala assim: “A escola”, o que vem na mente da senhora?

Mãe do Aluno: Eu sempre achei uma escola boa, mais sossegada pra gente por os filhos, porque tem escolas aí que eu ouço falar que não são boas, que aqui é uma escola mais tranqüila, tem escolas que enfrentam os problemas de drogas, eu acho um lugar bom aqui pra estudar, desde o meu filho mais velho sempre estudaram aqui, eu vejo como uma escola mais respeitada, eu conheço todo mundo aqui, eu não tenho o que falar da escola, a escola é boa assim.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim como que a senhora vê a escola?

Mãe do Aluno: Como que eu vejo? Que “que” eu acho da escola? Se eu vejo ela bonita? Como se diz, ela é uma escola confortável, grande? Espaçosa? Como é que é?

Professora: O que a senhora achar melhor. Qualquer espaço da escola que a senhora queira desenhar.

Mãe do Aluno: Nossa, é difícil. O pátio agora. É eu acho que melhorou também porque aumentou as classes né?

Professora: É aumentou toda a parte debaixo que também não tinha.

Mãe do Aluno: Pode ser a quadra?

Professora: Pode, pode ser.

Mãe do Aluno: Eu sou mal pra desenhar... Eu não vou saber desenhar...

Professora: Ele é o filho mais novo?

Mãe do Aluno: Não, o mais novo estuda aqui também de manhã. Eu sou muito ruim pra desenhar.

Professora: Não é nada não, eu já estou vendo a quadra, o arco, a parte da frente...

Mãe do Aluno: Lá dentro, agora depois de pronta eu não vi, mas deve ter alguma coisa interessante né. O que mais? ... Tem que ser eu? A senhora não pode desenhar?

Olha é a quadra, simples né.

Você tem percebido que ele “tá” muito devagar mesmo?

Professora: Esse ano eu não dou aula para ele, eu dei ano passado, mas em relação à série que ele está, ele está em defasagem, né, ele precisaria estar um pouquinho mais...

Mãe do Aluno: A gente que não participa da escola, fica difícil né. Eu não sei falar o que é.

Professora: Ele costuma estudar em casa?

Mãe do Aluno: Ele costuma chegar e treinar, jogar bola.

Professora: Ele falou para mim que quer ser jogador de futebol.

Mãe do Aluno: É só isso que ele pensa, acho que deixa a escola de lado.

Professora: Ele treina todo o dia?

Mãe do Aluno: Acho que umas duas, três vez, mas o “problema” não é todo dia, tem os dias certos, mas ele continua indo, o campinho é perto de casa.

Professora: Ele vai jogar?

Mãe do Aluno: Vai.

Professora: Então, ele não costuma ter um horário para estudar?

Mãe do Aluno: Precisa né? Tem que tirar um horário pra ele estudar sim.

Professora: Ele não costuma ter um horário para estudar?

Mãe do Aluno: Não, ele só vai estudar quando tem lição pra fazer, uma pesquisa.

Professora: Aí a senhora vê ele mexendo nos livros?

Mãe do Aluno: Ele não tem muito interesse na escola, você passa lição assim pra ele?

Professora: É, lição de casa os professores pedem para fazer, ele faz?

Mãe do Aluno: Ele faz, mais é pesquisa no computador.

Professora: Ele não costuma ler revista, jornal...

Mãe do Aluno: Muito pouco, às vezes ele pega, mas é pouco.

Professora: A senhora costuma ler, livro, faz leitura da bíblia?

Mãe do Aluno: Às vezes eu leio a bíblia, leio também jornal, revista.

Professora: E o pai, costuma ler alguma coisa?

Mãe do Aluno: O pai não. Ah, não tem nem condição né...

Professora: É, ele chega da escola, aí o que ele quer fazer?

Mãe do Aluno: Ele chega da escola ele fica em casa vendo televisão, às vezes ele dorme, dorme a tarde inteira, às vezes ele vai pra casa do amigo, hoje ele foi na casa de um amigo dele, não sei se ele foi fazer trabalho de escola, que eu não entendi direito, ele vai pro treino, jogar bola, ou vai pra casa do vizinho, sabe o que acho que ele está fazendo de mais: jogando vídeo-game, não é dele, é do vizinho, ele fica “intertido” no vídeo-game, acho que ele fica muito tempo, tenho que tirar isso dele.

Professora: Ele faz alguma atividade fora do horário de aula? Ele joga bola, mas ele faz algum curso?

Mãe do Aluno: Brinca o dia inteiro, curso nada... até esses “dia” meu filho “tava” procurando algum cursinho pra ele fazer no centro cultural, mas não faz nada além disso.

Professora: A senhora poderia desenhar para mim, como que a senhora vê o dia dele fora da escola? Que a senhora falou que ele gosta de jogar bola, jogar vídeo-game.

Mãe do Aluno: Eu vejo ele sossegado demais, hoje eu cheguei do serviço e falei pra ele: “Você ficou a tarde inteira aqui e nem pra lavar essa louça aqui pra mim”, ele disse que esqueceu, você vê que ele não tem muito interesse.

Professora: Sei.

Mãe do Aluno: Ele é bem molenga, bem desanimado, ele é muito bom, muito carinhoso, mas nessa parte eu já acho ele é muito sossegado, não tem vontade de fazer nada, não tem interesse em nenhuma atividade, única coisa é a bola, o jogo, o vídeo-game, o computador, se deixar ele fica o dia todo.

Eu tenho que desenhar como que é o dia dele?

Professora: É, a senhora pode desenhar o que quiser.

Mãe do Aluno: Tem que desenhar ele e a bola?

Professora: A senhora que sabe.

Mãe do Aluno: Ele jogando bola, e os amiguinhos da rua, direto, até a noite ele fica batendo bola, o dia inteiro. Só isso?

Professora: Pode ser. A senhora vê nele alguma dificuldade de relacionamento na família, ou com os amigos?

Mãe do Aluno: Em se relacionar? Não.

Professora: Não é fechado, agressivo?

Mãe do Aluno: Agressivo ele não é, amizade ele faz muito fácil, ele tem muito amigo, ele é muito brincalhão.

Professora: E ele é muito educado com a gente.

Mãe do Aluno: É né, só nessa parte que eu acho que ele é meio de vagar, meio desligado, você pede pra ele fazer alguma coisa, você fala pra ele ir no mercado buscar pão, você vê que ele não “tá” com vontade de ir.

Professora: Ele costuma ajudar a senhora nos serviços domésticos?

Mãe do Aluno: Quando ele lembra, ele arruma as coisas, lava a louça.

Professora: Mas não tem nenhuma atividade que seja só dele?

Mãe do Aluno: Não, eu não deixo também, problema é que eu tenho que dar, deixar atividade pra ele fazer, tem que fazer né, acho que um pouco é eu também, chegar mais, prestar mais atenção nele, ele fala que eu posso olhar o caderno dele que ele é “CDF”, a gente vai e acredita nele, e acaba não olhando, às vezes não tem tempo de olhar.

Professora: Que horário que a senhora trabalha?

Mãe do Aluno: Das oito (8h) até as seis (18h), seis e vinte (18h20), todo dia, só no sábado, sábado eu fico em casa aí tem o serviço de limpeza, aí tem a roupa das crianças.

Professora: Com sete filhos, imagino o tanto de roupa que você lava.

Mãe do Aluno: Ontem eu lavei roupa o dia inteiro, no sábado e domingo eu poderia conversar com ele, mas não tenho tempo, mas, eu converso sim, eu cobro muito dele.

Professora: Ele trabalha fora?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: A senhora acha que tem algum fato, ou algum acontecimento que tenha o prejudicado, antes ele era de um jeito, e depois desse acontecimento ele ficou de outro jeito.

Mãe do Aluno: Eu achava que antes, quando ele era menor ele era mais esperto que agora. Ele teve problema de hérnia, demorou muito pra fazer cirurgia essas “coisa”, mas eu acho que agora que ele “tá” crescendo ele “tá” ficando mais lerdo, antes ele era mais esperto.

Professora: E o que a senhora acha que o fato dele querer ser jogador, que eu vi isso muito nele, quando eu conversei com ele, que o sonho dele é ser jogador de futebol, quer ser um bom jogador de futebol, quer ser famoso né...

Mãe do Aluno: Ele quer ficar rico, pra mim parar de trabalhar, que meu lugar é lá em casa, que eu “tô” trabalhando demais, as vezes ele vai lá fora e fala pra mim deixar o serviço pra amanhã e pra mim ir descansar, ele fala que quer ter bastante dinheiro pra poder dar uma vida boa pra mim.

Professora: Na entrevista que ele deu para mim, eu vi que ele é muito carinhoso com a senhora.

Mãe do Aluno: Ele é muito carinhoso, mas é muito brincalhão também, tem hora que a gente vai falar as “coisa” sérias com ele, e ele brinca.

Professora: Ele já tomou ou toma algum medicamento todo dia, tomou algum quando era criança, ou tomou algum por muito tempo?

Mãe do Aluno: Ele tomava remédio quando era criança pra umas feridinhas no corpo dele, que ele brincava muito na areia, devia ser bichinho de areia.

Professora: Ele fez algum tratamento com psicólogo?

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Nunca?

Mãe do Aluno: Nunca.

Professora: Na casa da senhora tem livros, revistas, jornais?

Mãe do Aluno: Tem muito pouco.

Professora: Tem livros da casa da senhora, ou são os livros da escola?

Mãe do Aluno: Livros que vão da escola, os livros do ano passado, fica lá.

Professora: Quando ele faz lição, pesquisa, ele faz com a televisão ligada, rádio...

Mãe do Aluno: Não.

Professora: Onde ele costuma fazer?

Mãe do Aluno: Na mesa da cozinha.

Professora: Eu queria que a senhora desenhasse para mim, como que a senhora vê ele. Pode ser só de rosto, de corpo inteiro.

Mãe do Aluno: Não vai ficar nada parecido com ele.

Professora: Ele freqüentou o reforço aqui na escola?

Mãe do Aluno: Freqüentou.

Professora: A senhora acha que o reforço teve alguma ajuda significativa para ele ou não?

Mãe do Aluno: Acho que mais ou menos, ele chegou a passar de ano depois desse reforço, eu não sei dizer se ele melhorou ou não, o difícil é isso. Aí mas esse desenho...

Professora: Está ficando bonitinho, o topetinho dele.

Mãe do Aluno: Alegre com sempre, ri o dia inteiro, mexe com um, mexe com outro, põe apelido, sempre alegre.

Professora: Ele é sempre assim?

Mãe do Aluno: Sempre assim, ele ficar irritado é outra coisa, acho que é a fase, ele não é mais criança, ele está passando para adolescência, achei que ele mudou um pouco, não sei se é por isso. Essa pesquisa que você está fazendo é “pros” alunos que tem dificuldade?

Professora: É, eu pedi para os alunos que tem dificuldade e para os pais, o sentido é de tentar entender de onde vêm essas dificuldade, desde quando, o que aconteceu na escola, que são oito anos que ele está aqui, não é um dia ou dois, né? É muito tempo, e eu pedi para os alunos que tem dificuldade, que queria fazer a entrevista, geralmente os alunos eles se propõem logo a vir, gostam, vêm de muita boa vontade, já os pais, é mais complicado. A senhora mesmo, hoje trabalhou o dia inteiro, veio aqui à noite, com chuva, mostra um interesse de como ele está.

Mãe do Aluno: Quero saber como ele está, eu já tenho faltado as reuniões, quando eu cheguei aqui já tinha acabado, outro dia até choveu à tarde e não tinha como sair, eu preciso saber como eles estão, o problema é que o tempo é curto.

Às vezes eles vêm, que nem ontem ele falou que eu esqueci o dinheiro da camiseta dos formandos, então a gente procura fazer o melhor pra eles, pra incentivar, eu falei que ia comprar a camiseta, mas eu queria ver resultado, e ele falou que estava indo bem, mas como que eu vou saber que ele está indo bem, eu também sou boba, eu falto, eu preciso ver, preciso “tá” atenta, ver os cadernos, eu peguei o caderno dele parece letra da 4ª série e “tá” péssima, eu

acho que ele tá muito devagar, agora eu vou conversar com ele, por regras, tem que tirar uma horinha pra ele pegar um livro, estudar, então eu acho que eu “tô” faltando, acho que eu sou muito boa, e acabo prejudicando eles, eu tenho que ser mais dura, hora de dar carinho é hora de dar carinho, e tem hora de estudar.

Professora: A senhora estudou até que série?

Mãe do Aluno: Eu tenho até a 8^a, eu parei no colegial, eu até consegui vaga na FAG, mas não dá tempo.

Professora: É difícil voltar né?

Mãe do Aluno: É difícil, sabe porque é difícil, eu queria muito estar presente pros meus filhos, se o pai me ajudasse nessa parte, seria mais fácil, porque trabalhar fora e ainda ter que ver tudo isso, a conta eu tenho que pagar, às vezes tenho que pagar as continhas dos meus filhos, é uma correria.

Professora: A senhora trabalha em quê?

Mãe do Aluno: Eu sou faxineira.

Professora: Todos os dias a senhora têm faxina em lugares diferentes?

Mãe do Aluno: É, todos os dias, então em casa o tempo que eu tenho pra eles é pouco, eu não tenho tempo pra nada, até que eles não são tão ruins assim, eles não são abandonados, porque quando eu sento na sala e vou conversar com ele eu falo: não quero você com mal companhia, toma cuidado no futebol, sabe com quem você anda, com quem você fica, eu falo que vou dar um sondada pra saber se você está jogando bola mesmo. Ele tem aprontado umas coisas erradas na escola com os amiguinhos, aí meu filho mais velho dá uma dura danada nele, agora ele “tá” bonzinho, não precisa mais, a gente acha que “tá” tudo bem, mas não “tá”, às vezes eles estão aparentando uma coisa que eles não estão sendo, e para essas coisas a gente precisa ter tempo, e eu não “tô” tendo, mas eu vou me esforçar pra ter.

Professora: O que a senhora falou é a mais pura verdade, que esse tempo que a senhora está falando, ajuda ele na escola e na vida também, não é fácil a senhora tirar esse tempo, e a senhora tem sete filhos.

Mãe do Aluno: Um quer uma coisa o outro quer outra, minha sogra fala que não sabe como que eu consigo, a gente procura estar corrigindo, o amor é cego, a mãe vê tudo no filho de bom, às vezes ele pode ter defeito, a gente não percebe o defeito, só vê as qualidades. Eu queria perguntar o seguinte pra você.

Professora: Pode perguntar?

Mãe do Aluno: Se talvez você esteja fazendo essa pesquisa, porque você ache que ele tenha outro tipo de problema, que está acontecendo outro tipo de coisa...

Professora: A senhora acha que está acontecendo algo que a senhora não está sabendo, que eu o escolhi porque está acontecendo algum tipo de coisa com ele e a senhora não está sabendo? Eu escolhi esses alunos por causa da dificuldade em Matemática.

Mãe do Aluno: Sabe por que, eu tenho lido muito aqueles livros do PROERD, pra saber mais sobre as drogas, e lá tem falado muito assim que lentidão do aluno na escola pode ser porque talvez esteja envolvido com droga, meu maior medo é esse, e agora eu estava pensando comigo se essa pesquisa não é isso.

Professora: Não é nesse sentido, eu vou ser sincera com a senhora, eu nenhum momento eu pensei nisso, que ele estivesse usando droga, de jeito nenhum.

Mãe do Aluno: Que eu vejo que à noite ele não sai, ele é um menino que eu percebo que tem muito medo das coisas, às vezes ele fala pra gente ir na missa na capela, eu falo pra ele ir com os meninos, e ele não quer ir com os meninos ele quer ir comigo, acho que ele tem medo, ele é muito medroso nessa parte. Ele tem mesmo de se envolver com drogas, o meu filho mais velho acha que ele tem tudo pra ser um jogador de futebol, ele dá chuteira, dá tudo, ele investe nisso, desde o sete anos ele trabalha pra ajudar em casa, a Zezé (*diretora*) conhece muito minha vida, então ele tinha que trabalhar pra ajudar em casa, ele não quer isso ele, ele não quer que ele trabalhe igual ele trabalhou, que na época o pai deles era violento, batia nele, a maioria deles já sofreu muito com pai, ele já teve internado tantas vezes e não resolveu, os filhos tinha vergonha, meus “filho” sofreu muito com isso, ele bebe agora, mas não é violento, como ele era antes, eu acho que não foi isso também, ou talvez seja isso, a falta dele.

Meu filho mais velho fala que nunca teve pai, que só teve mãe, fala que era para eles serem perdidos, viciados em drogas, álcool, mas não é, graças a Deus. Só que eu quero estar mais presente, mas não tem jeito. Meu filho fala que se espelha em mim, não no pai.

Professora: Eu acho assim, se esse é um sonho dele, e é um sonho da família da senhora, do seu filho, e vê que ele tem potencial e incentivar, no sentido que pode dar certo dele virar um jogador profissional, mas pode também não dar certo. Que se der certo, vai ser ótimo, vai ser muito bom, e se não der certo tudo bem também, porque não é por causa disso que ele vai ser menos, eu acho que tem que amparar nesses dois sentidos. Que ele é um adolescente, e ele pode começar a criar muita expectativa...

Mãe do Aluno: E esquece das outras coisas.

Professora: Esquece o resto das coisas, e depois se ele não conseguir, a senhora imagina o tamanho da frustração dele de não conseguir. E se não der certo ele vai poder fazer outra coisa e ser feliz também.

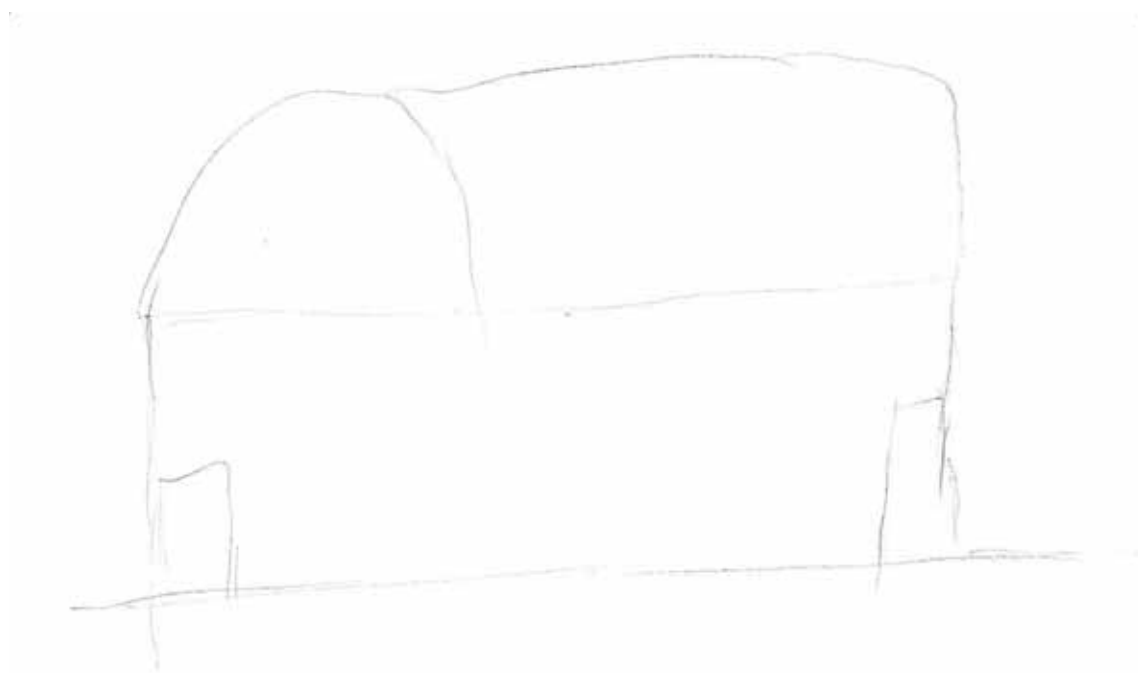
Mãe do Aluno: Eu acho que até dorme porque ele cansa muito com esse negócio de bola, ele quer ficar bom mesmo, e ele acaba cansando e chega a dormir à tarde, e eu tenho fala do pra ele que pra ser um bom jogador tem que ser bom na escola também, você pensa que é só jogar bola só, não é não, você tem que estudar, se formar, por que como que você vai aprender falar outra língua lá fora, a escola vai ser em primeiro lugar, você vai ter que falar bem, dar entrevista, tudo isso aí vai depender do estudo, falei pra ele, que não é só a bola que tem que estudar, tem que ser os dois, já falei isso pra ele, mas mesmo assim ele “tá” devagar né? Preciso que conversar com ele hoje

Professora: Mas, é isso então. Eu queria agradecer muito a senhora por ter vindo.

Mãe do Aluno: Imagina, eu que agradeço.

9.6 Mapas narrativos produzidos pela mãe do aluno

2. Como o Sr.(a) vê a escola? Poderia desenhar para mim?

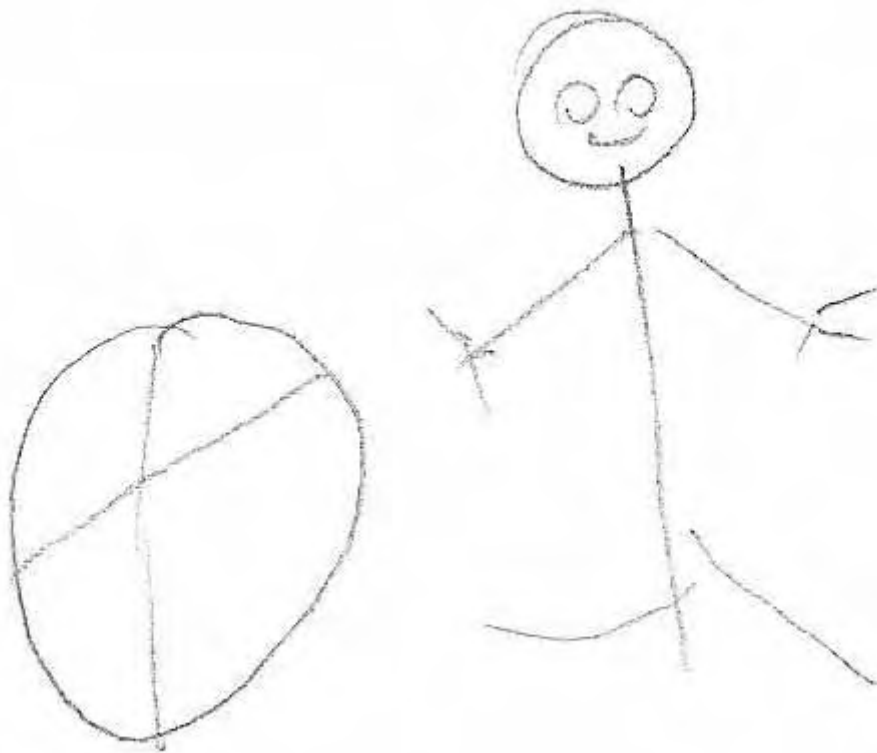


4. O Sr.(a) poderia desenhar para mim como é o dia dele?

Ele(a) faz alguma atividade fora do horário de aula como reforço na escola, kumon, inglês ou informática, enfim algum curso?

Fora do horário da escola, o que ele(a) mais gosta de fazer?

Você vê nele(a) alguma dificuldade de comportamento ou relacionamento com a família ou amigos?



8. O Sr.(a) poderia desenhar como vê o(a) _____?

